



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E ARQUEOLOGIA DOS TORPEDEAMENTOS (1942):
SERGIPE NO CENÁRIO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

ROBERTA DA SILVA ROSA

LARANJEIRAS/SE

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E ARQUEOLOGIA DOS TORPEDEAMENTOS (1942):
SERGIPE NO CENÁRIO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

ROBERTA DA SILVA ROSA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Arqueologia da Universidade Federal de
Sergipe (PROARQ/UFS) como requisito final
para obtenção do título de Doutora em
Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Gilson Rambelli

Agência Financiadora: CAPES

LARANJEIRAS/SE

2024

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO CAMPUS DE LARANJEIRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

R788m Rosa, Roberta da Silva
Memória, patrimônio e arqueologia dos torpedeamentos (1942):
Sergipe no cenário da Segunda Guerra Mundial / Roberta da Silva
Rosa; orientador Gilson Rambelli. - Laranjeiras, 2024.
370 f., il.

Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de
Sergipe, 2024.

1. Arqueologia - Sergipe. 2. Arqueologia submarina. 3. Guerra
Mundial, 1939-1945. 4. Naufrágios. 5. Patrimônio cultural.
I. Rambelli, Gilson, orient. II. Título.

CDU 902.034(813.7)

CRB-5/1343

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE DOUTORADO

ROBERTA DA SILVA ROSA

APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE EM 26 DE JUNHO 2024.

BANCA EXAMINADORA:

1º Examinador Prof. Dr. Gilson Rambelli
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Orientador

2º Examinador Prof. Dr. Leandro Domingues Duran
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

3º Examinadora Prof. Dr. Flávio Rizzi Calippo
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

4º Examinador Dr. Luis Felipe Freire Dantas Santos
Instituto AfrOrigens

5º Examinadora Prof. Dra. Andreza Santos Cruz Maynard
Programa de Pós-Graduação Profissional em
Ensino de História (ProfHistória/UFS)

DEDICATÓRIA

Às mulheres e aos homens que, arriscando suas próprias vidas, enfrentaram as sombrias consequências dos ideais nazifascistas — resistindo ou morrendo — durante a Segunda Guerra Mundial. Também dedico aos que, ainda hoje, lutam contra os resquícios dessas ideologias criminosas no tempo presente.

Roberta Rosa (2024).

AGRADECIMENTOS

Em junho de 2024, celebrei um dos momentos mais significativos e felizes da minha trajetória acadêmica ao defender esta tese de doutorado. Fui aprovada e obtive o tão almejado título de Doutora em Arqueologia. Esse marco não representa apenas o encerramento de uma etapa, mas também o início de novos desafios e oportunidades. Como expressou Raul Seixas, em seus versos musicais: "Sonho que se sonha só é só um sonho... Mas sonho que se sonha junto é realidade". A concretização desse sonho só foi possível graças ao apoio e à colaboração de pessoas incríveis e admiráveis que acreditaram e compartilharam dessa caminhada comigo.

Meu primeiro e mais profundo agradecimento é dirigido à espiritualidade que sempre me guiou: a Deus. Sem essa fé, confesso que teria desistido diante das adversidades que tornaram esta jornada árdua e desafiadora.

Expresso minha eterna gratidão à minha família pelo apoio incondicional: à minha mãe guerreira, Iracema Rosa, exemplo de força e amor pleno; à minha irmã, Núbia Lafayette, que, com carinho e cuidado, foi como uma segunda mãe, sempre me impulsionando a alcançar voos mais altos; e ao meu pai, Alberto Rosa, por seus conselhos serenos e animadores. Amo vocês infinitamente! Às minhas queridas primas, representadas por Viviane Batista, Emanuela Alves e Nálly Fabrine; meu cunhado, Heitor Macedo, e minhas amadas tias, com destaque para Silvania Santos e Iolanda Alves: obrigada pelas orações e palavras de incentivo! Um agradecimento especial ao meu namorado, Henan Neto, por sua paciência, compreensão e parceria divertida durante esta jornada.

Manifesto também meu eterno reconhecimento e gratidão ao Prof. Gilson Rambelli, orientador dedicado e fonte de inspiração, cuja orientação acadêmica e pessoal foram essenciais para o êxito desta pesquisa e que, para mim, representa uma figura paterna admirável.

Aos integrantes do *Projeto Segunda Guerra Submersa*, coordenado pelo Prof. Rambelli, expresso minha gratidão sincera. Jonas Santos (oceanógrafo), Alexandre Maia (navegador), Vera e Yuri Sanada (documentaristas), Felipe Santos (arqueólogo) e Gilberto Dias (geólogo): vocês foram peças-chave para os resultados alcançados nesta tese.

Agradeço, igualmente, aos membros da banca examinadora pela leitura atenta e pelas contribuições teórico-metodológicas que enriqueceram este trabalho: Prof^a. Andreza Maynard, Prof. Leandro Duran, Prof. Flávio Calippo e Prof. Felipe Santos. Vocês são fontes de inspiração!

Estendo meus agradecimentos às instituições e seus representantes que colaboraram significativamente com a pesquisa: Museu da Gente Sergipana (Diretor Ezio Déda), Arquivo Público Estadual de Sergipe (Diretora Sayonara Santana), Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (Prof^a. Aglaé Fontes e Rosângela Soares), Memorial de Sergipe (Diretora Sayonara Viana e o Arqueólogo João Mouzart de Oliveira), Arquivo do Judiciário (Funcionário João Matos), Aeroclube de Sergipe (Diretor Francisco Faria), Marinha do Brasil (Arqueólogo Daniel Gusmão), Capitania dos Portos de Sergipe e 28º Batalhão de Caçadores — Batalhão Campo Grande — do Exército Brasileiro.

Minha eterna gratidão aos entrevistados(as), que gentilmente compartilharam suas memórias referente à época bélica: os Srs. Murillo Melins, Vidigal Lima, Arivaldo Salgado, Manoel Sacramento, Everaldo Santos, Nelson de Araújo e a Sra. Josefa Lima. Foi uma honra conhecer e registrar suas histórias. Aos descendentes e amigos(as) dos contemporâneos(as) da guerra: os Srs. Efrem Ribeiro, Virgínia Fernandes, Miralda Sacramento, Eunice Brasil Leão, Givaldo Santos, Benival Moraes, Firmo Santos, e aos pescadores e marisqueiras da Colônia de Pescadores Z-31, da cidade do Conde/BA.

Agradeço aos financiadores desta pesquisa: CAPES, Construtora Cunha e Governo do Estado de Sergipe. Registro também meu agradecimento ao jornal *O Globo* (versão impressa e digital), pela divulgação nacional desta pesquisa por meio da matéria elaborada pelo repórter Paulo Assad; igualmente, ao programa SETV 2ª Edição, do *GI Sergipe*, pela reportagem conduzida pelo jornalista Rafael Carvalho. Manifesto, ainda, meus agradecimentos à Escola do Legislativo e ao Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES) pelo convite para palestrar sobre a temática abordada nesta tese.

Sou grata pela parceria em eventos acadêmicos e de divulgação da temática ao Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS), representado pelos admiráveis Prof. Dilton e Prof^a. Andreza Maynard, bem como ao Grupo Sergipano de Estudos da Força Expedicionária Brasileira (GRUSEF), representado por André Cabral, Dr. William Soares, Dr. Lúcio Prado e Francisco Leão.

Agradeço às escolas e colaboradoras que me apoiaram durante esta jornada: Colégio de Orientação e Estudos Integrados - COESI (Diretoras Maria Aparecida Nunes, Carla Eugênia e Márcia Nunes), Escola Estadual Poeta Garcia Rosa (Diretora Márcia Melo) e Escola Estadual Ministro Geraldo Barreto Sobral - CAIC (Diretora Rejane Rabelo). Aos meus alunos e alunas, que sempre demonstraram carinho e torcida por mim. Todos vocês são verdadeiras preciosidades!

Aos estimados professores Paulo Bava de Camargo, Verônica Nunes, Flávia Pacheco, Olívia de Carvalho e Methanias Colaço (UFS); à Diretora Administrativa da Construtora Cunha, Dra. Jussara Cunha; à Procuradora Livia Tinôco; à historiadora e documentarista Cacilda de Jesus; ao historiador Luiz Cruz; ao jornalista Marcelo Monteiro; ao Prof. Francisco Passos Santos (conhecido como Chiquinho do Além Mar); ao documentarista Epitácio Fonseca; e à secretária de Pós-Graduação em Arqueologia, Leli Castro, meu mais sincero agradecimento.

Gratidão aos amigos e amigas que estiveram presentes na defesa — Jane Viana, Chris Leite, Diego Leonardo e Patrícia. Às amigas Karla Karine e Edilea Dias, por todo apoio, parceria e orações. Aos meus amigos(as) tradutores(as) e revisores(as): Lucas Maia, Vanessa Paixão, Laís Anália e Luara Fontes. Vocês são profissionais maravilhosos! Obrigada de coração pela colaboração final na produção desta tese.

Concluo reconhecendo que esta jornada foi marcada por árduos desafios. Afinal, a pesquisa teve início durante a pandemia de Covid-19, período em que instituições oficiais, como arquivos e bibliotecas, permaneceram fechadas. Essa circunstância exigiu que eu conciliasse atividades acadêmicas e profissionais, acumulando múltiplos empregos e cursos adicionais. Contudo, cada esforço — nas madrugadas, finais de semana, feriados e férias — mostrou-se recompensador diante de um propósito maior: contribuir para a compreensão de um tema que, há 12 anos, me motiva e fascina: a Segunda Guerra Mundial no contexto sergipano.

RESUMO

Durante o inverno de agosto de 1942, no contexto da Segunda Guerra Mundial, três navios mercantes brasileiros foram alvo de ataques realizados pelo submarino alemão *U-507*, entre os litorais de Sergipe e da Bahia. Os torpedeamentos e consequentes naufrágios das embarcações Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo resultaram na morte de centenas de brasileiros, incluindo militares e civis, entre os quais se encontravam mulheres e crianças. Esses trágicos eventos marítimos, conhecidos como o *Pearl Harbor Brasileiro*, foram considerados o estopim para que o governo de Getúlio Vargas declarasse guerra à Alemanha Nazista e à Itália Fascista. Diante desse contexto, a presente tese tem como objetivo investigar as histórias dos três navios mercantes mencionados, utilizando a fundamentação teórico-metodológica das Arqueologias da Guerra, do Conflito, de Ambientes Aquáticos e do Passado Contemporâneo. A pesquisa baseia-se em fontes materiais, orais, documentais, iconográficas, cartográficas e bibliográficas, buscando identificar as características tecnológicas das embarcações, suas rotas, o perfil das tripulações e dos passageiros, além de registrar as histórias de algumas vítimas e de contemporâneos da época por meio da cultura material. Como desdobramento, a tese inclui o *Projeto Segunda Guerra Submersa*, cujo objetivo é realizar um levantamento sonográfico para detectar as possíveis localizações de dois desses navios torpedeados. Para tal, são conduzidas pesquisas de campo empregando métodos e técnicas da Arqueologia Subaquática, com o intuito de localizar os sítios arqueológicos de naufrágios do Aníbal Benévolo e do Baependi e investigar suas condições de conservação após 82 anos no fundo do Atlântico Sul. A relevância da tese reside no fato de se tratar de uma pesquisa inédita, que propõe a realização de duas expedições arqueológicas em busca desses naufrágios remanescentes dos torpedeamentos, os quais integram o Patrimônio Cultural Subaquático Brasileiro. Um dos resultados confirmados pela pesquisa é que o naufrágio do Aníbal Benévolo não se encontra nas localizações indicadas pelas fontes históricas. Contudo, para a Arqueologia, a ausência de materialidade constitui uma evidência valiosa de informação. Diante disso, novas hipóteses são lançadas sugerindo que os navios podem estar em maiores profundidades, próximos ao talude, em uma área ainda não mapeada. Embora os naufrágios não tenham sido localizados, a pesquisa arqueológica gerou interpretações que desafiam o entendimento histórico consolidado nos últimos 80 anos. Tal fato justifica o investimento e demonstra avanços, como, por exemplo, a produção de um documentário que apresenta o desenvolvimento da pesquisa e suas contribuições para a divulgação das histórias dos torpedeamentos, ocorridos durante o conflito de maior alcance mundial do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia de Ambientes Aquáticos; Arqueologia do Conflito e da Guerra; Arqueologia do Passado Contemporâneo; Segunda Guerra Mundial; Torpedeamentos em Sergipe.

ABSTRACT

During the winter of August 1942, in the context of World War II, three Brazilian merchant ships were attacked by the German submarine U-507 off the coasts of Sergipe and Bahia. The torpedoing and subsequent sinking of the vessels Baependi, Araraquara, and Aníbal Benévolo resulted in the deaths of hundreds of Brazilians, including military personnel and civilians, among whom were women and children. These tragic maritime events, known as the *Brazilian Pearl Harbor*, were considered the trigger for Getúlio Vargas's government to declare war on Nazi Germany and Fascist Italy. In this context, the present thesis aims to investigate the histories of the three mentioned merchant ships using the theoretical and methodological framework of the Archaeologies of War, Conflict, Aquatic Environments, and the Contemporary Past. The research is based on material, oral, documentary, iconographic, cartographic, and bibliographic sources, seeking to identify the technological characteristics of the vessels, their routes, the profile of the crews and passengers, and to document the stories of some victims and contemporaries of the time through material culture. As a development, the thesis includes the *Second World War Submerged Project*, which aims to conduct a sonar survey to detect the possible locations of two of these torpedoed ships. To this end, fieldwork is conducted using methods and techniques from Underwater Archaeology to locate the archaeological shipwreck sites of Aníbal Benévolo and Baependi and investigate their conservation conditions after 82 years on the floor of the South Atlantic. The relevance of the thesis lies in the fact that it is an unprecedented study proposing two archaeological expeditions in search of these remnants of torpedoed shipwrecks, which are part of Brazil's Underwater Cultural Heritage. One confirmed result of the research is that the wreck of the Aníbal Benévolo is not located at the sites indicated by historical sources. However, for Archaeology, the absence of material evidence constitutes valuable information. Consequently, new hypotheses suggest that the ships may lie at greater depths, near the continental slope, in an area not yet mapped. Although the wrecks were not located, the archaeological research has generated interpretations that challenge the historical understanding consolidated over the past 80 years. This justifies the investment and demonstrates advances, such as the production of a documentary showcasing the development of the research and its contributions to disseminating the stories of the torpedoing events that occurred during the most far-reaching global conflict of the 20th century.

KEYWORDS: Archaeology of Aquatic Environments; Conflict and War Archaeology; Archaeology of the Contemporary Past; World War II; Torpedoings in Sergipe.

RESUMEN

Durante el invierno de agosto de 1942, en el contexto de la Segunda Guerra Mundial, tres navíos mercantes brasileños fueron atacados por el submarino alemán U-507, entre las regiones del litoral de Sergipe y Bahia. Los ataques y consecuentes naufragios de las embarcaciones Baependí, Araraquara y Aníbal Benévolo resultaron en la muerte de centenas de brasileños, incluso militares y civiles, entre los cuales se encontraban mujeres y niños. Estos trágicos eventos marítimos conocidos como el *Pearl Harbor Brasileño*, fueron considerados el fusible para que el gobierno de Getúlio Vargas declarase guerra a la Alemania Nazista y a la Itália Facista. Delante de este contexto, la presente tesis tiene como objetivo investigar las historias de los tres navíos mercantes ya mencionados, utilizando la fundamentación teórico-metodológica de las Arqueologías de la Guerra, del Conflicto, de Ambientes Acuáticos y del Pasado Contemporáneo. La búsqueda se basa en fuentes materiales, orales documentales, iconográficas, cartográficas y bibliográficas, buscando identificar las características tecnológicas de las embarcaciones, sus rutas, el perfil de las tripulaciones y de los pasajeros, además de registrar las historias de algunas víctimas y de los contemporáneos de la época por medio de la cultura material. Como desdoblamiento, la tesis incluye el *Proyecto Segunda Guerra Sumergida*, cuyo objetivo es realizar un levantamiento a través de olas sonoras para detectar las posibles ubicaciones de dos de estos navíos atacados por torpedos. Para tal, son conducidas investigaciones de campo empleando métodos y técnicas de la Arqueología Subacuática, con el intuito de encontrar los sitios arqueológicos de naufragios del Aníbal Benévolo y del Baependí e investigar sus condiciones de conservación después de 82 años en el fondo del Atlántico Sur. La relevancia de la tesis reside en tratar de una pesquisa inédita, que propone la realización de dos expediciones arqueológicas en la búsqueda de naufragios remanescientes de los ataques a los submarinos, los cuales integran el Patrimonio Cultural Subacuático Brasileño. Uno de los resultados confirmados por la investigación es el naufragio del Aníbal Benévolo que no se encuentra en las ubicaciones indicadas por las fuentes históricas. Entretanto, para la Arqueología, la ausencia de materialidad constituye una evidencia valiosa de información. Delante de esto, nuevas hipótesis son lanzadas sugiriendo que los navíos pueden estar en mayores profundidades, próximos de los taludes continentales en una área aún no mapeada. Aunque los naufragios no han sido localizados, la búsqueda arqueológica generó interpretaciones que desafían el entendimiento histórico consolidado en los últimos 80 años. Tal fato justifica la inversión y demuestra los avances, como por ejemplo la producción de un documental que presenta el desarrollo de la investigación y sus contribuciones para la divulgación de las historias de los ataques por torpedos, ocurridos durante el conflicto de mayor alcance mundial del siglo XX.

PALABRAS CLAVE: Arqueología de Ambientes Acuáticos; Arqueología del Conflicto y de la Guerra; Arqueología del Pasado Contemporáneo; Segunda Guerra Mundial; Ataques por Torpedos en Sergipe.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO 1 - TEORIAS ARQUEOLÓGICAS: REFLEXÕES E APLICAÇÕES NO CONTEXTO BÉLICO SERGIPANO.....	41
1.1. Aracaju: cidade naval vítima da Guerra Submarina.....	47
1.2. Torpedeamentos de 1942 sob a luz da Arqueologia de Ambientes Aquáticos.....	57
1.3 - Arqueologia do Conflito e da Guerra aplicada aos torpedeamentos.....	68
CAPÍTULO 2 - “MANOBRAS LIVRES” DO SUBMARINO <i>U-507</i>: AGRESSÕES ALEMÃS CONTRA O NAVIO BAEPENDÍ.....	88
2.1. Da celebração de “Feliz Aniversário” ao lamento das mortes trágicas como vítimas da guerra: o torpedeamento do Baependí.....	95
2.2. Entre remo, prancha e baleeira: memórias da única mulher sobrevivente do naufrágio do Baependí.....	120
2.3. Ausência como evidência: a perda familiar e o luto do Tenente José Castelo Branco....	127
CAPÍTULO 3 - “A BOIA SALVA-VIDAS SOCORREU ALGUM NÁUFRAGO?”: TORPEDEAMENTO DO VAPOR ARARAQUARA.....	130
3.1. “Na companhia das luzes de Aracaju a bombordo”: torpedeamento do Araraquara.....	142
3.2. “Só restaram os corpos”: Alaíde Cavalcante testemunhou a destruição de sua família pelo torpedeamento nazista.....	147
3.3. “Furto” de anéis e aliança de casamento: o crime contra a passageira Virgínia Auto de Andrade.....	157
CAPÍTULO 4 - ANÍBAL BENÉVOLO: O NAVIO SIMBOLICAMENTE SERGIPANO.....	171
4.1. Aspectos econômicos, materiais e sociais do navio Aníbal Benévolo.....	177
4.2. As experiências dos naufragos: madrugada de torpedeamento no mar e ecos ao amanhecer em terra.....	196

CAPÍTULO 5 - TORPEDEAMENTOS NAVAIS DE 1942 EM FOCO: PROJETO SEGUNDA GUERRA SUBMERSA.....	203
5.1. Primeiras atividades de campo: entrevistas e documentação audiovisual com a comunidade do Conde/BA.....	208
5.2. Informações técnicas do navio Baependí.....	212
5.3. Informações técnicas do navio Aníbal Benévolo.....	215
5.4. Primeira expedição geofísica e arqueológica do <i>Projeto Segunda Guerra Submersa</i> ocorrida em 2023.....	217
5.4.1. Coordenadas estimadas do naufrágio do Aníbal Benévolo.....	225
5.4.2. Coordenadas estimadas do naufrágio do Baependí.....	230
5.4.3. Resultados e considerações sobre a primeira expedição do <i>Projeto Segunda Guerra Submersa</i> realizada em 2023.....	239
5.4.4. Entrevistas e documentação audiovisual com gestores, pesquisadores e contemporâneos da época bélica.....	240
5.5. Segunda expedição geofísica e arqueológica do <i>Projeto Segunda Guerra Submersa</i> ocorrida em 2024.....	244
5.5.1. Descrição das principais feições de fundo identificadas na segunda expedição do <i>Projeto Segunda Guerra Submersa</i> ocorrida em 2024.....	250
5.5.2. Ausência de vestígios é evidência de informação: discussões e resultados sobre a segunda expedição do <i>Projeto Segunda Guerra Submersa</i> em 2024.....	269
5.5.3. Produtos gerados a partir do <i>Projeto Segunda Guerra Submersa</i>	277
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	299
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	310
ANEXOS.....	327

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Rua da Aurora, Aracaju, 1867.....	51
Figura 2 - Navio do Lloyd Brasileiro Aníbal Benévolo.....	52
Figuras 3 a 5 - Cemitério dos Náufragos, localizado na Praia de Aruana.....	55
Figuras 6 a 13 - Visita ao Cemitério dos Náufragos realizada no Dia de Finados.....	56
Figuras 14 e 15 - Manifestações populares ocorridas com a participação das mulheres.....	77
Figura 16 - A manchete jornalística mostra o Interventor Maynard Gomes, quando falava à multidão na frente do Palácio do Governo.....	77
Figuras 17 e 18 - Torre da residência dos Mandarin.....	82
Figura 19 - Possíveis cilindros de gás que se desprenderam dos navios torpedeados.....	85
Figura 20 - Submarino <i>U-505</i> com vista para a sala de torpedos.....	86
Figura 21 - O Baependí foi torpedeado pelo submarino alemão <i>U-507</i>	90
Figura 22 - As baleeiras do navio Baependí em foco.....	93
Figura 23 - O salão de jantar do Baependí era decorado com requinte e luxo.....	95
Figura 24 - Salão de música do navio Baependí.....	97
Figura 25 - O primeiro tripulante é o aniversariante, Antônio Diogo de Queiroz, Imediato do navio; em seguida, o Radiotelegrafista Balthazar Pereira que foi salvo.....	99
Figura 26 - Os torpedeamentos ficaram conhecidos como o <i>Pearl Harbor Brasileiro</i>	100
Figura 27 - Barco salva-vidas do Baependí com sobreviventes chegando à praia.....	102
Figuras 28 e 29 - O navio Baependí com botes de sobrevivência chamados de baleeiras.....	103
Figuras 30 e 31 - Registros fotográficos antes da partida fatídica, o comandante do Baependí cercado de oficiais do Exército Nacional.....	106
Figuras 32 e 33 - Capitão de Corveta Harro Schacht e o submarino <i>U-507</i>	106
Figuras 34 e 35 - Baleeiras do Baependí que foram dar à praia de Sergipe.....	109
Figura 36 - Voluntários que participaram do resgate dos sobreviventes em Estância/SE.....	115
Figura 37 - Sobreviventes dos navios Baependí e Aníbal Benévolo, em Estância/SE.....	116
Figuras 38 e 39 - O Sr. Efrem José Ribeiro durante o registro da entrevista oral.....	117
Figura 40 - Atestado médico do Sr. Efrem Ribeiro, sergipano que socorreu os náufragos....	119

Figuras 41 a 43 - Registros fotográficos de Vilma Castelo Branco e demais sobreviventes..	121
Figura 44 - O 1º Tenente, José Castelo Branco Verçosa, náufrago do Baependi.....	128
Figuras 45 a 47 - Exposição do Museu Galdino Bicho (IHGSE) destacando a boia salva-vidas do navio Araraquara.....	132
Figura 48 - Boia salva-vidas do Araraquara em estado de conservação comprometido.....	135
Figuras 49 a 53 - Detalhes do estado avançado de degradação da boia salva-vidas.....	136
Figuras 54 e 55 - Registros com as professoras Aglaé D'Ávila Fontes e Edna Matos.....	137
Figura 56 - Os tripulantes salvos com a boia do navio e com um colete salva-vidas.....	140
Figura 57 - Baleeira nº 2 pertencente ao Araraquara que chegou vazia à costa sergipana.....	141
Figura 58 - O navio Araraquara foi o segundo alvo do submarino <i>U-507</i>	143
Figura 59 - Embarque de passageiras e passageiros no navio Araraquara.....	144
Figura 60 - A passageira do navio Araraquara, Alaíde Cavalcante.....	147
Figura 61 - Baleeira do Araraquara que trouxe a passageira Alaíde Cavalcante.....	150
Figura 62 - Praia de Atalaia, em Aracaju/SE, vendo-se, ao fundo, o rio Sergipe.....	151
Figura 63 - O corpo do subtenente Antônio Lins Cavalcante.....	153
Figura 64 - O corpo de um adolescente identificado como Antônio Lins Cavalcante.....	154
Figura 65 - O corpo da bebê Noeme encontrado em uma praia sergipana.....	155
Figura 66 - Informações de Nelson de Rubina disponíveis no documento do Instituto de Identificação da Polícia do Estado de Sergipe.....	158
Figura 67 - Furto de joias realizado por Nelson de Rubina, envolvendo os pertences de uma passageira do navio Araraquara.....	163
Figuras 68 e 69 - Telegrama enviado por Gilberto de Andrade, esposo da Sra. Virgínia.....	164
Figura 70 - Corpo da passageira Virgínia Auto de Andrade.....	169
Figura 71 - Despedida do navio Aníbal Benévolo na Ponte do Imperador, em Aracaju.....	173
Figura 72 - Aracaju vista do rio Sergipe, em 1937.....	174
Figura 73 - Manchete do jornal <i>A Noite</i> , no dia 22 de agosto de 1942.....	175
Figura 74 - Publicação do <i>Correio de Aracaju</i> , no dia 18 de agosto de 1942.....	176
Figura 75 - Propaganda do estaleiro alemão.....	179
Figura 76 - Anúncio do Lloyd Brasileiro, Companhia de Navegação, século XX.....	180
Figura 77 - Navio Aníbal Benévolo afundado entre os litorais sergipano e baiano.....	184

Figura 78 - Mais de trinta crianças mortas no “Aníbal Benévolo”.....	187
Figuras 79 e 80 - Sobreviventes do Aníbal Benévolo.....	199
Figuras 81 e 82 - Paisagens praianas da cidade do Conde/BA.....	208
Figura 83 - Pesquisa de campo realizada na Colônia de Pescadores do Conde/BA.....	209
Figuras 84 a 86 - Pesquisa audiovisual realizada no Município do Conde/BA.....	210
Figura 87 - Pesquisa oral realizada com os pescadores.....	211
Figuras 88 e 89 - Fotografias do barco e do interior da Colônia de Pescadores Z-31.....	211
Figuras 90 e 91 - Náufragos do navio Baependí chegando à praia em uma baleeira.....	217
Figura 92 - Depoimento do comandante Henrique Jacques Mascarenhas Silveira.....	221
Figura 93 - Sistema de aquisição Side Scan Sonar utilizado durante o levantamento.....	223
Figuras 94 e 95 - Embarcação utilizada para as atividades de Survey.....	224
Figura 96 - Local de fundeio e pernoite na Praia do Saco, Estância/SE.....	225
Figura 97 - Imagens de SSS do possível naufrágio do Aníbal Benévolo.....	228
Figura 98 - Formas encontradas durante os levantamentos de SSS, atribuídas aos fragmentos/destroços do navio Aníbal Benévolo.....	229
Figura 99 - Formas encontradas durante os levantamentos de SSS, atribuídas aos possíveis fragmentos/destroços do navio Baependí.....	230
Figura 100 - Estruturas de “recifes” ao longo dos perfis do sonograma.....	231
Figura 101 - Estruturas dispersas, alvo prioritário e estruturas tipo “recifes”.....	231
Figura 102 - Feições de estruturas rígidas (afloramento rochoso/recifes carbonáticos).....	232
Figuras 103 e 104 - Padrão de dispersão das estruturas rígidas “recifais”.....	232
Figuras 105 e 106 - Estrutura “rígida”/fragmento em área arenosa com ripples.....	233
Figuras 107 e 108 - Equipe de Oceanografia ao final da primeira expedição geofísica.....	234
Figuras 109 e 110 - Equipe de Oceanografia em reunião com a equipe de Arqueologia.....	234
Figura 111- Condições climáticas adversas causadas pelas fortes chuvas.....	235
Figuras 112 a 115 - Pesquisa de Campo Arqueológica.....	236
Figuras 116 a 118 - Aproximação dos afloramentos rochosos/recifes e variedade de vidas marinhas.....	237
Figuras 119 e 121 - A excelente visibilidade da água e a dinâmica da corrente marítima nas possíveis imediações do naufrágio.....	238

Figura 122 - Fundo do Atlântico Sul, região do possível naufrágio do Aníbal Benévolo.....	239
Figuras 123 e 124 - Entrevista com o Reitor da UFS, Prof. Valter Joviniano.....	241
Figuras 125 e 126 - Entrevistas com a Dra. Jussara Cunha, Diretora Administrativa da Construtora Cunha, e com a Dra. Livia Tinôco, Procuradora da República.....	242
Figura 127 - Entrevista com o superintendente do Instituto Banese, Ezio Déda.....	242
Figuras 128 e 129 - Entrevista realizada com o memorialista Murillo Melins.....	243
Figuras 130 e 131 - Entrevista realizada com o Sr. Vidigal Lima.....	244
Figura 132 - Integrantes do <i>Projeto Segunda Guerra Submersa</i> em alto-mar.....	245
Figura 133 - Embarcação “Rumo Certo” usada para fazer o levantamento sonográfico.....	246
Figuras 134 a 136 - Anomalias relacionadas ao "casco".....	251
Figura 137 - Possíveis destroços relacionados ao “Navio de Madeira”.....	252
Figuras 138 e 139 - Anomalia não definida.....	253
Figura 140 - Registro do sistema EdgeTech.....	254
Figura 141 - Imagem do "pegador" e localização no sistema SonarWiz.....	255
Figura 142 - Recifes: Pedra da Tietá.....	255
Figuras 143 e 144 - Área de recifes.....	256
Figuras 145 e 146 - Pesquisa de Campo realizada em 2024.....	257
Figuras 147 e 148 - Verificação de uma das áreas de investigação.....	259
Figuras 149 a 151 - Verificação da área, identificação de branqueamento de corais.....	275
Figura 152 - Levantamento geofísico em uma das áreas de investigação.....	275
Figura 153 - A esperança persiste em busca dos restos dos navios torpedeados.....	276
Figuras 154 e 155 - Palestra na Escola do Legislativo, realizada em Aracaju/SE.....	279
Figuras 156 e 157 - Palestra na Escola do Legislativo, Aracaju/SE, 2023.....	280
Figuras 158 e 159 - Documentário Segunda Guerra Submersa.....	281
Figura 160 - Matéria publicada no Jornal <i>O Globo</i> , em 2023.....	282
Figuras 161 a 164 - Reunião com o Governador Fábio Mitidieri, realizada em Aracaju.....	283
Figura 165 - Entrevista para a TV Sergipe sobre as pesquisas arqueológicas.....	284
Figura 166 - Live no Instagram no perfil “Pelos Caminhos da II Guerra Mundial”.....	285
Figura 167 - Cursos de mergulho científico realizados em 2023 e 2024.....	286
Figuras 168 e 169 - Cursos de mergulho científico realizados na UFS.....	286

Figura 170 - Cursos de mergulho científico ministrado por Gilson Rambelli.....	287
Figura 171 - Discentes da UFS participando dos cursos de mergulho científico.....	288
Figuras 172 a 174 - Finalização dos cursos de mergulho científico ministrado pelo arqueólogo Gilson Rambelli, realizado na Universidade Federal de Sergipe, em 2023 e 2024.....	289
Figuras 175 a 178 - Curso de Primeiros Socorros.....	290
Figuras 179 e 180 - Museu Judaico de Berlim.....	292
Figura 181 - Memorial do Holocausto em Berlim.....	292
Figuras 182 e 183 - Memorial do Holocausto em Berlim.....	293
Figura 184 - Museu do Olho, projetado por Oscar Niemeyer, localizado em Curitiba/PR....	293
Figura 185 - Museu de Arte Contemporânea, localizado na orla de Niterói/RJ.....	293
Figura 186 - O Projeto Memorial dos Náufragos de Sergipe será construído ao lado do Cemitério dos Náufragos.....	294
Figura 187 - O Projeto MENSE será implantado na Orla Sul de Aracaju, em Sergipe.....	294
Figura 188 - Projeto Memorial dos Náufragos de Sergipe (MENSE).....	295
Figuras 189 a 192 - Cemitério dos Náufragos, na Aruana/SE, classificado como sítio arqueológico histórico pelo IPHAN.....	296
Figura 193 - Cadastro do Cemitério dos Náufragos como Sítio Arqueológico Histórico no site do IPHAN.....	296

LISTA DE MAPAS

Mapas 1 e 2 - Evolução urbana de Aracaju: Arruamento de 1865 e Planta de 1933.....	49
Mapas 3 e 4 - Planta urbana geral de Aracaju e mapa com indicação de logradouros.....	50
Mapas 5 e 6 - Municípios de Conde/BA e Estância/SE.....	206
Mapa 7 - Localização geral das três embarcações afundadas em 1942.....	218
Mapa 8 - Possíveis localizações do Aníbal Benévolo.....	219
Mapa 9 - Distância de 15 milhas náuticas do Farol do Rio Piauí-Real até o ponto do Aníbal Benévolo.....	220
Mapa 10 - Localização do Aníbal Benévolo a uma distância de 7 milhas da costa.....	220
Mapa 11 - Distância de 10 milhas do ponto do Aníbal Benévolo até o Baependí.....	221
Mapa 12 - Ponto de localização do Baependí na região da cota dos 38 metros.....	222
Mapa 13 - Textura do sedimento nos pontos de localização do Baependí e Araraquara.....	222
Mapa 14 - Localização aproximada do naufrágio do navio Aníbal Benévolo.....	226
Mapa 15 - Posição estimada pelo comandante do Aníbal Benévolo.....	247
Mapa 16 - Representação das áreas mapeadas em 4 campanhas.....	248
Mapa 17 - Representação das áreas mapeadas por sonar de varredura lateral.....	249
Mapa 18 - Localização do “Pegador”.....	254
Mapa 19 - Mapa de classificação textural do fundo marinho.....	258
Mapa 20 - O rastro do “Lobo Solitário”, o trajeto do <i>U-507</i>	261
Mapa 21 - Em vermelho, rota do <i>U-507</i> ; em verde escuro, rota usual Salvador-Aracaju.....	262
Mapa 22 - Áreas que foram investigadas durante o levantamento sonográfico.....	263
Mapa 23 - Esquema simplificado da Corrente Sul-Equatorial ao atingir a costa nordestina brasileira e dividindo-se formando a Corrente Norte Brasileira e a Corrente do Brasil.....	264
Mapas 24 e 25 - A costa de Sergipe apresenta uma contracorrente sul em contraste com as correntes presentes em alto-mar que vão em direção ao norte.....	265
Mapa 26 - Sergipe se encontra em uma área de bifurcação de correntes marítimas.....	266
Mapa 27 - Direção de deslocamento dos naufragos e destroços de acordo com a predominância dos ventos e correntes oceânicas.....	267
Mapa 28 - Regiões de Sergipe e Bahia onde chegaram os vestígios dos torpedeamentos.....	268

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Informações sobre as três embarcações brasileiras torpedeadas em Sergipe.....	66
Tabela 2 - Preços médios dos gêneros alimentícios vendidos em Aracaju/SE.....	183
Tabela 3 - Atividades profissionais em Aracaju/SE.....	192
Tabela 4 - Nomes das passageiras do Navio Aníbal Benévolo com base na lista apresentada no livro Agressão.....	195
Tabela 5 - Raios de busca em diversas direções a partir do centro da posição indicada dos naufrágios.....	250

INTRODUÇÃO

A presente tese de doutorado, intitulada *Memória, Patrimônio e Arqueologia dos Torpedeamentos (1942): Sergipe no Cenário da Segunda Guerra Mundial*, constitui o resultado da minha trajetória acadêmica no curso de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, iniciada em 2010, e de seu desdobramento, 13 anos depois, no *Projeto Segunda Guerra Submersa*, aprovado em 2023 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), coordenado pelo professor Gilson Rambelli, orientador da presente pesquisa.

O objetivo geral desta tese consiste em analisar, sob a perspectiva arqueológica, o impacto histórico da Segunda Guerra Mundial, com ênfase nos torpedeamentos de navios mercantes brasileiros e suas repercussões no cenário sergipano. O recorte temático e temporal delimitou a investigação aos naufrágios das embarcações Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo, atacadas e afundadas pelo submarino alemão *U-507* entre os litorais de Sergipe e Bahia, em agosto de 1942. Esses trágicos eventos navais ocorreram de forma inesperada e, em menos de 24 horas, resultaram na morte de centenas de brasileiras e brasileiros, dentre eles militares e civis, incluindo mulheres e crianças. Devido à sua magnitude e impacto, tais agressões ficaram conhecidas como o *Pearl Harbor Brasileiro* e foram decisivas para que o Brasil declarasse guerra à Alemanha Nazista e à Itália Fascista, ingressando oficialmente no conflito mundial.

O problema de pesquisa investigado diz respeito ao desconhecimento histórico e patrimonial, por parte da maioria da população, acerca dos vestígios materiais e simbólicos resultantes dos torpedeamentos navais ocorridos entre as costas sergipana e baiana durante a Segunda Guerra Mundial. Embora representem eventos marcantes na história local, nacional e mundial, esses episódios permanecem marginalizados tanto na memória coletiva quanto nas políticas de preservação e divulgação cultural. Nesse sentido, esta pesquisa busca compreender de que maneira as Arqueologias de Ambientes Aquáticos, do Conflito, da Guerra e do Passado Contemporâneo podiam revelar e reinterpretar essas narrativas silenciadas e “esquecidas”, promovendo o reconhecimento do patrimônio arqueológico e a conscientização histórica.

Os objetivos específicos delineados para o desenvolvimento desta pesquisa são os seguintes: 1 - Investigar, à luz das Arqueologias, os episódios de torpedeamentos perpetrados pelo submarino alemão *U-507* contra os navios mercantes brasileiros Baependi, Araraquara e

Aníbal Benévolo; 2 - Analisar as fontes materiais, documentais, iconográficas, cartográficas, bibliográficas e orais associadas a esses ataques bélicos navais; 3 - Examinar os referenciais teóricos mais apropriados do pensamento arqueológico para interpretar tais eventos de guerra, destacando abordagens como as Arqueologias de Ambientes Aquáticos, do Conflito, da Guerra e do Passado Contemporâneo; 4 - Implementar o *Projeto Segunda Guerra Submersa* por meio de expedições sonográficas e arqueológicas; 5 - Contribuir para a preservação e valorização do patrimônio arqueológico, bem como para a disseminação das narrativas históricas dos torpedeamentos junto à população local e nacional.

A justificativa para a realização desta tese reside no fato de se tratar de um estudo inédito no contexto brasileiro, ao propor a execução de expedições arqueológicas destinadas à localização dos sítios de naufrágios decorrentes dos torpedeamentos ocorridos em agosto de 1942. Os resultados desta investigação contribuem para a ampliação do conhecimento arqueológico e histórico sobre a participação de Sergipe na Segunda Guerra Mundial, promovendo a valorização e a divulgação do Patrimônio Cultural Subaquático Brasileiro, do Sítio Arqueológico do Cemitério dos Náufragos e do Monumento Estadual do Cemitério dos Náufragos — testemunhos materiais desses significativos episódios trágico-navais.

Vale ressaltar que investigar os principais episódios bélicos da história de Sergipe do século XX, ligados à história nacional e mundial, por meio do arcabouço teórico-metodológico da Arqueologia, leva-nos a refletir sobre a cultura material utilizada na época e, a partir dela, obter uma melhor compreensão do contexto social, político e econômico, além de permitir conhecer as histórias “esquecidas” ou pouco pronunciadas pela historiografia ao longo do tempo.

A pesquisa é realizada com a utilização de variadas fontes de informação que buscam compreender a conjuntura da época, incluindo os antecedentes das viagens realizadas pelos três navios mercantes, passando pela análise de seus elementos técnicos, funcionais e simbólicos, visando, assim, compreender melhor a sua importância para a sociedade da época. Além disso, são investigadas as possíveis localizações dos restos navais dessas embarcações, que se constituem em sítios arqueológicos de naufrágios, os quais poderão ser classificados, ou não, como túmulos de guerra.

A questão de pesquisa que norteia a presente tese é a seguinte: De que forma os referenciais teórico-metodológicos da Arqueologia podem contribuir para a identificação, proteção e valorização dos vestígios materiais e simbólicos relacionados aos torpedeamentos navais de 1942, ocorridos nos litorais sergipano e baiano, promovendo a reconstrução de

narrativas históricas “esquecidas”, a conscientização social e o fortalecimento da memória coletiva acerca dos impactos locais e nacionais da Segunda Guerra Mundial?

Para responder à questão de pesquisa e alcançar os objetivos propostos, torna-se imprescindível adotar etapas metodológicas bem estruturadas. Inicialmente, realizou-se uma revisão de literatura sobre a participação de Sergipe no conflito mundial, utilizando bibliografias especializadas em Arqueologia e História; paralelamente, foi conduzida uma análise das teorias arqueológicas mais adequadas ao contexto investigado, com o intuito de fornecer embasamento teórico para a interpretação dos vestígios materiais e simbólicos associados aos eventos belicosos.

Além disso, a pesquisa baseia-se em análises de documentos oficiais brasileiros (Governo Estadual e Federal) e documentos alemães (Diário de Bordo do submarino *U-507*). Foram consultadas, também, fontes bibliográficas, jornalísticas, iconográficas e cartográficas, visando identificar as características tecnológicas das embarcações, suas rotas e o perfil das tripulações e dos passageiros. Ademais, realizaram-se pesquisas orais para coletar depoimentos de contemporâneos da época da guerra e registrar entrevistas com a comunidade local.

É realizada, ainda, uma análise de parte da cultura material por meio do estudo dos vestígios dos torpedeamentos, como a boia salva-vidas, as estruturas cemiteriais dos naufragos e as fotografias, retratando a materialidade e os biofatos da época. Por fim, é desenvolvida uma pesquisa de campo no âmbito do *Projeto Segunda Guerra Submersa*¹, cujo objetivo é realizar um levantamento sonográfico para detectar as possíveis localizações de dois desses navios torpedeados. Para tal, foram organizadas expedições que empregaram métodos e técnicas da Arqueologia Subaquática, com o propósito de localizar os sítios arqueológicos de naufrágios do Aníbal Benévolo e do Baependi e, posteriormente, investigar suas condições de conservação após 82 anos no fundo do Atlântico Sul. Adicionalmente, são analisados, de forma breve, os dois Cemitérios dos Naufragos como "lugares de memória" ou de ausência dessa memória em relação ao período bélico (Nora, 1993, p. 24)

Com o avanço contínuo da Arqueologia, o campo tem se expandido e diversificado seus objetos de pesquisa, voltando-se não apenas para o estudo do passado distante, mas também para o passado recente, que se conecta diretamente à vida contemporânea. Isso se dá em função da relação dialética existente entre o passado e o presente (Hodder; Hutson, 2003).

¹ O nome oficial do projeto descrito na Portaria emitida pelo IPHAN é *Projeto de Pesquisa Arqueológica Subaquática da Segunda Guerra Mundial nos Litorais Sergipano e Baiano: Pesquisa Arqueológica Subaquática dos Sítios de Naufrágios do Aníbal Benévolo e do Baependi*. O Processo nº: 01450.002808/2023-91 apresenta a autorização concedida pelo Centro Nacional de Arqueologia (CNA/IPHAN).

Como destacam Shanks e Tilley (1987), toda prática arqueológica é, por essência, produzida no presente com o objetivo de contribuir para ele. Assim, esse enfoque busca impactar e transformar o presente com base no conhecimento gerado pelas interpretações da cultura material utilizada pelas sociedades ao longo do tempo, cujos vestígios são continuamente reinterpretados e ressignificados na atualidade. Sobre a prática arqueológica e sua relação com o passado e o presente, Johnson (2000) afirma que:

La mayoría de los arqueólogos se enamoran de la arqueología porque se que dan «colgados» de los hallazgos. [...], pero lo que atrae de inmediato es un aura de misterio y romanticismo de un pasado que se nos manifiesta a través de sus restos. [...] Los objetos por sí mismos no nos dicen nada sobre el pasado. [...] Los objetos no pueden contarnos nada acerca del pasado porque el pasado no existe. No podemos tocar el pasado, verlo o sentirlo [...]. Nuestros amados objetos pertenecen a la realidad al presente. Existen en el ahora y aquí. [...] el pasado existe únicamente en las cosas que decimos sobre el mismo (2000, p. 29-30).²

Ao considerar a afirmação de Johnson (2000) de que o passado só existe nas coisas que dizemos sobre ele, torna-se primordial ressaltar o envolvimento do(a) pesquisador(a) com o seu objeto de investigação. Sobre isso Duran (2008, p. 42), com base nas obras de Hodder (1991, 1998) e Shanks e Tilley (1992), afirma que: “[...] a produção do conhecimento envolve [...] a perspectiva do arqueólogo, e esta, influi tanto nas escolhas dos objetos de estudo, quanto na formulação das perguntas a serem respondidas e na interpretação das respostas obtidas”. Dessa forma, entende-se que o conhecimento é historicamente condicionado, sendo, portanto, imprescindível buscar constantemente a compreensão dos acontecimentos por meio de diferentes pontos de vista, tendo como finalidade produzir uma variedade de perspectivas a respeito do passado, inclusive usá-lo para criticar e desafiar o presente, como sugerem Hodder e Hutson (2003):

There is a dialectical relationship between past and present: the past is interpreted in terms of the present, but the past can also be used to criticize and challenge the present. In this view it is possible critically to evaluate past and present contexts in relation to each other, so as to achieve a better understanding of both. There is a human mental ability to conceive of more than one subjective context and critically

² Tradução da citação de Johnson (2000): A arqueologia é apaixonante devido às descobertas, aura de mistério e romantismo de um passado que se manifesta através de seus restos. [...] Os objetos por si próprios nada nos dizem sobre o passado. [...] porque o passado não existe, não podemos tocá-lo, vê-lo ou senti-lo; [...] nossos objetos antigos realmente pertencem ao presente. O passado existe apenas nas coisas que dizemos sobre ele (2000, p. 29-30, tradução da autora da tese).

to examine the relationship between varied perspectives (2003, p. 234).³

Partindo da premissa de Hodder e Hutson (2003), de usar o passado para criticar e desafiar o presente, a temática da Segunda Guerra Mundial no contexto sergipano se mostra pertinente na atualidade por dois motivos. Primeiro, porque os torpedeamentos são considerados fatos históricos locais importantes que ocorreram há 82 anos, mas que ainda permanecem desconhecidos pela maioria da população sergipana. Tais acontecimentos são classificados como marcantes por estarem ligados à história mundial, levando em consideração a Batalha do Atlântico, à história nacional, por representarem o estopim para a entrada oficial do Brasil na guerra, e à história local, por impactarem o modo de vida dos(as) aracajuanos(as) nos seguintes contextos: social (com as manifestações populares); econômico (afetando as atividades do porto de Aracaju e levando a um racionamento de produtos e alimentos que impactou a inflação dos preços e encareceu a vida dos(as) sergipanos(as)); paisagístico (com o escurecimento da cidade por conta do blecaute, e com as praias que passaram a ser vigiadas pelos militares); cultural (com os jornais e cinemas da época que retratavam o contexto local da guerra); e, por fim, religioso (com os torpedeamentos, interpretados como uma ‘máquina infernal’, ‘coisa de satanás’, ‘fim do mundo’, entre outros significados).

O segundo motivo relacionado à pertinência do tema reside no fato de que, ainda hoje, as ideologias nazifascistas, associadas aos regimes ditatoriais da época bélica, continuam sendo objeto de debate na sociedade contemporânea, em razão da conjuntura na qual grupos políticos de extrema-direita ganharam notoriedade nos últimos anos, tanto no âmbito internacional quanto nacional, especificamente no Brasil, com a ascensão do governo bolsonarista⁴, que obteve expressiva votação nas últimas eleições presidenciais (Dias, 2007; Albiero et al., 2018; Castro; Cavalcante, 2019; Pucci, 2020; Rocha; Belisário, 2021; Weber; Soares; Steiernagel, 2021).

Diante disso, esta tese, com enfoque na temática bélica, busca, como orientam Hodder e Hutson (2003), trazer o passado à tona para criticar o presente em relação às ideologias

³ Tradução da citação de Hodder e Hutson (2003): Há uma relação dialética entre passado e presente: o passado é interpretado em termos do presente, mas o passado também pode ser usado para criticar e desafiar o presente. Neste sentido, é possível avaliar de forma crítica o contexto do passado e do presente, um em relação ao outro, de modo a alcançar uma melhor compreensão de ambos. Afinal, há uma habilidade mental humana para conceber mais de um contexto subjetivo e examinar criticamente a relação entre as perspectivas variadas (2003, p. 234, tradução da autora da tese).

⁴ Jair Messias Bolsonaro venceu as eleições presidenciais em 2018 e governou de 1º de janeiro de 2019 até 31 de dezembro de 2022.

nazifascistas, com o objetivo de desafiar e superar preconceitos⁵ étnicos, religiosos, políticos e xenofóbicos, que estão impregnados nessas ideologias e que ainda persistem na sociedade atual. É importante destacar que o nazismo, como movimento político, não afetou apenas a Alemanha nas décadas de 1930 e 1940; seus ideais foram divulgados anteriormente em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, onde foi criado o Partido Nazista Brasileiro em 1928. O movimento nazista brasileiro foi considerado um dos mais fortes fora da Alemanha, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, com a chegada de alemães que se refugiavam na região Sul e em outras nações da América, como Argentina e Uruguai (Weber; Soares; Steiernagel, 2021).

Já os grupos neonazistas surgiram no Brasil na década de 1980, no contexto da reabertura política e da redemocratização. Em sua origem, esses grupos não compartilhavam dos ideais de preconceito racial até porque eram compostos por diferentes etnias devido à miscigenação e também não incorporavam simbologias nazistas. Todavia, com o passar dos anos, tais grupos se tornaram simpatizantes tanto dos ideais como dos símbolos nazistas (Dias, 2007; Silva et al., 2014; De Moraes, 2018).

Observa-se que os grupos de extrema-direita no Brasil têm adotado um discurso de cunho religioso e militar, aspecto que se assemelha ao nazismo, o qual, em sua época, promovia o cristianismo como religião dominante e perseguia outras crenças, particularmente o judaísmo. Atualmente, verifica-se um crescimento desses grupos extremistas, que têm encontrado nas redes sociais um espaço virtual privilegiado para comunicação e fortalecimento. Esse crescimento se evidencia pelo aumento das discussões político-partidárias na internet, especialmente desde as eleições presidenciais de 2018, quando se intensificou a polarização entre “esquerda” e “direita”. Tais eleições, em vez de promoverem discussões saudáveis pautadas na liberdade de expressão, abriram espaço para debates que frequentemente se transformaram em discursos de ódio e manifestações preconceituosas, disseminados tanto no ambiente virtual quanto no real, ambos fortemente permeados pelas *fake news* (Weber; Soares; Steiernagel, 2021).

O crescimento dos grupos neonazistas no Brasil pode ser constatado na pesquisa realizada pela antropóloga Adriana Dias, apresentada por Silva et al. (2014, p. 431), que mostra que entre “2002 a 2009 o número de sites que veiculam informações de conteúdo neonazista subiu 170%, saltando de 7.600 para 20.502”. Já os comentários postados nos fóruns virtuais sobre a temática neste mesmo período cresceram 42.585%. “Nas redes sociais,

⁵ Os preconceitos nazistas eram direcionados a judeus, homossexuais, miscigenados, ciganos, testemunhas de Jeová, comunistas, pessoas com transtornos mentais e/ou deficiência, entre outros.

os dados são igualmente assustadores. Existem comunidades neonazistas, antissemitas e negacionistas em 91% das 250 redes sociais pesquisadas. [...] E nos últimos nove anos o número de blogs sobre o assunto cresceu mais de 550%” (Silva et al., 2014, p. 431 *apud* Dias, 2007).

A pesquisa mostrou que cerca de 150 mil brasileiros visitam mensalmente mais de cem sites com temas nazistas realizando *downloads*, sendo que cerca de 15 mil desses visitantes são tidos como líderes que incentivam o ódio no ambiente virtual. O resultado da pesquisa informa quais são os estados com maior número de pessoas que acessam esses sites neonazistas: “Minas Gerais (6 mil); Goiás (8 mil); Paraná (18 mil); São Paulo (29 mil); Rio Grande do Sul (42 mil); Santa Catarina (45 mil). A região Sul é a que mais concentra simpatizantes neonazistas” (Silva et al., 2014, p. 431 *apud* Dias, 2007).

Vale ressaltar que esses grupos de extrema-direita não se autodenominam nazistas ou fascistas, mas ressurgem por meio de um discurso aparentemente “diferente”, embora mantenham os ideais do passado (Albiero et al., 2018). Em outras palavras, promovem discursos similares às ideologias nazifascistas, como, por exemplo, “a demonização ou a ideia de eliminação de algum inimigo externo, o anticomunismo e o antiliberalismo. São ultranacionalistas, e sua identidade se constrói em torno de uma liderança forte e de símbolos medievais, religiosos e nacionalistas” (Silva et al., 2014, p. 433). Além disso, tais movimentos apresentam características como “corporativismo, um partido único de organização das massas, políticas bélicas, uma propaganda em massa, o racismo e a xenofobia” (Albiero et al., 2018, p. 120).

Apesar do crescimento alarmante dessas ideologias na contemporaneidade se intensificar, a simples constatação ou rejeição de seus ideais tem se mostrado insuficiente para conter sua expansão (Silva et al., 2014). Nesse sentido, a relevância desta tese torna-se evidente ao contribuir para a ampliação das discussões sobre o tema, considerando que inúmeros crimes foram cometidos ao longo da História em nome de ideais de extrema-direita, como aqueles associados ao nazifascismo. Além disso, esta pesquisa arqueológica configura-se como uma forma de resistência ao esquecimento dos horrores provocados pela Segunda Guerra Mundial, com o propósito de evitar a repetição de episódios de violência na História.

Ademais, as narrativas sobre os horrores gerados pela guerra, tanto no contexto internacional quanto no local, devem ser amplamente divulgadas como uma forma de transmitir conhecimento sobre esse passado “esquecido”. Tal divulgação visa promover uma reflexão crítica e consciente entre a população. Afinal, a Arqueologia, como ciência

autorreflexiva e consciente de seu papel no presente, possui uma função social e política primordial como prática cultural contemporânea (Shanks; Tilley, 1987). No que tange à relevância das pesquisas arqueológicas e suas interpretações do passado com impacto no presente, Shanks e Tilley (1987) esclarecem que:

[...] the past forms an expansive space for intellectual struggle in the present and that we must accept the necessity for self-reflection and critique, situating archaeology in the present. Critique involves evaluation and makes taking sides a necessity, accepting responsibility for a decision as to why and how to write the past, and for whom. [...] Archaeologists have long realized the necessity of going beyond antiquarianism, the collection and study of artefacts for their own sake, and have attempted various forms of historical narrative and social reconstruction, setting artefacts in their context (1987, p. 27-28).⁶

Partindo da afirmação de Shanks e Tilley (1987) de que os artefatos precisam ser estudados em seu contexto, sendo isto uma responsabilidade dos(as) arqueólogos(as) em avaliar e decidir sobre “por que e como escrever o passado, e para quem”. Dessa forma, a abordagem arqueológica contribui para a interpretação da cultura material dos torpedeamentos, incluindo os naufrágios, as estruturas cemiteriais, as histórias relatadas nos jornais e documentos da época, além dos depoimentos orais dos aracajuanos que vivenciaram o período da guerra e que viram os vestígios belicosos chegarem às praias sergipanas. Assim, esta teoria engajada e crítica fornecerá uma melhor compreensão da relação das pessoas com o mundo material da época, já que parte de uma dimensão abrangente envolvendo desde os aspectos técnicos, sociais, culturais, políticos, religiosos e simbólicos (Shanks; Tilley, 1987; Orser, 1996; Neyland, 2011).

A abordagem crítica da Arqueologia, oriunda da corrente teórica pós-processual, busca entender o passado como algo que pode ser construído de diversas maneiras, dependendo da perspectiva, do enfoque e da análise do(a) pesquisador(a). Nesse sentido, a Arqueologia Crítica evidencia que o conhecimento arqueológico sobre o passado é moldado pelo método de pesquisa, o que impede sua caracterização como imparcial, sendo, ao contrário, resultado da subjetividade do(a) pesquisador(a) (Leone, 1998; Rambelli, 2003). Dessa forma, o discurso de neutralidade acadêmica é visto como um ato social incoerente. Com base nisso, Leone

⁶ Tradução da citação de Shanks e Tilley (1987): [...] o passado forma um espaço expansivo para a luta intelectual no presente e que devemos aceitar a necessidade de autorreflexão e crítica, situando a arqueologia no presente. A crítica envolve avaliação e torna necessário tomar partido, aceitar a responsabilidade por uma decisão sobre por que e como escrever o passado, e para quem. [...] Os arqueólogos há muito perceberam a necessidade de ir além do antiquarianismo, da coleta e estudo de artefatos por si mesmos, e tentaram várias formas de narrativa histórica e reconstrução social, colocando artefatos em seu contexto (1987, p. 27-28, tradução da autora da tese).

(1998) ressalta o papel ativo que o passado pode desempenhar na sociedade, tornando-se um meio de comunicação e construção de significados.

A respeito das contribuições da Arqueologia, Orser (1996) afirma que são variadas, e no caso da Arqueologia Crítica as investigações podem ser usadas pelas pessoas para ajudar a compreender o presente (Leone; Preucel, 1992). Partido disso, nota-se que os(as) arqueólogos(as) se mostram comprometidos com este campo científico, tendo como objetivo “to taking archeology out of the dusty laboratories of academia and situating it firmly in the modern world”⁷ (Orser, 1996).

One important thought to emerges from the many discussions of the future, however, is that archaeologists must make their discipline relevant and responsible. Part of this understanding is rooted in the notion that archeology can provide powerful knowledge for living peoples. Archaeological knowledge has a direct bearing on the present. The understanding of archeology's potential impact largely derives from “self-reflection” (1996, p. 199).⁸

Dessa maneira, a Arqueologia Histórica, como uma disciplina relevante e responsável, pode então fornecer conhecimentos de grande potencial e impacto para a sociedade atual. Afinal, os estudos se situam em um mundo que vai além dos limites da Universidade (Orser, 1996). Assim, os(as) arqueólogos(as) embasados(as) na cultura material buscam então contextualizar os vestígios historicamente de maneira crítica, visando mostrar que são politicamente ativos, criando, assim, uma consciência sobre esta realidade material, explorando os aspectos sociais e políticos a partir da produção desse conhecimento (Leone; Potter Jr; Shackel, 2021). Logo, um texto resultante de uma pesquisa arqueológica que não demonstre estar criticamente consciente de sua própria inserção em uma estrutura política e socioeconômica estabelecida, amenizando as implicações sociais e políticas em relação à interpretação do passado, dificilmente poderá fornecer um estímulo para o pensamento crítico (Shanks; Tilley, 1987).

Partindo de explicações subjetivas e considerando a existência de contextos relativizados, arqueólogos e arqueólogas passam então a considerar o passado como algo que não pode ser totalmente apreendido, possibilitando, assim, várias interpretações a partir do

⁷ Tradução da citação de Orser: tirar a arqueologia dos laboratórios empoeirados da academia e situá-la firmemente no mundo moderno (1996, p. 199, tradução da autora da tese).

⁸ Idem: Um pensamento importante que emerge das muitas discussões do futuro, no entanto, é que os arqueólogos devem tornar sua disciplina relevante e responsável. Parte dessa compreensão está enraizada na noção de que a arqueologia pode fornecer um conhecimento poderoso para os povos vivos. O conhecimento arqueológico tem uma relação direta com o presente. A compreensão do impacto potencial da arqueologia deriva em grande parte da “autorreflexão” (Orser, 1996, p. 199, tradução da autora da tese).

presente. Isto significa, conforme Shanks e Tilley (1987, p. 26) que, “the past, then, is gone; it can't be recaptured in itself, relived as object. It only exists now in its connection with the present, in the present's practice of interpretation”.⁹ Com base nesse enfoque subjetivo, passa-se a admitir o caráter discursivo da Arqueologia como ciência. Discurso este que vai ser construído através de uma visão interdisciplinar. Como consequência disso, as demais correntes teóricas começaram a ser repensadas e abordadas a partir de outros contextos, tornando, assim, a Arqueologia um campo crítico, autorreflexivo, voltado para as questões sociais e políticas (Schiavetto, 2003).

Dessa forma, a Arqueologia como uma atividade cultural é ao mesmo tempo considerada uma maneira de fazer política e de comunicar valores morais. O termo política refere-se tanto ao exercício do poder por meio das práticas do Estado até as mais simples interações humanas (Shanks; Tilley, 1987). Com base nisso, Johnson (2000, p. 208) afirma que “tudo o que fazemos e dizemos é, em certo sentido, político”, inclusive quando escolhemos a temática a ser pesquisada e subsidiada pelo Governo por meio da Universidade.

Consequentemente, a produção de um texto arqueológico deve ser entendida como uma prática significativa que atribui sentido ao passado, dado que a linguagem e a escrita são meios transformadores de interação com o mundo. Assim, a escrita deve ser considerada como um meio que emerge da relação do(a) arqueólogo(a) com o artefato e seu contexto, bem como da relação do(a) pesquisador(a) com o público. Afinal, a linguagem é um fenômeno social, e a escrita, como componente do trabalho arqueológico, deve ser vista e teorizada como uma produção social e um discurso carregado de significado que gera conhecimento (Shanks; Tilley, 1987). Para produzir conhecimento sobre a visão de mundo das pessoas do passado, o campo da Arqueologia Histórica mostra-se como uma vertente rica em informações contextuais, pois lida com fontes documentais e dados etno-históricos (Johnson, 2000).

Em termos gerais, a Arqueologia como ciência humana vai além da mera coleta e descrições de artefatos, pois assume um papel de ciência crítica que produz interpretações sobre a sociedade em que a cultura material está inserida (Orser, 1996). Portanto, esta disciplina não deve ser considerada como uma simples “auxiliar da documentação escrita e da ciência da História, pois a cultura material pode não só complementar as informações textuais, como fornecer informações [...] não disponíveis e até mesmo confrontar-se às fontes escritas”

⁹ Tradução da citação de Shanks e Tilley (1987): O passado, então, já passou; não pode ser recapturado em si, revivido como objeto. Ele só existe agora em sua conexão com o presente, na prática presente da interpretação (1987, p. 26, tradução da autora da tese).

(Funari, 2002, p. 1). É nesse cenário que se inserem os documentos históricos, os quais são entendidos como ‘artefatos’ produzidos de maneira consciente (Orser, 1996). Partindo disso, as tendências historiográficas e o gênero literário passam a fornecer quadros discursivos sobre o passado, servindo de contexto histórico para o estudo arqueológico da sociedade moderna, contribuindo para uma melhor compreensão das suas transformações (Funari, 2002).

Segundo Funari (1996), com o avanço das pesquisas surgiram novos conceitos e enfoques na área da Arqueologia Histórica, abordando desde as questões epistemológicas, passando pela pluralidade da cultura material e das representações das identidades modernas até chegar no enfoque da Arqueologia Feminista. Funari (1996) enfatiza também que os estudos de Orser e Fagan (1995) mostraram a abrangência de assuntos que podem ser tratados por esta disciplina, destacando suas definições, histórias, sítios, artefatos, noções de tempo e espaço, prospecções, trabalho de campo, teorias explicativas e dimensão política desta área de pesquisa. Orser, em sua obra intitulada *A Historical Archaeology of the Modern World*, publicada em 1996, inaugurou inclusive um modelo interpretativo considerado inovador ao propor um estudo interdisciplinar da cultura material do capitalismo.

De acordo com Orser (1996), a vida moderna recebe influência de quatro termos indissociáveis ou da “presence of the haunts”: o colonialismo, o eurocentrismo, o capitalismo e a modernidade, todos ligados à expansão europeia, considerados “assombrações” da Era Moderna que afetam o passado de maneira multifacetada. Partindo disso, os artefatos passam a ser entendidos como mercadorias voltadas para a troca comercial que estão ligados, de maneira parcial, ao capitalismo, o qual transformou e imprimiu especificidades ao mundo moderno (Orser, 1996; Funari, 1996).

Em linhas gerais, o estudo da cultura material possibilita ir além dos quadros estritos da historiografia, como, por exemplo, admite tratar de temas que foram desconsiderados por muito tempo pela documentação, como foi o caso da vida cotidiana (Funari, 2002). A respeito disso, Rambelli citando Funari (1998, 1999) afirma que:

[...] a Arqueologia pode — e deve — ‘ouvir’, através da análise e interpretação da cultura material, as vozes caladas — ou pouco pronunciadas — das pessoas comuns em seus cotidianos, dos oprimidos, enfim dos excluídos do processo elitista de construção da História Oficial (2003, p. 24).

Dentro dessa perspectiva, as narrativas dos sergipanos sobre o período bélico revelam de maneira clara as nuances da construção da História. Esta não deve se restringir apenas aos grandes feitos heroicos de políticos e militares; é essencial que também inclua as ações e

reações da população, que, embora seja a maioria na realidade, frequentemente aparece como minoria nos livros, pois suas histórias são pouco abordadas. Exemplos disso são os relatos dos sobreviventes dos naufrágios, as experiências das comunidades litorâneas que auxiliaram os náufragos e colaboraram com as autoridades no enterramento das vítimas, as manifestações populares contra os torpedeamentos e as mudanças na paisagem de Aracaju durante a preparação para a guerra, entre outros enfoques históricos.

No tocante à análise da cultura material por meio dos métodos arqueológicos, ela tem possibilitado aos estudiosos conhecer as tensões sociais refletidas no cotidiano da sociedade (Funari, 2002); como consequência disso, surgiram inúmeras críticas quanto aos “[...] modelos normativos de cultura, cujos pressupostos de homogeneidade social não parecem encontrar respaldo nem nos estudos da cultura material, nem na teoria social contemporânea” (Funari, 2002, p. 3). Nos últimos anos, vários(as) pesquisadores(as) têm demonstrado em seus trabalhos a importância do diálogo através da interdisciplinaridade e a importância da multiplicidade de temas. As pesquisas têm apresentado cada vez mais uma variedade de interesses e sujeitos em confrontos, como, por exemplo, agentes sociais como as mulheres e os grupos étnicos que começaram a ser introduzidos nas pesquisas, além das diferentes ideologias presentes na sociedade. Desse modo, podemos afirmar que o aspecto central desta disciplina passou a ser a pluralidade e a heterogeneidade que existem nas sociedades tanto do presente como do passado (Funari, 2002).

De acordo com Orser (1992, p. 9), as pesquisas podem englobar o estudo do patrimônio material de comunidades concretas e ressaltar não só as práticas cotidianas, mas também os “sonhos e imaginação [...] do fazer e do viver de uma sociedade”. Afinal, “nada melhor do que o mundo material que nos envolve, para compreender a sociedade, suas transformações e conflitos”. Nesse contexto é importante destacar que a Arqueologia Histórica, preocupada com a análise da sociedade, voltou sua atenção para as “[...] características materiais do capitalismo” (Funari, 2002, p. 1). Sendo assim, os temas contemporâneos mais estudados têm sido: as relações de poder, que podem ser percebidas através das ações de dominação e de resistência, conflitos de classes, desigualdades, colonizadores e colonizados e as formas econômicas e políticas daí geradas (Funari, 2002).

Os impactos da guerra em Aracaju refletem alguns dos temas mencionados anteriormente, como as dinâmicas de dominação e resistência presentes tanto no âmbito político quanto no social. É inegável que, durante a Segunda Guerra Mundial, as nações do Eixo buscaram impor seu domínio sobre outras nações, que mais tarde se tornaram Aliadas. Nesse cenário de confrontos e disputas pelo poder, todas as esferas da sociedade foram

mobilizadas. A população, em nome dos jovens reservistas, foi convocada para assumir tarefas militares, enquanto a produção industrial passou por transformações, voltando-se para o esforço de guerra. No contexto social de Aracaju, a repressão e a resistência se manifestaram nas perseguições enfrentadas por estrangeiros de ascendência alemã e italiana, que se viram obrigados a esconder suas identidades e culturas para evitar represálias.

Na década de 1990, os trabalhos dos arqueólogos latino-americanos e norte-americanos foram importantes para mudar a perspectiva e os conceitos da Arqueologia Histórica, a qual passou a ser vista como uma arqueologia mundial e global das sociedades históricas em vez de arqueologia do Novo Mundo (Funari; Cerqueira; Nobre, 2009). Os conceitos mais recentes destacam a importância de integrar vestígios materiais e fontes documentais para a análise de períodos pós-coloniais. Essas investigações visam examinar as transformações sociais e econômicas provocadas pela modernidade e pelo colonialismo, com ênfase nas experiências de grupos historicamente marginalizados. As abordagens contemporâneas também consideram a interação entre o patrimônio cultural e as identidades locais e globais, reconhecendo a complexidade das dinâmicas culturais e sociais na construção da memória coletiva e da identidade histórica.

Ademais, a disciplina passou a investigar o passado recentíssimo, focando por exemplo na temática das ditaduras na América Latina. Tal enfoque se insere em uma abordagem mais ampla denominada de “archaeology of supermodernity” conforme González-Ruibal (2008). Segundo Funari, Cerqueira e Nobre (2009), o foco dos estudos da supermodernidade tem como tema inicial a Primeira Guerra Mundial, a qual se caracteriza pela:

[...] devastação de seres humanos e objetos, e, por conseguinte, pela proliferação de sítios arqueológicos tais como campos de batalha, ruínas industriais, fossas coletivas e campos de concentração. Esta arqueologia da supermodernidade teria como compromisso não somente contar histórias alternativas, mas desvelar aquilo que a poderosa máquina supermoderna não quer que seja mostrado (2009, p. 21).

Segundo Lemos (2019), os estudos da violência se tornaram importantes a partir da Primeira Guerra Mundial, quando houve um aumento no número de guerras e destruição, portanto, de violações aos direitos humanos. “E a Arqueologia, por trabalhar com materialidades, pode e deve possibilitar, em relação a esses eventos, a construção de memórias e histórias subalternas (alternativas), que não estão presentes nos discursos oficiais e, se estão, são manipuladas e simplificadas” (Lemos, 2019, p. 130).

“In small things forgotten” (Deetz 1977), we find the voice of the subaltern, the Other, those who have no voice in the official records (slaves, women, blacks, the colonized). Archaeology, then, can also provide alternative accounts of supermodernity, by focusing on destruction and the abject, the less gentle face of the world we live in. I will outline three scenarios in which archaeology must produce an alternative narratives: 1) genocides and political killings; 2) wars that leave no documentary record or in which the memories are highly contentious; 3) the subconscious — or unconscious — in culture. (González-Ruibal, 2008: 248-249).¹⁰

Partindo dos cenários delineados por González-Ruibal (2008) sobre as produções de narrativas alternativas baseadas em pesquisas arqueológicas focadas na temática bélica, Lino e Funari (2013) informam que, dentro da Arqueologia Histórica, existe uma subárea chamada Arqueologia do Conflito e da Guerra, a qual tem se consolidado nas últimas décadas, refletindo o crescente número de pesquisas, especialmente em países de língua inglesa. Há inclusive uma variedade de termos para designar esse tipo de investigação, como, por exemplo: “arqueologia dos conflitos”, “arqueologia dos campos de batalhas”, “arqueologia militar”, “arqueologia dos combates”, entre outros. Dentre estes termos, a temática desta tese se encaixa na concepção da Arqueologia dos Campos de Batalhas, já que esta apresenta “íntimas implicações para com os aspectos militares envolvidos no conflito bélico” (Lino; Funari, 2013, p. 13). Segundo os autores, apesar de a concepção de campos de batalhas estar mais relacionada com a História, as investigações arqueológicas nesse tipo de sítio têm contribuído com importantes avanços para a História Militar.

Carman (2005), citado por Lino (2011, p. 4), afirma que para obter um melhor gerenciamento dos bens culturais bélicos, é preciso entender os campos de batalhas sob dois pontos de vista: primeiro “como local onde se desenrolaram conflitos bélicos”, e segundo “como lugar no presente que possuem depósitos arqueológicos e que foi reapropriado pelas populações atuais como ponto de evocação de memórias”. Nesse contexto, podem ser estudados os remanescentes materiais das guerras, sendo complementados pelas descrições da literatura especializada sobre o local investigado e o seu entorno.

Vale ressaltar que as batalhas devem ser bem definidas e os campos de batalhas classificados como lugares na paisagem (Lino; Funari, 2013). Pensando no contexto

¹⁰ Tradução da citação de González-Ruibal (2008): “Nas pequenas coisas esquecidas” (Deetz 1977), encontramos a voz do subalterno, do Outro, daqueles que não têm voz nos registros oficiais (escravos, mulheres, negros, colonizados). A arqueologia, então, também pode fornecer relatos alternativos da supermodernidade, concentrando-se na destruição e no abjeto, a face menos gentil do mundo em que vivemos. Vou delinear três cenários nos quais a arqueologia deve produzir narrativas alternativas: 1) genocídios e assassinatos; 2) guerras que não deixam registro documental ou cujas memórias são altamente contenciosas; 3) o subconsciente — ou inconsciente — na cultura (2008, p. 248-249, tradução da autora da tese).

sergipano, os ataques bélicos podem ser situados na Batalha do Atlântico Sul e o campo de batalha se situa entre o litoral sergipano e baiano, abrangendo tanto o ambiente submerso como o emerso. No ambiente submerso estão os restos dos navios mercantes afundados que formam os sítios de naufrágios, e no ambiente emerso, na região praiana de Aracaju, onde chegaram os destroços e os corpos, encontram-se os dois Cemitérios do Náufragos, onde foram enterradas as vítimas militares e civis dos torpedeamentos.

A “archaeology of supermodernity” e a “archeology of the contemporary past” focam na investigação e interpretação dos vestígios materiais da sociedade atual, abordando eventos recentes e contemporâneos, como os torpedeamentos alemães contra navios brasileiros ocorridos há 82 anos durante a Segunda Guerra Mundial, que deixaram seus “rastros” materializados tanto em terra quanto no mar. De acordo com Buchli e Lucas (2001), “archeology of the contemporary past” é uma área de estudo que aborda o presente como um objeto legítimo de investigação arqueológica, analisando microeventos recentes e suas repercussões sociais, econômicas e culturais, exemplificadas aqui pelas consequências dos torpedeamentos ocorridos em Sergipe.

Nota-se que este campo de pesquisa amplia a definição tradicional de Arqueologia, reconhecendo que a disciplina não precisa se limitar ao estudo do passado, mas pode ser aplicada como um modo particular de investigação do presente, sendo inclusive considerada também como uma “archeology of the future”. Nesse sentido, percebe-se que as temporalidades dos acontecimentos se encontram interligadas e se conectam mutuamente.

Em outras palavras, a concepção de tempo linear e unidirecional, que foi tradicionalmente adotada pela Arqueologia, é questionada e repensada na Arqueologia do Passado Contemporâneo. Dessa maneira, este viés lança a proposta de uma compreensão mais complexa e interconectada do tempo, na qual passado, presente e futuro estão entrelaçados de maneiras dinâmicas e mutuamente constitutivas (Thiesen; Pouquet, 2018). Conforme Buchli e Lucas (2001, p. 13), essa perspectiva constitui uma “archaeology of the future and social possibility rather than of the past and social facticity; one that is constitutive of the present as much as any other contemporary materialising practice such as architecture or design among others”.¹¹

O conceito de “archeology of the future” envolve a materialização das histórias no presente, revelando-as a partir de vestígios esquecidos do passado para destacar sua relevância

¹¹ Tradução da citação de Buchli e Lucas (2001) : “arqueologia do futuro e da possibilidade social, em vez do passado e da facticidade social; aquela que é constitutiva do presente tanto quanto qualquer outra prática materializadora contemporânea, como a arquitetura ou o design, entre outras” (2001, p. 13, tradução da autora da tese).

para a sociedade contemporânea. Este processo vai além de simplesmente ilustrar a história, ele busca trazer entendimento e consciência. No contexto de Sergipe, esse "futuro materializado" é exemplificado pelo Projeto do Memorial dos Náufragos de Sergipe (ver ao final do Capítulo 5), o qual pretende resgatar e narrar as histórias negligenciadas da guerra por meio de uma instituição oficial. Este memorial utilizará os conhecimentos gerados por esta tese e os resultados do *Projeto Segunda Guerra Submersa*, que foca em recuperar essas narrativas a partir dos restos dos navios torpedeados, considerados como parte do Patrimônio Cultural Brasileiro.

Neste cenário, a Arqueologia do Passado Contemporâneo torna-se essencial, especialmente face aos resquícios das ideologias nazifascistas da época da guerra, que ainda se fazem presentes em vários países com o recente fortalecimento da extrema-direita. Assim, acredita-se que as pesquisas arqueológicas possam ser uma ferramenta eficaz e poderosa para combater essas ideologias criminosas, especialmente ao focar no “Dark Heritage” ou “Patrimônio Sombrio” (Mushynsky, 2021).

Mushynsky (2021), em sua pesquisa recente, analisou o papel das cavernas como áreas de defesas cársticas, nas Ilhas Marianas, no Pacífico, durante a Segunda Guerra Mundial. A autora investigou a cultura material deixada por civis e militares que usavam esses espaços para diversas funções, como postos de comando, hospitais, abrigos, posições de combate e unidades de armazenamento. Ela caracterizou essas defesas cársticas como locais de “herança sombria”, refletindo a alta mortalidade do período, e também como “herança compartilhada”. Mushynsky (2021, p. 13) definiu o “dark heritage” da seguinte maneira: “the oral histories, memories and [...] dark heritage places are those that are associated with death, disaster and atrocity”.¹²

A autora destacou que esses locais, associados a mortes e a atrocidades, representantes do "patrimônio sombrio", podem evocar sensibilidade, contestação, rejeição ou até negação. Além disso, a "herança sombria" carrega um peso político significativo e pode tornar-se objeto de controvérsias, como ocorre com os campos de concentração de Auschwitz, na Polônia. Todas essas tensões tendem a ser mais intensas nos conflitos recentes, como na Segunda Guerra Mundial, considerado um período de tempo ainda impregnado na memória viva (Mushynsky, 2021).

Ademais, Mushynsky (2021, p. 13) enfatiza que os “archaeologists have an ethical responsibility to address the potential trepidation that may arise and the political

¹² Tradução da citação de Mushynsky (2021): “as histórias orais, memórias e locais de patrimônio sombrio são aqueles associados à morte, desastre e atrocidade” (2021, p. 13, tradução da autora da tese).

consequences of studying and revisiting painful pasts”.¹³ Dado o contexto, as investigações arqueológicas focadas nas experiências da última Grande Guerra, tornam-se urgentes, dado que os "personagens históricos" envolvidos estão envelhecendo e muitos podem falecer sem relatar ou compartilhar suas histórias e experiências do período bélico. Essas memórias são essenciais como ferramentas para combater o ressurgimento de ideais nazifascistas, mantendo viva a recordação dos eventos e suas consequências dolorosas.

Portanto, esta tese representa um avanço significativo ao realizar uma pesquisa inovadora focada na identificação, descrição e análise da cultura material emersa, além da busca pela localização dos sítios submersos dos torpedeamentos. Isso inclui os restos dos navios brasileiros afundados pelos alemães entre os litorais de Sergipe e da Bahia durante a Segunda Guerra Mundial, bem como outras materialidades relacionadas, como as estruturas cemiteriais e a boia do navio Araraquara, entre outros vestígios do período.

É importante evidenciar que os locais dos naufrágios e os dois Cemitérios dos Náufragos constituem esse "patrimônio sombrio" da época bélica. Documentos oficiais e particulares, bem como relatos orais também integram essa "herança sombria compartilhada". As investigações sobre a cultura material e imaterial buscam revelar histórias esquecidas por décadas, demonstrando seu potencial como geradoras de conhecimento e empatia, apesar das associações dolorosas de ambivalência e desconforto que elas trazem para o presente. Assim, mais do que uma simples "descoberta", esta pesquisa pode ser vista como uma abertura, ocupando um espaço "intermediário" ou um tempo iterativo: uma arqueologia do futuro e da possibilidade social, em contraponto ao passado e à facticidade social. Trata-se de uma prática que molda o presente tanto quanto qualquer outra manifestação material contemporânea (Buchli; Lucas, 2001, p. 13).

Portanto, o propósito desta tese é conduzir pesquisas *in situ* para recuperar histórias através da materialidade e de suas representações em fontes imagéticas, documentais e audiovisuais. O objetivo é rememorar eventos trágico-navais ainda pouco conhecidos pelo público local e nacional, e também prestar homenagem às vítimas que pereceram e às vítimas que sobreviveram aos ataques de guerra. Além disso, os conhecimentos gerados por esta pesquisa fornecerão subsídios para o desenvolvimento do projeto arquitetônico do Memorial dos Náufragos de Sergipe (MENSE), elaborado pelo arquiteto Ezio Déda, financiado pelo Governo do Estado de Sergipe, que será erguido ao lado do Cemitério dos Náufragos para

¹³ Tradução da citação de Mushynsky (2021): “Os arqueólogos têm a responsabilidade ética de abordar a potencial apreensão que pode surgir e as consequências políticas de estudar e visitar passados dolorosos” (2021, p. 13, tradução da autora da tese).

fomentar o reconhecimento e a valorização das histórias desse período bélico por meio de um monumento estadual voltado para a conscientização da população.

Dessa forma, reitero que foi essencial desenvolver uma tese fundamentada na Arqueologia do Passado Contemporâneo, visando “creating the future by being actively engaged in the materialisation of the present” (Buchli; Lucas, 2001, p. 9).¹⁴ Afinal, é necessário transcender a noção de “presente ausente”, na qual eventos históricos como os torpedeamentos estão materialmente presentes (cemitérios dos naufragos, a toponímia da Rodovia dos Naufragos, a boia do navio Araraquara e os restos dos navios afundados), mas ausentes na memória coletiva tanto da população local quanto nacional. Após essa contextualização e discussão teórica a respeito dos objetos de pesquisa, é necessário apresentar brevemente como esta tese está dividida.

O **Capítulo 1**, intitulado “Teorias Arqueológicas: Reflexões e Aplicações no Contexto Bélico Sergipano”, delinea os fundamentos teóricos percorridos pela pesquisa, centrando-se na Arqueologia de Ambientes Aquáticos, com ênfase na Arqueologia Subaquática. Essa abordagem foi primordial para as expedições do *Projeto Segunda Guerra Submersa*, cujo objetivo foi localizar os destroços dos navios torpedeados: Baependí e Aníbal Benévolo. Além disso, destaca-se a relevância naval da cidade de Aracaju durante a guerra, evidenciando particularmente o navio Aníbal Benévolo, considerado simbolicamente como um navio sergipano. Nesse contexto, a capital de Sergipe, desenvolvida pela sua proximidade com o mar, tornou-se a “porta de entrada para a Segunda Guerra Mundial” em agosto de 1942, quando vestígios, destroços, objetos, corpos e sobreviventes chegaram às praias sergipanas. Em uma dessas praias, foi construído, inclusive, o Cemitério dos Naufragos, destinado ao sepultamento das vítimas da época bélica. O capítulo é finalizado apresentando brevemente as “Arqueologias” da Repressão, do Conflito e da Guerra aplicadas ao contexto sergipano na época dos torpedeamentos navais.

O **Capítulo 2**, nomeado “Manobras Livres do Submarino U-507: Agressões Alemãs Contra o Navio Baependí”, concentra-se nas ações do *U-Boot* contra sua primeira vítima, detalhando o ataque do torpedeamento contra essa embarcação mercante, que transportava civis e militares em uma rota de cabotagem brasileira. Foram examinados a rota, o perfil dos tripulantes e passageiros, as cargas transportadas e a descrição do próprio naufrágio. A cultura material náutica também foi explorada, destacando-se as baleeiras que chegaram vazias e outras que trouxeram sobreviventes. Ademais, é analisado um documento de um sergipano

¹⁴ Tradução da citação de Buchli e Lucas (2001): “criar o futuro estando ativamente empenhados na materialização do presente” (2001, p. 9, tradução da autora da tese).

que arriscou sua própria saúde e vida no esforço de resgate das vítimas. A conclusão do capítulo dá-se pela apresentação de alguns relatos dos poucos sobreviventes, com ênfase nas histórias familiares, destacando-se a única mulher sobrevivente, a Sra. Vilma Castelo Branco, e a impactante narrativa de um militar cuja perda da esposa e filho foi amplamente divulgada pela imprensa nacional da época, evidenciando, assim, a devastação pessoal causada pelos ataques nazistas na costa sergipana.

O **Capítulo 3**, intitulado “A Boia Salva-Vidas Socorreu Algum Náufrago? Torpedeamento do Vapor Araraquara”, explora o ataque ao navio, voltando-se para a análise da cultura material envolvida, como as baleeiras, os destroços que funcionaram como “equipamentos salvadores improvisados” e a boia do navio Araraquara. Esta última foi considerada como o único vestígio remanescente dos torpedeamentos, que atualmente se encontra exposta no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). O capítulo também apresenta relatos dos poucos sobreviventes, com um olhar particular sobre a materialidade dos corpos, ou seja, dos biofatos representados por meio de fotografias. Nesse contexto, é destacado o trágico caso da família da Sra. Alaíde Cavalcante, que perdeu seu esposo e seus três filhos. Por fim, é relatada a história da Sra. Virgínia Auto de Andrade, uma passageira que foi vítima fatal do naufrágio do Araraquara e que teve seus pertences furtados, episódio que gerou grande repercussão na sociedade sergipana da época.

O **Capítulo 4**, nomeado “Aníbal Benévolo: o Navio Simbolicamente Sergipano”, analisa o ataque ocorrido em plena madrugada contra esta embarcação mercante, que estava transportando diversos sergipanos para Aracaju. O capítulo detalha as características do navio e a rota seguida no dia do ataque, apresentando, também, uma descrição detalhada do perfil da tripulação e dos passageiros, com especial atenção à presença feminina, homenageando suas memórias. Além disso, foram destacadas manchetes jornalísticas que enfatizaram o torpedeamento e suas consequências trágicas devido à morte de várias crianças. O capítulo é concluído apresentando os depoimentos dos quatro únicos sobreviventes do naufrágio do Aníbal Benévolo, incluindo o do comandante Henrique Jacques Mascarenhas da Silveira.

O **Capítulo 5**, intitulado “Torpedeamentos Navais de 1942 em Foco: *Projeto Segunda Guerra Submersa*”, explana os conhecimentos arqueológicos gerados por este Projeto aprovado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). São detalhados os resultados da primeira e da segunda expedição sonográfica e arqueológica, realizadas entre 2023 e 2024, as quais ofereceram contrapontos aos dados das fontes escritas. Além disso, discute-se hipóteses sobre as possíveis localizações dos destroços dos navios torpedeados, propondo métodos para alcançar esse objetivo. O capítulo é concluído

apresentando a descrição dos produtos resultantes do desenvolvimento da pesquisa, os quais ajudaram a disseminar essas narrativas da guerra no contexto local e nacional. Entre os produtos, incluem-se palestras em instituições públicas, reportagens em jornais de circulação nacional e na TV local, além da realização de cursos de mergulho para capacitação da equipe, finalizando com uma breve exposição do Projeto Memorial dos Náufragos de Sergipe (MENSE).

CAPÍTULO 1 - TEORIAS ARQUEOLÓGICAS: REFLEXÕES E APLICAÇÕES NO CONTEXTO BÉLICO SERGIPANO

Uma das principais abordagens teórico-metodológicas que nortearam esta tese de doutorado foi a Arqueologia de Ambientes Aquáticos, a qual possibilitou analisar a temática dos torpedeamentos sob uma perspectiva diferente da tradicional “terrestre”, ou seja, uma abordagem “subaquática”. Esta escolha permitiu um mergulho literal nas águas do Atlântico Sul em busca dos vestígios dos naufrágios remanescentes da Segunda Guerra Mundial. Partindo dessa premissa, seguimos o caminho da pesquisa à luz da Arqueologia, porém na sua versão “molhada”, conforme descrita assim pelo pioneiro desta abordagem no Brasil, o arqueólogo Gilson Rambelli (1998, 2002, 2003, 2004, 2016).

Esta perspectiva permitiu uma nova interpretação dos diversos significados impregnados na cultura material do período bélico advinda dos torpedeamentos, que provocaram o afundamento das três embarcações mercantes brasileiras: Baependí, Araraquara e Aníbal Benévolo. Estes naufrágios ocorreram entre os litorais de Sergipe e da Bahia em 1942 e, com a passagem do tempo, seus destroços se transformaram em sítios arqueológicos submersos. Antes de discutir sobre a cultura material resultante desses episódios trágico-navais, é importante apresentar as definições e objetos de estudo que têm sido abordados pela versão “molhada” ou “úmida” da Arqueologia (Rambelli, 2003, 2016; Duran, 2008; Bava de Camargo, 2009; Calippo, 2010; Rambelli, 2016; Santos, 2020).

Para iniciar, apresentarei a seguinte afirmação de Rambelli (2003, p. 9), que esclarece a questão da dicotomia entre as versões da Arqueologia: “as diferenças existentes entre a pesquisa de um sítio arqueológico submerso e a de um sítio arqueológico localizado em superfície não justificam a necessidade de se falar em uma nova ciência, apenas exigem adaptações técnicas arqueológicas ao ambiente aquático”. Tal assertiva, já elucida as dúvidas em relação à questão da cientificidade da Arqueologia de Ambientes Aquáticos, a qual se constitui como mais um ramo da Arqueologia.

[...] a Arqueologia, que exige do arqueólogo o uso do equipamento de mergulho nos trabalhos de campo, é a mesma ciência que a Arqueologia que exige apenas o uso do chapéu, das botas e da calça jeans. Podemos então reafirmar que a Arqueologia — molhada ou não — é uma ciência social, que encontra sua sustentação teórica na própria teoria social (Rambelli, 2016, pp. 37 e 38).

No contexto contemporâneo, o termo “arqueologia dos ambientes aquáticos” (Duran, 2008, p. 76) é amplamente reconhecido e utilizado pelos arqueólogos(as) para descrever investigações que abrangem não apenas o ambiente submerso, mas também o estudo da cultura material emersa associada aos contextos investigados. Esta denominação engloba diversas vertentes, incluindo a Arqueologia Subaquática, a Arqueologia Marítima e a Arqueologia Náutica, cada uma delas focada em diferentes aspectos ligados ao ambiente aquático. O propósito dessa abordagem abrangente e flexível é fomentar debates que contribuam para o fortalecimento dos fundamentos teóricos da área, em vez de confiná-la a categorias rígidas. Por meio dessa interação, busca-se gerar conhecimento que evidencie as inter-relações dos meios aquáticos com as diversas sociedades através dos tempos e espaços (Duran, 2008).

[...] uma preocupação com a garantia de uma base sólida e compreensiva de discussão. Longe de enfraquecer qualquer dos campos relacionados com uma “arqueologia dos ambientes aquáticos”, essa postura contribui para o seu fortalecimento, na medida em que se preocupa com a formação de um corpo conceitual básico que possibilite e incentive a produção de conhecimento. Tal posicionamento não visa o estabelecimento de linhas estanques de discussão, algo que traria limitações ao processo de construção do conhecimento arqueológico almejado. Mais do que válidas, essas articulações são imprescindíveis para uma melhor compreensão das formas de interação entre os diferentes ambientes aquáticos e as inúmeras sociedades humanas ao longo do tempo e do espaço e, portanto, precisam ser realizadas (Duran, 2008, p. 76).

Dessa maneira, podemos afirmar que a Arqueologia de Ambientes Aquáticos dedica-se ao estudo sistemático, à localização precisa e à interpretação do contexto das culturas materiais submersas em mares, rios ou lagos, bem como às culturas materiais emersas associadas a esses ambientes pesquisados. Para compreender melhor o desenvolvimento desta vertente arqueológica “molhada”, é necessário retroceder mais de 60 anos e explorar brevemente a trajetória dessa disciplina promissora, tanto no âmbito internacional quanto no nacional.

A primeira linha de pesquisa a surgir foi a Arqueologia Subaquática, na década de 1960, a qual “segue rigorosamente os mesmos princípios da Arqueologia, utiliza os mesmo conceitos e terminologias, e emprega os mesmo métodos e técnicas” (Livro Branco, 1995, p. 6). O pioneiro desta abordagem subaquática foi George Fletcher Bass, que desenvolveu ferramentas específicas e adaptou diversos métodos e técnicas para esse ambiente (Rambelli,

1998, 2002, 2003, 2008, 2016; Bava de Camargo, 2002; Duran, 2008; Porto, 2013; Santos, 2020).

Segundo Rambelli (1998, 2002, 2003), esta abordagem tem como objeto de estudo a cultura material que se encontra submersa ou na interface do ambiente aquático, a qual possibilita reconstituir aspectos do passado e revelar riquezas históricas que estão encobertas pelas águas, como é o caso dos sítios de naufrágios sergipanos da época da guerra, que ainda são desconhecidos da maioria da população.

“Neste sentido, o fundo dos mares, rios e lagos, têm servido, desde sempre, como ‘arquivos’ de vestígios materiais da cultura humana que podem nos contar, [...] um pouco mais sobre as diferentes sociedades (presentes e passadas)”, segundo Duran (2008, p. 16). Além desses “arquivos” possibilitarem “revelar riquezas históricas”, eles também permitem saber mais sobre “atividades, comportamentos, valores e símbolos específicos dos grupos sociais que neles ‘viveram’ (independentemente de diferentes ‘tempos’ envolvidos nessa ‘vivência’)” (Duran, 2008, p. 16).

Rambelli (2016) destaca que, anteriormente ao mergulho científico, já se praticava uma exploração milenar por aventureiros que interagiam com materiais arqueológicos submersos, visando principalmente recuperar cargas de navios naufragados e materiais reutilizáveis em outras embarcações. Além disso, muitos mergulhavam com a intenção de descobrir tesouros perdidos para enriquecimento rápido.

Infelizmente, a mentalidade de "caça ao tesouro" ainda persiste, fato que dificulta a conscientização das autoridades e da população sobre a importância dos sítios arqueológicos submersos como Patrimônio Cultural Subaquático, uma herança coletiva que deve ser preservada, todavia, para isso precisa ser conhecida e reconhecida como tal para ser promovida (Livro Amarelo, 2004).

Diante desse contexto, os esforços da Arqueologia de Ambientes Aquáticos são primordiais, pois têm desempenhado um papel fundamental na aproximação entre a sociedade e o Patrimônio Arqueológico Subaquático. E é justamente através desse “elo entre o presente e o passado que será possível criar ações na sociedade atual, possibilitando a construção de ideias acerca da preservação, valorização e autorreconhecimento para com o patrimônio cultural subaquático” (Santos, 2013, pp. 28-29), contribuindo, assim, para a formação da identidade cultural brasileira (Rambelli, 2002, 2003, 2004, 2016).

Portanto, pode-se afirmar que os ambientes “úmidos” constituem locais de grande relevância para a preservação de patrimônios arqueológicos, essenciais na formação da identidade cultural brasileira. Por isso, requerem um maior engajamento das “instituições

gestoras e dos profissionais de Arqueologia e Meio Ambiente”, devido à sua significância histórica e cultural (Santos, 2020, p. 106).

Neste cenário, destaca-se a relevância do estudo dos restos dos navios Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo, que foram torpedeados entre os litorais de Sergipe e Bahia durante a guerra e, posteriormente, tornaram-se sítios arqueológicos de naufrágios. É importante salientar que essas estruturas náuticas integram o Patrimônio Cultural Subaquático Brasileiro, pois representam concretamente os eventos trágicos navais que envolveram o país no conflito global.

A trajetória da Arqueologia aplicada ao ambiente aquático no Brasil foi desenvolvida com excelência por Rambelli, como evidenciada em suas múltiplas pesquisas que vão desde o mestrado com a dissertação intitulada *A Arqueologia Subaquática e sua Aplicação à Arqueologia Brasileira: o exemplo do Baixo Vale do Ribeira de Iguape* (1998), que culminou no livro *Arqueologia até debaixo d'água* (2002), até sua tese de doutorado intitulada *Arqueologia Subaquática do Baixo Vale do Ribeira - SP* (2003), que resultou no livro *Arqueologia Subaquática em Cananéia* (2016), além de outras publicações relevantes, as quais têm contribuído significativamente para a divulgação desta área de pesquisa no âmbito nacional e internacional.

De acordo com Rambelli (1998, 2002), a década de 1940 marca o início da Arqueologia aplicada ao ambiente aquático como disciplina especializada, impulsionada pela invenção do *aqualung* por Jacques-Yves Cousteau e Émile Gagnan. Este equipamento de mergulho autônomo revolucionou as explorações subaquáticas. O primeiro esforço significativo nessa nova área ocorreu entre 1952 e 1957, na França, liderado por Cousteau e Fernand Benoit, resultando na recuperação de inúmeros artefatos, incluindo milhares de ânforas, embora hoje esse projeto seja visto mais como uma inovação técnica do que uma pesquisa científica.

A consolidação acadêmica veio com George Bass, que na década de 1960 fundou o *Institute of Nautical Archaeology* (INA), hoje um referencial mundial em Arqueologia na versão “molhada”. Bass foi um pioneiro que desafiou o desdém acadêmico da época que rotulava tais estudos como não científicos, enfrentando cortes de financiamento devido a essas percepções “agrocêntricas” equivocadas. Apesar das adversidades, seus trabalhos ganharam reconhecimento internacional, rompendo com a visão estereotipada dos “caçadores de tesouros” sobre os riscos e custos das pesquisas arqueológicas subaquáticas (Rambelli, 2003, 2008, 2016). Segue um trecho a respeito da primeira escavação completa realizada por George Bass:

[...] entre 1961 y 1964, em quatro temporadas de campo, Bass, al frente de un grupo del Museo de la Universidad da Pensilvania, realizó la primeira escavación completa bajo el agua, frente a la isla de Yassi Ada, en la costa occidental de Turquía. Este trabajo constituye uno de los puntos de arranque y consolidación de la Arqueología Subaquática. Asimismo, las técnicas existentes se mejoraron y otras nuevas fueron desarrolladas, de acuerdo a las circunstancias del sitio (Luna Erreguerena, 1982, p. 54 *apud* Rambelli, 1998, p. 22).¹⁵

Nos anos de 1970, Keith Muckelroy, influenciado pela corrente processualista, visando superar a abordagem histórico-culturalista, destacou a necessidade de um rigor teórico dentro da Arqueologia Subaquática, chamada por ele de *Maritime Archaeology*, a qual considerava “indisciplinada” (Rambelli, 2003, 2016). Ele definiu a Arqueologia Marítima como “o estudo científico dos restos materiais humanos e suas atividades no mar” (Muckelroy, 1978, p. 4), diferenciando-a claramente de outras abordagens, como a Arqueologia Náutica, focada na tecnologia naval (construção, tipologia e operacionalidade), e a Arqueologia Subaquática, que abrange pesquisas realizadas sob qualquer corpo d’água (Rambelli, 2003, 2016). As ideias pioneiras de Muckelroy ainda são consideradas fundamentais para a disciplina, servindo como um “farol solitário”, conforme destacado pelo arqueólogo Blot (1999). George Bass (2011) também corroborava com essa diferença ao afirmar que: “o estudo das culturas marítimas por meio da Arqueologia não é o mesmo que a Arqueologia Subaquática” (2011, p. 3).

Ao longo dos anos, a Arqueologia Marítima desenvolveu-se significativamente, fundamentada tanto pelas teorias Processuais quanto Pós-Processuais. Rambelli (2003) destacou teóricos influentes nesse campo, incluindo Gould e Murphy nos EUA, McGrail, Martin e Adams na Grã-Bretanha, McCarthy e Green na Austrália, e Elkin na Argentina, entre outros. No caso de McGrail (1998), ele redefiniu as limitações da abordagem de Muckelroy, ampliando a definição de Arqueologia Marítima para incluir o estudo do uso humano de todas as vias aquáticas, abrangendo rios, lagos e mares, e incorporando a Arqueologia Náutica (Rambelli, 2003, 2016).

Ao refletir sobre esse conceito ampliado pensando em Aracaju, esta capital pode ser considerada, em parte, como uma cidade marítima de acordo com o conceito de Muckelroy, já que foi construída no litoral justamente por causa da necessidade de possuir um porto em mar

¹⁵ Tradução da citação de Luna Erreguerena (1982, p. 54): Entre 1961 e 1964, em quatro temporadas de campo, Bass, à frente de um grupo do Museu da Universidade da Pensilvânia, realizou a primeira escavação completa sob a água, em frente à ilha de Yassi Ada, na costa ocidental da Turquia. Este trabalho constitui um dos pontos de partida e consolidação da Arqueologia Subaquática. Da mesma forma, as técnicas existentes foram aprimoradas e outras novas foram desenvolvidas, de acordo com as circunstâncias do sítio (tradução da autora da tese).

aberto que facilitasse o escoamento da produção. No entanto, nota-se que essa maritimidade não está presente nas práticas cotidianas da população atual, já que apenas uma minoria sobrevive das atividades realizadas no mar. Diante disso, pode-se afirmar, então, que o aracajuano é “culturalmente” mais ribeirinho do que litorâneo, costume esse, talvez, herdado da vivência interiorana, onde se localizava a primeira capital — São Cristóvão/SE.

Ao analisar a estrutura urbana de Aracaju, percebemos que a cidade historicamente se voltou mais para os rios do que para o Oceano Atlântico. Logo, podemos dizer que Aracaju cresceu “de frente para os rios e de costas para o mar”, se incluindo então no conceito de Arqueologia Marítima, elaborado por McGrail. A expansão urbana da capital em direção à região praiana é um fenômeno recente, e ainda hoje é possível encontrar praias pouco exploradas, lembrando a paisagem da época dos torpedeamentos navais.

Gibbins e Adams (2001) expandiram ainda mais o escopo da Arqueologia Marítima para incluir portos, terras submersas e assentamentos costeiros (Gibbins; Adams, 2001, tradução nossa). Com o tempo, ela foi se ampliando ainda mais, se aproximando inclusive “do ambiente — interdito, submerso e costeiro — e de suas fontes materiais: arqueológicas, históricas e etnográficas” (Adams, 2002, p. 328 *apud* Rambelli, 2003, p. 28).

No caso dos estudos dos sítios arqueológicos sergipanos da época bélica, seguindo esta abordagem, vale destacar que eles não se limitam apenas ao ambiente aquático — sítios de naufrágios —, eles englobam também o contexto emerso, como as praias onde foram encontrados os destroços dos navios junto às centenas de corpos das vítimas, incluindo o Cemitério dos Naufrágios, localizado à beira-mar, e outro construído posteriormente para homenagear as vítimas, além do Farol de Aracaju que fez parte desse contexto de guerra.

Duran (2008) destaca que, desde meados do século XX, influenciadas pelas ciências humanas, as investigações acadêmicas sobre temas ligados ao mar aumentaram significativamente, concentrando-se na interação entre o homem e o ambiente marítimo. Essa abordagem mudou inclusive a percepção do mar, que deixou de ser visto apenas “como mero pano de fundo para ações independentes” (Duran, 2008, p. 83). Segundo Diegues (1998), citado por Rambelli (2003), a maritimidade presente nas comunidades passou a ser entendida como um complexo de práticas econômicas, sociais e principalmente simbólicas, que emergem da relação única que os humanos estabelecem com o espaço marítimo, distinto do ambiente terrestre.

Considerando que, para Diegues (1998), a maritimidade (ou a ausência desta) é compreendida, em grande parte, pelo significado simbólico da relação das pessoas com o ambiente marítimo, é pertinente ressaltar que os sergipanos foram influenciados pelo

simbolismo do mar associado à época da Segunda Guerra Mundial. Aracaju foi diretamente afetada pelo conflito, sofrendo as consequências dos ataques praticados pelo submarino *U-507*, os quais provocaram, temporariamente, a suspensão das atividades portuárias, da iluminação pública e do sistema de sinalização marítima. Assim, procedeu-se à desativação do farol, configurando um blecaute defensivo como medida de proteção diante do cenário bélico.

A capital sergipana, que antes era apenas uma mera espectadora do conflito europeu, viu-se imersa nas consequências diretas da guerra, evidenciadas pela presença de corpos dilacerados nas praias e pelo medo de uma possível invasão submarina. Esses “traumas” ligados ao mar possivelmente perduraram no imaginário popular, influenciando a hesitação em desenvolver a região praiana, que só recentemente começou a ser explorada. O mar, portanto, manteve-se distante do cotidiano dos aracajuanos, a ponto de ser comum que as famílias possuíssem casas de veraneio a poucos quilômetros de suas residências principais.

À luz do exposto, é essencial apresentar o contexto “molhado” em que Sergipe está inserido, a fim de compreender as razões pelas quais seu litoral foi alvo de ataques nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Contudo, antes disso, torna-se imprescindível traçar um breve histórico da relação dos sergipanos, em especial dos aracajuanos, com o ambiente aquático.

1.1. Aracaju: cidade naval vítima da Guerra Submarina

Aracaju, capital de Sergipe, localizada no litoral nordestino, apresenta uma origem peculiar por ter sido planejada e fundada simultaneamente como cidade e capital em 1855, sob o decreto da lei provincial nº 473 de 17 de março. Diferentemente de outros municípios brasileiros que surgiram de maneira espontânea, Aracaju foi concebida especificamente para servir de sede da Província de Sergipe Del Rey, destacando-se como uma das primeiras capitais projetadas do país durante o Império (Chou, 2002; Araujo, 2011).

Segundo Diniz (2009), o mar foi um elemento determinante para a escolha da localização de Aracaju, concebida para ser uma cidade-portuária estratégica para o comércio e a administração. A localização geográfica foi primordial, unida aos interesses econômicos e políticos do período. Durante a época da fundação, houve uma tendência de priorizar cidades-porto em detrimento das cidades fortaleza, buscando, assim, facilitar o comércio (Souza, 2009).

Este planejamento inicial incorporou uma visão estratégica de desenvolvimento urbano, onde a cidade foi projetada em uma área demarcada por manguezais e terrenos pantanosos. A transformação dessa paisagem aquática em um espaço urbanizável exigiu extensos trabalhos de drenagem e aterro, enfrentando o desafio de mudar o ambiente natural para adaptá-lo às necessidades urbanas. Essa intervenção foi considerada uma luta contra a natureza, refletindo uma perspectiva antropocêntrica que prevaleceu durante o planejamento (França, 1999; Chou, 2002; Souza, 2011).

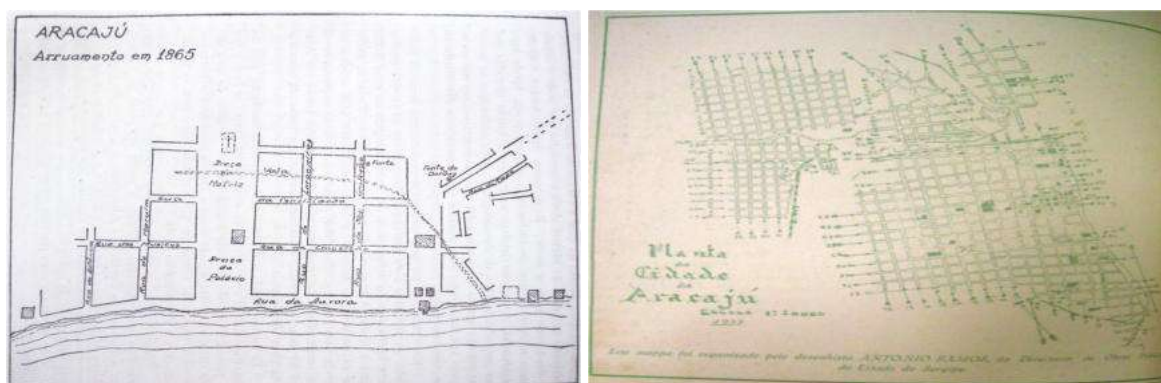
A estratégia de ocupação priorizou a planificação do centro urbano, construído no formato de um tabuleiro de xadrez idealizado pelo arquiteto italiano Sebastião José Basílio Pirro. Segundo Chou (2002), para viabilizar a implantação do plano ortogonal, já com as 32 primeiras quadras demarcadas, foi necessário realizar diversos aterros para nivelar a cidade e mitigar os efeitos das marés que tornavam a região inóspita. A escolha do traçado linear proposto por Pirro foi justificada tanto pela facilidade de execução em um ambiente adverso quanto pela pressa em concluir as obras. Contudo, o projeto de edificação da cidade, elaborado de maneira apressada, não permitiu tempo suficiente para um levantamento completo das condições locais, o que resultou em erros irremediáveis que provocam inundações até os dias atuais (IBGE, 2024).

O plano de ocupação da cidade, segundo França (1999), priorizou a região de planície para ser o centro da capital. Contudo, esta abordagem também assentou a cidade sobre uma base de fragilidade ambiental, com uma altitude variando entre dois a quatro metros. Aracaju, portanto, exemplifica o processo de urbanização enfrentado por diversas cidades litorâneas brasileiras, que passou por desafios semelhantes na adequação de seus territórios para o desenvolvimento urbano.

A capital sergipana começava a ser edificada nos moldes das cidades europeias, em formato semelhante a um tabuleiro de xadrez (Chou, 2002). Era um quadrado que se limitava ao centro administrativo e não apresentava complexidade aos modernos programas de ordenação urbana. Dessa maneira, a partir da região do atual centro, próximo à Colina do Santo Antônio, aterraram-se vastos manguezais para dar lugar às diversas ruas e edifícios públicos.

Os primeiros habitantes da capital enfrentaram o desafio de se adaptar ao clima quente e ao terreno aquático, uma vez que a cidade foi fundada em uma “ilha” rodeada por diferentes ambientes naturais, como praias, manguezais, pântanos e áreas inundáveis (Almeida, 2008). Durante as primeiras décadas, a cidade cresceu inflexível dentro do “Quadrado de Pirro”, a única exceção foi a famosa Rua da Frente (nomeada de Avenida Ivo do Prado) que teve seu

traçado diferenciado, ganhando uma curva que acompanhou o curso do rio Sergipe, criando assim uma bela paisagem da avenida central (Chou, 2002; Almeida, 2008).



Mapas 1 e 2 - Evolução urbana de Aracaju: Arruamento de 1865 (à esquerda) e Planta de 1933 (à direita).¹⁶

O *Mapa 1* apresenta o traçado urbano das primeiras ruas direcionadas às margens do rio Sergipe, evidenciando as duas primeiras praças: a do Palácio e a da Matriz. Por sua vez, o *Mapa 2* ilustra o crescimento e desenvolvimento da cidade em 1933, expandindo-se além do projeto inicial central, concebido em formato de tabuleiro de xadrez. A construção da capital, nesse período, representou um desafio de engenharia, diferente das cidades anteriores, que se moldavam às condições topográficas naturais.

No início do século XX, Aracaju experimentou um desenvolvimento significativo através de obras urbanas, incluindo a introdução de infraestruturas básicas como água encanada e eletricidade, transportes como bondes de tração animal e elétricos, rede telefônica, construções de escolas, bancos, edifícios públicos, entre outros. Essas melhorias atraíram investidores e estimularam a migração, contribuindo para o crescimento populacional da cidade (Souza, 2009; Diniz, 2009). Imigrantes de diversas nacionalidades, como alemães, italianos, portugueses, russos, austríacos, sírios, turcos, romenos, judeus e outros, se estabeleceram, enriquecendo o comércio e a indústria local (Barreto, 2005).

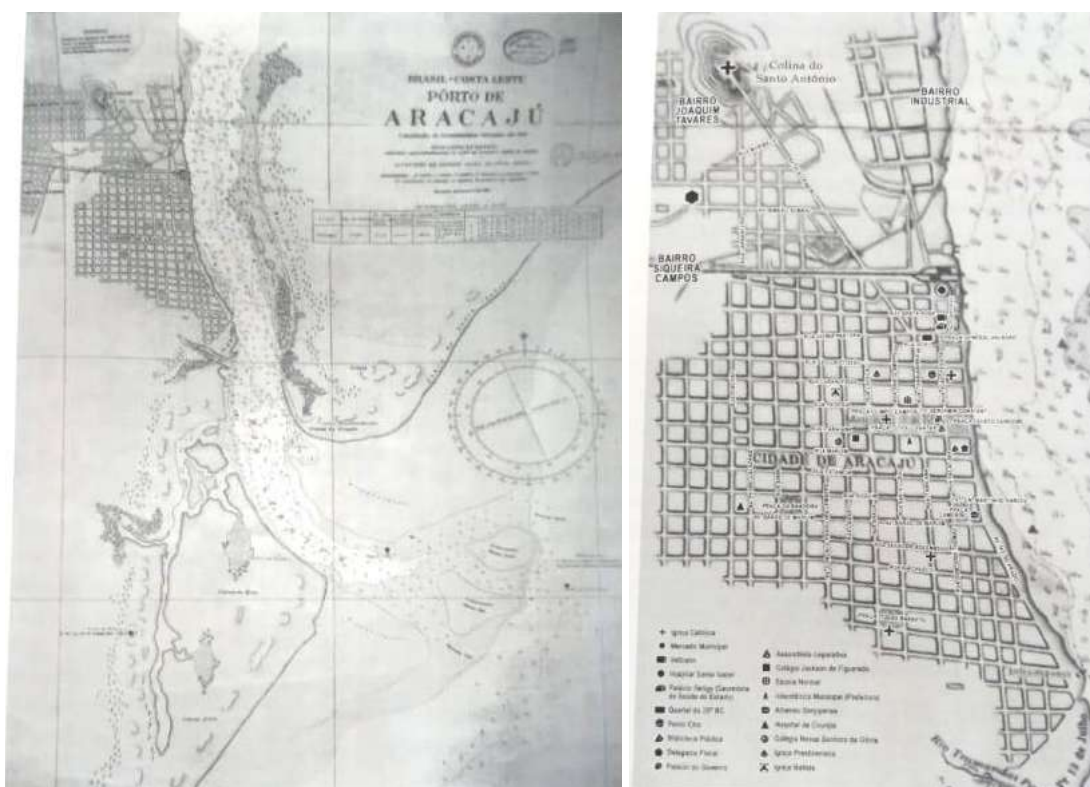
É importante destacar que durante a Segunda Guerra Mundial, a cidade esforçou-se especialmente contra descendentes de alemães e italianos, acusados de serem simpatizantes do Eixo e, portanto, considerados como "quinta-colunistas"¹⁷. Diante desse contexto de represálias, esses imigrantes foram compelidos a modificar seus costumes e a reprimir aspectos de suas culturas de origem. Alguns chegaram a alterar seus sobrenomes, seja

¹⁶ Fonte do Mapa 1: Revista de Aracaju, nº02, 1944. Fonte do Mapa 2: Barreto, Armando. Cadastro industrial, comercial e informativo de Sergipe, 1934. Disponíveis em: <http://aracajuantigga.blogspot.com/2011/03/aracaju-156-anos.html>. Acesso em: 10 mar. 2024.

¹⁷ Termo que caracteriza os inimigos camuflados que atuavam como sabotadores, espiões, propagandistas ou simples simpatizantes dos ideais do *Terceiro Reich* dentro da sociedade brasileira (Monteiro, 2013).

aportuguesando-os ou adotando o sobrenome do cônjuge, com o objetivo de evitar a identificação.

O rápido desenvolvimento e a chegada de novos habitantes impulsionaram um crescimento desordenado além do centro planejado, resultando na formação de áreas residenciais mais modestas nas periferias da cidade (Barreto, 2005). Essa expansão evidenciou o dinamismo e os desafios urbanos enfrentados por Aracaju no contexto de sua trajetória histórica e cultural (França, 1999).



Mapas 3 e 4 – Planta urbana geral de Aracaju, em 1945 (à esquerda), e mapa com indicação de logradouros e prédios (à direita). Fonte: Maynard (2021, p. 31 e 33).

Aracaju, a pequena capital sergipana, vivenciou um notável crescimento populacional e significativas transformações sociais na primeira metade do século XX. Inicialmente concebida como uma cidade portuária em 1855, Aracaju enfrentou desafios urbanísticos inovadores ao adaptar-se às demandas de uma capital em constante evolução. Segundo Cruz (2012), a expansão da cidade ultrapassou os limites do planejamento inicial durante os períodos republicanos, o conservadorismo oligárquico e a ditadura varguista. De acordo com Diniz (2009), a população praticamente dobrou, passando de 42.469 habitantes em 1924 para 59.031 em 1940.

Durante o Estado Novo (1937-1945), o regime político centralizador de Getúlio Vargas nomeou interventores federais, geralmente militares de confiança, para administrar os

estados. Em Sergipe, o Coronel Augusto Maynard Gomes foi indicado em 1942, marcando seu segundo mandato com uma fidelidade notória a Vargas e alinhando-se ao autoritarismo do Estado Novo. Nesse período, a prefeitura de Aracaju estava sob a gestão de José Garcez Vieira, genro de Maynard, exemplificando a política de compadrio característica da época, que infelizmente se estende até hoje (Costa, 2012).

A cidade era admirada por sua organização arquitetônica e atividades econômicas, incluindo a presença de comerciantes estrangeiros, que enriqueceram a diversidade cultural de Aracaju. No entanto, a cidade passou períodos de conflito, especialmente após os ataques nazistas de 1942, quando ocorreram os torpedeamentos, levando os estrangeiros e seus descendentes a serem perseguidos (Correio de Aracaju, 1942). A importância da navegação na vida dos aracajuanos, conforme Cruz (2012, p. 65), “[...] ocupou um papel central na sociedade [...] dos anos de 1940. Aliás, o mundo naval foi um elemento simbólico capaz de construir não só a cidade de Aracaju em 1855, mas também, contribuiu para a construção da identidade naval dos seus moradores”.



Figura 1 – Rua da Aurora, Aracaju, 1867. Fonte: Chou (2002, p. 16).¹⁸

A *Figura 1* apresenta uma vista de Aracaju ao longo do rio no final do século XIX. Observando-se a linha contínua de edificações à esquerda, nota-se que a maioria consistia em casas simples e térreas, com exceção de um único sobrado visível à distância. No lado direito, são visíveis algumas canoas em primeiro plano, enquanto ao fundo se encontra, aparentemente, um navio atracado no Trapiche Lima (Diniz, 2009).

Até a primeira metade do século XX, a navegação era essencial para grande parte dos brasileiros, sendo o principal meio de transporte utilizado para deslocamentos entre os estados. Em Sergipe, durante esse período, o sistema ferroviário apresentava baixa eficiência, e as rodovias interestaduais ainda não existiam. Dessa forma, a cidade mantinha uma estreita

¹⁸ Fotografia da Rua Aurora, Aracaju - SE. Fonte: Chou, José Walter Teles. *O espaço da cidade: uma análise crítica e interpretativa estudo de caso no centro de Aracaju*. Aracaju - SE, 2002.

relação com os navios, uma vez que a necessidade de um porto no litoral foi um dos principais fatores que motivaram a fundação da cidade. Conforme Cruz (2012, p. 67), desde a transferência da capital, teve início um “processo de invenção de uma cultura portuária que, mais tarde, se consolidou”.

O que era uma cultura portuária se transformou numa tradição naval. A fundação de Aracaju foi um legado da gestão do presidente Inácio Barbosa, mas a sua invenção enquanto uma cidade portuária foi um processo coletivo. Esse legado permaneceu vivo por gerações. O navio a vapor se tornou um personagem marcante da vida cotidiana de tal forma que era sempre saudado com alegria quando sua chaminé fumegava na entrada da barra e seu apito rouco anunciava mais uma ancoragem (Cruz, 2012, p. 68).

O navio Aníbal Benévolo, terceira embarcação a ser torpedeada e afundada na costa sergipana na época do conflito mundial, era considerada simbolicamente como “[...] um navio sergipano, aqui era o seu fim de viagem e as pessoas estavam acostumadas a vê-lo adentrar a boca da Barra e apontar na ponte do Lima” (Cruz, 1999, p. 35).

No entanto, fatores naturais, como a instabilidade da barra do rio Sergipe e a constante mobilidade dos bancos de areia, tornaram a navegação uma tarefa desafiadora, levando diversas embarcações a enfrentarem dificuldades ao adentrar o porto. De acordo com Gama e Martins (1985, p. 356), “a Barra de Aracaju sempre foi considerada perigosa [...]”, com várias embarcações encalhando e, em algumas ocasiões, perdendo-se entre os escolhos na entrada do porto. Ainda assim, a relação entre Aracaju e seu ambiente aquático moldou tanto a identidade da cidade quanto a de seus habitantes, ressaltando a relevância histórica e a interdependência da navegação, especialmente durante a década de 1940, período da guerra.



Figura 2 – Navio do Lloyd Brasileiro Aníbal Benévolo. Fonte: Site Brasil Mergulho.¹⁹

¹⁹ Navio Aníbal Benévolo. Disponível em: http://www.brasilmergulho.com.br/port/naufraios/navios/se/anibal_benevolo.shtml. Acesso em: 28 jan. 2024.

Durante a Segunda Guerra Mundial, as águas do litoral brasileiro, especialmente as de Sergipe, eram temidas pelos navegantes devido à presença de submarinos alemães e italianos no Atlântico Sul. Apesar dos riscos, a navegação era essencial para o transporte de mercadorias e de passageiros entre os estados, integrando assim a vida cotidiana da população. As águas sergipanas eram particularmente temidas, não só pela sua instabilidade geográfica, mas também pelos torpedeamentos frequentes ocorridos durante os anos de 1942 e 1943 (Cruz; Souza, 2009; Monteiro, 2013). Conforme a entrevista oral realizada por Cruz e Aras (2012) com um contemporâneo da guerra, o Sr. Eliseu Timóteo, a respeito do medo presente nesta época, ele recordou uma conversa que teve com um marítimo que trabalhou durante este período:

Eu conversei com um marinheiro velho nessa época. Conversei com ele aqui em Aracaju já de muito tempo. [...] Ele disse que: — Olha rapaz fui marinheiro na gestão da Segunda Guerra Mundial. Acontece que, quando a gente entrava aqui, nas águas de Sergipe, o navio, quando o capitão via algum movimento estranho, ele parava o navio e mandava todo mundo ficasse quieto e apagasse todas as luzes. Com medo de serem torpedeados. Ele disse que muitos companheiros dele foram mortos aí, nessa beira de costa (Cruz; Aras, 2012, p. 89).

Com base nas abordagens interpretativas da Arqueologia, é possível analisar não apenas os aspectos materiais e técnicos dos artefatos, como no caso das embarcações, mas também os elementos simbólicos, religiosos e místicos inerentes a essa cultura material naval (Porto, 2013). Assim, a investigação arqueológica sobre embarcações pode abranger uma análise multifacetada, envolvendo diversos aspectos relacionados à navegação da época. Afinal, a embarcação como espaço de vivência “[...] representa bem mais do que um meio de transporte, podendo significar o ‘lugar de trabalho’, ‘espaço de convivialidade’, ‘segundo lar’, ‘serviço à pátria’, enfim, ‘razão de ser’ dos tripulantes” (Cruz; Aras, 2012, p. 88).

Além disso, por meio de um estudo arqueológico com enfoque na “sensibilidade²⁰, é possível analisar as emoções e os sentimentos experimentados pelas pessoas que utilizaram as embarcações durante o período de guerra, em que os “nervos ficavam à flor da pele”, refletindo situações de medo, ansiedade, preocupação e temor. Segundo Rambelli (2003) citando Muckelroy (1987), o navio deve ser estudado a partir do olhar que o considera “como máquina, como elemento do sistema capitalista e como uma unidade social”, ou seja, como “palco de atividades sociais — vivas” (Rambelli, 2003, p. 89).

²⁰ Abordagem que se baseia na obra *Antropologia das Emoções* (Rezende; Coelho, 2010).

E, como estudiosos voltados para a questão social, devemos abordar os vestígios dos naufrágios buscando “ultrapassar o objeto arqueológico pelo objeto arqueológico, e entender melhor o ser humano que se encontra atrás dele” (Rambelli, 2003, p. 89). Afinal, as pesquisas com foco no estudo dos restos de embarcações devem levar em consideração que o sítio de “naufrágio é antes de tudo um fluxo de homens e objetos congelados em pleno movimento” (Blot, 1999, p. 46 *apud* Rambelli, 2003, p. 89).

Diante desse breve panorama sobre a relação dos aracajuanos com os ambientes aquáticos e da apresentação dos conceitos de Arqueologia Subaquática, Náutica e Marítima, que integram a Arqueologia de Ambientes Aquáticos — vertente adotada nesta pesquisa —, é importante destacar que essa abordagem permitiu uma compreensão mais aprofundada dos trágicos eventos navais envolvendo embarcações brasileiras, afundadas nas águas de Sergipe e Bahia durante a Segunda Guerra Mundial, como será discutido nos capítulos seguintes.

Vale lembrar que as agressões contra os navios mercantes Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo ocorreram de surpresa e de forma sucessiva, resultando, em menos de 24 horas, em mais de 500 mortes, o que gerou sofrimento, revolta e medo entre a população sergipana. Nas praias locais, foram encontrados tantos corpos espalhados que os cemitérios da então pequena cidade de Aracaju não puderam comportar todos os sepultamentos. Consequentemente, muitas vítimas foram enterradas nas próprias praias, em um local que posteriormente ficou conhecido como Cemitério dos Naufragos (Mello; Cerqueira, 2011, 2012; Porto, 2013; Rosa, 2015, 2016).

A *Figura 3* publicada no livro *Agressão*, em 1943, pela Imprensa Nacional, oferece uma visão parcial da magnitude dessa tragédia bélica. O registro fotográfico revela vários corpos dispostos diretamente sobre a areia, sem qualquer tipo de tratamento ou cuidado especial, exceto pela individualização das covas, que evidenciam algum respeito pela identidade das vítimas. Não há caixões, roupas ou flores, nem qualquer sinal de ritual cerimonial, o que sugere a pressa em realizar os sepultamentos, dada a dimensão do acontecimento. Contudo, é importante ressaltar que essa imagem retrata apenas uma fração do ocorrido, uma vez que, segundo fontes escritas, muitos corpos foram enterrados em covas coletivas (Rosa; Rambelli, 2020).



Figuras 3 a 5 – Cemitério dos Náufragos localizado na Praia de Aruana, onde foram enterradas várias vítimas dos atentados nazistas. Fontes: Agressão (1943) e Rosa (2015).





**Figuras 6 a 13 – Visita ao Cemitério dos Náufragos realizada no Dia de Finados, Aruana, Aracaju/SE.
Fonte: Rosa (2023).**

As *Figuras 4 e 5* foram capturadas durante a pesquisa oral realizada para minha dissertação de mestrado em 2015. A *Figura 5* ilustra a placa informativa anexada à cruz do cemitério, que ainda estava preservada naquele momento. Posteriormente, a partir da *Figura 6*, observam-se imagens registradas em 02 de novembro de 2023, no Dia de Finados. Na ocasião, realizei uma pesquisa oral com os moradores da região que visitavam os túmulos de seus entes queridos no Cemitério dos Náufragos, localizado em frente ao mar, na Praia de Aruana, em Aracaju/SE. Os registros fotográficos permitem observar as mudanças materiais ocorridas neste local ao longo dos anos, como a substituição da antiga cerca por um muro.

Além disso, a *Figura 7* evidencia o estado de deterioração da placa informativa ao longo do tempo, apresentando sinais de desgaste significativo, estando quebrada e quase ilegível.

1.2. Torpedeamentos de 1942 sob a luz da Arqueologia de Ambientes Aquáticos

As pesquisas arqueológicas em busca dos restos dos navios torpedeados e afundados em agosto de 1942 pelo submarino *U-507*, localizados entre as costas de Sergipe e Bahia, vêm se concretizando por meio do *Projeto Segunda Guerra Submersa*. Este projeto representa um desdobramento das investigações arqueológicas iniciadas por Otávio Porto (2010, 2013), e posteriormente aprofundadas pela autora da presente tese²¹, sob a orientação do Professor Gilson Rambelli, Coordenador do Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos da Universidade Federal de Sergipe (LAAA/UFS). O Projeto recebeu aprovação oficial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) pela Portaria Nº 25, de 28 de abril de 2023, e foi anunciado publicamente dia 02 de maio de 2023.

Todavia, antes de explanar os objetivos específicos do *Projeto Segunda Guerra Submersa* e as ações realizadas por meio das expedições em busca dos restos dos navios Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo, é importante fazer um breve histórico sobre a fundamentação teórico-metodológico advinda da Arqueologia de Ambientes Aquáticos, especificamente da Arqueologia Subaquática, a qual se fez presente em nossas pesquisas iniciais.

De acordo com Rambelli (2016), a Arqueologia Subaquática dedica-se ao estudo de sítios arqueológicos submersos, com destaque para os naufrágios, compostos pelos restos de uma ou mais embarcações afundadas. Ele afirma que, antes de qualquer intervenção em um sítio submerso, é imprescindível realizar um levantamento sistemático e direto da área. Esse levantamento visa “conhecer, observar, registrar, confirmar ou não as primeiras hipóteses, ou seja, é necessário tomar contato com o sítio ou sítios submersos, com suas condições de conservação e com sua localização. Esse processo de inventário detalhado dos sítios é conhecido como Carta Arqueológica” (Rambelli, 1998, p. 54).

Os métodos e técnicas utilizados pela Arqueologia Subaquática podem ser os seguintes: levantamento direto feito em círculos concêntricos, retângulos, triângulos

²¹ As pesquisas iniciais foram a Monografia de Graduação intitulada *Mar, Guerra e Monumentos em Sergipe sob o Olhar da Arqueologia Histórica* (UFS/2016) e a Dissertação de Mestrado intitulada *Sergipe no Contexto da Segunda Guerra Mundial (1942): Uma Abordagem da Arqueologia de Ambientes Aquáticos* (UFS/2015).

equiláteros, pêndulos, linhas direcionais, perpendicular ou por meio de trilateração, corredeiras etc., ou ainda aquele levantamento feito com propulsor ou planador puxado por barcos ou aquaplanos. Caso a profundidade seja superior ao limite de segurança do arqueólogo mergulhador a verificação do sítio poderá ser feita de forma indireta, através de levantamento geofísico utilizando sonar de varredura lateral, diagramador do subsolo marinho e magnetômetro de prótons. Outros equipamentos também podem auxiliar, como é o caso do eco-sonda e do ROV — Veículo Automático Operado por Controle Remoto (Rambelli, 1998, 2002, 2016).

Gibbins e Adams (2001) afirmam que os sítios de naufrágios são os mais numerosos e diversificados entre os sítios arqueológicos subaquáticos, caracterizando-se pela boa preservação resultante do evento deposicional, o que facilita a aplicação de metodologias investigativas padronizadas, independentemente do período ou local. Já Blot (1988, 1995), citado por Rambelli (2002), ressalta que as técnicas de escavação variam conforme a época e o contexto cultural, o que também se aplica às investigações subaquáticas, incluindo levantamentos, prospecções e escavações.

Rambelli (2016) argumenta que os sítios arqueológicos de naufrágios são particularmente valiosos para a Arqueologia, superando os sítios terrestres por duas razões principais. Primeiro, porque funcionam como “cápsulas do tempo”, que representam um microcosmo social “congelado em plena existência”. Segundo, porque a ausência de oxigênio e as condições anaeróbicas subaquáticas favorecem uma conservação superior da cultura material, embora essa preservação possa variar de acordo com as características de formação do sítio e as condições ambientais (Rambelli, 2003, p. 80).

Ademais, outra vantagem significativa dos sítios submersos é que grande parte do Patrimônio Cultural Subaquático ainda está fora do alcance do maior agente destruidor: o ser humano (Rambelli, 2002, 2006, 2016). No caso dos sítios de naufrágios resultantes de torpedeamentos, eles estão localizados em uma "área de sombra", uma região ainda não explorada por pesquisadores de Sergipe e da Bahia, o que os protege, em teoria, de intervenções humanas. Rambelli (2016) ilustra essas diferenças de conservação em um gráfico, comparando o estado de conservação dos materiais na superfície e embaixo d'água.

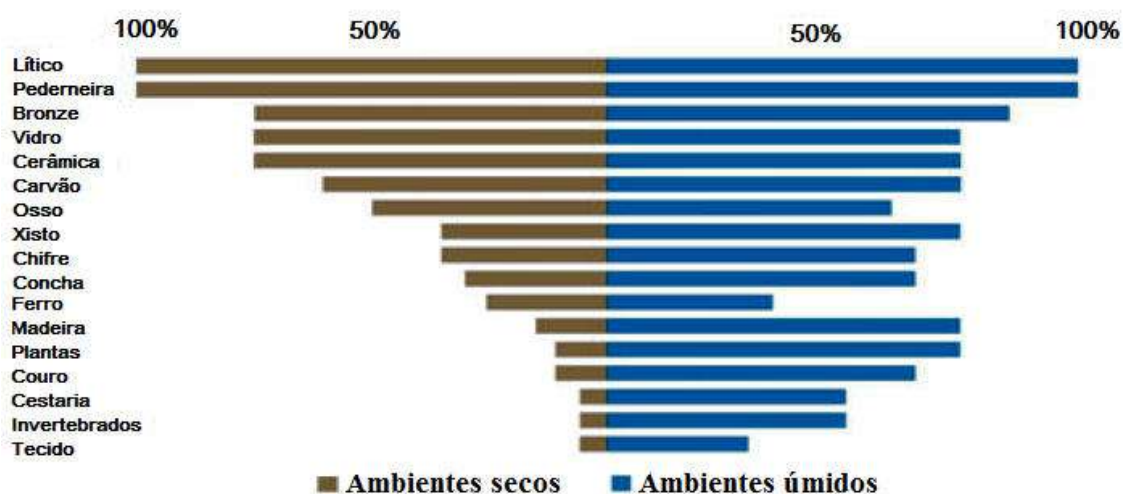


Gráfico 1 - Uma comparação da preservação de materiais em ambiente seco e ambiente úmido em sítios europeus. Fonte: Rambelli (2016, p. 24).²²

Ao analisar um naufrágio, é fundamental considerar fatores como o período histórico, a localização, os efeitos do tempo e da erosão (Rambelli, 1998, 2002, 2003, 2016). O levantamento de informações sobre estruturas e artefatos deve ser feito com métodos geofísicos, essenciais para delimitar o sítio, definir a orientação da embarcação e indicar possíveis áreas de escavação. O registro arqueológico rigoroso, por meio de metodologias adequadas, é imprescindível para preservar a informação, uma vez que os sítios arqueológicos são patrimônios "únicos e não renováveis" (Rambelli, 2002, p. 80; 2016, p. 83).

A investigação de um naufrágio pode incluir a análise da construção naval, tipologia, carga e rotinas da tripulação, assim como os itinerários das viagens. A pesquisa também pode abordar o próprio evento do naufrágio, investigando suas causas, dinâmicas, dispersão de carga e erosão ao longo do tempo (Rambelli, 2002, 2003, 2016). A abordagem arqueológica deve sempre adotar técnicas de investigação e registro apropriadas ao contexto específico. Documentos técnicos, conforme Garcia (2005), são fontes valiosas, fornecendo informações sobre a arte da construção naval, como os aspectos tipológicos, morfológicos e funcionais dos navios.

Segundo Rambelli (1998, 2002, 2003, 2016), a intervenção arqueológica subaquática exige uma metodologia estruturada. Primeiramente, deve-se realizar uma prospecção preliminar para mapear o sítio. Em seguida, áreas específicas são selecionadas para investigação com base em um planejamento sistemático. O registro completo do trabalho de campo deve incluir a observação da estratigrafia, localização precisa dos artefatos, avaliação

²² Gráfico desenvolvido pela *Nautical Archaeology Society – NAS* (1995). Fonte: Rambelli, Gilson. *Arqueologia subaquática em Cananéia*. Editora Prismas, 2016, p. 24.

de conservação e análise contextual dos materiais *in situ*, visando à produção de conhecimento a ser divulgado em publicações científicas.

Nos últimos anos, os estudos sobre sítios de naufrágios expandiram-se, reduzindo a ênfase nos aspectos técnicos das embarcações e focando nos navios como importantes empreendimentos sociais, de comunicação e comércio. Abordagens derivadas da Arqueologia simbólica, contextual e crítica passaram a considerar aspectos simbólicos, religiosos e místicos da cultura material associada a esses sítios (Rambelli, 1998, 2002, 2003). A adoção de teorias pós-processuais introduziu novas metodologias interpretativas, ligando os destroços aos navios e conectando dados empíricos a abstrações de alto nível, enriquecendo a compreensão desses contextos (Gibbins; Adams, 2001).

No Brasil, a situação dos sítios de naufrágios como Patrimônio Arqueológico Subaquático foi historicamente observada pela legislação. Desde a primeira Lei de Arqueologia de 3.924 de 1961, que não apresentava os sítios arqueológicos submersos como potenciais para a produção do conhecimento, esses sítios ficaram vulneráveis à exploração e ao comércio por empresas de caça ao tesouro. Até 1986, a Marinha do Brasil era a instituição responsável pela autorização e fiscalização das investigações nesses sítios, com uma distribuição de descobertas que favorecia desproporcionalmente os exploradores em detrimento da União (Livro Amarelo, 2004; Funari; Rambelli, 2007; Rambelli, 2002, 2016).

A primeira tentativa de pesquisa arqueológica subaquática sistemática em um naufrágio ocorreu em 1976, quando o arqueólogo Ulysses Pernambucano Neto liderou uma equipe de mergulhadores no estudo do galeão Sacramento, afundado em 1668, em Salvador, na Bahia. No entanto, essa iniciativa foi principalmente técnica, focada na recuperação de objetos para comprovar o naufrágio e ilustrar a vida a bordo (Funari; Rambelli, 2007). A exploração de sítios de naufrágios permaneceu dominada por caçadores de tesouros até a aprovação da Lei Federal 7.542 de 1986, que eliminou a prática de conceder 80% dos achados aos exploradores. Em 1989, finalmente, uma portaria interministerial entre a Marinha do Brasil e o Ministério da Cultura reforçou a proteção do Patrimônio Cultural Subaquático Brasileiro (Rambelli, 2016).

Durante a década de 1990, surgiu o projeto de mestrado do arqueólogo Gilson Rambelli, considerado o pioneiro da Arqueologia Subaquática no Brasil. Preocupado com a análise e interpretação da cultura material *in situ*, Rambelli embasou suas pesquisas em abordagens teórico-metodológicas já desenvolvidas internacionalmente (Rambelli, 2002, 2016). Seus estudos abrangeram vários sítios no Baixo Vale do Ribeira, incluindo um porto marítimo: ‘Porto Grande de Iguape’; um sítio de contato interétnico indígena/europeu: ‘Toca

do Bugio”; e um sítio pré-histórico: ‘Sambaqui do Prefeito’, demonstrando a diversidade da Arqueologia Subaquática além dos naufrágios, com estudos nestes últimos iniciando apenas após o ano 2000.

Podemos afirmar que Rambelli foi além das pesquisas científicas, empenhando-se na legitimação desta abordagem dentro da Arqueologia Brasileira como uma disciplina autônoma e preocupando-se também com a legislação sobre bens culturais submersos. Seus trabalhos servem de exemplo concreto de que há possibilidade de se fazer Arqueologia embaixo d’água e também mostram a viabilidade delas, contrariando, assim, o discurso das empresas de caça ao tesouro.

Depois dos trabalhos pioneiros de Rambelli, outros estudiosos passaram a desenvolver pesquisas abordando sítios arqueológicos em diferentes lugares e com contextos diversos, como, por exemplo, as dissertações e teses de Paulo Bava de Camargo (2002, 2009), Flávio Rizzi Calippo (2004, 2010) e Leandro Domingues Duran (2008), entre outros trabalhos recentes, incluindo as dissertações de Otávio Arruda Porto (2013), Luis Felipe Santos (2013), Márcia Jamille Costa (2013), Luana Batista Goulart (2014), Daniel Martins Gusmão (2015), Roberta Rosa (2015), Jane Viana de Carvalho (2017) e as teses de Luciana de Castro Novaes (2017) e Luis Felipe Santos (2020). O sucesso dessas investigações demonstra o potencial da cultura material subaquática na produção de conhecimento histórico, contribuindo para a construção da identidade nacional e refletindo sua diversidade.

No contexto da legislação brasileira, devemos ressaltar que ela não tem avançado em seus parâmetros legais em comparação com a produção científica. A Lei 10.166 de 27 de dezembro de 2000, vinculada às Normas Marítimas Nacionais, regula a execução de trabalhos em sítios submersos, mas não exige a realização de pesquisas arqueológicas e ainda permite a comercialização de bens culturais submersos que não sejam considerados de valor histórico, artístico ou arqueológico por uma comissão (Rambelli, 2002).

Essa legislação contraria vários documentos nacionais e internacionais importantes, como o artigo 216 da Constituição Federal de 1988, a Convenção da UNESCO de 2001, a Carta Internacional do ICOMOS de 1996, a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar de 1982 (ratificada em 1994), e também vai de encontro às recomendações da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB). A existência desta lei demonstra um atraso significativo em relação aos avanços das pesquisas arqueológicas, favorecendo os caçadores de tesouros por meio de influências políticas (Rambelli, 2002, 2016). A respeito dessa situação Santos (2020) afirmou que:

Essas incongruências legislativas demonstram o quanto são influentes, politicamente e economicamente, essas empresas exploratórias no nosso país. Como bem salientou o arqueólogo português Filipe Castro, “o negócio deles não é encontrar galeões com tesouros debaixo d’água, mas investidores ricos ou suficientemente estúpidos para lhes pagarem as contas” (Castro, 2005, p. 6). Portanto, no Brasil, é inegável a ideia de que muitas pessoas influentes têm interesse de que o patrimônio cultural subaquático continue em risco. Como foi discutido anteriormente, no nosso país, sempre foi uma elite que elegeu os bens que representariam a nossa identidade. Em vista disso, cabe abriremos o diálogo com a sociedade e expormos todos os prejuízos aos quais estamos sujeitos, como também oportunizarmos a participação dela na escolha de seus bens culturais (Santos, 2020, pp. 37-38).

Diante desse cenário, a lei mencionada anteriormente evidencia que o país está na contramão das práticas internacionais, ao permitir que nosso Patrimônio Cultural Subaquático, proveniente dos sítios arqueológicos submersos, seja explorado e destruído em benefício de uma minoria, os caçadores de tesouros. Esses grupos, através de suas influências políticas, conseguiram a aprovação oficial dessa lei que representa um retrocesso em relação aos avanços das pesquisas arqueológicas (Rambelli, 2002, 2016).

Diante desse contexto, os arqueólogos enfrentam desafios na defesa desse patrimônio, trabalhando com instituições como a Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Marinha do Brasil, lutando por leis que proíbam a exploração e comercialização desse patrimônio, que deve ser preservado como herança comum. Afinal, a população tem o direito de conhecer a História do seu povo que está encoberta pelas águas, mas que, infelizmente, está sendo constantemente destruída (Funari; Rambelli, 2007, 2016). Para combater a destruição do Patrimônio Cultural Submerso, Rambelli (2016) propõe a utilização da Carta Arqueológica, um instrumento que visa localizar, identificar e registrar sítios arqueológicos, criando mecanismos de gestão para a preservação dessa herança. Esse esforço é exemplificado no projeto "Carta Arqueológica Subaquática de Sergipe", que busca inventariar o Patrimônio Cultural Subaquático Sergipano (Rambelli, 2002, 2016).

As pesquisas arqueológicas em sítios de naufrágios não apenas reconstituem aspectos históricos, mas também revelam riquezas arqueológicas ocultas sob as águas. Em Sergipe, esses estudos são especialmente relevantes, pois destacam o papel significativo do estado na Segunda Guerra Mundial, uma história pouco conhecida pelos sergipanos(as) e brasileiros(as), que merece ser divulgada por meio da cultura material submersa e emersa da época. Os sítios arqueológicos de naufrágios Baependí, Araraquara e Aníbal Benévolo são

justificados pelo potencial que oferecem e pela importância histórica que representam. Além disso, por serem sítios relacionados à guerra e possivelmente conter restos humanos, poderão ser considerados túmulos de guerra (Porto, 2010, 2013; Rosa; Rambelli, 2020).

Até 2023, os sítios de naufrágios sergipanos da época bélica não haviam sido objeto de estudos da Arqueologia Subaquática destinados a identificar suas localizações e realizar pesquisas sistemáticas *in situ*. Nas últimas décadas, acreditou-se que as coordenadas geográficas obtidas de fontes bibliográficas e plotadas em cartas náuticas eletrônicas facilitariam a descoberta dos destroços desses navios. No entanto, como será discutido no Capítulo 5, essa expectativa não se concretizou devido a diversos fatores. Entretanto, uma vez localizado o primeiro sítio, há grandes possibilidades de encontrar os demais, permitindo a realização de pesquisas arqueológicas subaquáticas diretas em pelo menos dois desses sítios: Aníbal Benévolo e Baependí.

Conforme os dados iniciais de Porto (2013), os restos do navio Aníbal Benévolo estariam possivelmente a uma profundidade média de 20 metros, enquanto os destroços do Araraquara estariam entre 30 e 40 metros. A localização do naufrágio do Baependí, por sua vez, estaria a mais de 2.000 metros de profundidade (Porto, 2013). No entanto, os resultados das primeiras expedições do *Projeto Segunda Guerra Submersa* revisaram essas estimativas com base nos novos dados obtidos por meio do levantamento sonográfico. Segundo esses dados atualizados, os navios Aníbal Benévolo e Baependí estariam localizados a menos de 50 metros de profundidade, enquanto o Araraquara estaria a mais de 2.000 metros de profundidade.

Deste modo, a metodologia que poderá ser aplicada para fazer a prospecção da área nos sítios do Aníbal Benévolo e Baependí será o levantamento sistemático direto, realizado pelos(as) arqueólogos(as) mergulhadores(as), com a escolha do método dependendo das condições ambientais, como tipo de fundo, visibilidade e correnteza (Rambelli, 1998, 2002, 2016). No caso do Araraquara, devido à profundidade além do limite de segurança, a pesquisa *in situ* seria inviável, mas poderá ser conduzida indiretamente com veículos subaquáticos autônomos (ROV), equipados com câmeras e sensores para captar dados do fundo marinho (Rambelli, 1998, 2002, 2016).

Sobre a região geográfica onde esses navios afundaram, as fontes bibliográficas divergem quanto à localização exata dos naufrágios, com algumas indicando o litoral de Sergipe, outras, a costa da Bahia, e algumas sugerindo o limite entre os dois estados. A solução para essa incerteza reside na realização de pesquisas arqueológicas subaquáticas, que poderão identificar com precisão as áreas dos sítios e esclarecer a questão.

Embora a maioria das fontes mencione a costa baiana, isso tende a negligenciar o papel significativo de Sergipe durante o conflito mundial. Documentos oficiais da época classificaram Aracaju como "cidade vítima de guerra", com um cemitério construído para abrigar as centenas de vítimas que chegaram às suas praias. Mesmo que as investigações confirmem os naufrágios na Bahia, é importante reconhecer que os sítios arqueológicos se estendem até Sergipe, onde destroços, corpos e sobreviventes da tragédia naval foram encontrados.

Durante a Segunda Guerra Mundial, as ações estratégicas do submarino *U-507* entre os litorais de Sergipe e Bahia evidenciam uma emboscada planejada, que aproveitou a localização isolada e o Farol de Aracaju para coordenar as navegações, demonstrando um conhecimento avançado da região, provavelmente adquirido por meio de cartas náuticas (Cruz; Aras, 2012; Pereira, 2015).

Além disso, a presença de possíveis espões em Sergipe, acusados de fornecer informações aos submarinistas, sugere que estes foram bem informados sobre os conteúdos transportados, como as tropas militares e material bélico a bordo do *Baependi*, destinados a fortalecer a defesa no Nordeste. Ademais, o conhecimento dos espões alemães sobre as relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos indica uma estratégia para cortar as linhas de suprimentos fornecidas para os Aliados, enfatizando a importância estratégica da rota brasileira para os esforços de guerra Aliados (Monteiro, 2013; Pereira, 2015).

Conforme Cruz e Aras (2012, p. 87), “outro aspecto intrigante diz respeito ao conhecimento dos espões alemães sobre a aproximação do Brasil com os Estados Unidos, especificamente dos trâmites secretos nos acordos bilaterais”. Exemplo disso foi a missão realizada por pesquisadores norte-americanos em território brasileiro, apoiados pela Política da Boa Vizinhança, que identificou no subsolo do país uma variedade de minérios, como ferro, titânio e quartzo, entre outros, considerados primordiais para a indústria bélica dos países aliados. Diante disso, percebe-se que era essencial para as nações do Eixo interromper essa linha de suprimentos.

Os primeiros ataques de guerra da Alemanha contra as embarcações brasileiras, em águas internacionais, demonstravam justamente isso, que os nazistas estavam atentos ao comércio externo do país. E já que a “rota brasileira era considerada como uma das linhas vitais para os Aliados, [...] é compreensível que os *U-boats* viessem com a missão de obstruí-la” (Cruz; Aras, 2012, p. 87).

Este estudo também analisou os sítios de naufrágios, focando tanto nos aspectos técnicos das embarcações quanto nas causas, modos de afundamento e dispersão dos

destruções. As informações coletadas sobre os navios Baependí, Araraquara e Aníbal Benévolo contribuíram para uma compreensão detalhada dos eventos e das particularidades desses ataques em agosto de 1942. As investigações sobre os sítios arqueológicos da Segunda Guerra Mundial abrangem tanto a análise das embarcações (construção, cargas, rotas e tripulação) quanto o fenômeno do naufrágio (O que o provocou? De que modo afundou? Como se dispersou?) (Rambelli, 1998, 2002, 2003; Rosa, 2015).

As fontes consultadas, como o jornal *Correio de Aracaju* (1942), Gama e Martins (1985), Guimarães (1985), Serafim e Bittencourt (2006), Araújo (2008), Cruz (2012), Porto (2013), Monteiro (2013) e Pereira (2015), permitiram a elaboração de uma tabela que apresenta as diferenças entre as três embarcações e relata os eventos de agosto de 1942.

	Baependí	Araraquara	Aníbal Benévolo
País e ano de construção	Alemanha, 1899	Itália, 1927-1928	Alemanha, 1905
Construtor	Blohm & Voss – Hamburgo	Cantiere Navale – Triest	Reiherstieg Schiffswerft & Maschinenfabrik
Proprietário	Lloyd Brasileiro	Lloyd Nacional S. A.	Lloyd Brasileiro
Tipo	Mercante	Mercante	Mercante
Casco	Aço	Aço	Aço
Motor	Quádrupla expansão (2.250 cavalos)	Dois motores	1.264 cavalos nominais
Comprimento	119 m	117,97 m	86 m
Tonelagem	4.081 T	4.871 T	1.905 T
Boca	14,10 m	16,37 m	11,5 m
Calado	9,2 m	5,41 m	8 pés (mínimo) 14 (máximo)
Velocidade	8 milhas a 20 milhas horárias	12 milhas horárias	8 milhas a 10 milhas horárias

Itinerário	Partida: Rio de Janeiro/RJ Escala: Salvador/BA, Recife/PE Destino: Manaus/AM	Partida: Salvador/BA Destino: Maceió/AL	Partida: Salvador/BA Destino: Aracaju/SE
Transportava	Civis, tropas militares, material bélico e mercadorias	Civis, alguns militares e mercadorias	Civis e mercadorias
Ataque do submarino alemão U-507	Dois torpedos	Um torpedo	Um torpedo
Localização do ataque de cada navio	Lat: 11° 51'S Long: 37° 02'W	Lat: 11° 53'S Long: 37° 22' W	Lat: 11° 42'S Long: 37° 23' W
Viajavam a bordo	Tripulantes: 73 Passageiros: 233 Total: 306	Tripulantes: 74 Passageiros: 68 Total: 142	Tripulantes: 71 Passageiros: 83 Total: 154
Mortos ou desaparecidos	270 pessoas	131 pessoas	150 pessoas
Sobreviventes	36 pessoas	11 pessoas	4 pessoas

Tabela 1 - Informações sobre as três embarcações brasileiras torpedeadas em Sergipe, 1942 (Rosa, 2015).

Na elaboração da tabela, é importante ressaltar que as fontes utilizadas apresentam divergências em relação a dados como as dimensões das embarcações, as localizações dos ataques e o número de tripulantes e passageiros, sem consenso entre as informações. Por exemplo, o depoimento de Milton Fernandes da Silva, primeiro piloto do navio Araraquara, indicava a presença de 177 pessoas a bordo (81 tripulantes e 96 passageiros) (Torres, 2007, *apud* Cruz, 2012), número que contrasta com o total de 142 reportado pelo Governo na época. Torres (2007) sugere que essa discrepância poderia ser uma tentativa das autoridades de minimizar o impacto da tragédia. Diante dessas inconsistências nas fontes escritas, recomenda-se uma comparação criteriosa com outras evidências, incluindo as fontes materiais, para reduzir as contradições (Orser, 1996).

Conforme Rambelli (1998, 2002, 2003, 2016), as análises sobre os sítios arqueológicos de naufrágios podem ir além do contexto técnico e funcional das embarcações. Afinal, como bem classificou Muckelroy (1978), o navio deve ser entendido “como máquina, como um elemento do sistema capitalista e como uma unidade social” (Muckelroy, 1978 *apud* Rambelli, 2003, p. 83). Isto significa que ele poder ser estudado das seguintes maneiras:

[...] como um sistema complexo que, como qualquer representação da sociedade, envolve desigualdades, contradições e conflitos sociais. Seja a embarcação entendida como designação comum a toda construção destinada a navegar sobre a água — artefato flutuante; ou a embarcação enquanto a maior expressão histórica dos fluxos de trocas; ou a embarcação enquanto estrutura de poder; ou a embarcação enquanto representação flutuante das relações sociais; ou a embarcação enquanto paisagem humana móvel; ou ainda, a embarcação enquanto símbolo de identidade sócio-histórica regional, nacional e internacional (Rambelli, 2003, p. 83)

As investigações envolvendo sítios de naufrágios podem abordar, por exemplo, o aspecto social da tripulação que ali outrora existiu. Afinal, o navio pode ser entendido como um “microcosmo social” que representa, em parte, a nossa sociedade, já que consegue reunir em um mesmo espaço, múltiplas identidades e experiências (Rambelli; Novais, 2011; Rambelli, 2003, 2016).

As pesquisas sobre os trágicos episódios navais ocorridos na costa sergipana podem também adotar um enfoque voltado para o simbólico e a “sensibilidade”²³, buscando identificar, analisar e compreender o papel das emoções e sentimentos despertados nas pessoas que vivenciaram aquela época. Por exemplo, os ataques provocaram no povo sergipano uma gama de emoções, como medo, tristeza, terror, vingança, desconfiança e um senso de justiça. Já para os náufragos, a experiência de estar a bordo de um navio torpedeado foi profundamente traumática.

Durante o estudo, deparei-me com um “catálogo” elaborado por Cruz e Aras (2012, p. 91), que lista os diversos medos decorrentes dos ataques de guerra. Entre os *medos dos passageiros e tripulantes*, estavam: “medo do submarino, da morte, do navio afundar, de cair na água, do sofrimento, do fogo, da explosão da caldeira, de ser cortado pela hélice, de ser tragado pelo mar, dos tiros da metralhadora, da escuridão, do mar, da solidão e medo de perder os parentes”. *Medos dos náufragos* incluíam: “medo do submarino, da morte, da escuridão, da solidão, de tubarões, de naufrágio da baleeira, de nova agressão, de morrer

²³ Esta abordagem tem como aporte teórico a obra *Antropologia das Emoções* de Rezende e Coelho (2010).

afogado, das ondas, da fome, da loucura, da violência, de não ter forças para nadar até a praia, de não voltar para casa e medo dos pescadores". Já os *medos dos sergipanos*:

medo do submarino, medo da morte, medo do sofrimento, medo da escuridão, medo do mar, medo da solidão, medo de morrer de fome, medo da loucura, medo de violência, medo do desconhecido, medo da guerra, medo de não enterrar seus parentes, medo do inimigo adentrar a boca da barra, medo de invasão à praia, medo do amanhã, medo de embarcações estranhas, medo de espões, medo da multidão raivosa, medo dos aviões, medo da escuridão, medo de estrangeiros, medo dos forasteiros, medo dos estudantes, medo de ser convocado, medo de perder seus parentes na Itália, medo do quinta-coluna, medo da cavalaria, medo de luzes noturnas, medo do diabo e medo do fim do mundo (2012, p. 91).

Cruz e Aras (2012) destacam que os medos vivenciados pela população de Aracaju, embora locais, ecoavam temores globais. Esses medos não se restringiram a agosto de 1942, estendendo-se até março e julho de 1943, quando novos ataques resultaram no afundamento dos navios Fitz-John Porter e Bagé. O temor persistiu até o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

De acordo com a abordagem da Arqueologia de Ambientes Aquáticos, os sítios arqueológicos, incluindo os naufrágios, não devem ser analisados de forma isolada. O entorno desses sítios deve ser estudado para estabelecer conexões com os vestígios materiais e humanos ao redor, sendo este último caso os biofatos²⁴, ou seja, os corpos das vítimas da tragédia naval. Nesse contexto, o estudo dos Cemitérios dos Náufragos — sítios emersos — é essencial para uma compreensão mais aprofundada da tragédia marítima que vitimou centenas de brasileiras e brasileiros.

1.3 - Arqueologia do Conflito e da Guerra aplicada aos torpedeamentos

Este subtópico analisa ações e comportamentos associados à repressão, ao conflito e à guerra, considerando o contexto dos torpedeamentos através do estudo da materialidade. No campo da Arqueologia da Repressão, Pedro Funari, Rita Poloni e Andrés Zarankin têm contribuído significativamente ao concentrar seus estudos nos vestígios materiais de regimes que praticaram terrorismo de Estado, tanto ditatoriais quanto democráticos. Estes regimes são

²⁴ Os biofatos referem-se aos corpos das vítimas, constituindo evidências humanas que fornecem informações sobre a história dessas pessoas. Esses corpos podem ser identificados tanto por suas características físicas quanto pelos objetos pessoais que os acompanham, oferecendo subsídios para a compreensão de suas trajetórias e contextos históricos.

caracterizados pela repressão e violência excessiva contra populações ou grupos específicos, tornando-se focos de investigação científica e demanda social.

Rita Poloni (2014) destaca que o desenvolvimento da Arqueologia como ciência moderna está intrinsecamente relacionado às ideologias dos Estados Nacionais. Assim, estudar contextos repressivos proporciona uma compreensão mais profunda da relação entre ciência e política, evidenciando como esta última influencia os arqueólogos e suas pesquisas.

Partindo disso, a presente tese, desenvolvida em um contexto histórico de instabilidade democrática, foi influenciada pelo cenário político de resistência à ascensão das ideologias nazifascistas presentes em grupos de extrema-direita, que vêm ganhando espaço no cenário político nacional e internacional, como evidenciado pela ascensão do Bolsonarismo nas eleições de 2018. Um dos objetivos desta pesquisa é que o conhecimento arqueológico, produzido a partir da análise da cultura material dos torpedeamentos, sirva como um instrumento eficaz no combate a essas ideologias criminosas, cujos ápices ocorreram durante a Segunda Guerra Mundial, mas que permanecem relevantes na contemporaneidade.

Todavia, no âmbito arqueológico internacional, um exemplo contrário que merece destaque é o trabalho de Gustav Kossina. Suas pesquisas sobre a pré-história germânica, fundamentadas em um patriotismo extremo, influenciaram significativamente o nacionalismo alemão no contexto da Segunda Guerra Mundial. Em sua obra intitulada *Die Herkunft der Germanen (A Origem dos Germanos)*, publicada em 1911, Kossina descreveu os germanos como uma raça biologicamente pura e superior, visão que foi posteriormente adotada pelos políticos nazistas para justificar suas políticas de dominação racial. Após sua morte, em 1931, Kossina foi homenageado pelo regime nazista, que criou posições acadêmicas para seus seguidores, reforçando seu impacto no nacionalismo germânico (Trigger, 2004). A respeito da influência de arqueologia produzida por Kossina a serviço do totalitarismo, Lima (2020) afirma que:

Antes do nazismo, já existiam fundamentos para a instauração de uma ideologia que defendia uma pureza racial. As ideias do linguista alemão Gustav Kossina [...] foram fundamentais para a instauração do ideal nazista. Ao final da Primeira Guerra Mundial a Arqueologia alemã voltou-se a estudar as regiões onde existiam evidências etnolinguísticas da presença germânica. A contribuição de Kossina dada ao regime nazista se dá quando o linguista propõe o conceito de difusão cultural — processo em que uma civilização avançada difunde suas ideias e modelos para as menos avançadas. Somado a esse conceito, os mapas de distribuição arqueológica auxiliaram a reivindicação do Terceiro Reich sobre diversas regiões da Europa consideradas como lar dos antigos germânicos [...]. Gustav Kossina chegou até mesmo a afirmar que a Arqueologia era a mais nacional

das ciências. Para Kossina, os alemães eram os mais racialmente puros, logo seriam os mais talentosos e dessa maneira teriam a responsabilidade de impor a civilização aos demais (Lima, 2020, pp. 33-34).

Com base na citação acima, percebe-se que o surgimento da arqueologia nazista resultou de um processo de longa duração. Afinal, antes da ascensão do Partido Nazista, já existia um corpo teórico influenciado por interpretações racistas. Em outras palavras, por meio de uma estrutura teórica e acadêmica, a Alemanha Nazista obteve o apoio necessário para desenvolver seu projeto nacionalista com possibilidades de expansão ilimitadas (Lima, 2020).

No Brasil, a Arqueologia da Repressão é destacada pela contribuição de Pedro Funari, Andrés Zarankin e José Alberioni dos Reis, que organizaram o livro *Arqueologia da Repressão e da Resistência - América Latina na era das ditaduras (1960-1980)*, publicado em 2008. Esta obra sublinha a relevância da Arqueologia como ferramenta crucial para investigar as consequências do terrorismo de Estado e promover a justiça. Além disso, conforme Baretta (2014), os estudos baseados na cultura material são essenciais para reconstituir cenários históricos, construir memórias e entender o passado ditatorial do século XX.

Essas pesquisas valorizam a materialidade como elemento ativo na formação de identidades e subjetividades. Os artefatos analisados incluem vestígios encontrados em prisões oficiais e clandestinas, objetos pessoais, vestimentas e restos mortais encontrados em cemitérios clandestinos ou valas comuns. A análise destes vestígios possibilita a identificação de algumas vítimas ou as causas de suas mortes, integrando fontes materiais, documentais e orais que se apresentam de maneira interdependente, complementar e até contraditória (Funari; Oliveira, 2008; Baretta, 2014).

A pesquisa em Sergipe revela um panorama de repressão e resistência durante a Segunda Guerra Mundial, caracterizado por violência contra estrangeiros e descendentes de alemães e italianos, censura governamental e prisões de suspeitos de serem nazifascistas. Estas investigações destacam o papel da Arqueologia em contextualizar a repressão, oferecendo um meio de compreensão das dinâmicas de poder político e suas manifestações materiais. Ademais, o estudo a respeito dos torpedeamentos também se baseia em elementos materiais envolvidos no contexto dos ataques de guerra, como os Cemitérios dos Náufragos, o Farol de Aracaju, as embarcações, os destroços navais, os biofatos, as indumentárias, os objetos pessoais das vítimas e os carregamentos dos navios, utilizando como metodologia a análise das fontes iconográficas, documentais e jornalísticas.

De acordo com a entrevista oral concedida pelo Sr. Murillo Melins²⁵, contemporâneo da Segunda Guerra Mundial, atualmente com 96 anos, na época dos torpedeamentos houve grande comoção em Aracaju: “[...] Era gente chorando pelas ruas, que viram nas listas os nomes dos parentes que haviam embarcado. Horrível! E, à tarde, houve uma concentração na Praça do Palácio, onde o governador Maynard Gomes se encontrava, e nós fizemos um comício.” Quando questionado sobre se presenciou os corpos espalhados pelas praias de Aracaju, ele relembrou o seguinte:

Eu fui com o Zé Peixe²⁶ pra ver os náufragos. Nós íamos de bicicleta. O Zé Peixe era o meu companheiro [...]. Ver os corpos mutilados, crianças cheias de água na barriga, aquelas crianças deformadas, muita gente com as pernas amputadas, restos de cadáver. Esses que eram enterrados no cemitério, [...] como eu digo, os que já estavam em estado de putrefação avançada, que não tinham condições de enterrar aí no Cemitério dos Cambuís, eram enterrados lá mesmo na areia. Porque ali, aquela região da Atalaia, do Mosqueiro e tal, era povoada por pescadores. E para enterrar o cara aqui em Aracaju era muito difícil. Além da pobreza deles, era a dificuldade de transporte. Então enterravam por ali (Melins, 2023).

O Sr. Murillo informou que os corpos encontrados em bom estado de conservação foram enterrados em cemitérios locais de Aracaju, como o dos Cambuís e o Israelita, enquanto aqueles já em estado avançado de putrefação eram enterrados diretamente na praia, sob supervisão do médico legista Dr. Carlos Menezes, em um cemitério da comunidade, que posteriormente ficou conhecido como Cemitério dos Náufragos. Ele informou que as condições em que os corpos chegavam nas praias eram frequentemente mutilados, queimados ou deformados, incluindo crianças e adultos com abdomens inchados de água, pessoas com pernas amputadas e restos de cadáveres, causando assim grande tristeza e choque nos aracajuanos. Diante da situação extrema que instaurou um clima de guerra, o policiamento na cidade foi reforçado.

Diziam que Aracaju estava na eminência a ser bombardeada. Então todo mundo se precavia. Tem o *blackout*, né? O *blackout*, ninguém

²⁵ O Sr. Murillo Melins, nascido em Neópolis em 1928, é escritor e um dos últimos memorialistas de Sergipe. Entre suas obras mais conhecidas, destaca-se *Aracaju Romântica que Vi e Vivi - Anos 40 e 50*, publicada em 2001, escrita com grande maestria e parcialmente dedicada ao período da Segunda Guerra Mundial. Membro da Academia Sergipana de Letras (ASL), Melins ocupa a cadeira 27, consolidando-se como um dos imortais da instituição. A entrevista para esta tese foi concedida em 4 de junho de 2023, em Aracaju/SE, realizada por Vera e Yuri Sanada, Alexandre Maia e pela autora desta pesquisa. A gravação audiovisual teve duração de 59 minutos.

²⁶ O Sr. José Martins Ribeiro Nunes, conhecido como Zé Peixe, foi prático no porto de Aracaju por mais de meio século. Ele arriscou a vida orientando inúmeras embarcações para entrar e sair com segurança pela boca da barra do rio Sergipe, tornando-se uma referência na prática, não apenas em Sergipe, mas no Brasil e no mundo. Durante os torpedeamentos, Zé Peixe testemunhou diversos acontecimentos em Aracaju, incluindo operações antissubmarinas, ensaios antiaéreos, o movimento estudantil e a perseguição a estrangeiros.

desobedeceu... Só quem tinha carteira dada pela polícia, é que andavam, se apresentavam pela rua, mas as pessoas comuns não podiam. Duas pessoas não podiam ficar depois das 18 horas na rua (Melins, 2023).

De acordo com Poloni (2014), a Arqueologia da Repressão não só aborda táticas e espaços de repressão, mas também investiga as histórias de indivíduos afetados, produção material dos regimes e o impacto desses estudos no próprio campo arqueológico. Estes estudos visam garantir a não-repetição e o não-esquecimento das violências passadas, contribuindo para a reparação simbólica das vítimas. Esta finalidade pode e deve ser estendida para o contexto dos torpedeamentos, que afetou a vida de centenas de brasileiras e brasileiros, vítimas da chegada da Segunda Guerra Mundial ao Brasil, e que hoje, infelizmente, essas histórias são desconhecidas da maioria da população local e nacional.

Nesse contexto de violências, importante também é a contribuição da Arqueologia Forense como uma prática pública, que se entrelaça com contextos criminais e ajuda a desafiar narrativas oficiais, reforçando seu valor social, especialmente para as gerações que experienciaram ou foram marcadas por esses eventos traumáticos. Além disso, os testemunhos orais de sobreviventes são recursos valiosos que permitem reescrever histórias de guerra, focando nas experiências de pessoas comuns em vez de apenas figuras heroicas, destacando, assim, contradições e novas perspectivas sobre o passado. Nesse sentido, a Arqueologia atua como uma voz ativa na sociedade, produzindo conhecimento que desafia ou complementa outros discursos históricos, e ajuda a reescrever a história a partir das experiências de pessoas comuns, incluindo testemunhos orais de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial (Baretta, 2014; Shanks; Tilley, 1987).

Dessa maneira, os eventos ocorridos em Sergipe, em 1942, fornecem material relevante para pesquisas arqueológicas voltadas para a temática da repressão e da guerra. Afinal, naquele ano houve “quebra-quebras” violentos contra estrangeiros e brasileiros rotulados como “espiões” e “traidores da pátria”. Além disso, várias prisões de indivíduos acusados de serem nazifascistas foram realizadas, e descendentes de alemães e italianos sofreram repressão em Aracaju/SE. A cavalaria local atuou de forma violenta e abusiva para manter a ordem, enquanto o governo censurava os meios de comunicação por meio do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP). Esses eventos foram consequências diretas das ações de guerra totalitárias nazistas praticadas contra o Brasil após os ataques bélicos, que resultaram na morte de centenas de pessoas, incluindo muitos

sergipanos, e que reverberam nas ações políticas do governo ditatorial Vargasista, representado em Sergipe pelo Interventor Federal Augusto Maynard Gomes.

Na área da Arqueologia do Conflito, pesquisadores brasileiros, como Funari e Oliveira (2008), têm se destacado ao utilizarem a cultura material para compreender a sociedade através de seus conflitos e lutas sociais. Afinal, a sociedade é constantemente marcada por disputas, sendo moldada por uma epistemologia dialética que reconhece a experiência dos povos do passado como parte de um embate contínuo entre diferentes atores sociais.

Ao analisar as narrativas arqueológicas, percebe-se que, historicamente, elas foram dominadas por perspectivas que priorizavam as elites e mantinham ideologias conservadoras. Contudo, com as influências das ciências humanas e sociais, a Arqueologia passou a incluir as histórias de grupos subalternos, ampliando o acesso às vozes pouco representadas nos registros escritos. Essa mudança metodológica possibilitou novas interpretações da materialidade associada a contextos repressivos e bélicos, destacando a complexidade dos conflitos sociais e transferindo poder para os próprios agentes sociais (Funari; Oliveira, 2008).

Dessa forma, as pesquisas arqueológicas emergem como ferramentas fundamentais para analisar as histórias dos grupos subordinados, promovendo a transferência de poder para os próprios agentes sociais envolvidos. Os estudos sobre a cultura material ajudam a elucidar a complexidade dos conflitos sociais, desafiando a visão tradicional de sociedades como entidades homogêneas e harmônicas. A Arqueologia moderna, ao contrário, reconhece que a homogeneidade é um conceito advindo de movimentos nacionalistas e capitalistas que visam manter a ordem social em benefício de grupos hegemônicos.

No contexto brasileiro, os conflitos são vistos como elementos fundamentais na formação da sociedade, desde as lutas entre colonizadores portugueses e indígenas até os confrontos na Ditadura Civil-Militar de 1964-1985, e continuam relevantes até hoje. Este panorama reforça a visão de Lino e Funari (2013) de que "tudo que é humano está envolto em divergência", ecoando a máxima grega de que "o conflito é o pai de todas as coisas". Portanto, a Arqueologia do Conflito busca estudar essas dinâmicas através da cultura material para melhor compreender e discutir nossa história social.

Tomando como base as premissas da Arqueologia dos Campos de Batalhas, esta tese se embasa na linha de estudos norte-americana, a qual apresenta uma noção mais ampla sobre o que seria caracterizado como um local de batalha, incluindo lugares que não tenham um cerco, mas que contenham registros materiais de tais episódios. Contudo, vale ressaltar que ainda há discussões sobre a delimitação desse tipo de sítio:

[...] o fato de um campo de batalha ser um lugar, um ponto material e cultural na paisagem. Há dificuldades estruturais de se definir o perímetro destes sítios, devido aos tipos de atividades que ali se desenrolaram, e a sua inter-relação na paisagem, que pode ter mudado no decorrer do tempo (Lino; Funari, 2013, p. 13).

Ao estudar os locais com presença de cultura material bélica, Carman (2005, p.17-20) citado por Lino e Funari (2013, p. 13) defende uma abordagem que relacione tais locais à paisagem devido à vantagem de inserir elementos de batalhas, como, por exemplo: “o itinerário das tropas, os acampamentos, os cemitérios, os armazéns, a locação de tropas não utilizadas nos combates, e assim por diante, expandindo a visão da batalha para além daquele local circunscrito”. No caso do contexto bélico sergipano, não houve confronto corpo a corpo em terra, nem enfrentamentos de tropas brasileiras contra militares alemães em alto-mar, pois o objetivo da Guerra Submarina era aniquilar o seu inimigo de surpresa, como assim o fez o *U-507* ao torpedear sequencialmente os três navios mercantes durante a noite de 15 e 16 de agosto de 1942.

Portanto, não há vestígios de acampamentos ou armazéns, mas há dois Cemitérios dos Náufragos, onde foram sepultados os civis e militares, vítimas dos ataques bélicos. Posteriormente aos torpedeamentos, a capital começou a ser preparada para a guerra. Tropas militares foram alocadas para vigiar as praias, além de barricadas que foram erguidas no centro da cidade. O Farol de Aracaju teve sua luz apagada e foram realizados treinamentos com alarmes de possíveis ataques que poderiam acontecer na capital. Dessa maneira, a paisagem da capital sergipana se alterou, inclusive a paisagem noturna com a imposição do blecaute escureceu a cidade na época da Segunda Guerra Mundial.

Para Lino (2011) a maneira como a população se apropria e ressignifica esses lugares bélicos também deve ser foco de estudo dos(as) arqueólogos(as), como enfatiza Carman (2005):

Muitos campos de batalhas históricos são nitidamente marcados, principalmente pela construção de monumentos ou outras estruturas. Alguns — notadamente os de períodos mais recentes — mantêm os cemitérios com todos os atributos monumentais do espaço funerário. Outros são marcados como lugares históricos para serem notados por visitantes por meio da presença de obeliscos, placas e painéis explicativos. Outros são mantidos como patrimônio pleno, incluindo as instalações de um museu, caminhadas guiadas e outros elementos de apresentação do passado. Um aspecto que nos interessa aqui é o tipo de utilização e a serviço de quem estes lugares são tidos como “especiais” (2005, p. 220).

Partindo das considerações feitas por Carman (2005), no contexto sergipano, as únicas estruturas referentes aos torpedeamentos são os dois Cemitérios dos Náufragos, sendo que o primeiro cemitério, erguido em 1942, encontra-se interditado pelo Ministério Público Estadual (MPE) desde 2006, além de ter sido impactado em sua estrutura pela construção da Rodovia Inácio Barbosa (antiga Rodovia Presidente José Sarney), tendo também sua paisagem alterada recentemente devido à construção do muro ao seu redor. Com relação à placa informativa sobre os eventos bélicos, há apenas uma, situada na parte central do cemitério, que fica pregada em uma cruz de madeira. Todavia, nela há informações equivocadas sobre a guerra.

O segundo cemitério foi construído pelo Governo Estadual de Sergipe em parceria com o Ministério da Marinha, na década de 1970, sendo considerado Monumento Histórico Estadual por meio do Decreto nº 2.571, de 20 de maio de 1973. Este equipamento cimiterial possui uma estrutura monumental feita em mármore contendo dez gavetas, que fica localizada na parte central do cemitério. Além disso, ele possui muros altos, um portão de ferro e um jardim ao redor da estrutura central, sendo o seu estilo considerado monumental, que, nesse caso, segundo Ariès (1989), “[...] os túmulos transformam-se em monumentos; os monumentos são forçados a serem túmulos” (Ariès, 1989, p. 598). Ao observar a pequena construção central do cemitério, onde estão os túmulos simbólicos, percebemos que há uma placa com a seguinte inscrição: “Cemitério dos Náufragos dos navios mercantes Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo. ‘Aí está o golpe mais traiçoeiro e terrível vibrado contra o coração da nacionalidade’”. A partir das informações contidas na placa, percebemos que elas estão carregadas de emoção e consternação. Todavia, a placa representa o discurso das autoridades da Ditadura Militar da década de 1970, discurso esse que foi descrito inclusive pela Historiografia Oficial a respeito dos ataques nazistas a uma nação oficialmente não beligerante como era o Brasil na época dos torpedeamentos.

Com base nos resultados obtidos a partir das observações de campo, conclui-se que a materialidade presente neste segundo cemitério, em certa medida, corresponde à noção de "Memorial", tendo sido construído para homenagear e preservar a memória daqueles que perderam suas vidas em nome da nação, mesmo sem estarem em combate. No entanto, a reduzida dimensão espacial desse monumento contraria sua função de local de homenagem, já que comporta poucas pessoas. Assim, o simbolismo do memorial se sobressai. Outro aspecto notável é a ausência dos nomes das vítimas, que deveriam ser o foco principal deste Monumento. Contudo, elas não são homenageadas de maneira individual, desconsiderando-se a identidade pessoal de cada uma (Rosa, 2015).

Ao abordar a temática envolvendo a Arqueologia no contexto bélico é preciso desconstruir alguns conceitos originários da História militar tradicional elaborada de maneira acrítica, que geralmente dá ênfase às versões das histórias dos vencedores e relega ao esquecimento as histórias dos vencidos. Portanto, para fazer uma Arqueologia mais produtiva e democrática é necessário se afastar desse tipo de narrativa, buscando produzir uma História militar renovada (Lino, 2011; Funari et al., 2012).

Ao investigar a temática das guerras é possível classificar os tipos de sítios arqueológicos através de suas estruturas e objetos associados. No caso dos sítios identificados como militares, segundo Scott (2009, p. 299), “have unique aspects that are related to their function, in that they are related to the prevention or making of war”.²⁷

De acordo com Lino e Funari (2013), ao analisar as pesquisas arqueológicas nacionais voltadas para a temática das guerras e dos conflitos, a maior parte dos estudos se voltam para os vestígios encontrados em fortificações nas regiões litorâneas e para a análise da cultura material encontrada na região dos sertões, ligada às guerras de Canudos e do Contestado, onde foram gerados vestígios materiais ligados aos cemitérios, às fazendas e aos templos religiosos, os quais foram estudados nos seguintes aspectos: dimensão, matéria-prima, arquitetura, paisagem, diferenciação e complexidade social, além de dados obtidos a partir da análise de esqueletos presentes nos cemitérios, entre outros aspectos.

Conforme Zanettini (2003, p. 1) as pesquisas relacionadas à Guerra de Canudos mostraram que os estudos arqueológicos possibilitaram “penetrar no universo daqueles que não tiveram o direito e a possibilidade de escrever sua própria história”. Nas palavras de Lino e Funari (2013, p. 18): “a Arqueologia serviu como ferramenta de acesso ao conhecimento daqueles sujeitos ausentes de outros tipos de documentos sobre guerras e movimentos sociais”.

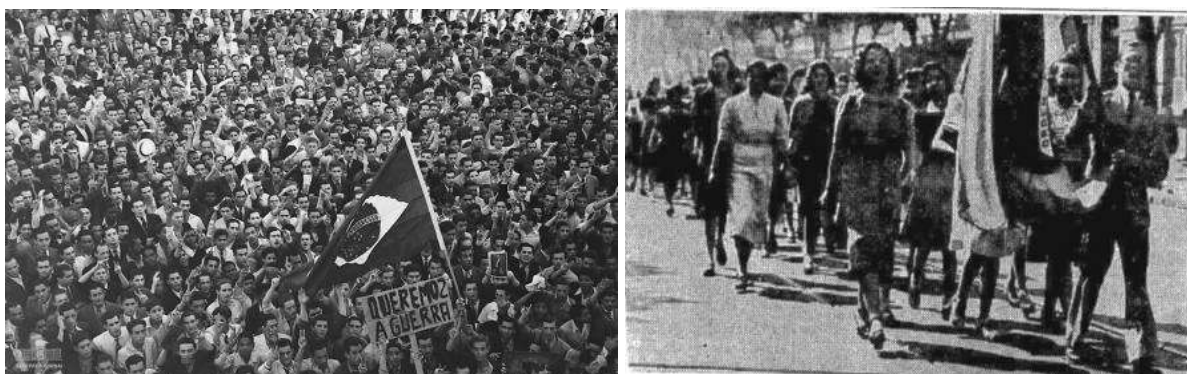
Nesse contexto, a presente pesquisa arqueológica tem como objetivo divulgar as experiências dos civis e militares que enfrentaram diretamente as consequências da Segunda Guerra Mundial em águas territoriais brasileiras. Esse esforço visa aumentar a conscientização sobre esses eventos bélicos entre a maioria da população de Sergipe, que ainda desconhece tais histórias.

A Arqueologia das Guerras Mundiais, ainda uma área em formação no Brasil, busca analisar não apenas os aspectos técnicos dos vestígios dos conflitos, mas também as dimensões sociais, culturais, simbólicas, religiosas e místicas associadas a esses artefatos,

²⁷ Tradução da citação de Scott (2009): possuem aspectos únicos relacionados à sua função, na medida em que estão relacionados à prevenção ou à realização da guerra (2009, p. 299, tradução da autora da tese).

conforme destacado por Neyland (2011). Esta abordagem considera essencial o estudo dos vestígios materiais como armamentos, instalações militares, meios de transporte (navios, submarinos e aviões), campos de batalha, trincheiras e estratégias de defesa e combate, além dos restos humanos e materiais. Tais elementos são fundamentais para a compreensão e construção do conhecimento histórico sobre os períodos de guerra (Porto, 2013).

Os sítios arqueológicos relacionados às guerras mundiais são classificados como contemporâneos e, no caso da Segunda Guerra Mundial, referem-se a eventos ocorridos há menos de cem anos. Um evento específico de relevância histórica foi o ataque do submarino alemão *U-507*, ocorrido há 82 anos, que torpedeou os navios brasileiros *Baependi*, *Araraquara* e *Aníbal Benévolo*, provocando a morte de centenas de pessoas cujos corpos foram lançados às praias de Sergipe. O episódio exerceu forte impacto sobre a opinião pública brasileira, contribuindo para o apoio à declaração de guerra contra os países do Eixo.



Figuras 14 e 15 - Manifestações populares ocorridas com a participação das mulheres após os torpedeamentos dos navios brasileiros.²⁸



²⁸ Fotografia de manifestação popular ocorrida após os torpedeamentos. Disponíveis em: www.novomilenio.inf.br/santos/h0292.htm. Acesso 22 mar. 2024.

Figura 16 - A manchete jornalística mostra o Interventor Maynard Gomes, ao lado do norte-americano Colman, quando falava à multidão na frente do Palácio do Governo.²⁹

Conforme a entrevista do Sr. Murillo Melins, a reação em Aracaju foi marcada por uma intensa comoção. Os ataques provocaram profunda tristeza e agitação em parte da população. A notícia só se espalhou um dia após os ataques, 16 de agosto, causando grande alvoroço. Nas ruas, muitas pessoas choravam ao conferir as listas com os nomes dos parentes que estavam a bordo do navio Aníbal Benévolo. Instituições e comércios encerraram seus expedientes mais cedo e fecharam as portas. Uma grande concentração popular ocorreu em frente ao Palácio do Governo, como mostra a *Figura 16* acima, onde a maioria das pessoas se reuniu para ouvir o discurso oficial do Interventor Federal Maynard Gomes. Além disso, inúmeros comícios foram organizados pelas classes operárias e estudantes, clamando para que o Brasil entrasse na guerra.

Foi uma grande comoção em Aracaju. Quando nós soubemos do torpedeamento do primeiro navio. E logo em seguida o outro. Mas nós só viemos saber no outro dia de manhã. A cidade estava toda alvoroçada, o comércio fechou as portas, o movimento era intenso na rua com todo mundo procurando seus parentes, saber se tinham embarcado de Salvador para aqui nesses navios sinistrados. Então aquela correria... Era gente chorando pela rua, quem viu nas listas que os parentes haviam embarcado. Horrível! E à tarde teve uma concentração na Praça do Palácio, que o governador, Maynard Gomes, e nós fizemos aquele comício das classes operárias. Os estudantes tiveram uma grande participação nisso também fazendo um comício. O líder estudantil falou e demais líderes de todos os sindicatos. E pedimos ao governador para que o Brasil entrasse na guerra. Daí nós passamos para as casas, para seguir os italianos e alemães que moravam aqui. O Nicola Mandarinio foi a primeira casa que nós depredamos, ali no parque (Melins, 2023).

Estas agressões bélicas ocorridas em 1942 comoveram a nação e tiveram impactos significativos tanto no âmbito regional quanto nacional, e servem como motivação para este estudo, que investiga o contexto social, político e econômico de Sergipe decorrente da tragédia. A pesquisa também explora as possíveis localizações dos naufrágios e realiza análises de parte da cultura material trazida à costa pelas correntes oceânicas. Esses vestígios representam a materialização da chegada da Segunda Guerra Mundial ao território brasileiro.

²⁹ O torpedeamento dos navios brasileiros: Aspecto da multidão quando se dirigia para o Palácio do Governo em Aracaju, para protestar contra os bárbaros afundamentos; ao lado, o interventor Maynard Gomes, ladeado por norte-americano e capitão Colman, da aviação dos EE. UU., quando falava à multidão (Jornal *A Noite*, 23 de agosto, 1942, p. 10)

A Arqueologia das Guerras Mundiais, segundo Otávio Porto (2013), revela que os avanços tecnológicos militares desenvolvidos durante esses conflitos foram adaptados para uso civil, mas a um custo humano significativo, marcado por milhões de vidas perdidas e alterações nas polaridades políticas globais.

Essa vertente da Arqueologia tem sido bastante explorada nas últimas décadas, em vários países do mundo, devido à sua relevância. Todavia, no Brasil, essa temática tem sido pouco explorada no contexto local sergipano. Apenas seis pesquisas acadêmicas arqueológicas foram realizadas pela Universidade Federal de Sergipe: as monografias de Alexandre Santana (2012)³⁰, Otávio Porto (2010)³¹, Roberta Rosa (2016)³² e Bruno Silva (2019)³³. Desses pesquisadores, dois deram continuidade às investigações elaborando dissertações de mestrado: Otávio Porto (2013)³⁴ e Roberta Rosa (2015)³⁵. Este cenário sublinha a importância da presente tese de doutoramento em contribuir para a literatura arqueológica nacional, focando na Segunda Guerra Mundial e seus efeitos no território brasileiro, especificamente no cenário sergipano, por meio da cultura material.

Porto (2013) propõe em sua pesquisa a musealização *in situ* dos sítios arqueológicos de naufrágios da Segunda Guerra como uma estratégia para divulgar tanto as pesquisas subaquáticas quanto a própria história bélica, além de educar o público sobre esses eventos trágico-navais. Ademais, ressalta que as estruturas metálicas desses sítios, como embarcações, submarinos e aeronaves, tendem a se preservar melhor que as de materiais como madeira, oferecendo uma rica fonte de informações sobre o período. Outro ponto importante evidenciado é a questão da identificação desses sítios que pode ser facilitada pelo uso de tecnologias geofísicas, embora dependa de variáveis como profundidade e condições de sedimentação no fundo marinho (Neyland, 2011; Porto, 2013).

O estudo arqueológico desses sítios proporciona uma análise detalhada das estruturas afundadas, suas causas de naufrágio, localizações e estado de conservação. Além disso, as pesquisas não se limitam às características físicas dos destroços, mas também abrangem análises dos contextos culturais, sociais, econômicos, políticos e religiosos associados (Porto, 2013).

³⁰ Monografia: *Arqueologia de Naufrágios: Sergipe e os Remanescentes da Segunda Guerra Mundial* (Santana, 2012).

³¹ Monografia: *Uma Arqueologia da II Grande Guerra: Sergipe e os Sítios de Naufrágios* (Porto, 2010).

³² Monografia: *Mar, Guerra e Monumentos em Sergipe sob o Olhar da Arqueologia Histórica* (Rosa, 2016).

³³ Monografia: *Através do Periscópio: uma Abordagem Arqueológica da Guerra Submarina em Águas Brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial* (Silva, 2019).

³⁴ Dissertação: *Arqueologia Marítima / Subaquática da 2ª Guerra Mundial: sua Aplicabilidade no Brasil* (Porto, 2013).

³⁵ Dissertação: *Sergipe no Contexto da Segunda Guerra Mundial (1942): uma Abordagem da Arqueologia de Ambientes Aquáticos* (Rosa, 2015)

Conforme o levantamento de informações feito nas fontes escritas e por meio de entrevistas orais, constatou-se que as memórias das comunidades afetadas pelos torpedeamentos na costa de Sergipe e Bahia ainda são marcadas por sentimentos de tristeza em relação à tragédia naval, evidenciando, assim, o impacto duradouro da guerra nas famílias contemporânea dos torpedeamentos. Além disso, ao analisar os depoimentos dos familiares e amigos das vítimas, que perderam seus entes queridos de forma agressiva, percebe-se como “a guerra deixa feridas que somente para os que vivenciaram seu cotidiano podem realmente compreender o quão bárbaro ela representa”. Além disso, “os sentimentos de comoção e tristeza ainda se encontram muito vivos na vida das famílias que foram envolvidas” (Robertshaw; Kenyon, 2008 *apud* Porto, 2013, p. 90).

Nesse contexto, os sítios de naufrágio passam a ser vistos pelos familiares das vítimas como sepulturas de guerra, o que evidencia a importância desses locais não só para a Arqueologia, mas também para a preservação do patrimônio cultural como locais simbólicos. Essa visão reforça o valor do estudo arqueológico desses artefatos, contribuindo para o entendimento e conservação da história bélica e seu legado na sociedade contemporânea (Neyland, 2011; Porto, 2013, p. 90).

A partir de agora será discutido neste trabalho a aplicabilidade das "Arqueologias" da Repressão, Conflito e Guerra no contexto de Sergipe, interpretando alguns episódios relevantes ocorridos durante a guerra. A síntese teórica apresentada acima, abordou primeiramente a aplicação da Arqueologia da Repressão no contexto dos torpedeamentos, analisando as estratégias de domínio dos governos ditatoriais. O exemplo central foi o ataque do submarino alemão *U-507* a navios mercantes brasileiros, uma tática do regime totalitário nazista para interromper a rota de suprimentos entre o Brasil e os Estados Unidos, que acabou gerando impactos significativos em Aracaju/SE. Esses ataques tinham como objetivo provocar uma espécie de “bloqueio marítimo”, o qual acabou desestabilizando a economia local, podendo ser evidenciado pelo aumento de preços e pela escassez de alguns produtos essenciais, conforme registros nos jornais locais.

Além disso, a resposta do governo brasileiro, liderado por Getúlio Vargas, foi a princípio, omissão. Esse silêncio governamental, que durou dois dias, pode ter sido uma estratégia para evitar pânico na população ou por conta da incerteza sobre o agressor, considerando a possibilidade de envolvimento norte-americano para forçar o Brasil a entrar na guerra. Esse período de incerteza intensificou o medo e a insegurança entre os cidadãos, agravados pela censura imposta pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que

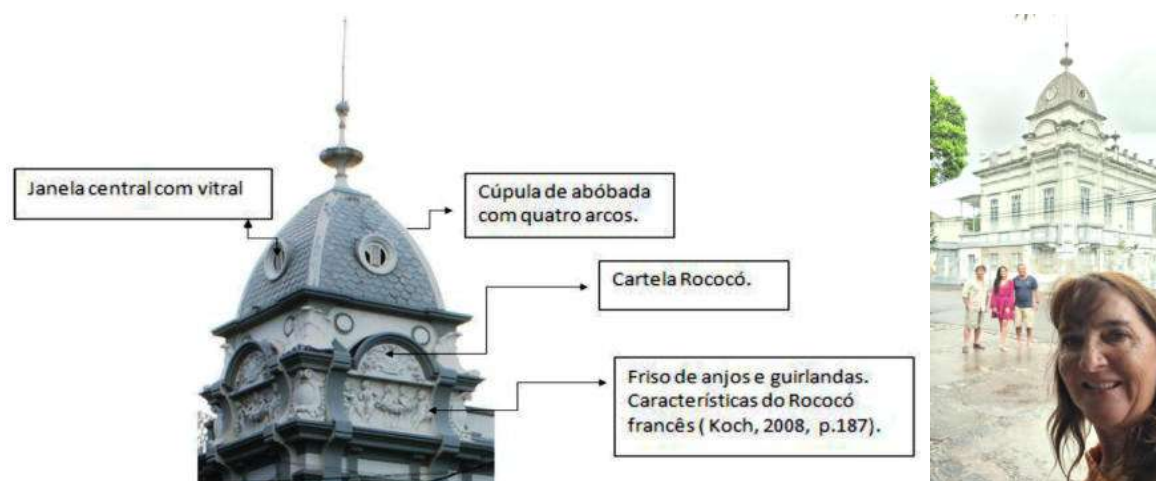
limitou a divulgação de informações sobre os ataques e atividades marítimas. Essa omissão contribuiu para a disseminação de rumores e temores entre a população sergipana.

O medo da ameaça de guerra, logo tomou conta dos populares devido às notícias que corriam de boca em boca, afinal, o pronunciamento oficial tardou a chegar. O jornal *Correio de Aracaju*, por exemplo, se justificou apenas no dia 18 de agosto de 1942, dizendo que necessitava de autorização para publicar as notícias referentes aos ataques. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), de acordo com Maynard e Assis (2013, p. 62), já tinha emitido “diretrizes quanto ao sigilo e à discricção em torno de atividades marítimas ou eventos que pudessem causar alguma perturbação popular” (2013, p. 62). Dessa maneira, houve um “esforço silencioso da imprensa local que teve que conviver com a correria e as notícias desencontradas que passaram a circular entre os cidadãos” (Rosa, 2015, p. 40).

Dessa maneira, a censura imposta pelo DIP limitou a cobertura jornalística, criando um ambiente de informações desencontradas e aumentando a tensão local. Essa repressão à liberdade de expressão, juntamente com a manipulação da informação e os efeitos sociais e econômicos dos ataques, exemplificam como a Arqueologia da Repressão pode elucidar as dinâmicas de poder e controle em contextos de guerra.

Já o segundo exemplo, liga-se ao estudo da Arqueologia do Conflito, referindo-se ao surgimento de inúmeros “quebra-quebras” e manifestações internas ocorridas em Aracaju após os ataques. Destaca-se, por exemplo, a revolta e a perseguição de parte da população contra o estrangeiro Nicola Mandarinio, comerciante italiano de notoriedade, que morava há muitos anos em Aracaju e que também tinha fazenda na cidade de Itaporanga - SE. Ele possuía alguns empreendimentos na capital, como uma grande madeireira mecânica, um armazém de tecidos, uma fábrica de sabão, entre outros (Barreto, 2005, 2007).

Na época dos torpedeamentos, Mandarinio foi acusado pelos manifestantes de possuir em sua residência “uma estação de rádio transmissora; de hospedar em sua fazenda [...] tripulantes do submarino alemão [...] e de possuir grande cópia de armas e munições, somente essa última acusação ficou plenamente constatada” (Cruz, 2012, p. 87), conforme o relatório do inquérito policial sobre o envolvimento de estrangeiros nos ataques.



Figuras 17 e 18 – Torre da residência dos Mandarino (à esquerda) e a equipe do *Projeto Segunda Guerra Submersa* em frente à casa de Nicola (à direita). Fontes: Cruz (2012, p. 174) e autora da tese (2023).

A *Figura 17* mostra a torre da casa de Mandarino, através da qual, supostamente, as informações eram transmitidas. Foi ela que despertou a desconfiança do povo. Nicola tinha nascido na Itália, país aliado da Alemanha e, por isso, foi considerado como espião e sofreu perseguições. Na época, a população raivosa se sentiu no direito de depredar seus bens, desde as lojas até a sua residência. Ele teve “seus móveis, livros e objetos pessoais queimados, no ímpeto furioso dos sergipanos agredidos pela guerra” (Barreto, 2005, p. 2). Ao relembrar deste fato histórico, o Sr. Murillo Melins, contemporâneo da guerra, que na época tinha 15 anos, disse o seguinte:

Pedimos ao governador para que o Brasil entrasse na guerra. Daí nós passamos para as casas, para seguir os italianos e alemães que moravam aqui. A casa de Nicola Mandarino foi a primeira que nós depredamos ali no parque. Então nós chegamos lá, e os agitadores profissionais estavam com a gente e quebraram a casa toda. Eles correram, os habitantes correram pela rua de Santa Luzia e desapareceram. E nós ficamos quebrando a casa, piano e tudo. A Milena que era noiva, a filha de Nicola, teve o enxoval todo, enxoval caríssimo, jogado na rua. O povo apanhou e tal. Fizemos isso. Ele era italiano, mas tinha também os alemães, que eram os frades, que também foram perseguidos. Mas o Nicola, além de italiano, ele era fascista porque ele fazia parte do Partido Integralista do Brasil. Existe essa conversa também [...] (Melins, 2023).

De acordo com a entrevista oral, o Sr. Murillo Melins relatou que, em represália aos torpedeamentos praticados pelas forças do Eixo, ocorreu um incidente no qual a casa de Nicola Mandarino foi depredada, devido à suspeita de que o italiano teria repassado informações aos submarinistas utilizando a torre de sua residência. Por isso, a casa dele, situada próximo ao Palácio do Governo e em frente ao Parque Teófilo Dantas, foi a primeira a

ser atacada. Tratava-se de agitadores “profissionais” que, juntamente com estudantes, foram responsáveis pela destruição da residência. A família de Nicola conseguiu fugir da fúria popular. Mas a maioria dos pertences da casa, inclusive o piano, foi alvo de vandalização. Na época, Milena, filha de Nicola, estava noiva e teve todo o seu enxoval jogado na rua, o qual foi rapidamente recolhido pelas pessoas. Nicola não se destacava apenas por sua nacionalidade italiana, mas também por sua posição política, uma vez que supostamente integrava o Partido Integralista do Brasil (Ação Integralista Brasileira - AIB). Todavia, em sua defesa, foi demonstrado que os aparelhos encontrados em sua residência eram apenas receptores, e não transmissores. Entre os objetos identificados, havia um rádio galena, equipamento típico da época, o que corroborou sua alegação.

Dentro da abordagem arqueológica, a casa de Mandarinino é considerada uma estrutura, conforme Orser (1996), que pode ser estudada a partir da sua materialidade, de seu destaque na paisagem e dos múltiplos significados perante a sociedade. Podemos pesquisar desde os materiais utilizados na sua construção, passando pelo estilo arquitetônico até chegar às alterações sofridas nos cômodos, que podem dar indícios de informações a respeito de possíveis mudanças de atitudes sociais ou culturais ocorridas diante dos acontecimentos históricos.

De acordo com Ennes (2011), a residência de Nicola, localizada no centro da cidade, apesar de possuir muitos ornatos, era de estilo leve e também era a única em seu gênero na cidade de Aracaju. Ela foi construída, por coincidência, na mesma época em que um grupo de italianos tinha sido contratado pelo governo para realizar reformas em prédios públicos. A casa de Mandarinino, por sua vez, não seguiu os padrões artísticos desse grupo, provavelmente, como “[...] era negociante muito relacionado com o Rio de Janeiro não lhe seria difícil buscar ali o projeto de sua residência” (Porto, 2003, p. 37 *apud* Ennes, 2011, p. 6).

O exemplo citado acima, sobre o conflito envolvendo Nicola Mandarinino e os aracajuanos, se insere no enfoque da Arqueologia do Conflito. Diante disso, é pertinente questionarmos sobre os reais motivos que impulsionaram os atos de “quebra-quebras” e de depredações. Será que eles foram motivados apenas por ações e reações patrióticas? Será que podem estar ligados a motivos mais profundos, como, por exemplo, o conflito de classes (populares x comerciante rico) e conflitos étnicos (brasileiros x estrangeiros)?

Segundo Cruz (2012), o conflito em torno de Nicola estava cercado de intenções que ultrapassavam o sentimento de nacionalismo e acabava provocando desforra, como, por exemplo, motivos políticos relacionados à “acerto de contas entre militantes comunistas e os antigos adeptos do integralismo”; conflito étnico que provocava “a inveja dos comerciantes

locais” com relação às boas condições de vida alcançadas pelos comerciantes estrangeiros; e por fim, a atitude de puro vandalismo e excesso desses grupos em saquear e destruir as coisas do “outro” (Cruz, 2012, p. 88).

Conforme as memórias do Sr. Murillo Melins, além do italiano Nicola Mandarino, outros estrangeiros sofreram represálias. Melins relembra a história sobre o Cinema São Francisco, que era situado em Aracaju, no Alto da Colina de Santo Antônio, de propriedade dos frades alemães. O prédio do convento ficava exatamente em frente ao cinema, cuja sala de projeção apontava para o Bairro Industrial. Segundo relatos de alguns populares, após as sessões de cinema, os frades utilizavam os projetores para enviar mensagens em código Morse. Eles comunicavam detalhes sobre a barra de entrada de Aracaju, incluindo situações e horários específicos. Eventualmente, os frades foram presos e sofreram várias represálias devido a suspeitas de denúncias e atividades de espionagem: “Vivíamos um período dominado pelo medo de ataques, marcado por constante agitação. Nós, estudantes, participamos ativamente de todas as atividades, sempre vigilantes a qualquer movimento suspeito”.

O Cinema São Francisco, aqui em Aracaju, no Alto da Colina de Santo Antônio, era dos frades alemães. O convento era de frente ao cinema, depois o espaço se tornou o Centro Espírito que eu participei. Então, a tela... a projeção do cinema era virado para o Bairro Industrial, para a Nova Brasília, para a cidade de lá. E a tela ficava aqui. Então, diziam que, quando acabava de passar os filmes lá, os frades usavam os projetores de imagem no alfabeto Morse, comunicando para a barra, a barra de entrada daqui de Aracaju, a situação e os horários. Esses frades foram presos e sofreram com represálias. Nós vivemos um tempo apavorados e pensando que nós íamos ser atacados. Era uma agitação e nós, como estudantes, participamos de tudo. Todo movimento estranho, a gente ficava de olho, ficava aqui e acompanhava. Ninguém tinha sossego na época, porque não se tinha mais liberdade. Era tudo preocupado. E a defesa antiaérea sempre prevenindo que era iminente um ataque aéreo e tal. Então, todo mundo vivia preocupado. E depois começou a faltar o mantimento, né? A manteiga, a gasolina... que tudo vinha de fora. Houve um racionamento. Tinha um cartão de racionamento (Melins, 2023).

O terceiro e último exemplo trata da Arqueologia da Guerra. Afinal, a dimensão da tragédia ocorrida em águas sergipanas pode ser medida através dos registros iconográficos encontrados no Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES, 1942). Uma das fotografias analisadas captou parte do cenário da guerra — uma praia sergipana — onde foram encontrados possíveis cilindros de gás que se desprenderam dos navios torpedeados na costa de Sergipe (Ver *Figura 19*). A presença desses vestígios navais desprendidos das embarcações

por meio de ações belicosas, como os torpedeamentos realizados pelo submarino alemão contra navios mercantes nacionais, representou parte das provas concretas de que a guerra já tinha chegado ao Brasil.



Figura 19 - Possíveis cilindros de gás que se desprenderam dos navios torpedeados na costa de Sergipe.
Fonte: Arquivo Público do Estado de Sergipe (1942).

Segundo a pesquisa realizada por Monteiro (2013), a respeito dos armamentos e munições existentes no submarino *U-507*, há informação de que “os torpedos eram armazenados no convés, em um compartimento especial, do lado de fora da cápsula de pressão do submarino. Cada um tinha cerca de sete metros de comprimento, com um peso aproximado de 1,5 toneladas (cerca de 300 quilos de explosivos) e meio metro de diâmetro” (2013, p. 51). Pelas características descritas, cada um tinha a potência de afundar um navio de grande porte (Monteiro, 2013). É importante destacar que nenhum vestígio material dos torpedos ou demais armamentos do submarino ou dos navios chegaram às regiões praianas.

Todavia, vale lembrar que, dois torpedos que foram lançados pelo *U-boot* contra o navio Baependi não acertaram o alvo e estão no fundo do Atlântico nas regiões próximas dos sítios de naufrágios. Logo, quando forem localizados os restos dos navios, há a possibilidade de encontrar esses dois torpedos disparados pelo *U-507*. As investigações arqueológicas relacionadas a estes artefatos bélicos poderiam se debruçar, conforme as premissas de

Neyland (2011), tanto sobre os aspectos técnicos (dimensão, potência e funcionamento), como também sobre as consequências causadas pelos seus usos no meio social em que é disparado, ou seja, seus “aspectos sociais, culturais, simbólicos [...] que se encontram por trás dos artefatos” (Porto, 2013, p. 21).

Por meio das análises dos torpedos (Ver *Figura 20*), seria possível identificar o fabricante dos projéteis e, conseqüentemente, o local de origem desse material militar. Dessa maneira, teríamos as provas concretas sobre os agressores dos navios brasileiros, talvez confirmando a autoria dos alemães — informação descrita, frequentemente, na maioria das fontes documentais — ou contradizendo-a. Afinal, vale destacar que existe outra versão, a de autoria dos norte-americanos. Contudo, somente a pesquisa arqueológica através do estudo da cultura material poderia, segundo Funari (2002), “não só complementar as informações textuais, como fornecer informações [...] não disponíveis e até mesmo confortar-se às fontes escritas” (Funari, 2002, p. 1).



Figura 20 - Submarino U-505, com vista para a sala de torpedos, exposto no Museu de Ciência e Indústria, em Chicago, EUA.³⁶

De acordo com a documentação encontrada no Arquivo Público do Estado de Sergipe, não há informação a respeito dos possíveis cilindros de gás, das baleeiras e demais vestígios

³⁶ Fotografia do U-505, exposto no Museu de Ciência e Indústria, em Chicago, EUA. Disponível em: https://www.msichicago.org/fileadmin/assets/whats_here/exhibits/press_photos/u-505_submarine/U-505_ForewardTorpedoRoom.jpg. Acesso em: 17 jan. 2024.

navais. O registro fotográfico está, inclusive, sem identificação por escrito. Nas fontes bibliográficas também encontramos poucas informações. Conforme a publicação do Edital de Normas da Capitania dos Portos de Sergipe, do dia 06 de outubro de 1942, esse material, assim como os demais advindos da tragédia, deveriam, por determinação, ser recolhidos e encaminhados à Capitania dos Portos ou ao 28º Batalhão dos Caçadores (APES, 1942). No entanto, de acordo com as informações obtidas na Capitania dos Portos de Sergipe, toda a documentação que diz respeito a esse período histórico foi encaminhada à sua sede, situada no Rio de Janeiro.

Todavia, em resposta encaminhada por e-mail, a Marinha do Brasil informou não haver materialidade nem documentação referente aos torpedeamentos, à exceção das listas contendo os nomes de tripulantes e passageiros, igualmente disponibilizadas por e-mail. Diante dessa lacuna documental, levantam-se algumas hipóteses acerca do possível destino da materialidade recolhida à época dos ataques. É plausível supor que, ao longo dos anos, em meio às sucessivas mudanças na gestão administrativa, esse acervo tenha sido considerado destituído de relevância histórica, classificado como material sem utilidade e, conseqüentemente, descartado. Até o momento, contudo, não se dispõe de resposta conclusiva a esse respeito.

CAPÍTULO 2 - “MANOBRAS LIVRES” DO SUBMARINO *U-507*: AGRESSÕES ALEMÃS CONTRA O NAVIO BAEPENDÍ

O 1º, o **Baependí**,
Um **navio de cabotagem**,
Foi atacado de noite,
Teve toda a **desvantagem**.
Afundou logo em seguida
Com toda a sua **bagagem**...

323 **almas**
Era a **tripulação**,
Brutalmente atingida
Pelo **torpedo alemão**
Lançado na covardia,
No meio da **escuridão**...

290 **mortos**,
33 **sobreviventes**,
Naquele tão grande insulto
À honra de nossas gentes
Foi decretada a morte
De centenas de **inocentes**[...]

Nesse **ataque** foi visível
O tamanho da ousadia:
Dizimou o 7º **Grupo**
De dorso e **artilharia**,
Privando o povo da vida,
Do **amor** e da **alegria**...

Chiquinho do Além Mar
(2021, pp. 85-86).³⁷

Inicialmente, a guerra submarina³⁸ não foi compreendida por parte da população sergipana, que, na década de 1940, ainda era majoritariamente analfabeta. Esse tipo de conflito bélico, que exigia um alto investimento em tecnologia e era caracterizado pelas disputas entre os países do Eixo e dos Aliados, possibilitava embates impetuosos tanto em águas oceânicas quanto em áreas litorâneas, envolvendo navios, submarinos e aviões. Até agosto de 1942, esses confrontos eram incomuns de ocorrer em águas brasileiras. Por isso, os

³⁷ Cordel intitulado *Os Ataques do Submarino Alemão no Litoral de Sergipe em 1942*, elaborado por Francisco Passos Santos, mais conhecido como “Chiquinho do Além Mar”, foi publicado em 2021 e utiliza xilogravuras para ilustrar a tragédia bélica. Os grifos em negrito presentes nos versos citados acima foram inseridos pela autora desta tese.

³⁸ A guerra submarina, no contexto dos *U-boote* alemães, pode ser melhor compreendida na obra *Submarinos Alemães: A Arma Oculta*, de David Mason, publicada em 1975. Já no âmbito nacional, especificamente em Sergipe, pode ser elucidada por meio da dissertação de Mestrado intitulada *A Guerra Já Chegou Entre Nós’: O Cotidiano de Aracaju Durante a Guerra Submarina (1942-1945)*, de Luiz Cruz (2012).

ataques perpetrados pelo submarino alemão, que vitimaram crianças, mulheres e homens, provocaram perplexidade e incompreensão (Cruz, 2011). Esses eventos também instigaram a imaginação das pessoas da época, que não compreendiam o *modus operandi* de um *U-boot*³⁹.

O palco ideal escolhido pelo submarino *U-507* para efetivar as “manobras livres” foi a região litorânea entre Sergipe e Bahia, nos dias 15, 16 e 17 de agosto de 1942, quando as noites ainda estavam completamente escuras, devido à fase da lua nova, e a movimentação da navegação de cabotagem era intensa. Executar “manobras livres” significava que as ações do *U-boot* não estariam mais restritas, sendo-lhe permitido torpedear as embarcações brasileiras livremente, tanto em alto-mar quanto em regiões costeiras.

Diante disso, o Capitão de Corveta, Harro Schacht, ao navegar pelas profundezas do Atlântico Sul, sob o comando do *U-507*, ficou à espreita buscando encontrar suas vítimas para torpedeá-las. Na perspectiva de Durval Pereira, em sua obra intitulada *Operação Brasil: o ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial*, publicada em 2015, as informações presentes em cartas náuticas, que foram entregues ao capitão Schacht pela *Kriegsmarine* (Marinha de Guerra Alemã), informavam quais eram as linhas de transporte marítimo entre as capitais brasileiras e demais cidades do litoral nordestino, fato este que facilitou as ações de patrulhamento alemão em águas nacionais.

No alvo dos nazistas estariam cinco navios mercantes que seriam agredidos sequencialmente: Baependi, Araraquara, Aníbal Benévolo, Itagiba e Arará. Conforme Marcelo Monteiro, em seu livro denominado *U-507 - o submarino que afundou o Brasil na Segunda Guerra Mundial*, publicado em 2013, os submarinistas identificaram quando cada embarcação se aproximou e bastou somente aguardar o momento exato para disparar os torpedos. Em contrapartida, os navios brasileiros, sem possuir nenhum dispositivo de alerta, eram rastreados por horas sem perceber a presença dos alemães, sendo, portanto, atacados e afundados sem chance de defesa.

O primeiro navio mercante a ser rastreado e posteriormente torpedeado foi o Baependi. De acordo com as informações do Ministério da Marinha, disponíveis na obra *História Naval Brasileira: A Marinha na Segunda Guerra Mundial*, publicada em 1985, o vapor foi avistado no final da tarde do dia 15 de agosto, em uma região de “profundidade local média de 38 metros, na posição de Lat 11° 51’ S e Long 37° 02’ W, a 20 milhas do rio Real”, sendo descrito como “um mercante de cerca de cinco mil toneladas, iluminado, seguindo no rumo

³⁹ Mason (1975) define o submarino como uma embarcação com capacidade de navegação tanto emersa quanto submersa, diferenciando-se dos navios de superfície. Equipado com motores a diesel e motores elétricos a bateria, o *U-boot* necessitava emergir periodicamente para recarregar o sistema elétrico, permitindo-lhe atuar como elemento surpresa temporário nos ataques (Mason, 1975; Monteiro, 2013).

35° com velocidade de nove nós” (Gama; Martins, 1985, p. 347). Em 1942, embora esse navio já contasse com mais de quarenta anos de uso, ainda era considerado um grande vapor para os padrões brasileiros da época, sendo impulsionado pelas caldeiras alimentadas por carvão, possuindo uma chaminé no centro de sua estrutura, sendo equipado com dois grandes mastros e antenas que eram usadas para comunicação e navegação. Havia também uma bandeira hasteada na proa, indicando a nacionalidade brasileira da embarcação (Pereira, 2015).

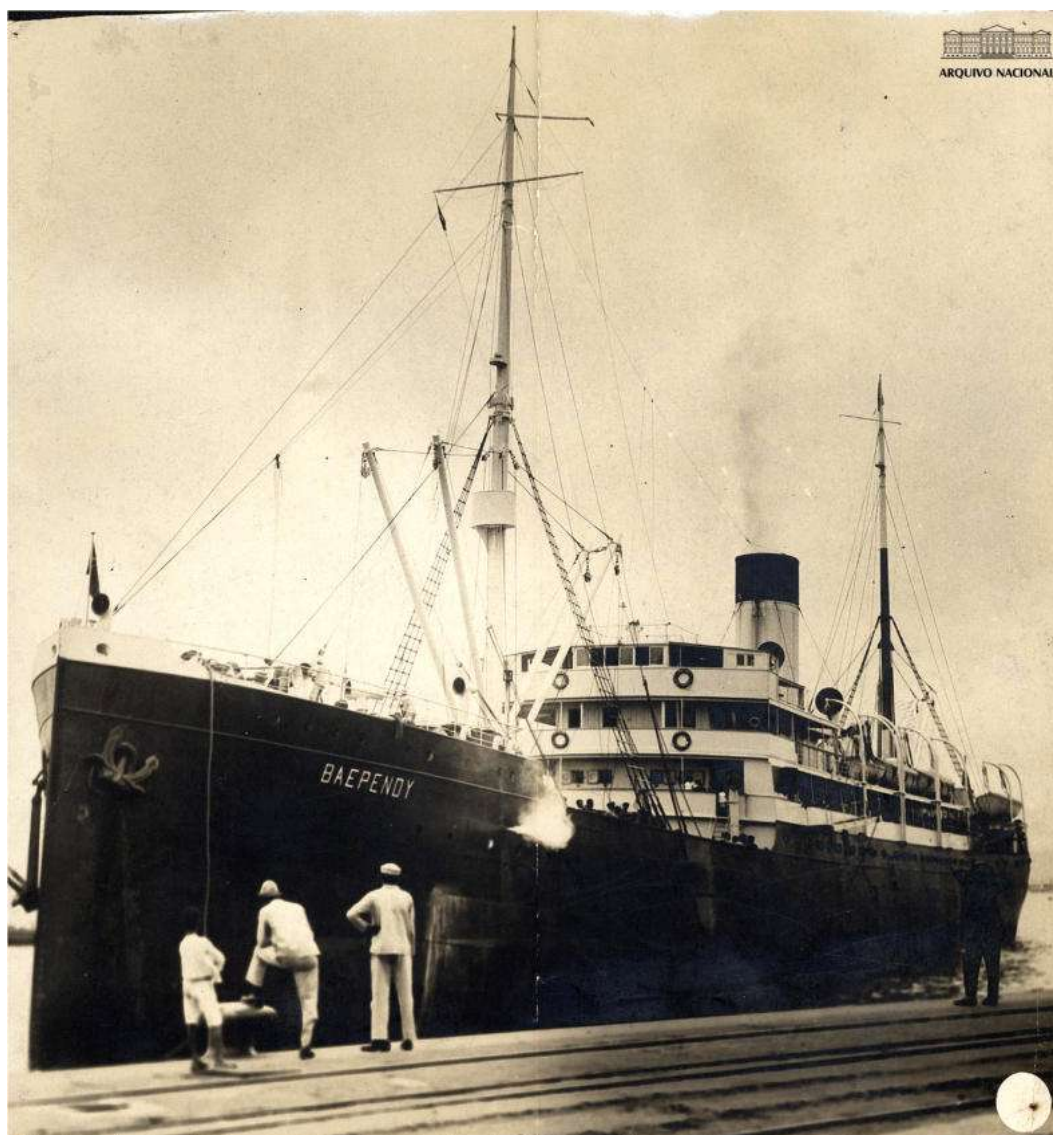


Figura 21 - O Baependí foi torpedeado pelo submarino alemão U-507 quando navegava próximo ao litoral de Sergipe.⁴⁰

A *Figura 21* exhibe o Baependí, que, por coincidência, era um navio alemão que tinha sido construído em 1899, no estaleiro *Blohm & Voss*, em Hamburgo, na mesma cidade que o

⁴⁰ Navio Baependí em 1934. Fonte: Arquivo Nacional, Fundo Correio da Manhã. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/737183032775167692/>. Acesso em: 19 mar. 2024.

U-507, tendo sido batizado com o nome Tijuca (Monteiro, 2013). Essa informação levanta uma questão intrigante: por que havia um navio alemão integrando a frota da Marinha Mercante Brasileira? Para responder a esta pergunta é necessário regressar à época da Primeira Guerra Mundial, mais precisamente ao ano de 1917. Naquele período, o Brasil teve que romper suas relações diplomáticas com a Alemanha e declarar guerra, principalmente devido aos ataques de submarinos alemães a navios brasileiros em águas internacionais. Face às consequências desses ataques e à perda de embarcações nacionais, o presidente de então, Venceslau Brás, adotou a medida de confiscar 45 navios alemães que estavam ancorados em portos do Brasil. Entre esses navios estava o Tijuca, que mais tarde seria renomeado como *Baependí*. Esse confisco foi visto na época como uma forma de compensação pelas perdas sofridas nessa Grande Guerra (Guimarães, 1985; Sander, 2007).

No período dos torpedeamentos de 1942, o navio em questão, com mais de quatro décadas de operação, já era considerado obsoleto. Era frequentemente descrito como “[...] um dos lentos paquetes da linha costeira do Lloyd Brasileiro” (Gama; Martins, 1985, p. 347), que era a principal companhia de navegação do Brasil, com um total de 76 embarcações (Guimarães, 1985). O termo “paquete”, conforme explicado por Pereira (2015), deriva da palavra em inglês “*packet*”, que significa “pacote”, refletindo a função dual do navio para transporte tanto de passageiros quanto de cargas. Naquela época, devido à falta de navios especializados da Marinha para o transporte de tropas, essas embarcações também eram utilizadas para mover contingente militar juntamente com civis e mercadorias.

Na noite do naufrágio, a maior parte dos passageiros a bordo do *Baependí* consistia em militares do 7º Grupo de Artilharia de Dorso (7º GADô)⁴¹, somando um total de 141 homens, incluindo o comandante da unidade, oficiais e soldados, acompanhados de suas famílias, que se dirigiam para Olinda, Pernambuco, para guarnecer o Nordeste. É importante salientar que, além dos militares, o vapor também transportava material bélico pertencente ao grupo como parte de sua carga.

A rota de viagem do *Baependí* iniciava no Rio de Janeiro/RJ, com escalas nas capitais Salvador/BA, Recife/PE, Natal/RN, Fortaleza/CE e Belém/PA, tendo como destino final Manaus/AM. Foi durante o trajeto rumo ao norte-nordeste, especificamente próximo ao litoral

⁴¹ Por intermédio do Decreto-lei nº 4.342, de 26 maio de 1942, o Presidente da República Getúlio Vargas resolveu criar o 7º Grupo de Artilharia de Dorso (7º GADô) a partir de 1º de junho de 1942, fruto da extinção do 1º Grupo Independente de Artilharia Misto e da 3ª Bateria do 4º Grupo de Artilharia de Dorso. A origem do grupo remonta à época do Brasil Colônia, quando os artilheiros guarneciam os fortes espalhados pelo litoral. Fontes: <https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/141125-cria-o-7u-grupo-de-artilharia-de-dorso-na-7u-regiua-militar.html> e <https://7gac.eb.mil.br/index.php/publicacoes/126-parabens-ao-regimento-olinda>. Acesso em: 22 maio de 2024.

sergipano, que o navio foi interceptado e atacado pelo submarino *U-507*, que seguia em direção contrária rumo ao sudoeste. O ataque ocorreu enquanto o Baependí navegava a uma velocidade de 9 nós (aproximadamente 16,6 km/h) e se encontrava a uma distância entre 11 e 20 milhas do rio Real, em uma área com profundidade média de 40 metros. A posição registrada durante o ataque foi de Latitude 11° 50' S e Longitude 37° 00' W (Agressão, 1943; Sander, 2007; Araujo, 2008).

Ao comparar as informações sobre velocidade, profundidade e localização potencial do naufrágio do Baependí fornecidas por autores como Gama e Martins (1985), Sander (2007), Araujo (2008), Porto (2013) e Pereira (2015), observa-se uma coerência geral nos dados. Contudo, a confirmação exata da localização só será possível mediante pesquisas arqueológicas subaquáticas. Quanto ao rumo do navio no momento do ataque, há divergências: Pereira (2015) aponta 288°, enquanto Gama e Martins (1985) mencionam 35°. Após análise das fontes, optei por endossar as informações de Pereira, que se baseiam no diário de bordo do *U-507*, considerando-as mais precisas em comparação às de Gama e Martins, que utilizaram reportagens jornalísticas, as quais apresentam maior probabilidade de conter equívocos.

Durante o trajeto da viagem, o Baependí cumpriu as instruções de segurança emitidas tanto pela direção da Companhia do Lloyd Brasileiro, quanto pelo Estado-Maior da Armada, que orientavam as embarcações a não se afastarem da costa. As autoridades já cientes dos perigos em alto-mar, determinavam que as viagens fossem mantidas a menos de dez milhas náuticas, no limite da navegação de cabotagem, deixando as luzes dos salões e dos camarotes apagadas, com exceção das luzes dos faróis de navegação para evitar acidentes.

Momentos antes dos ataques, o capitão do submarino *U-507* escreveu em seu diário de bordo que a embarcação que estava em sua mira não demonstrava sinais de neutralidade. Afinal, segundo a ordem emitida pela Marinha de Guerra Alemã, “[...] os navios iluminados parcialmente, mas sem indicação de neutralidade, [...] eram considerados não neutros” (Monteiro, 2013, p. 70). Além disso, foi liberado o uso de armas, sem aviso prévio, contra esse tipo de embarcação que navegasse pela região considerada fora da área de bloqueio. No entanto, este não era o caso do Baependí, já que navegava na região costeira entre Sergipe e Bahia, mesmo assim, naquela noite, foi posto a pique.

No contexto da navegação de cabotagem, esse vapor se destacava por ser considerado um grande navio de passageiros e cargas, visivelmente robusto, com múltiplos decks e estruturas superiores. Ele foi projetado com um casco de aço que media 119 metros de comprimento, 14,10 metros de largura (boca) e 9,26 metros de profundidade (pontal). Essas

dimensões conferiam a esta embarcação uma capacidade significativa de manobrabilidade em diferentes condições marítimas. Equipado com um motor de quádrupla expansão capaz de desenvolver 2.250 cavalos, o Baependi alcançava uma velocidade máxima de 11 milhas por hora e mantinha uma velocidade econômica de 8 milhas por hora. Esse sistema propulsor não apenas garantia eficiência no consumo de combustível, mas também assegurava velocidade adequada para as rotas comerciais e de passageiros que o navio frequentemente navegava (Agressão, 1943; Porto, 2013).

No que se refere à sua capacidade de carga, possuía um deslocamento bruto de 4.801 toneladas e líquido de 3.066 toneladas. A embarcação dispunha de amplos porões que, mesmo com um abatimento de 15%, suportavam cargas diversas como navio de cabotagem. A volumetria dos porões era expressiva, com um total de 255.380 pés cúbicos disponíveis para armazenagem. Além da capacidade para cargas gerais, estava equipado com tanques que podiam transportar até 850 toneladas de carvão e óleo, recursos essenciais para longas viagens sem reabastecimento. Essa característica era complementada por um calado que variava de 10 a 25 pés, permitindo operações em diferentes portos com restrições de profundidade (Agressão, 1943).

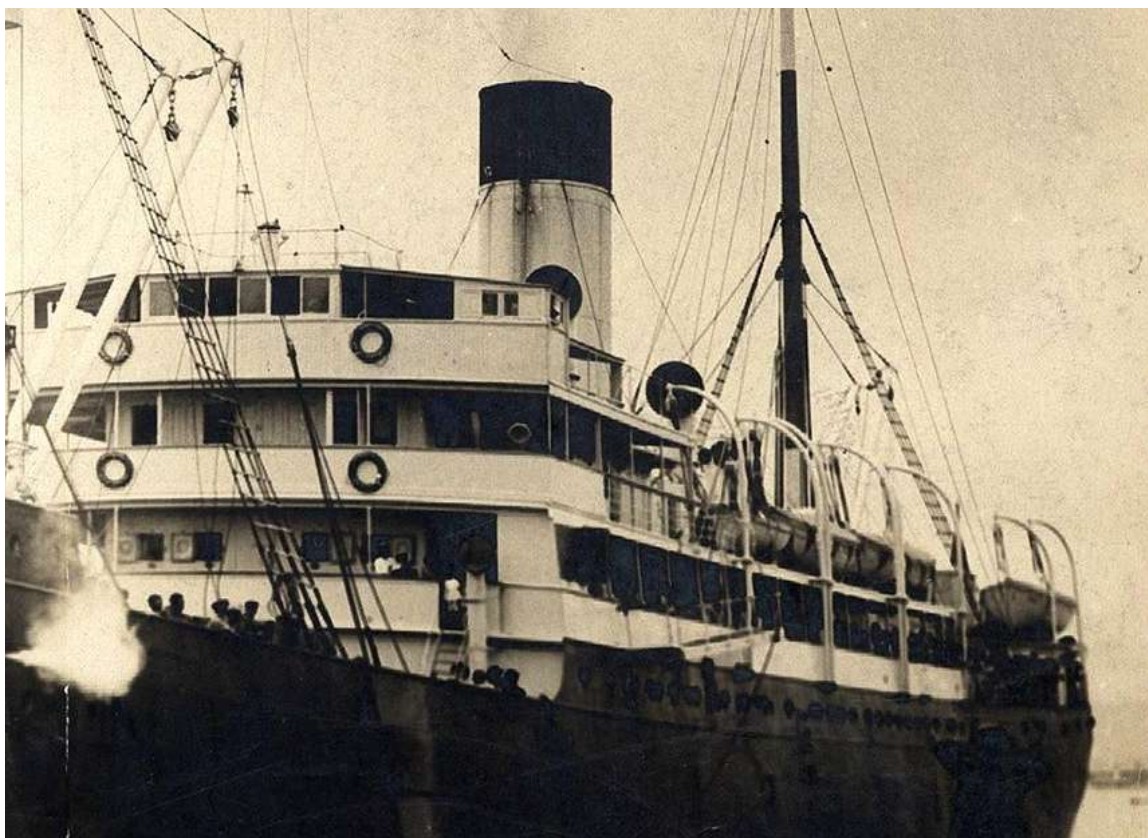


Figura 22 - As baleeiras do navio Baependi em foco. Fonte: Arquivo Nacional (1934).

Na parte central da embarcação havia uma chaminé grande e proeminente pintada de branco com uma faixa preta, típica dos navios de passageiros, utilizada para a exaustão dos gases do motor. Na parte superior do navio, à direita, observa-se a presença de baleeiras e possivelmente outros equipamentos de segurança e navegação, como as boias salva-vidas. A estrutura apresenta várias janelas e aberturas, indicando áreas de acomodação e operacionais, construída para longas viagens de cabotagem, como mostra a *Figura 22*.

A acomodação para passageiros refletia as práticas sociais e de viagem da época, com a primeira classe comportando 75 passageiros em condições de luxo e conforto, enquanto a terceira classe com camarotes era capaz de acomodar até 244 passageiros (Agressão, 1943). Essa segmentação garantia que diferentes classes sociais pudessem ser atendidas de maneira “adequada”, como uma reprodução da sociedade em terra, durante as viagens de um estado para outro. A embarcação não apenas servia como um meio de transporte, mas também como um microcosmo das dinâmicas sociais e econômicas do período, desempenhando um papel importante no transporte marítimo antes de seu trágico fim durante a Segunda Guerra Mundial.

De acordo Rambelli (2003), o navio pode ser entendido como um “microcosmo social” que representa, em parte, a nossa sociedade, já que consegue reunir, em um mesmo espaço, múltiplas identidades e experiências, podendo, dessa maneira, ser estudado a partir de diferentes perspectivas:

Como um sistema complexo que, como qualquer representação da sociedade, envolve desigualdades, contradições e conflitos sociais. Seja a embarcação entendida como designação comum a toda construção destinada a navegar sobre a água — artefato flutuante; ou a embarcação enquanto a maior expressão histórica dos fluxos de trocas; ou a embarcação enquanto estrutura de poder; ou a embarcação enquanto representação flutuante das relações sociais; ou a embarcação enquanto paisagem humana móvel; ou ainda, a embarcação enquanto símbolo de identidade sócio-histórica regional, nacional e internacional (Rambelli, 2003, p. 83).

O registro fotográfico do navio na *Figura 22* serve como uma evidência visual representativa da cultura material naval, que mostra a estrutura do Baependi antes do seu naufrágio, que ocorreu em agosto de 1942, após as ações de guerra submarina alemã.

2.1. Da celebração de “Feliz Aniversário” ao lamento das mortes trágicas como vítimas da guerra: o torpedeamento do Baependi

No início do crepúsculo, um vapor é avistado a nove milhas náuticas (16,7 km). Manobrei adiante. Na escuridão, o vapor acendeu suas luzes de navegação, entretanto, não há marcas de neutralidade [...] (Pereira, 2015, p. 142).

No auge do final de semana, o navio a vapor deslizava tranquilamente pelas águas do Atlântico Sul, navegando entre os litorais da Bahia e de Sergipe. Era sábado à noite, e a atmosfera a bordo da antiga e lenta embarcação de origem alemã era de festividade. Dentro do navio, no salão de jantar, o clima era de comemoração, muitos oficiais e passageiros celebravam o aniversário do Imediato⁴² Antônio Diogo de Queiroz, ocasião marcada por diversos discursos realizados por seus colegas, além da apresentação dos músicos da pequena orquestra do navio (Gama; Martins, 1985; Monteiro, 2013).

Quando o jantar acabou, algumas pessoas se dirigiram para o salão de música, outras foram para seus camarotes descansar, enquanto alguns soldados, que eram passageiros pertencentes ao 7º Grupo de Artilharia de Dorso, foram para o convés se divertir, tocando pandeiros, batendo latas e cantarolando sentados sobre as grandes caixas que guardavam os canhões do grupo militar que seriam levados para Recife/PE. Todavia, “desconhecendo o perigo que os rondava, passageiros e tripulantes não imaginavam que estavam prestes a entrar para a História do Brasil da pior forma possível” (Pereira, 2015, p. 157).



⁴² Oficial que substitui o Capitão a bordo de um navio.

Figura 23 - O salão de jantar do Baependí era decorado com requinte e luxo para um navio que, além de cargas, fazia o transporte de passageiros. Fonte: Jornal *O Globo* (1942, p. 1).⁴³

A fotografia em preto e branco, na *Figura 23*, revela o interior do salão de jantar do navio Baependí, exemplificando o luxo e o requinte típicos da cultura material naval do início do século XX. O mobiliário robusto, com cadeiras de madeira de encostos altos e mesas dispostas simetricamente, reflete um ambiente de classe para longas viagens. Talheres de prata ou aço, louças de porcelana, copos de vidro e guardanapos de tecido dobrados habilmente denotam o refinamento do espaço. Elementos como cortinas, luminárias e bancos acolchoados indicam o conforto a bordo. Após o torpedeamento, parte dessa cultura material foi levada às praias sergipanas e apropriada por populares, evidenciando a dispersão de bens “malafogados”⁴⁴ resultantes da tragédia naval. No contexto do naufrágio, fragmentos de porcelana, talheres e madeira possivelmente preservados poderão fornecer informações sobre a vida a bordo e o uso desse espaço como um microcosmo social flutuante.

Em relação ao cotidiano a bordo do Baependí, com base nas análises de fontes primárias, como as listas da tripulação, foram identificados os responsáveis pelas refeições que eram servidas na embarcação. José Vicente da Silva atuava como primeiro cozinheiro, com Eliodoro Lins Cavalcante e Antônio Luciano da Silva como segundos cozinheiros, e Arlindo Monteiro da Silva como terceiro cozinheiro, auxiliado por Luiz Vargas. A equipe também incluía José Correia de Melo, padeiro responsável pelas massas e pães, e Eduardo Rodrigues Uchôa, copeiro encarregado das bebidas servidas a bordo (APES, 1942; Agressão, 1943).

Outro espaço interno de convívio e socialização era o salão de música, onde bebidas e comidas eram servidas pelos tripulantes, proporcionando um ambiente agradável para os passageiros que viajavam na navegação de cabotagem atravessando o país do sudeste ao nordeste brasileiro. A *Figura 24* revela o ambiente aconchegante e bem decorado do salão de música, composto por mobiliário de madeira refinada. À direita, destaca-se um piano, próximo a um sofá acolchoado, disposto em “L” ao longo da parede, com uma mesa redonda à frente, coberta por uma toalha. A ventilação do salão era garantida por janelas adornadas com cortinas. No centro da fotografia, uma porta de madeira sólida proporcionava o acesso a outros compartimentos da embarcação.

⁴³ Salão de jantar do Baependí. Fotografia publicada no jornal *O Globo*, em 1942. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/21695350-c3f-fe2/imagemHorizontalFotogaleria/Baependi.jpg>. Acesso em: 17 mar. 2024.

⁴⁴ Os vestígios chamados de “malafogados” referem-se aos objetos que se desprenderam dos navios e aos pertences dos passageiros e tripulantes que foram encontrados espalhados nas praias sergipanas em agosto de 1942, juntos aos corpos das vítimas (Cruz, 2012; 2017).



Figura 24 - Salão de música do navio Baependí, onde se vê um piano em um ambiente confortável.
Fonte: Jornal *O Globo* (1942, p. 1).⁴⁵

É importante evidenciar de antemão que uma das portas do navio serviu como “balsa improvisada” para alguns sobreviventes da tragédia bélica, como veremos a seguir ao final deste capítulo. Todos os elementos materiais, como fragmentos de madeira, estofados e peças do piano, entre outros vestígios que possivelmente se preservaram ao longo do tempo, são evidências fundamentais da vida a bordo. Assim, essa cultura material é essencial para reconstituir o cotidiano da embarcação antes da tragédia, fornecendo importantes indícios sobre o uso dos espaços e as práticas dos passageiros e tripulantes.

Nos momentos que antecederam os torpedeamentos, parte dos passageiros e tripulantes reuniram-se justamente nesses dois espaços de convivência, os salões de jantar e de música, conforme apresentados nas *Figuras 23 e 24*, celebrando o aniversário do Imediato Queiroz. A animação da festa estava garantida pelo trio musical formado por tripulantes da embarcação: Clóvis Brandão ao piano, Celso Andrade Pereira Lyra no saxofone e Higino Severino Pessoa na bateria. Eles interpretavam clássicos da música brasileira daquela época, destacando-se a "Valsa Plangente", de Chiquinha Gonzaga, e "Aquarela do Brasil", de Ary Barroso, sendo esta última música um expoente do samba-exaltação, estilo que ganhou proeminência durante o Regime Político Ditatorial Vargasista, que foi marcado pelo ufanismo.

⁴⁵ Salão de música do Baependí. Fotografia publicada no Jornal *O Globo*, em 1942. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/21695349-d6f-52b/imagemHorizontalFotogaleria/Baependi.jpg>. Acesso em: 17 mar. 2024.

De acordo com Monteiro (2013), essas melodias ressoaram até o instante dos ataques. Seguem trechos da última canção executada no Baependí, de acordo com os sobreviventes:

"Aquarela do Brasil"

Brasil, meu Brasil brasileiro
Meu mulato inzoneiro
Vou cantar-te nos meus versos

O Brasil, samba que dá
Bamboleio, que faz gingar
O Brasil do meu amor
Terra de Nosso Senhor
Brasil! Brasil! Pra mim! Pra mim! [...]

O Brasil, verde que dá
Para o mundo se admirar
O Brasil do meu amor
Terra de Nosso Senhor
Brasil! Brasil! Pra mim! Pra mim! [...]

Ô! Esse coqueiro que dá coco
Onde eu amarro a minha rede
Nas noites claras de luar
Brasil! Brasil! [...]

Ô! Esse Brasil lindo e trigueiro
É o meu Brasil brasileiro
Terra de samba e pandeiro
Brasil! Brasil! Pra mim! Pra mim!

(Ary Barroso, 1939).

A alegria contagiante das brasileiras e brasileiros que celebravam a bordo do Baependí, cantando versos como “O Brasil... para o mundo se admirar... Brasil! Brasil! Pra mim!”, teve um fim trágico às 19h12min. Neste exato momento, os alemães iniciaram ações de guerra, interrompendo abruptamente a festividade e ceifando a vida da maioria dos tripulantes e passageiros ao lançar dois torpedos contra o navio. O ataque resultou inclusive na morte do aniversariante, dos três músicos e de todos os responsáveis pelas refeições do Baependí, exceto pelo 3º cozinheiro Arlindo Silva e pelo ajudante de cozinha Luiz Vargas, que sobreviveram. Os demais pereceram, e, não tendo seus corpos identificados, foram classificados na lista da tripulação como desaparecidos (Agressão, 1943).



Figura 25 - O primeiro tripulante é o aniversariante, Antônio Diogo de Queiroz, Imediato do navio, classificado na lista oficial como desaparecido (à direita); em seguida, o Radiotelegrafista Balthazar Pereira, que foi salvo; Lídio Freire e Carlos Saraiva, ambos desaparecidos.

Fonte: Jornal *A Noite* (1942, p. 7).⁴⁶

A agressão submarinista causou não apenas “admiração” no sentido de surpresa, mas também grande indignação no contexto social entre sergipanos, baianos e brasileiros em geral. Além disso, surpreendeu outras nações, incluindo os Estados Unidos, que prontamente demonstraram solidariedade diante da guerra submarina no Atlântico Sul, sendo o episódio dos torpedeamentos chamados posteriormente de *Pearl Harbor Brasileiro*, como mostra a *Figura 26* (Jornal *A Noite*, 1942).

De acordo com a publicação jornalística *A Noite* (1942), os ataques praticados pelo *U-boot* alemão contra as nossas rotas de navegação provocaram no Brasil um movimento de repúdio semelhante ao que ocorreu nos Estados Unidos, após o ataque surpresa à base naval de *Pearl Harbor*, em dezembro de 1941, realizado pela marinha japonesa. As reações nacionais contrariaram as expectativas do Eixo, evidenciando que a Alemanha havia subestimado a capacidade de resposta do Brasil frente às ameaças e imposições. Em diversas capitais e cidades, manifestações populares demonstraram profunda indignação contra as atrocidades nazistas, destacando-se Aracaju, a primeira capital reconhecida como vítima da guerra submarina.

⁴⁶ Apesar de a imagem jornalística informar que havia apenas tripulantes do Baependi, a conferência com a lista oficial publicada na obra *Agressão* (1943) revela um equívoco em relação ao último nome mencionado, Carlos Saraiva Alonso, 2º radiotelegrafista, dado como desaparecido. Conforme a referida fonte, ele pertencia, na verdade, à tripulação do navio Araraquara. Fonte: Jornal *A Noite* (1942, p. 7).



Figura 26 – Os torpedeamentos ficaram conhecidos como o *Pearl Harbor Brasileiro*.
Fonte: *Jornal A Noite* (1942, p. 3).

O jornal relata que, apesar de alguns excessos pontuais, rapidamente contidos, a população brasileira preservou uma postura de ordem e dignidade, recusando-se a reproduzir as ações brutais do Eixo. Contudo, não foi possível manter essa ordem em todos os lugares. Em Aracaju, o caso mais conhecido de hostilidade foi a perseguição realizada contra o italiano Nicola Mandarin, que teve sua residência invadida, seus pertences destruídos e queimados pela ira de parte da população local.

Neste contexto histórico marcado pela guerra, ao refletir, à luz da Arqueologia, sobre a materialidade da passagem da Segunda Guerra Mundial por Sergipe, emergem alguns questionamentos: que vestígios da cultura material resultantes dos torpedeamentos chegaram às praias e quais ainda persistem 82 anos após os ataques? Essas indagações não foram facilmente respondidas, pois, embora a documentação jornalística da época seja abundante nas instituições oficiais⁴⁷ da capital sergipana, a documentação primária de natureza material sobre essa temática é exígua e, por muitos anos, foi pouco investigada. Somente na última década começaram a surgir pesquisas acadêmicas e bibliografias mais consistentes, incluindo artigos, livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

⁴⁷ Por meio da realização de pesquisas orais e de campo, constatou-se que a única entidade oficial em Sergipe que possui cultura material proveniente dos torpedeamentos é o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; as demais possuem apenas documentos primários e secundários, como o Arquivo Público do Estado de Sergipe, o Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe, a Capitania dos Portos de Sergipe, o Aeroclube de Sergipe, o 28º Batalhão de Caçadores e o Memorial de Sergipe (UNIT).

Neste segundo capítulo, sob a perspectiva arqueológica, examinarei parte das representações da materialidade terrestre, como destroços, mercadorias, objetos pessoais e corpos que chegaram às praias de Sergipe e Bahia, além de analisar os relatos de alguns sobreviventes. Posteriormente, explorarei e apresentarei as hipóteses sobre a materialidade submersa, considerando os naufrágios tanto como sítios arqueológicos quanto como túmulos de guerra, temas que serão detalhadamente discutidos no último capítulo desta tese.

Ao analisar a cultura material emersa proveniente do naufrágio do Baependí, que chegou às costas de Sergipe e Bahia, por meio dos registros fotográficos, percebe-se que se destacam os corpos das vítimas, denominados de biofatos na Arqueologia, além de uma variedade de objetos e destroços das embarcações. Entre esses “restos” e “rastros”⁴⁸, incluíam-se mercadorias transportadas em caixotes como tecidos, louças e talheres, além de latas de manteiga, sacos de farinha de trigo e fardos de charque. Materiais de uso doméstico, tais como cadeiras, colchões, redes e mesas, também foram trazidos à costa, juntamente com pedaços de madeira de diferentes tamanhos e tipos, que se desprenderam dos navios.⁴⁹ Adicionalmente, foram encontrados objetos pessoais das vítimas, incluindo roupas, sapatos, joias e malotes com dinheiro. Baleeiras salva-vidas, algumas com sobreviventes e outras vazias ou semidestruídas, também chegaram às praias (APES, 1942).

Os impactos desses eventos trágicos navais foram profundamente sentidos pela população local, que testemunhou a chegada da guerra ao Brasil através da chegada desses vestígios. Os relatos dos sobreviventes reforçaram essa percepção, marcando os litorais baiano e sergipano como cenários das ofensivas praticadas pelo capitão Harro Schacht sob o comando do submarino alemão (Rosa, 2015; 2016).

Essa percepção de praia como cenário da guerra é evidenciada em diversos registros, como os apresentados na obra *Agressão: documentário dos fatos que levaram o Brasil à guerra*, publicada pela Imprensa Nacional em 1943, um ano após os torpedeamentos. Este documentário inclui fotos das baleeiras que alcançaram as praias sergipanas⁵⁰, trazendo consigo alguns naufragos, evidenciando a extensão da tragédia bélica e da materialidade associada aos naufrágios.

⁴⁸ Conceitos de Walter Benjamin apresentados no artigo de Sedlmayer, Sabrina e Ginzburg. *Walter Benjamin Rastro, aura e história* (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

⁴⁹ Entrevistas realizadas em 2024 com o Sr. Murillo Melins, a Sra. Josefa Martins Lima, o Sr. Vidigal de Oliveira Lima e o Sr. Arivaldo G. Salgado, contemporâneos dos torpedeamentos que presenciaram a chegada de destroços, corpos e sobreviventes nas praias sergipanas em agosto de 1942.

⁵⁰ A descrição da imagem do livro *Agressão* (1943, p. 39) informa que a baleeira chegou em uma praia sergipana, mas, na verdade, com base nos depoimentos dos sobreviventes, sabe-se que o bote salva-vidas chegou em Mangue Seco, norte da Bahia, região fronteira com Sergipe, tendo como limite o rio Real.

A *Figura 27* mostra a cena de parte da tragédia naval bélica do Baependí, que foi capturada pelas lentes dos pilotos do Aeroclube de Sergipe, um dia após os ataques, quando os aviadores estavam em busca de outra embarcação: o Aníbal Benévolo, considerado um “navio sergipano” e que estava desaparecido. Os pilotos voaram pelo litoral sul do estado, a 60 quilômetros da costa, a pedido da Capitania dos Portos de Sergipe, cooperando com a missão de busca do navio Aníbal Benévolo. Durante as buscas, os aviadores perceberam que havia ocorrido algum naufrágio, devido às “esquisitas manchas” no mar e à imensa quantidade de destroços espalhados com pessoas nadando ao redor (Cruz, 2012, p. 78).

Eram os sobreviventes que ainda estavam em alto-mar, agarrados aos materiais flutuantes, enquanto outros, estranhamente, já eram avistados na praia, como mostra o registro fotográfico aéreo. A imagem exhibe os poucos sobreviventes do Baependí (à esquerda) que conseguiram se abrigar em uma baleeira (Rosa; Rambelli, 2020). Antes de chegarem em terra firme, ficaram à deriva em alto-mar por horas até serem trazidos pela correnteza marítima a uma praia sergipana. Na *Figura 27*, vemos destroços espalhados pela areia da praia e ao fundo as dunas e a vegetação costeira, já no primeiro plano (à esquerda) observamos as ondas do mar próximas aos náufragos.

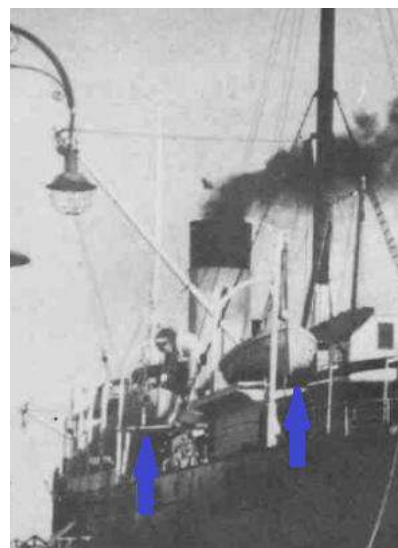


Figura 27 - Barco salva-vidas do Baependí com sobreviventes chegando à praia. Fotografia capturada pelos pilotos do Aeroclube de Sergipe. Fonte: Agressão (1943, p. 39).

O registro aéreo da *Figura 27* foi capturado pelos aviadores do Aeroclube de Sergipe, que desempenharam a função de prestar os primeiros socorros às vítimas e de comunicar sobre o ataque bélico às autoridades locais, como a Capitania dos Portos de Sergipe, representada na época pelo Capitão Gentil Homem de Menezes, e ao Governo do Estado, representado pelo então Interventor Federal Augusto Maynard Gomes.

Diante dos episódios trágicos ocorridos no contexto dos ataques navais, representados na fotografia, emergem alguns questionamentos: por que apenas uma baleeira foi eficaz no salvamento das vítimas? O que ocorreu com os demais botes de sobrevivência? As respostas foram obtidas por meio dos depoimentos dos náufragos, publicados tanto em periódicos locais, como o *Correio de Aracaju* e a *Folha da Manhã*, quanto em jornais de circulação nacional, como *A Noite*, do Rio de Janeiro, que à época era a capital federal.

Esses relatos revelaram que o impacto do primeiro torpedo causou uma devastação tal que madeiras e vidros se estilhaçaram e as máquinas cessaram seu funcionamento. Houve então um forte estrondo seguido pela rápida invasão das águas na embarcação. Em meio a esse cenário de desespero, tanto tripulantes quanto passageiros encontraram enormes dificuldades para liberar os botes salva-vidas, impedidos principalmente pela tinta recente que tinha aderido os nós das cordas aos botes, efetivamente prendendo-os ao navio, que afundou rapidamente, em minutos, no meio da noite⁵¹ (Monteiro, 2013; Maynard, 2019; Rosa; Rambelli, 2020). De acordo com Gama e Martins (1985), o pânico e o desespero intensificaram as dificuldades nos esforços de salvamento, tornando a situação ainda mais trágica.



⁵¹ Para mais informações, ver as obras de Dilton Cândido Santos Maynard, intitulada *Noites de terror em mar e terra: o cotidiano em Aracaju (1942-1945)*, publicada no livro *Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial* em 2019; Marcelo Monteiro, intitulada *U-507 - O Submarino que Afundou o Brasil na Segunda Guerra Mundial*, publicada em 2013.

Figuras 28 e 29 - O navio Baependí com os botes de sobrevivência chamados de baleeiras.
Fonte: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.⁵²

As *Figuras 28 e 29* mostram o Baependí com os botes de sobrevivência, próximos à chaminé (onde tem as indicações das setas em azul), que foram usados na época, caracterizados como embarcações do tipo baleeira, que, na hora dos ataques, ficaram presas ao navio, algumas sendo arrastadas para o fundo do oceano. A fotografia mostra o navio atracado em um porto brasileiro, exibindo a visão da popa, onde podemos observar uma pintura no casco com a descrição informando o nome do vapor: “Baependy”.

Os submarinistas não ficaram satisfeitos em lançar apenas um torpedo contra a embarcação. Logo, prepararam e dispararam o segundo torpedo que acertou os tanques de combustível, provocando uma grande explosão. De acordo com o depoimento do Sr. Adolfo Artur Kern, chefe de máquinas, nesse momento, as luzes do navio se apagaram e a estação de transmissão de rádio parou de funcionar, não dando nem tempo para pedir socorro. A fumaça logo começou a encobrir aquela cena de horror. O Baependí foi rapidamente se inclinando para boreste, direção de onde tinham vindo os torpedos, até afundar de vez com a maioria das pessoas e das baleeiras (Agressão, 1943; Monteiro, 2013).

As entrevistas concedidas pelo 1º tenente José Joel Marcos, pelo capitão Lauro Moutinho dos Reis e demais sobreviventes ao jornal *A Noite*, publicadas em 21 de agosto de 1942, corroboram ao informar “fragmentos da tragédia”, descrevendo-a como uma “visão dantesca” e “cenas fulminantes” ao presenciar a embarcação naufragando no meio do Oceano Atlântico após um ataque bélico.

Com o adernamento, o que era chão virou parede e as pessoas que ainda havia pouco corriam abobalhadamente em todas as direções, se viram de repente obrigadas a galgar obstáculos, subir por superfícies quase lisas e servir de brinquedo dentro do barco aos trambolhões. Um oficial, com a esposa e o filho, agarravam-se fortemente no corredor, unidos, tentando lutar contra a morte. Uma jovem, com a volta súbita do navio, foi vista ser esmagada. Outra, foi levada pelas águas. Pessoas que tentavam subir nos camarotes, onde tinham ido buscar o salva-vidas, eram obrigadas a recuar pela avalanche líquida. Não houve tempo para quaisquer medidas de salvamento, porque 30 segundos depois o Baependí recebia um segundo torpedo, tombando inteiramente. Em 3 minutos, estava inteiramente afundado. No intervalo do primeiro para o segundo torpedo, houve quem ouvisse o navio apitar, única medida que o comandante pôde adotar. Não houve sequer tempo para desamarrear as baleeiras, fortemente amarradas por cabos. Salvo engano, é pouco provável que outra embarcação tenha

⁵² Fotografia publicada do site da Marinha do Brasil. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/dphdm/sites/www.marinha.mil.br/dphdm/files/BaependiNavioTransporte1924s.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

sido utilizada, senão a que acolheu os sobreviventes, e que se desprende em consequência do abalo do torpedeamento (Jornal *A Noite*, 1942, p. 10).

O naufrágio do Baependí foi marcado por uma sequência trágica e rápida de eventos que resultou em uma devastadora perda de vidas. Atingido, de início, por um torpedo aproximadamente à meia nau, o impacto causou um grande rombo na linha da água, fazendo com que o navio começasse a adernar fortemente. Em um estado de choque, os passageiros que conseguiram reagir buscaram desesperadamente meios de escapar, enquanto muitos, infelizmente, se afogaram devido à rápida invasão das águas nas dependências do navio, como camarotes, casa das máquinas, porões, refeitório e salão de música, como mostra o trecho da reportagem jornalística *A Noite* (1942, p. 10):

Pessoas que tentavam subir nos camarotes, onde tinham ido buscar o salva-vidas, eram obrigadas a recuar pela avalanche líquida. Não houve tempo para quaisquer medidas de salvamento, porque 30 segundos depois o Baependí recebia um segundo torpedo, tombando inteiramente.

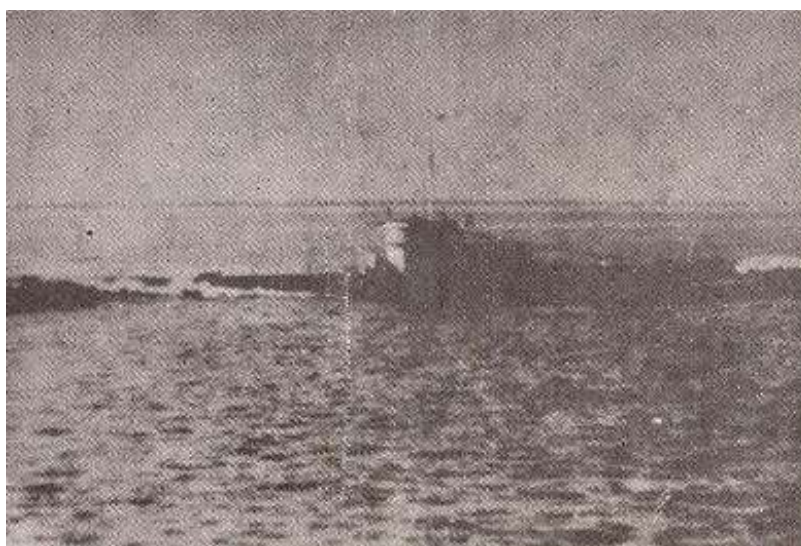
Logo, a estrutura do navio foi abruptamente comprometida, fazendo com que o que antes era chão se transformasse em parede. Os passageiros, em pânico, encontraram-se subitamente lutando para escalar superfícies quase lisas e desorientados dentro do navio revirado. Durante esse caos, uma cena de desespero se destacou: um oficial e sua família, agarrados em um corredor, enfrentavam a morte de mãos dadas. Tragicamente, enquanto alguns lutavam para alcançar coletes salva-vidas, outros eram esmagados ou arrastados para o mar pela força das águas. A embarcação, atingida por um segundo torpedo, tombou completamente e afundou em cerca de três minutos.

O comandante do Baependí (Ver *Figuras 30 e 31*), em um esforço desesperado, conseguiu acionar apenas o apito do navio, a única ação possível em tão pouco tempo. De acordo com os depoimentos dos sobreviventes, “[...] o Capitão de Longo Curso João Soares da Silva, morreu no passadiço enquanto acionava o apito do navio” (Porto, 2013, p. 37).



Figuras 30 e 31 - Registros fotográficos antes da partida fatídica, o comandante do Baependi cercado de oficiais do Exército Nacional. Fontes: Agressão (1943) e Jornal *O Globo* (1949).⁵³

As baleeiras, que poderiam ter servido de refúgio, permaneceram inacessíveis, amarradas firmemente e incapazes de serem lançadas ao mar devido à rapidez e intensidade dos torpedeamentos. A magnitude da tragédia foi tal que, dos poucos botes salva-vidas, apenas um se soltou pelo impacto dos torpedos e foi utilizado por apenas 28 sobreviventes, sendo que, a bordo do vapor, estavam cerca de 323 pessoas (Agressão, 1943).



Figuras 32 e 33 - Capitão de Corveta Harro Schacht e o submarino U-507 que torpedeou os navios brasileiros, cuja ação na costa de Sergipe levou o Brasil à guerra. Fonte: Gama e Martins (1985, p. 316).

⁵³ Jornal *O Globo* de 18 de novembro de 1949, p. 1. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/alemanha-de-hitler-ataca-navio-baependi-no-nordeste-mata-270-brasileiros-21694808>. Acesso em: 03 mar. 2024.

Conforme Pereira (2015), o comandante do *U-507*, Harro Schacht (Ver *Figura 32*), acompanhou de perto o estertor do navio brasileiro e descreveu o afundamento do Baependi em seu diário de bordo: “decorridos quatro minutos do impacto do primeiro torpedo, ressalta que não fora transmitido o pedido de socorro. O alemão sabe que atacara um navio de passageiros, mas não faz qualquer menção de prestar socorro aos sobreviventes” (Pereira, 2015, p. 161).

O saldo trágico deste primeiro naufrágio foi de 287 mortos, segundo a obra *Agressão* (1943). Todavia, não há um consenso sobre o número de tripulantes e passageiros a bordo. Serafim e Bittencourt (2006), por exemplo, informam que foram 270 mortos; mas, independentemente da contagem, constata-se que centenas de brasileiras e brasileiros se transformaram nas primeiras vítimas dos nazistas, em águas territoriais brasileiras, eram crianças, mulheres, homens, civis e militares. Apenas 36 pessoas conseguiram se salvar, sendo 18 tripulantes e 18 passageiros.

“Somente uma baleeira com 28 sobreviventes atingiu a costa no dia seguinte, no local conhecido por Moita Verde, ao sul do rio Real. Oito outros náufragos, quase mortos, agarrados a destroços de madeira, chegaram à terra no dia 17” (Gama; Martins, 1985, p. 347). “A tragédia do Baependi foi a maior de todas entre os navios brasileiros mercantes durante o período da Segunda Guerra Mundial” (Porto, 2013, p. 37).

Para identificar o número de pessoas a bordo do navio, na noite do ataque, foi feita uma análise da relação nominal dos tripulantes e passageiros, disponível no documentário *Agressão* (1943), que informa detalhadamente os nomes dos náufragos salvos e desaparecidos (mortos). O resultado da análise mostra que o total de viajantes era de 323 pessoas, sendo 73 tripulantes e 250 passageiros. Tais dados corroboram com os apresentados por Cruz (2012) e Monteiro (2013). Entretanto, é importante ressaltar que há controvérsia em relação ao número exato de pessoas a bordo, pois há fontes que apresentam dados variados. Por exemplo, Gama e Martins (1985), Serafim e Bittencourt (2006) e Sander (2007), citados acima, afirmam que havia 73 tripulantes e apenas 233 passageiros, sendo, portanto, um total de 306 pessoas a bordo, ou seja, 17 passageiros a menos.

É importante evidenciar os nomes das vítimas⁵⁴, as quais geralmente são referenciadas apenas como números. Além de citar, também vou apresentar e analisar alguns relatos dos sobreviventes. Neste sentido, acredito que o simples fato de trocar os números pelos nomes, personifica e valoriza a identidade dessas vítimas de guerra. Afinal, eram pessoas como nós,

⁵⁴ As listas com os nomes de todas as vítimas estão presentes nos anexos. Fonte: Arquivo Público Estadual de Sergipe – APES.

que tinham famílias, trabalhos e sonhos, mas que tiveram suas vidas tragicamente interrompidas pela guerra (Rosa, 2015). Diante disso, entendo que o fato de citar os nomes deixa em evidência uma questão importante: o chamado à memória (Nora, 1993)⁵⁵. Seguem abaixo os nomes dos náufragos que conseguiram sobreviver à tragédia do Baependí.

Os tripulantes resgatados foram: Adolfo Arthur Kern (1º maquinista); Alicio Borges Tavares (1º piloto); Antônio Joaquim dos Santos (marinheiro); Arlindo Monteiro da Silva (2º cozinheiro); Augusto Caetano de Medeiros (marinheiro); Balthazar Santos Pereira (1º radiotelegrafista); Deoclides Gomes da Silva (marinheiro); Eustáquio Dias dos Santos (marinheiro); Francisco de Castro (foguista); Henrique Francisco dos Santos (marinheiro); João Alves Caldas (marinheiro); José Guerra (2º comissário); Luiz Vargas (adj. cozinha); Minervino Severiano de Souza (carvoeiro); Pascácio Calado (enfermeiro); Raimundo Corrêa da Silva (marinheiro); Severino Teles dos Santos (carvoeiro) e Zacarias da Conceição (marinheiro).

Em relação ao destino de viagem dos passageiros salvos naquele trágico dia, os militares que faziam parte do Grupo de Artilharia de Dorso tinham embarcado na cidade do Rio de Janeiro e seguiam para a cidade de Recife/PE, entre eles estavam: Abel Dantas (soldado); Alípio Lavay (3º Sargento); Eleutério Trindade (Soldado); Gilberto Lima; José Castelo Branco Verçosa (1º Tenente); José Gabriel de Souza; José Joel Marcos (1º Tenente); Jorge Tramontin (3º Sargento); Lauro Moutinho dos Reis (Capitão); Odyr do Nascimento (Soldado); Oswaldo Ferreira Ariosa (Soldado); Vicente de Paula Souza Pulcherio (1º Sargento); Viterbo Storry; Walter Pinto Brandão (Soldado) e Zamir de Oliveira. Já outros dois passageiros civis que também se salvaram foram: Floriano de Freitas Ceará, que viajava com destino a Belém/PA, enquanto Vilma Fernandes Castelo Branco, que havia embarcado em Salvador/BA, tinha como destino final a cidade de Recife/PE.

No que concerne aos números exatos de pessoas a bordo do Baependí, cabe aqui uma ressalva, pois esses números variam de acordo com as fontes. Conforme Porto (2013), viajavam naquele dia na embarcação 306 pessoas, entre civis e militares, sendo a maioria composta por militares que se dirigiam à Recife para formar o 7º Grupo de Artilharia de Dorso. No entanto, contrapondo esses números, Cruz (2012, p. 72) e Monteiro (2013, p. 57) alegam que viajavam, na verdade, 323 pessoas — “[...] 73 tripulantes e 250 passageiros”. Entre os passageiros, 141 deles eram militares (Cruz, 2012).

⁵⁵ Conceito de memória coletiva: Nora, Pierre et al. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

Além de identificar o número de pessoas a bordo do navio Baependí e caracterizar parte do perfil da tripulação em relação à sua composição, descrevendo as ocupações dos sobreviventes, foi realizado um levantamento para identificar quantas mulheres e crianças viajavam no dia dos torpedeamentos e quantas sobreviveram. Os resultados dessa análise serão apresentados no início do próximo subtópico.

Com base na análise da materialidade, fundamentada nos registros fotográficos dos vestígios dos torpedeamentos, foram identificadas duas baleeiras, conforme demonstram as *Figuras 34 e 35*. Esses registros retratam dois botes salva-vidas que chegaram às praias em estado de conservação classificado como semidestruído. Presume-se que esses botes tenham se desprendido do Baependí após o naufrágio e que, em razão de suas condições estruturais, encontravam-se visivelmente inutilizáveis para fins de salvamento.



Figuras 34 e 35 - Baleeiras do Baependí, semidestruídas, que foram dar à praia de Sergipe.
Fontes: *Jornal O Globo* (1942, p. 1) e ALESP (2012, p. 1).⁵⁶

Em busca dessa cultura material naval, foram realizadas pesquisas orais e documentais nas instituições oficiais de Aracaju/SE, como o Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES)⁵⁷, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), a Capitania dos Portos de Sergipe (CPSE)⁵⁸, a Marinha do Brasil (DPHDM)⁵⁹, o 28º Batalhão de Caçadores - Batalhão

⁵⁶ *Jornal O Globo* de 18 de novembro de 1949, p. 1 e site da Assembleia Legislativa de São Paulo. Disponíveis em: <https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/21695351-218-c53/imagemHorizontalFotogaleria/Baependi.jpg> e <https://www.al.sp.gov.br/geral/noticia/detalhe.imagem.jsp?id=117637>. Acesso em: 17 mar. 2024.

⁵⁷ Em visita presencial ao Arquivo Público do Estado de Sergipe, entre os meses de abril a junho de 2023, foi constatada a ausência de materialidade, com exceção da presença de registros fotográficos, jornalísticos e documentos primários sobre os torpedeamentos.

⁵⁸ O contato com a Capitania dos Portos de Sergipe foi feito inicialmente por meio de ligação telefônica e troca de e-mails, em maio de 2024, visando fazer o agendamento da visita técnica. Todavia, foi adiantado por e-mail que não existe materialidade dos torpedeamentos na instituição. Segue o trecho do e-mail respondido pela militar Mariele Teza: “A entrevista com relação à visita à Capitania, talvez não vá acrescentar ao seu trabalho. Uma vez que não temos em nossos arquivos material com este tema, nem tão pouco peças da época”.

⁵⁹ Em contato com a Marinha do Brasil, por meio da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), via e-mail em 15 de maio de 2024, só foi possível obter informações pontuais sobre as listas

Campo Grande (28 BC)⁶⁰, o Aeroclube de Sergipe⁶¹, o Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe⁶² e o Memorial de Sergipe (UNIT)⁶³. Todavia, constatou-se a ausência de vestígios das baleeiras ou de qualquer outra materialidade provenientes dos torpedeamentos, com exceção do IHGSE, que terá a visita relatada no Capítulo 3. Após essa averiguação sobre a presença ou ausência de cultura material relacionada aos torpedeamentos, especificamente sobre as baleeiras, podemos afirmar que não se tem conhecimento sobre o destino delas, se foram reparadas e reutilizadas em outras embarcações, ou se foram consideradas impróprias para uso e descartadas como entulhos.

A partir da constatação de que apenas uma baleeira foi utilizada para salvar parte da tripulação e passageiros, surge uma nova indagação: se as baleeiras estavam impossibilitadas de cumprir sua função náutica de salvamento, como alguns náufragos conseguiram sobreviver sem este recurso naval? A resposta também foi encontrada em depoimentos publicados nos jornais da época, que descrevem os tipos de cultura material usados como “balsas improvisadas” ou “balsas frágeis”. Esses relatos atestam que apenas oito pessoas conseguiram se salvar agarradas a destroços do Baependi.

Com exceção da baleeira que possibilitou o salvamento de apenas 28 pessoas, incluindo a única mulher, Vilma Castelo Branco, seguem os detalhes da identificação dos destroços do navio que serviram como “balsas improvisadas”: 1 - Uma porta de madeira do navio, que garantiu o salvamento de quatro náufragos em alto-mar: o médico Viterbo Storry, o 3º sargento Alípio Lavay e os soldados Walter Pinto Brandão e Walter Ferreira da Silva. No entanto, a porta foi “perdida” próximo à praia devido à arrebentação do mar revolto. Todavia, como eles estavam usando coletes salva-vidas, conseguiram chegar à praia, sendo auxiliados

dos tripulantes mortos e desaparecidos dos navios mercantes Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo. As demais informações solicitadas não constam no arquivo do DPHDM.

⁶⁰ Em visita presencial ao 28º Batalhão de Caçadores, em 05 de junho de 2023, foi constatada a ausência de materialidade sobre os torpedeamentos. Todavia, houve a inauguração do espaço cultural apresentando documentos, cartazes e réplica do submarino *U-507* referente aos torpedeamentos. Além disso, há dioramas, maquetes e variados objetos que representam a participação dos militares sergipanos e brasileiros na Segunda Guerra Mundial. As imagens da visita estão disponíveis nos anexos desta tese.

⁶¹ Em visita presencial ao Aeroclube de Sergipe, em 09 de março de 2023, foi confirmada a ausência de materialidade na instituição referente à época dos torpedeamentos. Contudo, foi possível visitar o espaço cultural que relata a história do Aeroclube, dando ênfase à participação dos aviadores no resgate das vítimas da tragédia naval ocorrida em agosto de 1942. As imagens da visita estão disponíveis nos anexos desta tese.

⁶² A visita presencial realizada no Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe, entre os meses de abril a junho de 2023, constatou a ausência de materialidade, com exceção da presença de escassa documentação sobre a época, como, por exemplo, a Apelação Criminal de Horácio Nelson Bitencourt, mais conhecido como Nelson de Rubina.

⁶³ Em visita presencial ao Memorial de Sergipe, ocorrida entre os meses de abril e maio de 2023, também foi atestada a ausência de materialidade, com exceção da documentação jornalística referente aos torpedeamentos. O foco do acervo é a participação dos militares sergipanos e brasileiros no conflito mundial. As imagens da visita estão disponíveis nos anexos desta tese.

por pescadores que formaram um cordão humano, esticando os braços e avançando cerca de 30 metros mar adentro para resgatá-los. 2 - Um pedaço de uma tolda de madeira de aproximadamente quatro metros quadrados, que foi utilizada por dois tripulantes: o chefe de máquinas Adolfo Arthur Kern e o enfermeiro de bordo Pascácio Calado. Eles foram recolhidos ainda no mar por pescadores em uma pequena canoa. 3 - A cós da bússola do Baependí, presa a um lençol usado como vela, que serviu de “balsa frágil” e garantiu a vida do “moço do leme”, conhecido pelo apelido de “Pará”, o qual não teve o seu nome completo mencionado no depoimento do jornal *A Noite* (1942).

Para elucidar melhor o entendimento a respeito dessa materialidade naval, que foi primordial para o salvamento das reduzidas vítimas do naufrágio, iniciarei relatando as experiências marcantes e dolorosas vivenciadas pelos quatro tripulantes que se salvaram utilizando uma das portas do Baependí. Em especial, analisei o relato do médico Viterbo Storry, que detalhou momentos antes, durante e depois dos torpedeamentos até a chegada à região praiana, juntamente com os outros três náufragos militares: Alípio Lavay, Walter Brandão e Walter da Silva. Os destroços que serviram como uma espécie de “balsa improvisada” utilizada por eles, incluíram, primeiramente, uma das portas de madeira do navio, que provavelmente se desprendeceu com a explosão dos torpedos ou com a submersão da embarcação; em segundo lugar, um pedaço de madeira do Baependí com cerca de um metro de largura que serviu como uma “frágil balsa” para Walter da Silva.

O testemunho carregado de detalhes e emoções sobre o naufrágio, ocorrido em circunstâncias dramáticas, revela não apenas a tragédia provocada pela guerra submarina, mas também a resiliência dos sobreviventes diante da situação extrema vivenciada. O relato do passageiro Viterbo Storry é particularmente comovente porque evidencia a complexidade física e emocional enfrentada por aqueles que estavam a bordo e conseguiram escapar da morte como vítimas da guerra. “Apesar de esgotado fisicamente, [...] tendo ainda a face e os membros bastante machucados”, Storry descreve os acontecimentos, sem poder esconder a consternação em recordar a tragédia naval. Segue abaixo trechos do depoimento publicado no jornal *A Noite*, em 22 de agosto de 1942:

Após o jantar com que se havia comemorado o aniversário do comissário de bordo, em companhia dos colegas [...], deixaram o convés, caminhando-se para a sala de música [...]. No justo momento em que entrava ali, o navio foi abatido pela explosão do torpedo. — Fomos torpedeados! — exclamou o Dr. Storry. O Dr. Viterbo, em companhia de Zamir de Oliveira, deixou o interior da sala de música para o convés, enquanto Renato de Amorim Garcia saía como um louco a procura da esposa, que se encontrava no camarote [...],

enquanto o navio adernava violentamente. Após a explosão de um segundo torpedo, o navio virou quase completamente [...]. Prosseguindo em sua narrativa, disse ainda o médico que foi, então, atirado por um vagalhão do mar bastante revoltado, à água. Assim que conseguiu vir à tona, agarrou-se a destroços que flutuavam ao redor. À noite, tempestuosa, fria, estava escura, impenetrável, invadindo seu coração de angústia indizível, aumentada pelo lúgubre apito do Baependi, que submergiu em menos de quatro minutos. Pondo-se a nadar, sem saber para onde se dirigir, trocando de destroços [...], sem nenhuma esperança de salvar-se, pois se julgava a cinquenta milhas da costa, [...] lembrou dos seus enquanto em volta ouvia gemidos, lamentos e imprecações. [...] Parece inacreditável, mas o fato é que me sentia, a despeito de tudo, calmo e só a esse fato, presumo, devo ter-me salvo. Pouco adiante, sempre tateando na escuridão, encontrei uma porta. Deixei os destroços a que me agarrara e pus-me sobre ela. Remando com as mãos, projetei-me para adiante (Jornal A Noite, 1942, p. 3).

Viterbo Storry, um jovem médico da Saúde Pública, que viajava com destino a Recife/PE para atuar no Serviço de Peste, juntamente com seus colegas, foi surpreendido com a tragédia inesperada que transformou uma comemoração de aniversário em uma luta pela vida. A noite de sábado, marcada pela festa do Imediato de bordo, foi abruptamente interrompida pela violência de um ataque submarinista. Como Storry descreve, “caminhando-se para a sala de música [...]. No justo momento em que entrava ali, o navio foi abatido pela explosão do torpedo. — Fomos torpedeados!”, uma exclamação que captura o choque momentâneo e a urgência da situação perante o ataque de guerra.

Enquanto Storry e Zamir de Oliveira lutavam para sair da sala de música, outro colega, Renato de Amorim Garcia, agia “como um louco à procura da esposa”, evidenciando o desespero em meio à situação trágica. Isso o levou a agir de maneira contrária à lógica de sobrevivência. Em vez de se manter na superfície do navio, Renato adentrou o interior, dirigindo-se ao camarote, seguindo suas emoções na tentativa de salvar a mulher que amava. Contudo, ele não conseguiu retornar. Segundo o relato do médico Viterbo, ambos morreram no naufrágio do Baependi. Tal fato corrobora com a nossa hipótese de que o navio pode ser considerado um “túmulo de guerra”, devido à presença das vítimas que ficaram presas nos compartimentos da embarcação, incluindo os camarotes.

À medida que o navio começava a afundar significativamente, principalmente após a explosão do segundo torpedo, Viterbo Storry foi tomado por uma profunda angústia ao ouvir o apito do Baependi submergindo em menos de quatro minutos, além dos gritos e lamentos dos outros passageiros. Contudo, ele foi obrigado a lutar para sobreviver, enfrentando as adversidades marítimas e agarrando-se aos destroços.

De maneira inexplicável, no auge de sua angústia, Storry encontrou um estado de calma que ele atribui como essencial para sua sobrevivência. Essa observação evidencia que, em momentos de crise, a serenidade pode ser tão vital quanto a ação física para a sobrevivência⁶⁴. Um dos fatores que serviu como um importante suporte psicológico foi certamente a lembrança dos seus familiares que o ajudou a lutar pela vida, como cita em seu depoimento.

Finalmente, a descoberta de uma porta flutuante e sua decisão de usá-la para se manter à tona, remando com as mãos e com os pés, simbolizam sua resiliência perante os atos de guerras que lhe foram acometidos. A reportagem com o depoimento de Viterbo Storry prossegue:

Pouco tempo depois percebia que havia outros companheiros de infortúnio nas imediações. Gritei-lhes: “Alô!”. Responderam-me. Tratava-se do sargento Alípio Levey e do soldado n. 315, Walter Pinto Brandão, que traziam colete salva-vidas e estavam agarrados a destroços. Fi-los subir à porta que me sustentava. Passado algum tempo, percebemos que havia mais gente próximo. Constatando o fato, aproximamo-nos vindo a dar com o soldado número 398, Walter Ferreira da Silva Santos, que com grande esforço conseguira lança-se para uma pequena balsa de um metro de largura. E prossegue contando doutor Storry que a solidariedade de todos, a calma, a resignação de que se achavam possuídos, é que lhes permitiu sobreviver. A chuva fria, o vento implacável, fazia dos seus corpos pobres trapos humanos. Agarrados uns aos outros, em cima de uma *balsa frágil* e dividindo entre si os miseráveis despojos de roupa que os vestiam, principiaram a impulsionar a balsa numa direção que a intuição lhes dizia que ia dar em terra e guiando-se vagamente por uma grande estrela rebrilhante. Assim, unidos, mais animados, eles a quem já não restava esperança, principiaram, naquela precária situação, a trocar impressões. Cada qual tinha presenciado as mais terríveis cenas de quando não era mesmo um dos seus protagonistas (Jornal A Noite, 1942, p. 3).

A narrativa do médico Viterbo documenta os eventos traumáticos decorrentes dos torpedeamentos, ressaltando a importância da solidariedade e da cooperação em momentos críticos. Em seu relato, ele afirma ter avistado outros náufragos nas proximidades, entre eles os militares Alípio Lavay, Walter Brandão e Walter da Silva. A interação entre os sobreviventes reacendeu a esperança de sobrevivência e, em um gesto altruísta, Storry auxiliou seus companheiros ao utilizar uma porta de madeira do Baependi como “balsa improvisada”, compartilhada entre os náufragos.

⁶⁴ Esta lição para ocorrências no mar foi um dos aprendizados do Curso de Mergulho da *National Association of Underwater Instructors* (NAUI), ministrado pelo Professor Gilson Rambelli, experiência que será descrita no Capítulo 5.

Apesar de enfrentar condições ambientais marítimas severas, eles encontraram forças uns nos outros, em um esforço coletivo, para guiar a “frágil balsa” em direção à terra. Além do esforço físico realizado em conjunto, houve também uma interação com troca de experiências que funcionou como um apoio emocional diante da situação extrema. A narrativa do médico Viterbo segue adiante, revelando o que passaram durante aquela noite:

O receio de todos era que, no amanhecer, tivessem impulsionado a improvisada embarcação para o alto mar. Ao clarear o dia, no entanto, notaram uma fimbria de terra, longe, muito longe, o que fez renascer-lhes as esperanças. Sem remos, [...] usaram, para impulsionar a embarcação, as mãos e, quando estas se fatigaram, os pés. Sentavam-se à bordo da balsa e batiam os pés na água furiosamente. A esta altura, o Dr. Viterbo Storry exhibe suas pernas, bastante maltratadas pela estranha maneira de remar. Aproximando-se da praia, a uma distância superior a 200 metros, perceberam que ali estava a parte mais difícil a vencer naquela jornada. O mar agitado, ondas gigantescas que se iam quebrar furiosamente na praia deserta. A representação era medonha, capaz de desanimar o mais destemido nadador. Não perderam o ânimo, todavia os protagonistas. Havia a bordo três coletes salva-vidas, e estes é que deviam dar-lhe a salvação [...]. Arrebentação, todavia, traía-os. Um vagalhão jogou um deles fora da balsa. Era a morte, pensavam. Todavia, de posse de um dos coletes, o homem flutuava, ainda que com grande dificuldade. Na praia, já afluiu gente que lhes acenava [...]. Os caboclos, então, metendo-se corajosamente na água, fazendo com os braços musculosos uma corrente humana, um braço passado no outro, conseguiram fazê-los sair do torvelinho das ondas, conduzindo-os para terra firme (Jornal A Noite, 1942, p. 3).

Durante a noite, após o naufrágio, mesmo sem querer, a incerteza dominava os pensamentos dos sobreviventes, pois estavam com receio de que “no amanhecer, tivessem impulsionado a improvisada embarcação para o alto-mar”. Esta fala ressalta o medo constante e a insegurança que marcavam cada momento após a tragédia provocada pelos torpedeamentos. No entanto, ao amanhecer, a visão de uma faixa de terra “longe, muito longe” reacendeu as esperanças de resgate e sobrevivência dentro de cada um deles.

Diante da ausência de equipamentos adequados para navegação, como as baleeiras com remos, a real situação forçou os sobreviventes a utilizar métodos improvisados para mover a porta de madeira do Baependi. Storry descreve como eles utilizaram as mãos e, eventualmente, os pés para impulsionar a “balsa improvisada”, demonstrando determinação diante da situação de desespero e a adaptação devido à falta de recursos navais.

A aproximação da praia trouxe novos desafios, com o mar agitado com ondas gigantescas. A representação deste cenário tumultuado evidencia não apenas os perigos

físicos enfrentados, mas também o impacto psicológico desses obstáculos sobre os quatro sobreviventes, que poderiam facilmente perder o ânimo diante de tais condições.

No entanto, percebe-se, por meio do depoimento, que a coragem e a vontade de sobreviver prevaleceram. Viterbo Storry, Alípio Lavay, Walter Brandão e Walter da Silva, apesar do cansaço e da adversidade, mantiveram-se firmes. Além disso, receberam auxílio providencial dos moradores e pescadores locais que formaram uma corrente humana para resgatá-los. Este ato de solidariedade e bravura por parte dos moradores locais não apenas salvou vidas, mas também ressaltou a importância da cooperação dos sergipanos e baianos ao socorrer e acolher os náufragos durante a “chegada da Segunda Guerra Mundial ao Brasil”.

Diante do exposto, podemos considerar o depoimento de Viterbo Storry tanto uma narrativa pessoal quanto coletiva de sobrevivência, e também um documento histórico que fornece evidências sobre as experiências traumáticas e marcantes causadas pelos torpedeamentos navais ocorridos durante a guerra submarina no Atlântico Sul. Os relatos publicados nos jornais da época retratam como a tragédia ocorreu de forma súbita e como alterou irreversivelmente a vida dos tripulantes e passageiros do Baependi. Ademais, destacam a participação essencial da população local no salvamento das vítimas, como mostra o registro fotográfico da *Figura 36*.



Figura 36 - Alguns dos voluntários que participaram do resgate dos sobreviventes em Estância/SE, em 1942. Fonte: Jornal *O Globo* (1942, p. 1).⁶⁵

⁶⁵ Moradores da cidade de Estância/SE que socorrem as vítimas dos torpedeamentos. Jornal *O Globo* de 18 de novembro de 1949, p. 1. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/21695352-b73-101/imagemHorizontalFotogaleria/Baependi.jpg>. Acesso em: 17 mar. 2024.

A *Figura 36* apresenta uma fotografia que documenta a ação solidária de um grupo de voluntários de Estância/SE, engajados no auxílio aos sobreviventes dos navios Baependi e Aníbal Benévolo, torpedeados durante a guerra. A imagem mostra três mulheres e três homens atuando ativamente na assistência às vítimas, que foram resgatadas na região da Praia do Saco, local também marcado pela chegada de corpos e destroços dos navios (Jornal O Globo, 1942). Por sua vez, a *Figura 37* exhibe outra cena significativa: sobreviventes dos ataques, cercados por figuras como o Monsenhor Freitas, freiras e a equipe médica do Hospital Amparo de Maria, em Estância/SE, onde receberam os primeiros atendimentos. Esta fotografia foi registrada após uma missa consagrada à providência divina, um momento de reflexão e busca por conforto espiritual. Após a cerimônia, um comboio de veículos encaminhou os sobreviventes para Aracaju/SE, destacando o espírito de compaixão e unidade manifestado pela comunidade local frente ao desastre (Cruz, 2017).

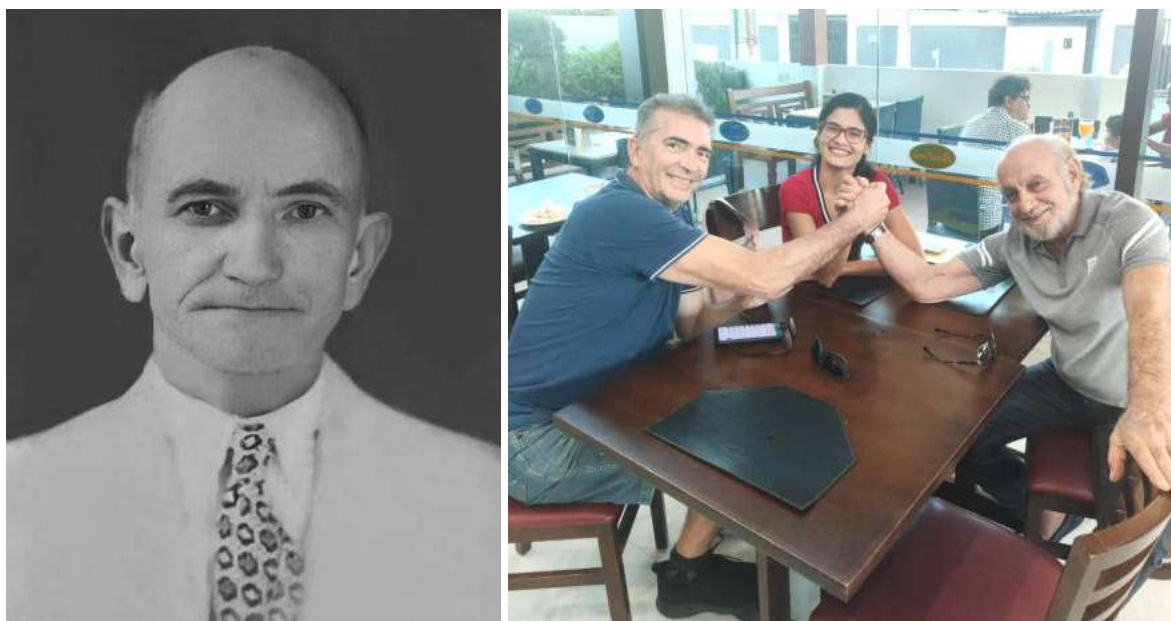


Figura 37 - Sobreviventes dos navios Baependi e Aníbal Benévolo, em Estância/SE, acompanhados do Monsenhor Freitas, das freiras, médicos, enfermeiros e demais moradores da cidade, em agosto de 1942.
Fonte: Cruz (2017, p. 114).

Sob a perspectiva da participação dos moradores das regiões praianas, pescadores e autoridades locais, destaca-se a experiência do Policial Fiscal da Mesa de Rendas Federais, Sr. Efrem José Ribeiro (Ver *Figura 38*), sergipano que participou ativamente da equipe de resgate dos poucos sobreviventes que chegaram à região de Mangue Seco/BA.

O Sr. Efrem nasceu em 1º de junho de 1901, em Estância/SE, e exerceu a função de Policial Fiscal da Mesa de Rendas Federais em sua cidade natal. Foi casado com a Sra. Aurina Lima Ribeiro, com quem teve 14 filhos. Ele faleceu em 22 de janeiro de 1981, em Aracaju/SE, em decorrência de falência múltipla dos órgãos. Sua história foi relatada por seu filho, também chamado Efrem⁶⁶ em sua homenagem, em uma entrevista conduzida pelo professor Rambelli e pela autora desta tese, em 24 de outubro de 2023, em Aracaju/SE.

A entrevista foi viabilizada pela divulgação do *Projeto Segunda Guerra Submersa* transmitido pela TV Sergipe. Após assistir à reportagem sobre a nossa pesquisa relacionada aos torpedeamentos, o Sr. Efrem, por meio de seu filho Thiago Ribeiro, contatou o professor Rambelli para relatar a participação de seu avô (*in memoriam*) no salvamento e resgate das vítimas da guerra submarina.



Figuras 38 e 39 - O Sr. Efrem José Ribeiro (à esquerda) e o registro da entrevista oral realizada por Rambelli e pela autora desta tese com o Sr. Efrem Ribeiro, em 2023.

Foi agendada, então, uma entrevista para registrar o relato do Sr. Efrem, como mostra a *Figura 39*, e examinar o atestado médico de seu pai, que comprova seu adoecimento devido ao socorro prestado aos náufragos, tendo sido diagnosticado com *polineurite a frigore*, uma enfermidade que o afetou de forma permanente. Essa condição, caracterizada pela perda de sensibilidade e mobilidade em membros inferiores, acompanhada de tremores, resultou de sua

⁶⁶ Efrem José Ribeiro, filho mais novo, descreve o pai como um homem destemido, dedicado ao cumprimento de seus deveres e um cristão que amava o próximo. Também o considerava um excelente pai, esposo, irmão, avô e amigo.

exposição prolongada à água do mar durante a busca por sobreviventes e corpos advindos dos naufrágios do Baependi e Aníbal Benévolo, torpedeados em agosto de 1942.

O atestado médico é uma das poucas materialidades que o Sr. Efrem possui como lembrança de seu saudoso pai. Esse documento foi cuidadosamente preservado na esperança de um dia homenagear sua memória publicamente e relatar seus atos de coragem como homem destemido, que arriscou sua própria vida para auxiliar no resgate das vítimas da Segunda Guerra Mundial em território nacional.

No final de semana dos torpedeamentos, o Sr. Efrem José Ribeiro, então funcionário da Alfândega de Estância/SE, estava em casa se recuperando de uma febre, quando recebeu a notícia da chegada de corpos na praia de Mangue Seco/BA. Imediatamente se levantou, como autoridade local e cumpridor dos seus deveres, para auxiliar nos esforços de resgate, mesmo a contragosto de sua esposa, a Sra. Aurina Lima Ribeiro e dos colegas de trabalho, os quais estavam preocupados com a sua saúde. Durante três dias, o Sr. Efrem permaneceu nas águas, salvando sobreviventes e recolhendo corpos. Esse ato de bravura evidencia seu comprometimento heroico com o esforço de guerra, respondendo prontamente ao chamado de auxílio. Segue abaixo a transcrição do documento médico, destacando o impacto dos eventos decorrentes dos torpedeamentos na saúde do Sr. Efrem Ribeiro.

Dr. Jessé de Andrade Fontes, diplomado em Medicina pela Faculdade da Bahia, clínico neste estado.

Atesto, em fé de ———, que o Sr. Efrém José Ribeiro, Polícia Fiscal da Mesa de Rendas Federais, desta cidade, esteve sob minha assistência, desde vinte de Agosto de 1942 até Dezembro do mesmo ano, atacado de polineurite a frigore, com perda da sensibilidade e de movimento dos membros inferiores, acompanhada de tremores generalizados, em consequência da passagem dos membros inferiores mergulhados na água de mar, por várias horas, à procura dos cadáveres e sobreviventes dos naufragos dos navios Benévolo e Baependy, torpedeados por submarinos alemães, nas costas de Mangue Seco, em 17 de Agosto de 1942, não recuperando mais a saúde perfeita.

Estância, 11 de Dezembro de 1942.
Dr. Jessé de Andrade Fontes.

Fonte: (Documento particular do Sr. Efrém, 1942).⁶⁷

⁶⁷ O espaço tracejado indica que uma informação não pôde ser interpretada conforme o atestado médico do Sr. Efrem José Ribeiro.

Dr. José de Andrade Fontes diplomado
em Medicina pela Faculdade da Bahia,
clínico nesta cidade.

Atesto in fide médica que o Sr. Efrém
José Ribeiro, polícia fiscal da Marinha de
Prender Federais desta cidade esteve, sob mi-
nha assistência, desde início de Agosto de
1942, até Dezembro do mesmo ano, ataca-
da de poliomielite a frigore, com perda da
sensibilidade e do movimento dos mem-
bros inferiores, acompanhada de tremores
generalizados, em consequência da passa-
gem dos membros inferiores, mergulhados,
várias vezes, por várias horas, à procura
dos cadáveres e sobreviventes dos naufrá-
gos dos navios Berivolo e Paependy,
torpedeados por submarinos alemães, nas
costas de Ilhaque São, em 17 de Agosto
de 1942, não recuperando mais a saúde
perfeita.

Cartamã, 11 de Dezembro de 1942
Dr. José de Andrade Fontes



Reconheço assim.

Figura 40 - Atestado médico do Sr. Efrém Ribeiro, sergipano que socorreu os naufragos na época dos torpedeamentos. Fonte: Documento particular do Sr. Efrém Ribeiro (1942).

O atestado médico, apresentado na *Figura 40*, relata a condição de saúde do paciente após ser retirado das águas em estado de exaustão e tremores, sendo imediatamente encaminhado ao Hospital Amparo de Maria, em Estância/SE. No local, ele foi atendido e monitorado pelo Dr. Jessé Fontes, o mesmo médico responsável pelos primeiros socorros prestados aos náufragos. Este documento serve como um testemunho da dedicação e do sacrifício do Sr. Efrem naquele período crítico de guerra.

Para encerrar este segundo capítulo da tese, serão apresentados mais dois subtópicos. O primeiro abordará o relato da única mulher sobrevivente do naufrágio do Baependí, a enfermeira Vilma Castelo Branco; o segundo destacará a história comovente do 1º Tenente José Castelo Branco, que perdeu a esposa e o filho na tragédia naval. É importante esclarecer que, apesar do sobrenome em comum, Vilma e José não eram parentes⁶⁸. Ambos, a bordo do navio mercante, enfrentaram experiências traumáticas durante os ataques de guerra praticados pelo submarino alemão *U-507* contra o Baependí. A manchete do jornal *A Noite* (1942) detalha os eventos antes, durante e após os torpedeamentos, ressaltando a chegada dos sobreviventes às praias baianas e sergipanas.

2.2. Entre remo, prancha e baleeira: memórias da única mulher sobrevivente do naufrágio do Baependí

No decorrer da pesquisa, surgiu uma inquietação em relação às lacunas existentes sobre o tema dos torpedeamentos, especialmente quanto à presença das mulheres e das crianças a bordo do navio. Para encontrar respostas, realizei análises nas listas contidas na obra *Agressão* (1943), uma fonte bibliográfica oficial publicada pela Imprensa Nacional do Governo Vargas.

Os resultados encontrados mostraram que dos 323⁶⁹ viajantes, 38 eram mulheres e 4 eram crianças, sendo estas últimas com idades entre 4, 2 e 1 ano, além de um bebê de 6 meses. É importante ressaltar também que entre a tripulação majoritariamente composta por

⁶⁸ Essa coincidência do mesmo sobrenome de Vilma Castelo Branco e do Tenente José Castelo Branco Verçosa é esclarecido em um documento do Arquivo Público do Estado de Sergipe: Relação dos sobreviventes dos navios brasileiros torpedeados por submarino de nação inimiga (APES, 1942, p. 1).

⁶⁹ De acordo com Pereira (2015, p. 297), havia cerca de cento e quarenta e um militares do 7º Grupo de Artilharia de Dorso que viajavam no Baependí. O número exato de tripulantes e passageiros mortos no naufrágio ainda é motivo de controvérsia, variando conforme a fonte consultada. M. R. Leite e Novelli Jr. contaram 51 tripulantes e 214 passageiros entre as vítimas. A História Naval Brasileira menciona 55 tripulantes e 215 passageiros. O documentário *Agressão* é a fonte mais detalhada sobre o episódio, trazendo, inclusive, a relação nominal dos tripulantes e passageiros salvos ou desaparecidos.

homens, havia uma única mulher fazendo parte do efetivo da embarcação: a camareira Maria José Ferreira. Todavia, com a tragédia, todas as mulheres e crianças foram mortas, com exceção de uma única passageira: Vilma Fernandes Castelo Branco, enfermeira carioca, que sobreviveu aos torpedeamentos do *U-507*.

Na época, jornais de diversos estados brasileiros destacaram em suas manchetes os torpedeamentos, focando especialmente nos naufrágios. As primeiras vítimas brasileiras sobreviventes dos ataques nazistas foram entrevistadas e fotografadas, e suas histórias trágicas tornaram-se notícias de destaque. As *Figuras 41 a 43* mostram os sobreviventes do Baependi na capa do jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, no dia 22 de agosto de 1942.



Figuras 41 a 43 - Registros fotográficos de Vilma Castelo Branco (à esquerda) e demais sobreviventes do navio Baependi estampados na capa do jornal *A Noite* (1942).⁷⁰

A *Figura 41* (à esquerda) mostra na ordem os seguintes sobreviventes: José Guerra, Vilma Castelo Branco, Alicio Tavares e Baltazar Pereira. Na *Figura 42* (à direita) vemos na ordem: Augusto Medeiros, José Souza e Minervino Souza; na *Figura 43*: Eustáquio Santos, João Caldas, Zacarias da Conceição, José Santos, Floriano Ceará, Manoel Nunes e Antônio Santos, todos naufragos do Baependi. Em Aracaju/SE, os sobreviventes foram hospedados nos seguintes locais: Avenida Hotel, Hotel Central, Hotel Morozzi, Hotel Rubina, Hotel Sul Americano e alguns no Quartel do 28º Batalhão de Caçadores. Outros que estavam feridos ficaram internados no Hospital de Cirurgia (APES, 1942; Maynard, 2013, 2021).

O destaque desses registros fotográficos, em preto e branco, vai para a jovem passageira Vilma Fernandes Castelo Branco, única mulher sobrevivente do naufrágio do

⁷⁰ Fotografia publicada no Jornal *A Noite*, em 22 de agosto de 1942, p.1. Acervo do Site da Biblioteca Nacional. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/348970/per348970_1942_10967.pdf. Acesso em: 14 mar. 2024.

Baependí. Ela está posicionada entre dois tripulantes do navio: o 2º Comissário José Guerra (à esquerda) e o 1º piloto Alicia Borges Tavares (à direita). Vilma está vestida com um traje escuro, os cabelos estão parcialmente presos e a feição do rosto mostra nitidamente uma aparência abatida, devido à exaustão física e psicológica após a experiência traumática dos ataques de guerra, além de ter passado horas em alto-mar lutando contra as adversidades para sobreviver junto aos demais náufragos que estava na mesma baleeira.

Tomando por base a obra de Michelle Perrot intitulada *Minha História das Mulheres*, publicada em 2007, ela aborda a escrita da história das mulheres como um processo de rompimento com o silêncio histórico ao qual estavam submetidas. Perrot (2007) questiona inicialmente se as mulheres possuíam uma história própria, destacando que sua presença menos visível no espaço público, tradicionalmente valorizado nas narrativas históricas, contribuiu para essa marginalização. No entanto, apesar da escassez de representações femininas, a autora aponta para a existência de uma profusão de discursos sobre as mulheres, predominantemente criados por homens, que muitas vezes não refletem as perspectivas femininas.

Para enfrentar esse desafio, Michelle Perrot (2007) enfatiza a necessidade de fontes, documentos e vestígios específicos que revelem as experiências femininas, muitos dos quais foram negligenciados ou destruídos ao longo do tempo. A recuperação dessas histórias é realizada por meio de pesquisas meticulosas em bibliotecas e arquivos, demonstrando um esforço para superar a ausência e a invisibilidade das mulheres no discurso histórico público.

O movimento da história das mulheres, segundo Perrot, evoluiu em paralelo com a emancipação feminina, sendo enriquecido por contribuições da Antropologia e da Sociologia. Essa abordagem expandiu-se de uma narrativa centrada nos corpos e papéis privados das mulheres para uma compreensão mais ampla do gênero, que inclui também a análise da masculinidade e o papel das mulheres no espaço público. Esse avanço significou a transição de uma história que retratava as mulheres predominantemente como vítimas para uma que as reconhece como agentes ativos da história (Perrot, 2007).

Michelle Perrot (2007) argumenta que a história das mulheres deve ser integrada em diversos âmbitos da sociedade brasileira, como escolas, mídias, judiciário e legislativo, bem como na formulação de políticas públicas. Essa inclusão é vista como essencial em um país que ainda enfrenta desigualdades de gênero significativas, pois entender a trajetória histórica das mulheres pode oferecer conhecimentos imprescindíveis para combater essas disparidades, levando ao reconhecimento e a valorização das experiências femininas, contribuindo para uma representação mais equitativa na historiografia.

É importante ressaltar que esta tese tem, entre seus objetivos, dar voz às experiências traumáticas vivenciadas por mulheres durante os torpedeamentos. No caso da tragédia do Baependí, essa questão torna-se ainda mais significativa, pois, das 38 mulheres que viajavam a bordo da embarcação, apenas Vilma Castelo Branco sobreviveu. Nesse sentido, seu depoimento mostra-se essencial para a compreensão das experiências de mulheres e crianças durante os ataques nazistas, especialmente no contexto sergipano. Tal perspectiva é relevante, uma vez que as experiências de mulheres e crianças são frequentemente sub-representadas ou mesmo negligenciadas nas narrativas históricas sobre conflitos e guerras. Com o intuito de questionar essa narrativa tradicional de esquecimento — e, por vezes, de exclusão —, serão utilizadas as próprias palavras de Vilma, extraídas de seu testemunho publicado em fonte jornalística. Sua voz não apenas revela sua vivência de desespero, coragem e resiliência diante da agressão bélica submarina, mas também contribui para resgatar a memória do evento e evidenciar uma experiência feminina individual, frequentemente marginalizada na historiografia tradicional.

Segue abaixo o depoimento desta passageira que foi publicado no jornal *Correio de Aracaju*, em 20 de agosto de 1942:

Resolvi tomar passagem do “Baependy”, com destino a Recife, onde tenho minha avó, de 80 anos, e dois filhinhos [...]. Encontro, por coincidência, a bordo com meu pai, o Cel. da reserva do exército José Pinheiro Castelo Branco, residente em Niterói, de onde, após uma intervenção cirúrgica, ia repousar uns tempos em Recife. Alegrei-me como era natural. O “Baependy” navegava sem novidade quando, às 19 horas do sábado último, a 60 milhas da Barra do Rio Real, recebe um torpedo que o fez adernar e, em seguida, outro, que o partiu ao meio. Achava-me no tombadilho e, sem tempo de rever meu pai, lancei-me ao mar de uma altura de 10 metros. O navio submergia rapidamente, e eu, [...] me afastei, indo encontrar a uns 30 metros uma criancinha, presumivelmente de 3 anos, a debater-se. Agarrei-a, porém uma onda mais alta e violenta arrebatoou-ma. Eu ouvia somente gritos de socorro, súplicas, lamentos angustiosos de cerca de 300 passageiros entre tripulantes, soldados, civis, senhoras e crianças. Era um quadro dantesco, de cortar o coração! Com largas braçadas encontrei um remo. Agarrei-me a ele. Nisto ouço em meio à escuridão, uma voz pedindo-me auxílio. Era o 1º radiotelegrafista, Baltazar Santos Pereira. Gritei-lhe que se segurasse nos meus pés. Ele assim o fez. E continuamos a vagar [...], até que alcançamos muito longe, uma prancha com três náufragos, que nos recebeu também. Topamos, mas adiante, já de madrugada, uma baleeira tripulada por 23 náufragos. Incorporamo-nos, os cinco a ela. Éramos agora 28 [...]. (Correio de Aracaju, 1942, p. 2).

Vilma iniciou sua jornada marítima partindo do Rio de Janeiro em direção ao Nordeste, com o objetivo de reencontrar sua avó e seus dois filhos em Recife/PE. No entanto, ao descobrir a presença inesperada de seu pai, o Coronel José Pinheiro Castelo Branco, também a caminho de Recife, sua experiência ganhou uma dimensão emocional complexa. Os ataques de guerra transformaram a alegria desse reencontro em um tormento. Esse contexto familiar serviu como pano de fundo para os eventos subsequentes, destacando as motivações pessoais que influenciaram as ações de Vilma durante o naufrágio.

O ataque ao Baependí, descrito pela enfermeira carioca, caracteriza-se por uma rápida sucessão de acontecimentos, em que a transformação de uma viagem tranquila em uma situação de vida ou morte evidencia o caos e o pânico que se seguiram ao impacto dos torpedos, os quais partiram a embarcação ao meio. Vilma, que meses antes havia sobrevivido ao naufrágio de um navio inglês na costa da Venezuela, reconheceu imediatamente a gravidade da situação. Sua experiência anterior lhe proporcionou uma compreensão imediata do perigo, como revela a seguinte afirmação: “sabia exatamente o que havia sido aquele estrondo”, destacando a urgência de suas ações.

A experiência em alto-mar revelou, ao mesmo tempo, momentos de extrema coragem, mas também de desespero. Ao se lançar “ao mar de uma altura de 10 metros” para salvar sua própria vida, ela se depara com um bebê a se debater na água lutando para sobreviver. Esta cena dramática não apenas sublinha a vulnerabilidade das crianças em situações de ataques de guerra, mas também a resposta instintiva de Vilma para tentar ajudar, apesar do perigo extremo que ela mesma enfrentava em meio aos destroços.

No mar, a luta para evitar o afogamento foi exaustiva devido às ondas violentas. Além disso, presenciar o desespero de uma criança se debatendo nas águas e tentar salvá-la, sem êxito, marcou profundamente Vilma. Essa cena traumática permaneceu guardada em sua memória, como mãe, ao recordar dos seus próprios filhos. Ademais, as lembranças dos “gritos de socorro, súplicas e lamentos angustiosos” das centenas de passageiros e tripulantes, entre “soldados, civis, senhoras e crianças”, em meio a escuridão, vagando no oceano, marcaram a trágica experiência de Vilma durante a guerra, sendo definida por ela como “um quadro dantesco, de cortar o coração!”.

Mesmo diante deste cenário de guerra, Vilma precisou continuar lutando para se manter viva até que se deparou com um remo, o qual foi essencial para evitar o seu afogamento: “Com largas braçadas encontrei um remo. Agarrei-me a ele”. Será que o remo já era um presságio de que ela não morreria naquela noite? Seria talvez um sinal de que seria

resgatada por uma baleeira? Nunca saberemos se foi um sinal, presságio ou apenas o acaso, todavia, percebemos que o remo foi providencial para que ela se mantivesse viva.

Nesse contexto de tragédia bélica, a solidariedade emerge como um elemento central no testemunho de Vilma. Desde a tentativa de salvar um bebê até o auxílio prestado ao radiotelegrafista Baltazar, permitindo que ele se segurasse em seus pés para evitar o afogamento. Ao vagar nas ondas, ambos encontraram uma prancha com outros três náufragos, a quem se juntaram. Esse episódio mostra a importância do apoio mútuo entre os sobreviventes, enfatizando que, em face da adversidade, as ações coletivas garantiram a salvação. Além disso, nota-se que na ausência das baleeiras, os destroços foram essenciais suportes de vida que funcionaram como “balsas improvisadas”.

Vilma descreve em seu relato o momento em que finalmente encontrou uma baleeira com outros sobreviventes: “Topamos, mais adiante, já de madrugada, uma baleeira tripulada por 23 náufragos. Incorporamo-nos, os cinco a ela. Éramos agora 28”. O relato demonstra a importância da cooperação entre os poucos passageiros e tripulantes sobreviventes da tragédia naval. Graças a uma das baleeiras que se desprende da embarcação no momento do naufrágio, foi possível alcançar a região praiana entre Sergipe e Bahia. Segue o trecho final do relato de Vilma Castelo Branco ao jornal *Correio de Aracaju*, em 20 de agosto de 1942:

Essa embarcação estava com um enorme rombo, prestes a soçobrar. Tirei os meus vestidos leves para tapar a grande brecha, ficando eu apenas com uma simples calça. Os meus companheiros [...], também seminus, me viam, ali, com olhos de crianças inocentes, como se eu fosse sua irmã. Nesses momentos os instintos inferiores cedem e passam à piedade, à virtude que sublima o homem. Só às 10 horas do domingo alcançamos a praia. Um dos companheiros, oficial, cedeu-me a sua túnica para cobrir-me o busto. E viajamos, exaustos, famintos, sequiosos, pela orla deserta do oceano, até que às 5 horas da tarde do domingo, quando chegamos ao povoado Coqueiro [...]. Como perguntássemos se não estava resignada com a sorte que o destino lhe reservou, a sra. Vilma respondeu: — Francamente não. Julgo-me uma criatura infeliz. Única sobrevivente do meu sexo no torpedeamento, eu devia também ter perecido com os outros desgraçados. Sobre tudo sinto o fim trágico de tantas criancinhas, imagens de meus filhos, para quem faltou a piedade dos monstros totalitários. E desatou a chorar. Despedindo-nos, respeitando aquela dor que era sagrada (*Correio de Aracaju*, 1942, p. 2).

Apesar de Vilma ter sido resgatada em um bote salva-vidas, a luta pela sobrevivência junto aos outros náufragos em alto-mar continuou, pois a baleeira estava danificada com uma “grande brecha”. Vilma descreve um momento de desespero e improvisação ao tentar salvar a embarcação que estava prestes a afundar: “Tirei os meus vestidos leves para tapar a grande

brecha, ficando eu apenas com uma simples calça”. Esta ação destaca sua prontidão em renunciar o seu pudor relativo à sua nudez em prol da sobrevivência coletiva. Este ato não somente demonstra sua resiliência, ao solucionar o problema se despiando junto com todos os homens, mas também destaca uma inversão de papéis em que a vulnerabilidade e o cuidado, atributos relacionados culturalmente como femininos, transformam-se em força e liderança.

Além disso, a forma como Vilma é vista pelos seus companheiros diante daquela circunstância revela uma mudança significativa nas dinâmicas de gênero provocada pela situação extrema da guerra: “Os meus companheiros [...], também seminus, me viam, ali, com olhos de crianças inocentes, como se eu fosse sua irmã”. Esse olhar “inocente” pode indicar um reconhecimento de humanidade e igualdade que transcende as divisões de gênero, sugerindo uma fraternidade emergente em face da tragédia bélica.

Após 15h em alto-mar, os naufragos alcançaram a praia. Vilma relata que um dos tripulantes cedeu a túnica que estava vestindo para que ela pudesse cobrir o busto com o intuito de protegê-la. Este ato refletiu a solidariedade, a empatia e o respeito mútuo gerado entre os sobreviventes. Apesar de estarem aliviados por pisarem em terra firme, todos estavam exaustos, famintos e com sede. Todavia, o grupo só conseguiu ajuda da população local no final da tarde, quando chegou a um povoado chamado Coqueiro, em Mangue Seco/BA.

O impacto emocional sobre Vilma, em vivenciar atos de guerra provocados pelos nazistas em alto-mar, é palpável quando ela expressa seu desalento ao refletir sobre o destino das crianças: “Sobretudo sinto o fim trágico de tantas criancinhas, imagens de meus filhos, para quem faltou a piedade dos monstros totalitários”. Este momento de dor profunda não apenas humaniza as vítimas inocentes, mas também critica a brutalidade da guerra empreendida pelos alemães que não pouparam os mais vulneráveis.

Ao final da entrevista concedida ao jornal *Correio de Aracaju* (1942), Vilma foi questionada sobre como se sentia por ter sobrevivido à tragédia. Ela relatou que se sentia infeliz sendo a única mulher a sobreviver, afirmando que deveria ter perecido com as demais, lembrando principalmente das crianças que foram mortas durante o naufrágio, se colocando na condição de mãe e pensando nos seus dois filhos. O choro, a dor, a escuridão, a fome, a sede, os gritos e as cenas de desesperos como “um quadro dantesco, de cortar o coração”, todas essas lembranças dos horrores provocados pela guerra marcaram a experiência trágica de Vilma. Este desabafo ressalta a intensa carga emocional e o trauma que muitos sobreviventes suportaram, ao refletirem sobre o elevado custo humano e as vidas perdidas devido aos conflitos bélicos.

O que este relato evidencia, em última análise, é a capacidade de Vilma de enfrentar um evento traumático com coragem, apesar das circunstâncias extremas de ataque bélico. Sua história é um exemplo do que muitas mulheres enfrentaram durante os tempos sombrios da guerra, frequentemente sem o reconhecimento devido na historiografia oficial. Ao trazer essas narrativas para o centro de estudos sobre a guerra, podemos começar a compreender a gama completa de experiências humanas nessas situações de conflito e assegurar que as vozes femininas não sejam esquecidas ou marginalizadas.

A partir deste ponto, após apresentar e analisar parte do relato da enfermeira Vilma Castelo Branco, serão abordadas as experiências vivenciadas pelo Tenente José Castelo Branco Verçosa, também sobrevivente do naufrágio do Baependí. Todavia, infelizmente, sua esposa e seu filho pequeno não resistiram às agressões e ao consequente naufrágio. Os jornais da época relataram detalhadamente a comovente e trágica história de José Castelo Branco, antes, durante e após os torpedeamentos.

2.3. Ausência como evidência: a perda familiar e o luto do Tenente José Castelo Branco

No tocante aos corpos das vítimas da guerra, considerados biofatos na Arqueologia, tratam-se de evidências humanas que fornecem informações sobre a história dessas pessoas, cujos corpos podem ser identificados tanto pelas características físicas quanto pelos objetos pessoais que carregam. Muitos cadáveres de tripulantes e passageiros chegaram às praias sergipanas, dias após os ataques, alguns inclusive em estado avançado de decomposição. Diante dessa situação agravante, o que auxiliou a equipe da perícia a fazer a identificação dessas vítimas foram justamente os seus pertences, como vestimentas, anéis, pulseiras, sapatos, documentos, entre outros. No caso dos corpos em melhor estado de conservação, as feições físicas contribuíram significativamente para o processo de reconhecimento (Rosa; Rambelli, 2020).

Uma das histórias mais comoventes e tristes da tragédia naval do Baependí está relacionada à ausência da materialidade dos biofatos, ou seja, a ausência dos corpos dos entes queridos. O 1º Tenente do Exército, José Castelo Branco Verçosa, sobrevivente do naufrágio do Baependí, protagonizou uma história marcante registrada nos jornais da época, como *Correio de Aracaju*, em 19 de agosto de 1942, e jornal *A Noite*, em 22 de agosto de 1942.

Os relatos informam que durante o naufrágio, ele e sua família se lançaram ao mar na tentativa de se salvarem juntos, mas uma onda os separou, levando sua esposa, Ruth Cruz

Castelo Branco, e seu filho, Nilson Cruz Castelo Branco, ambos classificados na lista de passageiros como desaparecidos. O Tenente José Verçosa, resgatado por sobreviventes em uma baleeira, a mesma que resgatou a única mulher sobrevivente, Vilma Castelo Branco, clamava desesperado pelo desencontro em alto-mar com seus entes queridos e resistia à perda, expressando profundo remorso por não ter conseguido ajudá-los.

Desolado por ter sobrevivido à tragédia bélica e inconformado com a perda de sua família, ele foi à praia de Atalaia, em Aracaju/SE, por vários dias consecutivos, na esperança de ao menos encontrar os corpos de sua esposa e filho para poder sepultá-los e ter um local para honrar sua memória. Contudo, conforme relatado pela publicação do jornal *A Noite* (1942), os corpos nunca foram encontrados para serem identificados.



Figura 44 - O 1º Tenente, José Castello Branco Verçosa, náfrago do Baependi, com as mãos na cabeça, na praia de Atalaia/SE. Ele perdeu, com o afundamento do barco, sua esposa e seu filhinho.

Desesperadamente, pesquisou toda a praia em busca dos despojos de seus entes queridos, que não foram mais encontrados. Fonte: (A Noite, 1942, p. 7).

A *Figura 44* retrata o Tenente José Castelo Branco abatido e desconsolado, sentado junto a uma duna, à beira-mar. Com a mão direita, segura o chapéu, com a esquerda, apoia a cabeça inclinada, em gesto que expressa profundo sofrimento diante da constatação de que já não havia esperança de localizar os corpos de seus familiares. Com o passar dos dias, o estado de decomposição dos corpos se agravava, tornando a busca progressivamente mais improvável. Diante desse cenário, as diligências foram encerradas pelas autoridades competentes, como policiais e/ou marinheiros da Capitania dos Portos de Sergipe.

Os ataques perpetrados pelo submarino alemão haviam destruído parte de sua família, de modo que, para ele, sobreviver parecia configurar mais uma punição do que um alívio. Essa cena comovente foi amplamente divulgada, em 1943, pelo Departamento de Imprensa e Propaganda em todo o território nacional. A perda da esposa e do filho, vítimas da guerra, constituiu um acontecimento profundamente doloroso. Agravando esse sofrimento, a ausência dos despojos impediu a realização de um sepultamento adequado, privando-o de um espaço material para expressão do seu luto e para a preservação da memória de seus entes, circunstância que intensificou ainda mais o trauma vivido.

É importante ressaltar que a fotografia publicada no livro *Agressão* (1943) foi, ao longo dos anos, interpretada de maneira equivocada por parte da comunidade acadêmica, ao se afirmar que o Tenente teria identificado os corpos de seus familiares. Tal leitura decorreu da cena registrada, na qual se observam dois representantes oficiais do Estado (possivelmente vinculados à Marinha ou à Polícia) examinando vestígios na areia da praia. Esses vestígios poderiam corresponder a restos humanos de outros passageiros e tripulantes, a destroços das embarcações ou ainda a objetos pessoais e mercadorias trazidos pelas ondas.

Encerro este capítulo destacando a importância de conhecer as experiências vivenciadas pelas famílias que estavam a bordo do Baependi, por meio da apresentação de dois estudos de caso: o de Vilma Castelo Branco e de seu pai, o coronel José Pinheiro Castelo Branco, que infelizmente faleceu (embora seu nome não conste nas listas oficiais de sobreviventes ou de desaparecidos); e o caso da família do 1º tenente José Castelo Branco, que perdeu sua esposa, Ruth Cruz Castelo Branco, e seu filho, Nilson Cruz Castelo Branco. Esses episódios evidenciam como a guerra afetou de maneira irreversível a vida dessas famílias, seja pela perda dos entes queridos, seja pelos traumas decorrentes dessa experiência, revelando, assim, a dimensão humana da tragédia e o impacto profundo e pessoal desses acontecimentos históricos.

CAPÍTULO 3 - “A BOIA SALVA-VIDAS SOCORREU ALGUM NÁUFRAGO?”: TORPEDEAMENTO DO VAPOR ARARAQUARA

Era o **Araraquara**
Outro barco **mercantil**.
Era mais um **atentado**
A outro **barco civil**,
No dia 15 de **agosto**,
No litoral do **Brasil**...

Foram **135**
As pessoas que **morreram**
Naquele segundo ataque,
Só 11 sobreviveram.
Por pouco essas pessoas
Suas vidas não perderam [...]

Alguns **botes salva-vidas**
Do alto dava pra **ver**.
Eram alguns **sobreviventes**
Lutando pra não **morrer**
No meio dessa **catástrofe**,
Impossível de esquecer...

Não houve **nenhum socorro**
A tempo dentro do **mar**.
Se houvesse, muita gente
Poderia se **salvar**
Daquele grande holocausto,
Que eu tremo só de **lembrar**...

Chiquinho do Além Mar
(2021, pp. 86 e 90).

Na contemporaneidade, o único vestígio material que simboliza tanto o “rastro” quanto a “aura”⁷¹ do evento histórico conhecido como *Torpedeamentos* é a boia salva-vidas do navio Araraquara, exposta no Museu Galdino Bicho, localizado no Instituto Histórico Geográfico de Sergipe (IHGSE), em Aracaju/SE. Este episódio trágico-naval, também denominado de *Pearl Harbor Brasileiro*, foi decisivo para retirar o país da condição de neutralidade, sendo considerado o estopim para a Declaração de Guerra contra as nações do Eixo.

Os ataques do *U-507* em águas territoriais brasileiras, dirigidos a navios mercantes de cabotagem que transportavam civis e militares, provocaram centenas de mortes e deixaram poucos sobreviventes. Os relatos dos naufragos sobre a tragédia em alto-mar reverberaram em

⁷¹ Conceitos de Walter Benjamin. Sedlmayer, Sabrina e Ginzburg. *Walter Benjamin Rastro, aura e história* (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

terra, inicialmente nas cidades sergipanas e depois foram se alastrando para as principais capitais brasileiras. A natureza súbita dos ataques, realizados sem aviso prévio, levou ao rápido afundamento dos navios, fato que praticamente inviabilizou o uso de equipamentos náuticos de salvamento, como baleeiras, coletes e boias salva-vidas, gerando uma alta taxa de mortalidade.

Após o levantamento de informações realizado nas principais instituições oficiais do estado de Sergipe⁷², foi constatado que o museu do IHGSE é a única entidade que preserva a cultura material desses ataques. Ao visitar a singela exposição do museu, percebe-se que ela evoca uma profunda emoção. É especialmente tocante apreciar a boia salva-vidas do Araraquara, um artefato que esteve em alto-mar e testemunhou aquela trágica noite de 15 de agosto de 1942. Objetos como este, impregnados com a “aura” de vestígios arqueológicos, frequentemente sensibilizam as pessoas, estabelecendo uma ponte emocional que conecta o passado ao presente através do “rastros”.

De acordo com Walter Benjamin, citado por Kangussu (1996), “rastros” e “aura” são conceitos contrastantes que abordam nossa interação com os vestígios do passado. O “rastros” é um traço material que nos permite reconstruir o que o originou, independentemente da distância temporal ou espacial, funcionando como uma “pista” da presença de algo ausente e estimulando uma busca ativa. Ao nos depararmos com um rastros, nós nos apropriamos do objeto e de seu significado. Em oposição, a “aura” representa a presença autêntica e única de um objeto que exerce sua influência sobre nós. O objeto, envolto em sua aura, nos “apropria”, evocando reverência e preservando sua singularidade e originalidade em seu contexto (Kangussu, 1996).

Uma análise crítica da exposição onde se encontra a boia salva-vidas revela que ela está contextualizada em um panorama historiográfico amplo, que abrange desde a macro-história dos ataques de guerra, com diversos objetos do *front* europeu, até a micro-história das agressões sofridas pelos navios mercantes nacionais, como no caso do Araraquara (Ver *Figuras 45 a 47*). No entanto, a exposição não oferece detalhes específicos sobre a própria boia, como seu escape do naufrágio, sua chegada à costa ou seu transporte ao museu, em outras palavras, sua procedência. Diante da ausência dessas informações, esta lacuna gera automaticamente uma questão relevante: será que a boia salva-vidas do Araraquara socorreu algum naufrago? Esta pergunta é pertinente, considerando o destaque da

⁷² Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES), Capitania dos Portos de Sergipe (CPSE), 28º Batalhão de Caçadores - Batalhão Campo Grande (28 BC), Aeroclube de Sergipe, Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe, Museu da Gente Sergipana e Memorial de Sergipe (UNIT).

boia como único artefato exposto oficialmente que remanesce dessa trágica ocorrência naval bélica.



Figuras 45 a 47 – Exposição do Museu Galdino Bicho (IHGSE) destacando a boia salva-vidas do navio Araraquara. Fonte: Autora da tese (2024).

As Figuras 45 a 47 mostram a exposição museográfica, a qual apresenta uma narrativa (em cartaz) contextualizando a chegada da Segunda Guerra Mundial às águas territoriais do nordeste brasileiro, que gerou um impacto profundo na sociedade sergipana. Este evento

transformou a vida de tripulantes e passageiros dos navios e parte da população local, expondo-os aos horrores dos torpedeamentos provocados pelo *U-Boot 507*.

Os torpedeamentos resultaram não apenas em sobreviventes, mas também em mortos e destroços que chegaram às praias, oferecendo um vislumbre tangível da guerra. Os restos das embarcações mercantes naufragadas que deram nas praias, marcaram o início de uma série de mudanças significativas no cotidiano dos aracajuanos. A população enfrentou manifestações contra os ataques do submarino, perseguições a alemães e italianos, blecautes, inflação de produtos alimentícios e racionamento de mercadorias. A prática da defesa passiva também foi implementada visando proteger a capital de possíveis ataques bélicos (APES, 1942).

No Museu Galdino Bicho (IHGSE), o acervo reflete a dupla natureza dos artefatos associados a este período. Por um lado, a boia salva-vidas do navio Araraquara ganha destaque por ser considerada um artefato singular que representa os torpedeamentos no litoral brasileiro, servindo como um raro vestígio naval daquela época. Por outro, a coleção também inclui "troféus de guerra" recolhidos por militares sergipanos nos teatros de guerra europeus, como uma bandeira nazista, um lenço da juventude fascista e capacetes alemães, juntamente com objetos da Força Expedicionária Brasileira (FEB). No contexto da narrativa historiográfica da exposição, os capacetes alemães são considerados particularmente notáveis, evocando, assim, as forças militares nazistas que foram derrotadas posteriormente pelos Aliados.

Este acervo, apesar de ser considerado modesto, deve ser visto e analisado pelo conjunto de artefatos como um todo, funcionando como um “documento de barbárie”, como orienta Walter Benjamin, citado por Luiz Cruz, historiador responsável pela elaboração da narrativa do cartaz historiográfico do museu. Este enquadramento teórico permite aos visitantes e estudiosos interpretar os artefatos tanto em um contexto micro-histórico quanto macro-histórico, ligando os acontecimentos locais às narrativas mundiais da guerra. A presença dessa cultura material em Aracaju não apenas documenta a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, mas também oferece uma reflexão sobre as conexões globais do conflito que alcançaram até mesmo as costas remotas do Brasil, especificamente de Sergipe e da Bahia.

No entanto, ao verificar que a exposição museográfica não esclarece a origem da boia nem se ela foi utilizada para socorrer algum naufrago, percebe-se que a narrativa se torna vaga e generalista, limitando-se a mencionar apenas que a boia pertence ao navio Araraquara, conforme inscrição em seu tecido, como mostra a *Figura 46*. Diante dessa lacuna informativa, foi realizada uma investigação documental, analisando as Atas das Reuniões de agosto de

1942 até janeiro de 1943. Essa pesquisa histórica, contudo, não revelou informações sobre a doação da boia à instituição. Porém, foi identificado um discurso na Ata da Sessão Solene Ordinária da Diretoria, realizada em 25 de agosto de 1942, que menciona os torpedeamentos como ataques de guerra contra o Brasil.

Usou da palavra o professor José Augusto da Rocha Lima, declarando, em brilhante improviso, que o fim da sessão, realizada em comunhão de vista com a guarnição federal no Estado, era prestar homenagem cívica à memória do grande brasileiro Duque de Caxias, símbolo do civismo das forças armadas e da própria Nação. Exalta o orador o espírito de brasilidade dos sergipanos e a decisão das nossas forças armadas de preservar a nação contra os inimigos exteriores e internos que tentam contra a sua paz e a sua soberania. Teve palavras de justa condenação aos atos de guerra praticados contra o país, dentro das nossas águas territoriais, sem motivos nem prévia notificação (1942, p. 104).

Durante a sessão solene do IHGSE, o professor José Augusto da Rocha Lima destacou a identidade nacional dos sergipanos e a determinação das forças armadas em defender o Brasil contra ameaças internas e externas que comprometiam a soberania e a paz nacional. Ele condenou os ataques aos navios mercantes Baependí, Araraquara, Aníbal Benévolo, Itagiba e Arará, todos torpedeados em águas territoriais brasileiras. O discurso reflete o sentimento nacionalista e de indignação da época, enfatizando a importância da unidade nacional e a defesa do território frente às adversidades da guerra.

A investigação documental, focada nas atas das reuniões, infelizmente forneceu um resultado tímido, com poucas informações. Contudo, em contato com a Professora Verônica Nunes, da Universidade Federal de Sergipe, atual responsável pelo inventário do IHGSE, foram repassados os únicos dados existentes referentes à boia salva-vidas: “Número de registro - 2004/191.1: Bóia salva-vida do Navio Araraquara. Lona e cortiça, confecção industrial. O navio pertenceu à Marinha Mercante Brasileira e foi torpedeado na costa sergipana pelo submarino alemão *U-507*, durante a Segunda Guerra Mundial”.

Durante a visita técnica ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, foi possível realizar a análise arqueológica da boia salva-vidas, mediante autorização da presidente da instituição, a professora Aglaé D’Ávila Fontes. Apesar de a entidade estar em reforma há quase dois anos, a pesquisa pôde ser realizada com êxito. Contudo, em razão do estado de conservação já comprometido do artefato, não foi possível removê-lo para a realização de análises mais detalhadas. Ainda assim, foi possível realizar medições relativas à largura e à

altura, além do registro fotográfico em diferentes ângulos desse artefato naval, como mostram as *Figuras 48 a 53* abaixo:



Figura 48 – Boia salva-vidas do Araraquara em estado de conservação comprometido já se deteriorando.
Fonte: Autora da tese (2024).

A análise arqueológica da boia salva-vidas do navio Araraquara destaca tanto o uso prático quanto o estado de conservação deste artefato náutico tão importante para entender o contexto histórico dos torpedeamentos. A boia, que está exposta sobre um tecido azul, possui dimensões consideráveis com uma largura externa de 74 cm, uma largura interna de 41 cm e uma altura de 12 cm, era adequada para garantir a flutuação de um adulto em situações de emergência. A corda que circunda a boia, com espessura de 1 cm, envelhecida e desgastada, sugere que foi confeccionada em fibras naturais e projetada para ser facilmente agarrada por quem estivesse na água. Além disso, quatro faixas transversais ao círculo da boia provavelmente funcionavam para reforçar a estrutura e distribuir uniformemente a tensão durante seu uso.





Figuras 49 a 53 – Detalhes do estado avançado de degradação da boia salva-vidas do Araraquara.
Fonte: Autora da tese (2024).

Constituída de lona e cortiça, a boia foi produzida industrialmente. No entanto, o tempo imprimiu sinais significativos de desgaste e envelhecimento no material, que agora apresenta áreas deterioradas e rasgadas. A lona, que exibe descolorações e uma inscrição do nome da embarcação quase apagada, mostra uma variedade de manchas marrons e brancas onde a cor original desbotou. Esses sinais são indicativos de um artefato que enfrentou condições marítimas severas durante um ataque bélico. O estado atual de conservação reflete não apenas a idade avançada da boia, mas também as condições adversas a que foi exposta durante e após o torpedeamento do Araraquara.

Atualmente, a boia está murchando, indicando que o ar interno se perdeu ao longo do tempo ou que o mecanismo de inflação falhou. Este vestígio arqueológico oferece informações sobre os materiais e técnicas utilizados na fabricação de equipamentos de segurança naval no início do século XX. Simbolicamente, a boia foi um elemento primordial para a sobrevivência naquela situação de risco em alto-mar em agosto de 1942.

No tocante à sua preservação, as condições de armazenamento pós-resgate não foram ideais, contribuindo para o avançado estado de deterioração. Em uma conversa com a professora Aglaé Fontes, Presidente do Instituto onde a boia está abrigada, foi mencionado que a boia passará por uma vistoria, que será realizada por um profissional da área de conservação ainda durante este período de reforma da instituição. Ela também demonstrou preocupação em relação à necessidade de um ambiente climatizado adequado para

acondicionar a boia e, assim, inibir a degradação dos seus materiais: lona, cortiça e fibras naturais da corda.



Figuras 54 e 55 – Registros com as professoras Aglaé D’Ávila Fontes, Presidente do IHGSE (à esquerda), Verônica Nunes (UFS) (à direita) e Edna Maria Matos (UFS) ao centro. Fonte: Autora da tese (2024).

Em suma, a presença deste artefato em um ambiente museológico contribui não apenas para a preservação de sua integridade física, mas também atua como um recurso educacional significativo. Afinal, a boia representa o episódio trágico-naval que levou o Brasil a participar oficialmente da Segunda Guerra Mundial. Além disso, o estudo desse artefato permite relatar histórias de sobrevivência e interações sociais que ocorreram durante a tragédia bélica dos torpedeamentos. Dessa maneira, este raro vestígio tem o potencial de atuar como uma ponte emocional entre o presente e o passado, oferecendo uma conexão tangível com este marcante evento naval da história local, nacional e internacional.

Na tentativa de elucidar a história por trás da boia salva-vidas, realizou-se um levantamento de informações em fontes jornalísticas e documentais buscando desvendar essa incógnita. As investigações resultaram positivamente, uma vez que foi encontrada uma reportagem no jornal *A Noite*, de 1942, que revela o depoimento de um dos naufragos do Araraquara que faz menção ao uso de uma das boias do navio. Segue o trecho do depoimento

do 1º piloto do Araraquara, Milton Fernandes da Silva, publicado em 20 de agosto de 1942, descrevendo o torpedeamento desta embarcação:

Estava de serviço, quando o torpedo atingiu a casa das máquinas geradoras da energia elétrica, ficando o navio completamente às escuras. Corri à procura de colete salva-vidas e atirei-me ao mar, tendo alcançado uma tábua. Mais tarde, a essa mesma tábua se agarraram dois passageiros, sendo um deles oficial do Exército. O navio foi torpedeado às 21 horas do dia 15 e não demorou na superfície mais de 15 minutos. O oficial do Exército e o outro passageiro não suportaram as fortes ondas, tendo sido arrebatados depois de duas horas de luta com o mar, desaparecendo. Após 22 horas de viagem chegou à praia abatidíssimo, tendo sido socorrido por um pescador nas imediações de São Cristóvão. O piloto Milton declarou que, infelizmente, não há probabilidades de salvamento para os demais passageiros do navio, devido à violência da explosão e à rapidez com que o navio afundou (Jornal A Noite, 1942, p. 3).

Em outro depoimento, publicado no livro *Agressão* (1943, pp. 91 e 92), Milton relata sua experiência traumática a bordo do Araraquara. Ele narra que a embarcação partiu do Rio de Janeiro com destino à Bahia, onde realizaram um exercício de salvamento antes de zarpar para Maceió/AL. Durante a viagem, na altura de Aracaju, a cerca de quarenta milhas, por volta das 21 horas do dia 15, enquanto dormia, foi despertado por um forte estrondo, seguido de um estremecimento do navio. “Fomos torpedeados e estamos submergindo”, foi o que informou ao comandante Lauro Augusto Teixeira de Freitas, que havia se aproximado para entender o que acontecera.

Após o ataque, houve ordens para que fossem colocados os coletes salva-vidas e se dirigissem às baleeiras. Ele descreve a dificuldade em precisar o número de torpedos lançados, mas supõe que foram dois. Uma das baleeiras, a de nº 3, para a qual correu, estava inutilizada: “Nenhuma baleeira — estou certo — pode ser arrancada dos picadeiros, devido à inclinação do navio”, destacou, evidenciando o quão rapidamente o navio começou a afundar após o ataque. O torpedo atingiu a casa de máquinas, apagando a iluminação do Araraquara, afetando mais o lado da popa, como consequência, o navio adernou completamente submergindo de quilha para cima e girando de bombordo para boreste.

Diante da impossibilidade de usar as baleeiras, ele incentivou os passageiros a tentarem se salvar como poderiam, correndo para o outro lado do navio. Confrontado com a situação desesperadora, Milton deslizou pelo costado do navio até a quilha e lançou-se ao mar. No escuro e com o mar agitado, reconheceu apenas o 3º maquinista, Erotildes Bruno de

Barros, nas proximidades. Em questão de cinco minutos desde o primeiro torpedo, o navio estava completamente submerso.

Quando o navio terminou de submergir, Milton foi atingido na cabeça por destroços de uma caixa que fazia parte da carga depositada no porão, aproveitou a situação para se agarrar a um pedaço dessa caixa, que funcionou como uma espécie de “balsa frágil” e, em seguida, viu um pedaço de tolda do botequim boiando, tábua esta que lhe ofereceu mais estabilidade no mar agitado e que funcionou como uma “balsa improvisada”. Ele não estava sozinho, conseguiu recolher outras três pessoas: o 3º maquinista, Erotildes Bruno de Barros, o moço de convés chamado Esmerino Elias Siqueira e o 2º tenente do Exército, identificado como Oswaldo Machado.

Milton descreve que “a tábua já se perdeu bastante e o vagalhão a arrastava cada vez com maior fúria”, mesmo assim, eles continuaram a luta pela sobrevivência enquanto o dia já clareava, Milton passou a coletar destroços para fazer lastro na tábua, tentando manter algum equilíbrio. Durante uma noite, enfrentaram fome e sede, além disso, o estado psicológico dos sobreviventes começou a se alterar. Na madrugada de segunda-feira, dia 17 de agosto (lembrando que o torpedeamento ocorreu às 21 horas do dia 15), o moço de convés, Esmerino, começou a delirar, pedindo café e pão, e acabou por perder o controle, tentando agredir o tenente Oswaldo; “Já que não quer me dar comida, vou-me embora”, disse o moço de convés antes de se jogar ao mar.

Pouco depois, o tenente, também desesperado, tentou fazer o mesmo, mas Milton o segurou pelas botinas, tentando fazê-lo reconsiderar. Apesar dos esforços de Milton, o tenente Oswaldo declarou: “Você está embriagado. Sabe o que mais? Vou para casa”, e jogou-se na água, sem que Milton pudesse fazer algo para impedir, temendo que o resgate pudesse virar a tábua e colocar todos em risco.

Assim, continuaram vagando em alto-mar durante a madrugada avistando o clarão da cidade de Aracaju, para onde estavam sendo levados. Ao amanhecer, cerca de 5 horas e meia, Milton e o 3º maquinista, Erotildes Bruno de Barros (Ver *Figura 56*), foram separados pela arrebentação perto de Aracaju/SE. “Nadamos, eu com o colete salva-vidas e ele com uma boia”, conta Milton. Por volta das 9 horas, o maquinista acreditava estar olhando para terra, o que Milton inicialmente descreveu como uma “ilusão de ótica” (*Jornal A Noite*, 1942, p. 3). Contudo, ao observar melhor, confirmou que era, de fato, uma praia.



Figura 56 - Os tripulantes salvos com a boia do navio Araraquara e com um colete salva-vidas foram, respectivamente, Erotildes Bruno de Barros, 3º maquinista, e Milton Fernandes da Silva, 1º piloto.
Fonte: Jornal *A Noite* (1942, p. 8).

Quando se aproximaram da Barra de Aracaju, “as rajadas de ventos e a força da corrente os arrastaram em sentido sul, fazendo-os flutuar em direção à Barra de São Cristóvão, e depois, atingiram a praia de Itaporanga” (Cruz, 2017, p. 99). Eles chegaram a uma coroa de areia, descansaram por dez minutos e, incapazes de permanecer naquele ponto isolado, voltaram ao mar. Às 15 horas, alcançaram a praia de Itaporanga, onde descansaram na areia e se hidrataram com cocos que eram abundantes na região. Recuperados, caminharam até encontrar uma propriedade chamada Fazenda da Barra, de Manoel Sobral, onde receberam assistência e depois foram transportados de canoa até São Cristóvão/SE, onde as pessoas nada sabiam a respeito dos torpedeamentos. Chegando à noite, Milton telefonou para casa e foi encaminhado pelo Prefeito de São Cristóvão para Aracaju, onde chegou por volta das 23h30min (Cruz, 2017).

Ao relatar a tragédia naval, Milton estimou que o navio transportava aproximadamente 170 pessoas, incluindo tripulação e passageiros. No entanto, apenas 11 pessoas sobreviveram, das quais oito eram tripulantes e três eram passageiros, sendo estes últimos duas senhoras e

um rapaz. Segundo ele, uma das senhoras foi salva de maneira providencial: “soube que se achava sentada no barco, do lado contrário, onde passou a noite inteira. Quando clareou o dia, bateu no fundo do barco, porque ouvira conversa do lado de fora. Então, um dos marinheiros mergulhou e foi buscá-la”. Após passar a noite sob uma baleeira emborcada, a senhora Alaíde Cavalcante foi resgatada por um dos tripulantes (Agressão, 1943, p. 92).



Figura 57 - Baleeira nº 2 pertencente ao navio Araraquara que chegou vazia à costa sergipana.
Fonte: (APES, 1942).

Ao concluir seu depoimento, Milton comentou sobre seu estado de saúde, destacando que sofreu apenas ferimentos leves. Ele também se recordou dos pertences que transportava na viagem, lamentando a perda de toda sua bagagem, que incluía seu sextante e algumas roupas. Sobre os itens de segurança do navio, afirmou que sua sobrevivência foi garantida pelo uso de um colete salva-vidas e a do 3º maquinista, Erotildes Bruno de Barros, pelo uso da boia que o manteve à tona. Além disso, sublinhou a importância dos destroços de madeira

da embarcação, particularmente um pedaço da tolda do botequim, que foram primordiais para a sobrevivência deles, que passaram mais de 30 horas em alto-mar. Quanto às baleeiras do Araraquara, informou que, segundo o Capitão dos Portos de Sergipe, apenas três alcançaram a costa, sendo a maioria vazia, como mostra a *Figura 57*.

O depoimento de Milton da Silva, 1º maquinista, oferece um relato detalhado dos momentos de angústia vividos em alto-mar por tripulantes e passageiros após o ataque ao navio Araraquara. Ele enfatiza a brutalidade e o caos provocados pelos torpedeamentos, bem como a intensa luta pela sobrevivência em condições extremas. Essas condições incluíam desafios físicos, como enfrentar os perigos do mar, a escuridão, o frio, a fome e a sede; e desafios psicológicos, como os atos de loucura em alguns naufrágos, decorrentes da exaustão, medo e trauma. A solidariedade entre os sobreviventes, evidenciada no apoio mútuo mesmo com os limitados recursos navais e as “balsas frágeis” improvisadas, foi fundamental para a sobrevivência. Ademais, a chegada à praia e o subsequente socorro por um morador da região litorânea, nesse caso um pescador local, depois foram acolhidos pelos gestores públicos, fato este que ressalta a empatia dos sergipanos diante da situação crítica gerada pela guerra.

3.1. “Na companhia das luzes de Aracaju a bombordo”: torpedeamento do Araraquara

O *U-507* sai em perseguição ao segundo alvo, recarregando os tubos II e IV com novos torpedos. Há pouco tempo para alcançar o outro vapor antes que o reduzido alcance visual noturno o tire das vistas do *U-boot*. Trata-se de outro navio de passageiros, [...] “está com as luzes de navegação acesas e é brilhantemente iluminado”, mas não ostenta qualquer marca de neutralidade (Pereira, 2015, p. 161).

O segundo alvo a ser torpedeado pelo submarino alemão *U-507* foi o pacote Araraquara, considerado um dos mais novos barcos da frota dos “Ara” da Companhia Lloyd Nacional. Construído na Itália, no ano de 1927, no estaleiro de *Cantiere Navale*, em *Trieste*, foi registrado na Capitania dos Portos do Rio de Janeiro no mesmo ano, sob o número 42. Este navio era movido por turbinas a vapor, sendo considerado de 1ª classe e luxo absoluto, destinado à navegação de grande cabotagem (Diário Carioca, 1942; Guimarães, 1985).

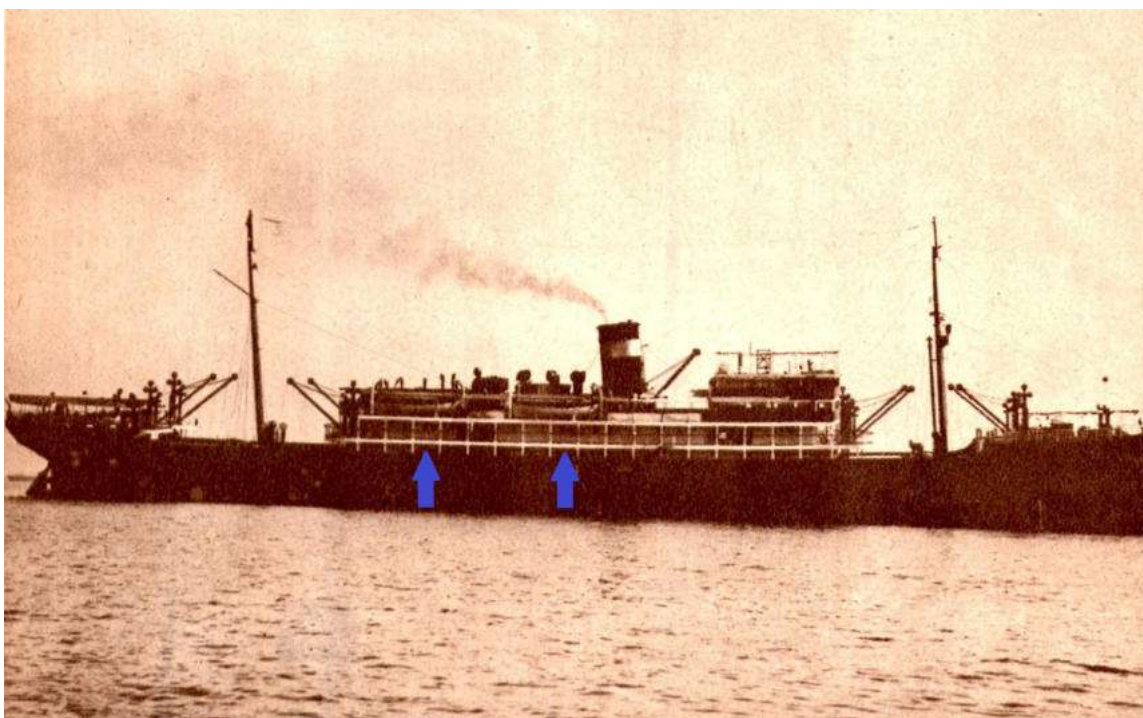


Figura 58 - O navio Araraquara foi o segundo alvo do submarino U-507. Fonte: Agressão (1943, p. 6).

Na *Figura 58*, observa-se o Araraquara de perfil, destacando sua estrutura em estilo iate, com a chaminé posicionada no centro e dois grandes mastros nas extremidades. Também é possível visualizar dois botes salva-vidas (indicados pelas setas azuis), localizados próximos à chaminé, os quais deveriam ser utilizados em casos de emergência.

Ao analisar as fontes escritas sobre os aspectos estruturais, técnicos e náuticos, foram identificadas as seguintes informações: possuía casco de aço com 117, 97 metros de comprimento, boca com 16,37 metros, pontal com 7.440 metros e calado com 5,410 metros. Já a tonelage bruta de deslocamento era de 4.871 e a líquida era de 2.974. A embarcação possuía dois motores com propulsão movida por duas hélices e atingia a velocidade de 12 milhas horárias. Além disso, a estrutura possuía dois decks e quatro compartimentos de carga (Correio de Aracaju, 1942; Agressão, 1943; Pereira, 2015).

A *Figura 59* exibe crianças, mulheres e homens em frente ao navio, aguardando o momento adequado para embarcar. No centro da imagem, destaca-se uma escada suspensa que proporcionava acesso ao interior do paquete. À esquerda, é possível observar uma pintura no casco identificando o nome do vapor: “Araraquara”. Observando os compartimentos dos decks, nota-se várias pessoas a bordo, sugerindo que esta parada poderia ser um dos locais de escala no itinerário de viagem. Outro aspecto notável da imagem é a presença de uma das baleeiras, posicionada na parte superior, em frente à chaminé. Contudo, devido à rapidez do

navio durante o afundamento, enquanto as demais chegaram vazias às praias sergipanas.



Figura 59 - Embarque de passageiras e passageiros no navio Araraquara.⁷³

O Araraquara era considerado um navio misto, apresentando capacidade para transportar 118 passageiros. No dia do torpedeamento, havia apenas 73 passageiros, além dos 73 tripulantes, sendo um total de 146 brasileiras e brasileiros a bordo da embarcação (Diário Carioca, 1942; Agressão, 1943). Porém, Gama e Martins (1985) afirmam que havia somente 68 passageiros e 75 tripulantes. Já Cruz (2012, p. 72) contrapõe o número da tripulação afirmando que ela “[...] compunha-se de 41 homens”.

Com base nas análises dos dados documentais, como as listas oficiais do Araraquara, objetivando identificar as funções dos tripulantes a bordo, verifiquei as seguintes ocupações: comandante, imediato, pilotos, médicos, radiotelegrafistas, carpinteiros, marinheiros, moços de convés, maquinistas, eletricitas, foguistas, carvoeiros, comissários, cozinheiros, padeiros, paioleiros e taifeiros. Todos eram responsáveis pela manutenção e bom funcionamento do navio. Quanto aos passageiros, foram identificadas profissões diversas, incluindo funcionários públicos, comerciantes, militares, empresários, médicos, advogados, marítimos, músicos,

⁷³ Registro de embarque de passageiros no navio Araraquara. Disponível em: <https://www.alamy.es/imagenes/embarqu%C3%A9.html>. Acesso em: 05 mar. 2024.

barbeiros, técnicos, domésticas e estudantes, que utilizavam a embarcação como principal meio de transporte interestadual na época.

Em relação ao itinerário de viagem, este vapor de navegação costeira fazia a linha Porto Alegre-Cabedelo. No entanto, na data do torpedeamento, 15 de agosto de 1942, o navio navegava de Salvador/BA em direção à cidade de Maceió/AL. Todavia, nas imediações da costa sergipana, ainda na “companhia das luzes de Aracaju a bombordo” a viagem foi interrompida, pois os mesmos submarinistas que afundaram o Baependí estavam à espreita para atacar o Araraquara (Diário Carioca, 1942; Monteiro, 2013, p. 83).

De acordo com Gama e Martins (1985), durante a viagem, esta embarcação navegava totalmente iluminada, assim como o Baependí. Contudo, essa informação é controversa, pois outros autores, como Sander (2007), Cruz (2012) e Porto (2013), relatam que os navios estavam apenas parcialmente iluminados, mantendo acesos somente os faróis de navegação. Apesar de algumas luzes estarem apagadas, o Araraquara ainda era visível para o capitão alemão Harro Schacht, que o descreveu em seu diário de bordo como brilhantemente iluminado pelas luzes de navegação, alegando não ter identificado sinais de neutralidade, o que justificou o ataque nas coordenadas de latitude 11° 53' S e longitude 37° 22' W (Gama; Martins, 1985; Pereira, 2015).

De maneira abrupta, sob a claridade das luzes de Aracaju, “dois torpedos” foram disparados às 21h03min, atingindo diretamente a embarcação (Porto, 2013, p. 39). No entanto, contrapondo essa versão, Monteiro (2013) sustenta que o *U-507* lançou apenas o torpedo do tubo IV, que impactou o navio entre os porões de carga 3 e 4, resultando no apagamento de todas as suas luzes. Minutos após essa primeira explosão, um forte estrondo levou passageiros e tripulantes a acreditar que um segundo torpedo havia atingido o vapor. Contudo, esse barulho foi causado pela força do mar sobre a popa, que acabou partindo a embarcação em dois.

A agonia diante do naufrágio durou aproximadamente cinco minutos: inicialmente, o pacote adernou, em seguida, partiu-se ao meio e, finalmente, naufragou sem conseguir transmitir a mensagem de socorro, arrastando para as profundezas do mar 131 pessoas. A embarcação submergiu rapidamente, impedindo o uso dos equipamentos de salvamento, visto que muitos passageiros e tripulantes já se encontravam recolhidos em seus camarotes devido à hora avançada (Gama; Martins, 1985; Pereira, 2015), como foi o caso da passageira Alaíde Lemos Cavalcante e de toda a sua família, como veremos a seguir em seu depoimento.

De acordo com Sander (2007, p. 191), a maior parte das vítimas foi tragada pelas águas do Atlântico Sul junto com a embarcação: “morreram o comandante Lauro Augusto, o

imediatamente João Fernandes, seis oficiais, 58 tripulantes e 65 passageiros. Apenas 11 pessoas se salvaram”, sendo oito tripulantes homens e apenas três passageiros: um jovem estudante e duas senhoras. Monteiro (2013) corrobora esses dados, acrescentando que o torpedeamento do Araraquara resultou na morte de 131 brasileiros(as). Contudo, é importante mencionar que as fontes não apresentam consenso quanto ao número exato de passageiros e tripulantes afetados por este ataque bélico. Um exemplo disso é o documentário *Agressão* (1943), que lista 146 nomes, incluindo 135 vítimas fatais e 11 sobreviventes. Dessa forma, constata-se que os dados analisados concordam somente em relação ao total de sobreviventes: onze náufragos.

Com o intuito de abordar nomes em vez de estatísticas, buscou-se destacar as histórias de algumas vítimas⁷⁴ que sobreviveram à tragédia de Araraquara. Entre os tripulantes resgatados estavam Erotildes Bruno de Barros, 3º maquinista; Francisco José dos Santos, marinheiro; José Alves de Melo, carvoeiro; José Correia dos Santos, moço de convés; José Rufino dos Santos, marinheiro; Maurício Pereira Vital, taifeiro; e Milton Fernandes da Silva, 1º piloto. Os passageiros que sobreviveram incluíram Alaíde Lemos Cavalcante e Eunice Neiva Baumann, ambas domésticas; Caetano Moreira Falcão, estudante; e José Pedro da Costa, barbeiro, que viajava para Cabedelo-PB, enquanto os demais se destinavam a Recife/PE (*Agressão*, 1943).

Além de identificar o número de pessoas a bordo e o perfil ocupacional da tripulação, também foi realizada uma investigação sobre a presença de mulheres, adolescentes e crianças no navio no dia do ataque. De acordo com as análises das listas do documentário *Agressão* (1943), o resultado encontrado mostrou que não havia nenhuma mulher na lista da tripulação, em contraste com o caso do Baependi, que contava com uma camareira, Maria José Ferreira, que lamentavelmente faleceu com a tragédia bélica.

Já na lista de passageiros do navio Araraquara, identificaram-se quinze mulheres e treze crianças, destas cinco meninas e oito meninos. Entre as crianças, registram-se três irmãos — Noeme Cavalcante, de dois anos; Hélio, de onze; e Antônio, de treze —, bem como quatro irmãos — Arlete Ferreira, de dois anos; Weber Ferreira, de três; Edson, de sete; e Nodson, de nove. Consta ainda o caso das irmãs Marlene e Marilene Giorge, além de crianças aparentemente desacompanhadas de irmãos na embarcação, como Nancy D’Almeida, Hermes da Silva, Jayme Pinto e Flávio Guimarães, cujas idades não foram especificadas na documentação consultada. Infelizmente, o ataque perpetrado pelo submarino alemão *U-507*

⁷⁴ Lista oficial de tripulantes e passageiros, produzida pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, Estado de Sergipe: Náufragos “Araraquara” (APES, 1942, p. 1).

resultou na morte de todas essas crianças e adolescentes, bem como da maioria das mulheres. Apenas duas sobreviveram à tragédia naval: Alaíde Cavalcante e Eunice Baumann.

3.2. “Só restaram os corpos”: Alaíde Cavalcante testemunhou a destruição de sua família pelo torpedeamento nazista

O registro fotográfico divulgado no livro *Agressão* (1943) captura a imagem de Alaíde Cavalcante (à direita), acompanhada pelo 3º sargento José Correia Santos e pelo carvoeiro José Rufino Santos (à esquerda), sobreviventes do ataque de guerra perpetrado pelo submarino alemão em 15 de agosto de 1942, próximo ao litoral sergipano.



Figura 60 - A passageira do navio Araraquara Alaíde Cavalcante (à direita) ao lado de outros náufragos do torpedeamento (Agressão, 1943, p. 42).

Ao analisar a legenda da fotografia (Ver *Figura 60*), percebe-se que ela revela informações equivocadas, como a troca do nome de Alaíde por Adelaide e a identificação incorreta de José Santos como 3º sargento, sendo ele, na verdade, moço de convés do Araraquara. Ademais, há omissão dos nomes dos demais homens da foto, mas pela associação com Alaíde, infere-se que um deles seja José Alves de Melo, carvoeiro do navio, também resgatado na mesma baleeira.

Na *Figura 60*, Alaíde aparece sentada em uma estrutura que se assemelha a um veículo, possivelmente uma caminhonete ou caminhão, com um homem visível na parte superior da caçamba (à esquerda). Relatos jornalísticos da época indicam que a presença desses veículos foi intensa nas áreas litorâneas nas semanas subsequentes aos torpedeamentos. Essa mobilização foi uma iniciativa dos governos estaduais e municipais para facilitar o resgate dos sobreviventes, assim como o recolhimento de destroços, objetos pessoais e cadáveres espalhados pelas praias sergipanas.

Ao analisar as feições de Alaíde Cavalcante, capturadas pela fotografia, observa-se que ela está com o cabelo amarrado, usando um traje que aparentemente não era seu, possivelmente um casaco ou cobertor fornecido por aqueles que a socorreram. Sua expressão facial denota um abatimento claro, resultado da experiência traumática provocada pelo ataque de guerra sofrido, principalmente, devido à falta de notícias sobre seu marido, seus três filhos menores e um irmão, todos a bordo do Araraquara na trágica noite de 15 de agosto de 1942.

Em seu depoimento, publicado no jornal *Correio de Aracaju*, em 19 de agosto de 1942, Alaíde relembra com detalhes os acontecimentos vividos por sua família durante a viagem marítima. Ela começou a entrevista mencionando que era casada com o subtenente do Exército Antônio Lins Cavalcante, militar conhecido em Sergipe, onde residiram por uma década. A família havia embarcado no Araraquara, no Rio de Janeiro e tinha como destino a cidade de Recife/PE. O motivo da viagem era a transferência do subtenente do 5º Regimento de Infantaria, de Lorena/SP, para o 22º Batalhão de Caçadores, de Campina Grande, na Paraíba⁷⁵. A bordo deste navio mercante, viajavam também outras famílias e cerca de dez jovens oficiais, recém-convocados, incluindo o irmão de Alaíde, o sargento Valdemar Figueiredo Lemos. O navio, naquele dia, transportava não somente mercadorias, mas também armamentos bélicos levados pelos militares.

Nota-se que a presença de “várias famílias” e “uns dez oficiais muito jovens, recentemente convocados” a bordo do Araraquara revela a composição mista de seus passageiros, englobando militares e civis, inclusive adolescentes e crianças. Isso demonstra a função múltipla dos navios mercantes da época, que transportavam tanto passageiros e cargas quanto efetivo militar, apesar de não serem embarcações de guerra. Nesse sentido, percebe-se que a diversidade dos afetados pelo naufrágio, transcendeu o contexto militar e a regiões chamadas de zonas de guerra, refletindo diretamente na população civil, que se tornou vítima dos impactos do conflito mundial ocorridos em alto-mar em águas territoriais brasileiras.

⁷⁵ Informação publicada no jornal *A Noite*, de 22 de agosto de 1942, p. 6.

Já tarde da noite, precisamente às 21h03min, a tranquilidade da viagem foi interrompida por um “fortíssimo estrondo acompanhado de um tremendo abalo no vapor”, conforme descreveu Alaíde. Este “incidente” era, na verdade, o resultado de um ataque provocado por um torpedo disparado contra o casco da embarcação, que logo desencadeou um cenário de pânico generalizado entre tripulantes e passageiros, gerando um caos em uma noite escura de lua nova. Alaíde descreveu o momento do ataque: “Eu, meu marido, meus três idolatrados filhinhos pedaço do meu coração [...], achavamos-nos repousando no camarote. Nisto [...] ouvimos um fortíssimo estrondo acompanhado de um tremendo abalo no vapor. Espalha-se o pânico, a confusão” (Correio de Aracaju, 1942, p. 3). Em desespero, ela e seu esposo seguraram as crianças e correram pelo navio tentando encontrar uma baleeira para salvar a família, mas o esforço foi em vão.

Alaíde testemunhou muitas pessoas se jogando ao mar, tentando desesperadamente sobreviver. A situação foi agravada por “gritos lancinantes que cortavam a escuridão”, sons de uma morte iminente que Alaíde não conseguiu esquecer. No momento do naufrágio, com a invasão das águas, ela acabou perdendo o contato com seus familiares. Contudo, em meio ao desespero, sua vontade instintiva de sobreviver prevaleceu, e ela nadou até conseguir se agarrar a uma baleeira ocupada por cinco tripulantes, que a socorreram nesse momento de terror provocado pela guerra.

Conforme o relato, nota-se que Alaíde teve sua família destruída como consequência direta da agressão bélica. Ela perdeu seu esposo, Antônio Lins Cavalcante, seus três filhos: Antônio, Hélio e a bebê Noeme, e seu irmão, o sargento Valdemar Lemos. Todos estavam desaparecidos, como lembrou durante o seu relato: “onde estariam os meus idolatrados filhinhos e o meu desvelado e querido esposo!”. Segue um trecho do depoimento de Alaíde publicado no jornal *Correio de Aracaju*, em 19 de agosto de 1942:

Agarrei-me a uma baleeira com cinco tripulantes [...] A luta com as ondas [...] começou a chover horivelmente, arrancou-nos a roupa, deixando-nos seminus. Um vagalhão violento arrebatou um dos nossos companheiros, muito moço, português, sepultando-o no mistério das águas traiçoeiras. Ficaram 4 companheiros. Navegamos [...], sem rumo, durante toda a noite. Ao amanhecer do domingo, percebendo que eu procurava proteger meu natural pudor com as tiras da vestimenta esfarrapada, um dos companheiros arrancou a camisa e deu-ma, declarando: Dona, não tenha o receio; a senhora nos considere irmãos nesta desgraça. Grande coração e sagrada compreensão do dever moral! Lutamos com as ondas desde às 9 horas da noite do sábado até às 8 horas da manhã de segunda-feira, quando fomos dar à praia. Só aí, deitada na praia, sem roupa, morta de fome e sede, com os meus generosos companheiros, eu tive a consciência perfeita da desgraça que me feriu profundamente. Onde estariam os

meus idolatrados filhinhos e o meu querido esposo! Um menino apareceu na praia e nos conduziu à cabana próxima de uns caridosos praianos que nos deram alimento e algumas peças de roupas velhas, com que cobrimos a nossa nudez (Correio de Aracaju, 1942, pp. 1-3).

Alaíde detalha a experiência traumática e a luta pela sobrevivência, sendo esta realidade similar à vivenciada por outras mulheres que estavam a bordo dos navios torpedeados, como citamos anteriormente o caso da passageira Vilma Castelo Branco, que viajava no navio Baependi. Apesar de Alaíde ter conseguido encontrar uma baleeira, conforme seu depoimento, isso não era sinônimo de garantia de vida, pois as condições ambientais em alto-mar, em pleno inverno, castigava e colocava a vida de todos em risco.

As palavras de Alaíde refletiram o desespero físico e a vulnerabilidade que ela e os outros passageiros enfrentaram. Ademais, a perda de um jovem, “arrebataado por um vagalhão violento”, funcionou como um lembrete do perigo mortal que o mar representava, evidenciando o caráter trágico e cruel do conflito provocado pela guerra submarina. A *Figura 61* mostra o registro fotográfico da baleeira do navio Araraquara de nº 4, que chegou em uma praia sergipana, trazendo somente 4 pessoas: a passageira Alaíde Cavalcante e três tripulantes, José Correia Santos, moço de convés; José Alves de Melo, carvoeiro; e José Rufino dos Santos, marinheiro. Já os três homens, presentes na fotografia, vestidos formalmente de terno, não tiveram seus nomes informados no documento. Todavia, inferimos que pode se tratar de autoridades locais que foram averiguar de perto a situação da tragédia bélica.



Figura 61 - Baleeira do Araraquara que trouxe a passageira Alaíde Cavalcante e três sobreviventes. Fonte: (APES, 1942, p. 1).

Com a chegada à praia, o socorro prestado por moradores locais adiciona uma dimensão social que envolveu diretamente os sergipanos das regiões praianas, os quais se mobilizaram para ajudar os náufragos. Este desfecho demonstra que a solidariedade se fez presente nas relações sociais compartilhadas entre tripulantes, passageiros e comunidades litorâneas no tempo da Segunda Guerra Mundial no contexto sergipano.

O relato de Alaíde evidencia não só a experiência individual de uma mulher nos tempos sombrios da guerra, como também permite compreender a magnitude do trauma coletivo vivenciado por ela, sua família e demais brasileiras e brasileiros. Os registros documentais, como fotografias e jornais, que abordam a experiência de Alaíde, como uma das poucas sobreviventes dos torpedeamentos, colaboram para o reconhecimento e valorização das experiências das mulheres e das famílias, incluindo as histórias dos adolescentes e crianças que morreram na tragédia naval provocada pela guerra submarina.

As abordagens atuais que apresentam novas versões sobre as experiências marcantes dos torpedeamentos, possibilitam que vozes e memórias desses personagens históricos não sejam esquecidas ou negligenciadas pela historiografia no contexto do conflito local e nacional.



Figura 62 - Praia de Atalaia, em Aracaju/SE, vendo-se, ao fundo, o rio Sergipe. Baleeira que trouxe náufragos do Araraquara. Fonte: Agressão (1943, p. 43).

A *Figura 62* mostra a paisagem da Praia de Atalaia (atualmente chamada de Aruana), localizada em Aracaju/SE. Esta é a região onde chegou a baleeira do Araraquara trazendo Alaíde junto com os outros sobreviventes. O registro fotográfico foi capturado pelos pilotos do Aeroclube de Sergipe, durante um voo de reconhecimento pelo litoral sul de Sergipe, com o objetivo principal de obter informações sobre outro navio: o Aníbal Benévolo. No entanto, eles acabaram se deparando com os sobreviventes do Araraquara espalhados pela praia. No primeiro plano da *Figura 62*, observa-se os naufragos em marcante contraste com a vastidão da paisagem ao redor. Mais próximo à linha d'água, destaca-se a baleeira, notavelmente pequena comparada à extensa praia deserta de Aracaju/SE.

Neste momento, já tendo analisado o contexto de três representações das baleeiras por meio das fontes iconográficas — especificamente a baleeira nº 2, que chegou vazia, e a de nº 4, que transportou Alaíde e os tripulantes do Araraquara (Ver *Figuras 57, 61 e 62*), partiremos para a análise da "materialidade sensível" dos biofatos⁷⁶. Essa análise envolve os corpos dos familiares de Alaíde, que foram identificados pela perícia médica da época, apoiados pela presença de objetos pessoais encontrados junto aos corpos. As análises subsequentes serão conduzidas com base nas fotografias disponibilizadas pelo Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES). Inicialmente, examinaremos as descrições sobre o corpo do esposo de Alaíde, seguido pelo corpo do seu filho Antônio e, por fim, da sua filha Noeme.

O relatório da perícia médica que identificou o corpo do esposo de Alaíde, apresentou também descrições de outras três vítimas que foram encontradas nas praias sergipanas (Ver *Figura 63*). Durante o processo de identificação, a equipe médica analisou tanto as características físicas quanto os aspectos materiais que chegaram junto aos corpos, incluindo vestimentas e objetos pessoais. Dentre os identificados estava o corpo do subtenente Antônio Lins Cavalcante, esposo da Sra. Alaíde. O relatório o descreveu como sendo um indivíduo branco, de estatura mediana, robusto, com cabelos pretos ligeiramente grisalhos e dentes uniformes. Ele estava vestido com um pijama de zefir alvadio e carregava preso ao peito um colete salva-vidas.

A *Figura 63* destaca o corpo do subtenente Antônio Cavalcante, classificando-o como o 3º cadáver da foto, tendo sua mão esquerda ao lado do colete salva-vidas. De acordo com o resultado final da perícia, a identificação foi facilitada, em grande parte, pela descrição do pijama de zefir, peça considerada uma importante cultura material que ajudou a confirmar a

⁷⁶ Os biofatos referem-se aos corpos das vítimas, constituindo evidências humanas que fornecem informações sobre a história dessas pessoas. Esses corpos podem ser identificados tanto por suas características físicas quanto pelos objetos pessoais que os acompanham, oferecendo subsídios para a compreensão de suas trajetórias e contextos históricos.

identidade do subtenente. A correlação dos dados documentais com os relatos orais, publicados nos jornais, confirmou a consistência das informações. Conforme relatado por Alaíde, no momento do ataque naval, eles já estavam descansando no camarote, justificando, assim, o uso do pijama pelo subtenente. Esse detalhe também confirma que o ataque ocorreu durante a noite. Outra observação relevante é que, apesar de estar usando um colete salva-vidas, o subtenente infelizmente não sobreviveu à tragédia naval. Este fato ressalta que, embora ele tivesse acesso a um dos recursos de salvamento obrigatórios a bordo, isso não foi suficiente para salvar sua vida.



Figura 63 - O corpo do subtenente Antônio Lins Cavalcante sendo transportado junto com outras vítimas para Aracaju/SE. Fonte: APES (1942).

Prosseguirei, agora, com a análise das informações relativas ao filho de Alaíde, cujo corpo também foi encontrado em uma praia sergipana. O cadáver foi identificado como sendo de um jovem do sexo masculino, robusto, de pele morena, com cabelos pretos e lisos. Ele estava vestido com uma calça curta de brim kaki e uma camisa branca de mangas curtas, e foi encontrado descalço. Possuía uma dentadura perfeita, com dentes sólidos, largos, brancos e bem implantados, que permitiram estimar sua idade em 13 anos.

O relatório concluiu que, muito provavelmente, tratava-se do corpo do estudante Antônio, previamente mencionado no jornal *Correio de Aracaju* como filho de Antônio Lins Cavalcante, subtenente do Exército. Baseando-se nas características físicas do corpo e nas vestimentas encontradas, a equipe de legistas confirmou que o adolescente era, de fato, Antônio, filho da sobrevivente Alaíde Cavalcante e do subtenente Antônio Lins Cavalcante.



Figura 64 - O corpo de um adolescente foi encontrado na areia da praia e posteriormente identificado como Antônio Lins Cavalcante. Fonte: APES (1942).

A *Figura 64* em questão retrata o corpo do estudante Antônio Lins Cavalcante, deitado em uma praia, com folhas de coqueiros secas espalhadas ao fundo. O corpo, posicionado de costas com os braços estendidos, apresenta uma postura desarticulada, o que indica que foi trazido à praia pelas ondas do mar. Ele se encontrava em avançado estado de decomposição, com a pele visivelmente escurecida, especialmente na região superior do tronco. A face, voltada para cima, apesar de degradada, exibe uma boa dentição, o que forneceu pistas sobre a identidade do adolescente.

Um dos detalhes que mais chama a atenção no registro fotográfico é a parte da cabeça, que, devido ao estado avançado de decomposição, não apresentava nem pele nem músculos faciais, exibindo apenas o crânio. Esta imagem mostra o estado em que alguns corpos

chegaram às praias sergipanas, após passarem muitas horas em alto-mar. Os cadáveres continuaram a aparecer dias após os naufrágios; muitos deles chegavam seminus, banhados em combustível, dilacerados, queimados e inchados, já em estado de putrefação. As cenas testemunhadas por parte da população causaram choque devido à extrema brutalidade e violência. O sentimento predominante entre os moradores de Aracaju, conforme relatado pelos jornais locais, era de consternação e revolta. Afinal, Sergipe nunca havia sofrido uma tragédia marítima tão brutal e de tamanha magnitude como esta.

Para concluir as análises relativas aos corpos dos familiares da sobrevivente Alaíde Cavalcante, abordaremos um dos registros fotográficos mais emblemáticos e comoventes dos torpedeamentos. Trata-se da imagem de uma criança ainda bebê encontrada sem vida e deitada na areia de uma praia sergipana, como mostra a *Figura 65*. Esta criança era a menina Noeme, de apenas 1 ano e 8 meses, que se tornou uma das vítimas fatais dos torpedeamentos provocados pelo submarino *U-507* na costa brasileira, entre os litorais de Sergipe e Bahia.



Figura 65 - O corpo da bebê Noeme, encontrado em uma praia sergipana. Sua imagem foi publicada nacionalmente representando todas as crianças vítimas dos torpedeamentos nazistas. Fonte: APES (1942).

O relatório pericial detalhado descreve as características físicas, as vestimentas e os objetos encontrados junto ao corpo de uma criança do sexo feminino. De pele branca e cabelos castanhos lisos, a criança vestia uma camisola de flanela e estava descalça. Suas

feições eram regulares, e a idade foi estimada em aproximadamente dois anos, com base na análise da evolução dentária. Essa análise antropológica dentária foi corroborada por informações orais, conforme relatado no jornal *A Noite* (1942), que informava que a filha de Alaíde Lemos Cavalcante tinha apenas um ano e oito meses de idade. Entre os pertences encontrados junto ao cadáver, destacava-se uma pulseira de fios de prata com uma medalha de santo e uma chapa gravada com o nome “A Leide”. Apesar de o corpo ter sido encontrado em bom estado de conservação, o que efetivamente possibilitou a identificação foram a roupa e a pulseira, elementos associados a Noeme.

Após identificar e analisar a cultura material encontrada junto aos corpos dos três familiares da Sra. Alaíde, segue a síntese do resultado: no caso do esposo Antônio Cavalcante, usava um pijama de zefir alvadio, feito de tecido de algodão fino, leve e esbranquiçado; o filho Antônio vestia uma calça curta de brim kaki, de tecido resistente feito de linho ou algodão, sendo de cor bege, e uma camisa branca de mangas curtas; e a bebê Noeme usava uma camisola de flanela, confeccionada de tecido felpudo de algodão ou lã, sendo macio e geralmente utilizado na confecção de roupa de bebês. Sobre a pulseira, com uma medalha de santo e uma chapa gravada com a inscrição “A Leide”, encontrada no braço de Noeme, poderia indicar a religiosidade cristã dos pais e a crença na proteção divina da criança, que carregava como uma espécie de amuleto, no caso da inscrição, ela poderia servir como uma referência pessoal à menina.

Percebe-se, então, a importância e a função primordial dos objetos pessoais para a identificação dos corpos. Tal constatação justifica a ênfase da polícia da época ao proibir a população de remover pertences e outros objetos dos locais onde os vestígios da tragédia naval chegaram (APES, 1942). Afinal, sem esses itens, as vítimas dificilmente seriam identificadas, deixando seus familiares sem os despojos dos seus entes queridos e, conseqüentemente, sem um local de enterramento e de memória dedicado aos parentes.

A tragédia desta família evidencia a gravidade dos ataques de guerra e suas conseqüências diretas sobre a vida dos civis, incluindo adolescentes e crianças inocentes que se tornaram vítimas fatais. Nesse contexto, a família de Alaíde Cavalcante foi profundamente afetada pela perda do esposo e dos “três idolatrados filhinhos, pedaço do coração”: a bebê Noeme e os adolescentes Antônio e Hélio Cavalcante, sendo este último o único que não teve o corpo identificado.

Dessa maneira, os relatórios periciais constituem as representações das materialidades humanas, como os biofatos, os objetos navais e os pertences dos passageiros e tripulantes que perderam suas vidas com a tragédia bélica. Sendo assim, a documentação nos força a

confrontar a brutalidade que a guerra causou no contexto sergipano e seus impactos devastadores sobre algumas famílias brasileiras.

As imagens das crianças mortas encontradas à beira-mar, junto aos destroços, demonstram a gravidade dos ataques bélicos. Os alemães tinham agido de forma covarde assassinando crianças inocentes; infelizmente, nenhuma delas sobreviveu (Correio de Aracaju, 1941). No caso da fotografia da bebê Noeme, filha da Sra. Alaíde, foi publicada na obra *Agressão* (1943) pela Imprensa Nacional Varguitas, controlada na época pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), representando simbolicamente todas as crianças vítimas dos torpedeamentos nazistas (Ver *Figura 65*).

3.3. “Furto” de anéis e aliança de casamento: o crime contra a passageira Virgínia Auto de Andrade

Diante do contexto da chegada de destroços, objetos das embarcações, corpos e pertences das vítimas às praias sergipanas, destacaram-se relatos de apropriações indevidas dessas materialidades. Nesse cenário dos torpedeamentos, além da análise dos eventos históricos, tornou-se fundamental examinar os comportamentos e ações destoantes que emergiram diante da situação de guerra. Um exemplo notório é o caso de Horácio Nelson Bittencourt⁷⁷, filho do proprietário do renomado Hotel Rubina, que, embora convivesse com a elite aracajuana, era alvo de críticas por sua reputação duvidosa, sendo considerado um aproveitador. A análise desse episódio possibilita entender a complexidade das dinâmicas sociais que se desenrolaram durante esse período belicoso em Aracaju/SE.

De acordo com o documento oficial do Instituto de Identificação da Polícia do Estado de Sergipe, datado de 30 de novembro de 1942, as informações relativas a Horácio Nelson Bittencourt incluem dados pessoais e descrições físicas detalhadas. Conhecido como Nelson de Rubina, ele tinha 39 anos, nascido em 17 de julho de 1903, na cidade de Maruim/SE, filho de Horácio Nelson Bittencourt e Rubina Santos. O acusado era casado, residia na Rua de Pacatuba, nº 51, em Aracaju/SE, possuía formação de nível secundário, professava a fé católica e exercia atividade profissional no comércio. Suas características físicas foram

⁷⁷ Apelação Criminal em que Virgínia Auto de Andrade, vítima do torpedeamento de um dos navios afundados na costa sergipana pelos alemães, teve roubado três anéis de brilhantes por Horácio Nelson Bittencourt. 23/10/1942 - 19/12/1951. AJU/C.TJ - Apelação Criminal CX. 16-1403. Documento disponível no Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe, em Aracaju/SE.

descritas como pele morena, cabelos pretos, barba feita, bigode preto e olhos castanhos médios⁷⁸, conforme mostra o registro da *Figura 66*.



Figura 66 - Informações de Nelson de Rubina disponíveis no documento do Instituto de Identificação da Polícia do Estado de Sergipe. Fonte: Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe (1942-1943).

A denúncia apresentada pelo 2º Promotor Público, Paulo Costa, contra Nelson de Rubina, conforme o Inquérito Policial, expõe um conjunto de fatos que revelam a complexidade dos delitos cometidos na época dos torpedeamentos, período de contexto social e político de grande tensão. Nelson foi acusado, com base nos artigos 155 e 212 do Código Penal de 1940, de apropriação indevida de bens pertencentes a um cadáver e de vilipêndio, ao subtrair joias do corpo da Sra. Virgínia Auto de Andrade, vítima do naufrágio do mercante Araraquara. No momento do crime, ele estava acompanhado por quatro pessoas: Josefina Matos, Maria Amélia, Maria das Dores e Orlando Santos, que era chofer de praça e

⁷⁸ O documento do Instituto de Identificação da Polícia do Estado de Sergipe está disponível no Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe, em Aracaju/SE.

proprietário do automóvel que os transportou até a região praiana, onde haviam chegado os corpos dos tripulantes e passageiros dos navios afundados.⁷⁹

De acordo com o *Termo de Declaração do Inquérito Policial*, prestado pela Sra. Maria das Dores, conhecida como Sinhá, de 50 anos, solteira, lavadeira, analfabeta, natural de Propriá/SE e residente em Aracaju/SE, no dia 23 de outubro de 1942, na Delegacia Auxiliar, ela relatou que, por ocasião dos torpedeamentos dos navios, tomou um automóvel conduzido por Orlando e foi acompanhada por Josefina Matos (conhecida como Zefinha), Maria Amélia e Nelson de Rubina até a praia de Atalaia, onde cadáveres estavam sendo trazidos pelas águas. No local, o grupo presenciou a chegada do corpo de uma mulher de pele clara, muito inchada e de braços, com as vestes levantadas, deixando-a seminua. A vítima foi identificada posteriormente como a Sra. Virgínia Auto de Andrade.

Maria das Dores declarou que Nelson se aproximou do cadáver e retirou três anéis: uma aliança, um anel descrito como sendo de platina com brilhante (segundo informações que ouviu) e outro de ouro, sem saber se este último continha brilhante. Nelson teria afirmado que entregaria as joias à polícia, declaração presenciada por todos que estavam no automóvel. No entanto, ela afirmou desconhecer se a entrega foi, de fato, realizada e informou que não teve mais contato com Nelson após ele ter viajado para a Bahia e, posteriormente, seguido para Maceió/AL.

Já no *Auto de Perguntas* da Sra. Josefina Matos, registrado na Delegacia Auxiliar de Salvador/BA, em 12 de novembro de 1942, ela relatou que, ao tomar conhecimento de que cadáveres dos naufragos estavam chegando à praia de Atalaia/SE, dirigiu-se ao local acompanhada de um grupo, com a esperança de encontrar, entre os corpos, o de um amigo chamado Fonseca.

Para verificar a veracidade dessa narrativa, foram consultadas as listas de tripulantes e passageiros dos navios Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo em busca de informações sobre o amigo identificado como Fonseca. Constatou-se a existência de um único passageiro com esse sobrenome: Gorgino Fonseca de Assis. Ele era soldado do 7º Grupo de Artilharia de Dorso e estava a bordo do Baependi no momento do torpedeamento que resultou em sua morte. Seu nome foi incluído na lista de desaparecidos no livro *Agressão* (1943), pois seu corpo não foi localizado.

⁷⁹ Segundo a historiadora Maria Luiza Pérola Dantas Barros (2016), em seu artigo intitulado *Segunda Guerra, cultura e cotidiano: os torpedeamentos na costa brasileira em 1942 e o caso Nelson de Rubina*, as relações entre as pessoas do grupo eram as seguintes: Josefina era muito próxima de Nelson e amiga de Maria das Dores; Maria Amélia se juntou ao grupo a convite de Nelson; e Orlando, por sua vez, era proprietário do automóvel e conhecido de Maria das Dores.

Ainda em seu depoimento, Josefina relatou que, ao chegar à praia com o grupo, encontraram inicialmente o corpo de uma professora que portava um relógio folheado a ouro gravado com o nome "Ruth". O objeto foi entregue ao Sr. Hormindo Menezes, Diretor do Serviço de Luz e Força, e o episódio foi amplamente divulgado pela imprensa local. Posteriormente, outros cadáveres chegaram à região, incluindo o de uma senhora seminua que usava três anéis: uma aliança, um anel português e um anel de platina com brilhante.

Nelson teria retirado as joias do corpo, justificando que as entregaria à polícia. Josefina relatou que decidiu acompanhá-lo até a Secretaria da Segurança para garantir a entrega. No local, Nelson desceu do carro, afirmando que faria a entrega sozinho, enquanto Josefina e Maria Amélia permaneceram no veículo aguardando seu retorno. Pouco depois, Nelson voltou e declarou que havia realizado a entrega. Contudo, mais tarde, ao ser questionado por Josefina sobre o ocorrido, ele admitiu ter se esquecido de entregar as joias, prometendo fazê-lo no dia seguinte, justificando que "não desejava ficar com joias de cadáveres".

Josefina informou que, na manhã seguinte, viajou para Salvador/BA, desconhecendo o desfecho do caso. Ela afirmou ter ficado surpresa ao ser intimada para prestar declarações. Questionada sobre o comportamento de Nelson, mencionou ter ouvido que ele havia sido preso em Salvador/BA por viver às custas de mulheres. Todavia, tal declaração foi negada posteriormente por Nelson.

Com base no *Auto de Perguntas* realizado com o acusado, em 23 de novembro de 1942, na Penitenciária Modelo do Estado de Sergipe, sobre o desaparecimento de anéis retirados do cadáver de uma senhora encontrado na praia após o torpedeamento do Araraquara, Nelson de Rubina declarou que, no dia 18 de agosto de 1942, estava na esquina da Praça do Palácio quando foi casualmente convidado por Josefina Matos para ir à praia verificar se havia cadáveres, motivada principalmente pelo interesse em encontrar um passageiro amigo chamado Fonseca. Nelson aceitou o convite e foi acompanhado por Maria Amélia, Maria das Dores e pelo chofer de praça Orlando Santos.

O grupo seguiu para a região do Mosqueiro/SE, onde se depararam com destroços dos navios torpedeados. Inicialmente, Nelson e Orlando retiraram do mar caixas de banha, que foram colocadas no automóvel. Ao avançarem, avistaram o corpo irreconhecível de uma senhora, que usava um anel no dedo e um relógio no pulso. Nelson retirou os objetos e, mesmo sob a oposição dos demais presentes, afirmou que entregaria o material ao senhor Hormindo Menezes, Diretor do Serviço de Luz e Força, o que teria feito. Mais adiante, encontraram o Capitão dos Portos, a quem Nelson relatou a presença das caixas de banha no

veículo, questionando qual seria o destino apropriado para sua entrega. O Capitão Gentil Homem de Menezes orientou que os itens fossem levados à polícia.

Ao retornarem, o grupo avistou na água outro cadáver feminino que estava irreconhecível. Com o objetivo de prestar auxílio, tanto o chofer quanto dona Sinhá entraram na água para trazer o corpo à praia. Durante a ação, Nelson, ao acompanhar, encontrou no dedo da mão direita da falecida uma aliança de prata com a inscrição "Dei ouro para São Paulo"⁸⁰ e um anel de ouro (fantasia). Orlando chamou a atenção para a mão esquerda do cadáver, em que Nelson encontrou e retirou outro anel.

De volta ao veículo, Nelson mostrou os objetos aos demais presentes e sugeriu entregá-los à polícia. Entretanto, ele afirmou que enfrentou resistência por parte do grupo, que argumentou que "objetos encontrados nessas condições não têm dono, pertencem a quem os achou". Apenas Josefina Matos concordou com a proposta de Nelson. Durante a discussão, Orlando sugeriu que os objetos fossem entregues a Josefina para serem vendidos na Bahia, com divisão dos lucros. Nelson, contudo, rejeitou a ideia, reafirmando seu desejo de entregar os bens às autoridades.

Ao chegarem à praça Tobias Barreto, em Aracaju/SE, Nelson insistiu na entrega dos objetos às autoridades, mas novamente foi contrariado pelos demais. Segundo ele, durante o trajeto para a cidade, houve ainda uma disputa sobre a posse das caixas de banha que transportavam, na qual Nelson protestou, optando por entregar as caixas na Secretaria do Estado. Após se despedir do grupo, Nelson encontrou um amigo chamado Moacir Miranda, a quem relatou os acontecimentos, mostrando-lhe os objetos encontrados.

Posteriormente, à noite, reconsiderando a situação, Nelson e Moacir junto com Josefina Matos, Maria Amélia e Dona Sinhá discutiram um plano para vender uma das joias e dividir os lucros. Todavia, Moacir desistiu do acordo. Nelson, quando questionado sobre as declarações dos demais envolvidos, afirmou que Dona Sinhá demonstrava grande interesse em encontrar mais "pescados", ou seja, objetos de valor, e continuou a busca com outras mulheres. Em um dos episódios, ela teria mostrado a ele uma carteira de níqueis supostamente encontrada no bolso de um cadáver, com o conhecimento de Josefina Matos e Maria Amélia.

⁸⁰ Segundo Maria Luiza Pérola Barros (2015), a aliança de prata com a inscrição "Dei ouro para São Paulo" está diretamente associada ao Movimento Constitucionalista de 1932, ocorrido em São Paulo, como forma de resistência ao regime autoritário de Getúlio Vargas. Este regime limitava a liberdade política e econômica do estado. Conforme Capelato (1981), citada por Barros (2015), a campanha do ouro foi lançada com o objetivo de garantir recursos para a emissão dos bônus paulistas e financiar os custos da guerra. Nesse contexto, o ouro transcendia seu valor material, assumindo significados simbólicos, como expressão de riqueza moral e apoio à causa. A partir dessa perspectiva, é possível presumir que a senhora Virgínia participou da campanha, já que a posse da aliança de prata com tal inscrição era característica daqueles que contribuíam para o esforço paulista. Dessa forma, pode-se considerar que os artefatos se tornaram emblemas de engajamento político e solidariedade ao movimento.

Contudo, Nelson fez questão de reiterar que, inicialmente, Josefina foi a única que concordou com a ideia de entregar os objetos encontrados às autoridades.

Ao confrontar os depoimentos, observa-se que, em sua maioria, eles corroboram a narrativa apresentada por Nelson, divergindo apenas em aspectos secundários que não comprometem a compreensão dos eventos principais. Ficou evidente que as joias permaneceram sob a posse de Nelson, com a justificativa de que seriam entregues à polícia. Entretanto, nota-se que a reputação de Nelson era alvo de desconfiança, como demonstra a atitude de Josefina e Maria Amélia, que insistiram em acompanhá-lo durante a alegada entrega dos objetos às autoridades.

No tocante ao depoimento do acusado, concordo com a análise realizada pela historiadora Maria Luiza Pérola Dantas Barros (2016, p. 21) ao afirmar que:

Nelson não poupou argumentos na construção de sua imagem. Ele disse que estava *casualmente* na Praça, que entregou os primeiros achados *contra* a vontade dos demais, além do que se eximiu de qualquer pretensão de furto ao dizer ter sido o chofer e dona Sinhá a retirarem o cadáver da água, e não ele.

Esse esforço retórico na narrativa demonstra uma tentativa do acusado de projetar uma imagem de inocência, ainda que as evidências sugerissem o contrário. Ademais, Nelson tentou desviar o foco das acusações ao mencionar Maria das Dores (conhecida como dona Sinhá), imputando-lhe a apropriação de uma carteira supostamente encontrada no bolso de um cadáver vítima dos torpedeamentos, conduta semelhante àquela pela qual ele próprio estava sendo responsabilizado. Essa estratégia revela a tentativa deliberada de Nelson de diluir sua responsabilidade e justificar suas ações, atribuindo comportamentos similares a outros integrantes do grupo. Tal discurso não apenas evidencia a preocupação do acusado em articular sua defesa, mas também reflete sua tentativa de se eximir da punição por um ato que constituiu uma grave afronta à dignidade de uma vítima de guerra.

No entanto, as evidências demonstram, conforme os dados da Apelação Criminal, que Nelson não apenas retirou as joias do cadáver, como também as utilizou e comercializou com a intenção de obter lucro. Contraditoriamente, ele havia afirmado a Josefina que “não desejava ficar com joias de cadáveres”. Contudo, dias após o sepultamento do corpo, ao perceber a ausência de reclamações acerca dos objetos desaparecidos, Nelson passou a utilizar os anéis como se fossem de sua propriedade. Em seguida, buscou avaliar o valor das joias no centro de Aracaju/SE com o ourives Jeovane, recebendo, inclusive, uma proposta de compra ou troca feita por um negociante chinês. Apesar da oferta, Nelson recusou o negócio por

considerar o preço inferior à avaliação feita pelo ourives. Posteriormente, viajou para outro estado, chegando a Maceió/AL, onde continuou usando a joia no dedo, reforçando a intencionalidade de suas ações e comportando-se como se fosse o legítimo dono das joias.

Perante o contexto, o inquérito policial reforçou a necessidade da prisão preventiva de Nelson, medida vista como adequada para assegurar a apuração completa dos crimes, além da apreensão das joias. Embora não possuísse antecedentes criminais registrados, Nelson foi descrito como um indivíduo inteligente, com trânsito em diferentes classes sociais, “das mais altas às mais baixas”, porém, avesso ao trabalho regular, o que reflete um padrão de comportamento que gerou conflitos com a sociedade. Em 1937, ele foi processado pela 7ª Vara Criminal do Rio de Janeiro por envolvimento em jogos de azar, evidenciando uma trajetória marcada por escolhas que o distanciaram das normas sociais e éticas predominantes da época⁸¹. Tal histórico reforça a motivação de seus atos referente à apropriação das joias de uma das vítimas dos torpedeamentos.



Figura 67 - Furto de joias realizado por Nelson de Rubina, envolvendo os pertences de uma passageira do navio Araraquara. Fonte: Apelação Criminal (1943, p. 8).

⁸¹ As informações foram extraídas do Inquérito Policial, elaborado em 7 de dezembro de 1942, na cidade de Aracaju, pelo Delegado Auxiliar Pedro Vieira de Matos e direcionado ao Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito. Fonte: Apelação Criminal (1942-1943) disponível no Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe.

A *Figura 67* apresenta as três joias retiradas do corpo da Sra. Virgínia Auto de Andrade, sendo:

[...] um anel de brilhante, encravação de platina, pesando aproximadamente 2 quilates e 20; outro anel tipo antigo, cinzelado, cravação de prata e diamante com círculos em esmalte, tendo o aro de ouro de 18 quilates, e uma aliança de prata com a inscrição 'Dei ouro para o bem de São Paulo' - '1932' (Termo de Entrega da Apelação Criminal, 1942, p. 51).

De acordo com Barros (2016), o anel de brilhante foi negociado com Francisco Brandão, comerciante de Maceió/AL, pelo valor de dez mil cruzeiros. Já o anel de ouro foi deixado com Alfredo Mansur, comerciante de Aracaju/SE, que o vendeu a Antônio de Jesus por cem cruzeiros; este, por sua vez, revendeu a peça a Miguel Brigde, comerciante da Bahia, pelo valor de cento e vinte cruzeiros. A aliança, entretanto, permaneceu sob a posse de Nelson. Posteriormente, todas as joias foram apreendidas pelas autoridades e devolvidas ao esposo da falecida, Dr. Gilberto de Andrade, Procurador do Tribunal de Segurança Nacional.

Atendimento

Do Dr. Delgado Américo

Ag. 28-11-942

TELEGRAMAS

MINISTÉRIO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

RECEBIDO

De *J. A. Aracaju 2/11/42*
às *14h*
por *Paula*

CARIMBO DA ESTAÇÃO

DR ENOCH SANTIAGO CHEF
DE POLICIA ARACAJU SE

H 38 DE PRACA MAUA RIO DE 151806 82 26 16518

RESPOSTA TELEGRAMA VOSSA EXCELENCIA QUE MINHA
ERANTEADA ESPOSA DEVERIA USAR OCARIO NAUFRAGIO
SOLITARIO BRILHANTE MAIS OU MENOS 2 BUILATES ARO
PLATINO VG ANNEL OURO ESTILO ANTIGO ALEM A JAN
PONTO LEVAVA TAMBEM A BORDO VARIAS OUTRAS JOIAS.
DOCUMENTOS NUM PEQUENO COFRE PRATA LAVRADA TEN
SOBRE A TAMPA DESENHO DE FIGURAS EPOCA LUIZ XV
PONTO ENTRE JOIAS COFRE DESTACAM SE PAR DE BRINCO

MINISTÉRIO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

TELEGRAMA

RECEBIDO

De _____
às _____
por _____

CARIMBO DA ESTAÇÃO

INDICAÇÕES DE SERVIÇO
TAXAS E ENDEREÇO

DE BRILHANTES PONTO SAUDS CORDS GILBERTO DE
ANDRADE PROCURADOR DO TRIBUNAL DE SEGURANCA NACIONAL

TEXTO E ASSINATURA

LIVRARIA REGINA, ARACAJU

Figuras 68 e 69 - Telegrama enviado por Gilberto de Andrade, esposo da Sra. Virgínia, ao Dr. Enoch Santiago, Chefe de Polícia de Aracaju/SE. Fonte: *Apelação Criminal* (1942, p. 8).

As Figuras 68 e 69, mostram o telegrama de resposta enviado em 2 de novembro de 1942 por Gilberto de Andrade, esposo da senhora Virgínia, ao Dr. Enoch Santiago, Chefe de Polícia de Aracaju. No conteúdo, Gilberto informa que sua esposa estaria utilizando, no momento do naufrágio, um anel solitário de brilhantes com aproximadamente dois quilates e aro de platina, além de outro anel de ouro em estilo antigo. Ele menciona ainda que Virgínia transportava várias joias e documentos guardados em um pequeno cofre de prata lavrada, cuja tampa apresentava ornamentos com figuras do período de Luís XV. Entre os itens do cofre, destacou um par de brincos de brilhantes.

De acordo com as informações da *Apelação Criminal* (1942, p. 3), Nelson viajou para estados vizinhos com os bens subtraídos “se locupletando fartamente do produto do seu crime”. O comportamento de Nelson refletiu uma postura que contrastou com os ideais de patriotismo e respeito pela memória dos que pereceram em um episódio de forte impacto nacional. Os registros indicam que Nelson não compartilhou lucros com terceiros, tampouco há indícios de participação das mulheres envolvidas. O caso exigiu uma complexa diligência policial, com investigações em Sergipe, Bahia e Alagoas, dada a presença de indivíduos de

diversas origens sociais, envolvidos de forma direta ou indireta. A situação foi emblemática não apenas pela ação de despojar um cadáver em um momento de luto nacional, mas também pelos conflitos éticos e morais gerados pelo oportunismo e pelas tensões sociais da guerra.

De acordo com Barros (2016), diante das evidências apresentadas contra o acusado, o juiz responsável pelo caso decretou a prisão preventiva de Nelson de Rubina, que foi recolhido à Penitenciária do Estado de Sergipe em 26 de novembro de 1942. À medida que o processo judicial avançava, acumulavam-se indícios que apontavam para o julgamento de Rubina pelos crimes de furto e vilipêndio de cadáver. Contudo, segundo Belarmino (2012), o advogado de Nelson, Dr. Carlos Alberto Rôlla, um dos mais renomados de sua época, enfrentou o desafio de lidar com fatos indiscutíveis. Embora tenha admitido a ação de seu cliente, tentou requalificar o crime de roubo e vilipêndio para simples apropriação indébita, buscando, assim, amenizar as consequências legais enfrentadas por seu cliente.

Durante o curso do processo, houve a substituição do magistrado inicialmente responsável, que considerava Nelson culpado, pelo juiz José Rodrigues Neu, da 3ª Vara. Este último, em 19 de abril de 1943, proferiu uma sentença em que considerou que Nelson não havia furtado os anéis, uma vez que os retirou na presença de testemunhas e não de maneira escondida, o que afastaria a tipificação do crime de furto. Além disso, o magistrado concluiu que não havia evidências de que Nelson tivesse desrespeitado o cadáver com palavras, desqualificando, portanto, o vilipêndio. Assim, em 28 de abril de 1943, Nelson de Rubina foi colocado em liberdade (Barros, 2016).

Entretanto, era previsível que tal decisão gerasse insatisfação entre os membros mais influentes da sociedade aracajuana da época, que foram impactados pelo crime, especialmente porque o cadáver era de uma pessoa conhecida. A acusação, inconformada com a sentença, mobilizou até os desembargadores sergipanos para tentar revertê-la. Em 26 de junho de 1943, a Procuradoria Geral do Estado de Sergipe, representada por Gonçalo Rollemberg Leite, apresentou argumentos para reforçar que o ato praticado por Rubina era de natureza hedionda e demandava uma punição exemplar. Todavia, tais esforços foram infrutíferos. A sentença foi mantida, e, apesar das manifestações contrárias, Nelson de Rubina permaneceu em liberdade (Barros, 2016).

Este episódio ressalta as complexidades encontradas na análise de eventos bélicos e suas repercussões jurídicas e sociais, particularmente quando envolvem indivíduos pertencentes às camadas mais abastadas da sociedade, como o acusado e a vítima. Esse caso também ilustra como, em tempos de guerra, as ações individuais podem refletir as tensões e desordens mais amplas que permeiam o tecido social.

É importante salientar que o caso envolvendo Nelson de Rubina ganhou notoriedade, em grande medida, pelo fato de o cadáver furtado pertencer a uma pessoa de reconhecida posição social: a Sra. Virgínia, esposa do Procurador do Tribunal de Segurança Nacional. Embora o chefe do Gabinete de Polícia do Estado, Enoch Santiago, tenha registrado esse como o único caso dessa natureza ao longo do litoral sergipano, há indícios da ocorrência de episódios semelhantes. Um exemplo é a acusação formulada por Nelson contra Maria das Dores, referente à suposta apropriação de uma carteira retirada do bolso de um naufrago.

Entrevistas realizadas com moradores da região praiana⁸², que vivenciaram o período da guerra e residiam próximo às áreas onde os corpos e destroços dos navios chegavam à costa, revelam a dimensão desse fenômeno. Segundo relatos, como o da Sra. Josefa Queiroz, conhecida como Dona Zuzu, era comum que pessoas se dirigissem às praias em busca de objetos de valor. Ela narrou que, ao se espalhar a notícia dos naufrágios, muitos sergipanos, inclusive aqueles com acesso a carros de boi, se mobilizaram durante a noite para recolher os pertences que chegavam à praia. Ela descreveu que os corpos traziam consigo joias e dinheiro, além disso, chegavam também junto com os destroços, utensílios domésticos, fardos de manteiga, farinha de trigo e charque, entre outros objetos que ficavam espalhados pela areia.

Então o pessoal mais velho que tinha carro de boi. Só via os carros passando e cantando de noite. Quem estava dormindo só via o canto do carro de boi a noite, carregando coisas da praia. Uma manhã eu saí daquela casa, eu, meu pai e um vizinho. Aí nós fomos, chegamos lá, tinha tanta coisa espalhada: era lata de manteiga, saco de farinha de trigo, tanta coisa, fardo de charque, tudo espalhado pela praia.⁸³

O Sr. Demétrio José dos Santos destacou, em seu relato oral, que os destroços dos navios trouxeram não apenas mercadorias, mas também corpos de vítimas portando dinheiro e joias. Complementando esse relato, o Sr. Orlando Ulisses Maia afirmou que os marinheiros costumavam carregar dinheiro em “fundas” de borracha, similares a pochetes, para protegê-lo de possíveis danos causados pela água. A Sra. Maria Martinha Araújo, conhecida como Dona Dedé, acrescentou que muitas pessoas recolheram o dinheiro, incluindo notas molhadas, e tinham o cuidado de secá-las ao sol de forma discreta, para evitar chamar a atenção. Segundo ela, “muita gente que era pobre ficou bem de vida”, embora tentassem justificar a mudança de

⁸² Entrevistas disponíveis no audiovisual intitulado *U-507 - Documentário Submarino Alemão Aracaju*. Carvalho, Rubens. Brasil, português, colorido, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cg3WXi2Zg9Q>. Acesso em: 23 mar. 2024.

⁸³ A entrevista concedida pela Sra. Josefa Queiroz, conhecida como Dona Zuzu, está disponível no audiovisual intitulado “U-507 - Documentário Submarino Alemão Aracaju”.

condição financeira como fruto do trabalho. Contudo, ela ressalta que era de conhecimento geral que a origem da riqueza vinha dos saques às vítimas dos naufrágios.

O Sr. Murillo Melins, contemporâneo dos acontecimentos, que morava próximo da Chefatura de Polícia, confirmou a prática de saques. Ele mencionou que Nelson de Rubina foi preso sob essa acusação, descrevendo que o viu detido, trajando pijama e escoltado por dois soldados. Murillo explicou que, na época, os saqueadores eram chamados de “homens hienas”, devido à prática de furtos de objetos retirados de cadáveres nas praias. Ele também comentou que Nelson foi considerado isento de culpa devido à influência de um parente importante, o que resultou, depois, na absolvição. Apesar disso, Melins revelou que ambos, posteriormente, acabaram desenvolvendo uma amizade.⁸⁴

A respeito dos saques, estes não se restringiam a joias e pertences pessoais. De acordo com Melins, “muita gente daqui ficou rica”. Ele relatou que um dos navios transportava um batalhão com destino a Recife e que, entre as cargas, estavam caixas de dinheiro destinadas ao pagamento de soldos e despesas do quartel. Essas caixas, assim como outros valores, foram saqueadas, e as cédulas, muitas vezes, encontradas molhadas, eram vistas secando ao sol na Praia de Atalaia, na Praia Formosa e até em esteiras dispostas nos quintais. Esse cenário transformou a vida de alguns pescadores e comerciantes locais, que enriqueceram rapidamente às custas desses saques.

No caso do navio Baependí, Melins relatou que, no momento do ataque, havia uma celebração a bordo em homenagem ao aniversário de um tripulante, o que fez com que muitas passageiras estivessem trajadas com joias, como brincos, colares, pulseiras e anéis valiosos. Após o naufrágio, essas joias foram retiradas dos corpos que chegaram às praias sergipanas, evidenciando a dimensão dos saques que ocorreram durante esse trágico episódio da história local.

Diante desse contexto da presença de corpos nas praias, a análise de documentos periciais é essencial para compreender as circunstâncias e os impactos dos torpedeamentos. O relatório de identificação da Sra. Virgínia, passageira do Araraquara, fornece informações detalhadas, incluindo uma descrição minuciosa de suas características físicas e dos objetos que estavam associados à vítima, oferecendo subsídios para a contextualização e o esclarecimento do caso.

⁸⁴ A entrevista com o Sr. Murillo Melins foi conduzida por Vera e Yuri Sanada, Alexandre Maia e pela autora desta tese, no dia 4 de junho de 2023, em Aracaju/SE. A gravação audiovisual teve duração de 59 minutos.



**Figura 70 - Corpo da passageira Virgínia Auto de Andrade que viajava a bordo do navio Araraquara.
Fonte: APES (1942).**

Conforme a *Figura 70*, ela foi descrita como uma mulher de pele branca, robusta, olhos castanhos escuros, com cabelos pretos e ligeiramente grisalhos, vestindo roupas sofisticadas, consistindo em um traje de fantasia sobre uma combinação de crepe de seda rosa e uma calça de malha, tipo modelador, enrolada em torno da cintura. Ademais, os detalhes adicionais, como uso de acessórios como sapatos esportivos brancos combinando com meias curtas brancas, além de manter as unhas manicuradas, que indicam um cuidado pessoal meticuloso, demonstrando que era alguém que mantinha uma aparência bem cuidada.

A idade da vítima foi estimada em cerca de 40 anos com base em sua dentição descrita como boa, bem tratada e conservada. Este detalhe não apenas ajudou a identificar a passageira Virgínia, mas também forneceu um vislumbre de seu status social e cuidado pessoal, ajudando, assim, a construir seu perfil socioeconômico e cultural.

A acusação contra Nelson aponta que, ao retirar os anéis de um cadáver de uma senhora, ele não apenas cometeu o crime de furto, violando o patrimônio e os direitos dos herdeiros, mas também desrespeitou a memória e a dignidade de uma vítima da guerra. O ato, cometido em um contexto de alta comoção patriótica, transcende uma infração criminal comum, assumindo um caráter simbólico de afronta à memória coletiva e à soberania nacional

ultrajada pelos ataques nazistas. O caso adquiriu relevância histórica por ocorrer em um período, no Brasil, de luto e repulsa, marcado pela chegada da Segunda Guerra Mundial ao território nacional, reforçando o impacto emocional e político dos torpedeamentos que vitimaram civis brasileiros.

CAPÍTULO 4 - ANÍBAL BENÉVOLO: O NAVIO SIMBOLICAMENTE SERGIPANO

O Aníbal Benévolo

Foi o **terceiro** atingido.
Também pego de **surpresa**
E todo desprotegido,
Afundou em pouco tempo
E pelo meio partido...

Mais de 150 mortos

Naquele ataque voraz
Contra o povo brasileiro,
Que é uma nação de paz.
Parecia até que aquilo
Foi obra do satanás...

Presepada do diabo,
Assim foi denominada
Aquele grande **matança**
Do meio da **madrugada**,

Chocou a população

Deixando-a inconformada...

Este **ataque** foi um **marco**
Na **história contemporânea**.

Centenas de inocentes

Tiveram **morte** instantânea,
Com tremenda crueldade
D'uma frieza espontânea...

Chiquinho do Além Mar
(2021, p. 87).

Iniciaremos este capítulo abordando algumas questões relacionadas aos aspectos arqueológicos e históricos do navio alemão Aníbal Benévolo, conhecido simbolicamente como um navio sergipano. Curiosamente, ele foi construído em Hamburgo, mesma cidade de origem de seu agressor, o submarino *U-507*. Este *U-Boot* foi responsável por torpedear e afundar este navio há 82 anos, nas águas entre os litorais de Sergipe e da Bahia. Este episódio trágico-naval levou ao fundo do Atlântico Sul todos os(as) passageiros(as) e a maioria dos tripulantes brasileiros que estavam a bordo desta embarcação.

As indagações que norteiam este capítulo envolvem a investigação sobre a apropriação simbólica do navio Aníbal Benévolo como parte da identidade sergipana e sua integração à Marinha Mercante Brasileira. Foi explorada também a rota de navegação de cabotagem que ele fazia na época, bem como as características de sua construção, tecnologia e arquitetura naval. Além disso, identificamos os perfis dos tripulantes e passageiros, os tipos de carga transportada e os motivos que o tornaram um alvo durante a guerra. Por fim, foram analisados

os relatos dos poucos sobreviventes para entender como eles foram salvos e recebidos pela população local.

Este estudo visa fomentar uma discussão e reflexão crítica por meio de uma perspectiva arqueológica sobre as dimensões materiais, sociais e econômicas, que historicamente receberam menos atenção. Contudo, é importante salientar que nas últimas duas décadas, o interesse pelo papel do Brasil na Segunda Guerra Mundial, especialmente em relação aos impactos dos torpedeamentos e consequentes naufrágios, cresceu significativamente entre os pesquisadores.

O vapor "Benévolo", como era carinhosamente conhecido pelos sergipanos, foi o terceiro mercante torpedeado e afundado em agosto de 1942. Para entender a simbologia desta embarcação para os aracajuanos, foi essencial analisar o contexto social e marítimo da época. A investigação incluiu o exame de fontes documentais, bibliográficas e orais com foco na memória individual e coletiva (Nora, 1993).

De acordo com a publicação da *Folha da Manhã* (1942, p. 3), o navio Aníbal Benévolo era considerado “quase sergipano” devido à maioria da sua tripulação e muitos dos seus passageiros serem dessa região. O vapor, frequentemente vislumbrado na Ponte do Lima em Aracaju/SE, já fazia parte da paisagem naval. Corroborando com isso, Maynard e Santos (2023) destacam que ele era amplamente utilizado pela população local e que muitos de seus funcionários residiam na cidade, inclusive algumas lavadeiras prestavam serviço para bordo.

Em 1942, conforme análise do itinerário marítimo, Aracaju era um dos destinos finais do "Benévolo", o que tornava sua presença um elemento familiar no rio Sergipe. Rambelli (2003, 2016), ao descrever um navio, considera-o como um artefato flutuante que pode ser entendido como uma "paisagem humana móvel", no caso deste vapor, refletia as dinâmicas de troca comercial e cultural da região. Cruz (1999) complementa afirmando que o Aníbal Benévolo era simbolicamente sergipano, pois a capital marcava o fim de sua jornada e o vapor era um ponto de referência familiar contemplado na entrada da Barra e na Ponte do Lima.

Portanto, o “Benévolo” representava não apenas um símbolo da identidade regional para os sergipanos, mas também nacional, pela sua integração na navegação costeira brasileira, e internacional, devido à sua origem alemã. Essas múltiplas identidades destacam seu papel significativo no contexto sócio-histórico de 1942, durante a época da Segunda Guerra Mundial.

Conforme o prático sergipano Zé Peixe (*in memoriam*), em entrevista concedida a Cruz (2012), a presença das embarcações era um espetáculo para os aracajuanos. Os

espectadores se reuniam em terra e no meio do rio com lanchas e canoas, despedindo-se com entusiasmo dos navios que passavam, transformando o momento em uma celebração. Este contexto social de navegação da década de 1940, revela uma feição de Aracaju como uma cidade portuária, que foi concebida e estabelecida desde o início como capital, localizada às margens do rio Sergipe que deságua no Oceano Atlântico. A escolha desta localização litorânea estratégica visava facilitar o escoamento da produção e o deslocamento das pessoas, vinculando intrinsecamente a navegação à identidade cultural e às atividades econômicas dos sergipanos.



Figura 71 - Despedida do navio Aníbal Benévolo na Ponte do Imperador em Aracaju, 1940.⁸⁵

Visualmente, a *Figura 71* ilustra um momento capturado da Ponte do Imperador, com cidadãos de Aracaju despedindo-se de amigos e familiares a bordo do vapor Aníbal Benévolo na década de 1940, refletindo assim a importância da navegação de cabotagem como principal meio de transporte de passageiros e de cargas da época.

⁸⁵ Cartão Postal de Aracaju-SE. Foto: Amador. Década de 1940. Fonte: Cruz, L.; Souza, A. *U-Boots no Brasil. As vivências do homem costeiro diante da Guerra Submarina em Sergipe. (1942-1945)*. IV Congresso Internacional de História. Maringá, Paraná, Brasil, 2009, p. 1486.



Figura 72 – Aracaju vista do rio Sergipe, em 1937. Fonte: Diniz (2009, p. 165).

A *Figura 72* apresenta a paisagem deslumbrante de Aracaju vista do rio Sergipe, destacando o eixo da Praça Monumental Fausto Cardoso ou Praça dos Três Poderes, que reúne o Palácio do Governo, a Assembleia Legislativa e o Tribunal de Justiça. Em frente à Praça encontra-se a Ponte do Imperador, inaugurada em 1860 para receber a visita do imperador Dom Pedro II, que serve até hoje como um marco material simbólico, situado na interface entre o rio e a cidade. Este registro fotográfico permite apreciar a mesma paisagem do passado, que era vista pelas pessoas que chegavam e partiam da capital pelo rio Sergipe durante as primeiras décadas do século XX (Rosa, 2015). Segue uma descrição da paisagem aracajuana, feita por Cruz (2012), sobre a perspectiva de quem viajava a bordo dos navios:

Após a estivação das mercadorias e os passageiros se alojarem a bordo, a tripulação anunciava, através de sucessivos apitos, o momento de zarpar. A despedida era algo marcante, tanto para quem partia, quanto para quem ficava na Ponte do Imperador. [...]. Quem seguia a bordo nutria diferentes percepções da cidade. Do boroeste visualizava-se o Trapiche do Lima, a rua da Frente, os mercados, as lojas comerciais, a praça Fausto Cardoso, o Palácio Olímpio Campos, a Ponte do Imperador, as casas residenciais, a Capitania dos Portos (que em reverência, alguns vapores emitiam seu último apito defronte à força marítima), o Inflamável e as palhoças na praia de Formosa. Do bombordo, viam-se os verdejantes coqueirais da Ilha, os manguezais e a Atalaia Nova. E da popa, Aracaju ia ficando para trás, esta última imagem mais parecia uma bela tela, com cores formosas e amenas, onde ainda era possível ver ao fundo o Morro do Urubu, a Igreja de Santo Antônio e o fumegar das chaminés das Fábricas, no bairro Industrial (Cruz, 2012, p. 66-67).

Diante do exposto, tornam-se evidentes os motivos pelos quais o vapor Aníbal Benévolo foi considerado um navio simbolicamente sergipano. Além disso, outro elemento que reforçou esse simbolismo foi o trágico torpedeamento em 16 de agosto de 1942, no qual

todos os tripulantes e passageiros sergipanos a bordo perderam suas vidas. Esse acontecimento entristeceu e consternou profundamente as famílias locais, além de gerar indignação pela violência contra civis — crianças, mulheres e homens — de um país até então oficialmente neutro. O torpedeamento consolidou a lembrança do vapor não apenas como um elemento físico da paisagem sergipana, mas também como um ícone imbuído de significado cultural e emocional profundo para a comunidade local, como atesta a frase descrita na *Folha da Manhã* (1942, p. 3): “Efetivamente, o ‘Aníbal Benévolo’ era um navio quasi sergipano [...] o vapor torpedeado pela barbárie nazista, era como que um pedaço do coração de Sergipe.”⁸⁶



Figura 73 – Manchete do jornal *A Noite*, no dia 22 de agosto de 1942, p. 1.

Para a população local e nacional, foi impactante saber, por intermédio de diversas manchetes jornalísticas, entre elas as do jornal *A Noite*, de 22 de agosto de 1942, que o navio havia sido partido ao meio pela explosão de um torpedo em plena madrugada, enquanto todos dormiam. Este ato foi interpretado como uma “covardia”, pois impediu que passageiros e tripulantes tentassem se salvar. Deste trágico evento bélico, dos 154 a bordo, apenas 4 sobreviveram, conforme a reportagem apresentada na Figura 73: “Afundaram com o navio

⁸⁶ *Folha da Manhã*, quarta-feira, 02 de setembro de 1942, p. 3.

partido ao meio! 35 crianças viajavam no ‘Aníbal Benévolo’. Quatro náufragos agarrados a um salva-vidas!”⁸⁷



Figura 74 – Publicação do *Correio de Aracaju*, no dia 18 de agosto de 1942, p. 1.

O jornal local *Correio de Aracaju* (1942, p. 1), publicado dois dias após o torpedeamento do “Benévolo” (ver *Figura 74*), detalhou informações sobre este acontecimento em mar com os náufragos, e sua repercussão em terra entre os aracajuanos, que tiveram seu cotidiano alterado pela chegada da guerra: “O povo pede medidas de represália à altura das agressões sofridas. Salvaram-se apenas quatro pessoas do ‘Aníbal Benévolo’. Continuam a chegar náufragos dos vapores torpedeados. Ouvindo os náufragos. O comício de ontem em frente ao Palácio do Governo”.

O *Correio de Aracaju* (1942, p. 1) foi um dos jornais locais que fez a cobertura informativa da tragédia, noticiando a chegada dos náufragos não só do navio simbolicamente sergipano, mas também dos outros vapores atacados e afundados. Passageiros e tripulantes das três embarcações — Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo — foram chegando aos poucos ao longo dos dias posteriores aos ataques. Inclusive, o jornal local entrevistou alguns desses sobreviventes, relatando suas impressões traumáticas como vítimas da guerra.

⁸⁷ Jornal *A Noite*, sábado, 22 de agosto de 1942, p. 1.

As manchetes jornalísticas, ao divulgar a presença da guerra em nosso litoral, gerou indignação não só nos leitores, mas também na população letrada que, por meio dos registros fotográficos publicados, iam conhecendo alguns rostos dos sobreviventes. Tanto as notícias formais, por meio dos jornais, quanto as informais difundidas oralmente entre os sergipanos, levaram parte dos aracajuanos a protestar em locais públicos, exigindo uma resposta adequada do governo à agressão bélica: “O comício de ontem em frente ao Palácio do Governo. O povo pede medidas de represália à altura das agressões sofridas”. Afinal, foram centenas de mortes de civis, sobrevivendo “apenas quatro pessoas do ‘Aníbal Benévolo’” (Correio de Aracaju, 1942, p. 1).

A chegada de corpos das vítimas, objetos pessoais, mercadorias e destroços às praias de Sergipe intensificou a consternação pública, transformando essa tragédia bélica em um drama tanto local quanto nacional. Além disso, grupos indignados promoveram ataques conhecidos como "quebra-quebras" contra estabelecimentos de alemães, italianos e seus descendentes em retaliação aos atos cometidos pelo Eixo. Os torpedeamentos e suas consequências, tanto humanas quanto materiais, atuaram como catalisadores para que o Brasil abandonasse sua neutralidade e se declarasse uma nação beligerante.

Após esta breve introdução sobre a tragédia do Benévolo e seus impactos, prosseguirei abordando o contexto histórico e arqueológico do navio simbolicamente sergipano.

4.1. Aspectos econômicos, materiais e sociais do navio Aníbal Benévolo

Conhecer o histórico do navio Aníbal Benévolo é fundamental para compreender os detalhes de sua construção, tecnologia e finalidade desde sua origem em um estaleiro na Alemanha até seu destino final como um naufrágio no Brasil, o qual poderá ser considerado futuramente como um túmulo de guerra após as realizações das pesquisas de Arqueologia Subaquática. Partindo dessa perspectiva, o objetivo deste estudo arqueológico é revelar a história material desse navio.

Uma questão inicial a ser abordada diz respeito a como o Aníbal Benévolo, originalmente um vapor alemão, integrou-se à Marinha Mercante Brasileira. Segundo registros bibliográficos, o navio foi construído em 1905 no estaleiro *Reiherstieg Schiffswerfte & Maschinenfabrik*, em Hamburgo. Inicialmente denominado de “Júpiter SS”, passou a ser conhecido por seu último nome, sobretudo após ser torpedeado e afundado entre as costas de

Sergipe e Bahia, marcando o fim de sua utilidade como meio de transporte (Guimarães, 1985; Monteiro, 2013).

Após sua construção na Alemanha, foi comissionado no Brasil, mudando de nome inúmeras vezes, sendo operado inicialmente pela Companhia de Navegação Cruzeiro do Sul, em Santos/SP, e depois vendido em 1910 para a Companhia Lloyd Brasileiro, do Rio de Janeiro/RJ. Após naufragar pela primeira vez em 1914, no litoral de Santa Catarina, foi resgatado e reparado.⁸⁸ O vapor foi então renomeado, passando a se chamar “Ruy Barbosa SS” em 1917, depois “Comandante Alvim SS” em 1923 e, finalmente, rebatizado como “Aníbal Benévolo SS” em 1931 (Guimarães, 1985). Este processo de mudança de nomes e reparos evidencia as diversas fases de sua “vida utilitária” até ser considerado um sítio arqueológico de naufrágio, que poderá ser classificado como “túmulo de guerra” por ter afundado com cerca de 150 pessoas, muitas das quais provavelmente não conseguiram sair de seus camarotes.

As *Figuras 75 e 76* revelam, respectivamente, uma publicidade do estaleiro onde o navio foi construído, e um anúncio em cartaz da empresa Lloyd Brasileiro que adquiriu a embarcação colocando-a a serviço da navegação de cabotagem nacional. A primeira imagem (*Figura 75*) destaca os serviços ofertados pelo estaleiro alemão, como construção de navios, engenharia e reparos navais; além disso, ressalta a capacidade do estaleiro em relação às suas docas flutuantes e pontões marítimos, elementos essenciais para a manutenção e operação naval alemã da época.

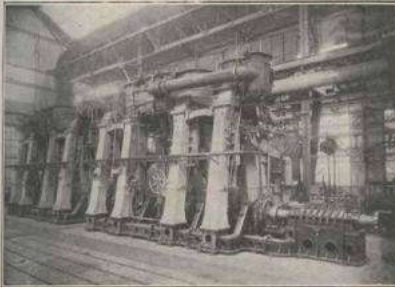
⁸⁸ Informações sobre o histórico do navio Aníbal Benévolo. Disponíveis em: <https://www.wrecksite.eu/wreck.aspx?152891>, <https://uboat.net/allies/merchants/ship/2046.html>, <http://www.theshipslist.com/ships/lines/lloydbrasileiro.shtml> e <https://www.brasilmergulho.com/anibal-benevolo/>. Acesso em: 10 jan. 2024.



**Reiherstieg Schiffswerfte
und Maschinenfabrik
HAMBURG (Ltd.)**

Ship-Builders, Engineers, Builders of Diesel-Engines, Boiler-Makers. **REPAIRING WORKS**
For Ships, Engines and Boilers.

HAMBURG. { Works Office : KL. GRASBROOK. Telegrams : "REIWERFT, HAMBURG."
Dock Office : BAUMWALL 3. Bankers : NORDDEUTSCHE BANK IN HAMBURG.



Two Sets of Quadruple Engines for Building No. 451,
German Mail Steamer, "Kigoma."



Interior of the new Engine Shop.

ONE FLOATING DOCK LIFTING 20,000 TONS WEIGHT.
Two Off-Shore Pontoon Docks (System Clark & Standfield London), Lifting 5,000 & 11,500 Tons Weight.
ONE FLOATING DOCK LIFTING 7,000 TONS WEIGHT.

Also Branch Office : **HEINRICH BRANDENBURG, HAMBURG.**

Figura 75 – Propaganda do estaleiro alemão *Reiherstieg Schiffswerfte & Maschinenfabrik*.⁸⁹

A Figura 76 abaixo, por sua vez, mostra um anúncio em cartaz da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro, a qual havia adquirido o Aníbal Benévolo 32 anos antes do seu torpedeamento e afundamento. O cartaz da empresa destaca sua frota substancial e seu status como a principal companhia mercante do Brasil.

⁸⁹ Figura 75 retirada do site Wrecksite. Disponível em: <http://wrecksite.eu/wreck.aspx?14915>. Acesso em: 23 fev. 2024.



Figura 76 – Anúncio do Lloyd Brasileiro, Companhia de Navegação, século XX.⁹⁰

Fundada em 19 de fevereiro de 1890 por iniciativa do Barão de Jaceguay e outros capitalistas, a companhia Lloyd Brasileiro foi autorizada pelo Ministério da Agricultura através do decreto nº 208 de 19/02/1890⁹¹, visando não só o serviço mercante, mas também o apoio à defesa marítima e a Armada Nacional em situações de guerra, além de manter a mão de obra marítima preparada para o serviço militar (Decreto Nº 208, 1890, p. 1).

Desde a década de 1920, a companhia se destacava por possuir a maior frota comercial do país, que cresceu de 63 para 76 navios na década seguinte. Os navios, incluindo o Aníbal Benévolo, foram renomeados durante esse período (Guimarães, 1985). Apesar de seu crescimento, a empresa Lloyd Brasileiro enfrentava desafios financeiros significativos, principalmente devido à sua natureza estatal, que priorizava a cobertura de rotas deficitárias e a manutenção de preços baixos para passageiros e frete, além do alto custo de manutenção de uma frota muitas vezes obsoleta (Goularti Filho, 2009).

Goularti Filho (2009) analisa essa trajetória da empresa como parte da complexa relação entre as ações do Estado e o desenvolvimento econômico nacional, destacando a

⁹⁰ Figura 76 retirada do site Wrecksite. Disponível em: <http://wrecksite.eu/wreck.aspx?14915>. Acesso em: 23 fev. 2024.

⁹¹ Informações retiradas do Decreto nº 208, de 19 de fevereiro de 1890 sobre a organização do Lloyd Brasileiro. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/386454/publicacao/15630210>. Acesso em: 18 dez. 2023.

constante luta da Lloyd Brasileiro contra déficits financeiros, mitigados apenas por breves períodos de estabilidade, ocorridos durante as duas Guerras Mundiais. Apesar das adversidades financeiras e administrativas, a companhia não cessou suas operações, continuando a servir o transporte de passageiros e mercadorias ao longo do litoral brasileiro e suas principais vias marítimas e fluviais. Goularti Filho (2009) considera a trajetória do Lloyd Brasileiro como um reflexo da própria trajetória dinâmica da economia do Brasil durante o início do século XX:

No Lloyd Brasileiro, residem elementos da complexidade e da totalidade das ações do Estado na formação de um sistema nacional de economia. A longa trajetória de déficit financeiro, combinada com curtos períodos de resultados positivos, pode ser explicada pelas seguintes ações e estratégias da empresa: a) manutenção de linhas deficitárias, com objetivos de atender a regiões mais isoladas, ou que não eram atendidas por outras empresas; b) aquisição de empresas insolventes e de embarcações obsoletas; c) alto custo de manutenção das embarcações obsoletas; d) baixo valor das passagens e dos fretes para carga; e) excesso de funcionários. Os períodos de maior estabilidade financeira foram [...] de exceção da história mundial e nacional: Primeira Guerra Mundial e Segunda Guerra Mundial [...] (2009, p. 27).

Em 1937, período anterior à eclosão da guerra, o Governo assumiu a responsabilidade pelo ativo e passivo da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro por meio da Lei nº 420 de 10 de abril de 1937, integrando seu acervo ao Patrimônio Federal e subordinando-a ao Ministério da Viação e Obras Públicas⁹². Em 1939, o Decreto nº 4969 de 4 de dezembro⁹³ regulamentou a empresa, atribuindo-lhe diversas funções, incluindo a exploração e manutenção de transportes fluviais e lacustres, a cooperação com a Marinha de Guerra, a indústria de construção naval, serviços de assistência e salvamento marítimo, e a formação profissional em escolas especializadas.

A partir de 1941, a direção da empresa passou a ser exercida por uma Comissão da Marinha Mercante, conforme estabelecido pelo Decreto-Lei nº 3149 de 26 de março⁹⁴. Até meados do século XX, o Lloyd Brasileiro foi responsável por transportar 27% do total de

⁹² Informações retiradas da Lei nº 420, de 10 de abril de 1937. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-420-10-abril-1937-502410-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 18 dez. 2023.

⁹³ Informações retiradas do Decreto nº 4.969, de 4 de dezembro de 1939. Disponível em: <https://linker.lexml.gov.br/linker/processa?urn=urn:lex:br:federal:decreto:1939-12-04:4969&url=http%3A%2F%2Flegis.senado.leg.br%2Fnorma%2F406903%2Fpublicacao%2F15616561&exec>. Acesso em: 18 dez. 2023.

⁹⁴ Informações retiradas do Decreto-Lei nº 3149, de 26 de março de 1941. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3149-26-marco-1941-413091-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 18 dez. 2023.

cargas do Brasil, percorrendo as linhas internas do Norte e do Sul, cobrindo rotas de cabotagem e de longo curso, essenciais para o transporte de pessoas e mercadorias, bem como para o desenvolvimento econômico do país (Felipe Junior, 2012). A respeito dessa representatividade dos navios, Rambelli (2003, p. 83) afirma que eles são "a maior expressão histórica dos fluxos de trocas" da sociedade.

A navegação foi essencial para a ligação entre os grandes centros do país nas primeiras décadas do século XX, devido à ineficiência dos transportes terrestres. Para a maioria dos brasileiros, navegar ao longo da costa era indispensável, pois era necessário se deslocar de um estado para outro. Toda essa dependência da navegação justificava-se pelo contexto limitado dos meios de transporte terrestre interno, como, por exemplo, as estradas de rodagem que praticamente não existiam e as ferrovias que eram precárias e possuíam um traçado limitado. Na época da guerra, o transporte das mercadorias era feito por meio da navegação marítimo-fluvial, e na esfera econômica o país ainda era essencialmente agrícola, com exceção das indústrias ligadas à produção de alimentos e das fábricas têxteis (Guimarães, 1985).

A respeito da diversificação econômica, ela foi iniciada ainda na década de 1920, com o surgimento de setores industriais mais complexos, com destaque para a produção de cimento, ferro, aço, metal mecânico, papel e celulose, produtos de borracha, químicos e frigoríficos, o que significava mais importações. Nesse mesmo período, houve novos surtos em relação à plantação de café, em contrapartida teve declínio na fabricação da borracha. Essa evolução continuou até a crise mundial dos anos 1930, que, juntamente com o arrefecimento do comércio mundial, incentivou a proteção dos sistemas produtivos locais, estimulando o mercado interno (Goularti Filho, 2009).

Diante disso, nota-se que essa movimentação da economia influenciava diretamente a navegação devido à necessidade de exportar ou importar. Tal fato exigia um maior trabalho nos portos e, conseqüentemente, das companhias náuticas que precisavam atender às demandas econômicas, que passavam por um processo de integração comercial.

Mais do que um período de diversificação da base industrial, os anos 1920 representaram para o Brasil um período de transição de uma economia baseada num padrão de acumulação agrário/mercantil exportador, cujo maior indutor da renda era o complexo cafeeiro, para um novo padrão de acumulação, baseado no capital industrial. [...] A crise mundial dos anos de 1930, o arrefecimento do comércio mundial e a quebra do padrão-ouro causaram mudanças substanciais nas economias periféricas, que passaram a proteger seus sistemas produtivos, alargando o mercado interno (Goularti Filho, 2009, p. 14).

Alimento (Kg)	Ano				
	1940	1941	1942	1943	1944
Açúcar	1,11	1,21	1,40	1,54	2,05
Arroz	1,14	1,41	1,78	1,79	2,23
Banha	4,67	4,87	7,43	10,92	12,50
Batata	1,82	1,79	2,47	3,70	4,04
Café em pó	3,15	3,80	5,10	5,65	6,39
Carne verde	2,18	2,36	2,64	3,42	4,98
Cebola	2,13	3,53	3,99	3,11	4,08
Charque	4,53	5,37	6,23	8,34	11,48
Farinha de Mandioca	0,31	0,53	0,91	1,08	1,61
Farinha de trigo	2,23	2,35	2,36	2,23	3,57
Feijão	0,79	1,24	1,13	1,27	2,21
Leite (litro)	1,00	1,05	1,08	1,28	1,62
Manteiga	12,13	10,75	12,83	20,75	24,88
Milho	0,30	0,48	0,58	0,78	0,88
Ovos (dúzia)	1,83	2,15	2,34	2,84	4,05
Pão	2,00	2,00	2,37	2,77	3,42
Toucinho	3,53	3,45	4,71	6,30	7,96
Sal	0,32	0,63	0,50	0,69	0,73

Tabela 2 - Preços médios dos gêneros alimentícios vendidos em Aracaju/SE.

Fonte: Maynard (2021, pp. 79-80).

De acordo com Maynard (2013, p. 60) “A deflagração do conflito mundial comprometeu o abastecimento de produtos que chegavam à capital sergipana pela via marítima”. Na época da guerra os aracajuanos enfrentaram diversos desafios, entre eles o constante aumento dos preços dos alimentos: “o preço do pão não demorou a subir, modificado em virtude da dificuldade das padarias em obter farinha de trigo” (Ver *Tabela 2*). Todavia, esse problema não se restringiu a Aracaju/SE, várias capitais, como São Paulo/SP, Recife/PE e Natal/RN, também foram afetadas pela presença da guerra (Maynard, 2013).

Diante desse contexto, nota-se a importância da navegação como principal meio de transporte na década de 1940 não só para Sergipe, mas para todo o Brasil. As principais empresas que operavam no transporte de cargas e passageiros eram a Companhia Lloyd Brasileiro, a Companhia Nacional de Navegação Costeira e a Companhia Comércio e

Navegação (Guimarães, 1985). Entre essas, o Lloyd Brasileiro se destacava por sua frota, como já foi mencionado no início deste subtópico.

O navio Aníbal Benévolo, pertencente ao Lloyd Brasileiro, era considerado um velho vapor alemão com 37 anos de uso na época do torpedeamento. Inclusive, ele já havia sido afundado anteriormente, tendo sido resgatado e reparado, voltando a fazer parte da navegação de cabotagem brasileira. Em sua última viagem, no dia 16 de agosto de 1942, partiu de Salvador/BA com destino a Aracaju/SE, uma hora após a saída do mercante Araraquara, que também foi atacado pelo submarino *U-507* (Porto, 2013). O levantamento de informações nas fontes bibliográficas revelou detalhes da estrutura e da capacidade técnica do Aníbal Benévolo, incluindo dados sobre o casco, o peso, a velocidade e a capacidade de transporte de passageiros e cargas, além da estratégia de viagem adotada durante a guerra.

A *Figura 77* mostra o navio Aníbal Benévolo com suas características arquitetônicas que refletiam as práticas da engenharia naval alemã da primeira metade do século XX, essenciais para o transporte marítimo comercial. O “Benévolo”, com seu casco de aço, apresentava linhas retas e uma estrutura robusta, sendo indicativo dos navios mercantes projetados para longas travessias marítimas e com significativa capacidade de carga.



**Figura 77 - Navio Aníbal Benévolo afundado entre os litorais sergipano e baiano.
Fonte: Agressão (1943, p. 6).**

A superestrutura do navio, composta por várias camadas de convés, evidencia a habilidade de acomodar cargas variadas, além de proporcionar espaços distintos para a tripulação, passageiros e armazenamento. A presença de uma grande chaminé central revela que o navio era movido a vapor, com um motor potente com uma força nominal de 1.264 cavalos, necessário tanto para a propulsão quanto para as operações de carga. Além disso, o equipamento de carga, incluindo mastros com guindastes e cordames, destaca-se evidenciando a capacidade do navio de realizar carga e descarga em portos inclusive com infraestruturas limitadas (Agressão, 1943).

Em termos de tonelagem e capacidade, o Aníbal Benévolo registrava uma tonelagem bruta de 1.905, representando o volume total dos espaços fechados, e uma tonelagem líquida de 984, que correspondia ao volume de espaços utilizáveis para carga e passageiros. O peso morto do navio era de 1.470 toneladas, indicando sua capacidade máxima de carga, incluindo combustível e provisões, sem o risco de submergir. A capacidade das carvoeiras era de 300 toneladas, essencial para a operação das máquinas a vapor, e os tanques tinham capacidade para 515 toneladas, possivelmente para água potável, indispensável para longas viagens marítimas (Agressão, 1943).

Embora não totalmente visíveis na *Figura 77*, elementos como botes salva-vidas e outros equipamentos de segurança importantes para a sobrevivência estavam disponíveis na embarcação. Todavia, devido ao rápido ataque e consequente naufrágio em poucos minutos, não foi possível realizar a operação de salvamento utilizando os equipamentos de segurança náuticos. O navio simbolicamente sergipano tinha um casco de aço com 86 metros de comprimento, uma boca de 11,5 metros e calado variando entre 8 e 14 pés, com um pontal de 6,62 metros (Agressão, 1943).

Esses dados são fundamentais para a pesquisa em Arqueologia de Ambientes Aquáticos, que visa identificar os restos deste naufrágio por meio das metodologias e técnicas da Arqueologia Subaquática. Essas técnicas esclarecerão o contexto náutico, fornecendo informações sobre a localização, a dispersão da cultura material, o estado de conservação e o processo de formação do sítio arqueológico através da análise dos vestígios encontrados, que servirão como “cápsulas do tempo” da época bélica. Para alcançar esse objetivo, utilizaremos equipamentos tecnológicos geofísicos para identificar os restos do navio, por meio da captura de suas anomalias no fundo marinho, apresentando dados sobre as dimensões da embarcação. No entanto, este tópico será aprofundado no próximo capítulo, quando discutiremos sobre o *Projeto Segunda Guerra Submersa*.

Durante a guerra, as embarcações, incluindo o Aníbal Benévolo, seguiram estratégias de navegação específicas determinadas pelo Estado-Maior da Armada, como navegar próximo à costa e manter “as luzes dos camarotes e salões apagadas, conservando acesos apenas os faróis de navegação” para garantir a segurança e evitar acidentes ou detecções (Agressão, p. 92). Os dados técnicos deste vapor demonstram que ele deslocava 1.905 toneladas brutas e 984 líquidas, com velocidades de 8 e 10 milhas horárias, respectivamente, para economia e máxima eficiência (Cruz, 2012; Monteiro, 2013; Pereira, 2015).

Essas estratégias náuticas foram seguidas no dia do torpedeamento, quando o vapor navegava a menos de dez milhas da costa. O comandante Henrique Mascarenhas, sobrevivente do naufrágio, relatou que durante a madrugada de 16 de agosto, quando viajava a sete milhas da costa, o navio foi atingido por um torpedo, resultando em uma forte explosão às 4h13min da madrugada. Este fato demonstra a vulnerabilidade da embarcação mesmo seguindo os protocolos de segurança: “Singrávamos a sete milhas da costa, na posição de 15 milhas ao sul do Farol do rio Real, quando, [...] o navio foi violentamente sacudido, ouvindo-se forte estampido abafado” (Agressão, 1943, p. 93). Segundo Monteiro (2013, p. 93), o Aníbal Benévolo estava tão próximo de Aracaju que já era possível avistar os “pequenos focos de luz esparsos que desenhavam o litoral sergipano”.

São 4h05min da madrugada. Todos os 83 passageiros do Aníbal Benévolo dormem em seus camarotes. A caminho de Aracaju, o piloto Hélio Corrêa de Oliveira consegue visualizar o farol do rio Real, que divide os estados de Bahia e Sergipe, a 15 milhas do navio. Navegando de acordo com as instruções da Marinha, a menos de 10 milhas da praia, o Aníbal Benévolo segue tão próximo à costa que, apesar da noite escura, os tripulantes que estão de serviço conseguem vislumbrar pequenos focos de luz esparsos que desenhavam o litoral sergipano. As luzes dos camarotes e dos salões estão apagadas, e o navio mantém acesos apenas os faróis de navegação. Às 4h13 (9h13, segundo os registros de Harro Schacht), um torpedo partiu do tubo 5 do *U-507* (Monteiro, 2013, p. 93).

Nos termos táticos, a manobra de ataque do *U-Boot 507* ocorreu a partir da popa em direção ao navio, isso porque todos os torpedos da proa já haviam sido utilizados anteriormente no ataque ao Baependi e Araraquara. Por isso, a ordem do capitão nazista foi disparar o torpedo de cauda do tubo V, mirando o centro da estrutura da embarcação, fazendo-a naufragar. Não houve tempo nem para pânico, pois era madrugada e a maioria estava dormindo em seus camarotes (Pereira, 2015). Quando o torpedo atingiu o navio, a

água começou a invadir os camarotes e, em 2 minutos, conforme o documentário *Agressão* (1943), a embarcação afundou, levando consigo todos os passageiros.

De acordo com os dados disponíveis, o Aníbal Benévolo era um navio mercante dedicado ao transporte de cargas e passageiros, assim como o Baependi e o Araraquara. Todavia, no dia do naufrágio, esses dois últimos transportavam material bélico, militares e civis. Já “Benévolo” conduzia apenas civis a bordo, incluindo várias famílias com suas crianças. Em relação às suas características técnicas, o navio dispunha de acomodações para passageiros, com capacidade para 93 pessoas na primeira classe e 61 na terceira classe, todas com camarotes. No dia em que foi atacado pelo submarino *U-507*, o Aníbal Benévolo transportava 154 pessoas, sendo 71 tripulantes e 83 passageiros, incluindo 16 crianças, conforme aponta Sander (2007, p. 193). O livro *Agressão* (1943) detalha que 76 pessoas embarcaram no Rio de Janeiro com destino a Aracaju, um passageiro adicional embarcou em Vitória/ES, quatro em Caravelas/BA, e mais dois em Salvador/BA, totalizando 83 passageiros. No entanto, existe uma discrepância nos registros, já que o depoimento do comandante Henrique Mascarenhas sugere que a tripulação era composta por 64 homens e que o número de passageiros era de aproximadamente 100 entre adultos e crianças (*Agressão*, 1943).

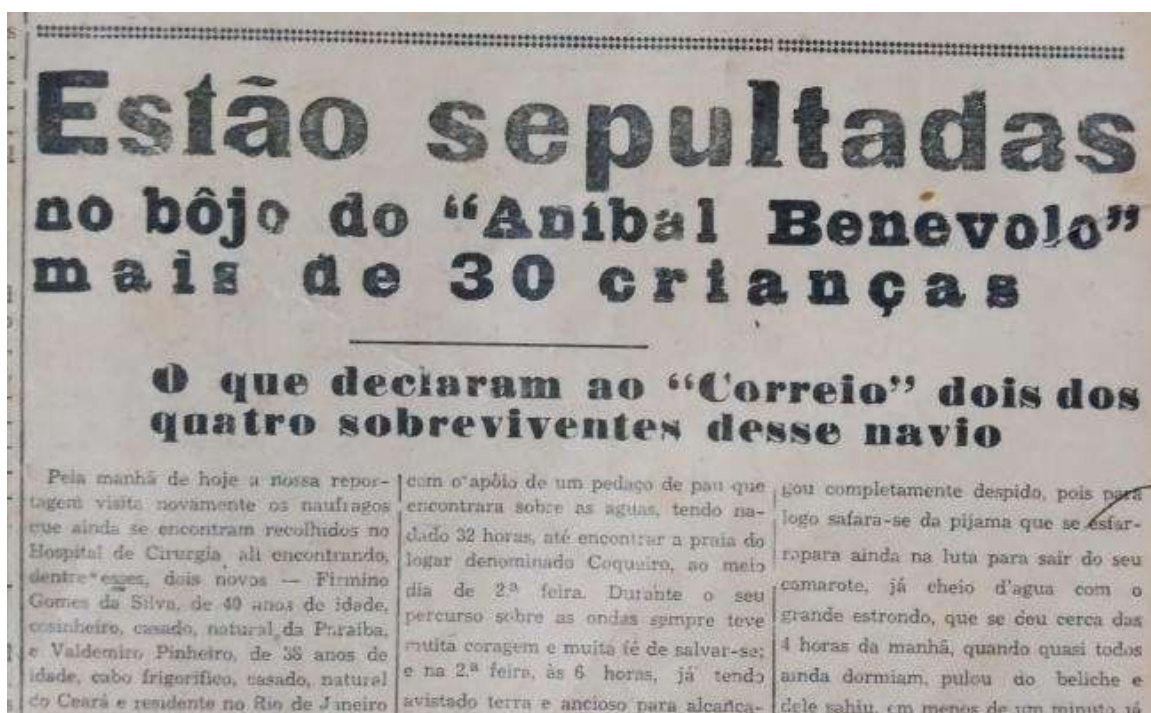


Figura 78 - Mais de trinta crianças mortas no “Aníbal Benévolo”.

Fonte: *Correio de Aracaju*, 21 de agosto de 1942, p. 1.

A *Figura 78* mostra uma publicação do jornal *Correio de Aracaju*, do dia 21 de agosto de 1942, que destaca a morte de mais de 30 crianças que viajavam a bordo do navio Aníbal Benévolo, conforme o depoimento do sobrevivente Firmino Silva, cozinheiro da embarcação. Maynard (2021, p. 65) corrobora esse dado ao afirmar que o navio "conduzia cerca de trinta e cinco crianças". A tragédia foi fatal para todos os passageiros, incluindo todas as crianças, que perderam suas vidas e foram sepultadas no "bojo do Aníbal Benévolo". Das 154 pessoas a bordo, apenas 4 tripulantes sobreviveram ao naufrágio, como destaca a matéria do jornal. O sobrevivente Firmino Silva, emocionado, lembrou das "criancinhas que devem se encontrar trancadas, no fundo do mar, dentro dos camarotes do meu 'Aníbal Benévolo'" (*Correio de Aracaju*, 1942, pp. 1-3).

É importante destacar que há inconsistências também em relação aos dados a respeito dos sobreviventes do navio. O livro *Agressão* (1943, pp. 79-80), em sua lista oficial, informa que dez tripulantes foram salvos, contradizendo o relato do comandante Henrique Mascarenhas e outras fontes jornalísticas, como o *Correio de Aracaju* (1942, p. 1), que confirma apenas quatro sobreviventes. Essa discrepância é corroborada por várias fontes acadêmicas, como Gama e Martins (1985, p. 348), Serafim e Bittencourt (2006, p. 151), Sander (2007, p. 194), Monteiro (2013, p. 102) e Porto (2013, p. 41), que se alinham ao depoimento do comandante e ao jornal, citando apenas quatro sobreviventes.

Por outro lado, Cruz (2012, p. 231) elabora uma lista mencionando oito sobreviventes, e Pereira (2015, p. 165) ecoa a discrepância ao citar o mesmo número de sobreviventes. Os dados contraditórios presentes na obra *Agressão* (1943) podem ser interpretados como uma tentativa do governo da época em alterar os números, visando minimizar a percepção da tragédia. Além disso, é possível que o número de mortos tenha sido maior, considerando a presença de passageiros clandestinos não registrados oficialmente. Sendo assim, diante dos dados contraditórios, pode-se concluir que a contagem exata de mortos do naufrágio do Aníbal Benévolo permanece incerta, com variações significativas entre as diferentes fontes. Dentre essas fontes, o documentário *Agressão* (1943) destaca-se por oferecer uma das análises mais completas sobre o ataque, incluindo as listas nominais de tripulantes e passageiros, tanto dos sobreviventes quanto dos desaparecidos (Pereira, 2015).

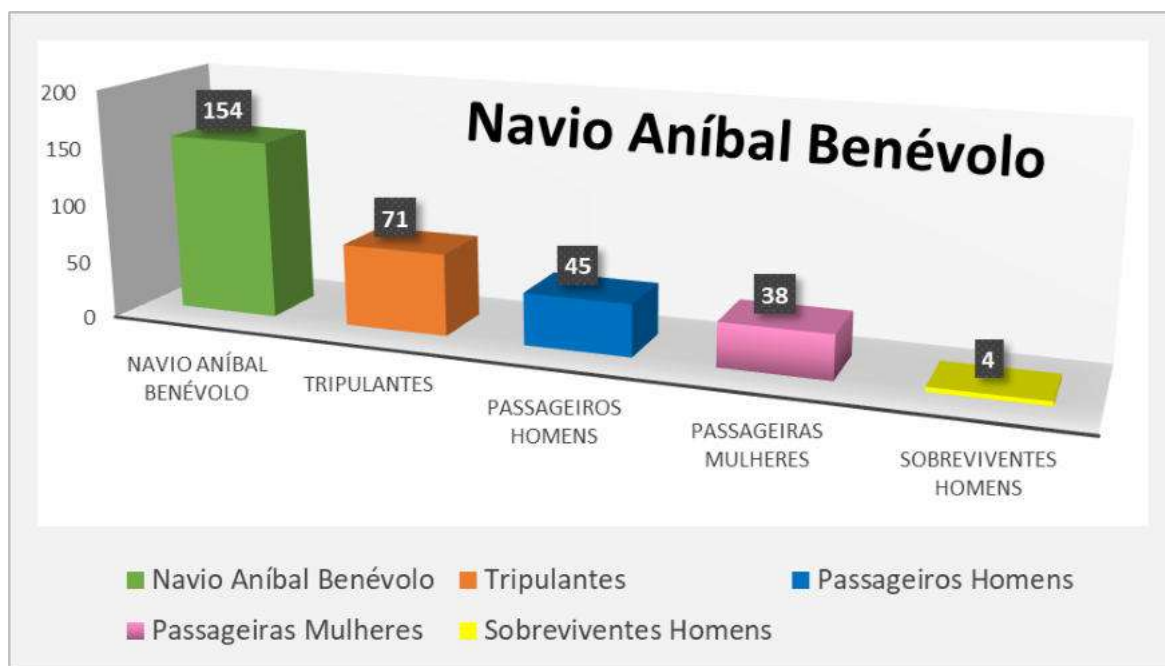


Gráfico 2 - Total de pessoas a bordo do navio Aníbal Benévolo, evidenciando a quantidade de tripulantes, passageiros(as) e sobreviventes. Fonte: Autora da tese, 2024.

O Gráfico 2 apresentado acima ilustra a distribuição de pessoas a bordo do navio Aníbal Benévolo, destacando diferentes categorias de indivíduos relacionados à embarcação. O total de pessoas a bordo era de 154, conforme indicado pela barra mais alta em verde, dentre eles, 71 eram tripulantes (barra laranja), evidenciando a extensa equipe necessária para operar a embarcação. Em relação aos passageiros, havia uma predominância masculina, com 45 homens (barra azul), comparativamente às 38 mulheres (barra rosa), refletindo uma distribuição de gênero quase equilibrada entre os passageiros. Todavia, apenas 4 pessoas (barra amarela) sobreviveram ao naufrágio, sendo todos homens, indicando uma alta taxa de mortalidade entre os presentes no navio. Esta análise contribui para entender a composição demográfica do navio, o que é relevante para estudos relacionados ao impacto humano de tragédias marítimas.

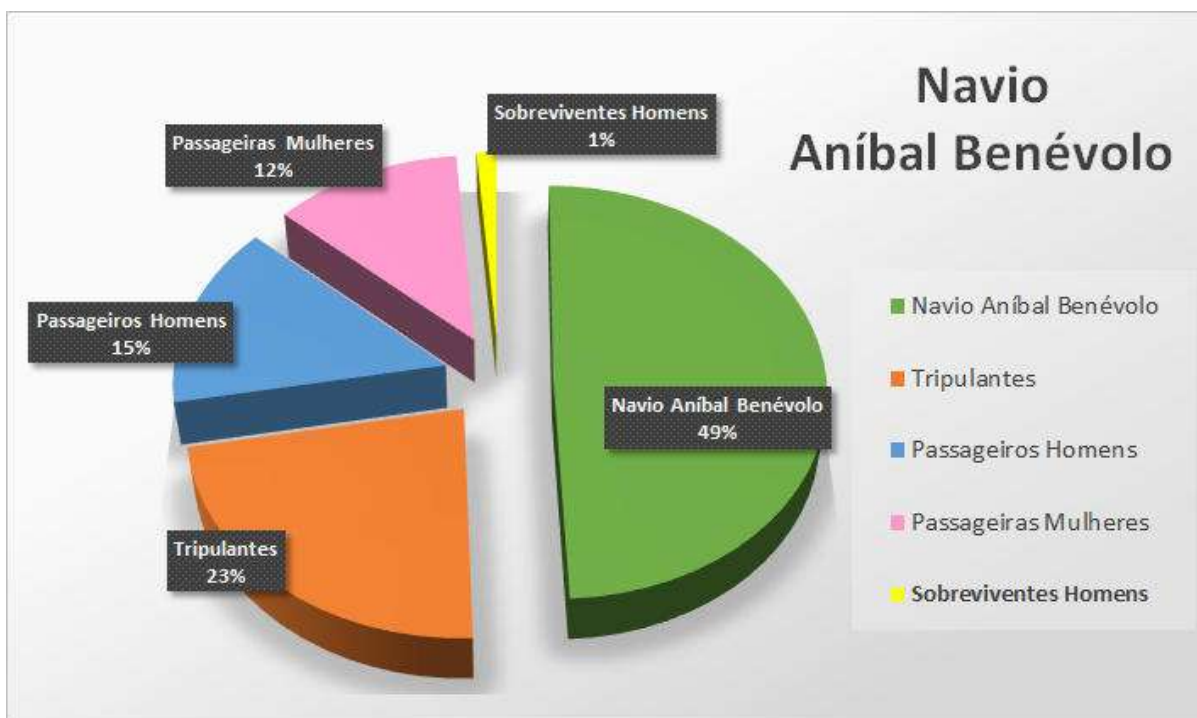


Gráfico 3 - Porcentagem de pessoas a bordo do vapor “Benévolo”. Fonte: Autora da tese, 2024.

O *Gráfico 3* oferece uma representação visual da distribuição percentual dos indivíduos a bordo do navio, categorizados por seu papel e gênero. Observa-se que 49% dos indivíduos representados são identificados genericamente como parte do navio, presumivelmente englobando a totalidade dos indivíduos a bordo antes da categorização por função ou gênero. Dos específicos, 23% correspondem aos tripulantes, o que indica uma significativa proporção de funcionários responsáveis pela operação e manutenção do navio. No que se refere aos passageiros, 15% são homens e 12% são mulheres, demonstrando uma distribuição relativamente equilibrada entre os gêneros dos(as) passageiros(as). Contudo, constatamos que apenas 1% do total no gráfico é atribuído aos sobreviventes, o que ressalta a gravidade das agressões bélicas que provocaram as baixas taxas de sobrevivência causando grandes perdas de vidas.

A partir da análise das listas⁹⁵ dos tripulantes, foi possível traçar o perfil dos profissionais⁹⁶ marítimos que guarneciam o Aníbal Benévolo. Dentre eles, destacam-se duas figuras: o comandante Henrique Jacques Mascarenhas Silveira, a autoridade máxima a bordo, responsável por assegurar o cumprimento de todas as normas e regulamentos e por manter a

⁹⁵ Listas disponíveis no livro *Agressão - Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, pp. 79-80 e listas elaboradas pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), disponibilizadas no Arquivo Público do Estado de Sergipe, Caixa nº 02. Ano 1943. Doc. 55.

⁹⁶ As informações sobre os cargos dos tripulantes foram retiradas das Normas da Autoridade Marítima para Aquaviários (2003, p. 57). Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/cft/sites/www.marinha.mil.br/cft/files/normam13.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2023.

disciplina na embarcação, sendo um dos sobreviventes do naufrágio, e o imediato, Manuel Duarte Filho, que atuava como a segunda autoridade do navio, substituindo o comandante na sua ausência e sendo responsável pela gestão administrativa durante a viagem, incluindo a ordem, disciplina, limpeza e conservação do navio. Na fatídica madrugada do torpedeamento, Manuel Duarte conversava com o comandante quando ouviram o estrondo causado pelo impacto do torpedo, imediatamente, correu para a casa do leme para acionar o alarme e alertar todos a bordo sobre o ataque; infelizmente, não teve tempo de retornar e salvar-se, vindo a falecer em seu posto enquanto exercia suas funções.

Além do comandante e do imediato, a tripulação do Aníbal Benévolo incluía seis moços de convés⁹⁷, responsáveis pela limpeza, pintura e conservação do navio, e atuavam como auxiliares dos marinheiros de convés; destes, apenas Manuel Nunes da Silva sobreviveu. Os taifeiros, encarregados de servir os passageiros e demais tripulantes, cuidar das chaves de gavetas, armários e portas dos salões, e pela limpeza das áreas comuns, contavam com doze membros a bordo, mas infelizmente nenhum sobreviveu. Contudo, a lista presente no livro *Agressão* (1943) menciona José Antônio de Oliveira, Wilson Gil e Armênio de Castro Bezerril como sobreviventes, uma informação que é contradita por outras fontes, incluindo o próprio depoimento do comandante Henrique Mascarenhas.

O navio contava com quatro cozinheiros e um ajudante encarregados das refeições e da distribuição dos alimentos, mas apenas o 1º cozinheiro, Firmino Gomes da Silva, conseguiu sobreviver. Ele foi salvo graças a uma das baleeiras que se desprende do navio. Entre os onze foguistas, responsáveis pela manutenção das caldeiras, apenas Valdemiro Pinheiro sobreviveu ao conseguir se agarrar a um pedaço de escotilha que flutuava, servindo como uma “prancha de madeira”. No entanto, o livro *Agressão* (1943) relata equivocadamente o salvamento de Manuel Ferraz e Casimiro Manuel Lima. Valdemiro e Firmino, por sua vez, conseguiram se juntar ao comandante Henrique Mascarenhas e alcançaram uma praia no litoral baiano, na divisa com Sergipe⁹⁸.

Os outros tripulantes, que incluíam cinco marinheiros, dois pilotos, dois operadores de rádio, um médico, um conferente, dois comissários, um mestre, um padioleiro, quatro maquinistas, um praticante de maquinista, um botequineiro, um padeiro, um ajudante, um copeiro, sete carvoeiros, um carpinteiro e dois barbeiros, todos perderam suas vidas. Presos

⁹⁷ Informações sobre hierarquia, atribuições e ascensão em um navio mercante. Disponível em: <http://jornalcanal16.com.br/jornal-2015/hierarquia-atribuicoes-e-ascensao-em-um-navio-mercante/>. Acesso em: 03 fev. 2024.

⁹⁸ Informações retiradas do livro *Agressão - documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, pp. 79-84.

em seus camarotes, foram levados para o fundo do Atlântico, transformando o Aníbal Benévolo em um túmulo de guerra. Detalhes sobre a maneira como alguns conseguiram sobreviver serão discutidos no próximo subtópico.

Ao analisar os nomes presentes nas listas dos tripulantes do "Benévolo", verificou-se que todos os 71 membros que trabalhavam a bordo eram homens. Esse perfil da tripulação reflete um aspecto da sociedade da época, em que as mulheres ainda ocupavam pouco espaço no mercado de trabalho. Segundo Maynard (2021), embora a população de Aracaju, na década de 1940, fosse composta por mais mulheres (32.484) do que homens (26.547), a maioria delas ainda se restringia às atividades domésticas e escolares, como ilustra a *Tabela 3* abaixo. Por outro lado, os homens atuavam em áreas diversificadas, como transporte e comunicações, defesa nacional, segurança pública, comércio de mercadorias, administração pública, indústrias de transformação, agricultura, pecuária e avicultura, entre outras.

Ocupações declaradas	Homens	Mulheres	Total
Agricultura, pecuária e avicultura	2.244	139	2.383
Indústrias extrativas	475	37	512
Indústrias de transformação	3.419	1.467	4.886
Comércio de mercadorias	2.157	370	2.527
Comércio de imóveis	113	12	125
Transporte e comunicações	1.646	53	1.699
Administração pública	1.148	341	1.489
Defesa nacional, segurança pública	1.108	4	1.112
Profissões liberais	168	137	305
Serviços, atividades sociais	163	1.091	1.254
Atividades domésticas, atividades escolares	3.656	19.072	22.728
Inativos	2.417	2.426	4.843

Tabela 3 - Atividades profissionais em Aracaju/SE. Fonte: Maynard (2021, p. 38).

A falta de representatividade feminina no setor marítimo pode ser entendida através do conceito de Chartier (1990) sobre representações sociais. Ele argumenta que essas representações são formuladas pelos interesses de grupos dominantes e não são meros espelhamentos da realidade, mas estruturas que sustentam as perspectivas e o controle desses grupos sobre outros. No âmbito marítimo, essa dinâmica é claramente observada no

predomínio masculino, no qual homens são a maioria nos cargos e atividades, enquanto mulheres são frequentemente deixadas à margem. Este fenômeno é exemplificado pelo navio Aníbal Benévolo, onde a predominância masculina é evidente. Em contraste, o navio Baependi destacou-se por ter uma mulher, Maria José Ferreira, em um dos poucos cargos “femininos”, o de camareira, revelando como as normas sociais e culturais determinam quem ocupa esses espaços profissionais.

Ao analisar a participação feminina na Marinha do Brasil, constatamos que inicialmente essa participação era silenciada e limitada. Tal fato só começou a mudar significativamente após a Segunda Guerra Mundial. O reconhecimento do papel das mulheres nesse setor foi efetivado apenas na década de 1980, com a criação do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM) através da Lei nº 6.807, sancionada em 7 de julho de 1980. Esse avanço foi proposto pelo então Ministro de Estado da Marinha, Almirante Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, e posicionou a Marinha como pioneira na inclusão feminina nas Forças Armadas Brasileiras. O CAFRM dividia-se em dois segmentos: o Quadro Auxiliar Feminino de Oficiais (QAFO) e o Quadro Auxiliar Feminino de Praças (QAFP). Mais tarde, com a Lei nº 9.519 de 26 de novembro de 1997, o CAFRM foi extinto, e as mulheres passaram a ser integradas aos quadros anteriormente reservados aos homens, permitindo que servissem em áreas como Engenharia, Intendência, Medicina, Odontologia, apoio à saúde e técnico. Essa medida garantiu igualdade de oportunidades para promoções e formações, consolidando a integração feminina na Marinha.⁹⁹

No contexto da reivindicação por uma narrativa histórica que incorpore a perspectiva feminina, Perrot (2007) enfatiza a importância de reconstruir histórias que tradicionalmente foram silenciadas. Este enfoque é importante especialmente em cenários, práticas e contextos em que a voz feminina é simbolicamente marginalizada, como as guerras. A respeito disso, Margarida Bernardes et al. (2022), em seu artigo intitulado *Uma Enfermeira da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial: Fundo Virgínia Portocarrero da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz*, publicado em 2022, afirma que o Fundo Virgínia Portocarrero exemplifica como a narrativa e representação femininas podem elucidar as experiências de mulheres brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial. Esses documentos permitem uma compreensão mais profunda das lutas simbólicas enfrentadas por essas mulheres para se fazerem visíveis, compartilhar suas histórias e alcançar um sentido de reconhecimento.

⁹⁹ Informações apresentadas no site da Marinha do Brasil. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/mulher-na-marinha>. Acesso em: 18 jan. 2024.

Tal abordagem, conforme Bernardes et al. (2022) citando Bourdieu (2016), destaca a necessidade de valorizar essas vozes femininas para entender mais completamente as dinâmicas sociais e históricas. Dessa maneira, a presença e contribuição das mulheres na história adquirem um significado que desafia o esquecimento e a marginalização, reiterando a necessidade de uma historiografia que abrace integralmente as perspectivas femininas. Bernardes et al. (2022) ainda complementa afirmando que os arquivos pessoais emergem como recursos importantes nesse processo, pois constituem um patrimônio documental que não apenas preserva fatos relacionados à vida familiar e profissional, mas também oferece informações sobre a vida cotidiana e a personalidade das mulheres em seus respectivos períodos históricos.

Ao identificar o total de pessoas a bordo do Aníbal Benévolo e de caracterizar o perfil da tripulação em termos de composição e ocupações, realizou-se um levantamento para determinar quantas mulheres, crianças e famílias estavam presentes no dia do torpedeamento. As análises das listas no documentário *Agressão* (1943) revelaram a ausência de mulheres na tripulação, um padrão também observado no navio Araraquara, em contraste com o Baependi, que contava com uma camareira chamada Maria José Ferreira.

Por outro lado, a lista de passageiros do "Benévolo" registrou os nomes de 38 mulheres. Todas tinham partido do Rio de Janeiro com destino à cidade de Aracaju/SE. No entanto, não foi possível especificar o número de crianças a bordo, uma vez que a lista não fornece detalhes sobre a idade das passageiras ou se eram menores ou estudantes. Infelizmente, devido aos ataques do submarino *U-507*, todos os passageiros, incluindo mulheres e crianças, perderam suas vidas. A partir dos nomes presentes na lista, conseguiu-se identificar quantas famílias estavam a bordo. Além disso, segue a lista com os nomes de todas as mulheres, como uma maneira singela de homenagear a memória de cada uma delas.

LISTA DE PASSAGEIRAS DO NAVIO ANÍBAL BENÉVOLO		
Adelina Alves	Evangelina Barros Oliveira	Severina Martins
Olga Alves	Guilhermina Alves Souza	Joaquina Martins
Amara Martins dos Santos	Ieda Gomes Dantas	Luzia Martins
Maria das Dores dos Santos	Luci Gomes Dantas	Antônia Martins
Aurora Santos	Inéa Nogueira Gomes	Severina Moreira

Marlene Santos Prior	Isabel Montes Flores	Vitalina Dias da Silva
Marilena Santos Prior	Josefa Cardoso Santos	Maria Dias da Silva
Cecília Ramos Pereira	Maria Alves	Maria Anunciada Dias da Silva
Creusa Ramos Pereira	Maria dos Santos	Aurora Dias da Silva
Clarice Prudente Vieira	Maria Gomes	Maria José Dias da Silva
Marisete Prudente Vieira	Maria José dos Santos	Josefina Dias da Silva
Clarinha Rego Silva	Maria Martins	Wanda Lessa
Elisabeth Santos	Cesária Martins	TOTAL: 38 MULHERES

Tabela 4 - Nomes das passageiras do Navio Aníbal Benévolo com base na lista apresentada no livro *Agressão* (1943, pp. 80-81).

A bordo do vapor Aníbal Benévolo seguiam 14 famílias que foram classificadas a partir dos nomes e sobrenomes das mulheres, seguindo a ordem da lista. Começarei apresentando as famílias maiores.

A tragédia do Aníbal Benévolo causou a perda de numerosas famílias. Entre as mais afetadas, estavam as famílias “Dias da Silva” e “Martins”, que perderam nove e oito membros, respectivamente. Vitalina Dias da Silva viajava com Maria Dias, Maria Anunciada, Aurora, Maria José, Josefina, Narciso, Severino e Otacílio Dias da Silva. Já Maria Martins estava acompanhada por Cesaria Martins, Severina, Joaquina, Luzia, Antonia, Antonio e Pedro Martins.

Além destas, as famílias “Alves” e “Gomes Dantas”, cada uma contando com quatro integrantes, também estavam a bordo. Adelina e Olga Alves viajavam com José e Derlin Alves; Ieda e Lucí Gomes Dantas estavam com seus pais, Inéa Nogueira Gomes e José Lacerda Dantas.

Cinco outras famílias, cada uma com três membros, incluíam os “Santos Prior”, “Ramos Pereira”, “Vieira”, “Oliveira” e “Souza”. A família Santos Prior era composta por Aurora Santos e suas filhas Marlene e Marilena; a família Ramos Pereira por Cecília, Creusa e Lourival; a família Vieira por Clarice Prudente Vieira, seu esposo Tompson e sua filha Marisete; a família Oliveira por Evangelina de Barros Oliveira, Fernando e Carlos; e a família Souza por Guilhermina Alves de Souza, Josias e Lenz Alves de Souza.

Mais cinco famílias, cada uma com dois membros, também estavam presentes: “Martins dos Santos”, “Santos”, “Flores”, “Santos Vieira” e “Gomes”. Estas incluíam Amara Martins e José Martins dos Santos; Maria das Dores dos Santos e Severino dos Santos; Isabel Montes Flores e Benício Flores; Maria dos Santos e Milton dos Santos Vieira; e Maria Gomes e Alcides Gomes.

Sete mulheres viajavam sem familiares aparentes, possivelmente sozinhas ou acompanhadas de amigos(as). Eram elas: Clarinha Rego Silva, Elisabeth Santos, Josefa Cardoso Santos, Maria Alves, Maria José dos Santos, Severina Moreira e Wanda Lessa. Infelizmente, o ataque súbito ao navio durante a madrugada não lhes deu tempo para salvar as próprias vidas.

É importante destacar que, durante as investigações conduzidas para esta tese, não foi possível identificar parentes dos sergipanos vítimas dos torpedeamentos. Contudo, a pesquisa continuará a ser ampliada e aprofundada no pós-doutorado, visando descobrir novas perspectivas sobre esses acontecimentos significativos em Sergipe, que marcaram a chegada da Segunda Guerra Mundial ao Brasil.

4.2. As experiências dos naufragos: madrugada de torpedeamento no mar e ecos ao amanhecer em terra

Tambor metálico, tábuas do porão, pedaço de madeira, coletes salva-vidas, baleeiras, fardamento da Marinha e pijama rasgado. À primeira vista, tais objetos parecem apenas vestígios dispersos de um evento trágico. Contudo, sob a perspectiva arqueológica, constituem remanescentes materiais diretamente vinculados ao naufrágio e, portanto, portadores de significados que extrapolam sua funcionalidade original. São artefatos que, deslocados de seu contexto primário de uso, passam a integrar uma nova configuração simbólica: a da experiência-limite da guerra no mar.

Do ponto de vista técnico, cada um desses itens desempenhava funções específicas a bordo. Os tambores destinavam-se ao acondicionamento de cargas diversas. As tábuas que revestiam o porão, compartimento estanque destinado ao armazenamento de mercadorias, eram denominadas sarretas (nas laterais) e cobros (no fundo), compondo o sistema estrutural

de proteção e acomodação da carga.¹⁰⁰ O colete salva-vidas, por sua vez, constituía equipamento obrigatório de segurança, mantido em locais visíveis e de fácil acesso no convés, cuja função primordial era assegurar a flutuação do usuário, mantendo-lhe as vias respiratórias fora d'água.¹⁰¹

As baleeiras, amplamente empregadas como embarcações de salvamento, caracterizavam-se por sua proa e popa finas e elevadas, podendo operar a remo ou à vela. Diferenciavam-se dos escaleres — de popa quadrada e usualmente utilizados em serviços portuários — por sua maior leveza e estabilidade em mar aberto, o que as tornava particularmente adequadas para operações de salvamento e aproximação à praia. Já as balsas, também classificadas como embarcações miúdas, destacavam-se pelo baixo peso e facilidade de manobra, sendo amplamente utilizadas em contextos de guerra.¹⁰²

No âmbito do vestuário, o paletó do uniforme naval — o dolmã — integrava o conjunto regulamentar destinado à identificação hierárquica e funcional dos militares, conferindo visibilidade institucional à autoridade exercida a bordo.¹⁰³ O pijama, ao contrário, era peça de uso íntimo e doméstico, associada ao repouso noturno. A presença de tais vestimentas entre os destroços evidencia a abrupta transição entre a normalidade cotidiana e a irrupção violenta do ataque.

O valor simbólico desses vestígios torna-se particularmente evidente nos depoimentos dos sobreviventes. Tambores e tábuas do porão converteram-se em suportes improvisados de flutuação, funcionando como “balsas frágeis” que garantiram a sobrevivência de alguns tripulantes. Coletes salva-vidas, baleeiras e pequenas balsas desempenharam papel decisivo no resgate. Pedacos de madeira foram adaptados como remos, e o dolmã do uniforme transformou-se em “vela” improvisada, evidenciando práticas de reaproveitamento emergencial dos artefatos disponíveis. O pijama rasgado, por sua vez, materializa a dimensão temporal do ataque, ocorrido na madrugada, e a prolongada luta pela sobrevivência em alto-mar, sob condições extremas.

No torpedeamento do navio Aníbal Benévolo, ocorrido às 4h13min de 16 de agosto de 1942, apenas quatro tripulantes sobreviveram: o comandante Henrique Jacques Mascarenhas

¹⁰⁰ Porão de navio mercante. Nomenclatura do navio - Seção A – do navio em geral. Disponível em: https://www.marinha.mil.br/dpc/sites/www.marinha.mil.br.dpc/files/Cap1_2005_0.pdf. Acesso em: 13 mar. 2024.

¹⁰¹ Coletes salva-vidas. Disponível em: https://www3.dpc.mar.mil.br/portagevi/publicacoes/lsa/Cod_LSA.pdf. Acesso em: 13 mar. 2024.

¹⁰² Baleeira e escaler. Disponível em: https://www.marinha.mil.br/dpc/sites/www.marinha.mil.br.dpc/files/Cap4_2005.pdf. Acesso em: 13 mar. 2024.

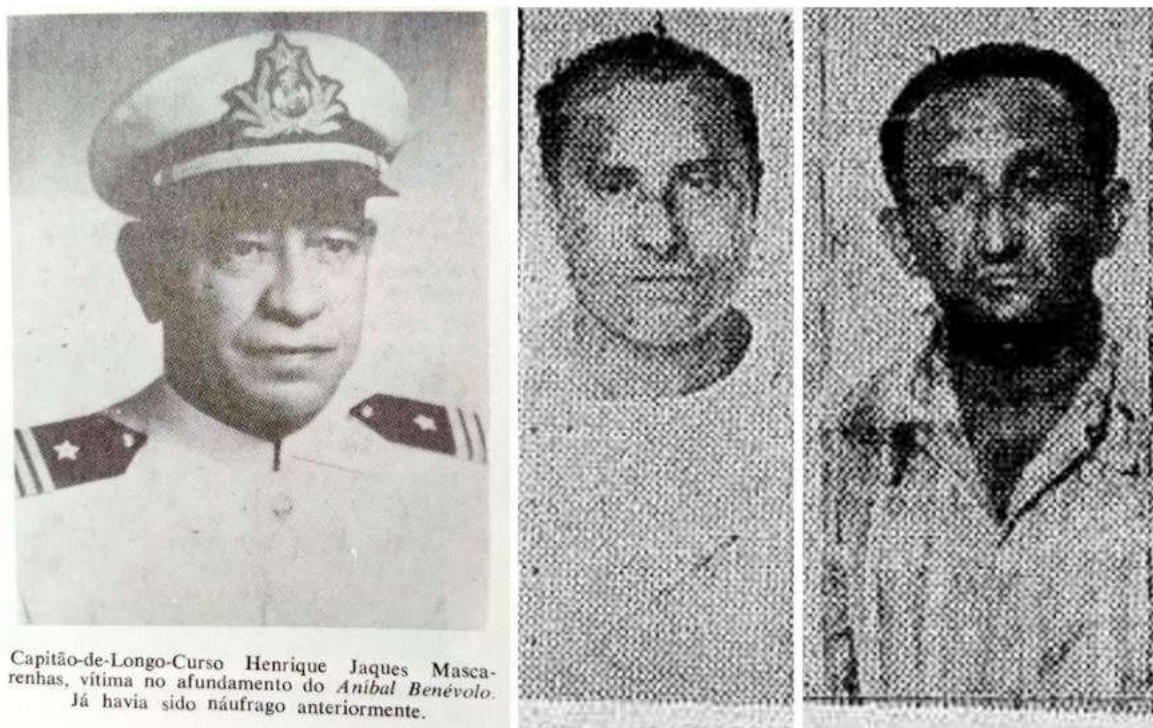
¹⁰³ Informações sobre os uniformes da marinha. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/tradicoes-navais/uniformes-e-seus-acessorios>. Acesso em: 13 mar. 2024.

da Silveira, o cozinheiro Firmino Gomes da Silva, o cabo frigorífico ¹⁰⁴ Valdemiro Pinheiro e o moço de convés Manuel Nunes da Silva (Maynard, 2013; Monteiro, 2013). A embarcação foi atingida por um único torpedo e partiu-se ao meio, afundando rapidamente. Segundo o comandante, o "Benévolo" foi torpedeado a 7 milhas da costa, especificamente 15 milhas ao sul do Farol do rio Real (Agressão, 1943). Pereira (2015) acrescenta que o capitão do submarino, Harro Schacht, se posicionou para o ataque praticamente no mesmo local onde se encontrava o "túmulo submerso" do Baependi.

O depoimento do comandante Henrique Mascarenhas da Silveira foi analisado a partir de múltiplas fontes documentais, incluindo os periódicos *Correio de Aracaju* (1942) e *A Noite* (1942), bem como as obras *Agressão* (1943), Sander (2007), Monteiro (2013), Pereira (2015), Cruz (2017) e Maynard (2021). Em seu relato, o comandante do Aníbal Benévolo descreve o momento do impacto enquanto se encontrava no passadiço, em diálogo com o imediato, Manuel Duarte Cordeiro Filho. Subitamente, ambos foram surpreendidos por uma forte explosão que sacudiu violentamente a embarcação. No mesmo instante, o imediato dirigiu-se à casa do leme para acionar o alarme, ao passo que o comandante tentou liberar uma das quatro baleeiras disponíveis. Contudo, o rápido processo de afundamento do navio interrompeu o acionamento do alarme e inviabilizou qualquer procedimento organizado de evacuação, não havendo tempo sequer para a instalação do pânico coletivo.

Henrique Mascarenhas foi arrastado para cerca de dez metros de profundidade, mas conseguiu retornar à superfície, onde se agarrou a um tambor flutuante. A força das ondas, entretanto, fazia-o girar continuamente, levando-o a perder o apoio inicial. Em seguida, avistou uma das baleeiras, na qual conseguiu abrigar-se. Posteriormente, reencontrou, em alto-mar, outros dois tripulantes: o cozinheiro Firmino Gomes da Silva, que se sustentava sobre uma balsa (frágil improvisada), e o cabo frigorífico Valdemiro Pinheiro, que nadava apoiado em uma tábua de madeira proveniente do porão. Os registros fotográficos desses três náufragos encontram-se reproduzidos nas *Figuras 79 e 80*.

¹⁰⁴ A respeito do sobrevivente Valdemiro Pinheiro, as fontes apresentam informações contraditórias. Por exemplo, no livro *Agressão* (1943) ele é descrito como Waldomiro Pinheiro, ocupando o cargo de foguista. Já em alguns jornais, como *A Noite* e *Correio de Aracaju*, e nas obras de Maynard (2013, 2021) o náufrago é descrito como ocupando o cargo de "cabo frigorífico".



Figuras 79 e 80 – Sobreviventes do Aníbal Benévolo: Comandante Henrique Mascarenhas (à esquerda) e os tripulantes Firmino Gomes da Silva e Valdemiro Pinheiro (à direita).
Fontes: Gama e Martins (1985, p. 353) e Jornal *A Noite* (1942, p. 7).

Os três sobreviventes conseguiram manter-se próximos, sendo que Henrique improvisou uma “vela” a partir de seu dolmã — peça integrante do uniforme — suspenso por fragmentos de madeira recolhidos entre os destroços, permanecendo trajado apenas com a calça do pijama. Ainda em alto-mar, avistaram ao longe uma luminosidade que identificaram como possivelmente proveniente do Farol de Aracaju. Após mais de dezoito horas à deriva, aproximaram-se da faixa litorânea na região de Mangue Seco, na divisa entre os estados da Bahia e de Sergipe, por volta das 22 horas.

A forte arrebentação revirou a “balsa frágil” nas proximidades da costa, todavia os três conseguiram atingir a praia. Descalços, exaustos, expostos ao frio e debilitados pela fome e pela sede, caminharam por alguns quilômetros até alcançarem a Fazenda Santo Antônio, onde foram acolhidos pelos moradores locais, que lhes ofereceram alimentação e vestimentas.

A chegada dos náufragos do “Benévolo” colocou a população de Mangue Seco/BA em estado de alerta diante da possibilidade de novos sobreviventes alcançarem a costa. Durante a noite, moradores organizaram-se em vigília, recolhendo objetos, destroços e corpos, além de prestar socorro às vítimas oriundas dos três navios torpedeados. Entre as autoridades envolvidas nas ações de assistência, destacou-se o Sr. Efrem José Ribeiro, mencionado no Capítulo 2, que se uniu à população nos esforços de resgate e amparo aos náufragos.

Ao amanhecer, o trio foi conduzido pelas autoridades à cidade de Estância/SE e, posteriormente, a Aracaju, onde recebeu atendimento médico no Hospital de Cirurgia. Em seguida, os sobreviventes foram hospedados em hotéis da capital, sendo assistidos pelo governo local. Após o restabelecimento físico, seguiram viagem para o Rio de Janeiro, com todas as despesas custeadas pela empresa Lloyd Brasileiro, responsável por providenciar o suporte financeiro e logístico necessário ao retorno dos tripulantes.

A trajetória subsequente do comandante Henrique Mascarenhas, enquanto vítima direta do conflito, assume relevância particular, pois evidencia um processo de superação. Após recuperar-se dos ferimentos, voltou a comandar outro navio mercante, passando a operar, dessa vez, na rota da denominada Zona de Guerra (Gama; Martins, 1985; Monteiro, 2013; Rosa, 2016).

O depoimento do cozinheiro Firmino Gomes da Silva acrescenta uma dimensão singular à compreensão da experiência do naufrágio. Seu relato, publicado nos jornais *Correio de Aracaju*, em 21 de agosto de 1942 (pp. 1-3), e *A Noite*, em 22 de agosto de 1942 (p. 3), registra que foi despertado pelo estrondo da explosão e, imediatamente, percebeu que a embarcação havia sido atingida na casa das máquinas, partindo-se em dois. No momento do impacto, todos os sistemas elétricos a bordo foram paralisados. A maior parte da tripulação e dos passageiros, incluindo cinco crianças que dormiam em seus camarotes, não teve tempo de escapar, afundando juntamente com as partes do navio.

Firmino sobreviveu ao agarrar-se a um pedaço de madeira, com o qual permaneceu à deriva por aproximadamente 32 horas até alcançar a faixa litorânea. Durante esse período, sustentou-se pela convicção de que conseguiria sobreviver, mobilizando coragem e fê como recursos subjetivos de resistência. Na segunda-feira, por volta das 6 horas, ao avistar terra e impulsionado pelo desejo de atingir a costa, abandonou o pedaço de madeira que, embora lhe garantisse flutuação, provocava-lhe ferimentos no corpo. Chegou à praia da localidade de Coqueiro/BA às 13 horas, completamente despido em razão do desgaste contínuo que rasgou suas vestimentas. Declarou ter perdido todas as suas economias, avaliadas em cinco contos de réis, e manifestou profundo pesar pela morte de companheiros e passageiros vitimados pelo naufrágio.

Valdemiro Pinheiro, cabo frigorífico do navio, também apresentou seu testemunho nos jornais *Correio de Aracaju* (21 de agosto de 1942, pp. 1-3) e *A Noite* (22 de agosto de 1942, p. 3). O tripulante relatou ter sobrevivido apoiando-se em uma tábua desprendida do porão da embarcação. Permaneceu nadando por cerca de 33 horas, completamente despido e sem qualquer provisão alimentar, até alcançar a costa. Ao atingir terra firme, o desgaste físico e a

intensidade emocional da experiência foram tais que desmaiou, sendo prontamente socorrido por moradores e autoridades da Alfândega, entre eles o Sr. Efrem José Ribeiro, além de membros da Capitania dos Portos de Aracaju, mobilizados para prestar assistência aos náufragos.

Em seu depoimento, Valdemiro acrescentou um episódio particularmente marcante ocorrido durante a travessia no mar. Na manhã de segunda-feira, quando já avistava o litoral, um tubarão se aproximou sem que ele inicialmente percebesse. O animal chegou a tocá-lo nas costas, mas afastou-se sem atacá-lo. O sobrevivente interpretou o episódio como resultado de um milagre atribuído a Nossa Senhora dos Navegantes, a quem havia dirigido preces durante o momento de ameaça iminente. Após o afastamento do animal, conseguiu prosseguir em direção à costa. À medida que avançava, o temor provocado pelo encontro com o tubarão, foi gradualmente substituído pela concentração no objetivo de alcançar terra firme. Embora tenha perdido todos os seus bens, estimados em cerca de três contos de réis, sobreviveu ao naufrágio e ao risco adicional representado pelo tubarão, oferecendo um testemunho marcado pela intensidade da experiência vivida em contexto de guerra.

Por fim, o jornal *Correio de Aracaju*, em 24 de agosto de 1942, publicou o relato do naufrago Manuel Nunes da Silva, moço de convés, 32 anos, solteiro e natural do Estado de Alagoas, que descreveu minuciosamente sua experiência de sobrevivência durante o torpedeamento do Aníbal Benévolo. Segundo seu testemunho, encontrava-se acordado na madrugada do ataque, embora ainda deitado em seu beliche. Ao ouvir um estrondo de grande intensidade, vestiu apressadamente o colete salva-vidas e dirigiu-se ao convés. Nesse momento, constatou que a embarcação já se encontrava quase totalmente submersa e, impossibilitado de acessar as baleeiras, lançou-se ao mar. Nadou com o objetivo de afastar-se da área imediata do naufrágio e, entre dois e três minutos depois, ao olhar para trás, verificou que o navio havia desaparecido sob as águas, arrastando consigo passageiros e tripulantes, muitos dos quais ainda dormiam, à exceção daqueles que estavam de serviço.

Entre os destroços flutuantes, Manuel Silva identificou uma pequena balsa que havia se desprendido do navio durante o naufrágio. Nadou em direção a ela e, utilizando um pedaço de madeira como remo improvisado, iniciou o deslocamento para longe do ponto do naufrágio. Com o amanhecer, conseguiu visualizar apenas três outros sobreviventes dispersos nas ondas, entre eles o cozinheiro Firmino Gomes da Silva, contudo, as correntes marinhas rapidamente os separaram, impossibilitando a permanência do grupo.

Após várias horas à deriva, alcançou a costa por volta das 20h30min do mesmo domingo do torpedeamento. Já na areia da praia, seminu, vestindo apenas roupa íntima e

camiseta, caminhou em direção ao norte até atingir a localidade de Mangue Seco/BA, onde chegou às 14 horas da segunda-feira. Na Fazenda Santo Antônio, residência do Sr. Salgado, que já havia acolhido outros sobreviventes, recebeu alimentação e pôde descansar. Posteriormente, foi conduzido à cidade de Estância/SE para atendimento dos primeiros socorros e, em seguida, encaminhado à capital sergipana, onde permaneceu hospedado no Hotel Central, conforme registrado em documentação do Arquivo Público Estadual de Sergipe (1942) e no próprio *Correio de Aracaju* (1942).

CAPÍTULO 5 - TORPEDEAMENTOS NAVAIS DE 1942 EM FOCO:

PROJETO SEGUNDA GUERRA SUBMERSA

No local dessa chacina
Foi grande a destruição,
Muitos **corpos** que boiavam
Com **restos de embarcação**
E alguns **sobreviventes**,
Que buscavam a salvação...

Os **destroços** espalhados
Pela forte onda do **mar**
Juntavam-se aos **objetos**,
Fáceis de identificar:
Todo tipo de bagulho
E até domiciliar...

Muita **gente que dormia**
Na hora do atentado
Morrera inconsciente
Nesse **ataque** desalmado.
Atiraram de **surpresa**
No povo despreparado...

A mancha negra na água,
Que de cima se avistava,
Era um **cenário gritante**
Que muito emocionava:
Esse povo todo **morto**
Que ainda no **mar** boiava...

Chiquinho do Além Mar
(2021, p. 88).

Os sítios arqueológicos submersos associados ao período da Segunda Guerra Mundial, particularmente aos eventos dos torpedeamentos ocorridos em agosto de 1942, incluem primordialmente os locais de naufrágios situados entre os litorais de Sergipe e Bahia. Até abril de 2023, essa região, considerada uma zona de fronteira marítima, permanecia inexplorada por expedições em alto-mar que tivessem como objetivo principal realizar pesquisa arqueológica voltada para a localização dos sítios de naufrágios por meio da Arqueologia de Ambientes Aquáticos.

Esses sítios de naufrágios da época bélica abrangem os restos das embarcações Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo, bem como vestígios que foram encontrados ao longo das praias sergipanas, que incluem destroços, mercadorias, objetos pessoais e corpos das vítimas, materialidades estas mencionadas acima nos versos de cordel escritos por Chiquinho do Além Mar (2021).

O sítio arqueológico terrestre relacionado a este período de conflito é o Cemitério dos Náufragos¹⁰⁵, situado à beira-mar na Rodovia Inácio Barbosa (SE-100) (antiga Rodovia Presidente José Sarney), no Bairro Robalo, em Aracaju/SE. Este sítio foi inclusive cadastrado recentemente, em janeiro de 2024, no Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O local foi oficialmente reconhecido como um Bem Arqueológico, classificado como Sítio Histórico do contexto bélico, representando materialmente a tragédia naval.

Outra estrutura fúnebre importante desse contexto é o segundo Cemitério dos Náufragos, localizado na Rodovia dos Náufragos, no Bairro Mosqueiro, também situado em Aracaju/SE. Este segundo cemitério possui reconhecimento estadual como Monumento Histórico, conferido pelo Decreto nº 2.571, de 20 de maio de 1973¹⁰⁶. Além dessas construções cemiteriais, outros elementos materiais vinculados à memória desse período, como o Farol de Aracaju e a Ponte do Imperador, são igualmente reconhecidos como patrimônio e monumento, simbolizando aspectos da história e do impacto do conflito na capital. Tais estruturas reforçam o valor arqueológico e cultural da preservação desses locais como elementos da memória coletiva da guerra.

Ao comparar os estudos desenvolvidos sobre os sítios arqueológicos terrestres e a busca pelos sítios submersos, observa-se que os sítios terrestres têm recebido maior atenção e produção acadêmica ao longo do tempo, sendo abordados por historiadores, arqueólogos, jornalistas, militares e outros pesquisadores. Em contrapartida, nota-se que existe uma lacuna nas investigações sobre os sítios submersos, especialmente no que diz respeito aos naufrágios resultantes dos torpedeamentos de 1942. Nesse contexto, consideramos que os sítios submersos, como Patrimônio Cultural Subaquático, possuem um grande potencial para narrar e documentar a chegada da guerra ao Brasil. Esse potencial é relevante principalmente nos litorais de Sergipe e Bahia, áreas diretamente impactadas pela guerra submarina nazista, onde foram encontrados os vestígios desses trágicos eventos navais (Rosa; Rambelli, 2020).

¹⁰⁵ Cadastro do Cemitério dos Náufragos como um Bem Arqueológico no site do IPHAN. Disponível em: <https://sicg.iphan.gov.br/sicg/bem/visualizar/48859#&panel1-3>. Acesso em: 05 jun. 2024.

¹⁰⁶ Cemitério dos Náufragos Monumental. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/aracaju-cemiterio-dos-naufragos/>. Acesso em: 05 jun. 2024.

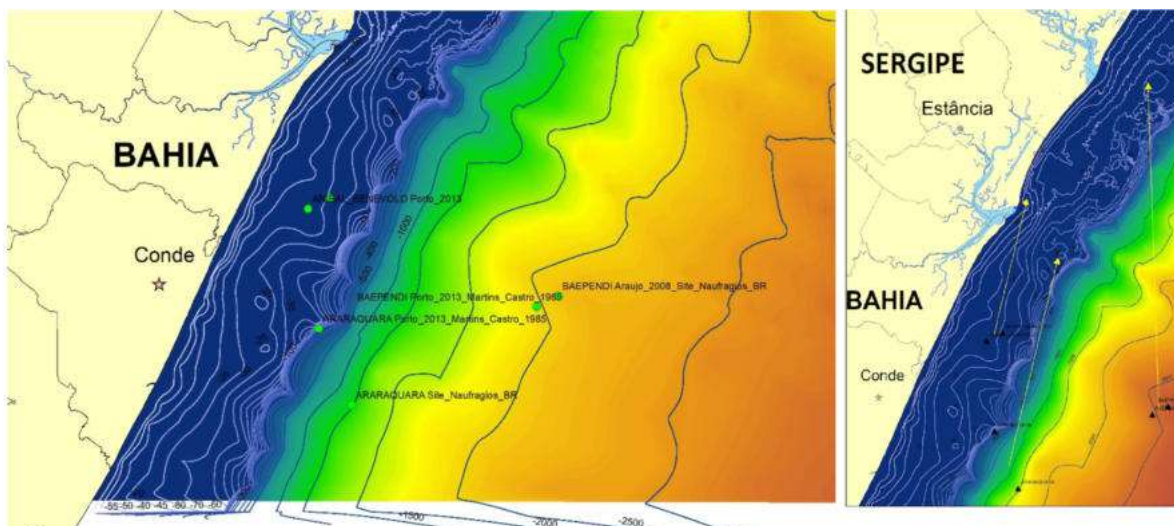
Ao analisar as obras e produções acadêmicas sobre a temática dos torpedeamentos, nos deparamos com várias abordagens, como, por exemplo: os motivos que levaram o governo alemão a permitir os ataques contra os navios brasileiros; os torpedeamentos realizados pelo submarino *U-507*; as experiências traumáticas dos sobreviventes; as manifestações populares a favor da guerra; as transformações ocorridas no cotidiano das populações litorâneas; o medo social diante da guerra; os restos dos navios afundados enquanto Sítios Arqueológicos de Naufrágios; os Cemitérios dos Náufragos como Patrimônio Histórico e Cultural; e os Monumentos dedicados aos civis e militares vítimas da guerra (Rosa, 2015, 2016).

A abrangência dessas investigações confirma que a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial transcende o caráter simbólico, configurando-se como uma atuação concreta que envolveu significativas perdas humanas e materiais. Contudo, apesar dos numerosos estudos realizados, percebe-se que ainda há histórias inexploradas e perspectivas novas a serem adotadas em busca de interpretações diferenciadas sobre o papel e o envolvimento de Sergipe no conflito de maior escala global do século XX.

Neste contexto, o *Projeto Segunda Guerra Submersa* surge como uma iniciativa para produzir novos conhecimentos sobre esse período belicoso. Fundamentado teórico e metodologicamente na presente tese, o projeto propõe revisitar os eventos históricos com um olhar renovado, contribuindo para ampliar o conhecimento sobre esses significativos episódios trágicos navais da história local, nacional e internacional.

As investigações arqueológicas em busca dos restos dos navios torpedeados e afundados em agosto de 1942 pelo submarino *U-507* já se concretizaram através do *Projeto de Pesquisa Arqueológica Subaquática da Segunda Guerra Mundial nos Litorais Sergipano e Baiano*. Este projeto, focado nos sítios de naufrágios do Aníbal Benévolo e Baependí, está sendo realizado pelos membros do Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos da Universidade Federal de Sergipe (LAAA/UFS), com autorização do Centro Nacional de Arqueologia (CNA/IPHAN), sob a coordenação do arqueólogo Dr. Gilson Rambelli (Processo nº: 01450.002808/2023-91).

Aprovado oficialmente pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) através da Portaria Nº 25, de 28 de abril de 2023, o projeto foi divulgado em 2 de maio de 2023. Conhecido também como *Projeto Segunda Guerra Submersa*, ele representa um desdobramento das pesquisas arqueológicas iniciadas pelo LAAA/UFS, a exemplo dos trabalhos de Otávio Porto (2010, 2013), e posteriormente ampliadas pela autora da presente tese, Rosa (2015, 2016), bem como por Rosa e Rambelli (2020).



Mapas 5 e 6 - Municípios de Conde/BA e Estância/SE abrangidos pela pesquisa.
Fonte: Mapas elaborados pelo oceanógrafo Jonas Santos (2023).

O *Mapa 5* destaca a região costeira do município do Conde, na Bahia, onde possivelmente os naufrágios estão localizados. Já o *Mapa 6* apresenta a extensão dos sítios arqueológicos, que se estendem pelas regiões litorâneas de Mangue Seco, na Bahia, até Sergipe, desde a Praia do Saco, em Estância, até as praias de Aracaju. Nesses locais, foram encontrados vestígios da tragédia, como destroços, corpos e sobreviventes, trazidos pelas correntes marinhas.

As consequências imediatas dessas agressões bélicas foram as mortes de centenas de pessoas, incluindo crianças, mulheres e homens. Essa tragédia consternou parte da população local, que presenciou a chegada da guerra em suas praias de maneira brutal. É importante destacar que os restos dos navios Baependi e Aníbal Benévolo podem conter remanescentes humanos, isto é, biofatos. Dessa maneira, após a realização da pesquisa arqueológica subaquática, esses sítios poderão ser classificados, ou não, como "túmulos de guerra" (Neyland, 2011). Caso se confirme a presença de restos humanos, esses naufrágios continuarão a servir como locais de descanso final para as vítimas. Além disso, eles atuarão como "lugares de memória" (Nora, 1993), simbolizando esta tragédia bélica perpetrada pelos nazistas e funcionando como lembrete de um passado bélico que não deve se repetir.

Investigar esse Patrimônio Cultural, composto por diferentes testemunhos únicos e não renováveis de atividades humanas pretéritas representados por uma vasta diversidade de cultura material submersa, é imprescindível. Afinal, este patrimônio está em sério risco de desaparecer gradualmente, tornando-se vítima do esquecimento intencional pela falta de reconhecimento da importância desses sítios arqueológicos subaquáticos para a produção de conhecimento tanto nacional quanto internacional (Rambelli, 2006, 2016).

Neste contexto de “esquecimento”¹⁰⁷ das histórias bélicas, decorrentes das agressões alemãs e da subvalorização do patrimônio cultural arqueológico bélico nas águas brasileiras, justifica-se plenamente a relevância tanto do *Projeto Segunda Guerra Submersa* quanto desta tese de doutorado. Assim, este trabalho acadêmico visa honrar a memória das centenas de vítimas brasileiras, cujas vidas foram abruptamente interrompidas pela chegada da Segunda Guerra Mundial às águas territoriais do Brasil.

Em outras palavras, a justificativa para esse tipo de estudo arqueológico relaciona-se ao significativo potencial da cultura material em gerar conhecimento e se converter em instrumento de informação e aprendizado sobre este período marcante da história local, nacional e internacional. Assim, os resultados da pesquisa podem ajudar a preencher lacunas históricas e servir como meio de informação para a população, que muitas vezes desconhece o verdadeiro envolvimento do país na guerra. Esse conflito teve seus reflexos no Brasil, principalmente através dos litorais sergipano e baiano, que funcionaram como uma espécie de “porta de entrada” para o conflito europeu.

Os estudos arqueológicos sobre os episódios trágico-navais podem desempenhar um papel importante na divulgação e no reconhecimento desse passado histórico recente, que não deve ser esquecido, especialmente em respeito às centenas de civis e militares que perderam suas vidas como vítimas do conflito. Além disso, essas investigações são fundamentais para evidenciar que crimes de guerra, caracterizados como crimes contra a humanidade, ocorreram na costa brasileira, em particular na região Nordeste, provocando impactos que influenciaram consideravelmente as dinâmicas sociais das comunidades locais na década de 1940. Nesse sentido, entende-se que os torpedeamentos promovidos pelo governo nazista tinham como objetivo desestabilizar a ordem estabelecida por meio da implantação do terror e da disseminação de uma cultura de medo.

Diante disso, destaca-se a relevância do trabalho dos(as) arqueólogos(as) como agentes sociais que buscam aproximar as pessoas do patrimônio arqueológico, promovendo sua ressignificação e contribuindo para a construção de memórias coletivas. Afinal, a Arqueologia, como campo de estudo, deve ser pública e acessível, com o propósito de envolver a sociedade no reconhecimento e na preservação de sua história (Rambelli, 2016; Rosa; Rambelli, 2020).

¹⁰⁷ Refiro-me ao público em geral, com exceção dos pesquisadores e de suas produções acadêmicas, que vêm sendo desenvolvidas ao longo dos últimos 25 anos nas universidades federais, como as de Sergipe e da Bahia, por historiadores e arqueólogos, além de livros e artigos publicados por jornalistas, militares e outros estudiosos do tema.

5.1. Primeiras atividades de campo: entrevistas e documentação audiovisual com a comunidade do Conde/BA

A primeira pesquisa de campo realizada pela equipe do *Projeto Segunda Guerra Submersa* ocorreu no dia 02 de abril de 2023, com a finalidade de fazer entrevistas e documentação audiovisual com parte dos moradores da cidade do Conde/BA, mais especificamente com os(as) associados(as) da Colônia de Pescadores Z-31, situada no Sítio do Conde. O objetivo da pesquisa de campo foi colher depoimentos dos pescadores artesanais e das marisqueiras sobre a época da Segunda Guerra Mundial, quando ocorreram os naufrágios do Baependí, Araraquara e Aníbal Benévolo. Seguem abaixo as *Figuras 81 e 82* da paisagem praiana atual onde possivelmente chegaram destroços e sobreviventes dos torpedeamentos.



Figuras 81 e 82 - Paisagens praianas da cidade do Conde/BA. Fonte: Equipe do Projeto (2023).

A reunião foi realizada com membros da comunidade local, composta por pescadores e marisqueiras, sob a liderança de Givaldo Santos, presidente da Colônia de Pescadores Z-31. Durante o encontro, foi apresentada a equipe de pesquisa, formada pela autora desta tese, pelo oceanógrafo Jonas Santos e pelo navegador Alexandre Maia, todos sob a coordenação do arqueólogo Dr. Gilson Rambelli.

No decorrer da reunião foi discutido um dos objetivos do projeto que consiste em localizar os restos das embarcações mercantes brasileiras afundadas pelo submarino alemão *U-507*. Os pesquisadores destacaram que a participação e integração da comunidade são imprescindíveis não apenas para o sucesso das pesquisas, mas também para a divulgação e proteção desses sítios de naufrágios bélicos, os quais são reconhecidos como Patrimônio Cultural Subaquático Brasileiro (Rambelli, 2016).



**Figura 83 - Pesquisa de campo realizada na Colônia de Pescadores da cidade do Conde/BA.
Fonte: Equipe do Projeto (2023).**

A reunião contou com a presença de aproximadamente trinta pessoas, entre pescadores e marisqueiras, conforme mostrado na *Figura 83*. Dentre os relatos apresentados, destacaram-se os de Ancelmo Luiz Santos Pimenta, pescador de alto-mar; Josevaldo Alcântara dos Reis, um dos pescadores mais experientes da região; Givaldo Santos, Presidente da Colônia; e das marisqueiras Jamili Nemes Santos, Erica Silva dos Santos e Maria Josefa dos Santos Silva. Ademais, foram realizadas novas entrevistas com outros pescadores que não puderam comparecer ao encontro. Para isso, a equipe deslocou-se até regiões vizinhas, como Poças e Siribinha, em busca de mais depoimentos. Entre os entrevistados estavam Benival Moraes do Santos, Nelson Amaro de Araujo e Everaldino Fernandes dos Santos, este último sendo um dos pescadores mais antigos da região e que presenciou a chegada de alguns sobreviventes.

Na *Figura 84*, destaca-se o pescador Nelson Amaro de Araujo, posicionado ao centro da imagem. Na *Figura 85*, observa-se Benival Moraes dos Santos ao lado de sua filha, Erica Silva dos Santos, que é marisqueira na Colônia de Pescadores. Na *Figura 86*, aparecem o Presidente da Colônia, Givaldo Santos, à esquerda, e sua esposa, Maria Josefa dos Santos Silva, também marisqueira, à direita. Ao centro, está um dos pescadores mais antigos da região, o Sr. Everaldino Fernandes dos Santos, de 90 anos, que presenciou a chegada de alguns náufragos do Baependí. Ele também compartilhou relatos sobre sua amizade com o marinheiro Eustáquio Dias dos Santos, um dos tripulantes salvos da tragédia do Baependí.

Everaldino disse que ouviu diversas vezes a história do ataque e do consequente naufrágio, incluindo descrições da luta pela sobrevivência vivida por seu amigo em alto-mar.



**Figuras 84 a 86 - Pesquisa audiovisual realizada no Município do Conde/BA.
Fonte: Equipe do Projeto (2023).**

Em 21 de janeiro de 2024, retornamos ao Sítio do Conde/BA para conduzir entrevistas específicas com dois pescadores ainda em atividade (ver *Figura 87*), Ancelmo e Domingos de Oliveira, sendo este último acompanhado por sua esposa, conhecida como Izenildes Maria

Oliveira, que também atua como marisqueira. Eles forneceram informações detalhadas sobre suas vivências marítimas. A finalidade da entrevista oral foi identificar locais na região litorânea onde as redes de pesca frequentemente se enroscam, bem como investigar a existência de relatos sobre um mergulhador que teria encontrado um naufrágio nas proximidades do Conde/BA há alguns anos.



Figura 87 - Pesquisa oral realizada com os pescadores Givaldo, Domingos, Ancelmo e a marisqueira Izenildes. Fonte: Equipe do Projeto (2024).



Figuras 88 e 89 - Registros fotográficos do barco e do interior da Colônia de Pescadores Z-31, situada no Sítio do Conde. Fonte: Equipe do Projeto (2024).

Com base nas informações obtidas na Colônia de Pescadores, entramos em contato com o pescador conhecido como Nego de Subaúma, que, na época, acompanhou o mergulhador¹⁰⁸. A entrevista foi realizada por telefone, durante a qual ele relatou o achado de uma embarcação ocorrido há aproximadamente 17 ou 18 anos. Segundo Nego, o mergulhador encontrou o naufrágio de um saveiro, ou seja, um pequeno barco de madeira sem convés. Ele destacou que todas as informações sobre o saveiro foram fornecidas pelo mergulhador, pois ele próprio não realiza mergulhos, atuando apenas como guia até o local do suposto naufrágio. Nego informou ainda que, naquela época, por não possuírem GPS, utilizaram uma boia com uma âncora para marcar o ponto. Revelou que, ao retornarem na semana seguinte, encontraram peixes guaraçaí no local, o que os levou a manter o ponto marcado. No entanto, na semana seguinte, os pescadores não localizaram mais os peixes, optando por não retornar ao local. Após esse episódio, Nego afirmou que não encontrou mais o mergulhador na região.

No âmbito da pesquisa, além da valorização da oralidade nas comunidades locais de pescadores artesanais e marisqueiras, buscou-se estabelecer uma delimitação histórica mais precisa dos eventos relacionados aos torpedeamentos, com o objetivo de identificar as áreas potenciais dos naufrágios. Essas áreas, posteriormente, seriam analisadas por meio de tecnologias geofísicas. Adicionalmente, procurou-se antecipar possíveis processos de formação dos contextos arqueológicos associados a esses naufrágios, fornecendo, assim, bases teóricas para orientar as etapas subsequentes de investigação de Arqueologia Subaquática.

5.2. Informações técnicas do navio Baependí

Neste subtópico, apresentarei dados técnicos referentes ao primeiro navio rastreado e torpedeado pelo capitão de corveta Harro Schacht, comandante do *U-507*. Conforme registros do Ministério da Marinha Brasileira (1985), o vapor Baependí foi avistado ao final da tarde de 15 de agosto, em uma região com profundidade média de 38 metros. Este navio mercante, de aproximadamente 5 mil toneladas, estava iluminado e navegava na direção de 35° a uma velocidade de 9 nós. O submarino alemão emergiu e, após posicionar-se para o ataque, lançou

¹⁰⁸ O nome do mergulhador não pôde ser identificado, pois o pescador Nego de Subaúma não conseguiu se lembrar dele. A entrevista oral foi realizada com Nego por meio de uma ligação telefônica no dia 30 de janeiro de 2024.

um torpedo às 19h12min, a uma distância de 20 milhas do rio Real, nas coordenadas de latitude 11° 51' S e longitude 37° 02' W (Gama; Martins, 1985, p. 347).

A rota do Baependí partia da cidade do Rio de Janeiro e incluía escalas em Salvador/BA, Recife/PE, Natal/RN, Fortaleza/CE e Belém/PA, com destino final em Manaus/AM. Durante a viagem rumo ao norte-nordeste, próximo à costa de Sergipe, ele foi avistado e perseguido pelo *U-507*, que navegava em direção oposta, rumo ao sudoeste. O ataque aconteceu quando o navio se encontrava a uma distância de 11 a 20 milhas do rio Real, mantendo uma velocidade de 9 nós, o que equivale a 16,6 km/h, em uma região cuja profundidade era de cerca de 40 metros. A posição no momento do ataque era latitude 11° 50' S e longitude 37° 00' W (Agressão, 1943; Sander, 2007; Araújo, 2008). Ao analisar as informações dessas diferentes fontes bibliográficas, nota-se que os dados sobre profundidade, distância em relação à costa e localizações são aproximados e se coadunam.

Durante a viagem, o vapor Baependí teria seguido as instruções de segurança emitidas pelo Estado-Maior da Armada e reforçadas pela direção da Companhia do Lloyd Brasileiro, que orientavam as embarcações a não se afastarem da costa. Cientes dos perigos em alto-mar, após o rompimento das relações diplomáticas com o Eixo em janeiro de 1942, as autoridades determinaram que as viagens fossem mantidas a menos de dez milhas náuticas da costa, com as luzes dos salões e dos camarotes apagadas, exceto as luzes de navegação, para evitar acidentes (Agressão, 1943). Contudo, na noite do ataque, as luzes dos salões estavam acesas. Durante o jantar, ocorria a comemoração do aniversário do Imediato Antônio Diogo de Queiroz, inclusive com a apresentação da pequena orquestra de música do navio.

Ao avistar o vapor no horizonte, o comandante do submarino relatou que o navio acendeu suas luzes de navegação. Todavia, registrou em seu diário de bordo que a embarcação não demonstrava sinais de neutralidade. Segundo a ordem da Marinha de Guerra Alemã, “[...] os navios iluminados parcialmente, mas sem indicação de neutralidade, [...] eram considerados não neutros” (Monteiro, 2013, p. 70). Além disso, estava autorizado o uso de armas, sem aviso prévio, contra embarcações que percorriam regiões consideradas fora da área de bloqueio. Entretanto, o Baependí navegava na região costeira entre Sergipe e Bahia e, ainda assim, foi posto a pique.

Momentos antes do ataque realizado pelo *U-507*, o capitão Harro Schacht identificou outro sinal de luz no horizonte e presumiu a presença de mais um navio, acelerando a necessidade de concluir rapidamente o ataque ao primeiro vapor, o Baependí. A tripulação preparou dois torpedos equipados com ogivas explosivas potentes, capazes de romper a

blindagem de um encouraçado, e lançou-os a uma distância de 1.500 metros do alvo às 18h53min, emitindo o som característico do ar comprimido sendo expelido (Pereira, 2015).

Contudo, devido à pressa em atacar o segundo vapor, a salva de torpedos foi disparada prematuramente e a velocidade do Baependi foi mal estimada, resultando em dois torpedos desperdiçados. Schacht atribuiu o erro à percepção equivocada de que o navio estivesse parado, quando, na realidade, continuava em movimento. Reconhecendo o erro, Schacht realinhou o submarino e, melhor avaliando a velocidade do alvo em 7 nós, reduziu a distância para mil metros. Às 19h12min, dois torpedos foram novamente lançados em curto intervalo, com o objetivo de impedir qualquer tentativa de transmissão de rádio pelo vapor, evitando, assim, que a presença do *U-507* fosse denunciada na região (Pereira, 2015).

O impacto do primeiro projétil no Baependi foi tão intenso que causou o estilhaçamento de vidros e madeiras, e as máquinas pararam de funcionar. Um forte estrondo foi seguido pela rápida invasão das águas na embarcação. Tripulantes e passageiros enfrentaram dificuldades para soltar os barcos salva-vidas, pois a recente pintura fez com que os nós ficassem praticamente colados ao navio, dificultando seu desprendimento. O pânico e o desespero predominaram, atrapalhando o trabalho de salvamento por parte da tripulação (Monteiro, 2013; Maynard, 2019; Rosa; Rambelli, 2020).

Os submarinistas não se contentaram em disparar apenas um torpedo contra a embarcação. Prepararam e lançaram um segundo que atingiu os tanques de combustível, provocando uma grande explosão. Neste momento, as luzes do navio se apagaram e a estação de transmissão de rádio cessou suas operações, impedindo qualquer pedido de socorro. A respeito do corte de eletricidade na hora dos ataques, Pereira (2015) descreveu o relato do passageiro Lauro Moutinho dos Reis, Capitão do Exército que seguia a bordo:

A violência do impacto inutiliza o gerador de energia, cortando o fornecimento de eletricidade. “As luzes se apagam; esbarramos uns nos outros, desorientados, no meio de profunda escuridão”, conta Lauro Moutinho, que no momento desse ataque está no vestíbulo, de onde partem as escadas para o deck superior e para os camarotes de baixo. Sem o apoio do corrimão, Lauro rola pela escada abaixo, aos trambolhões, até a porta do refeitório de onde saíra. Não houve mais do que 30 segundos de intervalo entre os dois ataques. Como num pesadelo, a quietude da viagem noturna dá lugar ao horror, provocando as mais variadas reações dos passageiros, que vão do estupor letárgico ao pânico. Ouvem-se gritos pedindo socorro em meio à grande confusão (Pereira, 2015, p. 159).

Rapidamente, a fumaça começou a encobrir aquela cena de horror. O Baependí inclinou-se para boreste, direção de onde vieram os torpedos, e afundou completamente em dois minutos, levando consigo a maioria das pessoas e das baleeiras (Monteiro, 2013). Segundo os relatos dos sobreviventes, “[...] o comandante do navio, o Capitão de Longo Curso João Soares da Silva, morreu no passadiço enquanto acionava o apito do navio” (Porto, 2013, p. 37). O comandante do *U-507* registrou o afundamento do Baependí em seu diário de bordo, conforme relatado por Pereira (2015).

Schacht acompanha de perto o estertor do navio brasileiro. Quando registra o naufrágio, decorridos quatro minutos do impacto do primeiro torpedo, ressalta que não fora transmitido o pedido de socorro. O alemão sabe que atacara um navio de passageiros, mas não faz qualquer menção de prestar socorro aos sobreviventes (Pereira, 2015, p. 161).

O trágico saldo deste primeiro naufrágio foi de 270 mortos (Serafim; Bittencourt, 2006). As primeiras vítimas dos nazistas em águas territoriais brasileiras foram militares e civis, incluindo mulheres e crianças. Apenas 36 pessoas sobreviveram. “Somente uma baleeira com 28 sobreviventes atingiu a costa no dia seguinte, no local conhecido por Moita Verde, ao sul do rio Real. Oito outros náufragos, quase mortos, agarrados a destroços de madeira, chegaram à terra no dia 17” (Gama; Martins, 1985, p. 347). De acordo com Porto (2013, p. 37), “a tragédia do Baependí foi a maior de todas entre os navios brasileiros mercantes durante o período da Segunda Guerra Mundial”.

5.3. Informações técnicas do navio Aníbal Benévolo

O segundo navio a ser torpedeado foi o Araraquara, contudo, devido à profundidade estimada em que se encontra, ele não foi incluído no escopo de pesquisa do *Projeto Segunda Guerra Submersa*, portanto, seu histórico não será detalhado aqui. Por outro lado, o Aníbal Benévolo, terceiro navio atacado e afundado entre as costas de Sergipe e da Bahia em 1942, é central para este estudo, principalmente porque ele era conhecido simbolicamente como um navio sergipano.

Em 16 de agosto, uma hora após a partida do Araraquara, o Aníbal Benévolo zarpou de Salvador/BA com destino a Aracaju/SE. Navegando a aproximadamente 7 milhas (cerca de 13 km) da costa aracajuana, com as luzes dos salões e camarotes apagadas, diferente do caso

do Baependí, o “Benévolo” seguia apenas com os faróis de navegação acesos, mesmo assim foi surpreendido pelo ataque do submarino *U-507* (Porto, 2013). Era madrugada, às 4h13min no horário local, quando o comandante alemão Harro Schacht registrava 9h13min em seu diário de bordo, devido ao fuso horário entre Brasil e Alemanha (Monteiro, 2013).

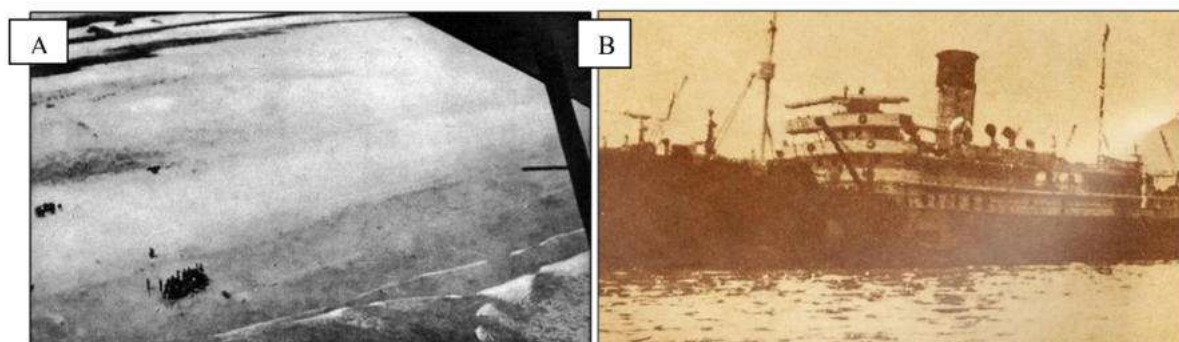
A maioria dos passageiros e tripulantes dormiam, exceto os que estavam de plantão. Tragicamente, dos 71 tripulantes, apenas 4 sobreviveram, e todos os 83 passageiros morreram. É relevante notar que o navio transportava diversos sergipanos, mas nenhum deles sobreviveu (Agressão, 1943). Os tripulantes que conseguiram sobreviver alcançaram a costa, na praia de Mangue Seco/BA, próxima ao rio Real, agarrados aos destroços do naufrágio (Sander, 2007). Esses episódios trágicos destacam a brutalidade e o impacto da guerra no contexto marítimo brasileiro, marcando um legado doloroso de vidas perdidas e histórias interrompidas.

Ao analisar as características e os detalhes técnicos do navio Aníbal Benévolo, anteriormente conhecido como Comandante Alvim, constata-se que a embarcação foi construída em 1905 no estaleiro alemão *Reiherstieg Schiffswerf & Maschfbk*. O navio possuía um casco de aço, com 86 metros de comprimento, boca de 11,5 metros, calado variável entre 8 pés (mínimo) e 14 pés (máximo), e pontal de 6,62 metros. Atingia uma velocidade de 8 milhas por hora em regime econômico e 10 milhas por hora na máxima. Em termos de capacidade podia acomodar 93 passageiros na primeira classe e mais 61 na terceira classe, incluindo camarotes (Agressão, 1943).

Os relatos dos poucos sobreviventes descrevem a experiência de ser uma vítima de guerra como profundamente traumatizante. Eles presenciaram a morte de perto e foram considerados testemunhas vivas do modo “covarde” e “cruel” com que a guerra atingiu o Brasil (Correio de Aracaju, 1942; Folha da Manhã, 1942). O ataque ao navio ocorreu de surpresa, enquanto a maioria ainda dormia em seus camarotes. Muitos passageiros e tripulantes não tiveram chance de lutar por suas vidas, sendo tragados para o fundo do Atlântico Sul em questão de minutos. Os poucos que conseguiram escapar, nadaram exaustivamente em busca de algo para se apoiar, agarrando-se aos destroços na esperança de sobreviver (Agressão, 1943; Cruz, 2012; Porto, 2013; Monteiro, 2013; Correio de Aracaju, 1942).

5.4. Primeira expedição geofísica e arqueológica do *Projeto Segunda Guerra Submersa* ocorrida em 2023

Baseando-se nas informações históricas sobre os eventos dos torpedeamentos e nos esforços das pesquisas arqueológicas que já discutiram o tema, delimitando as possíveis áreas dos naufrágios, foi idealizada uma primeira expedição de levantamento arqueológico subaquático. Com o apoio do Ministério Público Federal e da Construtora Cunha, dentro do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), iniciaram-se as buscas pelos restos dos navios Aníbal Benévolo e Baependi, utilizando o Sonar de Varredura Lateral (SSS), cujas informações foram monitoradas pela equipe de oceanógrafos coordenada por Jonas Ricardo dos Santos¹⁰⁹, com a participação de Luiz Henrique Sielski de Oliveira¹¹⁰, Ricardo Piazza Meireles¹¹¹ e do navegador sergipano e estudioso do tema, Alexandre Maia Caldeira¹¹².



Figuras 90 e 91 - A) Naufragos do navio Baependi chegando à praia em baleeira. B) Fotografia do navio Aníbal Benévolo. Fonte: Agressão (1943).

O objetivo do levantamento de dados de sonografia foi investigar a localização dos restos desses dois navios, bem como mapear parte da plataforma continental próxima à cidade do Conde, na Bahia, região de fronteira com Sergipe, onde os navios foram torpedeados. Durante a expedição foi utilizado o método de iluminação hidro-acústica com o sonar de

¹⁰⁹ Jonas Santos é oceanógrafo, mestre em Geodinâmica e Geofísica (2010) e doutor em Desenvolvimento e Meio Ambiente (2019) pela Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3244029007640708>. Acesso em: 20 mar. 2024.

¹¹⁰ Luiz Oliveira é oceanógrafo, mestre em Sistemas Costeiros e Oceânicos (2009), doutor em Geologia (2015) e pós-doutor (2018) pela Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3357504388028756>. Acesso em: 20 mar. 2024.

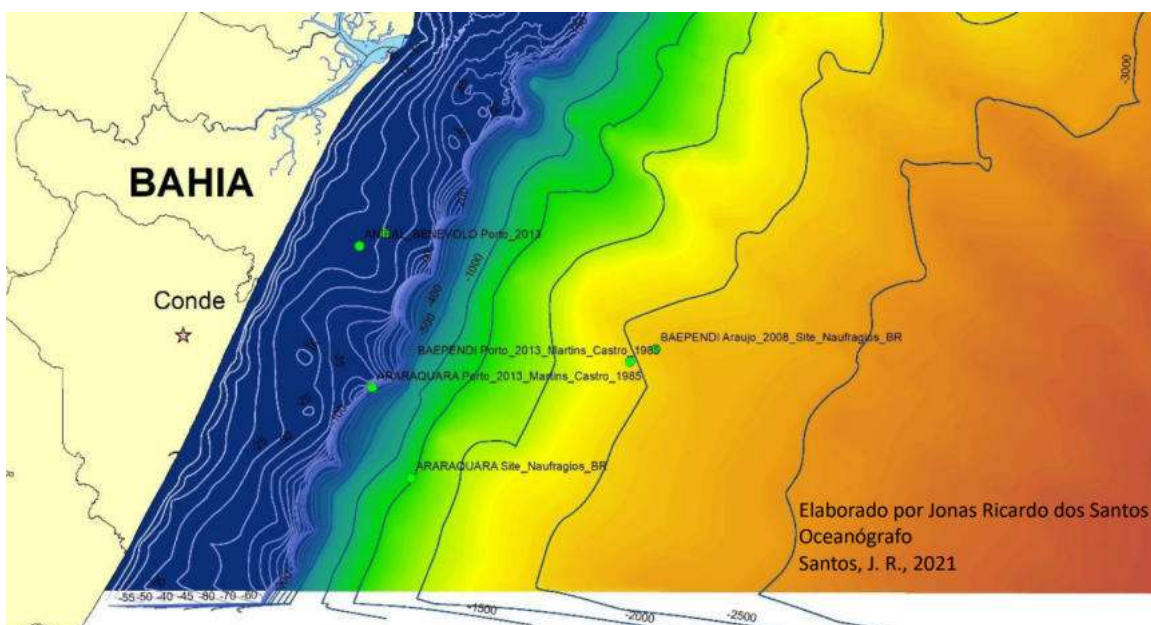
¹¹¹ Ricardo Meireles é oceanógrafo, mestre em Geologia (2005), doutor em Ciências do Mar (2013) e pós-doutor (2017) pela Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9317836039988664>. Acesso em: 20 mar. 2024.

¹¹² Alexandre Caldeira é bacharel em Direito pela Universidade Tiradentes (2007). É também mergulhador certificado PADI no nível avançado e está em processo de certificação pela NAUI nos níveis de Advanced Diver, Rescue Diver e Mergulho Científico. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4648962518401378>. Acesso em: 20 mar. 2024.

varredura lateral com a finalidade de realizar o imageamento do fundo marinho, visando identificar objetos/alvos.¹¹³

Com base nas informações históricas, foi definida a coordenada de 11°41',78 S / -21° 41'90 W, como local prioritário para o início dos levantamentos. A área do leito marinho na região do Conde/BA, com profundidades entre -20m e -35m, foi caracterizada por sedimentos homogêneos, como areias finas a médias e lamas compactas. Essas características sedimentares também são observadas ao longo da linha costeira, entre os rios Itapicuru e Real, abrangendo a região de Mangue Seco, na Bahia, local onde chegaram vários sobreviventes da tragédia naval bélica (Santos; Oliveira; Meireles, 2023).

Segue abaixo o *Mapa 7* que ilustra as possíveis localizações das embarcações, demonstrando que todas estariam localizadas no extremo norte do estado da Bahia, em frente ao município do Conde.

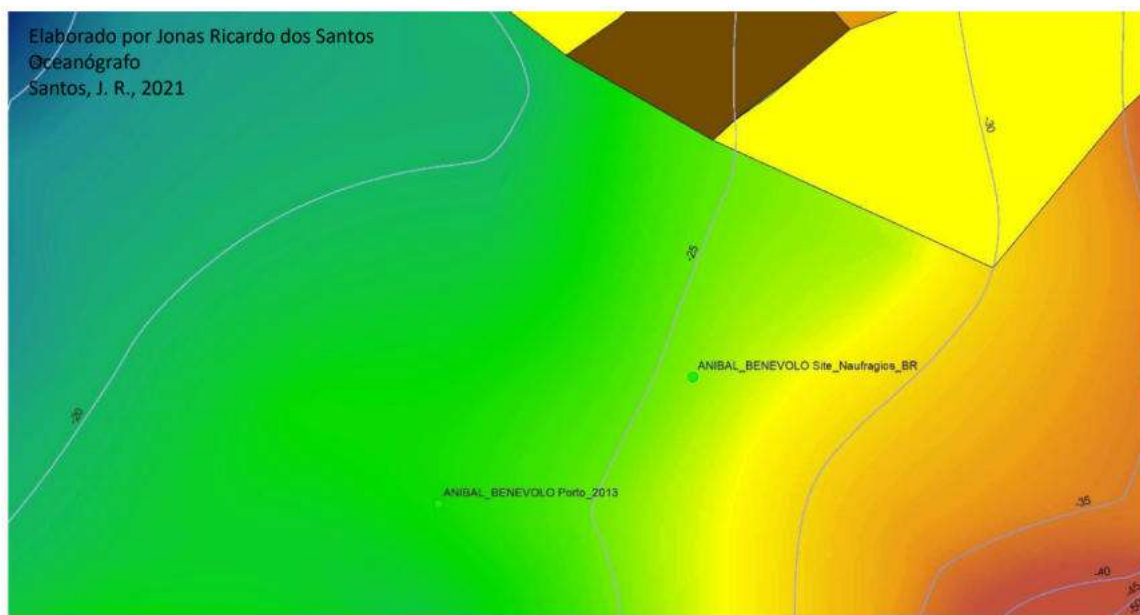


Mapa 7 - Localização geral das três embarcações afundadas em 1942. Fonte: Jonas Santos (2021).

De acordo com as coordenadas apresentadas pelas fontes bibliográficas, o vapor Aníbal Benévolo estaria possivelmente localizado em uma região próxima à costa, com profundidades estimadas entre 23 e 25,8 metros. As supostas localizações do naufrágio estariam separadas por uma distância de aproximadamente 4 km e situadas entre 10 e 13 km do litoral. Com base nessa hipótese, os vestígios da embarcação estariam posicionados em

¹¹³ Informações disponíveis no Relatório Técnico da equipe de oceanografia, intitulado *Expedição de levantamento de dados de sonografia para localização dos destroços dos naufrágios entre o litoral Sul de Sergipe e Norte da Bahia*, elaborado por Jonas Santos, Luiz Oliveira e Ricardo Meireles (2023).

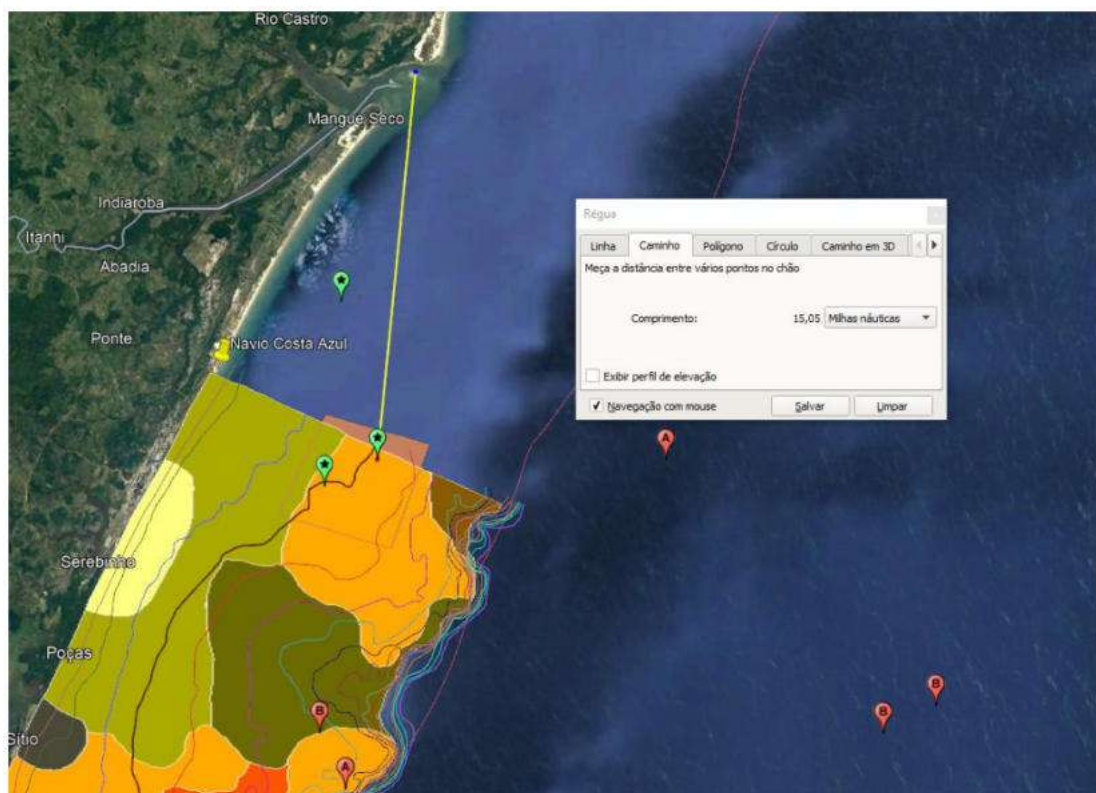
uma área da plataforma continental, ambiente favorável à identificação de estruturas submersas, dada sua relativa proximidade da superfície. O fundo marinho dessa região é descrito pelo oceanógrafo Jonas Santos (2023) como sendo predominantemente composto por sedimentos siliciclásticos e carbonáticos, características que favorecem a preservação e a identificação de restos navais em contextos subaquáticos.



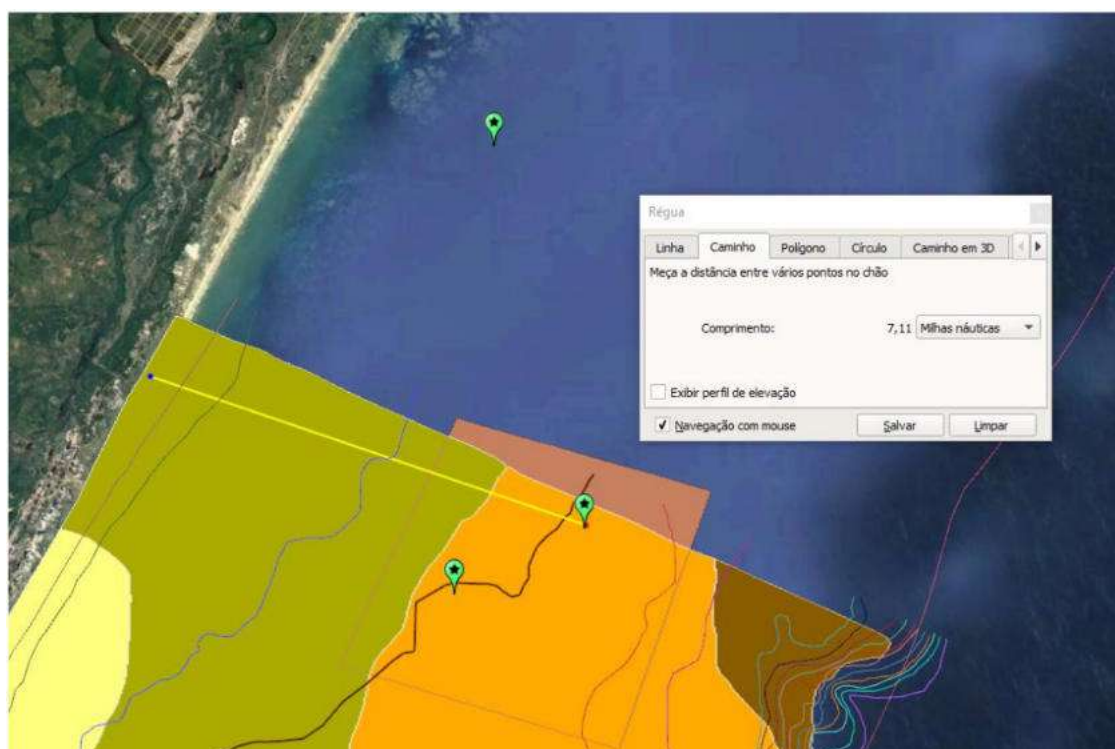
Mapa 8 - Possíveis localizações do Aníbal Benévolo. Fonte: Jonas Santos (2021).

As análises realizadas pela equipe de oceanógrafos, composta por Santos, Oliveira e Meireles (2023, p. 6), a partir dos dados disponíveis nas fontes históricas, permitiram chegar à seguinte conclusão:

O **Baependí** navegou por 12 horas a uma velocidade de 7 nós, então navegou 84 Milhas Náuticas até o local de abate pelo submarino. O **Aníbal Benévolo** navegou por 16 horas a uma velocidade de 6 nós, então navegou 96 Milhas Náuticas até o local de abate pelo submarino. Desta forma, o Aníbal Benévolo navegou 12 MN a mais que o Baependí, considerando que, na época dos naufrágios, o Farol do Rio Piauí-Real não se localizava na região de Mangue Seco e sim praticamente onde hoje é o atual canal da foz do Rio Piauí-Real. Diante disso, coincide às 15MN de distância do Farol do Rio Piauí-Real até o ponto do Aníbal Benévolo. O Comandante do Aníbal Benévolo - AB relatou estar à 15MN ao Sul do Farol do Rio Real, e a uma distância de 7 MN da margem.



Mapa 9 - Distância de 15 milhas náuticas do Farol do Rio Piauí-Real até o ponto do Aníbal Benévolo. Fonte: Jonas Santos (2023).



Mapa 10 - Localização do Aníbal Benévolo a uma distância de 7 milhas náuticas da costa. Fonte: Jonas Santos (2023).

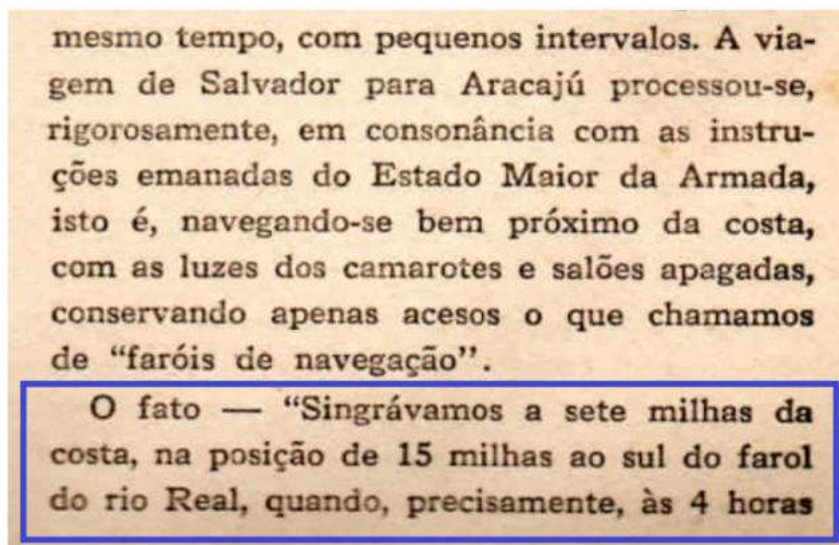
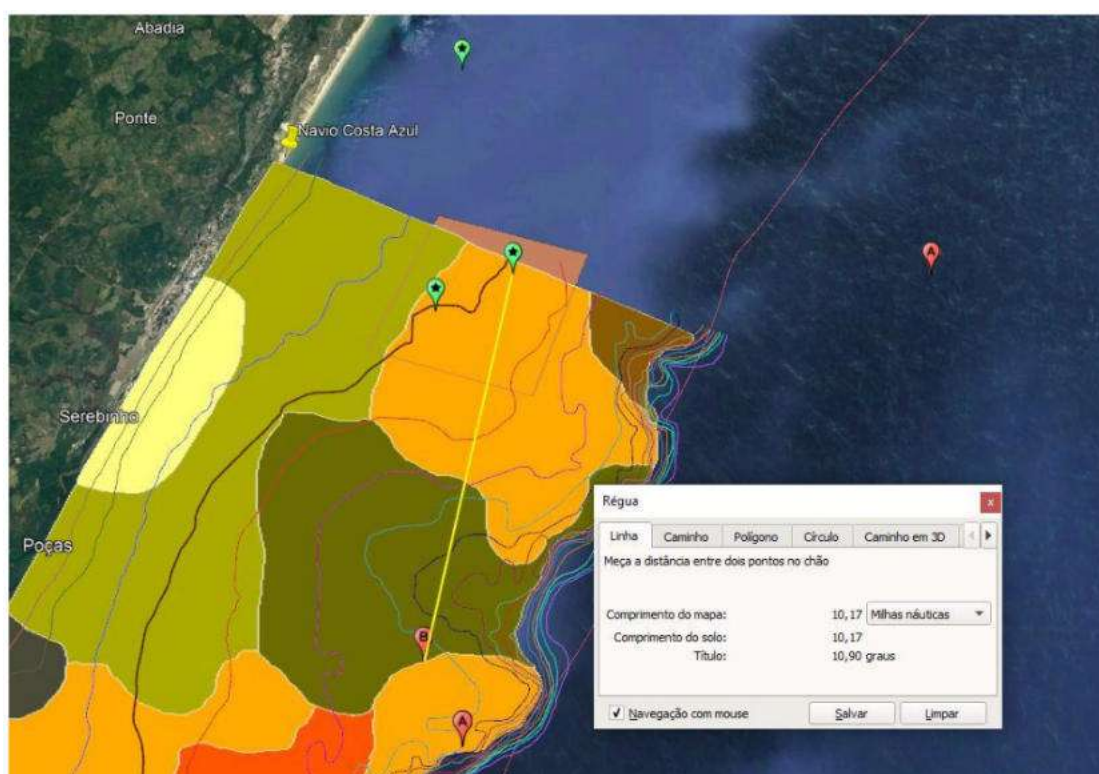


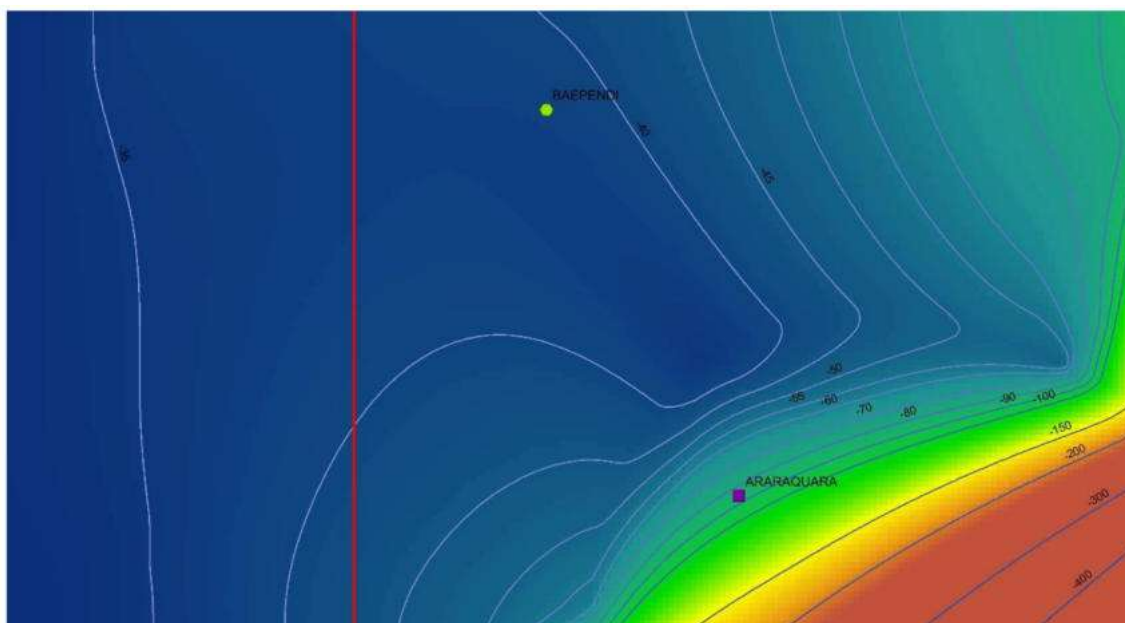
Figura 92 - Trecho do depoimento do comandante Henrique Jacques Mascarenhas Silveira relatando a posição do "Benévolo". Fonte: Agressão (1943, p. 92).

É importante ressaltar que as informações históricas de 1942 (Ver *Figura 92*) representam estimativas realizadas durante a navegação pelo comandante do Aníbal Benévolo, Henrique Jacques Mascarenhas da Silveira. Transformar esses dados em um achado arqueológico é uma tarefa mais complexa, exigindo um grande esforço investigativo no meio subaquático.



Mapa 11 - Distância de 10 milhas náuticas do ponto do Aníbal Benévolo até o Baependi. Fonte: Jonas Santos (2023).

A profundidade do ponto de localização do Baependí, onde ele possivelmente se encontra, coincide com a informação de 38 metros descrita por Harro Schacht, capitão do submarino *U-507*, como mostra o *Mapa 12*.



Mapa 12 - Ponto de localização do Baependí na região da cota dos 38 metros de profundidade.
Fonte: Jonas Santos (2023).



Mapa 13 - Textura do sedimento nos pontos de localização do Baependí e Araraquara.
Fonte: Jonas Santos (2023).

Conforme o estudo oceanográfico realizado por Jonas Santos (2023), a análise textural dos sedimentos na região correspondente ao naufrágio do Baependí, em profundidades

próximas a 40 metros, indica a predominância de uma composição mista, caracterizada por areia, lama e cascalho, como mostra o *Mapa 13*. Em contrapartida, na área onde se supõe estar localizado o naufrágio do Araraquara, em uma profundidade estimada de 90 metros (Ver *Mapa 12*), os sedimentos apresentam uma textura predominantemente composta por cascalho arenoso (Ver *Mapa 13*).

Com base nas análises dos mapas elaborados a partir de fontes históricas, Jonas Santos (2023) afirmou que, embora não tenha sido possível determinar com exatidão as localizações dos naufrágios, foi identificada uma direção aproximada para as possíveis áreas de localização. Essa delimitação permitiu direcionar os trabalhos de campo para dois pontos específicos. Além disso, planejou-se ampliar as investigações para áreas adjacentes, visando eliminar eventuais incertezas remanescentes. O objetivo do estudo consistiu em realizar o imageamento do fundo marinho utilizando o Sonar de Varredura Lateral, cujo princípio é a hidroacústica de alta frequência (kHz), que possibilitou a obtenção de imagens do leito marinho em profundidades entre as isóbatas de 10 a 50 metros, com capacidade de identificar objetos e alvos submersos.



Figura 93 - Sistema de aquisição StarFish Side Scan Sonar utilizado durante o levantamento.
Fonte: Santos, Oliveira e Meireles (2023).

Para o levantamento hidroacústico foi utilizado o sistema Tritech StarFish 450F Side Scan Sonar (SSS). Este é um sistema de sonar de varredura lateral que permite definição de

imagem e detecção de alvos, ideal para portos e ancoradouros. Suas principais características são: 1) Pulsos acústicos de 1 MHz com largura de feixe de 0,3 graus produzem imagens definidas e claras; 2) O sistema 'Plug and Play' conecta-se a qualquer PC ou laptop baseado em Windows através de uma conexão USB; 3) Towed Frequency: Chirp pulse compression, 430kHz to 470kHz nominal, Range: Up to 100m (330ft) per channel, Beam: 1.7° horiz 60° vert., Cable: 20m (65ft) or 50m (164ft) (Ver *Figura 93*) (Santos; Oliveira; Meireles, 2023).



Figuras 94 e 95 - Embarcação utilizada para as atividades de Survey (aquisição dos dados geofísicos).
Fonte: Santos, Oliveira e Meireles (2023).

Uma grande dificuldade encontrada nessa primeira expedição, e que ainda perdura no presente contexto de investigação, é a montagem de uma logística apropriada para chegar às áreas de interesse. Frequentemente tem sido necessário utilizar embarcações que precisam acessar as barras dos rios sergipanos, o que torna a atividade cansativa e arriscada. O ideal seria ter embarcações específicas para esse tipo de investigação, que permitam o pernoite nas áreas de pesquisa, proporcionando maior autonomia para a cobertura e investigação das áreas potenciais. Entretanto, não foi possível encontrar embarcações com essas características acessíveis no Estado de Sergipe ou na região circunvizinha da Bahia. Para as atividades de campo, foi utilizada a embarcação Rumo Certo, pertencente à frota de Aracaju/SE, que possui capacidade e licença para operar em águas abertas, conforme regulamentação da Capitania dos Portos de Sergipe (ver *Figuras 94 e 95*).

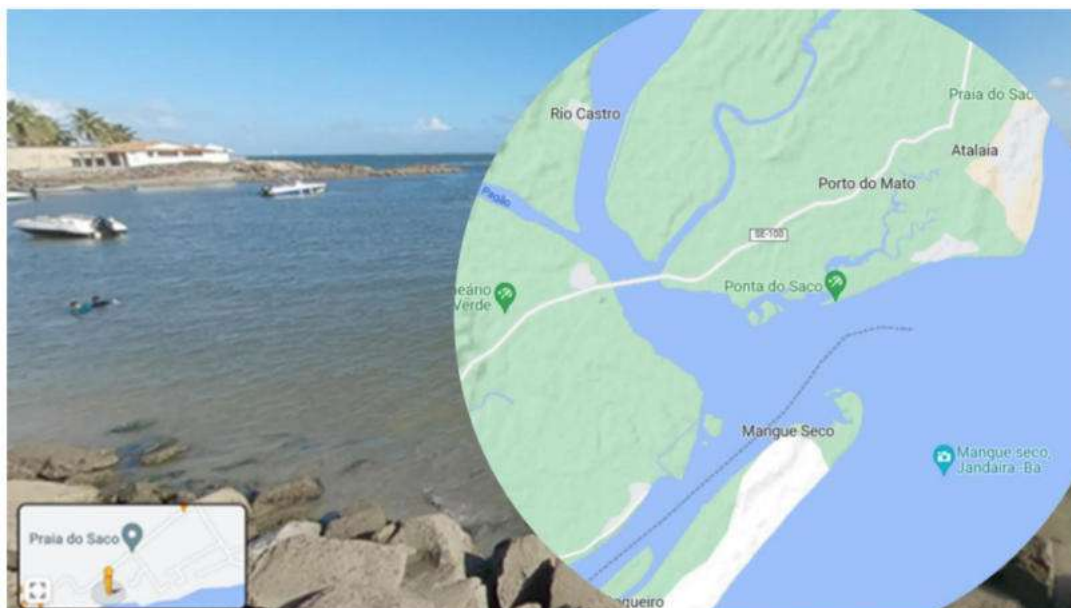


Figura 96 - Local de fundeio e pernoite na Praia do Saco, município de Estância/SE.
Fonte: Santos, Oliveira e Meireles (2023).

A logística empregada foi a seguinte: 1) (19/04/2023) Saída do Porto de Aracaju - SE, em direção à Barra da Estância - SE, município de Estância (local de fundeio e pernoite — Ver *Figura 96*); 2) (20/04/2023) Saída da Barra de Estância até o 1º alvo (coordenadas do navio Aníbal Benévolo), retorno à Barra para pernoite em terra; 3) (21/04/2023) Saída da Barra rumo à posição do navio Mercante Baependí, retorno para pernoite em terra; 4) (22/04/2023) Saída da Barra rumo às posições dos navios mercantes Baependí e Araraquara, retorno para pernoite em terra; 5) (23/04/2023) Saída da Barra rumo à posição do navio mercante Baependí (levantamento de linhas paralelas), retorno para pernoite em terra; 6) (24/04/2023) Saída da Barra rumo à posição do navio mercante Baependí (continuação do levantamento de linhas paralelas), retorno para pernoite em terra (Santos; Oliveira; Meireles, 2023).

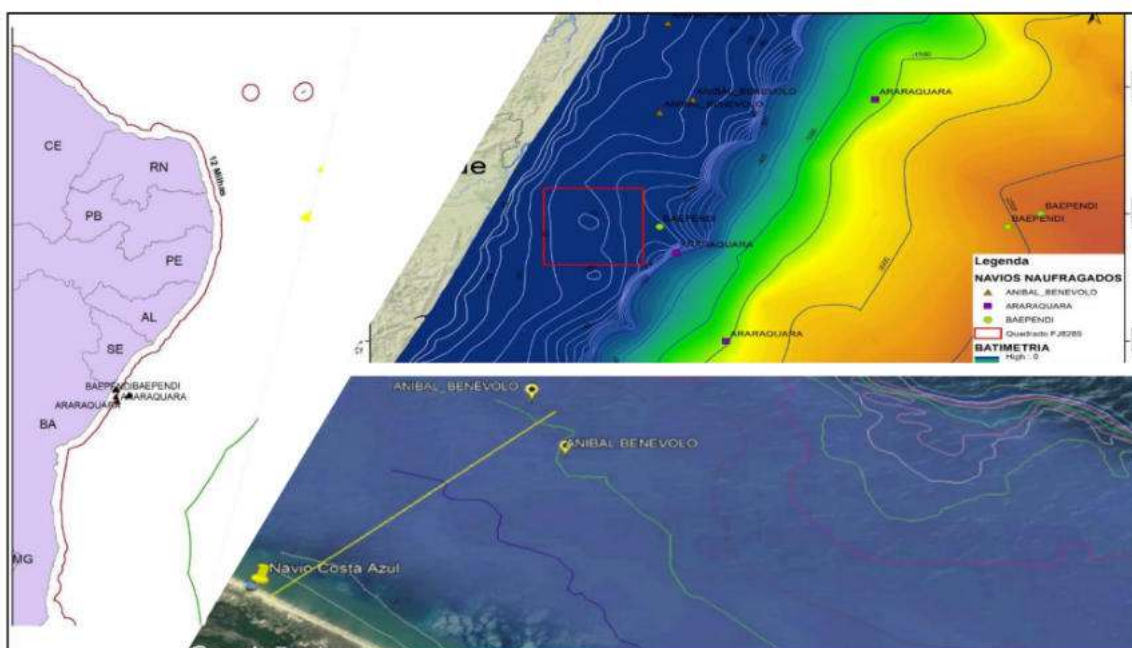
5.4.1. Coordenadas estimadas do naufrágio do Aníbal Benévolo

Em 16 de agosto de 1942, o navio Aníbal Benévolo foi torpedeado pelo submarino alemão *U-507*, em um dos episódios mais trágicos da Segunda Guerra Mundial nas águas brasileiras. Este evento não apenas marcou uma perda humana e material significativa, mas também forneceu um ponto de partida crucial para a pesquisa arqueológica subaquática nas costas sergipana e baiana. O relato do comandante sobrevivente, Henrique Silveira,

apresentado ao Comando Militar, foi fundamental para orientar os esforços de localização dos restos do naufrágio.

O naufrago Henrique Jacques Mascarenhas Silveira, então Capitão de Longo Curso da Marinha Mercante, e comandante do Aníbal Benévolo, teve o seu depoimento recolhido pelo IPM, ele disse que viajava de Salvador para Aracaju, tendo saído no dia quinze ao meio dia, quando na posição aproximada de 15 milhas do Farol de Estância a distância de sete milhas da costa quando às quatro horas e cinco minutos do dia dezesseis, mais ou menos, achava-se no passadiço quando sentiu forte estrondo na popa do navio. Ao se mover, notou que o Aníbal Benévolo se afundava de popa [...] (Cruz, 2017, p. 106).

Este depoimento detalhado levou à determinação das coordenadas $11^{\circ}41',78\text{ S} / -21^{\circ}41'90\text{ W}$, próximo à isóbata de -20m, como o local prioritário para o início dos levantamentos arqueológicos subaquáticos (Ver *Mapa 14*). A precisão das informações fornecidas pelo comandante Henrique Silveira demonstrou um forte indício para estabelecer um ponto de partida confiável para as investigações.



Mapa 14 - Localização aproximada do naufrágio do navio Aníbal Benévolo. Ponto de início dos levantamentos geofísicos. Fonte: Jonas Santos (2023).

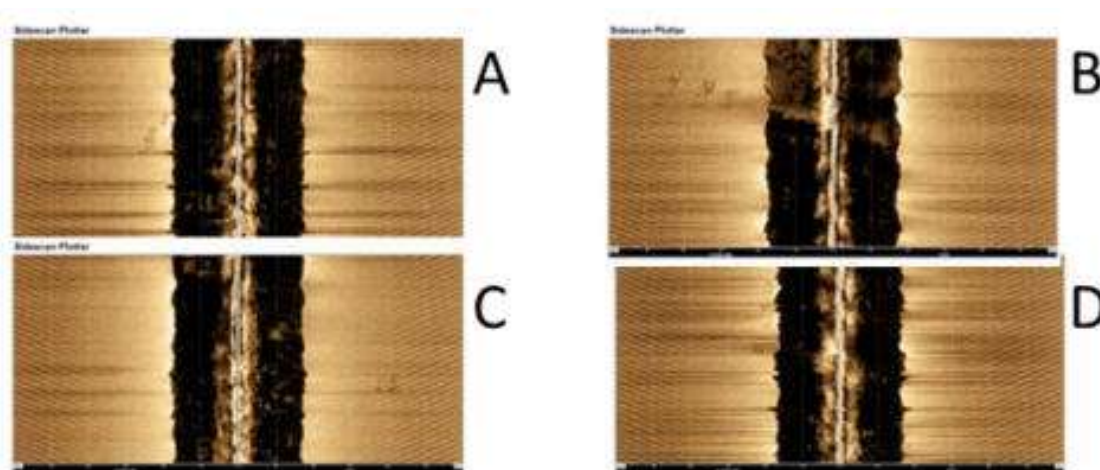
A geofísica rasa utiliza métodos de reflexão hidroacústica capazes de “iluminar acusticamente” o leito marinho e a resposta ao “eco” gerar figuras e/ou imagens que permitam identificar alvos com bastante nitidez. Sua capacidade de gerar imagens com alta definição e a vantagem de varrer/cobrir/iluminar uma grande área do leito marinho em

questão de horas e operar em diferentes profundidades, na plataforma continental, representa o diferencial positivo quando comparado a todos os métodos disponíveis. Essa alta capacidade de mapeamento associada a verificações pontuais (*in situ*), seja através de coleta de material e/ou observação direta, permite clarificar todas as questões acerca de um determinado alvo — como no caso o Naufrágio (Santos; Oliveira; Meireles, 2023, p. 14).

Com base na afirmação exposta, Santos, Oliveira e Meireles (2023) apresentaram em seu relatório sonográfico os principais resultados adquiridos com o Side Scan Sonar (SSS):

(A) 11°40,991000'S/037°21,104000'W; (B) 11°40,969000'S/037°21,144000'W;
 (C) 11°41,261000'S/037°21,261000'W; (D) 11°40,985000'S/037°21,093000'W;
 (E) 11°41,272000'S/037°21,278000'W; (F) 11°41,235000'S/037°21,318000'W;
 (G) 11°40,988000'S/037°21,125000'W; (H) 11°40,969000'S/037°21,144000'W;
 (I) 11°41,267000'S/037°21,268000'W; (J) 11°40,988000'S/037°21,125000'W;
 (K) 11°40,991000'S/037°21,103000'W; (L) 11°40,998000'S/037°21,090000'W;
 (M) 11°40,992000'S/037°21,090000'W; (N) 11°40,960000'S / 037°21,120000'W;
 (O) 11°40,993000'S / 037°21,144000'W.

O levantamento realizado nas respectivas áreas resultou na identificação de estruturas anômalas. As imagens obtidas por meio do Side Scan Sonar (SSS) sugerem, inicialmente, a presença de estruturas de origem indeterminada, as quais podem ser tanto antrópicas quanto naturais. Na área indicativa do naufrágio do Aníbal Benévolo, foram identificadas as seguintes anomalias, conforme mostram as *Figura 97 e 98*.



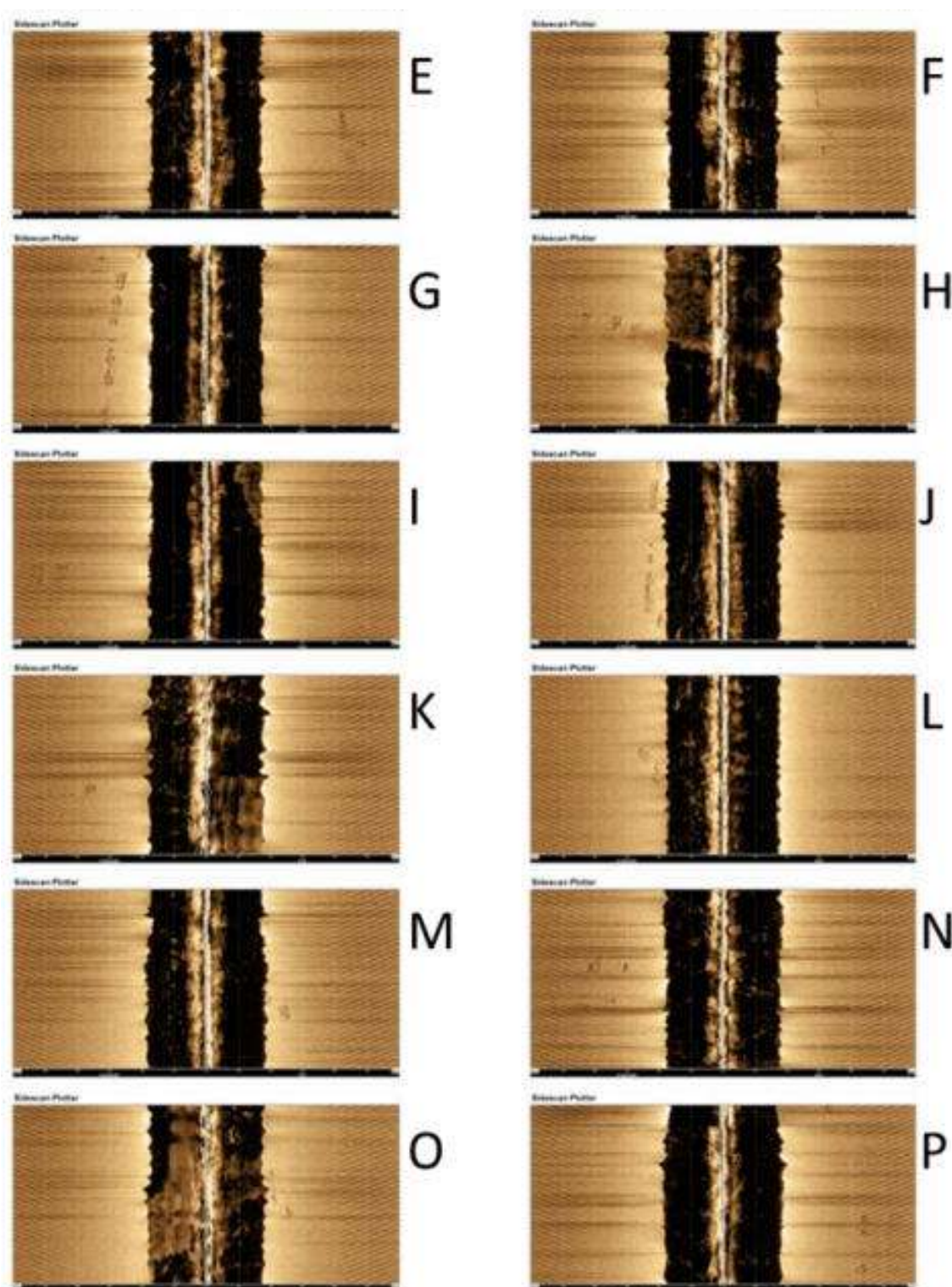


Figura 97 - Imagens de SSS do naufrágio do Aníbal Benévolo, produzidas durante este levantamento.
Fonte: Santos et al. (2023, p. 16).

Os resultados obtidos pelos oceanógrafos Santos, Oliveira e Meireles (2023) durante a expedição destacaram registros acústicos de um alinhamento de aparentes fragmentos ou partes estruturais. Esses achados, associados à potencialidade arqueológica da área, previamente referenciada nos relatos históricos do comandante da embarcação Aníbal

Benévolo, reforçam as suspeitas sobre a existência de restos estruturais do navio (Ver *Figura 98*).

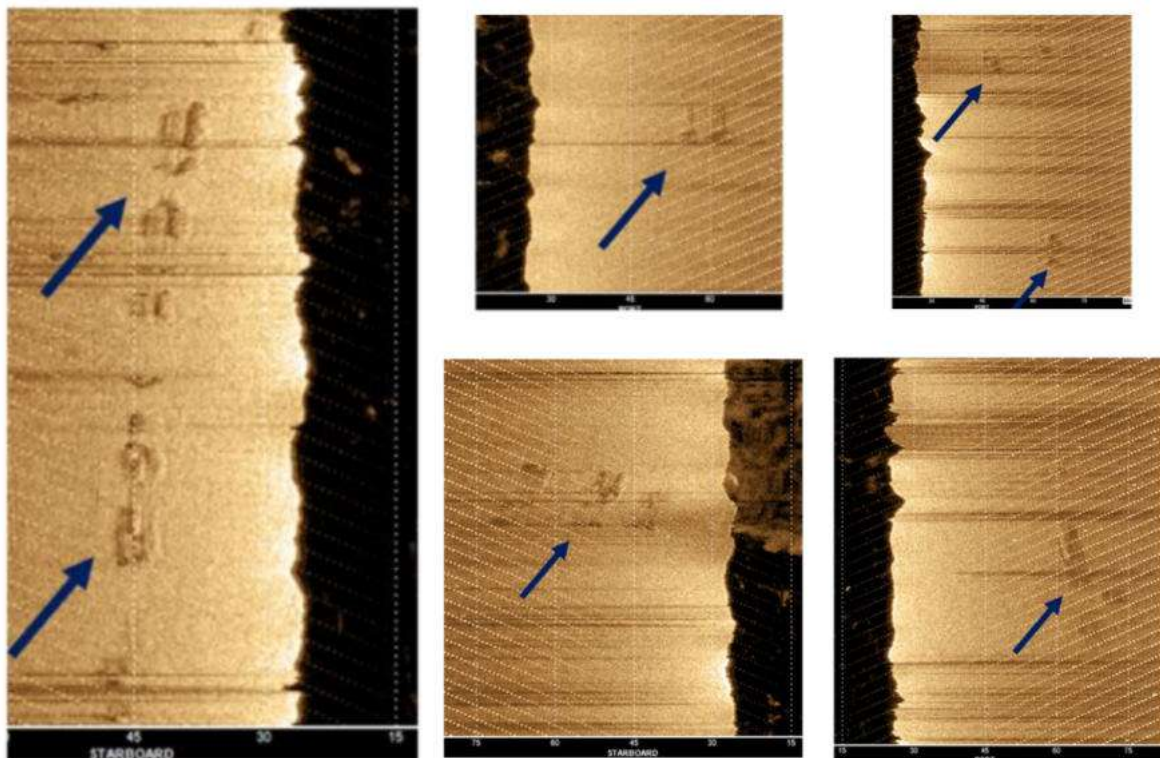


Figura 98 - Formas encontradas durante os levantamentos de SSS, atribuídas aos fragmentos/destroços do navio Anibal Benévolo. Fonte: Santos et al. (2023, p. 19).

Os alvos identificados pelo sonar inicialmente sugeriram a possibilidade de serem componentes estruturais do navio, como fragmentos do casco, devido à sua disposição linear, como mostra a *Figura 98*. Esses elementos foram localizados em áreas com profundidade aproximada de 25 metros, o que reforçou a hipótese de estarem associados ao naufrágio. Apesar de perceber que não teria muita altura, analisando a sombra formada nas imagens com a reflexão acústica, esses destroços poderiam estar enterrados sob camadas de sedimentos marinhos, como areias finas/médias e lamas. Todos esses destroços estavam localizados em áreas de fundo estável, sujeitos a uma alta dinâmica tanto da coluna d'água quanto do fundo do mar. Vale destacar que essa foi a interpretação dos especialistas em oceanografia, que não são arqueólogos, e que se basearam, em grande parte, no desconhecimento da existência de afloramentos rochosos e coralíneos na região. Dessa forma, a suspeita sobre possíveis estruturas arqueológicas foi posteriormente descartada com a investigação direta realizada na área pelos arqueólogos subaquáticos.

5.4.2. Coordenadas estimadas do naufrágio do Baependí

A busca com o uso do sonar pelos restos do navio Baependí foi realizada tendo como ponto de partida dois alvos prioritários na faixa de profundidade de -30m a -50m. Para tal intento, duas estratégias foram adotadas: 1) navegação aleatória para verificar a suposta coordenada do naufrágio; e 2) levantamento sistemático em uma área de cerca de 1 milha náutica quadrada, com o objetivo de mapear o leito marinho em busca de possíveis estruturas (Santos; Oliveira; Meireles, 2023).

Após a realização das campanhas oceanográficas com o objetivo de localizar vestígios ou indícios do navio Baependí na região, foram obtidos os principais resultados a partir da utilização do Side Scan Sonar (SSS). Esses dados permitiram a identificação de padrões acústicos e anomalias no fundo marinho, contribuindo para a delimitação de áreas de interesse da possível localização do naufrágio.

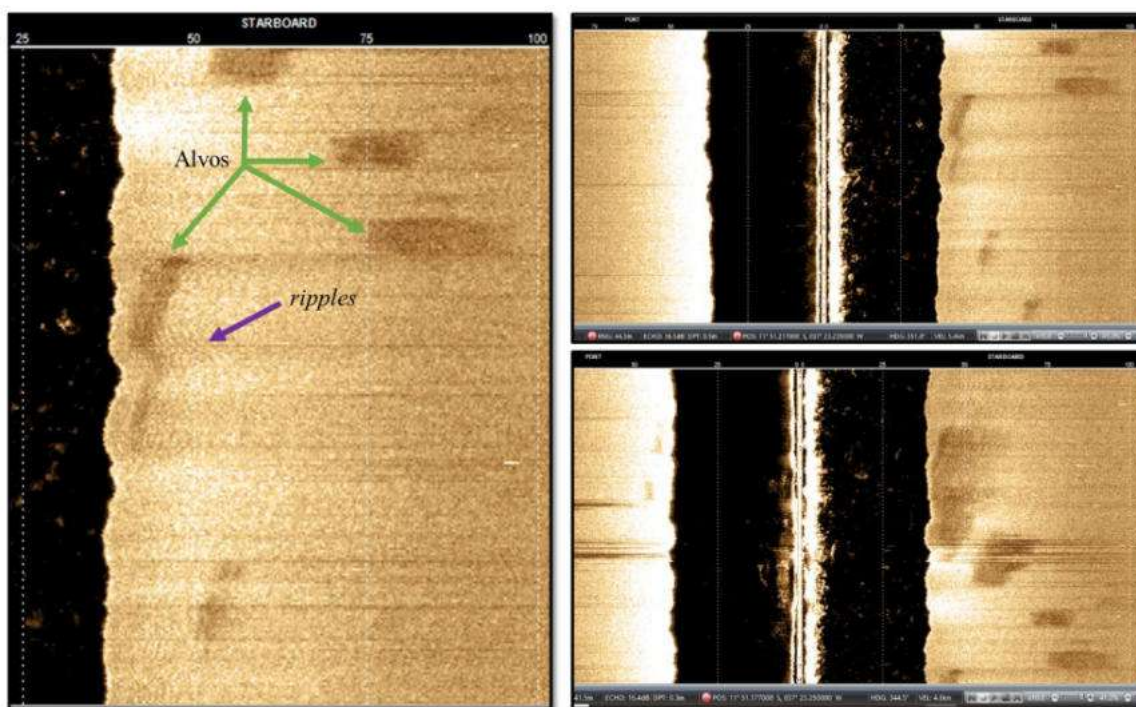


Figura 99 - Formas encontradas durante os levantamentos de SSS, atribuídas aos possíveis fragmentos/destróços do navio Baependí. Fonte: Santos et al. (2023, p. 22).

Os alvos foram destacados como potenciais, por representar aparentes fragmentos rígidos em área prioritariamente de deposição de areia (ripples), com marcas onduladas migrando sobre o alvo ($11^{\circ}51,205000'S/037^{\circ}23,2180000'W$); logo, podendo tratar-se de fragmentos do navio mercante Baependí ($11^{\circ}51,217000'S/037^{\circ}23,235000'W$ – $11^{\circ}51,177000'S/037^{\circ}23,250000'W$) (Ver Figuras 99 e 100).

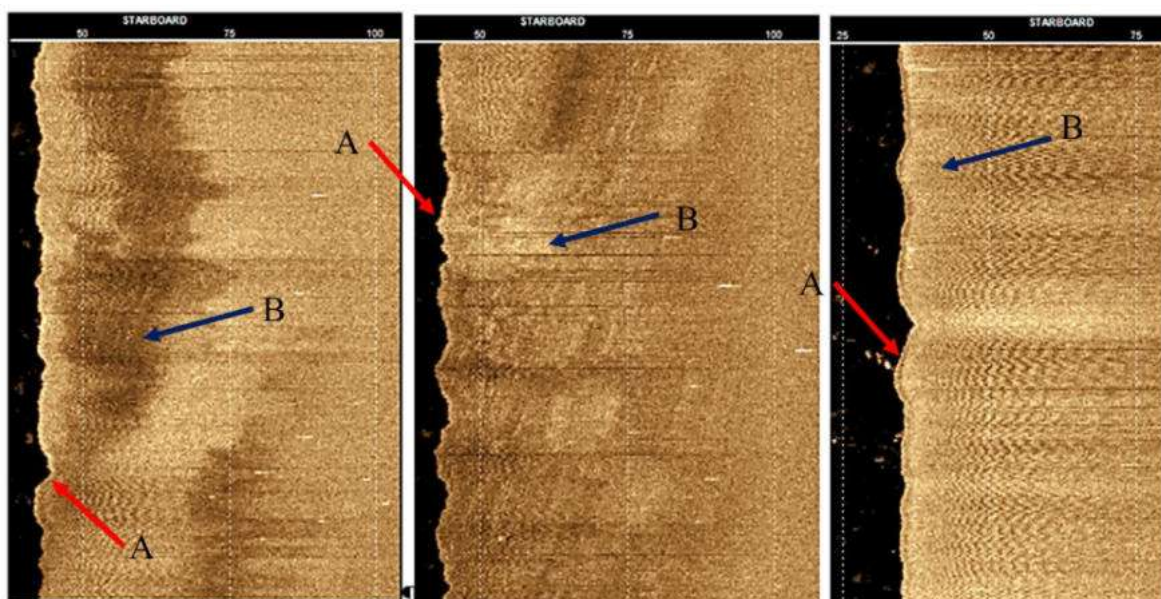


Figura 100 - Estruturas de “recifes” no ponto “(A) topo” e “(B) ao longo” dos perfis do sonograma.
 Fonte: Santos et al. (2023, p. 22).

Na área de estudo existe um padrão que se repete com presença de material arenoso próximo às áreas de recifes.

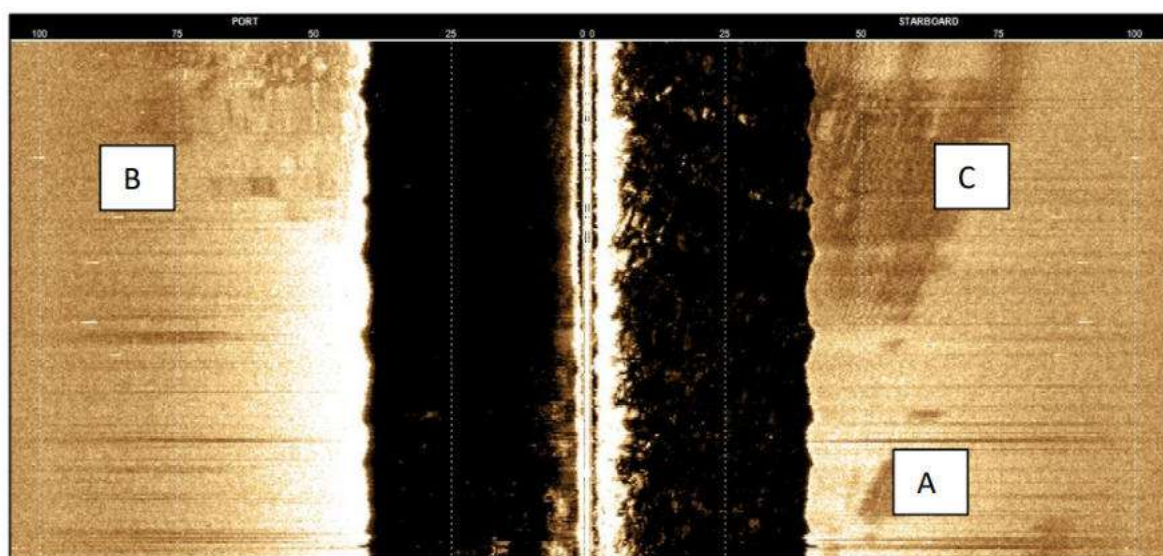


Figura 101 - A) Estruturas dispersas — alvo prioritário; B) e C) Estruturas tipo “recifes”.
 Fonte: Santos et al. (2023, p. 22).

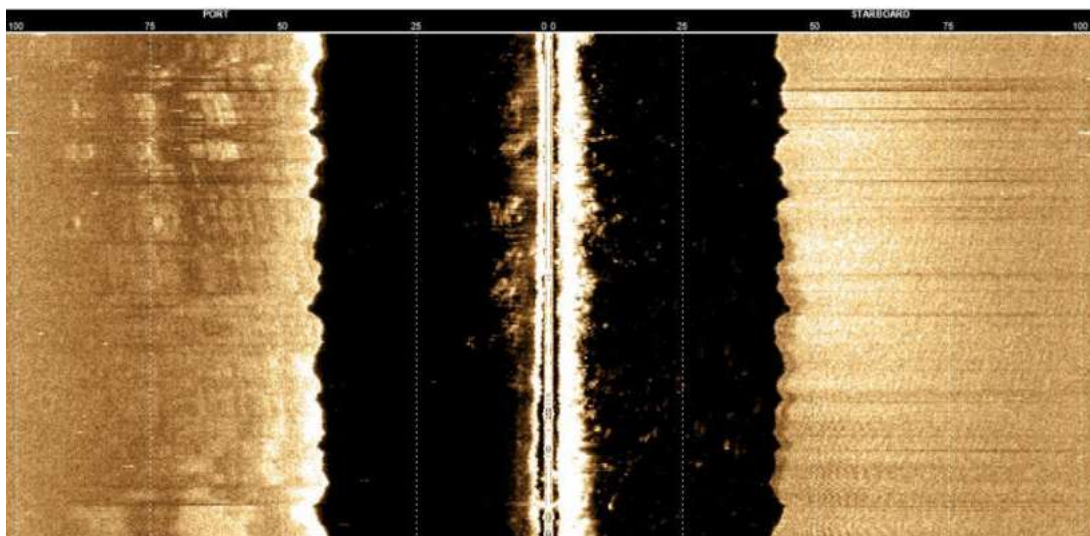
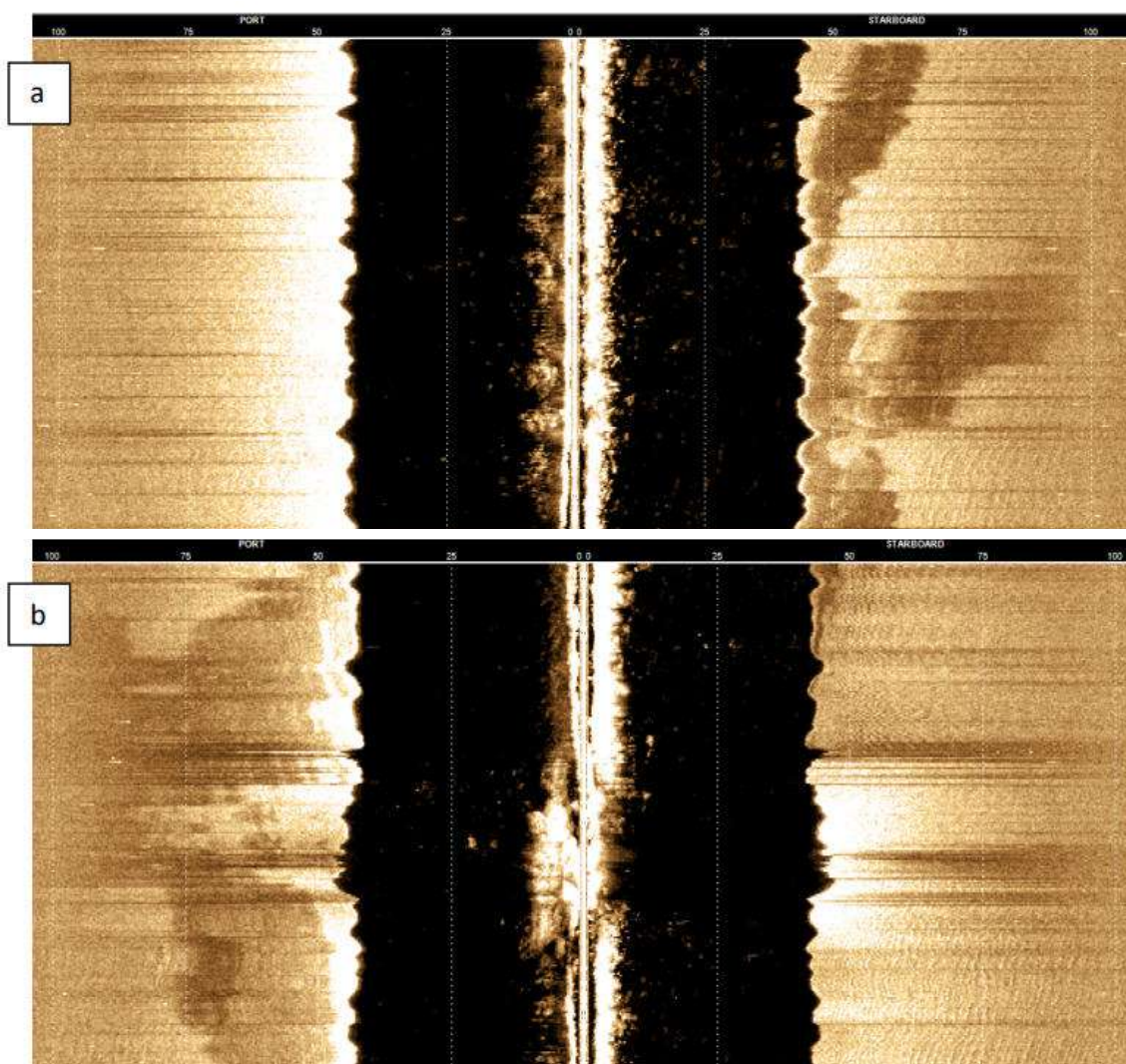
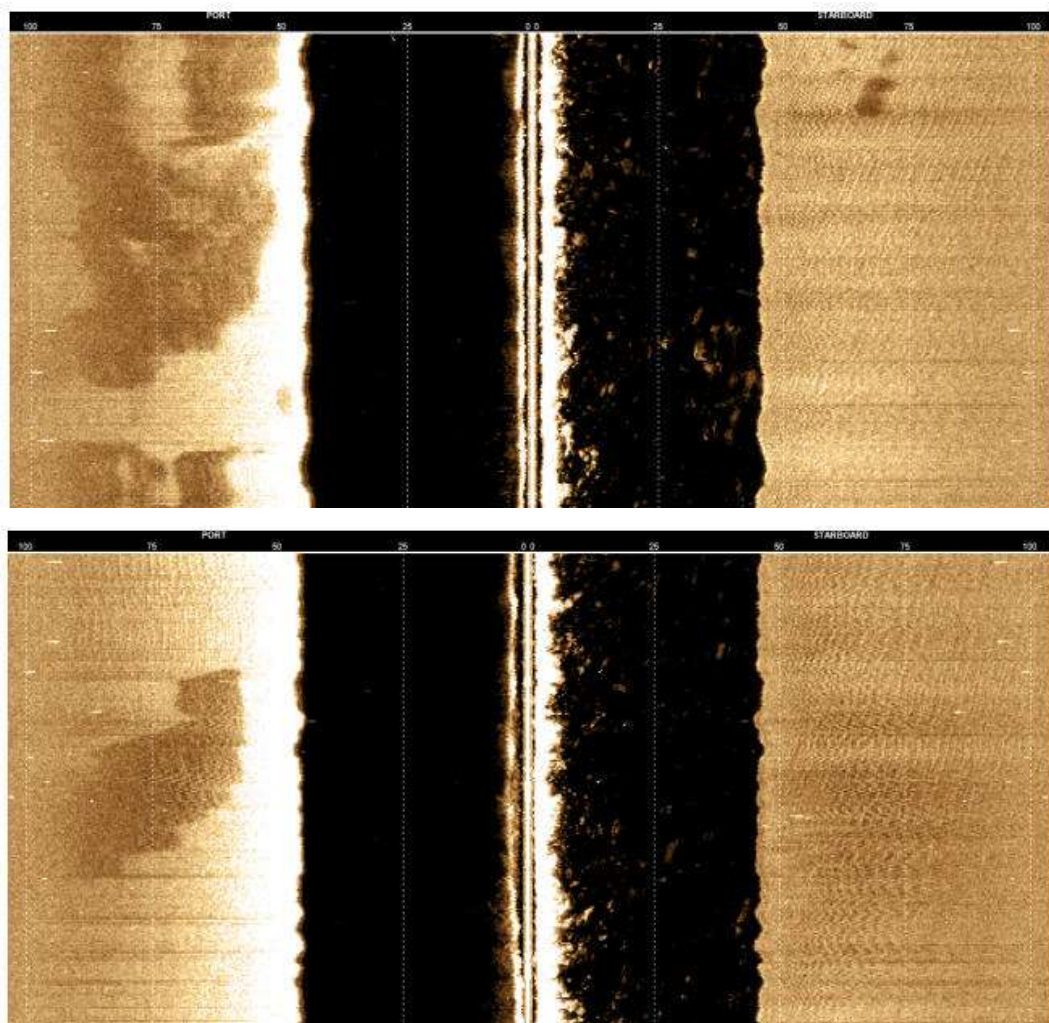


Figura 102 - Feições típicas de estruturas rígidas (afloramento rochoso/recifes carbonáticos) localizados ao longo do perfil. Fonte: Santos et al. (2023, p. 22).



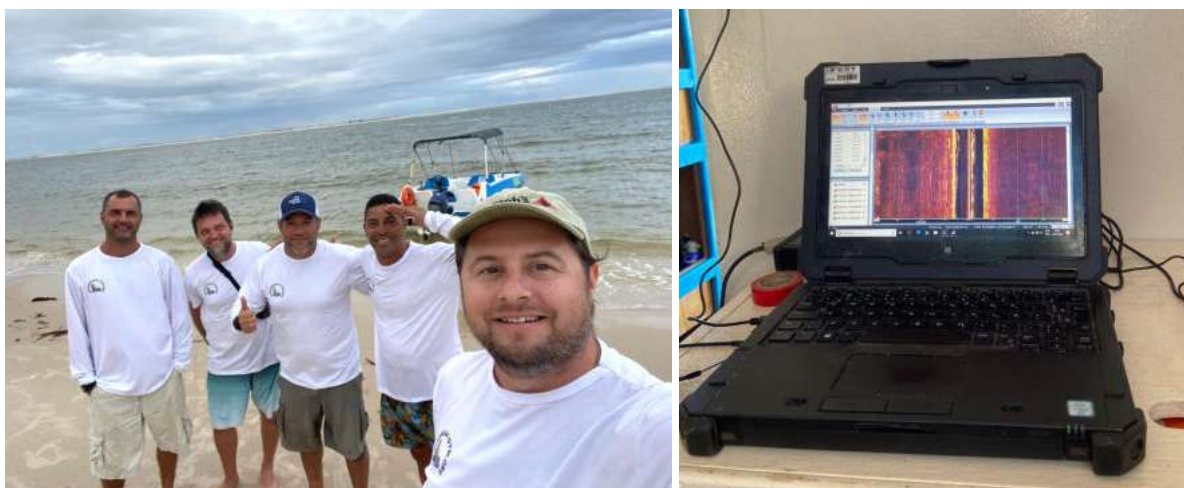
Figuras 103 e 104 - (a) e (b) Padrão de dispersão das estruturas rígidas “recifais”, ao longo do sonograma. Fonte: Santos et al. (2023, p. 22).



Figuras 105 e 106 - Estrutura “rígida”/fragmento em área predominantemente arenosa com ripples. Fonte: Santos et al. (2023, p. 22).

Até aquele momento, não era possível confirmar a presença do navio Baependi na área, mas foi observada uma grande concentração de alvos, possíveis recifes, sugerindo a possibilidade de que os destroços do naufrágio poderiam ter estimulado o desenvolvimento de recifes naturais na região. O mapeamento sonográfico foi importante para localizar esses recifes e mapear sua distribuição espacial, mas a confirmação dos destroços só seria possível por meio dos trabalhos de investigação arqueológica subaquática direta através do mergulho.

No entanto, o levantamento realizado foi fundamental para identificar e precisar a posição dos alvos na área, o que seria difícil de fazer durante campanhas de mergulho em toda a região. Vale destacar que a profundidade do suposto ponto de localização do Baependi coincidiu com a informação de 38 metros citada no diário de bordo do submarino *U-507* (Santos; Oliveira; Meireles, 2023).



Figuras 107 e 108 - Equipe de Oceanografia ao final da primeira expedição geofísica e observação em tempo real das anomalias captadas pelo sonar de varredura lateral. Fonte: Equipe do Projeto (2023).



Figuras 109 e 110 - Equipe de Oceanografia em reunião com a equipe de Arqueologia. Fonte: Equipe do Projeto (2023).

Após o recebimento do relatório técnico da equipe de oceanografia, que apresentou anomalias detectadas no fundo marinho pelo sonar de varredura lateral, a equipe de arqueologia decidiu promover o planejamento das estratégias para dar início aos trabalhos de campo, com a verificação das anomalias com maior potencial de ser de origem antrópica. Com base nisso, a etapa de campo foi planejada para o período de 31 de maio a 4 de junho de 2023 (Ver *Figuras 109 e 110*).

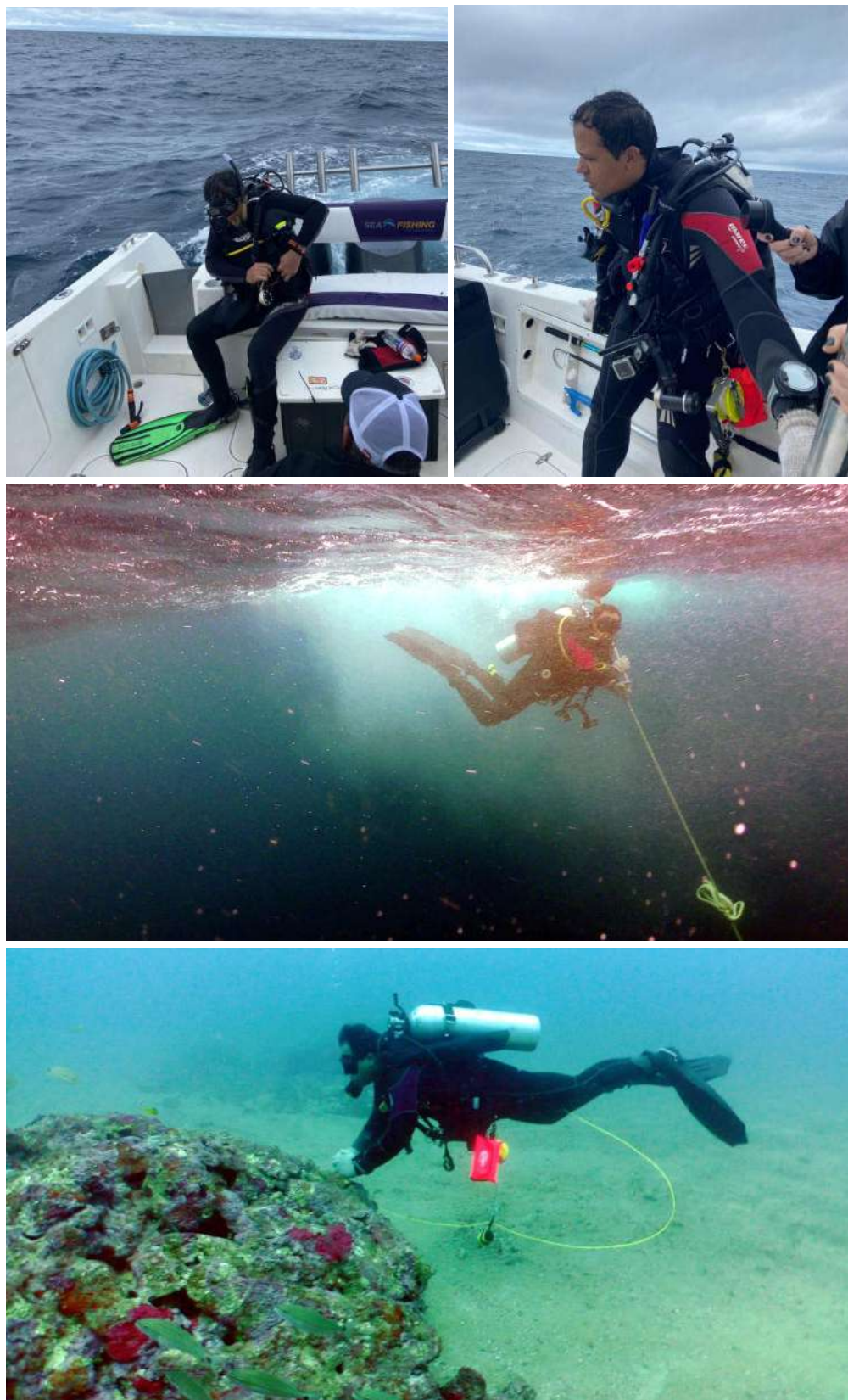
Durante esses dias, acompanhados dos cinegrafistas e documentaristas Yuri Sanada e Vera Regina Piagetti Sanada, foi realizado o registro audiovisual das atividades de mergulho, conduzidas pelos arqueólogos subaquáticos Gilson Rambelli, coordenador geral do *Projeto Segunda Guerra Submersa*, e Luis Felipe Santos, coordenador de campo. Infelizmente, devido às condições climáticas adversas causadas pelas fortes chuvas e pela instabilidade marítima decorrente do inverno nordestino (Ver *Figura 111*), somado a profundidade e ondulação do mar, não foi possível a realização de muitos mergulhos, somente um na área de maior potencial do naufrágio do Aníbal Benévolo levantada pelo sonar. Apesar disso, essa

etapa de campo proporcionou um melhor entendimento do ambiente marítimo onde o navio possivelmente está afundado.



**Figura 111- Condições climáticas adversas causadas pelas fortes chuvas (2023).
Fonte: Equipe do Projeto (2023).**

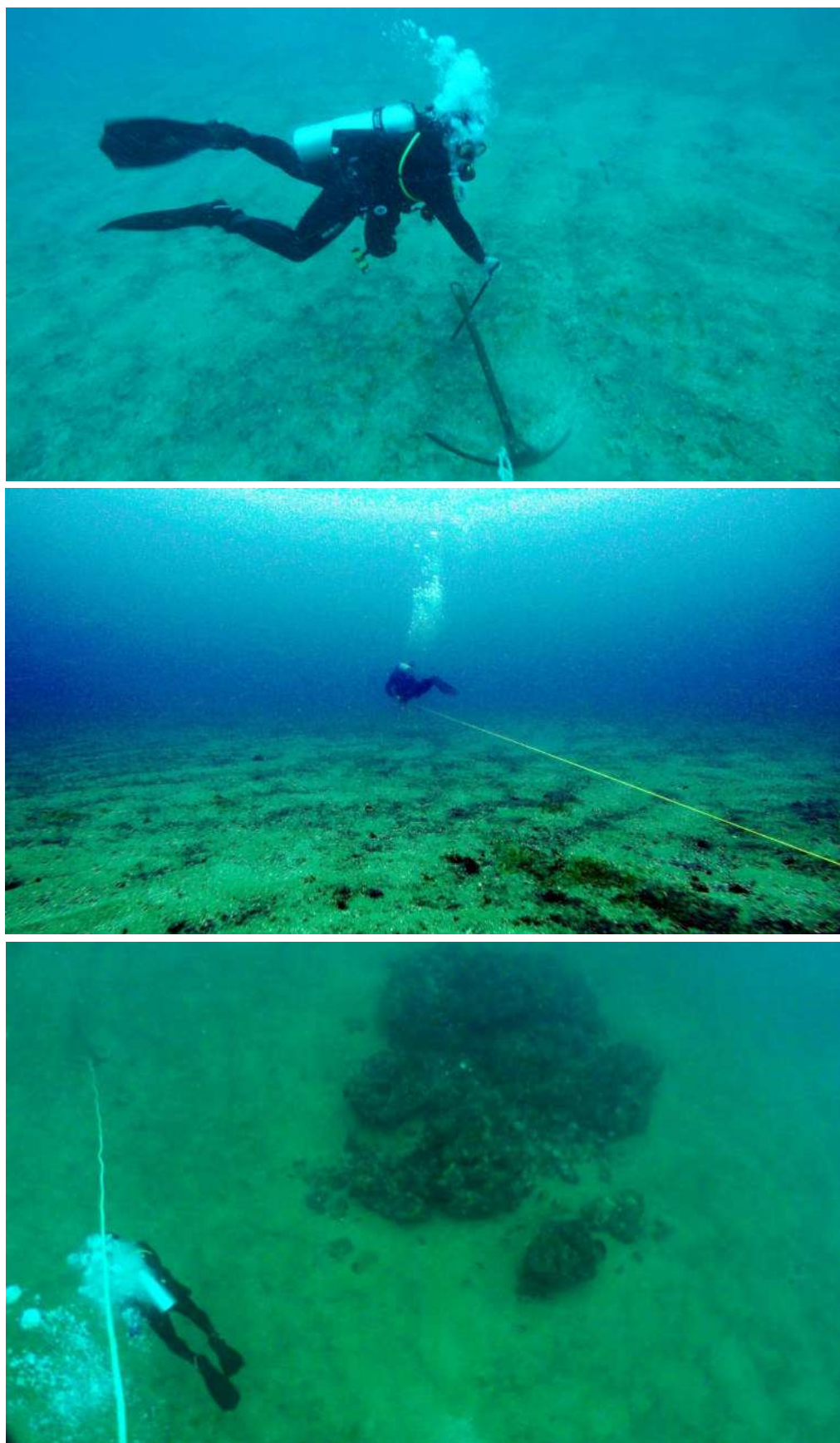
A excelente visibilidade da água, mesmo em um dia chuvoso, chamou a nossa atenção, assim como a dinâmica da corrente marítima nas possíveis imediações dos restos do naufrágio. Ao realizar o mergulho, os pesquisadores observaram *in situ* a existência de afloramentos rochosos que se alinhavam, com uma altura média de 1,5 - 2 metros, deixando a impressão que seriam as anomalias observadas. Embora não tenhamos encontrado o naufrágio, essa experiência revelou valiosas informações sobre o contexto do local, facilitando os trabalhos a serem realizados nas próximas etapas de campo. Além disso, possibilitou a elaboração de um vídeo documentário dessas etapas (Ver *Figuras 112 a 115*).



Figuras 112 a 115 - Pesquisa de Campo realizada pelo arqueólogo Felipe Santos na companhia do documentarista Yuri Sanada em junho de 2023. Fonte: Equipe do Projeto (2023)



**Figuras 116 a 118 - Aproximação dos afloramentos rochosos/recifes e variedade de vidas marinhas nas possíveis imediações da área estimada do naufrágio do “Aníbal Benévolo”.
Fonte: Equipe do Projeto (2023).**



Figuras 119 e 121 - A excelente visibilidade da água e a dinâmica da corrente marítima nos chamou a atenção nas possíveis imediações do naufrágio. Fonte: Equipe do Projeto (2023).



**Figura 122 - Foto do fundo do Atlântico Sul, na Bahia, região do naufrágio do Aníbal Benévolo.
Fonte: Equipe do Projeto (2023).**

A equipe liderada pelo Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos (LAAA/UFS), acompanhada pelos documentaristas Vera e Yuri Sanada, da empresa Aventuras Produções Edições Educativas LTDA, iniciou a expedição durante o inverno. Apesar do mar revolto e das condições adversas para mergulho, esse esforço foi determinante para avaliar as condições da área onde os alvos foram identificados e planejar as etapas subsequentes da pesquisa. A excelente visibilidade submarina observada a 27 metros de profundidade revelou um cenário de notável beleza e rica biodiversidade, demonstrando grande potencial para filmagens documentais e turismo subaquático. No entanto, o agravamento das condições climáticas na superfície forçou a suspensão das atividades, concluindo, assim, a primeira etapa de campo de arqueologia subaquática.

5.4.3. Resultados e considerações sobre a primeira expedição do *Projeto Segunda Guerra Submersa* realizada em 2023

Como resultado dessa investigação, identificou-se a necessidade de expandir o levantamento geofísico com sonar de varredura lateral nas áreas estimadas de naufrágio, levando em consideração as dificuldades logísticas, as profundidades das áreas e uma incipiente contestação da validade do relato histórico do comandante do Aníbal Benévolo. Para isso, seria necessária a elaboração de uma nova etapa de pesquisa do *Projeto Segunda*

Guerra Submersa, que esta tese visa detalhar, adotando uma estratégia que contornasse as dificuldades relatadas nesta primeira expedição, ao mesmo tempo em que serviria de base para a expansão da investigação a partir dos resultados alcançados até aquele momento.

É importante destacar que as condições climáticas adversas durante os meses de maio e junho de 2023 impediram a realização de novos mergulhos na área estimada do naufrágio do Aníbal Benévolo, o que afetou nosso planejamento inicial. No entanto, devido à disponibilidade de recursos por parte do investimento da Secretaria de Turismo do Estado de Sergipe, foi possível o planejamento de uma nova campanha com etapa de pesquisa para o verão de 2024, período que teria as condições marítimas mais favoráveis para a realização da pesquisa arqueológica.

Durante a primeira campanha, notou-se que em águas mais profundas que 25 metros, o modelo de sonar de varredura lateral utilizado não se mostrou eficiente para o levantamento, resultando em limitações na visualização das áreas de interesse. Além disso, as anomalias identificadas durante o levantamento inicial revelaram-se de ordem natural, consistindo em afloramentos rochosos. Diante desse cenário, identificou-se a necessidade de expandir o levantamento de forma mais ampla, considerando o desconhecimento existente sobre a paisagem subaquática da região.

Na nova campanha, planejou-se utilizar um sonar de varredura lateral de alta definição, visando não apenas a melhor resolução das imagens para fins de localização e registro dos naufrágios, mas também para fins midiáticos na difusão científica do projeto. Tais atividades contarão com a cobertura dos documentaristas para a produção de um média-metragem que irá narrar a jornada de descoberta deste patrimônio submerso ligado a um trágico crime de guerra em águas brasileiras.

5.4.4. Entrevistas e documentação audiovisual com gestores, pesquisadores e contemporâneos da época bélica

No âmbito do *Projeto Segunda Guerra Submersa*, coordenado pelo Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos da Universidade Federal de Sergipe (LAAA/UFS), em parceria com a empresa Aventuras Produções Edições Educativas LTDA, um dos objetivos consistiu em documentar os esforços da equipe multidisciplinar durante as investigações históricas e as buscas arqueológicas realizadas nas expedições. Além disso, a produção de uma obra audiovisual de média duração, destinada ao público em geral, busca divulgar

amplamente não apenas as histórias dos naufrágios, mas também o contexto regional inserido no conflito global.

Após a conclusão da primeira expedição do projeto, a permanência dos documentaristas Yuri e Vera Sanada, em Aracaju/SE, foi estrategicamente aproveitada para a realização de entrevistas adicionais, com o objetivo de enriquecer o desenvolvimento narrativo do documentário. Entre os entrevistados estavam: o então Reitor da Universidade Federal de Sergipe, Prof. Valter Joviniano de Santana Filho, que destacou o apoio institucional da UFS ao projeto; o advogado da Construtora Cunha, Dr. Márcio Macedo Conrado, responsável pela proposta do Termo de Ajuste de Conduta (TAC) (Ver *Figuras 123 e 124*); a Dra. Jussara Cunha, Diretora Administrativa da Construtora Cunha, que abordou a relevância do apoio da empresa à iniciativa científica; e a Dra. Lívia Nascimento Tinôco, Procuradora da República em Sergipe, que participou da elaboração do referido TAC junto à Construtora Cunha (Ver *Figuras 125 e 126*). Essas entrevistas discutiram a efetividade do TAC em fomentar a pesquisa acadêmica, ressaltando o comprometimento das instituições participantes com a preservação da memória histórica sergipana e brasileira.



Figuras 123 e 124 – Entrevistas realizadas com o então Reitor da UFS, Prof. Valter Joviniano, e com o advogado da Construtora Cunha, Dr. Márcio Macedo Conrado (2023).





Figuras 125 e 126 - Entrevistas realizadas com a Dra. Jussara Cunha, Diretora Administrativa da Construtora Cunha, e com a Dra. Livia Nascimento Tinôco, então Procuradora da República por Sergipe (2023). Fonte: Equipe do Projeto (2023).

Vera e Yuri Sanada desempenharam um papel fundamental na documentação de entrevistas, contribuindo para a pesquisa oral vinculada ao *Projeto Segunda Guerra Submersa*. Entre as entrevistas conduzidas, destacou-se a realizada com o arquiteto e superintendente do Instituto Banese, Ezio Déda, responsável pelo projeto *Memorial dos Naufragos de Sergipe (MENSE)*, que será implementado pelo Governo do Estado em Aracaju/SE. Além disso, foram entrevistados integrantes das equipes de Arqueologia e Oceanografia envolvidas no projeto, conforme mostra a *Figura 127*.



Figura 127 - Entrevista com o superintendente do Instituto Banese, Ezio Déda (à esquerda), realizada pela equipe do projeto. Fonte: Equipe do Projeto (2023).

Outra entrevista notável foi a realizada com o memorialista Murillo Melins, de 96 anos (ver Figuras 128 e 129), membro da Academia Sergipana de Letras (ASL) e autor do livro *Aracaju romântica que vi e vivi: anos 40 e 50*, publicado em 2007. Nesta obra, Melins narra a experiência de vida dos sergipanos na capital durante o período da guerra, fornecendo um contexto histórico e pessoal significativo sobre os impactos da tragédia naval dos mercantes brasileiros. É importante lembrar que os trechos do relato fornecido por ele já foram descritos nos capítulos anteriores.



**Figuras 128 e 129 - Entrevista realizada com o memorialista Murillo Melins.
Fonte: Equipe do Projeto (2023).**

Também foi entrevistado outro contemporâneo dos torpedeamentos, o Sr. Vidigal de Oliveira Lima, de 95 anos, natural do povoado Praia do Saco, em Estância/SE. Ele forneceu um relato detalhado sobre as consequências da tragédia em terra. Com 12 anos na época dos

ataques, o Sr. Vidigal testemunhou a chegada de corpos das vítimas fatais à praia, bem como de sobreviventes, fatos que marcaram profundamente sua memória individual e a memória coletiva da comunidade da Praia do Saco/SE.



Figuras 130 e 131 - Entrevista realizada com o Sr. Vidigal Lima, acompanhado por seu sobrinho, Marcelo Rocha, e por Eunice Leão, amiga e residente na Praia do Saco/SE. Fonte: Roberta Rosa (2022).

5.5. Segunda expedição geofísica e arqueológica do *Projeto Segunda Guerra Submersa* ocorrida em 2024

O objetivo principal do levantamento geofísico realizado por meio de sonar de varredura lateral foi mapear detalhadamente as áreas adjacentes aos locais reportados nos relatos históricos dos naufrágios do Aníbal Benévolo e Baependí, torpedeados por um submarino alemão durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto expandimos as áreas já investigadas na primeira expedição arqueológica. De acordo com os registros históricos, acredita-se que ambos os navios estejam localizados na plataforma continental, ao sul do estuário do rio Real, ou seja, no litoral baiano.

O navio Araraquara, por outro lado, não foi incluído nesse levantamento, uma vez que todas as posições indicadas para o seu afundamento estão situadas em grandes profundidades

no talude continental, o que impede a detecção com os equipamentos e a embarcação disponíveis para esta pesquisa. A nova etapa de levantamento geofísico foi desenvolvida pelo geólogo Dr. Gilberto Tavares de Macedo Dias¹¹⁴ e ocorreu entre os dias 11 a 15 de março, 30 de abril até 03 de maio de 2024.

Ao longo de nove dias, divididos em duas campanhas marítimas, foram realizadas extensivas e exaustivas investigações em mar aberto, como mostra a *Figura 132*. A primeira campanha ocorreu no verão, enquanto a segunda aconteceu em maio, um período marcado pelo início das chuvas e ventos na região litorânea ao sul da barra do rio Real, entre Sergipe e Bahia.



Figura 132 - Integrantes do Projeto Segunda Guerra Submersa em alto-mar.
Fonte: Equipe do Projeto (2024).

Para essas operações, utilizou-se a embarcação de apoio "Rumo Certo", que, apesar de sua ótima estrutura de navegação e instalações adequadas para acomodação de equipamentos, não era apropriada para atividades noturnas (Ver *Figura 133*). Durante as expedições, a equipe, composta por geólogo, oceanógrafo e arqueólogos, navegou aproximadamente 400 milhas náuticas, o equivalente a cerca de 740 quilômetros, entre idas e vindas até o ponto de apoio na Praia do Saco, em Estância/SE.

¹¹⁴ Gilberto Dias é geólogo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1972) e doutor em *Géologie de L'Environnement* pela *Université de Bordeaux I* (1976). Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal Fluminense.

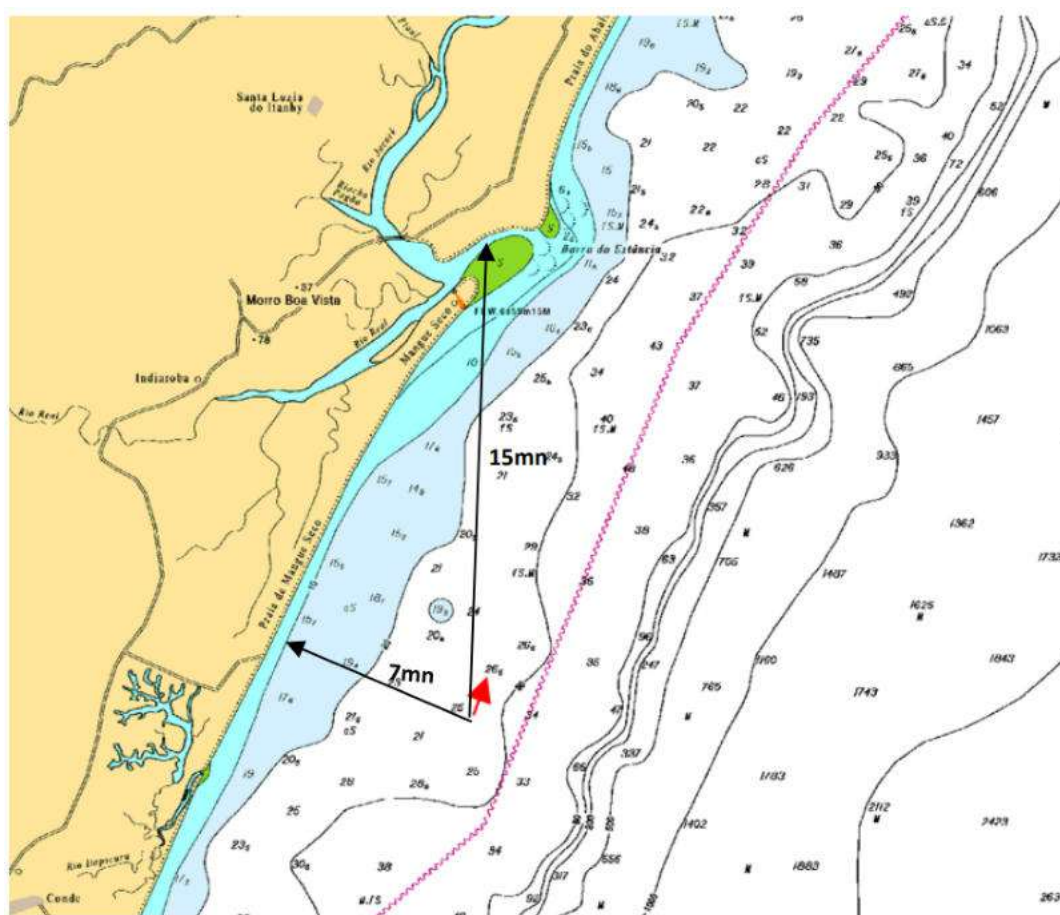


Figura 133 - Embarcação “Rumo Certo” usada para fazer o levantamento sonográfico.
Fonte: Equipe do Projeto (2024).

Antes de iniciar a primeira campanha, foi essencial compilar todas as informações disponíveis sobre os possíveis locais dos naufrágios, concentrando os esforços nos navios Aníbal Benévolo e Baependí. Esses navios foram selecionados devido à disponibilidade de informações detalhadas, incluindo coordenadas geográficas que indicavam suas possíveis localizações na plataforma continental, em profundidades inferiores a 50 metros. O navio Araraquara, por sua vez, não foi incluído nas buscas, pois se encontrava em profundidades consideravelmente maiores, além do talude continental, alcançando até 1.500 metros, o que exige não apenas outros tipos de equipamento que permitam visualizar detalhes do fundo marinho, mas também embarcações que tenham autonomia de navegação por dias, sem necessidade de aportar nas barras sergipanas.

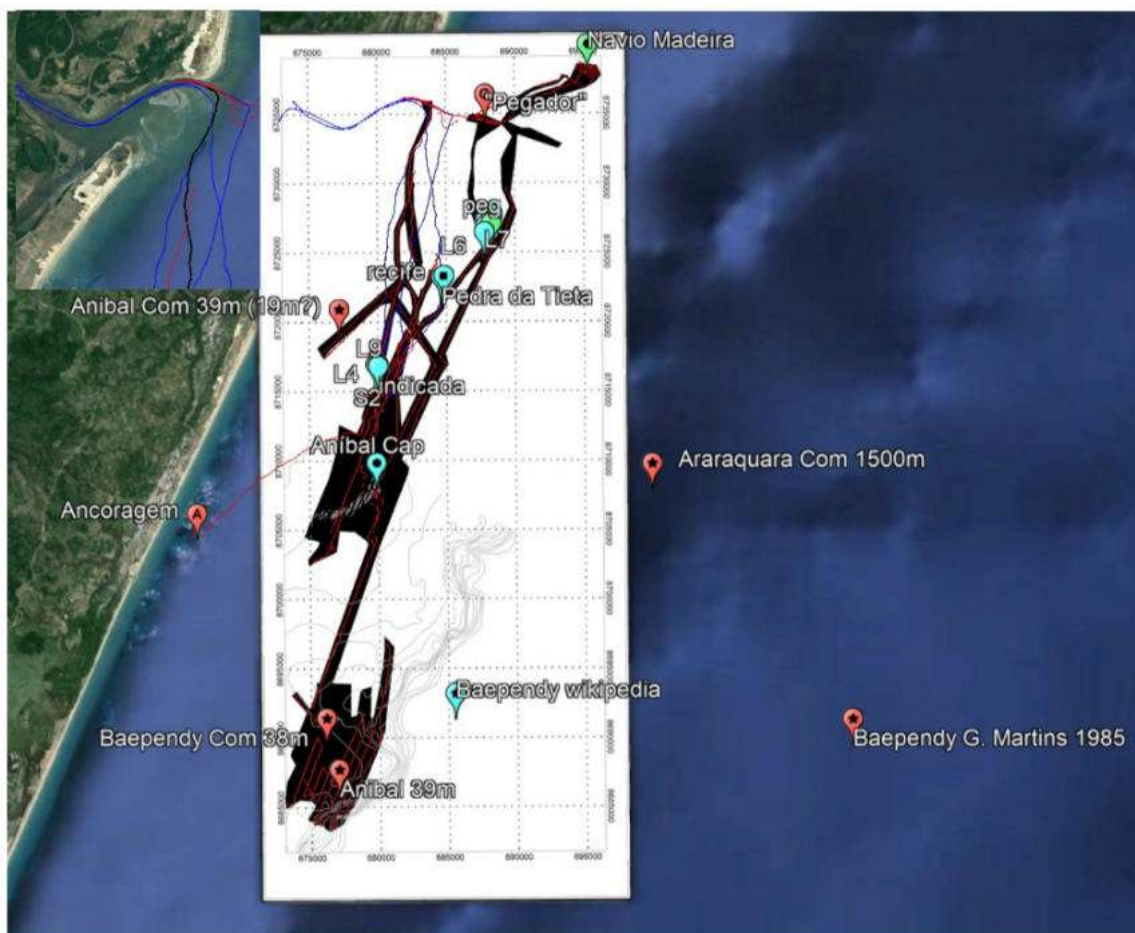
Foi realizado um imageamento acústico do fundo marinho, utilizando um sonar de varredura lateral EdgeTech 4100 com sensor 272 TD, que se mostrou um fator preponderante para a campanha, especialmente em águas com profundidades superiores a 25 metros. Este mapeamento foi conduzido ao longo de linhas de navegação paralelas, cobrindo uma área de aproximadamente 3 a 4 quilômetros de raio em torno dos pontos previamente indicados. Para isso, utilizou-se um software de navegação reconhecido por sua precisão, que proporcionou visualização em tempo real na tela do computador, integrado ao sistema de sonar e de posicionamento GPS.

A primeira investigação concentrou-se no navio Aníbal Benévolo, cuja localização foi indicada pelo comandante Henrique Jacques Mascarenhas, um dos sobreviventes do ataque. Segundo ele, pouco antes do naufrágio, o mercante navegava a 7 milhas náuticas da costa e a 15 milhas náuticas do Farol de Estância/SE (Ver *Mapa 15*). No entanto, ele relatou que avistou a costa apenas 18 horas após o naufrágio, uma discrepância que sugere contradição nas informações fornecidas. Caso ele tenha permanecido por todas essas horas em alto-mar, é plausível que o navio tenha afundado significativamente mais distante do que as 7 milhas náuticas, inicialmente estimadas pelo referido comandante.



Mapa 15 - Posição estimada pelo comandante do Aníbal Benévolo plotada em mapa. À primeira vista, o alto fundo de 19m, indicado no mapa próximo ao local estimado, foi interpretado como sendo o local do naufrágio, porém, sem confirmação nas imagens de sonar que cobriram esta área. Fonte: Dias (2024, p. 5).

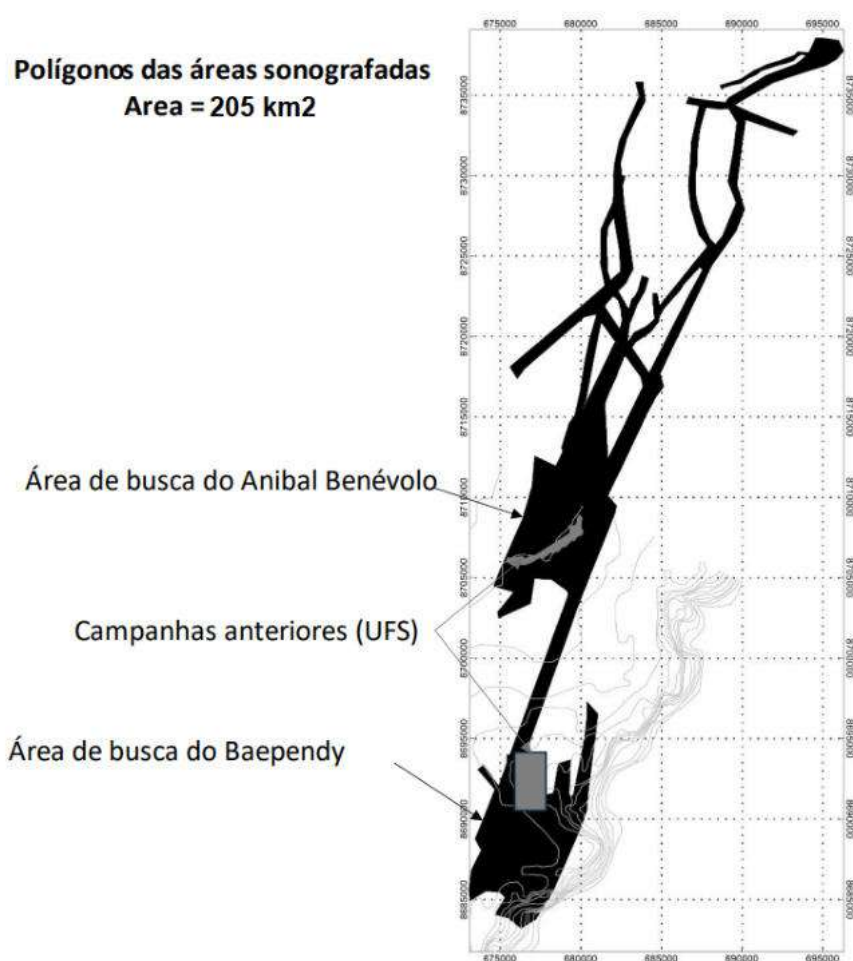
O *Mapa 16*, apresentado abaixo, representa o índice dos levantamentos realizados pelo sonar de varredura lateral. Este mapa localiza os principais pontos das coordenadas geográficas mencionadas nos relatos históricos sobre os naufrágios. Além disso, ele destaca os principais pontos representativos das feições recifais e outras anomalias encontradas durante os levantamentos.



Mapa 16 - Representação das áreas mapeadas em 4 campanhas de levantamentos por sonar de varredura lateral. Em preto, as áreas imageadas durante os levantamentos recentes. Em cinza, campanhas anteriores, realizadas por pesquisadores da UFS. Fonte: Dias (2024, p. 2).

De acordo com Dias (2024), as posições não coincidentes foram assinaladas para os mesmos alvos (Ver *Mapa 16*). O ponto “Aníbal com 39m (19m?)” foi relatado pelo comandante do submarino alemão em local de profundidade de 19m. Considerou-se a possibilidade de ter havido um erro de digitação (inversão) do valor de latitude (53 minutos em vez de 35 minutos), ou um erro de profundidade (19m em vez de 39m). Por isso existe outra posição do AB ao Sul (Anibal 39). De qualquer modo, todas estas posições foram avaliadas. Os pontos relatados para o Baependí possuem aproximadamente as mesmas latitudes e diferentes longitudes. A posição “Baependí com 38m” foi a posição mais confiável, relatada pelo comandante alemão do *U-507*, pois confirma a profundidade no local.

Posteriormente, dirigimos nossa atenção ao Baependí, que se encontrava a cerca de 5 horas de navegação da Praia do Saco/SE. Para otimizar o tempo e abranger toda a área de interesse, incluindo um segundo ponto indicado para o Aníbal Benévolo, próximo ao Baependí, foi necessário pernoitar no mar. Esta estratégia permitiu um mapeamento mais eficiente e detalhado da região em questão, como mostra o *Mapa 17*.



Mapa 17 - Representação das áreas mapeadas em 4 campanhas de levantamentos por sonar de varredura lateral. Fonte: Dias (2024, p. 3).

A área total mapeada com 100% de cobertura do fundo marinho foi de 205 km², (considerando 10% de recobrimento). O cálculo da área do polígono (área em preto) foi realizado pelo programa “Geosoft Oásis Montaj”. Os métodos e técnicas utilizados para fazer os levantamentos foram por meio de sonar de varredura lateral EdgeTech 4100, utilizando o sensor 272 TD, na frequência de 100 KHz, ao longo de linhas paralelas, previamente planejadas no programa de navegação Hypack. As linhas de navegação foram criadas de modo a cobrir uma área com raio maior que 1,5 km no entorno das posições indicadas. Considerou-se que, na época, as posições estimadas por utilização de sextante tivessem um erro de precisão de posicionamento dentro desses limites. Entretanto, as áreas de fundo sonografadas com 100% de recobrimento atingiram valores bem maiores do que o planejado. O erro de posicionamento do GPS utilizado (~2 a 4m) é insignificante, principalmente considerando-se as dimensões dos alvos a serem detectados. A *Tabela 5* mostra os raios de busca efetivos, a partir das posições informadas dos naufrágios (Dias, 2014, p. 4).

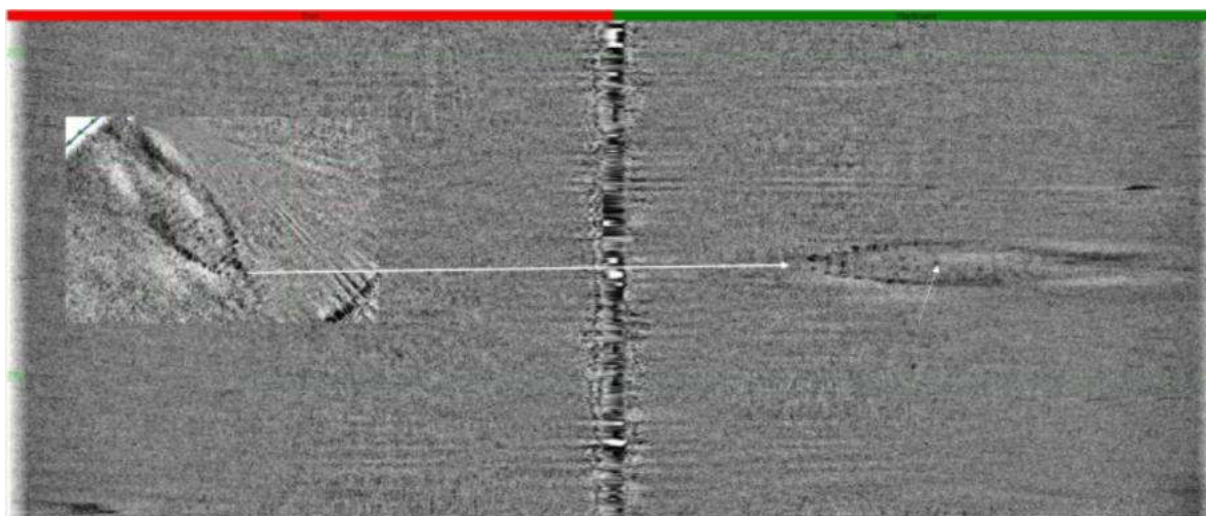
Anibal Benévolo	3,7Km NW	4Km NNE	1,4Km ESE	3,25Km SSW
Baependy	3,6Km ESE	2,5Km NE	4,6Km SSW	2,0Km WNW

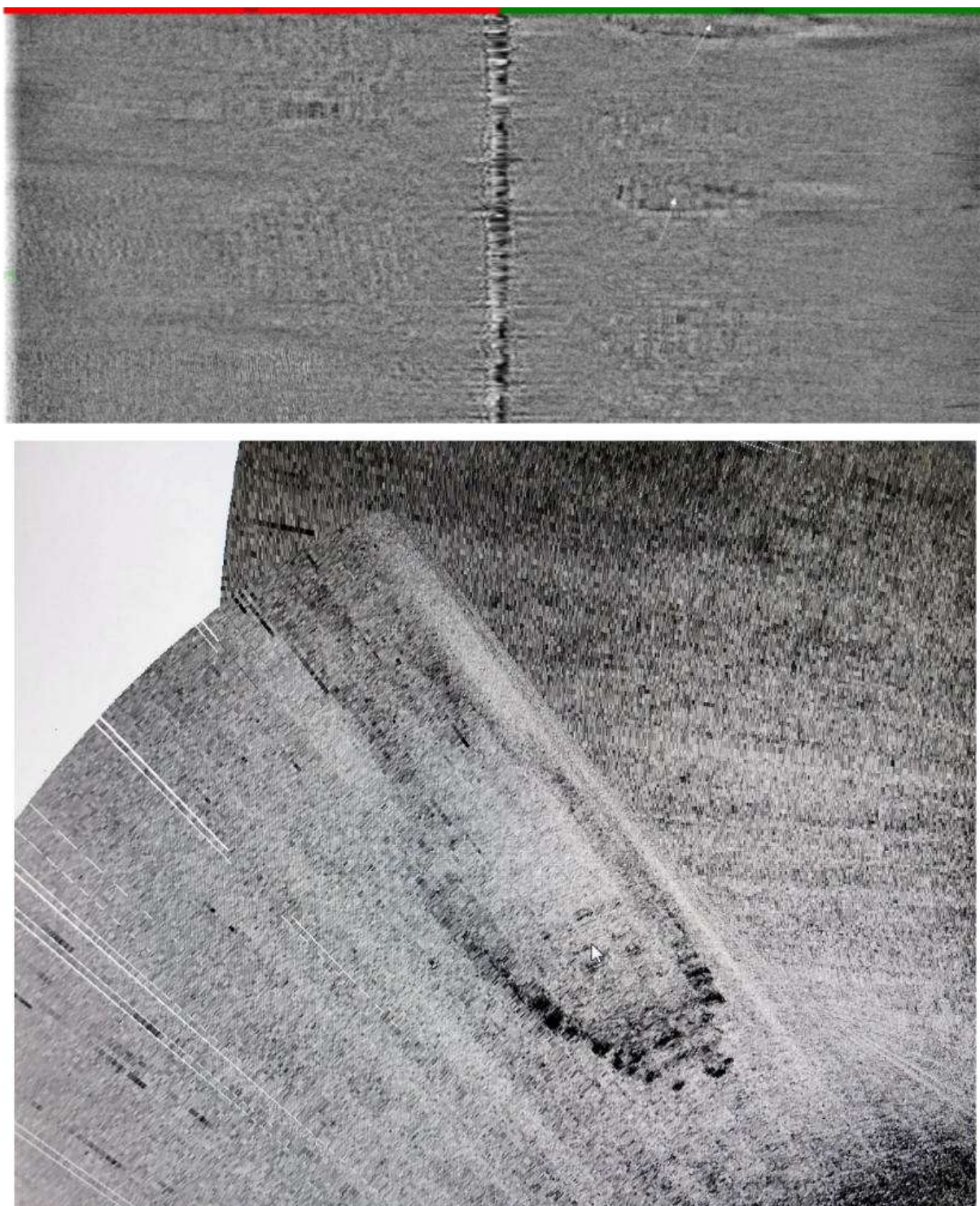
Tabela 5 - Raios de busca em diversas direções a partir do centro da posição indicada dos naufrágios.
Fonte: Dias (2024, p. 4).

5.5.1. Descrição das principais feições de fundo identificadas na segunda expedição do Projeto Segunda Guerra Submersa ocorrida em 2024

Durante o levantamento, foram consideradas não apenas as fontes primárias e secundárias, ou seja, as fontes históricas, mas também buscou-se ampliar as interpretações dos dados disponíveis para delimitar novas áreas de investigação. Além disso, foram incorporadas informações confidenciais por pescadores locais, o que permitiu uma abordagem mais abrangente e contextualizada. Como resultado, identificaram-se alguns pontos anômalos de relevância, que apresentaram potencial significativo para futuras investigações arqueológicas.

O relatório identificou uma feição anômala, cuja natureza ainda não foi decifrada, caracterizando-se por uma forma que lembra o contorno de um casco de embarcação, com comprimento entre 80 e 90 metros. No entanto, as dimensões de largura apresentadas são incompatíveis com as proporções típicas de navios, além de não exibir estruturas de relevo na superfície do fundo marinho, conforme ilustrado nas *Figuras 134 a 136*.





Figuras 134 a 136 - Outros formatos ainda não compreendidos, das anomalias relacionadas ao "casco". No encarte da figura observa-se "eco fantasma" onde foram realizados os primeiros mergulhos que não localizaram a feição. Fonte: Dias (2024, p. 7).

Este alvo destacou-se pela intensidade de reflexão acústica que produziu, resultando em "ecos fantasmas" que dificultaram a determinação precisa de sua localização para verificação efetiva (Dias, 2024). Apesar dos esforços na investigação direta, o objeto não foi encontrado na posição inicialmente indicada pela equipe de arqueólogos subaquáticos.

Durante a segunda campanha de levantamento sonográfico na área, foram captadas formas similares desse alvo, porém, em uma posição diferente, sugerindo a necessidade de investigações adicionais para esclarecer a natureza e a origem desta feição anômala.

Uma outra anomalia foi capturada pelo sonar em um local conhecido como "Navio de Madeira", identificado por um pescador de linha de fundo da região, que nos passou o ponto para verificação. Ele descreveu a área como contendo destroços de madeira, possivelmente associados a um naufrágio de navio antigo, sendo um ponto somente conhecido por pescadores. As imagens obtidas na área revelaram formas que sugerem a presença de um potencial casco soçobrado, com sua estrutura aparentemente desmantelada, característica típica de embarcações que têm uma estrutura de madeira ou mista (Ver *Figura 137*).

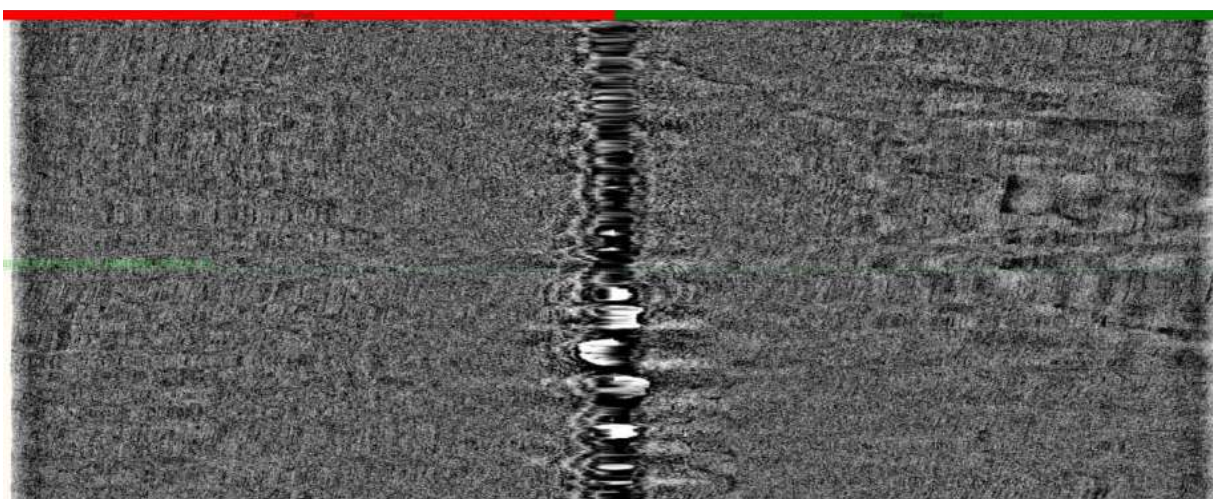
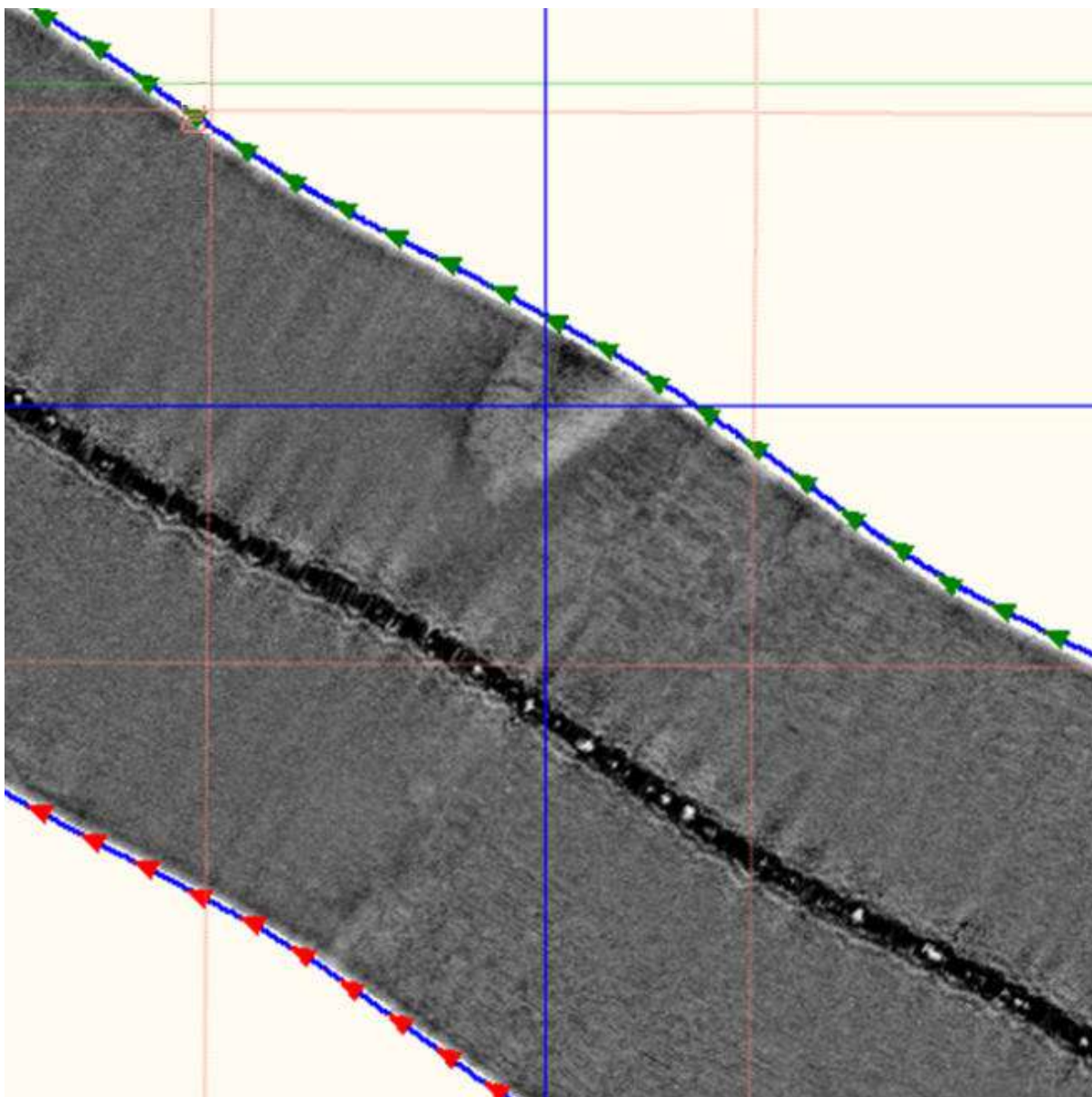


Figura 137 - Possíveis destroços relacionados ao “Navio de Madeira”. Fonte: Dias (2024, p. 8).





**Figuras 138 e 139 - Anomalia (seta branca) não definida, localizada próximo ao local da *Figura 137*.
Fonte: Dias (2024, p. 8).**

Uma outra referência confienciada por um pescador da região é um local denominado "Pegador". Este local foi identificado visualmente por um tripulante da embarcação utilizada no levantamento sonográfico, que também é morador e pescador da região. Ele relatou que essa área é conhecida por frequentes incidentes em que redes de arrasto de fundo se enroscam e são perdidas. Através do uso de sonar de varredura, constatou-se a presença de uma área recifal de baixo-relevo situada no limite de uma zona sedimentar lamosa, onde ocorre a pesca de camarão. A *Figura 140* ilustra as características distintas entre esses dois tipos de fundo marinho.

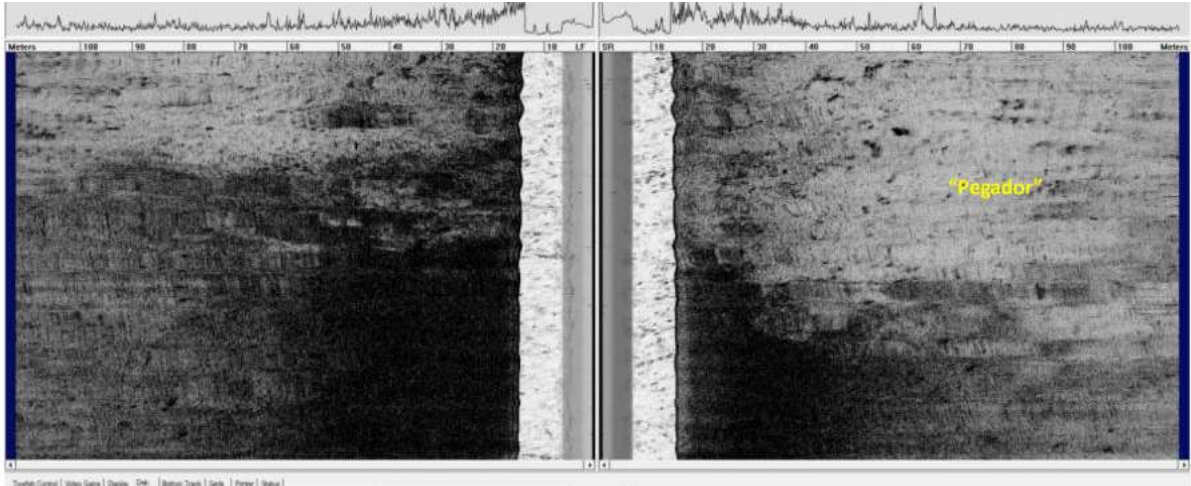
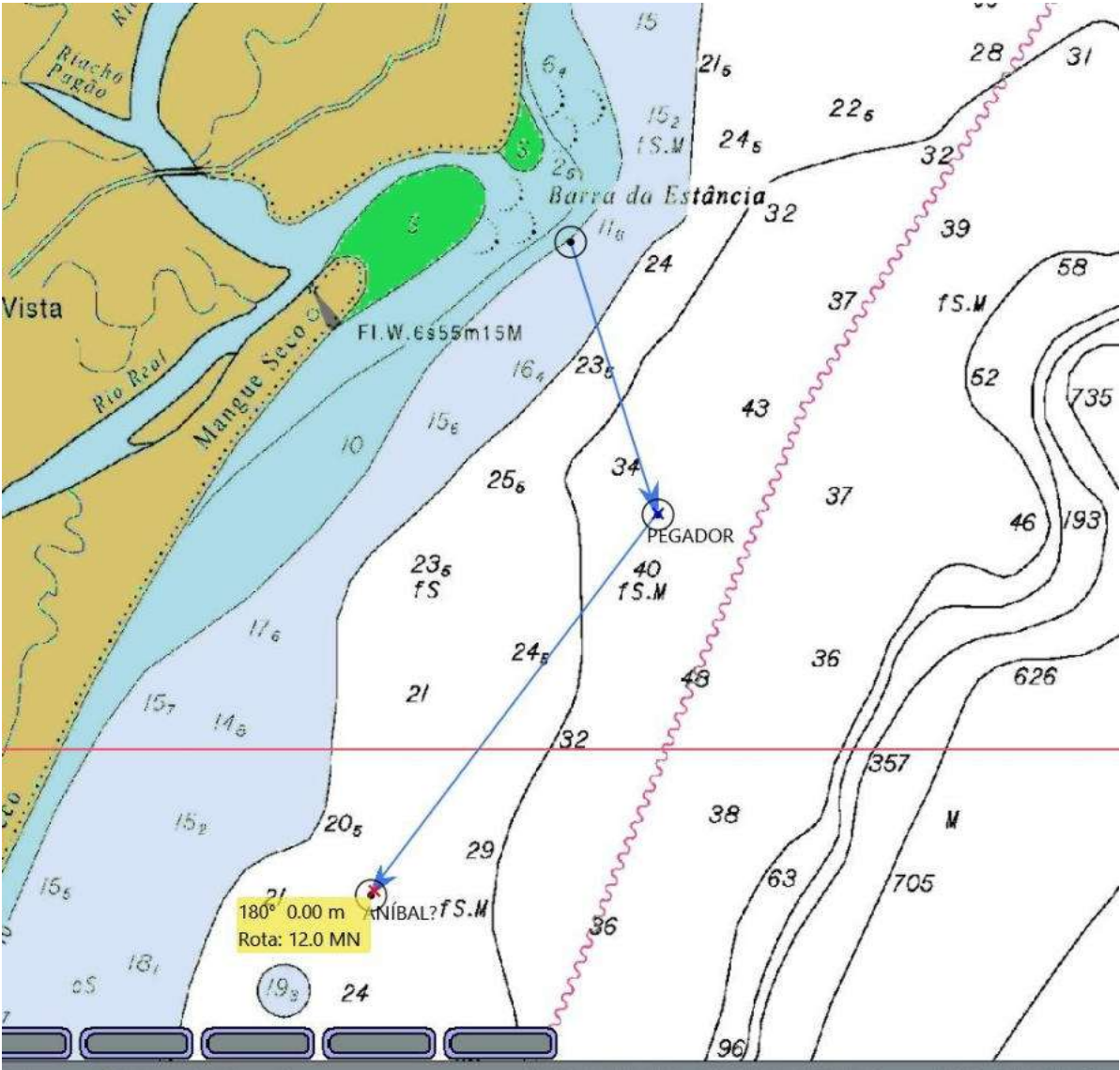


Figura 140 - Registro do sistema EdgeTech no momento da passagem sobre o limite entre os dois tipos de fundo. Fonte: Dias (2024, p. 9).



Mapa 18 - Localização do "Pegador". Fonte: Dias (2024, p. 9).

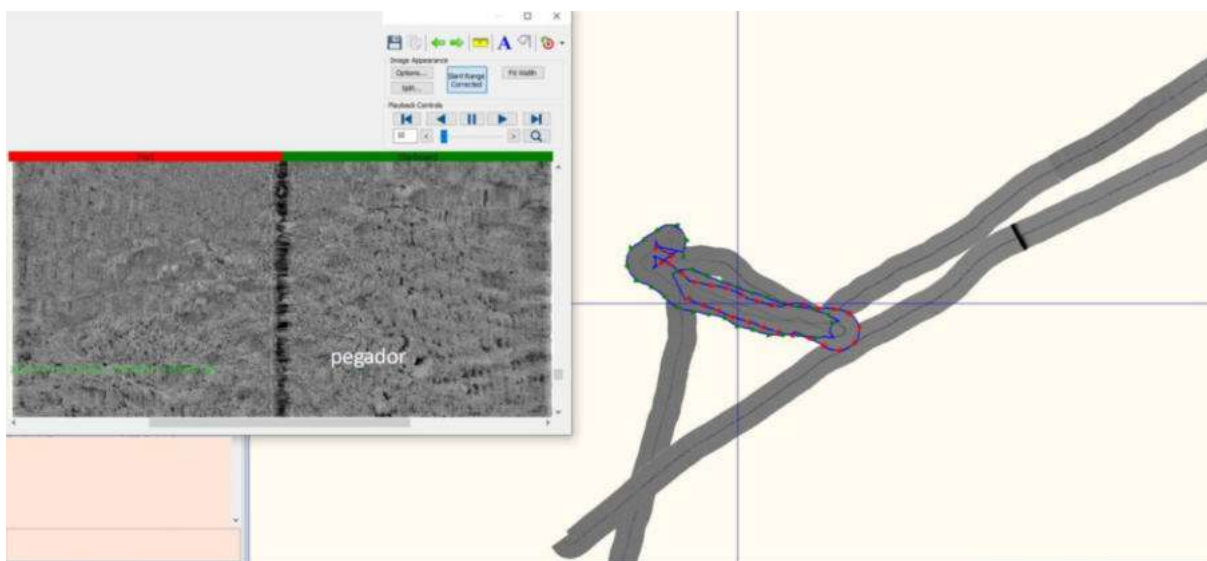


Figura 141 - Imagem do "pegador" e localização no sistema SonarWiz. As coordenadas relativas ao topo da imagem podem ser visualizadas no canto superior esquerdo. Fonte: Dias (2024, p. 10).

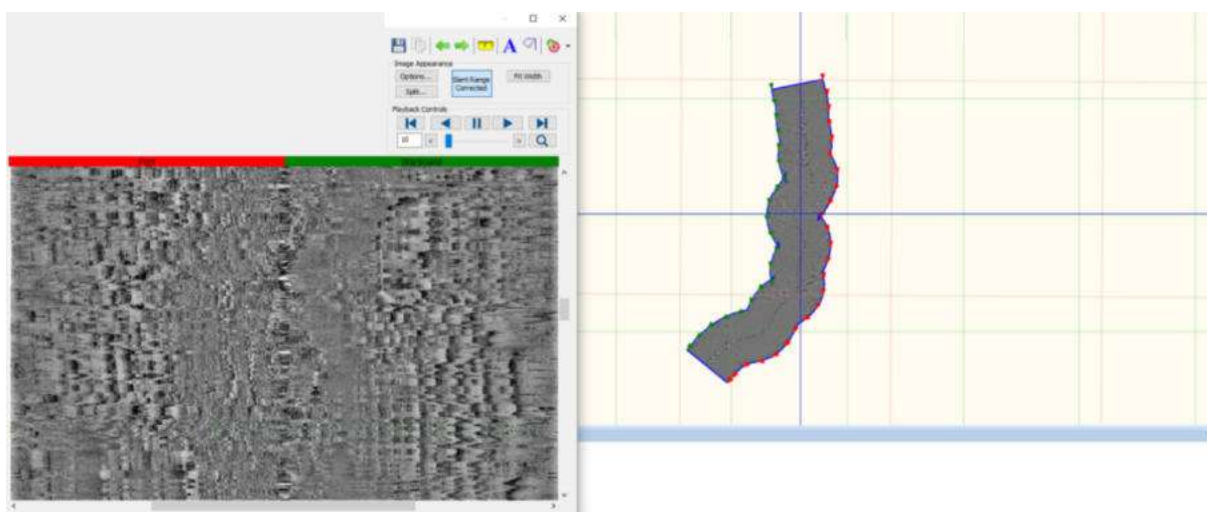
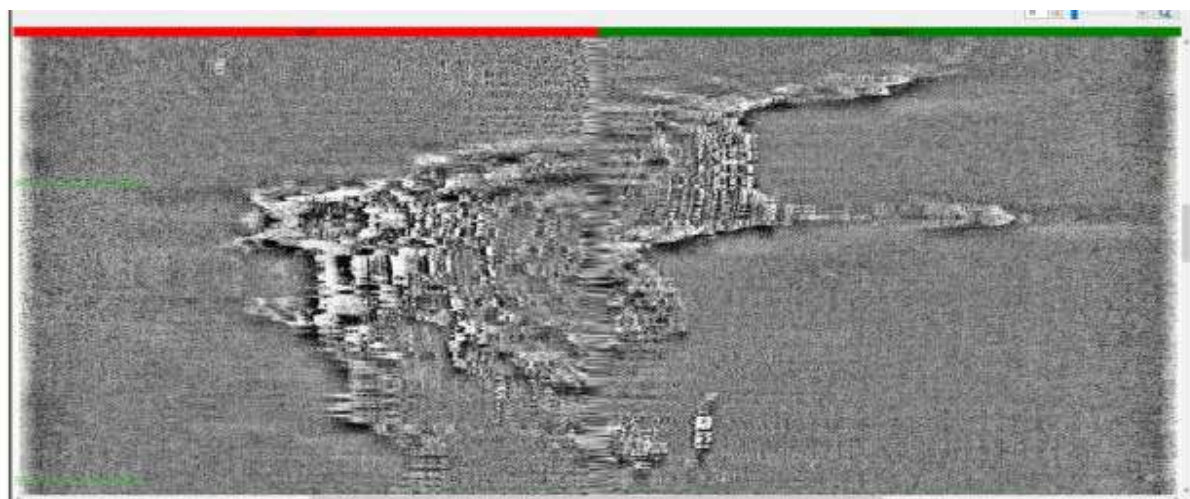
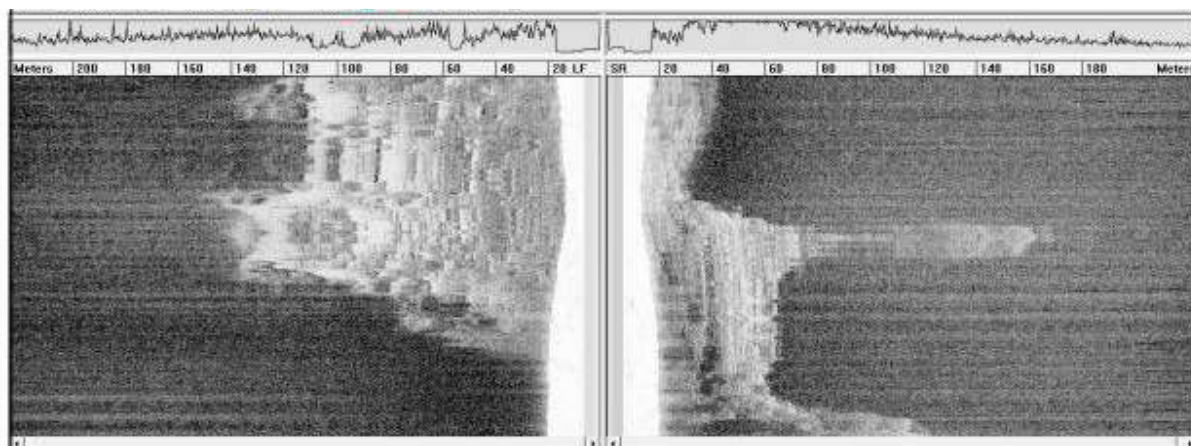


Figura 142 - Recifes: Pedra da Tieta. Fonte: Dias (2024, p. 10).





Figuras 143 e 144 - Área de recifes. Fonte: Dias (2024, p. 11).

Na fase de análise em escritório, os dados sonográficos coletados foram interpretados, resultando no desenvolvimento de mosaicos georreferenciados de imagens e na identificação de diversas feições no fundo marinho, incluindo várias áreas recifais (Ver *Figuras 140 a 144*). Assim, as únicas feições de maiores proporções identificadas foram as formações recifais aflorantes sobre o fundo, compostas principalmente por incrustações de algas calcárias em concreções ferruginosas, representativas dos resíduos de erosão das falésias continentais do Grupo Barreiras. Curiosamente, essas áreas não são compostas por corais, mas predominantemente por concreções sedimentares endurecidas, semelhantes às observadas na base das falésias do litoral nordestino. Acredita-se que essas formações se depositaram no fundo marinho após o recuo das falésias devido à elevação do nível do mar. Além disso, existe também a presença de corais de pequenas dimensões, isolados sobre as concreções recifais. Para processar as imagens obtidas, foram utilizados softwares especializados de alta capacidade de processamento das imagens, como SonarWiz, Coda e Geosoft.

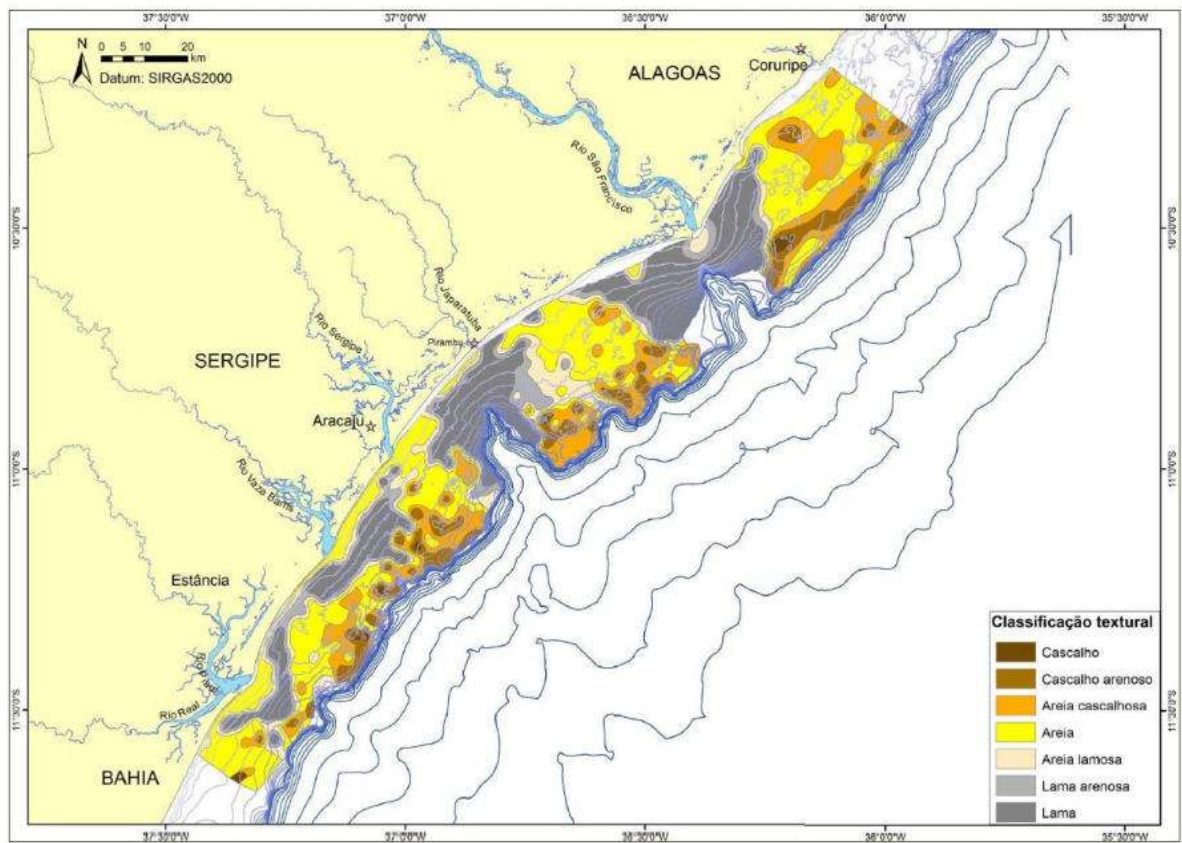




Figuras 145 e 146 - Pesquisa de Campo realizada em 2024 pelo arqueólogo Gilson Rambelli, Coordenador do Projeto. Fonte: Equipe do Projeto (2024).

Apesar de não serem nossos achados prioritários, o mapeamento dessas áreas representa um dado inédito e relevante para outras áreas de pesquisa, como a Oceanografia, Biologia Marinha e Geologia. A identificação detalhada dessas formações recifais pode fornecer informações importantes sobre a dinâmica sedimentar e ecológica da região, contribuindo para um melhor entendimento dos processos de erosão e deposição, bem como para a conservação e manejo dos ecossistemas marinhos locais.

O resultado obtido pelo levantamento sonográfico não identificou nenhuma estrutura retilínea de grandes dimensões, de natureza antrópica — a não ser as formações naturais que foram identificadas na primeira expedição e que voltaram a se repetir em outras áreas — ou com formatos geométricos e relevo acentuado, como seria de se esperar nos registros de navios naufragados. As estruturas encontradas pareciam estar superficialmente enterradas no sedimento, especialmente em áreas com fundo de cascalho bioclástico compactado (Ver *Figuras 147 e 148* abaixo), composto por algas calcárias de lenta taxa de crescimento e sedimentação (Ver *Mapa 19*) (Dias, 2024).



Mapa 19 - Mapa de classificação textural do fundo marinho. Fonte: Jonas Santos (2024).





Figuras 147 e 148 - Verificação de uma das áreas de investigação. Fonte: Equipe do Projeto (2024).

Essa investigação inicial nos levou a planejar novos levantamentos baseados na interpretação de outros dados pertinentes, especificamente descritos no diário de bordo do comandante alemão Harro Schacht, que detalhou as manobras realizadas durante os três ataques consecutivos aos navios Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo. Foram realizados cálculos, compilando as seguintes informações:

- (i) as velocidades indicadas dos navios durante os ataques; (ii) o tempo de navegação de Salvador até o momento dos naufrágios; (iii) as marcações (ângulos de visada do submarino ao alvo; e (iv) as rotas traçadas pelos navios antes de serem atacados. Consideramos na plotagem das rotas, a diferença entre os valores da declinação magnética na região, entre 1942 e 2024, obtidas no site da NOAA¹¹⁵ (Dias, 2024, p. 2).

Na análise da rota seguida pelos navios que partiram de Salvador/BA pouco antes dos ataques, constatou-se que o curso de 035RV (rumo relativo ao Norte Geográfico), com a devida correção de declinação magnética, efetivamente correspondia a 031,5 RV. No momento do primeiro ataque, o comandante já era capaz de avistar as luzes do navio que seguia logo atrás, indicando que ambos estavam relativamente próximos e que mantinham velocidades similares. Conforme registrado no diário de bordo do *U-507*, o navio Aníbal

¹¹⁵ Segue o site do programa National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA). Disponível em: <https://www.ngdc.noaa.gov/geomag/calculators/magcalc.shtml?useFullSite=true#declination>. Acesso em: 05 maio de 2024.

Benévolo navegava a 6 nós e apresentava uma condição notável de estabilidade, mesmo com o mar agitado, o que sugere que estava bastante carregado: “Deve ter sido muito carregado, porque estava muito fundo e, apesar do mar agitado, estava quase completamente estável”. É possível que, munido de informações de espionagem, o submarino já estivesse à espera da chegada desses navios na área de emboscada planejada (Dias, 2024, p. 2). Segue a cronologia dos ataques elaborada por Dias (2024, p. 2):

No início do crepúsculo (17:30?) do dia 15 agosto de 1942, o navio **Baependí** foi avistado a 9 mn na marcação 288 °(V). Às 18:05h - Avistada luz do **Araraquara**; 19:12h - Afunda **Baependí**; 21:03h - Afunda **Araraquara**. “Continuo na rota do tráfego” disse o comandante alemão (voltando na rota); 02:10h - Avista luz do **Aníbal Benévolo**; 04:13h - Afunda este terceiro navio, 7h depois de afundar o **Araraquara**.

Estimativa de Tempo/Distância de navegação de Salvador até o local de naufrágio. **Baependí** saiu às 7h, foi torpedeado às 19h = 12h depois. A 8 nós ~ 96 mn; **Araraquara** saiu às 11h, foi torpedeado às 21h = 10h depois. A 10 nós ~ 100 mn; **Aníbal Benévolo** saiu às 12h, foi torpedeado às 4:30h ~ 16 h depois. A 6 nós = 96mn. De Salvador até ao largo do trecho Conde-Siribinha ~100 mn.

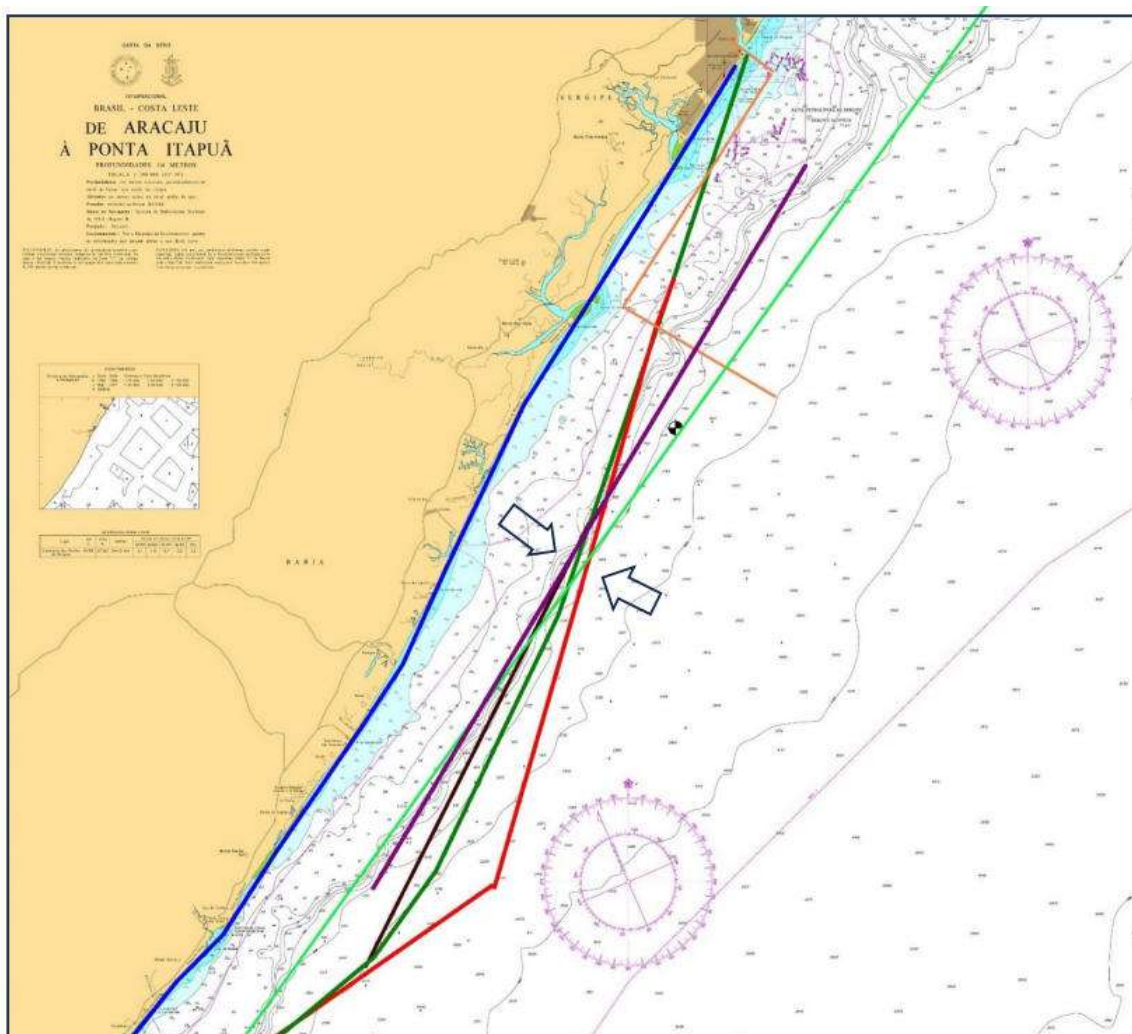
Observações relevantes emergiram da análise dos relatos dos naufragos e outras fontes durante o estudo dos naufrágios do Baependí e Araraquara. Primeiramente, os sobreviventes do Baependí, que estavam em uma baleeira, relataram ter ouvido o estrondo da explosão do Araraquara, que passava a uma distância considerável. O Araraquara foi torpedeado e afundou aproximadamente uma hora após o Baependí e, no momento do ataque, navegava a sua velocidade máxima de 14 nós, provavelmente tentando escapar após ouvir as explosões que afundaram o Baependí. Com base na velocidade de 14 nós, calcula-se que o Araraquara estaria cerca de 14 milhas ao norte ou nordeste do Baependí. Isso é confirmado pelo fato de que os naufragos do Araraquara chegaram às praias ao norte do rio Real.

Além disso, os relatos dos pilotos do Aeroclube de Sergipe, que voaram em um Piper, realizando uma incursão arriscada a 15 milhas náuticas da costa, um pouco ao norte de Estância/SE, confirmaram a presença de numerosos naufragos e destroços. Este evento dos torpedeamentos é detalhado georreferenciadamente no *Mapa 20*, apresentado no livro *Operação Brasil: O ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial*, de Durval Lourenço Pereira (2015), que ilustra o trajeto do U-507, conforme o diário de bordo do comandante alemão, e a rota de cabotagem dos navios mercantes.



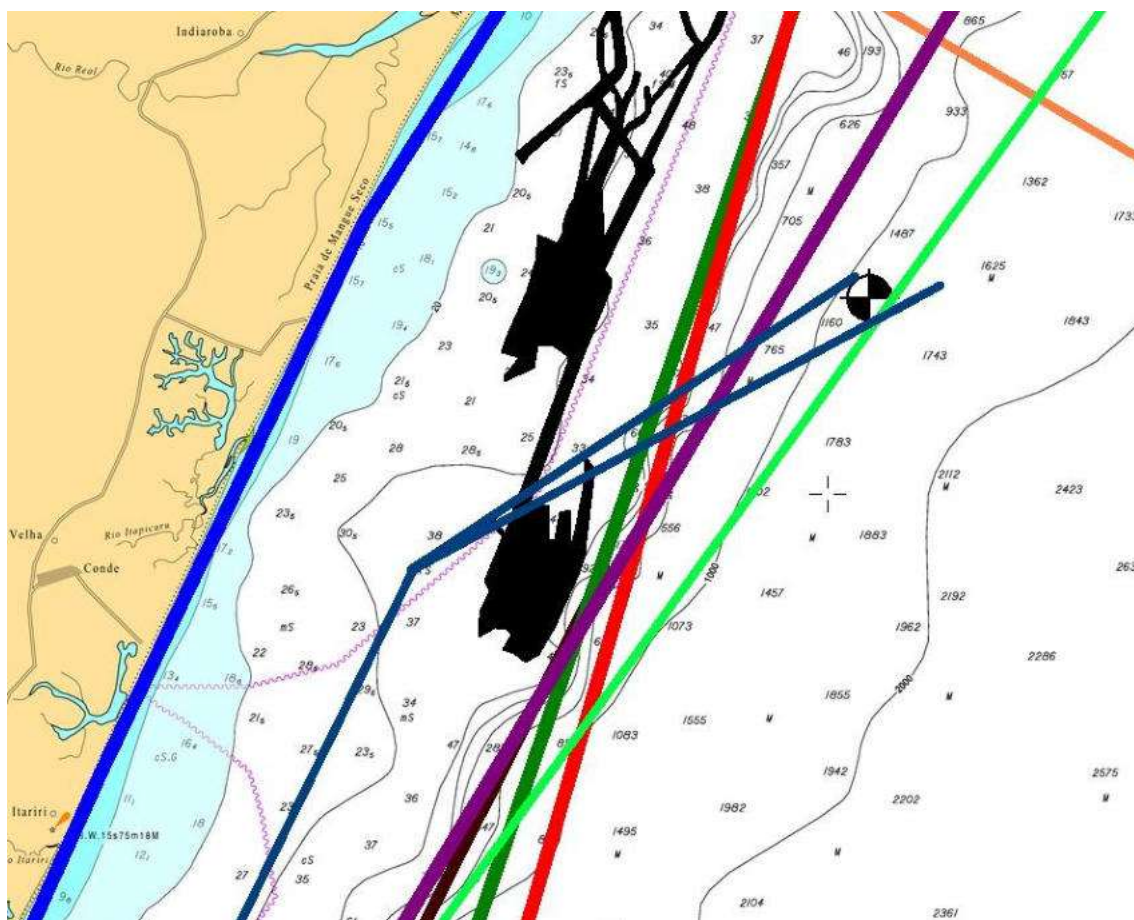
Mapa 20 - O rastro do “Lobo Solitário” - O trajeto do *U-507* foi reconstituído segundo os registros do diário de guerra de Harro Schacht. No diagrama, a posição do *U-507* está assinalada a cada 12 horas, de 8 a 28 de agosto de 1942. A análise da rota sugere que o capitão tenha desviado o curso do U-boot das cercanias do porto de Recife no início do mês. Fonte: Pereira (2015, p. 177).

Conforme ilustrado no *Mapa 21*, todas as rotas convergiam e cruzavam em uma região ao largo do litoral entre Conde e Siribinha (BA) a (~100 mn). Esta região foi o foco de nossas buscas pelos navios Baependi e Aníbal Benévolo, que foram realizadas sobre a plataforma continental em profundidades próximas a 40 metros. Todos os navios seguiram em determinado momento, o Rumo Verdadeiro 035° (31,5° RV corrigido), e é provável que estivessem navegando próximo ao talude continental, onde a Corrente Norte Brasileira (Ver *Mapa 23 abaixo*), que flui para o nordeste (NE) durante o outono e inverno, poderia aumentar significativamente a velocidade navegacional (Dias, 2024).



Mapa 21 - Em vermelho - rota do U-507; em verde escuro - rota usual Salvador-Aracaju; em vinho - rota 035V em 1942; em verde claro - rota para Maceió. Em laranja - rota do monomotor Piper que decolou do Aeroclube de Sergipe. Ponto em preto - local informado do Araraquara. Fonte: Dias (2024, p. 3).

Ao analisar o *Mapa 21*, propomos a hipótese de que os naufrágios do Baependi e do Aníbal Benévolo ocorreram sobre o talude continental, em uma zona onde as rotas convergem e onde se presume que o submarino estava à espreita, antecipando a passagem dos navios por essa região específica. Essa localização é coerente considerando a hora de partida de Salvador, o tempo de viagem e a velocidade de cada navio até a região entre Conde/BA e Siribinha/BA, aproximadamente 100 milhas náuticas.



Mapa 22 - A região em preto mostra as áreas que foram investigadas durante o levantamento sonográfico do *Projeto Segunda Guerra Submersa*. Fonte: Dias (2024).

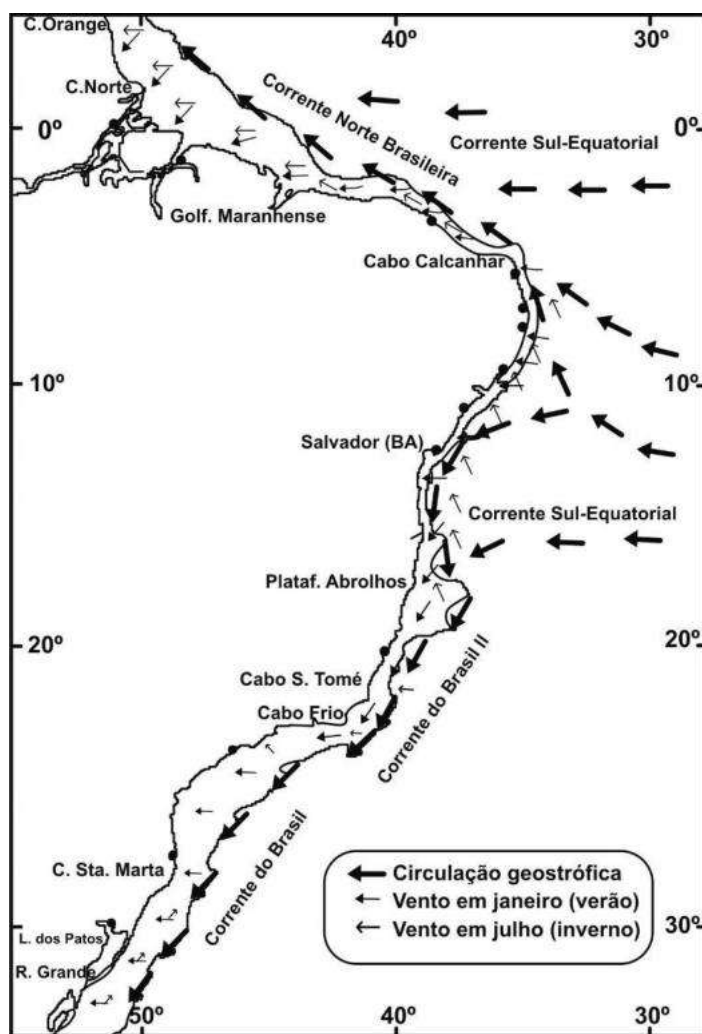
O ponto preto no *Mapa 22*, indicado como local do naufrágio do Araraquara, está muito próximo do local estimado, levando em conta que este navio passou a 14 nós pelo ponto do Baependi (na área preta ao sul) e foi torpedeado uma hora mais tarde. Esses pontos de afundamento também ajudam a corroborar o trajeto dos naufrágios até as praias, que foram levados pela corrente, influenciada principalmente por ventos do Sudeste (SE), típicos do período, exacerbados pelo tempo instável no momento dos naufrágios. Os sobreviventes do Baependi e do Aníbal Benévolo alcançaram as praias próximas aos estuários dos rios Real e Piauí, enquanto os do Araraquara chegaram mais ao norte nas regiões praianas de Sergipe.

A chegada dos vestígios, biofatos e demais cultura material junto aos sobreviventes à região costeira sergipana pode ser entendida através da explicação das correntes marinhas e dos ventos predominantes na região. Para compreender melhor como pode ter ocorrido esse deslocamento é preciso contextualizar tais informações técnicas.

De acordo com o oceanógrafo Jonas Santos (2023), o Estado de Sergipe é controlado durante o ano pelo anticiclone semifixo do Atlântico Sul (ASAS) que dá origem às massas de ar Tropical Atlântica (mTa) e Equatorial Atlântica (mEa). A primeira, proveniente da região

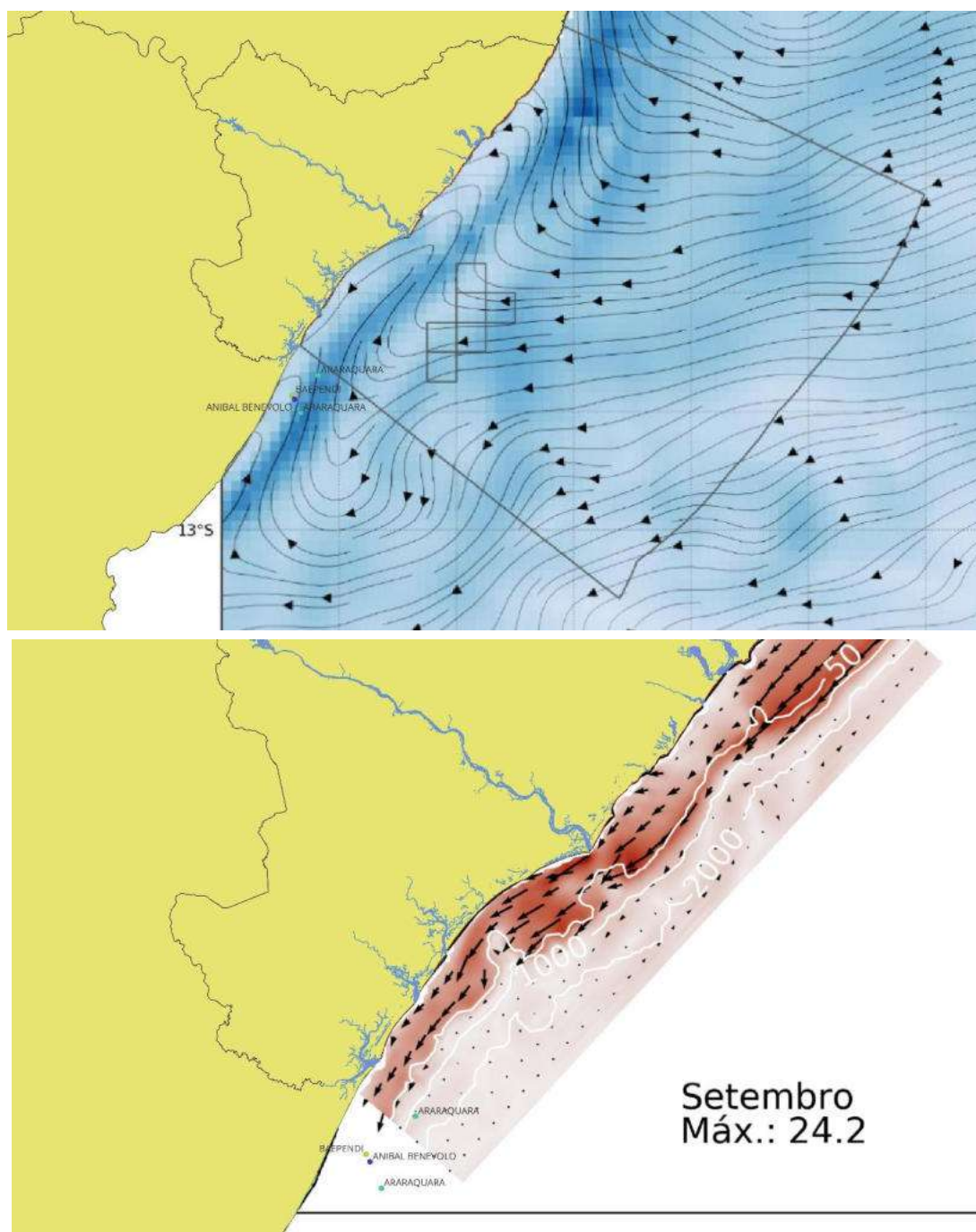
oriental do anticiclone, atinge o Nordeste brasileiro provocando os alísios de Sudeste (SE), e a segunda, oriunda da parte setentrional do anticiclone, originando os ventos de Nordeste (NE) (Ferreira; Mello, 2005 *apud* Santos et al., 2023). Assim, durante os meses de março a agosto, os ventos dominantes são de Sudeste, com velocidade variando de 2,7 m/s a 3,7 m/s, enquanto nos meses de setembro a fevereiro predominam os ventos de Leste/Nordeste, com velocidade variando de 4,1 m/s a 3,3 m/s (INMET, 2014 *apud* Santos et al., 2023).

Na plataforma do Nordeste do Brasil, a circulação oceânica é dominada pela Corrente Sul-Equatorial (CSE) que flui de leste para oeste atravessando o Oceano Atlântico (Ver *Mapa 23*). A corrente do Brasil é descrita na literatura como uma corrente fraca relativamente à sua análoga no atlântico norte, a corrente do golfo (CG). A CB é formada pelo empilhamento das massas de água características do Atlântico Sul (Silveira *et al*, 2000 *apud* Santos et al., 2023).

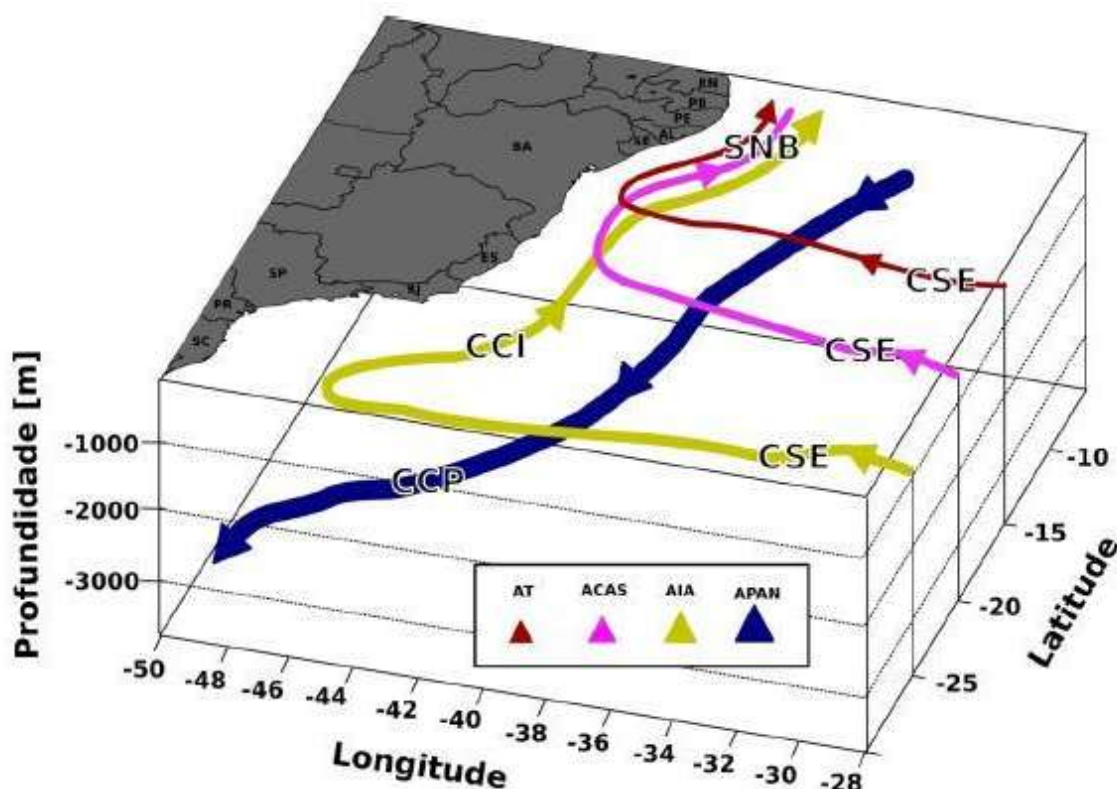


Mapa 23 - Esquema simplificado da Corrente Sul-Equatorial ao atingir a costa nordestina brasileira e dividindo-se formando a Corrente Norte Brasileira e a Corrente do Brasil.
Fonte: Peterson e Stramma (1991) e Castro e Miranda (1998) citados por Santos et al. (2023).

Segundo Stramma e England (1999 *apud* Santos et al., 2023), através de simulações de modelos numéricos oceânicos, descreveram que a Corrente do Brasil teria origem a partir da bifurcação do ramo sul da Corrente Sul Equatorial (CSE), cuja posição média anual do eixo é aos 15°S. De acordo com Santos (2024), Sergipe está em uma região de bifurcação da Corrente Sul Equatorial que vai gerar a Corrente Norte Brasileira, com direção norte, e a Corrente do Brasil, com direção sul (Ver Mapa 23 a 26).

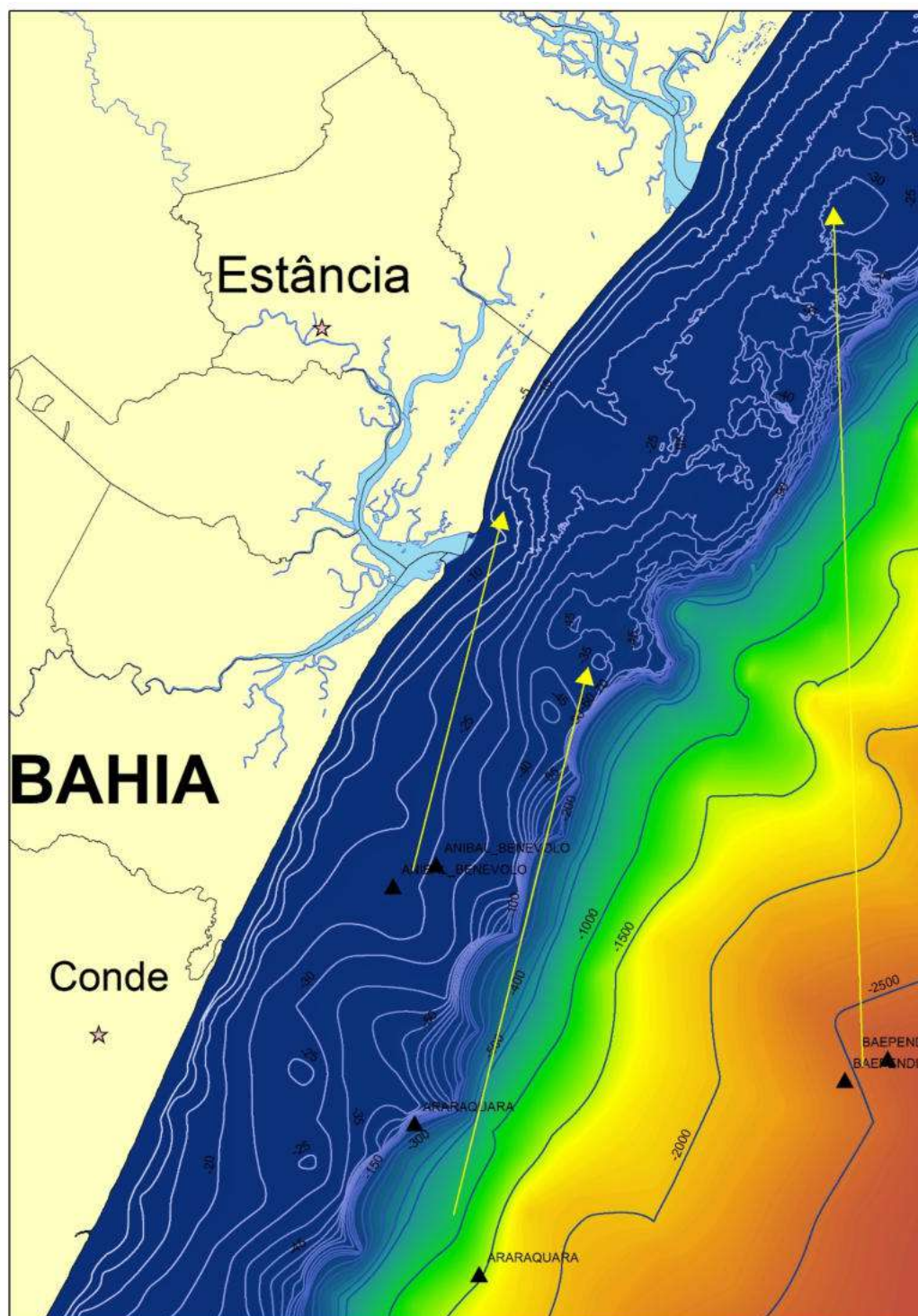


Mapas 24 e 25 - A costa de Sergipe apresenta uma contracorrente sul em contraste com as correntes presentes em alto-mar que vão em direção ao norte. Fonte: Santos (2024).



Mapa 26 - Sergipe se encontra em uma área de bifurcação de correntes marítimas. Fonte: Santos (2024).

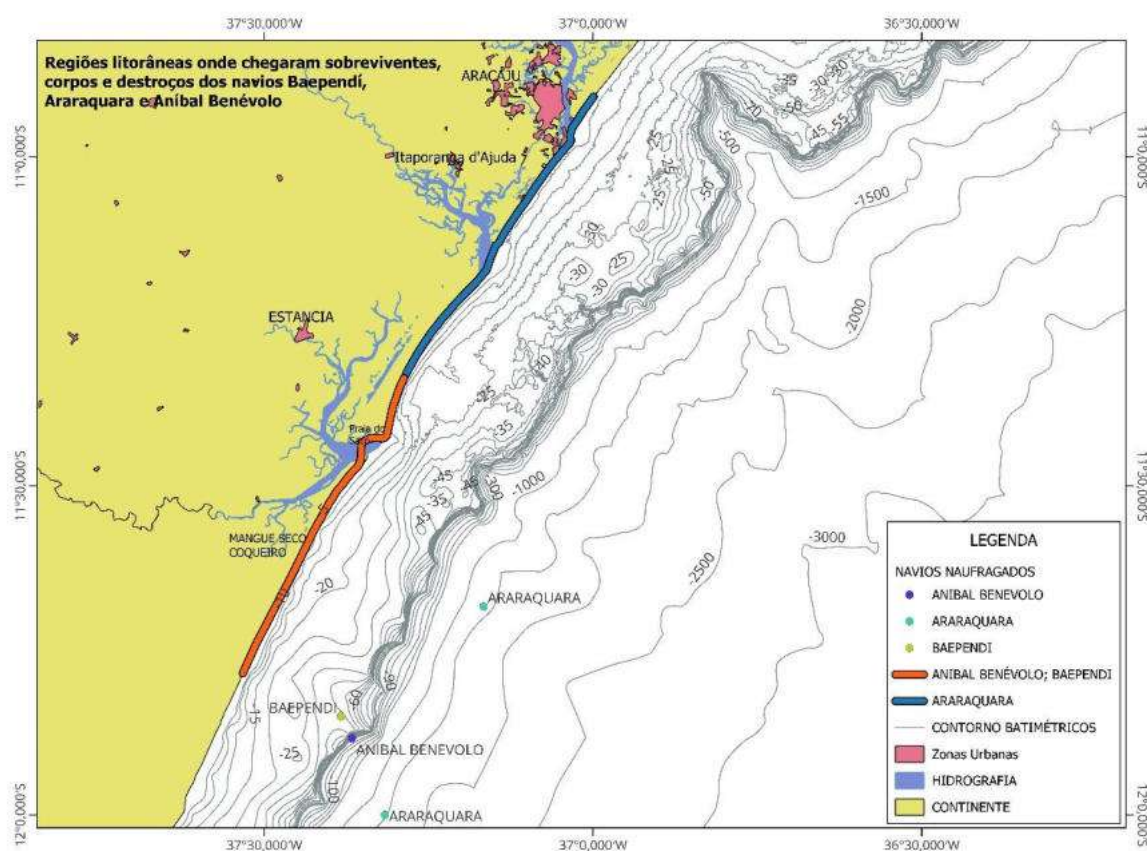
Partindo desse contexto, compreende-se que, após os torpedeamentos dos três navios, tripulantes, passageiros e destroços ficaram em alto-mar à mercê dos ventos e das correntes marinhas, e, por isso, acabaram chegando até as praias sergipanas. Visto que os ataques ocorreram em agosto de 1942, conforme o histórico do clima, havia uma predominância dos ventos de Sudeste (SE) e da Corrente Norte Brasileira (CNB) também nesta região se deslocando de sul para norte. Portanto, com base nessas condições climáticas e nas possíveis localizações dos ataques indicados nos mapas, tanto as vítimas da guerra quanto os vestígios dos naufrágios foram arrastados para o norte, culminando no seu deslocamento até as praias sergipanas, como mostra o *Mapa 27*.



Mapa 27 - Direção de deslocamento dos naufragos e destroços de acordo com a predominância dos ventos e correntes oceânicas. Fonte: Jonas Santos (2021).

Os impactos dos acontecimentos trágicos navais foram intensamente sentidos pela população local, que presenciou a chegada da guerra ao Brasil evidenciada pela cultura material representada por biofatos e destroços dos navios. Esses “restos” incluíam mercadorias variadas transportadas em caixotes, como tecidos, louças e talheres, além de latas de manteiga, sacos de farinha de trigo e fardos de charque. Objetos de uso domiciliar, como

cadeiras, colchões, redes e mesas, também foram trazidos à costa, juntamente com pedaços de madeira de diferentes tamanhos e tipos que se desprenderam dos navios. Objetos pessoais das vítimas, incluindo roupas, sapatos, joias e malotes com dinheiro, foram encontrados dispersos pelas praias. Além disso, os relatos dos sobreviventes reforçaram a percepção de que o conflito havia alcançado o território brasileiro, especificamente através dos litorais baiano e sergipano, locais que se tornaram o palco das ofensivas do submarino alemão comandado pelo capitão Harro Schacht (Sander, 2007). Os *Mapas 27 e 28* destacam as áreas baianas e sergipanas onde chegaram os “rastros” da Segunda Guerra Mundial.



Mapa 28 - Regiões de Sergipe e da Bahia onde chegaram os vestígios dos torpedeamentos navais.
Fonte: Jonas Santos (2024).

O *Mapa 28* mostra a extensão dos sítios arqueológicos de naufrágios, que abrange a interface terrestre das regiões praianas. Essas áreas incluem Mangue Seco e Coqueiro, no norte da Bahia, além do sul de Sergipe, destacando-se a Praia do Saco em Estância, Praia do Crasto em Santa Luzia do Itanhy, Praia da Caueira em Itaporanga D'Ajuda, Barra de São Cristóvão e as praias de Aracaju, como Aruana (anteriormente conhecida como Atalaia) e Mosqueiro. Esses locais foram os pontos de chegada dos vestígios materiais da tragédia, abrangendo destroços, corpos e sobreviventes arrastados pelas correntes marinhas.

Diante do que foi apresentado, propomos a hipótese de que, se os destroços estivessem localizados em áreas acessíveis da plataforma continental, em profundidades inferiores a 50 metros, provavelmente já teriam sido descobertos por pescadores. Estes, equipados com ecobatímetros portáteis e GPS, que são comuns em embarcações de pesca modernas, poderiam facilmente detectar grandes estruturas retilíneas características de navios naufragados, além de concentrações de peixes. Isso se deve ao fato de que todos os destroços de navios formam recifes artificiais significativos que atraem vida marinha, beneficiando-se da conservação da estrutura metálica que cria um substrato estável. Assim, é plausível considerar que a estrutura metálica dos navios tenha se mantido preservada ao longo do tempo (82 anos), semelhante a muitos outros naufrágios já conhecidos em nossa plataforma continental. Diante disso, sugere-se monitorar as atividades de pesca de fundo nas áreas de borda da plataforma continental no litoral norte da Bahia para aprofundar as investigações sobre a localização desses naufrágios.

Nas regiões do talude continental, a situação pode variar, especialmente devido à presença de sedimentos lamosos, que, no entanto, não são suficientes para cobrir completamente as estruturas dos navios. Na área próxima ao local indicado para o naufrágio do Baependí, há um paleocanal e um cânion submarino do rio Itapicuru, que contêm depósitos lamosos significativos. A utilização de um sistema de perfilador de subfundo (sub-bottom profiler) seria útil para determinar a espessura da lama e verificar a presença de estruturas metálicas, caso o navio esteja efetivamente nesta área.

5.5.2. Ausência de vestígios é evidência de informação: discussões e resultados sobre a segunda expedição do *Projeto Segunda Guerra Submersa* em 2024

Inicialmente, a equipe supunha que a Petrobras poderia ter realizado um levantamento sonográfico na área, devido à presença de plataformas petrolíferas no litoral sergipano. No entanto, em uma reunião com o Ministério Público Federal e representantes da assessoria da Petrobras, foi esclarecido que não existem estudos para a região que estamos investigando. A pesquisa da Petrobras concentrava-se apenas na região Alagoas-Sergipe, enquanto nosso estudo tem como foco o sul de Sergipe e o norte da Bahia, áreas até então sem pesquisas significativas e consideradas "áreas de sombra". Se estudos anteriores tivessem abrangido essas regiões, os naufrágios possivelmente já teriam sido descobertos.

O oceanógrafo Jonas Santos, membro da equipe do *Projeto Segunda Guerra Submersa*, confirmou sua participação em pesquisas anteriores realizadas pelo Laboratório Georioemar/UFS, sob a coordenação do professor Luiz Carlos Fontes, e também no Projeto MARSEAL. Este projeto visava a caracterização ambiental da Bacia de Sergipe-Alagoas, envolvendo a Universidade, a Petrobras e outras instituições, mas seu alcance terminava no rio Real, marcando o limite das pesquisas. Jonas descreve a região onde possivelmente estão localizados os naufrágios como inóspita e pouco estudada, razão pela qual eles ainda não foram encontrados. Atualmente, estamos explorando esta região com o *Projeto Segunda Guerra Submersa*, abrangendo uma lacuna que vai da Barra de Estância/SE até o Conde/BA.

Um dos questionamentos levantados pela equipe era se os naufrágios estariam localizados em profundidades maiores. Segundo o geólogo Gilberto Dias, membro da equipe do *Projeto Segunda Guerra Submersa*, é provável que os naufrágios estejam em profundidades maiores, já que as rotas de navegação passavam pela borda do talude continental para aproveitar a Subcorrente Norte do Brasil e agilizar a navegação.

Um dos resultados confirmados pelo projeto é que o naufrágio do Aníbal Benévolo não se encontra nas localizações relatadas anteriormente pelo comandante do navio, Henrique Mascarenhas, nem naquelas descritas no diário de bordo do capitão alemão Harro Schacht. As posições indicadas por essas fontes históricas, portanto, não contêm os restos do naufrágio. Para a Arqueologia, a ausência de materialidade é uma evidência valiosa de informação.

O pesquisador sugere que uma possível solução para encontrar os restos dos navios afundados seria realizar varreduras em áreas restritas de maior profundidade. Ele se surpreendeu ao verificar que os dados informados no diário de bordo do comandante do submarino, em agosto de 1942, mostraram que as rotas dos navios coincidiam, levando a crer que o submarino estivesse posicionado de forma estratégica, conhecendo o rumo que os navios seguiriam. Consequentemente, conseguiu atacar sucessivamente os três navios que passavam por essa rota. O capitão alemão, após afundar o segundo navio, informou que continuaria na mesma rota, onde abateu o terceiro navio, o Aníbal Benévolo, próximo ao Baependí.

Ao analisar a rota de cabotagem da época, partindo de Salvador, percebe-se que ela se expandia para alto-mar na região do talude e depois convergia em direção a Aracaju, aproveitando a Corrente do Brasil para acelerar a viagem. Os estudos sobre as correntes (EIA-RIMA Exxon Mobil) revelaram que existe uma contracorrente perto da costa, o que sugere que as rotas de cabotagem tradicionalmente desviavam desta contracorrente, preferindo passar ao longo do talude.

Dentro dessa análise, os navios podem estar em maiores profundidades, próximos à beira do talude, em uma região marítima que nunca foi extensivamente mapeada. Os dados coletados sobre as correntes marítimas estão ajudando a esclarecer esta questão. Por meio da varredura minuciosa com o sonar nas posições indicadas pelas fontes históricas, constatamos que não há naufrágios. Ademais, tomando como base os dados do mapa apresentado por Pereira (2015) e ajustando as escalas, os resultados indicam que os navios estariam justamente na região do talude. Esta é uma das principais conclusões que o estudo alcançou. Afinal, se os destroços estivessem mais próximos à costa, provavelmente já teriam sido encontrados pelos pescadores.

Para futuras expedições, será importante manter o diálogo com os pescadores da comunidade do Conde/BA. Givaldo Santos, presidente da Colônia de Pescadores Z-31 da região, mencionou que nas últimas décadas houve um declínio na atividade pesqueira tradicional entre os jovens, que agora preferem se dedicar a atividades terrestres. Esse declínio na pesca pode ter contribuído para o desconhecimento da área nessa região litorânea da pesquisa.

Ao analisar os dados históricos relativos à navegação de cabotagem da época, constatou-se que, após o rompimento das relações diplomáticas com o Eixo, o Estado-Maior da Armada orientou as embarcações a navegarem próximas à costa, mantendo uma distância de menos de 10 milhas. Essa diretriz implicava seguir rotas, que tinham como limite, na área em questão, a região do início do talude continental, localizado a aproximadamente 10 ou 11 milhas da costa.

Todavia, um dos nossos questionamentos é sobre a afirmação do comandante do Aníbal Benévolo, que alegou estar a 7 milhas da costa, perto do farol. Este dado mostra-se contraditório em relação ao tempo de 18 horas que levou para alcançar a costa, um intervalo excessivo para uma distância tão curta. Outros relatos, incluindo o do cozinheiro Firmino Gomes da Silva, sugerem que levaram ainda mais tempo para chegar à região praiana. Isso sugere que a rota de cabotagem era, na realidade, mais distante da costa, provavelmente para aproveitar a maior velocidade da Corrente Norte do Brasil em áreas mais profundas. Durante estudos sobre as correntes, foi observado que, em águas mais profundas, os derivadores movem-se para o norte, mas invertem sua direção para o sul na faixa mais próxima à costa e que estas correntes ocorrem o ano inteiro.

Na primeira expedição do projeto, o sonar detectou anomalias na região das 7 milhas, conforme descrito por Henrique Jacques Mascarenhas, comandante do Aníbal Benévolo. No entanto, na segunda expedição, utilizando-se equipamento de maior resolução, confirmou-se

que essas anomalias não eram os restos do Aníbal Benévolo, mas sim áreas recifais compostas por concreções sedimentares endurecidas, semelhantes às encontradas na base das falésias do litoral nordestino.

Essa descoberta contradiz as fontes documentais e as narrativas históricas, que foram repetidas por 82 anos na literatura e nos estudos acadêmicos, e demonstra a importância arqueológica de revisitar e questionar os dados históricos. Esse resultado justifica a pesquisa e contribui para o conhecimento de uma região até então desconhecida. Os dados colhidos são compartilhados com acadêmicos das Universidades Federais de Sergipe e da Bahia, destacando que a importância do investimento na busca tem valido a pena ao gerar conhecimento sobre esta área nova, enriquecendo o entendimento regional.

A partir de Salvador/BA, as embarcações navegavam para além do talude e gradativamente ajustavam a rota em direção a Aracaju/SE. Essa rota permitia que, ao passar pelo talude, os navios já estivessem a uma distância de aproximadamente 10 milhas da costa, posicionando-se eficientemente para o restante da viagem. Essa prática de navegação é confirmada pelos eventos descritos durante os ataques. Os sobreviventes do Baependí, por exemplo, enquanto estavam em uma baleeira, avistaram a luz de um navio ao longe e, uma hora depois, ouviram e viram o clarão de uma explosão violenta, que correspondeu ao torpedeamento e consequente naufrágio do Araraquara. Logo após, o comandante alemão retornou à mesma rota, esperando encontrar o Aníbal Benévolo.

Esses relatos indicam que os navios seguiam uma rota comum, e que os ataques foram planejados com base nesse conhecimento. O atraso no porto de Salvador/BA, mencionado pelo capitão Mascarenhas como intencional, e as descrições do comandante alemão sobre o estado carregado do Aníbal, que o tornava mais lento, reforçam a teoria de que os ataques não foram coincidências, mas sim bem calculados pelo comandante alemão, que esperava os navios em uma rota específica e previsível, aproveitando as correntes oceânicas e a configuração geográfica para otimizar o ataque.

Depoimento do Sr. Henrique Jacques Mascarenhas Silveira, comandante. — Acha que o submarino tinha pleno conhecimento da rota desses navios? — Creio que sim, pois, segundo os jornais têm publicado, eram transmitidas informações de terra sobre a rota dos vapores. Possivelmente, a notícia criminosa foi para um ou dois, mas o submarino aproveitou a coincidência da passagem de vários navios, para torpedear todos. — Como explica essa coincidência de muitos navios? — Deve estar lembrado de que, no começo de minhas declarações, aludi ao desarranjo havido no porto da Bahia no tocante ao encanamento para abastecer os navios de água. O desarranjo havido demandou muito tempo para ser reparado, e esse concerto

determinou a retenção de todos os vapores e, conseqüentemente, o seu atraso na partida para prosseguimento da viagem. Friso desconhecer, até hoje, a causa do acidente que motivou a impossibilidade de nos abastecermos d'água e zarparmos na hora devida (Agressão, 1943, p. 93).

O relatório da equipe também destaca um episódio notável ocorrido após o naufrágio do Aníbal Benévolo, navio considerado simbolicamente sergipano. Preocupado com o atraso do navio, o Capitão dos Portos de Aracaju, Gentil Homem de Menezes, solicitou aos pilotos do Aeroclube de Sergipe que fosse realizado um sobrevoo na área. Durante a missão, os aviadores não se limitaram à busca pelo Aníbal Benévolo, mas também localizaram sobreviventes de outros naufrágios. Firmino Gomes da Silva, cozinheiro do Benévolo, foi encontrado vagando pela praia, visivelmente abalado pelo trauma vivido. Profundamente impactado pela tragédia naval, ele recusou a oferta de resgate aéreo, afirmando sua decisão de não mais utilizar qualquer meio de transporte motorizado.

Além disso, os aviadores avistaram destroços, corpos e náufragos boiando em alto mar, possivelmente do Araraquara, a mais de 60 km da costa, evidenciando a magnitude da tragédia. Este cenário contribuiu para um entendimento mais amplo da situação, pois, ao serem levados pela corrente, os sobreviventes começaram a avistar as luzes da costa, proporcionando um certo alívio em meio ao desespero. Esse fenômeno também explica porque os corpos dos passageiros do Araraquara chegaram especificamente a Aracaju/SE, enquanto os dos outros navios foram encontrados em áreas como Mangue Seco, na Bahia, e Praia do Saco, em Estância/SE. Esse padrão de dispersão dos náufragos e destroços, influenciado pelas correntes marítimas, foi confirmado pelos relatos dos aviadores e está coerente com os dados de correntes e localização geográfica dos eventos, conforme analisado nos mapas.

Na discussão sobre as anomalias observadas durante a pesquisa submarina, não há indícios de que sejam restos de um navio, pois as características observadas não apresentam formas geométricas ou retilíneas típicas de destroços. A ausência de relevo marcante no fundo também reforça a ideia de que se trata de uma formação natural, não alterada por intervenção humana.

Durante as expedições, uma incidência de "eco fantasma" (eco duplo) gerou dúvidas sobre a natureza de uma formação, levando a equipe a passar sobre o local duas vezes, tanto na ida quanto na volta, para capturar diferentes imagens. Apesar dos esforços e da inclusão de três tipos de imagens no relatório da pesquisa, a falta de relevo significativo impediu conclusões definitivas.

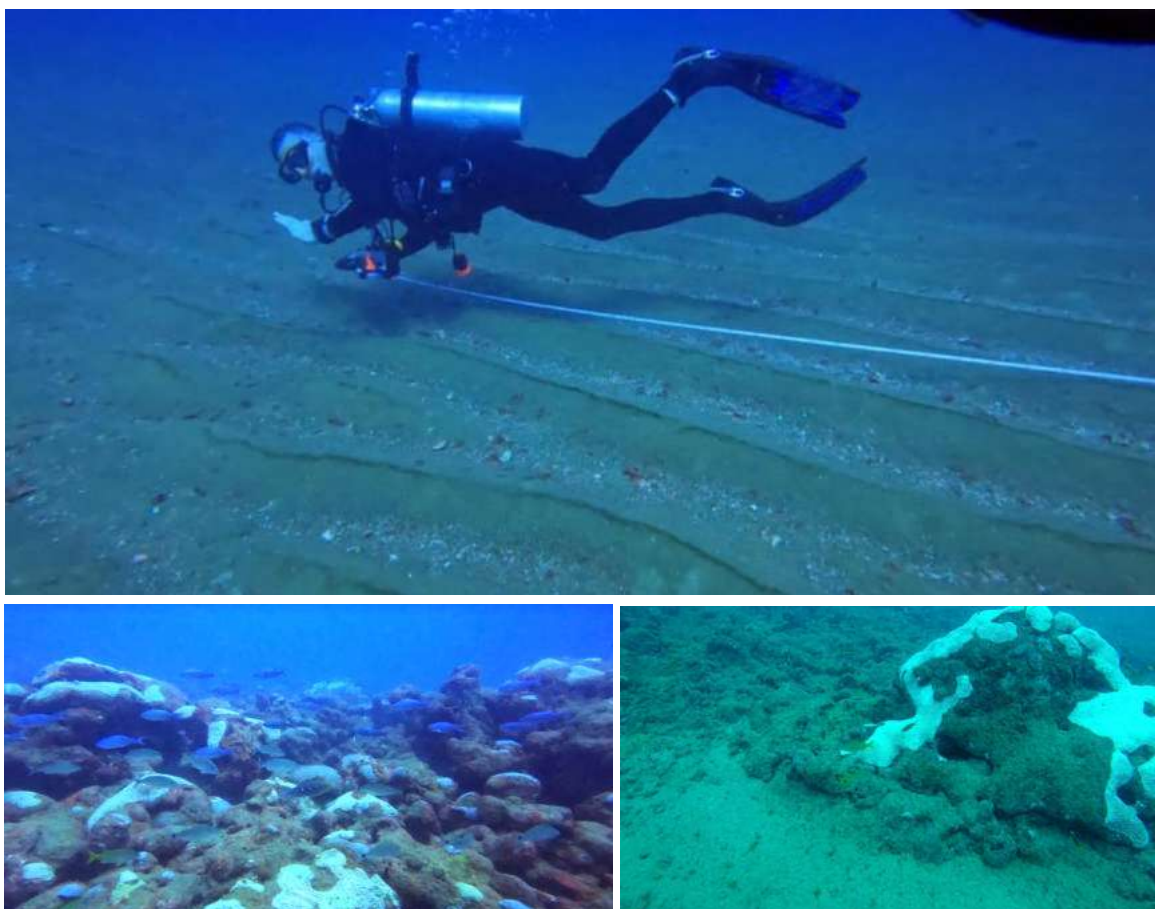
Investigamos duas hipóteses principais sobre a localização dos destroços do navio Aníbal Benévolo, com base nos relatos do comandante da embarcação e no diário de bordo do submarinista alemão responsável pelo ataque. Na primeira fase, os esforços concentraram-se em áreas próximas às sete milhas náuticas da costa, conforme indicado pelo comandante do navio. Posteriormente, na segunda etapa, as buscas foram ampliadas para regiões mais afastadas, próximas ao talude continental, conforme informações descritas no diário do submarinista e confirmadas por relatos de pescadores locais.

A distância foi um fator limitante significativo, exigindo quatro horas para alcançar e outras quatro para retornar, além de duas horas de pesquisa no local. Esta logística adversa motivou a segunda etapa de levantamento, permitindo que a equipe permanecesse mais tempo na área sem necessidade de retorno imediato.

Embora a pesquisa não tenha localizado os restos do navio, trouxe à tona novas interpretações que desafiam o entendimento histórico consolidado nos últimos 80 anos. As descobertas justificam o investimento na pesquisa e prometem avanços significativos para um documentário que evidenciará o progresso e os novos entendimentos obtidos, demonstrando a evolução do conhecimento sobre essa parte da história marítima brasileira.

À luz do exposto, percebe-se que a localização de naufrágios em mar aberto representa uma tarefa complexa, assemelhando-se à busca de uma agulha em um palheiro, caracterizada por um processo de tentativa e erro. Até o presente momento, as buscas não identificaram os naufrágios, tornando-se necessário desenvolver uma nova estratégia, possivelmente explorando mais a rota utilizada pelo submarino, localizada em uma região mais distante, próxima ao talude continental.

A logística para investigar essa área é desafiadora, exigindo pernoites devido à extensão e à dificuldade do terreno submerso, o que torna as expedições logisticamente inviáveis com os recursos atualmente disponíveis. Assim, a nova fase da pesquisa poderia focar na exploração dessa rota alternativa do submarino, conforme sugerido pelos relatos dos sobreviventes e pelas análises das correntes marítimas que influenciaram a trajetória dos destroços e das vítimas. Essa abordagem justificaria a expansão da busca e a continuidade da produção do documentário.



Figuras 149 a 151 - Verificação da área, identificação de branqueamento de corais.
Fonte: Equipe do Projeto (2024).



Figura 152 - Equipe do projeto realizando o levantamento geofísico em uma das áreas de investigação.
Fonte: Equipe do Projeto (2024).



**Figura 153 - A esperança persiste em busca dos restos dos navios torpedeados.
Fonte: Equipe do Projeto (2024).**

Perante o exposto, constata-se que a localização de naufrágios em mar aberto representa um desafio metodológico e técnico considerável, exigindo a aplicação de abordagens multidisciplinares e tecnologias especializadas. No âmbito do *Projeto Segunda Guerra Submersa*, desenvolvido pela equipe composta por arqueólogos, historiadores, oceanógrafos e geólogos, foram delineadas estratégias metodológicas específicas para lidar com as dificuldades inerentes à pesquisa arqueológica subaquática em profundidades superiores a 500 metros.

Entre as metodologias avaliadas, destaca-se o uso de veículos subaquáticos autônomos (AUVs), reconhecidos por sua precisão e eficiência na coleta de dados em grandes profundidades. Contudo, essa abordagem apresenta custos elevados e desafios logísticos que demandam análises minuciosas de viabilidade. Paralelamente, a colaboração com empresas especializadas em operações marítimas, como a *Ocean Infinity*, a *OceanPact* e a *Argeo*, desponta como uma alternativa promissora, permitindo a otimização de recursos financeiros e tecnológicos. No entanto, essa opção também impõe restrições relacionadas à disponibilidade de equipamentos e à definição de cronogramas operacionais.

Ademais, considera-se a possibilidade de utilização do navio “Ciências do Mar IV”, sediado em Recife e operado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Este recurso, acessível às universidades do Nordeste, configura uma solução prática e economicamente viável dentro do território nacional. Todavia, a viabilidade técnica e os desafios administrativos associados ao seu uso requerem avaliações detalhadas.

Cada uma dessas metodologias apresenta vantagens e limitações que estão sendo cuidadosamente analisadas no decorrer da pesquisa. A definição da abordagem mais apropriada dependerá de uma avaliação criteriosa dos recursos disponíveis, das metas estabelecidas e das oportunidades de cooperação institucional. Com essa análise estratégica, busca-se não apenas viabilizar a localização desses naufrágios torpedeados em agosto de 1942, mas contribuir significativamente para o avanço do conhecimento histórico e arqueológico sobre esses eventos marítimos bélicos. Tais esforços ressaltam a importância da memória histórica e da preservação do Patrimônio Cultural Subaquático como instrumentos fundamentais para a compreensão do papel do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

5.5.3. Produtos gerados a partir do *Projeto Segunda Guerra Submersa*

Em 2023, os membros da equipe do *Projeto Segunda Guerra Submersa* participaram de diversos eventos relevantes que destacaram o impacto histórico dos torpedeamentos e os esforços científicos voltados à preservação desse patrimônio por meio de pesquisas arqueológicas sobre os naufrágios dos navios Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo. Em agosto, foi realizada uma palestra na Escola do Legislativo, seguida pela apresentação de uma prévia do documentário *Segunda Guerra Submersa*, no Museu da Gente Sergipana, narrando o processo investigativo para localizar os restos dos navios afundados.

Em setembro, o jornal *O Globo* destacou os avanços das buscas por esses sítios de naufrágios, enquanto o governador de Sergipe reafirmou o apoio às pesquisas, as quais estão associadas ao projeto de construção do Memorial dos Naufragos, um espaço planejado e que será construído visando preservar as memórias da época bélica. No fim do mesmo mês, foi realizada uma live no Instagram apresentando detalhes sobre as expedições arqueológicas. Além disso, cursos de mergulho ministrados pelo professor Gilson Rambelli, em parceria com a *National Association of Underwater Instructors* (NAUI), capacitaram alunos da pós-graduação em Arqueologia, aprimorando a preparação técnica para as futuras investigações subaquáticas. Esses esforços consolidam a relevância do projeto como desdobramento da presente tese, cuja finalidade é a preservação da memória e a valorização do Patrimônio Cultural Subaquático Brasileiro.

❖ 16 de agosto de 2023 - Palestra na Escola do Legislativo (ELESE)

Torpedeamentos: Segunda Guerra Submersa - Contribuições da Arqueologia de Ambientes Aquáticos foi o tema central que norteou uma atividade alusiva aos 81 anos dos torpedeamentos de três navios mercantes brasileiros, ocorridos na costa sergipana durante a Segunda Guerra Mundial. Realizada na Escola do Legislativo João de Seixas Dória (ELESE), vinculada à Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe (ALESE), a palestra aconteceu na manhã do dia 16 de agosto de 2023. A atividade foi conduzida pelo professor Gilson Rambelli, do Departamento de Arqueologia e Coordenador do Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e pela doutoranda em Arqueologia, Roberta Rosa. A apresentação teve como foco as pesquisas arqueológicas subaquáticas realizadas em busca dos restos dos navios torpedeados, os quais constituem sítios de naufrágios, proporcionando uma análise aprofundada sobre os impactos históricos e patrimoniais do episódio na região, bem como os esforços científicos para preservar e compreender esta passagem marcante da história marítima.

Palestra *Evento aberto ao público e com certificado
**Vagas limitadas

16 de agosto 9h

ELESE
(Praça Fausto Cardoso, Centro - Aracaju)

1939: Foi assim que tudo começou...
Segunda Guerra Submersa: Contribuições da Arqueologia de Ambientes Aquáticos

Gilson Rambelli
Professor do Departamento de Arqueologia/UFS

Roberta Rosa
Doutoranda em Arqueologia/UFS

Participação:
Grupo Sergipano de Estudos da FEB

escoladolegislativose
escoladolegislativose
al.se.leg.br

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SERGIPE
ESCOLA DO LEGISLATIVO
DEPUTADO RAIMUNDO DA SILVA DOURA

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
ESTADO DE SERGIPE




Figuras 154 e 155 - Palestra na Escola do Legislativo, realizada em Aracaju/SE, em 2023.



Figuras 156 e 157 - Palestra na Escola do Legislativo, Aracaju, 2023.

❖ 21 de agosto de 2023 - Prévia do documentário

A Segunda Guerra Submersa é um documentário produzido por Vera e Yuri Sanada, da empresa Aventuras Produções Edições Educativas LTDA. O média-metragem narra o processo investigativo das pesquisas arqueológicas subaquáticas voltadas à localização dos vestígios dos navios mercantes Aníbal Benévolo e Baependí. Esses naufrágios, ocorridos em agosto de 1942, foram considerados o estopim que levou o Brasil a declarar guerra às potências do Eixo, marcando sua entrada oficial na Segunda Guerra Mundial. A produção combina rigor científico e narrativa histórica, documentando os desafios enfrentados pela equipe multidisciplinar durante as expedições subaquáticas. Além disso, destaca a relevância da Arqueologia Subaquática na preservação e interpretação do Patrimônio Cultural Subaquático vinculado a essa importante passagem histórica bélica brasileira.



- Fonte: Site: Aventuras Produções Edições Educativas LTDA - AventuraComBr. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CMBpwZ09WLE>.



Em busca dos naufrágios que forçaram o Brasil a entrar na Segunda Guerra Mundial.

Figuras 158 e 159 - Documentário *Segunda Guerra Submersa*, produzido pela empresa Aventuras Produções Edições Educativas LTDA, em 2023.

- Prévia do documentário em português: *Em busca dos naufrágios que forçaram o Brasil a entrar na Segunda Guerra Mundial*. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=JhIx0xyFhIE>.
- Prévia do documentário em inglês: *In search of the shipwrecks that forced Brazil to enter the Second World War*. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=zHUwCiZx3s4&t=205s>.

❖ **18 de setembro de 2023 - Reunião com o Governador Fábio Mitidieri**

O Governo de Sergipe garantiu apoio à terceira etapa de pesquisas arqueológicas subaquáticas vinculadas ao projeto de implantação do Memorial dos Náufragos. Reconhecendo a relevância da preservação histórica, o governo destacou o memorial como uma ferramenta essencial para divulgar e valorizar o patrimônio cultural do estado. Nessa reunião, a equipe do *Projeto Segunda Guerra Submersa*, juntamente com representantes da Universidade Federal de Sergipe e do Instituto Banese, discutiram estratégias de captação de recursos destinados a viabilizar novas pesquisas. Essas investigações irão integrar o acervo do Memorial dos Náufragos, que narrará a história dos três navios mercantes brasileiros torpedeados durante a Segunda Guerra Mundial, nas águas entre Sergipe e Bahia. O avanço das pesquisas conduzidas pelo Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos da UFS foi destacado em veículos nacionais, como o jornal *O Globo*, reforçando a importância do projeto para a memória coletiva dos brasileiros.



Figuras 161 a 164 - Reunião com o Governador Fábio Mitidieri, realizada em Aracaju/SE, em 2023.

❖ **26 de setembro de 2023 - Entrevista para a TV Sergipe**

Pesquisa da UFS traz à tona a história que levou o Brasil a entrar na 2ª Guerra Mundial.



Figura 165 - Entrevista para a TV Sergipe sobre as pesquisas arqueológicas (2023).

➤ Fonte: Globo. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11978886/>.

❖ **30 de setembro de 2023 - Live no Instagram no perfil Pelos Caminhos da II Guerra Mundial**

A Segunda Guerra Submersa foi o tema de uma live realizada no perfil *Pelos Caminhos da II Guerra Mundial* na plataforma do Instagram. O objetivo da live foi discutir a entrada do Brasil no conflito mundial em 1942. A série de torpedeamentos dos navios mercantes, que ficou conhecida como o *Pearl Harbor Brasileiro*, apressou o ingresso do país na guerra, especialmente após destroços, corpos e sobreviventes chegarem ao litoral sergipano. Os professores Rambelli e Rosa falaram sobre esses episódios e sobre os avanços das pesquisas realizadas recentemente com as expedições em busca desses naufrágios.



Figura 166 - Live no Instagram no perfil “Pelos Caminhos da II Guerra Mundial”, 2023.

❖ Cursos de mergulho científico realizados pela National Association of Underwater Instructors em 2023 e 2024

Os cursos de capacitação em mergulho foram promovidos pela *National Association of Underwater Instructors (NAUI)*, uma das mais antigas e respeitadas instituições certificadoras de mergulhadores, fundada em 1960. As formações, ministradas pelo professor Dr. Gilson Rambelli, tiveram como participantes alunos do programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), incluindo Nathalia, Mariana Sarah Torres, Thor Gabriel Martins, Alexandre Maia e a autora desta tese. As atividades foram realizadas em 2023 e 2024, no campus da UFS, em São Cristóvão, e proporcionaram aos discentes uma formação técnica essencial para o desenvolvimento de pesquisas subaquáticas, reforçando a preparação acadêmica e prática necessária para as futuras investigações do *Projeto Segunda Guerra Submersa*.



Figura 167 - Cursos de mergulho científico, realizados na Universidade Federal de Sergipe, em 2023 e 2024.

➤ **Open Water Scuba Diver (Autônomo-ISO Nível 2)**

Scuba Diver é o curso de certificação de mergulho de nível básico da NAUI. Ele apresenta conhecimentos e habilidades fundamentais necessários para mergulhar de forma independente. Após a conclusão bem-sucedida deste curso, os graduados são considerados competentes para participar de atividades de mergulho em águas abertas sem supervisão, desde que as atividades de mergulho e as áreas mergulhadas se aproximem das de formação.



Figuras 168 e 169 - Cursos de mergulho científico realizados na Universidade Federal de Sergipe, em 2023 e 2024.

➤ **Advanced Scuba Diver - Mergulhador Avançado em Águas Abertas:**

O curso aprimora as habilidades e o conhecimento dos mergulhadores recém-certificados, sendo projetado como uma experiência de educação continuada em águas abertas. Supervisionado por instrutores, o programa apresenta uma variedade de atividades de mergulho, promovendo envolvimento em cenários diversificados e seguros. Após a conclusão, os participantes são considerados aptos a realizar mergulhos em águas abertas, expandindo suas competências práticas e aproximando-se das áreas de treinamento especializado. O curso é estruturado para oferecer aprendizado prático e contínuo, consolidando o domínio técnico em ambientes aquáticos.



Figura 170 - Cursos de mergulho científico ministrado pelo arqueólogo Gilson Rambelli, realizado na Universidade Federal de Sergipe, em 2024.

➤ **Mergulhador Nitrox:**

O curso de certificação NAUI Mergulhador Nitrox permite aos mergulhadores utilizarem misturas respiratórias enriquecidas com oxigênio, misturas estas que incrementam a segurança do mergulhador e aumentam o tempo de fundo. Este curso fornece as informações necessárias para utilizar o EANx como meio respiratório. O curso pode ser ministrado como um curso de especialidade independente para mergulhadores certificados ou integrado a outros cursos de certificação NAUI. Após a conclusão, os graduados são considerados competentes para utilizar EANx (até EAN40) em atividades de mergulho em

águas abertas sem supervisão direta, desde que as atividades de mergulho e as áreas mergulhadas se aproximem daquelas de treinamento.



Figura 171 - Discentes da Universidade Federal de Sergipe participando dos cursos de mergulho científico realizado em 2024.

➤ **Arqueologia Subaquática (Underwater Archaeology)**

O objetivo deste curso é introduzir conceitos e métodos fundamentais e não invasivos da Arqueologia Subaquática ao mergulhador recreativo. Como outros cursos de especialidade da NAUI, o mergulho em Arqueologia Subaquática exige que os participantes desenvolvam conhecimentos avançados de conteúdos e habilidades que lhes permitam desfrutar de forma

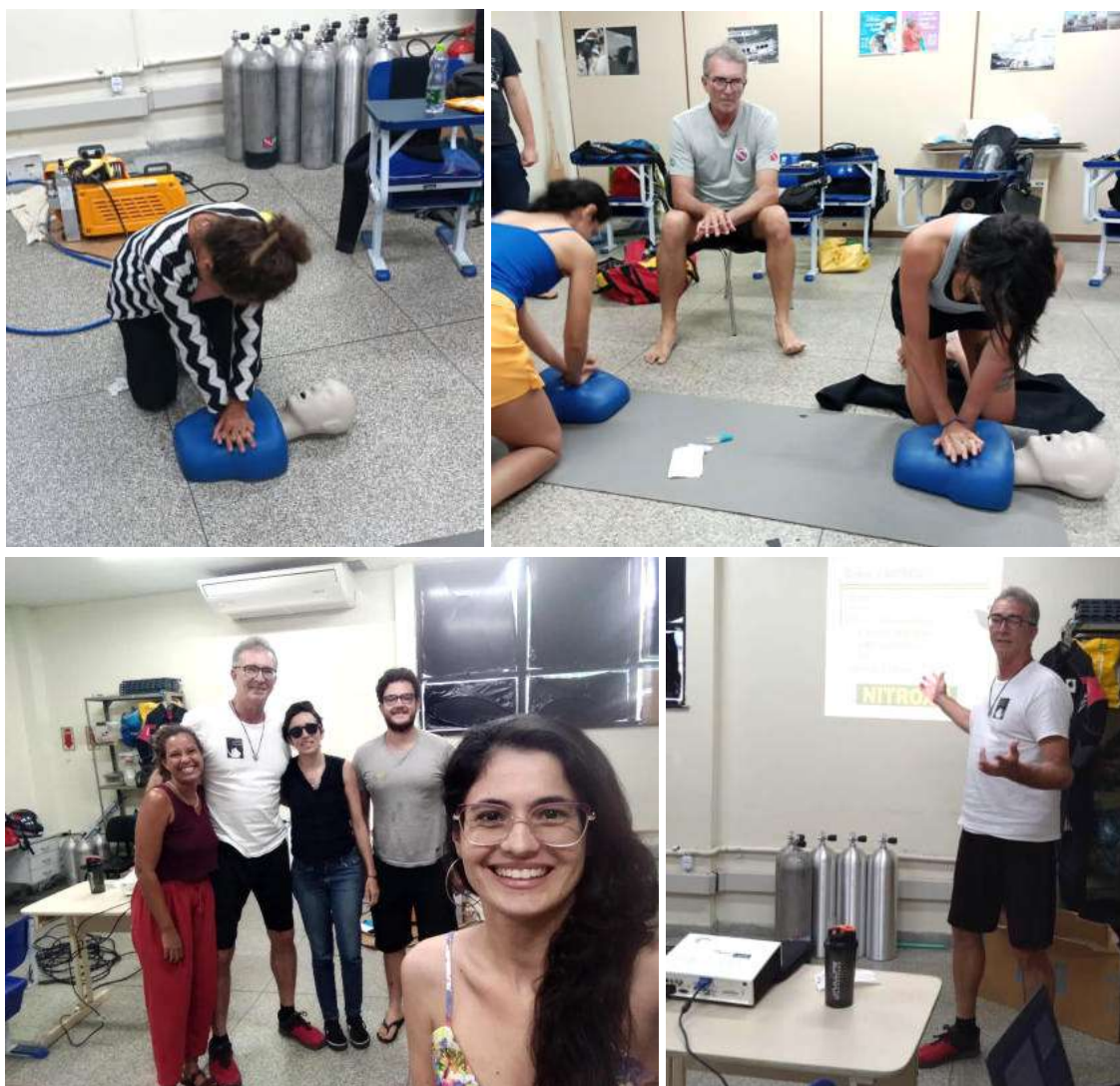
eficaz e responsável de pesquisas sobre recursos culturais submersos e sítios arqueológicos. Ao concluir este curso, o mergulhador deve ser capaz de listar os equipamentos necessários para a pesquisa em Arqueologia Subaquática; definir Patrimônio Cultural Subaquático; descrever como se inicia uma pesquisa em um sítio arqueológico; descrever técnicas de levantamento detalhado do sítio arqueológico; listar os perigos associados à pesquisa; e elaborar um plano completo de mergulho adequado para Arqueologia Subaquática.



Figuras 172 a 174 - Finalização dos cursos de mergulho científico ministrado pelo arqueólogo Gilson Rambelli, realizado na Universidade Federal de Sergipe, em 2023 e 2024.

➤ **Primeiros Socorros com Oxigênio para Emergências de Mergulho:**

É um curso de treinamento básico que ensina aos participantes as características mais comuns dos acidentes de mergulho e como fornecer oxigênio durante os primeiros socorros. Durante este curso, os participantes se familiarizam com os sinais e sintomas associados ao Mal Descompressivo (MD), ao afogamento não fatal e com a correta administração de oxigênio em uma emergência, aprendem também sobre montagem, desmontagem e utilização corretas de todos os componentes da Unidade de Oxigênio. A conclusão com sucesso do curso de Primeiros Socorros requer a demonstração de competência nas habilidades ensinadas e a aprovação na avaliação final. Ao completar o curso, o graduado recebe uma certificação de provedor, indicando que foi treinado na administração de oxigênio para acidentes de mergulho autônomo e afogamento.



Figuras 175 a 178 - Curso de Primeiros Socorros com Oxigênio para Emergências de Mergulho, realizado na Universidade Federal de Sergipe, em 2024.

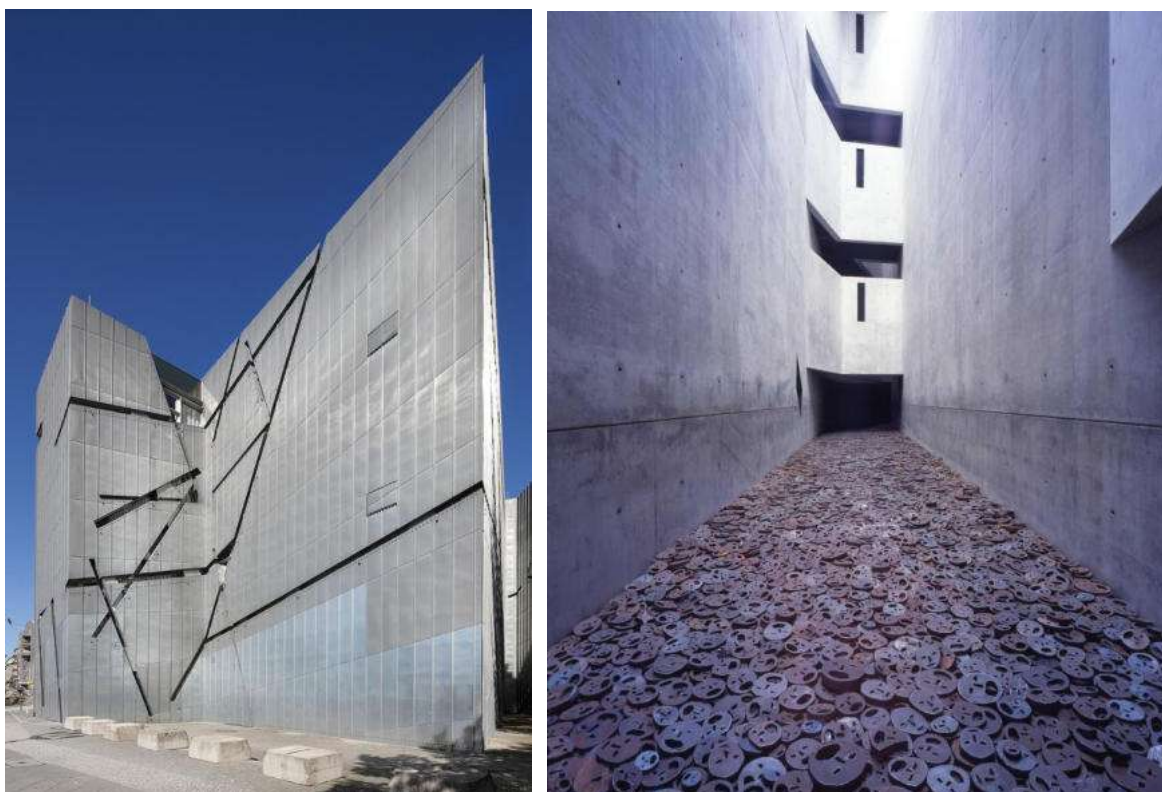
❖ MEMORIAL DOS NÁUFRAGOS DE SERGIPE (MENSE)

Os episódios trágicos dos torpedeamentos constituem um marco histórico não apenas local e nacional, mas também de repercussão mundial por fazer parte do contexto da Segunda Guerra. A chegada dos corpos ao litoral sergipano, acompanhada de pertences pessoais e restos das embarcações, representa uma evidência material impactante que ainda não foi exaustivamente documentada e/ou divulgada. Existe um interesse histórico global por essa temática, que estimula tanto a produção acadêmica quanto educacional, além de apresentar um potencial turístico significativo, capaz de promover ampla visibilidade. Diante desse contexto, a efetivação do Projeto Memorial dos Náufragos está diante de uma oportunidade de posicionar Sergipe em um circuito de interesse internacional, atraindo tanto pesquisadores quanto turistas fascinados pela temática bélica.¹¹⁶

É notório que a Segunda Guerra Mundial continua a despertar grande interesse em vários países. Museus na Alemanha, como o Museu Judaico de Berlim (projetado por Daniel Libeskind) e o Memorial do Holocausto (projetado por Peter Eisenman), são exemplos de como espaços museais podem atrair significativo fluxo turístico e servir como importantes referências conceituais. No caso do Museu Judaico, “desde a inauguração, cerca de 700.000 pessoas visitaram todos os anos, ou seja, cerca de 2.000 pessoas visitaram o museu todos os dias. No dia 19 de novembro de 2015, foi recebido o décimo milionésimo visitante”¹¹⁷. No Brasil, o Museu de Arte Contemporânea do Rio de Janeiro e o Museu do Olho em Curitiba, ambos projetados por Oscar Niemeyer, exemplificam a integração de arquitetura simbólica com funções museológicas.

¹¹⁶ As informações sobre o MENSE foram retiradas do projeto elaborado pelo arquiteto Ezio Déda. Fonte: Arquivo pessoal do arquiteto (2024).

¹¹⁷ Os dados sobre a visitação dos turistas estão disponíveis no site do Museu Judaico de Berlim. Fonte: <https://www.jmberlin.de/geschichte-unsere-museums>. Acesso em: 10 abr. 2024.



Figuras 179 e 180 - Museu Judaico de Berlim. Fonte: Site Judisches Museum Berlin (2024).



Figura 181 - Memorial do Holocausto em Berlim.¹¹⁸

¹¹⁸ Fotos do Memorial do Holocausto em Berlim no site *Stiftung Denkmal Für Die Ermordeten Juden Europas*. Disponível em: <https://www.stiftung-denkmal.de/en/memorials/>. Acesso em: 10 abr. 2024.



Figuras 182 e 183 - Memorial do Holocausto em Berlim.



Figura 184 - Museu do Olho, projetado por Oscar Niemeyer, localizado em Curitiba/PR.¹¹⁹



Figura 185 - Museu de Arte Contemporânea, localizado na orla de Niterói, do Rio de Janeiro (2024).

¹¹⁹ Foto do Museu do Olho projetado por Oscar Niemeyer. Disponível em: <https://www.museuoscarniemeyer.org.br/visite>. Acesso em: 10 abr. 2024.

Partindo disso, o conceito arquitetônico do projeto Memorial dos Náufragos de Sergipe (MENSE), elaborado por Ezio Déda, é inspirado nos navios que foram torpedeados e naufragados pelo submarino alemão, e que terá como finalidade criar uma experiência sensorial imersiva para os visitantes. A proposta utiliza uma estética minimalista e brutalista em concreto, projetando uma estrutura icônica com edificação vertical maximizando sua presença que irá se destacar na paisagem urbana e natural de Aracaju/SE. A estrutura hermética de concreto garantirá a durabilidade contra intempéries e maresia, enquanto esquadrias em formato de escotilhas permitirão iluminação natural em áreas estratégicas. A construção incluirá quatro pavimentos: um térreo/porão, dois pavimentos/meia-nau e um pavimento/convés com mirante panorâmico tendo vista para o mar.



Figura 186 - Projeto Memorial dos Náufragos de Sergipe (MENSE), que será construído ao lado do Cemitério dos Náufragos.¹²⁰



Figura 187 - O Projeto Memorial dos Náufragos de Sergipe (MENSE) será implantado na Orla Sul de Aracaju, em Sergipe.

¹²⁰ As imagens foram retiradas do projeto elaborado pelo arquiteto Ezio Déda. Fonte: Arquivo pessoal do arquiteto (2024).

O MENSE será parte de uma praça integrada da Orla Sul, com infraestrutura complementar incluindo via de acesso exclusiva, estacionamento, módulo de segurança e passeios para pedestres. Estas adições visam melhorar a acessibilidade e garantir a funcionalidade plena do complexo museológico. O Memorial será implantado em um local de grande valor histórico e simbólico, associado no imaginário popular ao Cemitério dos Náufragos. A urbanização do entorno já foi aprovada, garantindo a integração do memorial ao contexto paisagístico e histórico local.

Dessa maneira, o Memorial dos Náufragos de Sergipe não só preservará a memória de um evento trágico e significativo na história brasileira, mas também fortalecerá o patrimônio cultural e turístico de Sergipe. Ao adotar uma abordagem arquitetônica e museológica inovadora, o MENSE se posicionará como um importante centro de educação, pesquisa e turismo histórico.

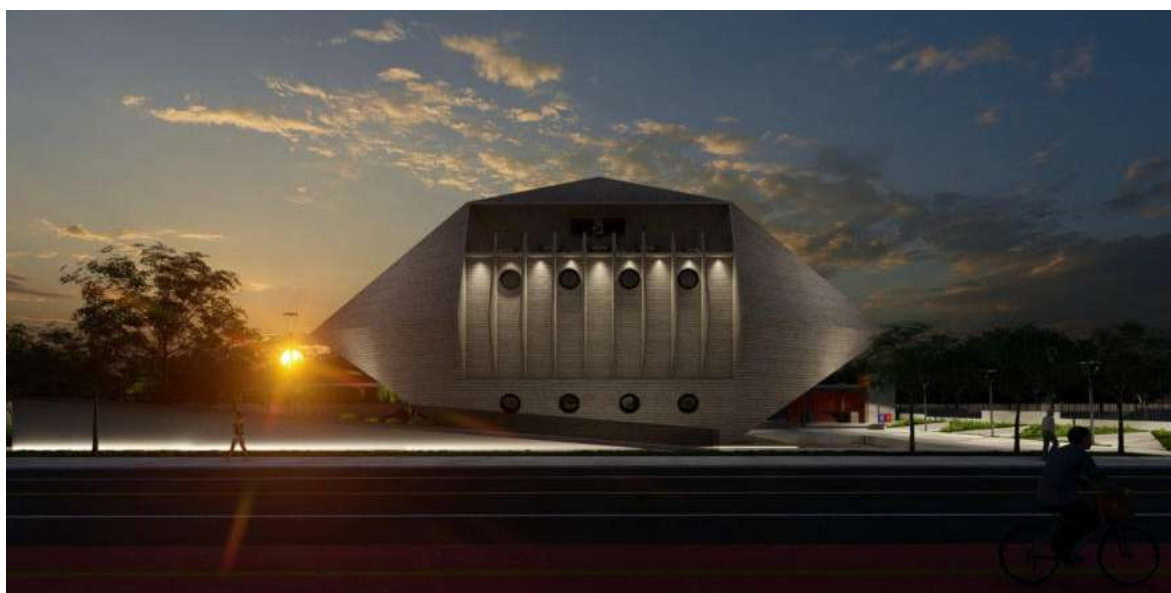


Figura 188 - Projeto Memorial dos Náufragos de Sergipe (MENSE).

❖ O Cemitério dos Náufragos é cadastrado no IPHAN como sítio arqueológico

O Cemitério dos Náufragos, localizado na cidade de Aracaju/SE, é classificado como um Bem Arqueológico do tipo Sítio Histórico, vinculado aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Cadastrado no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 4 de janeiro de 2024 sob o código SE-2800308-BA-ST-00003, com coordenadas geográficas -11,040243999999998 e -37,085718, o local representa materialmente a tragédia ocorrida

com os torpedeamentos dos navios mercantes brasileiros na costa sergipana. Durante esses ataques, os corpos das vítimas foram encontrados nas praias, e, devido à impossibilidade de identificação, foi reaproveitado um cemitério local para o sepultamento desses náufragos. Esse sítio histórico é um importante marco na preservação da memória dos eventos que levaram à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial.



Figuras 189 a 192 - Cemitério dos Náufragos, na Aruana/SE, classificado como sítio arqueológico histórico pelo IPHAN. Fonte: IPHAN (2024).



SICG

Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão

Cadastro

Conhecimento

Gestão

Pesquisa

Auxiliar



Bem » Cemitério dos Naufragos... »

Olá, | Sair

SICG

Contexto

Recorte territorial:

Não encontrado.

Recorte temático:

Não encontrado.

Identificação do universo:

Não encontrado.

Localização

UF:

Sergipe

Município:

Aracaju

CEP:

49007433

Coordenada(s) geográfica(s):

-11,040243999999998 -37,085718

Endereço:

Avenida Rodovia Naufragos, Areia Branca

Dados do bem

Nome:

Cemitério dos Naufragos

Nome popular:

Não informado

Natureza:

Bem Arqueológico

Tipo:

Sítio

04/01/2024 - Alteração Manual no SICG

04/01/2024 - FISCALIS

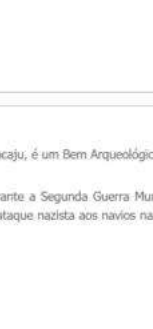
Recadastramento:

Não

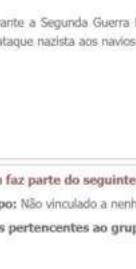
Código IPHAN:

SE-2800308-BA-ST-00003

Mapa



Foto



Cemitério dos Naufragos

Síntese do bem

Síntese:

Cemitério dos Naufragos, localizado no estado de Sergipe, cidade de Aracaju, é um Bem Arqueológico, do tipo Sítio Histórico do contexto da Segunda Guerra Mundial.

Síntese histórica:

No contexto do ataque aos navios mercantes na costa de Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial, surgiu uma representação material da tragédia. O Cemitério dos Naufragos surge como um patrimônio representativo desse fato histórico. Os corpos vitimados do ataque nazista aos navios na costa sergipana, eram encontrados nas praias, e houve a necessidade de definir um cemitério para o enterramento dos corpos que não puderam ser identificados.

Meios de acesso ao bem:

Não informado

Outras Informações:

Não informado

Proteção

Registro de sítio arqueológico - Federal - Existente

Bem faz parte do seguinte grupo:

Grupo:

Não vinculado a nenhum grupo.

Bens pertencentes ao grupo:

Hierarquia do bem

Loading ...

Dados sobre gestão do bem

Arrolamento

Multimídia

Figura 193 - Cadastro do Cemitério dos Náufragos como Sítio Arqueológico Histórico no site do IPHAN. Fonte: Site do IPHAN (2024).

GOVERNO DO ESTADO
DECRETO Nº 670
DE 25 DE ABRIL DE 2024

Declara de Utilidade Pública, para fins de desapropriação, área de terra situada na Rodovia Inácio Barbosa (SE-100), e dá providências correlatas.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE, no uso das atribuições que lhe são conferidas nos termos do art. 84, incisos V, VII e XXI, da Constituição Estadual; com base na Lei Estadual nº 9.156, de 08 de janeiro de 2023; de acordo com o que dispõe o Decreto-Lei (Federal) nº 3.365, de 21 de junho de 1941; com observância ao que prescreve o art. 5º, inciso XXIV, da Constituição Federal; bem como o que dispõe o proc. digital nº 318/2024-CONS/ORG/PUBL-SEDURJ, e

Considerando que o Governo do Estado deve adotar e executar medidas que venham contribuir ou criar meios, direta ou indiretamente, para o desenvolvimento social, econômico e político do Estado, possibilitando melhores condições de vida para a sua população:

Considerando o fato histórico que se constituiu no estopim da entrada do Brasil na II Guerra Mundial, qual seja, o torpedeamento, pelo submarino alemão U-507, de navios brasileiros que navegavam entre Bahia e Sergipe, na noite de 16 de agosto de 1942:

Considerando que em decorrência desse torpedeamento, os corpos das vítimas, entre tripulantes, militares e civis, começaram a chegar às praias sergipanas, sendo contabilizado cerca de 600 mortos, marcando profundamente a história de Sergipe:

Considerando que a materialidade da chegada dos corpos no litoral sergipano, com pertences e restos de utensílios e escombros das embarcações, é um fato muito forte e que nunca foi devidamente registrado e apresentado;

Considerando a oportunidade de inserir Sergipe em um roteiro internacional, atraindo pesquisadores e turistas ávidos pelo assunto, através da construção do Memorial dos Náufragos de Sergipe - MENSE:

Considerando que no trecho 3B-3 da Orla Sul (Rodovia Inácio Barbosa – SE-100), no Bairro Robalo, em Aracaju/SE, está localizado o Cemitério dos Náufragos, local indicativo onde notadamente os corpos das vítimas chegaram;

Considerando a prerrogativa do tópic anterior, tem-se que o local apropriado para a edificação do MENSE é ao lado do referido Cemitério dos Náufragos, abrangendo duas áreas de terra que perfazem cerca de 3.455,00 m².

Considerando que no mundo inteiro existe muito interesse histórico a respeito dessa temática, estimulando a produção de conteúdos para educação e pesquisa, além de possuir um potencial turístico intangível capaz de atrair grande visibilidade;

Considerando, por fim, que a utilização da referida área de terra para concepção do projeto do MENSE torna-se imprescindível, revelando a utilidade pública da área e assegurando a possibilidade legal de sua desapropriação,

DECRETA:

Art. 1º Fica declarada de Utilidade Pública, para fins de desapropriação, área de terra medindo um total aproximado de 3.455,00 m² (três mil quatrocentos e cinquenta e cinco metros quadrados), com benfeitorias nela existentes, de propriedade, posse ou domínio das pessoas relacionadas no Anexo I deste Decreto, localizada no trecho 3B-3 da Orla Sul (Rodovia Inácio Barbosa – SE-100), no Bairro Robalo, em Aracaju, neste Estado de Sergipe.

Parágrafo único. A área de terra de que trata o "caput" deste artigo encontra-se devidamente identificada no mapa de situação constante do Anexo II deste Decreto.

Art. 2º A área de terra declarada de utilidade pública nos termos deste Decreto deve ser utilizada pelo Estado de Sergipe, por intermédio da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Infraestrutura - SEDURBI, para implantação do Memorial dos Náufragos de Sergipe - MENSE.

Art. 3º A Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Infraestrutura – SEDURBI fica autorizada a promover, por via administrativa ou judicial, em articulação com a Procuradoria-Geral do Estado – PGE, na forma da legislação pertinente, a necessária desapropriação da área de terra declarada de utilidade pública por esta Decreto.

Parágrafo único. Para fins de imissão provisória na posse dos respectivos imóveis a serem desapropriados, pode ser alegada a urgência de que trata o art. 15 do Decreto-Lei (Federal) nº 3.365, de 21 de junho de 1941, cumpridas as exigências legais.

Art. 4º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrário.

Aracaju, 25 de abril de 2024; 203º da Independência e 136ª da República.

FÁBIO MITIDIERI
GOVERNADOR DO ESTADO

Jorge Araujo Filho
Secretário de Estado-Chefe da Casa Civil

Luiz Roberto Dantas de Santana
Secretário de Estado do Desenvolvimento
Urbano e Infraestrutura

Cristiano Barreto Guimarães
Secretário Especial de Governo

Reproduzido por ter sido publicado com incorreção no Diário Oficial do dia 26 de abril.

ANEXO I

Relação de Proprietários

- 1- Sítio Camuri - CADIM 36010271640
Proprietário: José Pinto Pacheco, André Pinto Pacheco, Juliana Pinto Pacheco e Emanuel Pinto Pacheco
Matrícula: 5213 – Cartório do 5º Ofício da Comarca de Aracaju
Área pretendida: 2.485,05 m²
- 2- Terreno - CADIM 36010271661
Proprietário: não identificado
Área pretendida: 970,36 m²

ANEXO II

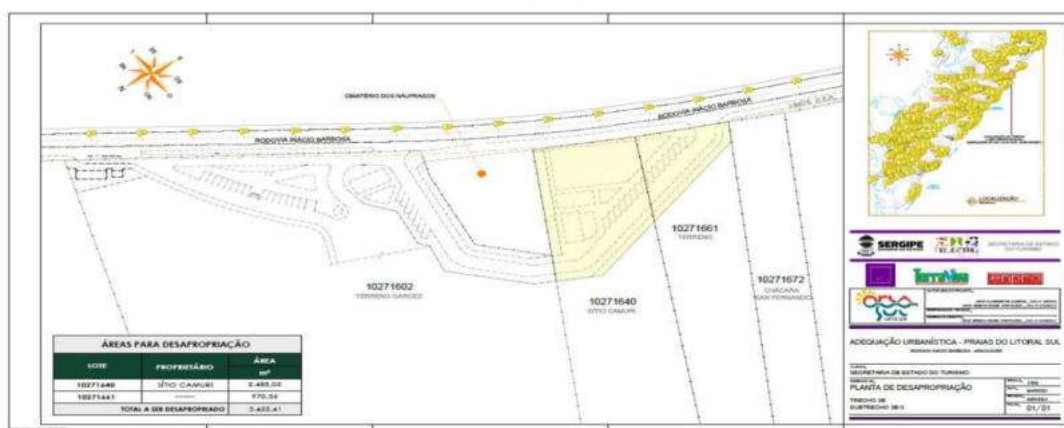


Figura 194 - Desapropriação de áreas próximas ao Cemitério dos Náufragos, destinadas à construção do MENSE. Fonte: Diário Oficial (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese de doutorado analisou a participação do estado de Sergipe no contexto da Segunda Guerra Mundial, com ênfase nos episódios históricos relacionados aos torpedeamentos de embarcações mercantes brasileiras. O recorte temático e temporal delimitou a investigação aos naufrágios dos navios Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo, resultantes dos ataques do submarino alemão *U-507*, ocorridos em agosto de 1942. Esses eventos trágico-navais provocaram a morte de centenas de brasileiras e brasileiros, incluindo militares e civis, entre os quais se encontravam mulheres e crianças. Tais agressões ficaram conhecidas como o *Pearl Harbor Brasileiro*, sendo consideradas o estopim para que o governo de Getúlio Vargas declarasse guerra à Alemanha Nazista e à Itália Fascista.

O problema de pesquisa investigado consistiu no desconhecimento histórico e patrimonial, por parte da maioria da população, acerca dos vestígios materiais e simbólicos resultantes dos torpedeamentos navais ocorridos entre as costas sergipana e baiana durante a Segunda Guerra Mundial. Embora representem eventos marcantes na história local, nacional e mundial, esses episódios permanecem marginalizados tanto na memória coletiva quanto nas políticas de preservação e divulgação cultural. Nesse sentido, esta pesquisa buscou compreender de que maneira as Arqueologias de Ambientes Aquáticos, do Conflito, da Guerra e do Passado Contemporâneo podiam revelar e reinterpretar essas narrativas silenciadas e “esquecidas”, promovendo o reconhecimento do patrimônio arqueológico e a conscientização histórica.

O objetivo geral da pesquisa foi alcançado, uma vez que a investigação permitiu interpretar parte da cultura material relacionada aos torpedeamentos navais, por meio de análises e métodos arqueológicos. Ademais, foi possível promover a divulgação dessa memória histórica e a valorização do patrimônio arqueológico bélico, especialmente por meio do documentário *Segunda Guerra Submersa*, produzido a partir das pesquisas de campo realizadas em terra e em alto-mar.

Os cinco objetivos específicos estabelecidos para esta pesquisa foram atingidos ao longo de seu desenvolvimento. Primeiro, foi possível compreender as histórias dos três navios mercantes a partir da identificação das materialidades emersas e submersas por meio das representações imagéticas. No caso dos sítios de naufrágios, entretanto, as buscas ainda estão em andamento por meio do *Projeto Segunda Guerra Submersa*.

Segundo, analisou-se o único exemplar de cultura material proveniente dos torpedeamentos exposto em uma instituição oficial (IHGSE) de Aracaju/SE: a boia

salva-vidas do navio Araraquara. Além disso, foram examinadas fontes bibliográficas, documentais, fotográficas e cartográficas, bem como as estruturas fúnebres dos dois Cemitérios dos Náufragos. Também foram coletados relatos orais de contemporâneos da guerra e de seus descendentes, com o intuito de reconstruir narrativas individuais e coletivas relacionadas aos eventos bélicos.

Terceiro, aplicaram-se as abordagens arqueológicas, incluindo a Arqueologia do Passado Contemporâneo, para interpretar esses episódios de guerra. As análises buscaram refletir sobre as agressões perpetradas pelo submarino alemão *U-507*, que, equipado com um arsenal letal de torpedos, operava como uma máquina mortífera a serviço das ideologias nazifascistas da época — ideologias que, lamentavelmente, vêm ressurgindo no cenário atual.

Quarto, o *Projeto Segunda Guerra Submersa* integrou dados provenientes de fontes históricas primárias e secundárias, como as informações extraídas do diário de bordo do submarino alemão *U-507*, do depoimento do Comandante do navio Aníbal Benévolo e dos relatos de pescadores locais. Com base nessas informações, foram realizadas duas expedições sonográficas e arqueológicas, divididas em quatro campanhas em alto-mar, entre 2023 e 2024, com o objetivo de localizar os sítios arqueológicos de naufrágios do Baependi e do Aníbal Benévolo. Apesar de os restos navais ainda não terem sido localizados, as pesquisas continuarão no verão de 2025. O objetivo maior é mapear esses sítios de naufrágios, visando à proteção desse importante Patrimônio Cultural Subaquático Brasileiro.

Quinto, promoveram-se ações de difusão dos resultados desta tese de doutorado por meio de palestras presenciais e virtuais, cursos e eventos rememorativos. Essas atividades evidenciaram a relevância do patrimônio arqueológico emerso e submerso como uma ferramenta fundamental para disseminar as histórias e fortalecer a memória coletiva sobre a época bélica; além disso, contribuíram para conscientizar o público sobre os horrores da guerra provocada pelas ideologias criminosas nazifascistas, que ainda hoje precisam ser combatidas de maneira ativa na sociedade.

A questão de pesquisa que norteou a presente tese foi a seguinte: de que forma os referenciais teórico-metodológicos da Arqueologia podem contribuir para a identificação, a proteção e a valorização dos vestígios materiais e simbólicos relacionados aos torpedamentos navais de 1942, ocorridos nos litorais sergipano e baiano, promovendo a reconstrução de narrativas históricas “esquecidas”, a conscientização social e o fortalecimento da memória coletiva acerca dos impactos locais e nacionais da Segunda Guerra Mundial?

Para responder à questão de pesquisa e alcançar os objetivos propostos, tornou-se imprescindível adotar etapas metodológicas bem estruturadas, conforme será detalhado a

seguir. Inicialmente, foi realizada uma revisão de literatura sobre a participação de Sergipe no contexto da Segunda Guerra Mundial, utilizando bibliografias especializadas em Arqueologia e História. Paralelamente, foi conduzida uma análise das teorias arqueológicas mais adequadas ao contexto investigado, buscando embasamento teórico para a interpretação dos vestígios materiais e simbólicos associados aos eventos belicosos.

Além disso, foram examinadas fontes históricas primárias e secundárias, incluindo relatórios oficiais do governo, laudos da perícia médica, inquéritos policiais, depoimentos de sobreviventes registrados em jornais e livros, bem como documentos particulares, registros fotográficos e mapas da época, visando à contextualização detalhada do *Pearl Harbor Brasileiro* e de suas consequências. Por fim, foi analisado o diário de bordo do *U-507*, assinado pelo capitão Harro Schacht, um documento oficial da Marinha de Guerra Alemã (*Kriegsmarine*), considerado fundamental para a compreensão das operações do *U-boot* e das circunstâncias que culminaram nos ataques.

Análises da cultura material emersa foram conduzidas, abrangendo itens como a boia salva-vidas do navio Araraquara e as estruturas cemiteriais dos naufragos localizadas em Aracaju/SE. Além dessas ações, foram empreendidas análises das representações imagéticas de parte das materialidades, contemplando registros das embarcações, baleeiras, pertences pessoais das vítimas e dos biofatos (restos humanos) em seus contextos sociais e simbólicos.

Para complementar essas investigações materiais, foram realizadas entrevistas a fim de coletar depoimentos orais de contemporâneos da guerra, como o Sr. Murillo Melins, a Sra. Josefa Lima, o Sr. Vidigal de Oliveira e o Sr. Arivaldo Salgado, que presenciaram a chegada de destroços, corpos e/ou sobreviventes na Praia de Aruana/SE, Praia do Saco/SE e Praia de Mangue Seco/BA, em agosto de 1942. Além disso, foram entrevistados descendentes de contemporâneos, como o Sr. Efrem, filho do Policial Fiscal da Mesa de Rendas Federais de Estância/SE, Efrem Ribeiro, que colocou sua própria vida em risco para socorrer naufragos no mar, junto de outras autoridades e pescadores da região. Ademais, foram realizadas entrevistas com membros da comunidade local, como Givaldo Santos, presidente da Colônia de Pescadores Z-31, e demais pescadores e marisqueiras da cidade do Conde/BA. Essas narrativas forneceram importantes perspectivas memoriais para complementar as análises materiais, contribuindo, assim, para enriquecer as análises interpretativas.

Por fim, pesquisas de campo foram feitas por meio de expedições arqueológicas, com o objetivo de realizar levantamentos sonográficos destinados à localização dos restos dos navios Aníbal Benévolo e Baependí. Para viabilizar as investigações de Arqueologia Subaquática em alto-mar, elaboraram-se previamente planejamentos das expedições

sonográficas e de mergulhos de verificação nas áreas mapeadas como possíveis locais dos sítios arqueológicos de naufrágios. Nesse processo, também foram executadas documentações fotográficas e videográficas do fundo marinho nas regiões onde anomalias foram identificadas por meio de Sonar de Varredura Lateral (SSS).

A partir do amplo levantamento de informações, procedeu-se o cruzamento dos dados arqueológicos, históricos e orais, o que possibilitou uma interpretação mais aprofundada sobre os torpedeamentos de 1942. Esse processo investigativo visou, sobretudo, à difusão do conhecimento gerado pela pesquisa arqueológica. Como resultado, esta tese foi elaborada juntamente com a produção de um documentário e a promoção de palestras, cursos e eventos públicos. Essas iniciativas tiveram por finalidade disseminar os resultados obtidos, além de contribuir para a implementação do Projeto Memorial dos Náufragos de Sergipe (MENSE), que pretende construir um espaço destinado à preservação, à reflexão histórica e à valorização do patrimônio arqueológico.

Diante do exposto, considero que investigar os principais episódios bélicos da história de Sergipe no século XX, por meio do arcabouço teórico-metodológico da Arqueologia, possibilita refletir sobre a cultura material da época e, a partir dela, obter uma compreensão mais aprofundada dos contextos sociais, políticos e econômicos. Ademais, essa abordagem permite resgatar e dar visibilidade às histórias “esquecidas” ou pouco mencionadas pela historiografia ao longo das décadas.

Baseando-se em diversas fontes de informação, buscou-se compreender a conjuntura da época, na qual a navegação constituía o principal meio de transporte. Nesse sentido, analisaram-se os antecedentes das viagens realizadas pelos três navios mercantes — Baependí, Araraquara e Aníbal Benévolo — com a finalidade de identificar as rotas marítimas, as características tecnológicas dos vapores e o perfil das tripulações e dos passageiros. A análise abrangeu aspectos técnicos, funcionais e simbólicos dessas embarcações, visando aprofundar a compreensão sobre sua relevância para a sociedade da década de 1940. Além disso, investigaram-se as possíveis localizações dos restos navais dessas embarcações, consideradas sítios arqueológicos de naufrágios, que poderão, ou não, ser classificados como túmulos de guerra.

A justificativa para a realização desta tese reside no fato de se tratar de um estudo inédito no contexto brasileiro, ao propor a execução de expedições arqueológicas destinadas à localização dos sítios de naufrágios decorrentes dos torpedeamentos ocorridos em agosto de 1942. Os resultados desta investigação contribuem para a ampliação do conhecimento arqueológico e histórico sobre a participação de Sergipe na Segunda Guerra Mundial,

promovendo a valorização e a divulgação do Patrimônio Cultural Subaquático Brasileiro, do Sítio Arqueológico do Cemitério dos Náufragos e do Monumento Estadual do Cemitério dos Náufragos — testemunhos materiais desses significativos episódios trágico-navais.

A pesquisa articulou análises históricas, arqueológicas, memoriais e simbólicas para construir um quadro interpretativo abrangente sobre os torpedeamentos. A integração dessas múltiplas perspectivas permitiu relacionar os vestígios materiais aos contextos históricos e sociais, revelando as ligações entre os naufrágios, as experiências traumáticas das vítimas e os impactos das consequências da chegada da guerra na vida da população sergipana. Os resultados da tese possibilitaram reconstruir as narrativas “esquecidas”, por meio da materialidade arqueológica representativa nos registros fotográficos, com foco nas histórias das mulheres, das crianças e das famílias que estavam a bordo das embarcações atacadas, dando voz, dessa maneira, às vítimas de guerra ao destacar suas experiências. Por fim, foi demonstrada a relevância desta pesquisa arqueológica na atualidade, ressaltando como o estudo do passado pode servir como alerta contra ideologias extremistas e como instrumento para a promoção da paz.

Nesse cenário, a Arqueologia do Passado Contemporâneo torna-se essencial face aos resquícios das ideologias nazifascistas que ainda se manifestam em vários países, especialmente com o recente fortalecimento da extrema-direita. Diante desse contexto, as pesquisas arqueológicas emergem como uma ferramenta eficaz e poderosa para combater tais ideologias criminosas, sobretudo ao focar no Dark Heritage ou “patrimônio sombrio” (Mushynsky, 2021); exemplos incluem os naufrágios, que podem ser classificados como túmulos de guerra, e as estruturas cemiteriais dos naufragos, que abrigam os restos mortais das vítimas dos torpedeamentos. Vale ressaltar que o “patrimônio sombrio” tem como cerne histórias, memórias e locais associados à morte, desastre e atrocidade (Mushynsky, 2021, p. 13). Sendo assim, os estudos analisam como as sociedades lidam com memórias traumáticas e preservam os vestígios materiais desses eventos. Essas investigações auxiliam na reconstrução histórica e na reflexão crítica sobre o passado. Dessa forma, evidencia-se a necessidade de identificar e reconhecer esses patrimônios culturais sensíveis, promovendo a educação e prevenindo a repetição de atos bélicos.

Segundo Mushynsky (2021), esses locais, associados a mortes e atrocidades, representantes do “patrimônio sombrio”, podem evocar sensibilidade, contestação, rejeição ou até negação. Além disso, a “herança sombria” carrega um peso político significativo e pode tornar-se objeto de controvérsias, como ocorre com os campos de concentração de Auschwitz, na Polônia. Todas essas tensões tendem a ser mais intensas nos conflitos recentes, como na

Segunda Guerra Mundial, considerado um período de tempo ainda impregnado na memória viva. Ademais, Mushynsky (2021, p. 13) enfatiza que os “arqueólogos têm a responsabilidade ética de abordar a potencial apreensão que pode surgir e as consequências políticas de estudar e revisitar passados dolorosos”. Diante desse contexto, as investigações arqueológicas focadas nas experiências da última Grande Guerra, tornam-se urgentes, dado que os "personagens históricos" envolvidos estão envelhecendo e muitos falecendo sem relatar ou compartilhar suas histórias e experiências do período bélico. Essas memórias são essenciais como ferramentas para combater o ressurgimento de ideais nazifascistas, mantendo viva a recordação dos eventos e suas consequências dolorosas.

Perante o exposto, a presente tese reafirma o papel relevante da Arqueologia como instrumento para investigar e reinterpretar eventos históricos pouco conhecidos pela maioria da população. O caso dos torpedeamentos navais de 1942 exemplifica essa abordagem como uma estratégia concreta para preservar e divulgar o patrimônio cultural, tanto emerso quanto submerso, além de promover reflexões críticas sobre as heranças desse passado conflituoso. De acordo com Lino e Funari (2013), a Arqueologia do Conflito e da Guerra tem se consolidado nas últimas décadas com o desenvolvimento de várias pesquisas. Há, inclusive, uma variedade de termos para designar esse tipo de investigação, como, por exemplo: “arqueologia dos campos de batalhas”, “arqueologia militar”, “arqueologia dos combates”, entre outros.

Esse passado recente de guerra possui uma relação dialética com o presente, e como bem afirmaram Shanks e Tilley (1987), toda prática arqueológica é, por essência, produzida no presente com o propósito de contribuir para o presente, sendo os vestígios do passado continuamente reinterpretados e ressignificados na contemporaneidade. Nesse sentido, esta tese busca impactar e transformar o presente por meio do conhecimento gerado pela Arqueologia, utilizando a interpretação da materialidade da época bélica. Tal materialidade, embora presente na sociedade sergipana, encontra-se, em grande parte, invisibilizada; exemplos disso são os dois Cemitérios dos Náufragos, que deveriam funcionar como “lugares de memória” e não como espaços de ausência dessa memória belicosa.

Partindo da premissa de Hodder e Hutson (2003), de usar o passado para criticar e desafiar o presente, a temática da Segunda Guerra Mundial no contexto sergipano se mostra pertinente na atualidade por dois motivos. Primeiro, porque os torpedeamentos são considerados fatos históricos locais importantes que ocorreram há 82 anos, mas que ainda permanecem desconhecidos pela maioria da população sergipana. Tais acontecimentos são classificados como marcantes por estarem ligados à história mundial, levando em

consideração a Batalha do Atlântico, à história nacional, por representarem o estopim para a entrada oficial do Brasil na guerra, e à história local, por impactarem o modo de vida dos(as) aracajuanos(as) nos seguintes contextos: social (com as manifestações populares); econômico (afetando as atividades do porto de Aracaju e levando a um racionamento de produtos e alimentos que impactou a inflação dos preços e encareceu a vida dos(as) sergipanos(as)); paisagístico (com o escurecimento da cidade por conta do blecaute, e com as praias que passaram a ser vigiadas pelos militares); cultural (com os jornais e cinemas da época que retratavam o contexto local da guerra); e, por fim, religioso (com os torpedeamentos, interpretados como uma ‘máquina infernal’, ‘coisa de satanás’, ‘fim do mundo’, entre outros significados).

O segundo motivo no que diz respeito à pertinência do tema é porque ainda hoje as ideologias nazifascistas, associadas ao governo ditatorial da época bélica, continuam sendo objeto de debate na sociedade contemporânea devido à conjuntura em que grupos políticos de extrema-direita ganharam notoriedade nos últimos anos, tanto em âmbito nacional quanto internacional. Diante disso, esta tese, ao abordar a temática bélica, propõe-se, conforme orientam Hodder e Hutson (2003), trazer o passado à tona como forma de criticar o presente. O objetivo é questionar e superar preconceitos étnicos, religiosos, políticos e xenofóbicos, ainda impregnados nessas ideologias e que, lamentavelmente, permanecem presentes na sociedade atual.

Apesar do crescimento alarmante dessas ideologias na contemporaneidade, a simples constatação ou rejeição de seus ideais tem se mostrado insuficiente para conter sua expansão (Silva et al., 2014). Nesse sentido, a relevância desta tese torna-se evidente, ao contribuir para a ampliação das discussões sobre o tema, considerando que inúmeros crimes foram cometidos ao longo da História em nome de ideais de extrema-direita, como os do nazifascismo. Além disso, esta pesquisa arqueológica constitui uma forma de resistência ao esquecimento dos horrores provocados pela Segunda Guerra Mundial, com o intuito de evitar a repetição de episódios violentos na História.

Ademais, as narrativas sobre os horrores gerados pela guerra, tanto no contexto internacional quanto no local, devem ser amplamente divulgadas como uma forma de transmitir conhecimento sobre esse passado “esquecido” e promover uma reflexão crítica entre a população. Afinal, a Arqueologia, como ciência autorreflexiva e consciente de seu papel no presente, possui uma função social e política primordial como prática cultural contemporânea (Shanks; Tilley, 1987).

No que tange à relevância das pesquisas arqueológicas e suas interpretações do passado com impacto no presente, Shanks e Tilley (1987) defendem que a Arqueologia deve ser compreendida como uma prática situada no presente, na qual a autorreflexão e a crítica desempenham papéis fundamentais. Para os autores, a análise crítica requer uma avaliação consciente e o comprometimento com escolhas metodológicas e interpretativas, bem como a consideração sobre os propósitos e os públicos a quem se destinam as narrativas construídas sobre o passado. Nesse sentido, eles argumentam que a disciplina arqueológica precisa ultrapassar abordagens do antiquarianismo, que se limitam à coleta e ao estudo descontextualizado de artefatos. Em vez disso, propõem que a Arqueologia busque estruturar narrativas históricas e reconstruções sociais mais abrangentes, situando os artefatos em seus contextos e promovendo interpretações que dialoguem com os desafios intelectuais e sociais contemporâneos.

Concordo com as reflexões de Shanks e Tilley (1987) sobre a importância de uma Arqueologia no presente, voltada para o público, ao proporcionar conhecimentos fundamentados na interpretação da cultura material, no nosso caso, relacionada aos torpedeamentos. Esse processo inclui a análise dos naufrágios, das estruturas fúnebres, das histórias publicadas em jornais e documentos da época, bem como dos depoimentos orais de aracajuanos que vivenciaram o período da guerra e que testemunharam a chegada dos vestígios bélicos às praias sergipanas. Nesse sentido, essa abordagem engajada contribui para uma compreensão mais ampla da relação das pessoas com o mundo material, abrangendo aspectos técnicos, sociais, culturais, políticos, econômicos, religiosos e simbólicos da época (Shanks; Tilley, 1987; Orser, 1996; Neyland, 2011).

Diante disso, o viés crítico da Arqueologia busca entender o passado como algo que pode ser construído de diversas maneiras, dependendo da perspectiva, do enfoque e da análise do(a) pesquisador(a). Logo, esta abordagem evidencia que o conhecimento arqueológico sobre o passado é moldado pelo método de pesquisa, o que impede sua caracterização como imparcial, sendo, ao contrário, resultado da subjetividade do(a) pesquisador(a) (Leone, 1998; Rambelli, 2003). Dessa forma, o discurso de neutralidade acadêmica é visto como um ato social incoerente. Com base nisso, Leone (1998) ressalta o papel ativo que o passado pode desempenhar na sociedade, tornando-se um meio de comunicação e de construção de significados.

Em linhas gerais, pode-se considerar que o estudo da cultura material possibilita ir além dos quadros estritos da historiografia (Funari, 2002). Afinal, “[...] a Arqueologia pode — e deve — ‘ouvir’, através da análise e interpretação da cultura material, as vozes caladas

— ou pouco pronunciadas — das pessoas comuns [...], enfim dos excluídos do processo elitista de construção da História Oficial” (Rambelli, 2003, p. 24). Dentro dessa perspectiva, as narrativas dos sergipanos sobre o período bélico revelam de maneira clara as nuances da construção da História. Esta não deve se restringir apenas aos grandes feitos heroicos de políticos e militares, é essencial que também inclua as ações e reações da população, que, embora seja a maioria, frequentemente aparece, nos livros, como minoria, pois suas histórias são pouco abordadas. Exemplos disso são os relatos dos sobreviventes dos naufrágios, as experiências das comunidades litorâneas que auxiliaram os náufragos e colaboraram com as autoridades no enterramento das vítimas, as manifestações populares violentas contra os torpedeamentos e as mudanças na paisagem de Aracaju durante a preparação para a guerra, entre outros enfoques históricos.

De acordo com Lemos (2019, p. 130), os estudos da violência se tornaram importantes a partir da Primeira Guerra Mundial, quando houve um aumento no número de guerras e destruição, portanto, de violações aos direitos humanos. “E a Arqueologia, por trabalhar com materialidades, pode e deve possibilitar, em relação a esses eventos, a construção de memórias e histórias subalternas (alternativas), que não estão presentes nos discursos oficiais e, se estão, são manipuladas e simplificadas”.

A área de estudo que aborda o presente como um objeto legítimo de investigação é a Arqueologia do Passado Contemporâneo (Buchli e Lucas, 2001). Essa vertente analisa microeventos recentes e suas repercussões sociais, econômicas e culturais, exemplificadas, neste caso, pelas consequências do *Pearl Harbor Brasileiro*, cujos “rastros” se materializaram tanto em terra quanto no mar. Portanto, este campo de pesquisa amplia a definição tradicional da Arqueologia, reconhecendo que a disciplina não precisa se limitar ao estudo do passado, podendo, inclusive, ser considerada uma “Arqueologia do Futuro”. Nesse sentido, percebe-se que as temporalidades dos acontecimentos se encontram interligadas e se conectam mutuamente. Em outras palavras, a concepção de tempo linear e unidirecional, que foi tradicionalmente adotada pela Arqueologia, é questionada e repensada na Arqueologia do Passado Contemporâneo. Dessa forma, essa abordagem propõe uma compreensão mais complexa e interconectada do tempo, na qual passado, presente e futuro estão entrelaçados de maneiras dinâmicas e mutuamente constitutivas (Thiesen; Pouguet, 2018).

O conceito de “Arqueologia do Futuro” envolve a materialização das histórias no presente, revelando-as a partir de vestígios esquecidos do passado para destacar sua relevância na sociedade contemporânea. Esse processo vai além de simplesmente ilustrar a história, ele busca promover entendimento e consciência crítica. No contexto de Sergipe, esse “futuro

materializado" pode ser exemplificado pelo Projeto do Memorial dos Náufragos de Sergipe, elaborado pelo arquiteto Ezio Dêda e financiado pelo Governo do Estado de Sergipe. O memorial será erguido ao lado do Cemitério dos Náufragos para fomentar o reconhecimento e a valorização das histórias desse período bélico por meio de um monumento estadual. Esse memorial utilizará os conhecimentos gerados por esta tese e pelo *Projeto Segunda Guerra Submersa*, que foca na recuperação dessas narrativas a partir dos restos dos navios torpedeados, considerados parte do patrimônio cultural subaquático brasileiro.

O levantamento sonográfico realizado para detectar as possíveis localizações dos navios torpedeados revelou resultados significativos. Uma das confirmações é a de que o naufrágio do Aníbal Benévolo não se encontra nas coordenadas indicadas pelas fontes históricas. Contudo, para a Arqueologia, a ausência de materialidade também constitui uma evidência valiosa de informação. Diante desse resultado, novas hipóteses foram formuladas, sugerindo que os navios podem estar em profundidades maiores, possivelmente próximas ao talude, em uma área ainda não mapeada. Embora os naufrágios não tenham sido localizados até o momento, a pesquisa arqueológica gerou interpretações que desafiam o entendimento histórico consolidado nos últimos 80 anos. Esse avanço justifica o investimento realizado e evidencia resultados relevantes, como a produção de um documentário que apresenta o desenvolvimento da pesquisa e suas contribuições para a divulgação das histórias dos torpedeamentos, ocorridos durante o maior conflito mundial do século XX.

O propósito central desta pesquisa foi realizar investigações *in situ* para recuperar as histórias a partir da materialidade e de suas representações em fontes imagéticas, documentais e audiovisuais. Além disso, buscou-se rememorar eventos trágico-navais ainda pouco conhecidos pelo público local e nacional, prestando, também, uma homenagem às vítimas que pereceram e àquelas que sobreviveram aos ataques de guerra. Nesse sentido, reafirma-se a importância de desenvolver uma tese fundamentada na Arqueologia do Passado Contemporâneo, visando, como propõem Buchli e Lucas (2001, p. 9, tradução da autora da tese), “criar o futuro estando ativamente empenhados na materialização do presente”. Afinal, torna-se imprescindível transcender a noção de “presente ausente”, na qual eventos históricos, como os torpedeamentos, estão materialmente presentes — seja nos cemitérios dos náufragos, na toponímia da Rodovia dos Náufragos, na boia salva-vidas do navio Araraquara ou nos restos dos navios afundados -, mas que permanecem ausentes na memória coletiva tanto da população local quanto nacional.

Diante do exposto, esta tese de doutorado resgata, por meio dos vestígios emersos e dos sítios submersos, os ecos da tragédia bélica dos torpedeamentos, relegados ao

esquecimento por décadas, e reafirma a relevância de conhecermos essas histórias e de preservarmos as memórias individuais e coletivas, valorizando, assim, o patrimônio arqueológico, incluindo o *dark heritage*, como instrumento fundamental para a compreensão do passado. Nesse sentido, a pesquisa procura dar voz às experiências sensíveis das vítimas brasileiras da guerra, “silenciadas” pelo tempo, mas que devem ser memoradas. Em um cenário contemporâneo, no qual se torna urgente o combate às ideologias extremistas, como o nazifascismo — responsáveis por crimes de guerra contra a humanidade —, esta tese serve como um alerta, contribuindo para que tais eventos não se repitam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGRESSÃO. *Documentário dos fatos que levaram o Brasil à guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.
- ALBIERO, Cleci Elisa et al. O conservadorismo da extrema-direita na contemporaneidade. *Humanidades em Perspectivas*, v. 2, n. 2, p. 116-128, 2018.
- ALMEIDA, Fernanda Cordeiro de. *A história da devastação dos manguezais aracajuanos*. 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.
- ARAUJO. J. G. *Naufrágios e afundamentos na costa brasileira*. 2.ed. Salvador: JM, Gráfica e Editora, 2008.
- ARAUJO. R. R. *As relações entre as transformações econômicas e o ritmo da produção no espaço urbano - Estudo de caso: Aracaju*. 2011. 265 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- ARIÈS, P. *O homem diante da morte*. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: F. Alves, v. I, 1989.
- _____. *O homem diante da morte*. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: F. Alves, v. II, 1989.
- BARETTA, Jocyane Ricelly. Arqueologia da Repressão e da Resistência e suas contribuições na construção de memórias. *Revista Arqueologia Pública*, nº 10, p. 76-89, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8635640>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- BARRETO, Luiz Antonio. *Cultura: um roteiro de alusões*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.
- _____. *Estrangeiros em Aracaju*. In: Pesquisa de Sergipe/Infonet. 2005. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/estrangeiros-em-aracaju/>. Acesso em: 15 out. 2023.
- _____. *Estrangeiros em Aracaju (II)*. In: Pesquisa de Sergipe/Infonet. 2005. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/estrangeiros-em-aracaju-ii/>. Acesso em: 15 out. 2023.

_____. *Estrangeiros em Aracaju (III)*. In: Pesquisa de Sergipe/Infonet. 2005. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/estrangeiros-em-aracaju-iii/>. Acesso em: 15 out. 2023.

_____. *Estrangeiros em Aracaju (IV)*. In: Pesquisa de Sergipe/Infonet. 2005. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/estrangeiros-em-aracaju-iv/>. Acesso em: 15 out. 2023.

_____. *Estrangeiros em Aracaju (V)*. In: Pesquisa de Sergipe/Infonet. 2005. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/estrangeiros-em-aracaju-v/>. Acesso em: 15 out. 2023.

_____. *O sangue de agosto na História de Sergipe*. In: Pesquisa de Sergipe/Infonet. 2007. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/o-sangue-de-agosto-na-historia-de-sergipe/>. Acesso em: 15 out. 2023.

_____. *A guerra e o amor ao mar de Sergipe*. In: Pesquisa de Sergipe/Infonet. 2011. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/a-guerra-e-o-amor-no-mar-de-sergipe/>. Acesso em: 15 out. 2023.

BARROS, Maria Luiza Pérola Dantas. *O Caso de Nelson de Rubina : guerra e cotidiano em Aracaju (1942 - 1943)*. São Cristóvão, SE. 2015. 58 f. Monografia (Bacharelado em História) - Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2015.

_____. Segunda Guerra, cultura e cotidiano: os torpedeamentos na costa brasileira em 1942 e o caso Nelson de Rubina. *Boletim Historiar*, n. 16, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/5685/6670>. Acesso em: 20 fev. 2024.

BASS, George Fletcher. *The Development of Maritime*. In: The Oxford handbook of Maritime Archaeology, p. 3-24, 2011.

_____. *Arqueologia Subaquática*. Lisboa: Verbo, 1969.

BASTIANELLO, E. M. T. *Arqueologia Histórica - estudos e perspectivas multidisciplinares: as manifestações culturais no cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé/RS*. In: Arqueologia Histórica, Memória e Patrimônio em Perspectiva Multidisciplinar: Contribuições da Arqueologia, História, Literatura, Arquitetura e Urbanismo. Funari, P. P. A; Cerqueira, F. V; Nobre, C. K. (org.). Pelotas: IMP, LEPAARQ/UFPel, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio cultural/UFPel, p. 149 a 161, 2009.

BAVA DE CAMARGO, P. F. *Arqueologia das fortificações oitocentistas da planície costeira Cananéia/Iguape, SP*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. Portos e mais portos: Arqueologia Marítima de Cananéia (SP). *Revista Navigator*, v. 4, nº 7, p. 83-98, 2008. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/277>. Acesso em: 18 mar. 2024.

BELARMINO, M. L. As idas e vindas de um articulador: Nelson de Rubina nas mãos de seus julgadores. *Revista do Memorial*, nº 2, p. 65-93, 2012.

BELLOMO, H. R. (org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte sociedade e ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2008.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha et al. Uma enfermeira da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial: Fundo Virgínia Portocarrero da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 29, p. 531-550, 2022.

BLOT, JEAN-Yves. O mar de Keith Muckelroy: o papel da teoria na Arqueologia do mundo náutico. *Al-Madan. Almada, Centro de Arqueologia*, n. 8, p. 41-55, 1999.

BONET, F. S. O discurso oficial brasileiro durante a II Guerra Mundial - O Brasil se une para a Guerra. *IX Encontro Estadual De História*. Anais, Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: https://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1209067969_ARQUIVO_OdiscursooficialbrasileiroduranteaIIGuerraMundial.pdf. Acesso em: 18 set. 2023.

BRÍGIDO, L. E. B. O Brasil declara guerra ao Eixo – 70 anos. *Revista Marítima Brasileira*, vol.132, nº04/06, p. 34-58, 2012.

BUCHLI, Victor; LUCAS, Gavin. *Archaeologies of the Contemporary Past*. London and New York, Routledge, 2001.

CALIPPO, F. R. *Os sambaquis submersos de Cananéia, SP: Um estudo de caso de Arqueologia subaquática*. 2004. 139 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. *Sociedade Sambaqueira, Comunidades Marítimas*. 2010. 294 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CASTRO, Maria Eduarda Pessoa; CAVALCANTE, Carmen Luisa Chaves. Os cenários que moldaram a ascensão de Hitler na Alemanha e a eleição de Bolsonaro no Brasil: uma análise de contexto e estratégias de comunicação. In: *Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. São Luís: Universidade Federal de São Luís. 2019.

CHARTIER, Roger et al. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, v. 1, 1990.

CHOU, J. W. T. *O espaço da cidade: uma análise crítica e interpretativa estudo de caso no centro de Aracaju*. 2002. 149 f. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Tiradentes, Aracaju – SE, 2002.

COSTA, D. M. Estudos mortuários em Arqueologia Pré-Histórica e Histórica: de espelho etnográfico à máscara social. *Revista Habitus, Goiânia*, vol.10, nº1, p. 105-114, 2012.

COSTA, G. P. *Heranças Patrimonialistas, (Dis)Funções Burocráticas, Práticas Gerenciais e os Novos Arranjos do Estado em Rede: entendendo a configuração atual da administração pública brasileira*. 2012. 253 f. Tese (Doutorado em Administração) - Fundação Getulio Vargas, Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Rio de Janeiro, 2012.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. *A Guerra do Atlântico na costa do Brasil: rastros, restos e aura dos U-boats no litoral de Sergipe e da Bahia (1942-1945)*. 2019. 356 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

_____. “A guerra já chegou entre nós”! O cotidiano de Aracaju durante a Guerra Submarina (1942 -1945). 2012. 232 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

_____. Submarinos no Mar & Soldados na Praia. A militarização da costa sergipana no tempo da II Guerra Mundial (1942-1945). Ponta de Lança: *Revista eletrônica de História, Memória & Cultura*, Ano 4, nº8, p. 25-35, 2011. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/3081>. Acesso em: 09 nov. 2023.

_____; ARAS, L. M. B. Submarinos alemães e o cotidiano de Aracaju. *Revista do IHGSE*, nº40, p. 155-181, 2010. Disponível em: <http://www.ihgse.org.br/revistas/40.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2023.

_____; ARAS, L. M. B. A cidade dos malafogados: o cotidiano de Aracaju durante a Guerra Submarina em Sergipe (1942-1945). In: *XXVI Simpósio Nacional de História* -

ANPUH, 2011. Anais, São Paulo, 2011, p. 1-17. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300849352_ARQUIVO_TEXTOCOMP LETOGUERRASUBMARINA.pdf. Acesso em: 09 nov. 2023.

_____; ARAS, L. M. B. A Guerra submarina na costa sergipana (1942-1945). *Revista Navigator*, vol.8, nº15, 2012, p. 85-100. Disponível em: http://www.revistanavigator.com.br/navig15/art/N15_art1.pdf. Acesso em: 09 nov. 2023.

_____; ARAS, L. M. B. Submarinos alemães ou norte-americanos nos malafogados de Sergipe (1942-1945)?. *Revista Navigator*, vol.9, nº17, p. 69-83, 2013. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/500/483>. Acesso em: 09 nov. 2023.

_____; SOUZA, A. L. U-Boots no Brasil. As vivências do homem costeiro diante da Guerra Submarina em Sergipe (1942-1945). In: *IV Congresso Internacional de História*, 2009. Anais, Maringá, Paraná, Brasil, p. 1483-1497, 2009. Disponível em: <http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/331.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2023.

DE MORAIS, Argus Romero Abreu. A estética da intolerância: extremismo político e arte no Brasil atual. *Revista RUA – Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*, v. 24, n. 2, 2018. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/rua/paginasartigo/viewpagina?artigo_id=121&numeroPagina=1&utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 07 abr. 2024.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. *Os Anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet*. 2007. 329 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2007.

DINIZ, D. N. L. Aracaju: *A construção da imagem da cidade*. 2009. 270 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

DURAN, Leandro Domingues. *Arqueologia Marítima de um Bom Abrigo*. 2008. 338 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____; RAMBELLI, Gilson. Água de Meninos: insights de uma arqueologia subaquática da sociedade contemporânea. *Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, v. 17, n. 1, p. 221-242, 2019.

ENNES, M. A. *A Imigração estrangeira em Sergipe (1875-1930)*. História (São Paulo), vol.30, nº2, 2011, p. 312-334. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v30n2/a15v30n2.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2023.

FÁVERI, M. *Memórias de uma (outra) guerra. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. 2002. 392 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

FELIPE JUNIOR, Nelson Fernandes. *Dinâmica econômica e recentes transformações no transporte marítimo de cabotagem e longo curso no Brasil: alguns apontamentos sobre a modernização portuária no Estado de São Paulo*. 2012. 310 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2012.

FRANÇA, V. L. A. *Aracaju: Estado e Metropolização*. São Cristóvão - SE: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 1999.

FUNARI, Pedro Paulo A. O Amadurecimento de uma Arqueologia Histórica Mundial. *Revista de História*, nº 135, p. 163-168, FFLCH-USP:1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18801>. Acesso em: 28 jan. 2024.

_____. *A Arqueologia Histórica em uma Perspectiva Mundial*. In: Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul, Cultura Material, Discursos e Práticas. Andrés Zarankin e María Ximena Senatore (orgs.), Buenos Aires, Ediciones del Tridente, p. 107-116, 2002.

_____. Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica. *MNEME - Revista de Humanidades*, vol.6, nº13, p. 1-5, 2004/2005. Disponível em: <http://ufrn.emnuvens.com.br/mneme/article/view/267/243>. Acesso em: 02 fev. 2024.

_____. *Arqueologia*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Teoria e a Arqueologia Histórica: a América Latina e o Mundo. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*. Vol. 1, nº. 1 Jan-Jun, p. 49-58, 2007. Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/vestigios/download/01/FUNARI_Teoria-e-arqueologia-historica.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.

_____; CERQUEIRA, F. V.; NOBRE, C. K. *Arqueologia Histórica, Memória e Patrimônio em Perspectiva Multidisciplinar: Contribuições da Arqueologia, História,*

Literatura, Arquitetura e Urbanismo. Pelotas: IMP, LEPAARQ/UFPel, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural/UFPel, 2009.

_____; OLIVEIRA, Nanci Vieira. *A arqueologia do conflito no Brasil*. In Funari, Pedro Paulo de Abreu; Zarankin, Andrés e Reis, José Alberioni. *Arqueologia da repressão e da resistência: América Latina na era das ditaduras*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

_____; ZARANKIN, Andrés; REIS, José Alberioni. *Arqueologia da Repressão e da Resistência na América Latina na era das ditaduras (décadas 1960-1980)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.

GAMA, A. O. S.; MARTINS, H. L. *A Marinha na Segunda Guerra Mundial*. In: História Naval Brasileira. Quinto Volume. Tomo II. Rio de Janeiro: Ministério da Marinha/Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1985.

GARCIA, C. A Arqueologia em contextos de navios dos sécs. XVI-XVII – Testemunhos Açorianos. *Arquipélago - História*, 2ª série, IX, p. 89-103, 2005. Disponível em: https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/413/1/Catarina_Garcia_p89-103.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.

GIBBINS, David; ADAMS, Jonathan. Shipwrecks and maritime archaeology. *World Archaeology*, v. 32, n. 3, p. 279-291, 2001.

GILBERT, Martin. *Second World War*. Tradução de Ana L. Faria e Miguel S. Pereira. (A Segunda Guerra Mundial). Portugal: Publicações Dom Quixote, 2009.

GODOY, M; LOPES, M. O Brasil foi para a Guerra – Schacht, o comandante alemão sem disciplina que levou o país ao conflito. *Revista Aventuras na História*. Ed. 144, jul. p. 32-41, 2015.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Time to destroy: an archaeology of supermodernity. *Current anthropology*, v. 49, n. 2, p. 247-279, 2008.

GOULART, Luana Batista Galera de Jesus. *Processos de formação arqueológicos de sítios de naufrágios: uma proposta sistemática de estudos*. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2014.

GOULARTI FILHO, Alcides. Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro: uma trajetória de déficit financeiro e desenvolvimento econômico. *História Econômica & História de Empresas*, v. 12, n. 2, 2009.

GUIMARÃES, J. C. M. S. *Marinha Mercante*. In: *História Naval Brasileira*. Quinto Volume. Tomo II. Rio de Janeiro: Ministério da Marinha/Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1985.

GUSMÃO, Daniel Martins. *Sítios arqueológicos de naufrágios da Baía de Todos os Santos, Salvador-BA: estudo de caso do Clipper Blackadder*. 2015. 192 f. Dissertação (Pós-Graduação em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

HODDER, I. *Theoretical archaeology: a reactionary view*. In: *Symbolic and structural archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-16, 2006.

_____; HUTSON, S. *Post-processual archaeology*. In: *Reading the past - Current approaches to interpretation in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 206-235, 2003.

JOHNSON, Matthew. *Teoría arqueológica: una introducción*. Editorial Ariel, 2000.

KANGUSSU, Imaculada Maria Guimarães. *Passagens: imagem e história em Walter Benjamin*. 1996. 148 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Departamento de Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

LEMO, Caroline Murta. *Arquitetando o terror: um estudo sensorial dos centros de detenção oficiais e clandestinos da ditadura civil-militar do Brasil (1964-1985)*. 2019. 383 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2019.

LEONE, Mark P.; POTTER JR, Parker B.; SHACKEL, Paul A. Rumo a uma Arqueologia Crítica. *Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 15, n. 2, p. 143-174, 2021.

LIMA, Rodrigo Araújo. Regada con la sangre de tantos mártires: a fundação da arqueologia franquista. *Revista de Arqueologia Pública: Revista eletrônica do Laboratório de Arqueologia Pública de Unicamp*, v. 14, n. 1, p. 30-56, 2020.

LINO, Jaisson. Arqueologia e patrimônio da guerra: o caso do contestado. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH*, 2011.

_____; FUNARI, Pedro Paulo. Introdução: *Considerações sobre a Arqueologia da Guerra e do Conflito*. In: LINO, J.; FUNARI, P. (Orgs.). *Arqueologia da Guerra e do Conflito*. Erechim, RS: Habilis, pp. 13-21, 2013.

_____ ; SYMONDS, James. Arqueologia da Guerra do Contestado (1912-1916): conflito, cultura material e memória. *Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 15, n. 1, p. 5-25, 2021.

LIVRO AMARELO: *Manifesto Pró-Patrimônio Cultural Subaquático Brasileiro*. Campinas: Centro de Estudos de Arqueologia Náutica e Subaquática (CEANS), do Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade Estadual de Campinas (NEE / UNICAMP), 2004.

LIVRO BRANCO: *Arqueologia ou caça ao tesouro? Para um debate sobre a legislação do patrimônio arqueológico subaquático em Portugal*. Lisboa: Arqueonáutica, Centro de Estudos, 1995.

MARTOLIO, E. Diferente da História Oficial. In: O Brasil foi para a Guerra – Schacht, o comandante alemão sem disciplina que levou o país ao conflito. *Revista Aventuras na História*. Ed. 144, jul. 2015.

MARTON, F. O preço da paz. *Revista Aventuras na História*. Ed. 145, ago. 2015, p. 32-41.

MASON, David. *Submarinos alemães: a arma oculta*. Rio de Janeiro: Renes, 1975.

MAYNARD, A. S. C., & SC, A. *De Hollywood a Aracaju: antinazismo e cinema durante a Segunda Guerra Mundial*. Recife: EDUPE, 2021.

_____. *De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)*. (Tese - Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. *Noites de terror em mar e terra: o cotidiano em Aracaju (1942-1945)*. In: Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial. Org. Flávia de Sá Pedreira. 1. ed. São Paulo: LCTE Editora. p. 187-204, 2019.

_____ ; DE ASSIS, Raquel Anne Lima. O fim do mundo começou no mar. *Revista Navigator*, v. 9, n. 17, p. 59-68, 2013.

_____ & dos Santos, P. A. À deriva: os ataques do submarino U-507 e a reação popular contra “súditos do Eixo” em Sergipe (1942). *Boletim Historiar*, 10(02), 2023.

MELLO, J. C.; CERQUEIRA, R. S. R. Do passado ao monumento: proposta de Arqueologia Histórica do Cemitério dos Naufragos - SE. *Revista Mnmosine*, vol.2, nº1, 2011, p. 75-86. Disponível em:

http://www.ufcg.edu.br/~historia/mnemosinerevista/volume2/dossie_republica/MNEMOSINE-REVISTA-REPUBLICA-VOL2-N1-JAN-JUN-2011.pdf. Acesso em: 26 abr. 2024.

_____. Cemitério dos Náufragos: uma Proposta de Arqueologia Histórica em Sergipe. *GET - Cadernos do Tempo Presente*, nº9, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/2680>. Acesso em: 26 abr. 2024.

MONTEIRO, M. U-507 – *O submarino que afundou o Brasil na Segunda Guerra Mundial*. 2ª ed. Porto Alegre: Publicato, 2013.

MUCKELROY, Keith. *Maritime archaeology*. Cambridge University Press, 1978.

MUSHYNSKY, Julie. *The Archaeology, History and Heritage of WWII Karst Defenses in the Pacific: Cultures of Conflict*. Springer Nature, 2021.

NEYLAND, R. S. *Underwater Archaeology of the World Wars*. In Catsamis, A; Ford, B; Hamilton, D. *The Oxford Handbook of Maritime Archaeology*. New York, p. 708-729, 2011.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 10, 1993.

NOVAES, Luciana de Castro Nunes. *A morte visível e a vida invisível: um estudo sobre o assentamento de Exu e a Paisagem Sagrada da Enseada de Água de Meninos, Salvador (Bahia)*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2013.

OLIVEIRA, D; ROSTY, C. S. *A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial – Estudos e Pesquisas*. Rio de Janeiro, p. 1-112, 2012. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2011/10/livro_final.pdf. Acesso em: 19 dez. 2023.

ORSER JR, Charles E. *A historical archaeology of the modern world*. Springer Science & Business Media, 1996.

_____. Rumo A Uma Arqueologia Histórica Global: Um Exemplo Do Brasil. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*. Vol. 6, nº. 2 Jul-Dez, 2012. P. 182-215. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/f98efd_1eddc034e685f6c98b8c38d0b09fdb2e.pdf. Acesso em: 12 nov. 2023.

PEREIRA, D. L. *Operação Brasil: o ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2015.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Contexto, 2007.

PIOVEZAN, A. *Morrer na Guerra: Instituições, Ritos e Devoções no Brasil (1944-1967)*. 2014. 298 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas - Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36370>. Acesso em: 10 set. 2023.

_____. As representações da morte nos Mausoléus Militares: o embate entre o cívico e o confessional (1924-2010). In: *III Encontro Nacional de Estudos da Imagem*, 2011, Londrina - PR. Anais, p. 1-9, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Adriane%20Piovezan.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.

_____. Ritos de Morte: o Pelotão de Sepultamento da FEB (1944-1945). In: Oliveira, D; Rosty, C. S. *A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial – Estudos e Pesquisas*. Rio de Janeiro, p. 3-8, 2012. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2011/10/livro_final.pdf. Acesso em: 10 set. 2023.

_____. Atitudes diante da morte: religiosidade e pragmatismo nos objetos dos mortos na Segunda Guerra Mundial. In: Anais do IV Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH - Memória e Narrativas nas Religiões e nas Religiosidades. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR), n.15, jan. p. 1-12, 2013.

_____. O culto cívico aos mortos: o caso dos traslados dos combatentes brasileiros das guerras mundiais. In: *XVI Encontro Regional de História da ANPUH-RIO: Saberes e Práticas Científicas*. Anais, Rio de Janeiro, p. 1-7, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400544852_ARQUIVO_textocompletorio.pdf. Acesso em: 24 jan. 2024.

_____. Lembrar e esquecer: registro de visitantes do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 161-177, jul. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2015v22n34p161/32178>. Acesso em: 24 jan. 2024.

POLONI, Rita Juliana Soares. Arqueologia da Repressão e Resistência: uma proposta de estudo. *História e-História*. 2014.

PORTO, Otávio Arruda. *Arqueologia Marítima/Subaquática da 2ª Guerra Mundial: sua aplicabilidade no Brasil*. 2013. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2013.

_____. Arqueologia Náutica e Marítima: a participação da Esquadra Brasileira na Defesa Territorial do Brasil. *GET - Cadernos do Tempo Presente*, nº 5, 2011. Disponível em: [diltonmaynard,+www.getempo.org_images_ed5_Artigo_3_1.pdf](http://diltonmaynard.com.br/www.getempo.org_images_ed5_Artigo_3_1.pdf). Acesso em: 05 out. 2023.

_____. *Uma arqueologia da II Grande Guerra: Sergipe e os sítios de naufrágios*. Laranjeiras, SE. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe. Campus de Laranjeiras, Laranjeiras, 2010.

PUCCI, Bruno. A Personalidade Autoritária no Brasil em tempos de neoliberalismo e de Coronavírus. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 14, 2020.

RAMBELLI, Gilson. *Arqueologia subaquática em Cananéia*. Editora Prismas, 2016.

_____. *Arqueologia Subaquática do Baixo Vale do Ribeira – SP*. 2003. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

_____. *Reflexões sobre o patrimônio cultural subaquático e a Arqueologia*. In: Os caminhos do patrimônio no Brasil. (Organizadores: Manuel Ferreira Lima Filho e Marcia Bezerra). Goiânia: Alternativa, p.153-69, 2006.

_____. *A Arqueologia Subaquática e sua aplicação à Arqueologia Brasileira: o exemplo do Baixo Vale do Ribeira de Iguape*. 1998. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. *Arqueologia até debaixo d'água*. São Paulo: Maranta, 2002.

_____. *Entre o uso social e o abuso comercial: as percepções do Patrimônio Cultural Subaquático no Brasil*. *História* (São Paulo), vol.27, nº2, 2008, p. 49-74. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742008000200004. Acesso em: 18 out. 2023.

_____; FUNARI, Pedro Paulo. Los desafíos del patrimonio arqueológico subacuático en Brasil: pensamientos varios. *Memorias: Revista Digital de Historia y Arqueología desde el Caribe*. Universidad del Norte, 2007.

_____; NOVAIS, Luciana de Castro Nunes Novaes. Frutos do mar: A Arqueologia Subaquática tem revelado uma parte da história do tráfico de escravo que ficou submersa por muito tempo. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Ano 6, nº 71, 2011, p. 29-31.

REZENDE, C. B.; COELHO, M. C. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIBEIRO, P. S. *Em Luto e Luta: construindo a memória da FEB*. 2013. 307 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/b9540b86-ec9d-48c6-a9a3-9c2147eb39b0/content>. Acesso em: 08 set. 2023.

ROCHA, Maria Vitória Sousa; BELISÁRIO, Katia Maria. O Discurso do Inimigo: Análise do Discurso Político do Presidente do Brasil¹. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 6, p. 56040-56055, 2021.

ROCHA, R. S. *A arquitetura moderna diante da esfinge ou a nova monumentalidade - uma análise do Monumento Nacional aos Mortos na Segunda Guerra Mundial*, Rio de Janeiro. Anais do Museu Paulista, São Paulo. N. Sér. v. 15. n. 2, 2007, p. 151-167. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142007000200016. Acesso em: 11 ago. 2023.

ROSA, Roberta da Silva. *Sergipe no contexto da Segunda Guerra Mundial (1942): uma abordagem da Arqueologia de Ambientes Aquáticos*. 2015. 168 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2015.

_____; RAMBELLI, Gilson. Vestígios da Segunda Guerra Mundial nas Praias Sergipanas. *Revista Navigator*, v. 16, n. 32, p. 137-151, 2020.

ROSTY, C. S. Itinerário dos Libertadores do Povo Italiano. In: Oliveira, D; Rosty, C. S. *A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial – Estudos e Pesquisas*. Rio de Janeiro, 2012, p. 88-100. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2011/10/livro_final.pdf. Acesso em: 05 ago. 2023.

SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: A história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas*. Editora Objetiva, 2007.

SANTOS, Francisco Passos. *Os Ataques do Submarino Alemão no Litoral de Sergipe em 1942*. Cordel de “Chiquinho do Além Mar”, Aracaju/SE, 2021.

SANTOS, Jonas; OLIVEIRA, Luiz; MEIRELES, Ricardo. *Relatório Técnico: Expedição de levantamento de dados de sonografia para localização dos destroços dos naufrágios entre o litoral Sul de Sergipe e Norte da Bahia*. Aracaju, 2023.

SANTOS, Luis Felipe Freire Dantas. *Vapor de transporte madeira: arqueologia marítima histórica da revolta da armada de 1893*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, Sergipe, 2020.

_____. *Nas águas do velho Chico: por uma arqueologia de ambientes aquáticos no Baixo Rio São Francisco – Sergipe/Alagoas*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, Sergipe, 2013.

SANTOS, Maria Nely dos Santos. *A Participação de Sergipe na Segunda Guerra Mundial. Programa de educação e pesquisa histórica*. Universidade Federal de Sergipe (S.D.).

SCHIAVETTO, S. N. O. *Arqueologia guarani: construção e desconstrução da identidade indígena*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.

SCHURSTER, K. O “inverno do descontentamento” na propaganda de preparação para Segunda Guerra em Recife. *Revista Navigator*, vol.9, nº17, 2013, p. 42-58. Disponível em: http://www.revistanavigator.com.br/navig17/dossie/N17_dossie3.pdf. Acesso em: 14 jul. 2023.

SEDLMAYER, Sabrina e Ginzburg. *Walter Benjamin Rastro, aura e história* (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SERAFIM, C. F. S; BITTENCOURT, A. S. *A Marinha na República. A importância do mar na História do Brasil*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

SHANKS, M.; TILLEY, C. *Re-Constructing Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. *Social Theory and Archaeology*. Albuquerque: New México University Press, 1988.

SILVA, Adriana Brito da; BRITES, Cristina Maria; OLIVEIRA, Eliane de Cássia Rosa; BORRI, Giovanna Teixeira. A extrema-direita na atualidade. *Serviço Social & Sociedade*, 407-445, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/nTk6JtjrXGqcpGVcr8Rj4Wx/?format=pdf>. Acesso em: 03 jun. 2023.

SILVA, Bruno Moreira da. *Através do periscópio: uma abordagem arqueológica da guerra submarina em águas brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial*. Monografia (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, Sergipe, 2019.

SILVA, C. H. M. *Espaço público político e urbanidade - o caso do centro da cidade de Aracaju*. 2009. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SILVA, L. S. *Porto Alegre e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945): impactos nos cotidiano da capital gaúcha..* Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, Luciana Portilho. Mulher e mercado de trabalho: perfil e participação feminina entre as décadas de 1940 e 1960. *Revista História Econômica & História de Empresas*, 2012.

SILVA, R. D. A construção do feminino no poema “Lamento da Noiva do soldado”, de Cecília Meireles. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. 2013, Anais Eletrônicos, Florianópolis, 2013, p. 1-6. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386696228_ARQUIVO_RobertaDonagaSilva.pdf. Acesso em: 06 set. 2023.

SOUZA, B. C. M. F. *Desenvolvimento regional e gestão metropolitana: reflexões a partir da política habitacional na região metropolitana de Aracaju*. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2009.

SUZIGAN, Wilson. *Indústria brasileira. Origem e Desenvolvimento*. Editora da Unicamp, São Paulo, 2000.

THIESEN, Beatriz Valladão; POUQUET, Martial. Nem Tempo, nem Método. Nem História, nem Antropologia. O que é Arqueologia?. Tessituras: *Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 6, n. 1, p. 13-13, 2018.

TRIGGER, B. G. *História do Pensamento Arqueológico*. Tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus, 2004.

WEBER, Camila Eduarda; SOARES, Ana Amélia Serafim; STEIERNAGEL, Daiane Raquel. O movimento neonazista e a extrema direita no Brasil. *Salão do Conhecimento*, v. 7, n. 7, p. 1-8, 2021. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/2107>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ZANETTINI, Paulo. Arqueologia na caatinga: arqueologia de Canudos, em Canudos ou para Canudos? Com Ciência, *Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, n. 47, setembro de 2003. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/arqueologia/arq19.shtml>. Acesso em: 22 set. 2023.

JORNAIS

Correio de Aracaju. 01 de agosto a 15 de setembro de 1942. Biblioteca Pública Epifânio Dória.

Diário Oficial do Estado de Sergipe. 01 de agosto a 15 de setembro de 1942. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

Folha da Manhã. 01 de agosto a 15 de setembro de 1942. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

A Noite. 15 de agosto a 05 de setembro de 1942. Site: Hemeroteca Digital. Disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/noite/348970>.

LINK DOS PRODUTOS GERADOS A PARTIR DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA:

Palestra na Escola do Legislativo (ELESE): Torpedeamento: Segunda Guerra Submersa - Contribuições da Arqueologia de Ambientes Aquáticos. Disponível em: <https://al.se.leg.br/torpedeamento-arqueologia-de-ambientes-aquaticos-e-destacada-na-elese/>. Publicado em 16 de agosto de 2023.

Prévia do documentário: Em busca dos naufrágios que forçaram o Brasil a entrar na Segunda Guerra Mundial. Site: Aventuras Produções Edições Educativas LTDA - AventuraComBr. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JhIx0xyFhIE&t=11s>. Publicado em 21 de agosto de 2023.

Jornal O Globo: Aventura submarina: a busca pelo navio torpedeado pelos nazistas que levou o Brasil a lutar na II Guerra. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/09/17/arqueologos-buscam-no-fundo-do-mar-do-nordeste-navio-atacado-por-submarino-nazista-na-2a-guerra.ghtml>. Publicado em 17 de setembro de 2023.

Reunião com o Governador Fábio Mitidieri: Governo de Sergipe garante apoio à terceira etapa de pesquisa para implantação do Museu dos Naufrágios que envolve buscas arqueológicas subaquáticas no litoral. Disponível em: https://www.se.gov.br/noticias/governo/governo_de_sergipe_garante_apoio_a_terceira_etapa_de_pesquisa_para_implantacao_do_museu_dos_naufragos. Publicado em 18 de setembro de 2023.

Entrevista para a TV Sergipe: Pesquisa da UFS traz à tona história que levou o Brasil a entrar na 2ª Guerra Mundial - Programa: SE TV 2ª Edição (5 min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11978886/>. Publicado em 26 de setembro de 2023.

Live no Instagram Pelos Caminhos Da II Guerra Mundial: Em 1942, o Brasil ainda não havia entrado na II GM. A partir daí, uma série de torpedeamentos de navios brasileiros apressou esse ingresso, especialmente em Sergipe, o que ficou conhecido como o *Pearl Harbor Brasileiro*. Os professores Gilson Rambelli e Roberta Rosa falam sobre esses episódios e as novas descobertas feitas recentemente. (@peloscaminhosdaiguerramundial) Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cxva0-Wr3ii/?igshid=MzRlODBiNWFlZA%3D%3D>. Publicado em: 30 de setembro de 2023.

ANEXOS

EXPOSIÇÃO DO MUSEU GALDINO BICHO NO IHGSE (2022)

Há muito se reconhece a importância dos museus como instrumentos de preservação da memória. Globalmente, os museus servem como espaços dedicados à valorização dos patrimônios históricos, representando identidades, costumes e culturas de diferentes povos. Em Aracaju, essa tradição é mantida pelo Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, que, em 1957, incorporou um espaço museal em suas instalações. Este espaço foi nomeado Museu Galdino Bicho, em homenagem ao artista carioca que doou seu acervo pessoal ao Instituto. A mediação dessa doação foi feita por Jordão de Oliveira, sergipano de destaque radicado no Rio de Janeiro, mas fortemente ligado à sua terra natal. O museu do Instituto, apesar de pequeno, desempenha um papel importante na exposição e discussão de elementos e representações históricas, abordando também temas como a participação de Sergipe na Segunda Guerra Mundial, preservando inclusive a única cultura material dos torpedeamentos: a boia salva-vidas do navio Araraquara.





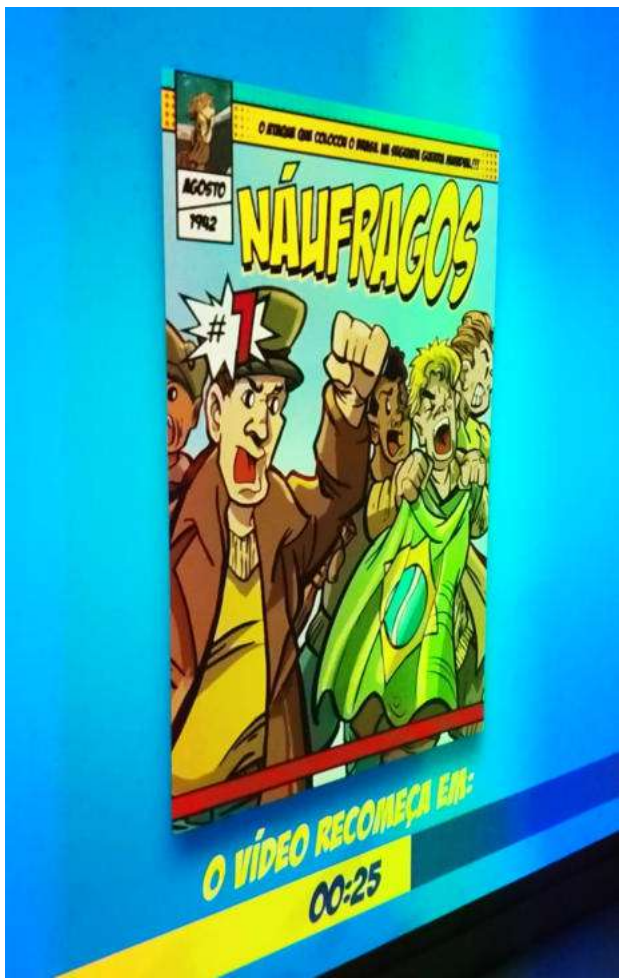


EXPOSIÇÃO CULTURAL DO MEMORIAL DE SERGIPE

A exposição “Segunda Guerra Mundial” do “Memorial de Sergipe - Prof. Jouberto Uchôa”, localizado na Orla de Atalaia, em Aracaju, é uma homenagem aos sergipanos que serviram no conflito. A sala dedicada a essa temática destaca quatro personalidades: o General Walter de Menezes Paes, o Soldado Zacarias Izidoro Cardoso, o Tenente-Aviador Aurélio Sampaio e o jornalista Joel Silveira. Além disso, há uma parede que apresenta os nomes de todos os sergipanos que participaram da Segunda Guerra Mundial.









“PROJETO ARACAJU” REALIZADO NO COLÉGIO DE ORIENTAÇÃO E ESTUDOS INTEGRADOS - COESI (2017 - 2023)

Desde 2017, o "Projeto Aracaju" vem sendo implementado com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental do Colégio de Orientação e Estudos Integrados (COESI). O foco do projeto é explorar as histórias dos torpedeamentos dos navios mercantes Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo, que ocorreram entre os litorais de Sergipe e da Bahia, com o objetivo de trazer conhecimento sobre esses importantes fatos históricos para as novas gerações, que muitas vezes desconhecem a participação de Sergipe e até do Brasil no maior conflito mundial do século XX.



Turma do 7º Ano em frente ao Cemitério dos Náufragos Monumental e na região praiana onde chegaram os corpos e os sobreviventes, em Aracaju, 2017.



Turma do 7º Ano em frente ao Cemitério dos Náufragos “original”, em Aracaju, 2017.

O projeto busca ampliar o conhecimento histórico sobre a cidade de Aracaju, adotando metodologias ativas que colocam os estudantes como protagonistas no processo de ensino e aprendizagem. A proposta está alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

(ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), que visam enfrentar os desafios sociais, econômicos e ambientais globais até 2030.

Os ODS contam com o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para serem integrados aos conteúdos curriculares e abordados de forma interdisciplinar em sala de aula. No contexto da Segunda Guerra Mundial em Sergipe, o projeto está fundamentado no ODS 16 — **Paz, justiça e instituições eficazes**, que busca promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, garantir o acesso universal à justiça e fortalecer instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.¹²¹



Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU, 2024).

Além de realizar pesquisas históricas bibliográficas, os alunos(as) conduzem entrevistas orais com familiares e realizam visitas técnicas, acompanhados(as) pelos professores(as), aos locais dos eventos históricos. As visitas já foram realizadas no sítio arqueológico do Cemitério dos Náufragos "original", localizado em frente à praia, na Rodovia Inácio Barbosa (antiga Rodovia Presidente José Sarney); no Cemitério dos Náufragos Monumental, situado no Bairro Mosqueiro; e no Aeroclube de Sergipe, que destaca a importante contribuição dos aviadores no resgate das vítimas da guerra.

¹²¹ As informações foram retiradas do site das Nações Unidas no Brasil. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 27 abr. 2024.



Cartaz elaborado pelo aluno Victor, bisneto de militar da FEB, que lutou na Itália, e maquete dos torpedeamentos, ao fundo, produzida pela turma em 2017.



Alunos do 7º Ano apresentando *banner* sobre a pesquisa histórica dos torpedeamentos, em 2017.



Apresentação em grupo da maquete sobre os torpedeamentos e apresentação individual feita pelo aluno Victor, exibindo certificados e medalhas do seu bisavô que lutou na Itália (2017).



Projeto Aracaju, realizado com a turma do 7º Ano do Ensino Fundamental, abordando os torpedeamentos de 1942 durante a pandemia em 2022.



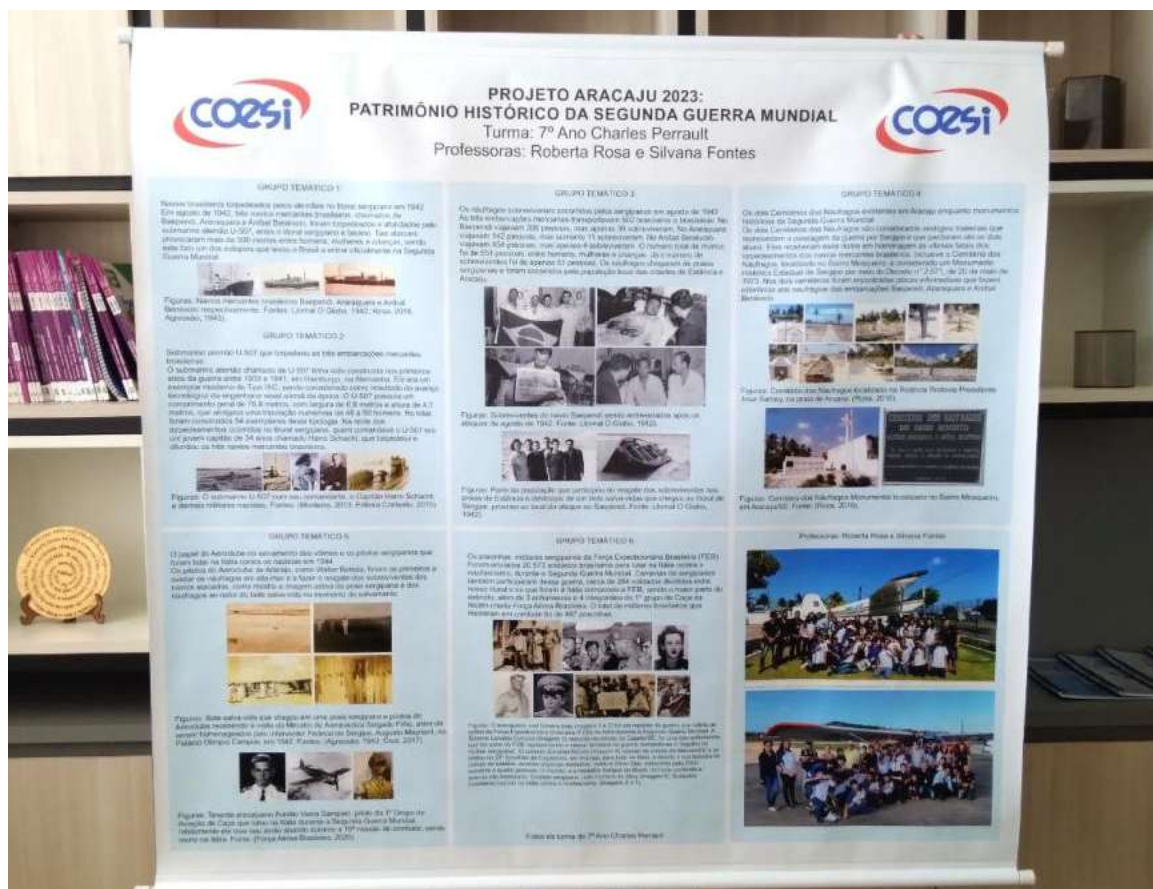
Exposição de fotografias (sobre a mesa) e de slides, realizadas pelos estudantes, com destaque para o aluno Ariel, neto de um ex-combatente da FEB.



Visita realizada ao Aeroclube de Sergipe com a turma do 7º Ano, em Aracaju, 2023.



Visita realizada ao Aeroclube de Sergipe para conhecer as histórias sobre o papel dos aviadores no contexto dos torpedeamentos, em 2023.



Banner para apresentação da pesquisa histórica sobre os torpedeamentos elaborado pela turma do 7º Ano, em 2023.



Aula invertida, realizada pelos alunos da turma do 7º Ano, com apresentações de cartazes, maquetes e slides sobre os torpedeamentos, em 2023.



Apresentação de cartazes, realizada em 2023, representando os torpedeamentos.



Apresentação de maquete, realizada em 2023, representando os soldados brasileiros da FEB lutando na Itália contra os nazistas.



Aula invertida sobre os torpedeamentos com a turma do 7º Ano. Foram elaborados cartazes, maquetes e apresentações de slides, 2023.

PALESTRA NAS TURMAS DOS 9º ANOS DO COESI



Apresentação da Dissertação de Mestrado da autora desta tese para as turmas do 9º Ano, em maio de 2022.



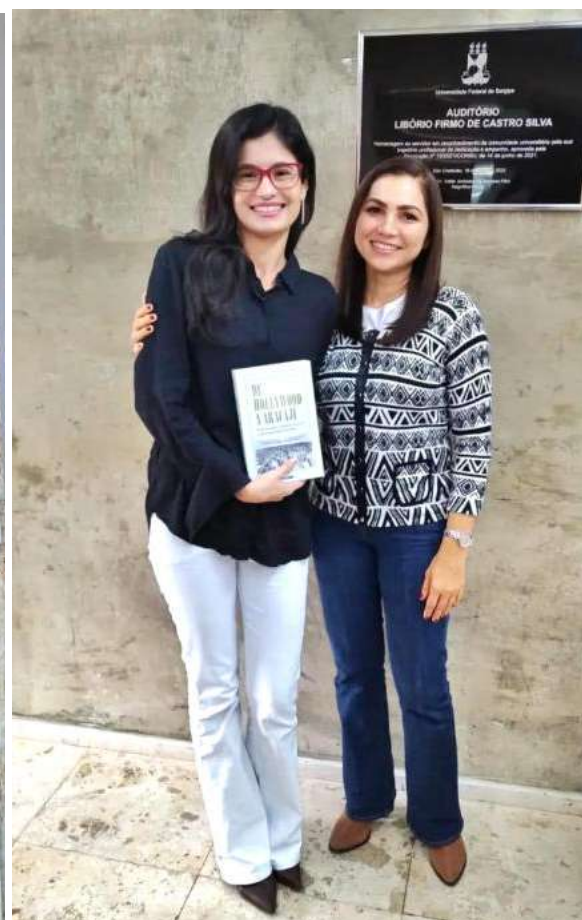
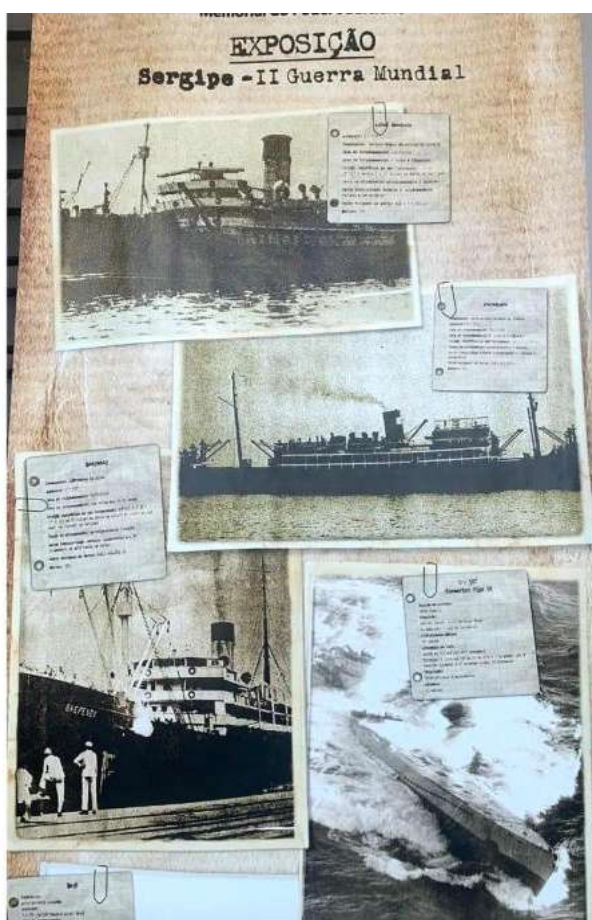
Aplicação de questionário no formulário Google para verificação da aprendizagem dos alunos do 9º Ano, em maio de 2022.

EVENTOS REALIZADOS PELO GRUPO DE ESTUDOS DO TEMPO PRESENTE (GET) NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE EM 2022

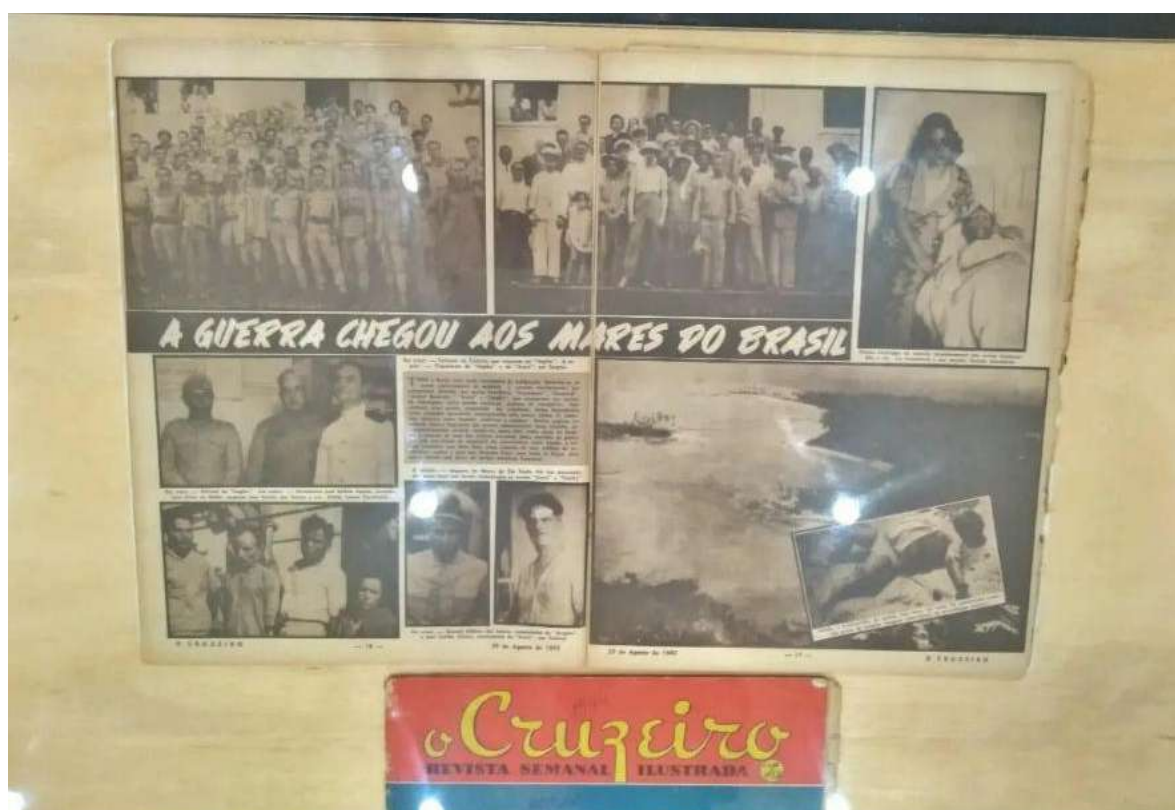
O Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS) é coordenado pelos professores Dr. Dilton Maynard e Dr^a. Andreza Maynard. O GET é composto por estudantes de graduação e pós-graduação do curso de História e cursos afins da Universidade Federal de Sergipe (UFS). O grupo é reconhecido por sua extensa produção acadêmica, que abrange teses, dissertações, monografias, artigos e livros, além de textos para divulgação científica publicados em jornais locais. Todas essas pesquisas estão acessíveis no site oficial do grupo (<http://gettempo.org/>). Além disso, o GET promove uma variedade de eventos, como palestras e minicursos, que ocorrem tanto presencialmente quanto online, em âmbitos local, regional e nacional.



Evento realizado pelo GET/UFS sobre a participação de Sergipe na Segunda Guerra Mundial, ocorrido no auditório da Reitoria da UFS, em 2022.



Exposição sobre a participação de Sergipe na Segunda Guerra Mundial, realizada pelo GET no Prédio da Alfândega, hoje Centro Cultural de Aracaju, em 2022.



Reunião com os integrantes do GET, conduzida pela professora Andreza Maynard, na Universidade Federal de Sergipe.

O GET também manteve um subgrupo denominado “WWII GET Leituras”, que se reunia semanalmente para debater livros, filmes e quadrinhos relacionados à Segunda Guerra Mundial. No entanto, essa atividade foi temporariamente suspensa devido aos compromissos acadêmicos dos seus membros graduandos e pós-graduandos. A divulgação das produções e eventos do grupo é feita por meio de seu site (<http://getempo.org/>) e da página do grupo no Instagram (grupodeestudosdotempo), além de outros portais online como a Infonet (<https://infonet.com.br/categoria/blogs/getempo/>).

SEMINÁRIO REALIZADO PELO ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL DE SERGIPE (APES), NA BIBLIOTECA PÚBLICA EPIPHÂNIO DÓRIA, EM ARACAJU, 2022

O seminário sobre o envolvimento de Sergipe na Segunda Guerra Mundial, realizado em 2022, na Biblioteca Pública Epiphany Dória, foi organizado por Sayonara Santana, diretora do Arquivo Público Estadual de Sergipe. O evento contou com as contribuições da professora Dr^a. Andreza Maynard e da autora desta tese, direcionando-se principalmente a estudantes da Escola Pública. O objetivo central foi disseminar conhecimentos sobre esse período da história, ainda pouco explorado entre a população sergipana, visando enriquecer a compreensão dos alunos sobre o papel de Sergipe no contexto bélico mundial.





Seminário sobre a participação de Sergipe no contexto da Segunda Guerra Mundial (2022).

EVENTOS REALIZADOS PELO GRUSEF ENTRE 2020 E 2024

Fundado em 2019 por civis e militares entusiastas da Segunda Guerra Mundial, com foco no contexto sergipano, o grupo foi nomeado de Grupo Sergipano de Estudos da FEB (GRUSEF). Presidido pelo médico Dr. William Soares e tendo como vice-presidente o piloto comercial André Cabral, o grupo conta atualmente com mais de 50 membros, incluindo a autora desta tese. O GRUSEF realiza uma série de atividades, tais como homenagens aos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e exposições abertas ao público, que são divulgadas em programas de televisão locais. Entre seus parceiros, estão instituições como a Capitania dos Portos de Sergipe, o 28º Batalhão de Caçadores - Batalhão Campo Grande, o Aeroclube de Sergipe, o Museu da Gente Sergipana e o Memorial de Sergipe (UNIT). O grupo também promove palestra em Aracaju e alguns dos seus membros participam de eventos nacionais e internacionais para divulgar as contribuições dos sergipanos no teatro de guerra.



Eventos realizados pelo GRUSEF no 28º Batalhão de Caçadores e no Aeroclube de Sergipe em 2022.



A autora desta tese foi homenageada com a Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes, além de receber um Certificado do Conselho Deliberativo da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (FEB), em 2022. Essas honrarias foram concedidas em reconhecimento aos seus estudos aprofundados sobre o contexto da Segunda Guerra Mundial.



Evento realizado pelo GRUSEF no 28º Batalhão de Caçadores, em 2020.



Evento realizado pelo GRUSEF no 28º Batalhão de Caçadores, com exposições de artefatos usados durante o conflito mundial (2022).



Vários eventos foram realizados pelo GRUSEF, online e presencial, entre 2020 e 2024, tendo inclusive a participação de veteranos da FEB como o piloto Sr. Eronildes Cruz.



Integrantes do GRUSEF em evento com a presença de veteranos da FEB e dos militares do 28º Batalhão de Caçadores, entre 2020 - 2023.



Evento realizado no 28º Batalhão de Caçadores, com a inauguração do Espaço Cultural, em 2023, e outro evento no Museu da Gente Sergipana, em 2024.

EVENTOS REALIZADOS EM HOMENAGEM ÀS VÍTIMAS DOS TORPEDEAMENTOS EM ESTÂNCIA/SE (2022)

Na cidade de Estância/SE e na Praia do Saco/SE foram promovidos diversos eventos, em agosto de 2022, para homenagear as vítimas dos torpedeamentos. A programação foi iniciada com uma missa dedicada às mais de 600 pessoas que perderam a vida nos ataques bélicos. Em seguida, foi realizada uma visita ao Hospital Amparo de Maria, onde os naufragos receberam os primeiros socorros em agosto de 1942. Posteriormente, o historiador Luiz Cruz ministrou uma palestra organizada pela historiadora Cacilda de Jesus, que também coordenou uma cerimônia simbólica em alto-mar. Durante a cerimônia, os participantes depositaram rosas nas águas da Praia do Saco, local onde chegaram alguns naufragos.



Eventos realizados em Estância e na Praia do Saco/SE, em 2022, organizados pela historiadora Cacilda de Jesus, com a participação do pesquisador Luiz Cruz e da autora desta tese.

Entre os presentes nos eventos estavam o Sr. Vidigal de Oliveira Lima, que viveu a época dos torpedeamentos; o Tenente-Coronel da Polícia Militar de Sergipe, Marcelo Rocha, sobrinho do Sr. Vidigal; e Eunice Brasil Leão, moradora da Praia do Saco. Todos(as) são entusiastas do tema e se dedicam à preservação da memória desse período bélico.



Participação do Sr. Vidigal Lima, Marcelo Rocha e Eunice Leão no evento realizado na Praia do Saco, em Sergipe, em 2022.

Após os eventos, foi realizada uma entrevista com o Sr. Vidigal Lima, de 95 anos, natural do povoado Praia do Saco/SE. Ele forneceu um relato detalhado sobre os impactos locais da tragédia marítima. Com doze anos na época dos acontecimentos, o Sr. Vidigal testemunhou a chegada de corpos das vítimas fatais à praia, bem como de sobreviventes, fatos que marcaram profundamente sua memória individual e a memória coletiva da comunidade da Praia do Saco/SE.

Ele recordou o resgate de um maquinista gravemente ferido, com extensas queimaduras provocadas pela explosão da embarcação. Segundo o Sr. Vidigal, o sobrevivente foi inicialmente socorrido pela população local de maneira improvisada, utilizando-se folhas de bananeira nos primeiros atendimentos. Ele afirmou jamais ter esquecido os gritos de dor emitidos pelo maquinista. O sofrimento das vítimas comovia a comunidade, enquanto a visão dos corpos, já em avançado estado de decomposição e encontrados na areia da praia, suscitava indignação. Diante das circunstâncias e do clima de guerra então instaurado, os cadáveres foram sepultados na própria praia.

O Sr. Vidigal também relatou rumores sobre a presença de um suposto colaborador alemão em Aracaju/SE, acusado de fornecer informações ao submarino, o que gerou um clima de medo e desconfiança na época. Ele mencionou, ainda, a proibição do uso de luzes durante a noite para evitar a detecção pelos submarinistas. O entrevistado também comentou sobre os boatos envolvendo pescadores que teriam avistados submarinos supostamente escondidos entre rios e manguezais na região de Mangue Seco/BA. Além disso, lembrou-se da presença de partes dos destroços e das cargas dos navios torpedeados, como pedaços de madeiras, fardos de borracha e sacos de farinha de trigo, que foram recolhidos ilegalmente e reutilizados por parte da população local.

Após a guerra, aos dezoito anos, o Sr. Vidigal deixou a região para trabalhar como marítimo na Marinha Mercante, atuando no Rio de Janeiro e viajando por diversos países, incluindo a Dinamarca, onde viveu por dois anos. Com a aposentadoria, retornou à terra natal para estar próximo de seus familiares. O seu relato, como contemporâneo do conflito, foi relevante por evidenciar os traumas vivenciados por parte da população local diante da chegada da Segunda Guerra Mundial ao Brasil, cujas "portas de entrada" foram os litorais de Sergipe e Bahia.

Os trabalhos de resgate da memória desse período bélico têm se destacado nos últimos anos, especialmente os realizados pela historiadora Cacilda de Jesus, que vem organizando eventos de rememoração e produzindo um documentário intitulado *Memórias de um Agosto Sangrento*, dirigido por Caco Souza, com lançamento previsto para 2025.



Gravações para o documentário *Memórias de um Agosto Sangrento*, produzido por Cacilda de Jesus e Caco Souza.

DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAIS

O Sr. Arivaldo Gonçalves Salgado, mais conhecido como Sr. Nonô, também contemporâneo dos torpedeamentos, concedeu uma entrevista audiovisual em abril de 2024, acompanhado de sua filha, Virgínia Fernandes. Durante a entrevista, ele relatou que, na época dos ataques, tinha dezenove anos, trabalhava em uma oficina de produção de óleo de coco e vivia na região praiana entre Coqueiro/BA e Mangue Seco/BA, locais onde chegaram alguns sobreviventes, além de corpos e destroços.



Entrevista realizada com o Sr. Arivaldo Gonçalves Salgado, acompanhado de sua filha, Virgínia Fernandes, em abril de 2024.

O Sr. Nonô recordou o impacto da tragédia entre os moradores da comunidade, destacando que os corpos das vítimas eram resgatados e, em alguns casos, enterrados em covas coletivas devido ao avançado estado de decomposição. Sua família, de sobrenome Salgado, juntamente com outros moradores locais, desempenhou um papel importante no salvamento dos poucos sobreviventes, como no caso do Tenente José Castelo Branco. Na época, utilizaram até mesmo suas próprias canoas para transportar os náufragos até Mangue Seco/BA, onde estes receberiam cuidados básicos.

O Sr. Arivaldo também lembrou o medo que tomou conta da comunidade diante da possibilidade de novos ataques, uma vez que havia rumores sobre avistamentos de submarinos nas proximidades, o que gerava grande apreensão entre pescadores e moradores. Em meio a esse clima de temor, as famílias fechavam portas e janelas de suas casas, tentavam manter as crianças em silêncio e evitavam acender as luzes, receosas de atrair a atenção dos submarinistas alemães.

Além dos corpos e sobreviventes, os naufrágios trouxeram destroços e parte das cargas, como grandes quantidades de borracha e óleo. O Sr. Nonô relatou que ele e seu irmão, Aloísio, tentaram recuperar parte dos rolos de borracha que boiavam no mar. Contudo, esses materiais deveriam ser entregues às autoridades. Para evitar serem descobertos, os irmãos enterraram os rolos de borracha na areia da praia, mas acabaram denunciados. Como consequência, o Sr. Arivaldo foi preso temporariamente, enquanto Aloísio, por ser menor de idade, permaneceu em liberdade.



O Sr. Arivaldo Gonçalves Salgado é contemporâneo dos torpedeamentos de 1942.

A tragédia dos torpedeamentos dos navios mercantes marcou de maneira considerável a vida das comunidades praianas de Sergipe e da Bahia. A entrevista revelou memórias individuais e coletivas, apresentando uma riqueza de detalhes sobre um dos episódios mais importantes da história brasileira: a chegada da Segunda Guerra Mundial ao território nacional.

Outra entrevista importante para a compreensão desse contexto bélico foi a concedida pela Sra. Josefa Martins Lima, que, à época dos ataques alemães, residia na Praia do Saco, em Sergipe, e tinha apenas nove anos de idade. Em seu depoimento, relatou memórias marcantes

daqueles acontecimentos, recordando, por exemplo, os estrondos provocados pelos torpedos que atingiram embarcações nas proximidades da costa sergipana. Embora os impactos tenham ocorrido em alto-mar, seus efeitos reverberaram em terra, afetando diretamente a vida dos moradores da região. Estes acolheram os sobreviventes, que chegaram em estado de choque, exaustos, famintos e com queimaduras decorrentes das explosões, além de apresentarem sinais de intensa exposição solar após permanecerem por muitas horas à deriva até alcançarem as praias.

A entrevistada destacou a solidariedade dos sergipanos ao acolher os sobreviventes, oferecendo assistência básica, como água, alimentos, roupas e sapatos, e posteriormente encaminhando-os para a cidade de Estância. Apesar do trauma, por ter vivido essa experiência ainda na infância, a Sra. Josefa recordou tanto as cenas marcantes da chegada dos poucos sobreviventes debilitados quanto a presença de objetos trazidos pelo mar, incluindo roupas, porcelanas e alimentos, como sacos de farinha de trigo.



Entrevista realizada com a Sra. Josefa Lima, contemporânea dos torpedeamentos, em abril de 2024.

A Sra. Josefa afirmou que a chegada da guerra trouxe mudanças significativas na rotina dos moradores da Praia do Saco/SE. Ela mencionou, por exemplo, a presença de militares vigiando as praias e o impacto das proibições, como a restrição ao uso de luzes dos

candeeiros à noite, uma medida destinada a evitar a localização da região por submarinos. Além disso, após os torpedeamentos, foi construída uma estação de rádio na região, o que também alterou o cotidiano dos moradores.

As memórias individuais, narradas pela Sra. Josefa, revelam a capacidade de adaptação às mudanças e a força coletiva da comunidade que, mesmo diante dos horrores da guerra, encontrou maneiras de superar as dificuldades e os traumas deixados por essas experiências. Embora a Praia do Saco/SE estivesse distante dos principais teatros da guerra, seus moradores sentiram na pele as consequências que o conflito mundial provocou.

O Sr. Manoel Marques do Sacramento, de 94 anos, é um importante testemunho vivo da história local de Aracaju/SE, especialmente do bairro Robalo, na Zona de Expansão. Filho de João Paulo do Sacramento e de Pastora Maria do Sacramento, ele cresceu na área que hoje corresponde à Praia de Aruana (antiga Praia de Atalaia), convivendo com os impactos da Segunda Guerra Mundial, como a chegada dos corpos às praias da capital. Seu relato foi considerado relevante por sua ligação com o terreno onde foi construído o Cemitério dos Náufragos, utilizado para enterrar parte das vítimas da guerra e pertencente originalmente à sua família.



Entrevista realizada com o Sr. Manoel Marques do Sacramento, contemporânea dos torpedeamentos, acompanhado de sua filha Miralda Sacramento, em abril de 2024.

O entrevistado relatou que herdou dezoito tarefas de terra após a partilha da propriedade familiar. O terreno, situado próximo ao mar, foi transformado por ele em um sítio produtivo, com o plantio de cem pés de coqueiro. No entanto, a especulação imobiliária o levou a vender a área, decisão da qual ele se arrependeu posteriormente. Parte dessa propriedade incluía o cemitério que já era utilizado há gerações para sepultamentos, abrigando os restos mortais dos pais e outros familiares do Sr. Manoel. Durante o período em que administrou o local, ele se encarregou de organizar os sepultamentos, providenciar caixões e indicar trabalhadores para abrir covas e sepultar os entes queridos. Dessa forma, estabeleceu um vínculo forte com a comunidade da região praiana.



Cemitério dos Náufragos “original”, na Praia de Aruana, onde foram enterradas parte das vítimas dos torpedeamentos de 1942. Fonte: Autora da tese (2024)

Ao longo da entrevista, a memória sobre os naufrágios de 1942 foi ocupando lugar de destaque em seu relato. O Sr. Manoel descreveu como corpos mutilados começaram a chegar às praias após os torpedeamentos, sendo sepultados no cemitério. Ele inclusive ressaltou a precariedade dos recursos disponíveis na época para lidar com a tragédia, que mobilizou parte dos moradores da região, visando amenizar o impacto social da guerra. Inicialmente chamado

de Cemitério dos Manguinhos, o local consolidou-se como um espaço dedicado tanto aos moradores da região quanto às vítimas do conflito mundial.

O cemitério passou por transformações devido à construção da Rodovia Inácio Barbosa (antiga Rodovia Presidente José Sarney), que reduziu sua extensão original, antes três a quatro vezes maior. O Sr. Manoel relatou a remoção dos restos mortais para covas coletivas com o uso de tratores, um processo que gerou grande comoção, especialmente ao desenterrar sepulturas recentes, como a do padrinho de sua filha, Miralda, chamado Patrocínio, que tinha falecido há um mês, na época.

Quando a máquina passou, aí ninguém aguentou. Estava a lama, não teve tempo ainda de enxugar. Foi o finado Antônio Patrocínio. O padrinho dela [Miralda]. Passou por cima, tirou. Quando a máquina veio, passou, rasgou tudo, esbagaçou. Não! Só vi o fedor, o mau cheiro. Esse eu lembro que eu estava na hora. Eu assisti o sepultamento dele, sabia que a cova era dele. Eu tinha visto ele quando morreu, quando se enterrou, e a máquina passou de cima. Aí todo mundo que estava ali não aguentou. Mas a máquina aí, cobriu logo de terra. Minha irmã... Que tristeza. Minha irmã, só o coração. Era meu compadre. Era um cabra bom, brincalhão, só amigo.

Ademais, ele recordou a construção da capela presente no cemitério, como uma iniciativa comunitária, financiada por meio de leilões realizados na própria casa do Sr. Manoel. A edificação do muro do cemitério foi igualmente realizada pelos moradores sem qualquer auxílio dos gestores públicos.



Capela (à esquerda) e muro (à direita) do Cemitério dos Naufragos, na Rodovia Inácio Barbosa, Aracaju/SE. Fonte: Autora da tese (2024)



Parte interna e externa da Capela do Cemitério dos Náufragos, além da parte externa, destacando o muro e, ao lado, a construção de um condomínio de casas de luxo, em Aracaju/SE. Fonte: Autora da tese (2024)



**Parte interna do Cemitério dos Náufragos, na Rodovia Inácio Barbosa, Aracaju/SE.
Fonte: Autora da tese (2024)**

O Sr. Manoel encerrou a entrevista afirmando que o cemitério não possuía um “dono”, embora a área tenha sido herdada de seus pais, configurando-se, portanto, como um bem coletivo dedicado à memória e à identidade da comunidade do Robalo, em Aracaju. Demonstrou, ainda, preocupação quanto ao futuro do local, sobretudo diante da construção de um condomínio residencial de alto padrão nas proximidades do cemitério, bem como do projeto de implantação do Memorial dos Náufragos, temendo que o espaço do “campo santo” — onde se encontram sepultados seus pais, parentes e amigos — venha a desaparecer. Para o Sr. Manoel, o cemitério constitui “a casa de todos os moradores”, símbolo de respeito à memória coletiva e à história local, que deve ser preservado frente às transformações urbanas ocorridas ao longo do tempo na cidade.

COMUNICAÇÃO COM A MARINHA DO BRASIL

Em busca de mais informações documentais sobre os episódios dos torpedeamentos, entrei em contato com a Marinha do Brasil, do Rio de Janeiro, via e-mail, junto com o pesquisador e genealogista, Ricardo Aragão, que colaborou com a pesquisa de maneira significativa. Obtivemos resposta desta instituição militar no dia 31 de maio de 2023. Segue o e-mail enviado para a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, e também o e-mail recebido deles por meio da resposta enviada por Jorge Mário de Sousa Lima, Suboficial-RM1-AM.

E-mail enviado para a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, no dia 15 de maio de 2023:

- ❖ Assunto: Documentos e/ou fotografias relacionados aos torpedeamentos ocorridos em agosto de 1942 em Sergipe
Boa tarde!
- ❖ Solicito acesso aos documentos relacionados aos torpedeamentos ocorridos em agosto de 1942, quando o submarino alemão *U-507* torpedeou e afundou sequencialmente os navios mercantes *Baependí*, *Araraquara* e *Aníbal Benévolo*, entre os litorais sergipano e baiano, provocando a morte de mais de 500 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Tais episódios trágico-navais foram considerados um dos estopins que levou o Brasil a entrar oficialmente no conflito mundial, com a assinatura da Declaração de Guerra contra a Alemanha nazista e a Itália fascista, em 31 de agosto de 1942. A documentação solicitada refere-se às vítimas fatais e aos sobreviventes dos navios torpedeados, ou seja, as listas dos tripulantes e passageiros; os registros feitos pela perícia na identificação dos corpos das vítimas; as informações sobre a cultura material, ou melhor, sobre os objetos que se desprenderam das embarcações e chegaram às praias sergipanas, como as baleeiras (botes salva-vidas da época), as cargas dos navios e os objetos pessoais dos passageiros (esta cultura material foi recolhida pelas autoridades da época e teve qual destino?); documentação dos furtos e vilipêndios relacionados às vítimas; informações sobre as prisões de italianos e alemães (ou descendentes) ocorridas por suspeita de espionagem e colaboração com os ataques; documentação sobre as medidas tomadas pelos Governos Federal e Estadual diante dos ataques bélicos; informações sobre as medidas adotadas pela imprensa de como proceder perante a situação de guerra; registros fotográficos relacionados a esta temática dos torpedeamentos; por fim, informações se há ou não cultura material, ou seja, objetos da época da Segunda Guerra Mundial, especificamente, dos torpedeamentos.
Ricardo Aragão, Pesquisador e Genealogista.

E-mail recebido do Suboficial-RM1-AM, Jorge Mário de Sousa Lima, no dia 31 de maio de 2023:

- ❖ Em atendimento à sua solicitação, seguem anexas as **listas dos tripulantes mortos e desaparecidos** dos Navios Mercantes *Bagé*, *Baependí*, *Araraquara* e *Aníbal Benévolo*, com base nas referências e fontes que dispomos em acervo, especificamente em MINISTÉRIO DA MARINHA, *Subsídios para a História Marítima do Brasil*.

Ação e aspectos da Marinha 1939-1945, Segunda Guerra Mundial. Vol.V. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha / Imprensa Naval, 1945.

- ❖ No que **afeta aos passageiros**, informo que não foram observadas em nosso acervo referências e/ou fontes que indiquem, nominalmente, as vítimas dos naufrágios desses navios, apenas o quantitativo. Sendo, portanto, os seguintes totais de mortos e desaparecidos:
 - NM Baependi: 55 tripulantes mortos/desaparecidos + 215 passageiros mortos/desaparecidos = 270 total
 - NM Araraquara: 66 tripulantes mortos/desaparecidos + 65 passageiros mortos/desaparecidos = 131 total
 - NM Aníbal Benévolo: 67 tripulantes mortos/desaparecidos + 83 passageiros mortos/desaparecidos = 150 total
 - NM Bagé: 20 tripulantes mortos/desaparecidos + 8 passageiros mortos/desaparecidos = 28 total
- ❖ Em relação às informações sobre perícia na identificação dos corpos das vítimas; cultura material; furtos e vilipêndios relacionados às vítimas; prisões de italianos e alemães (ou descendentes) ocorridas por suspeita de espionagem e colaboração com os ataques; medidas tomadas pelos Governos Federal e Estadual diante dos ataques bélicos e medidas adotadas pela imprensa de como proceder perante a situação de guerra **não constam no Arquivo da Marinha.**
- ❖ No acervo do Arquivo da Marinha possui fotografias da Segunda Guerra Mundial, tais como navios e exercícios de operações de guerra.
- ❖ Por oportuno, participo que encontra-se disponível, em formato digital, no Portal de Periódicos da Marinha do Brasil, a edição da "Revista Navigator: Subsídios para a História Marítima do Brasil", v.16 n.32, que traz o dossiê temático "A Batalha do Atlântico na costa do Brasil". Segue o link: <https://www.portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/issue/view/165>

Cordialmente,

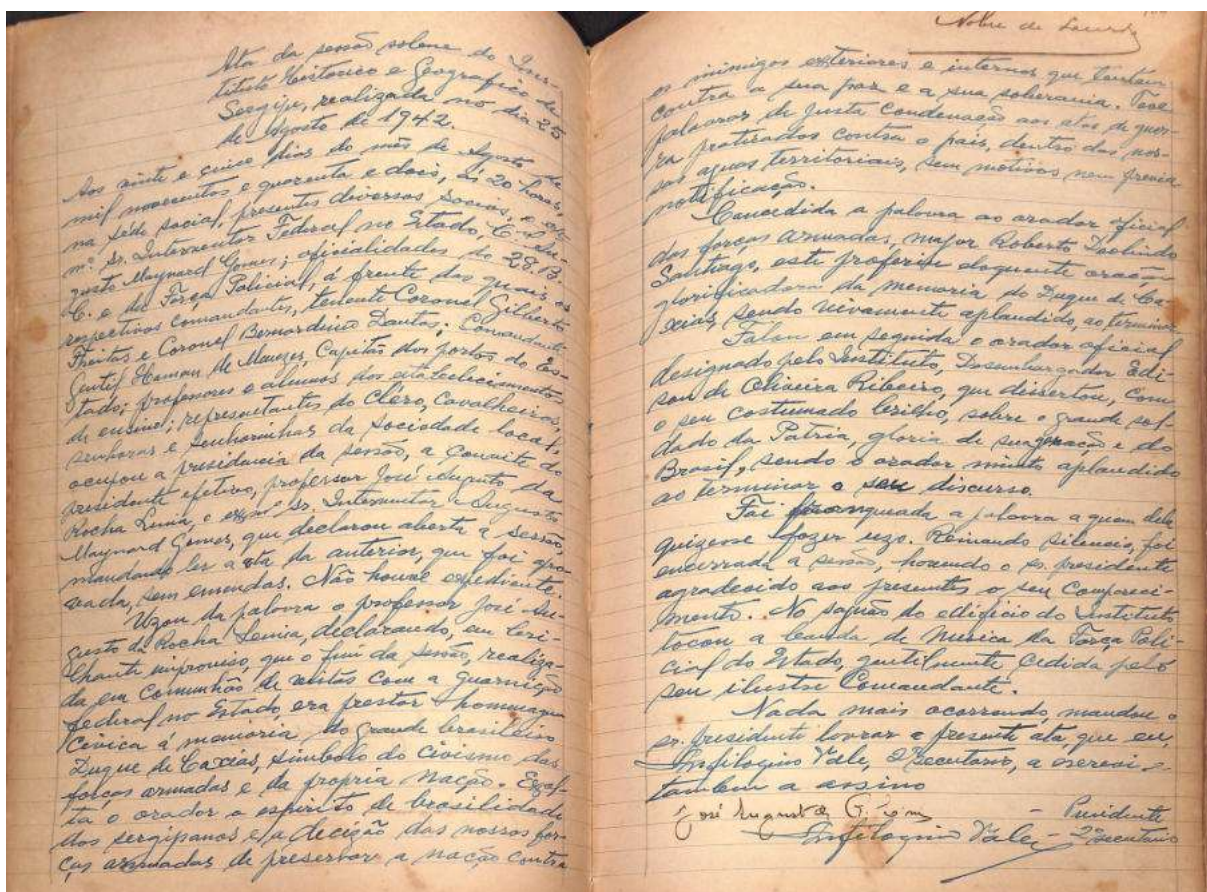
Jorge Mário de Sousa Lima, Suboficial-RM1-AM.

Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.

ATAS DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE (IHGSE) DOS MESES DE AGOSTO DE 1942 A JANEIRO DE 1943

Foi feito um levantamento de informações sobre a procedência da boia do navio Araraquara, exposta no Museu Galdino Bicho, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), com o objetivo de entender como esse vestígio dos torpedeamentos chegou até a instituição. Em busca de resposta, foi necessário analisar as Atas das reuniões dos meses de agosto até dezembro de 1942 e janeiro de 1943.

- Ata da sessão solene da Diretoria, realizada no dia 25 de agosto de 1942;
- Ata da sessão ordinária da Diretoria, realizada no dia 6 de setembro de 1942;
- Ata da sessão ordinária da Diretoria, realizada no dia 6 de outubro de 1942;
- Ata da sessão solene da Diretoria, realizada no dia 14 de outubro de 1942;
- Ata da sessão ordinária da Diretoria, realizada no dia 6 de novembro de 1942;
- Ata da sessão ordinária da Diretoria, realizada no dia 6 de dezembro de 1942.
- Ata da sessão ordinária da Diretoria, realizada no dia 6 de janeiro de 1943.



Ata da sessão solene da Diretoria, realizada no dia 25 de agosto de 1942. Fonte: (IHGSE, 1942)

Portaria de aprovação do *Projeto Segunda Guerra Submersa (2023)*

09/05/2023, 10:00

SEI/IPHAN - 4365384 - Parecer Técnico



Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Para: Herbert Moura - CNA

Assunto: Análise do Projeto de Pesquisa Arqueológica Subaquática da Segunda Guerra Mundial nos Litorais Sergipano e Baiano: Pesquisa Arqueológica Subaquática dos Sítios de Naufrágios do Aníbal Benévolo e do Baepend.

III. PARECER

Com base na documentação apresentada, sobretudo no que se refere ao disposto Portaria 07/88, e considerando a análise do Projeto de Pesquisa Arqueológica Subaquática da Segunda Guerra Mundial nos Litorais Sergipano e Baiano: Pesquisa Arqueológica Subaquática dos Sítios de Naufrágios do Aníbal Benévolo e do Baepend, manifestamo-nos pela sua aprovação e consequente publicação da Portaria Autorizativa no Diário Oficial da União conforme extrato abaixo.

Processo n.º 01450.002808/2023-91

Projeto: Projeto de Pesquisa Arqueológica Subaquática da Segunda Guerra Mundial nos Litorais Sergipano e Baiano: Pesquisa Arqueológica Subaquática dos Sítios de Naufrágios do Aníbal Benévolo e do Baepend.

Arqueólogo Coordenador: Gilson Rambelli

Apoio Institucional: Museu de Arqueologia de Xingó – MAX/UFS

Área de Abrangência: Município de Estância, Estado do Sergipe e Município de Conde, Estado da Bahia.

Prazo de Validade: 24 (vinte e quatro) meses

Assim concluído e fundamentado, submete-se o presente parecer à consideração do Superintendente para que haja, s.m.j, posterior notificação aos interessados.

Respeitosamente,

Eric Lemos Pereira Faustino